

A CORAGEM
DE UMA MULHER



A MALDIÇÃO
DE UMA FAMÍLIA



O DESTINO
DE UM POVO

O Filho do Dragão

Sandra
Carvalho

A Saga das
Pedras Mágicas

LIVRO VII



 EDITORIAL PRESENÇA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A CORAGEM
DE UMA MULHER



A MALDIÇÃO
DE UMA FAMÍLIA



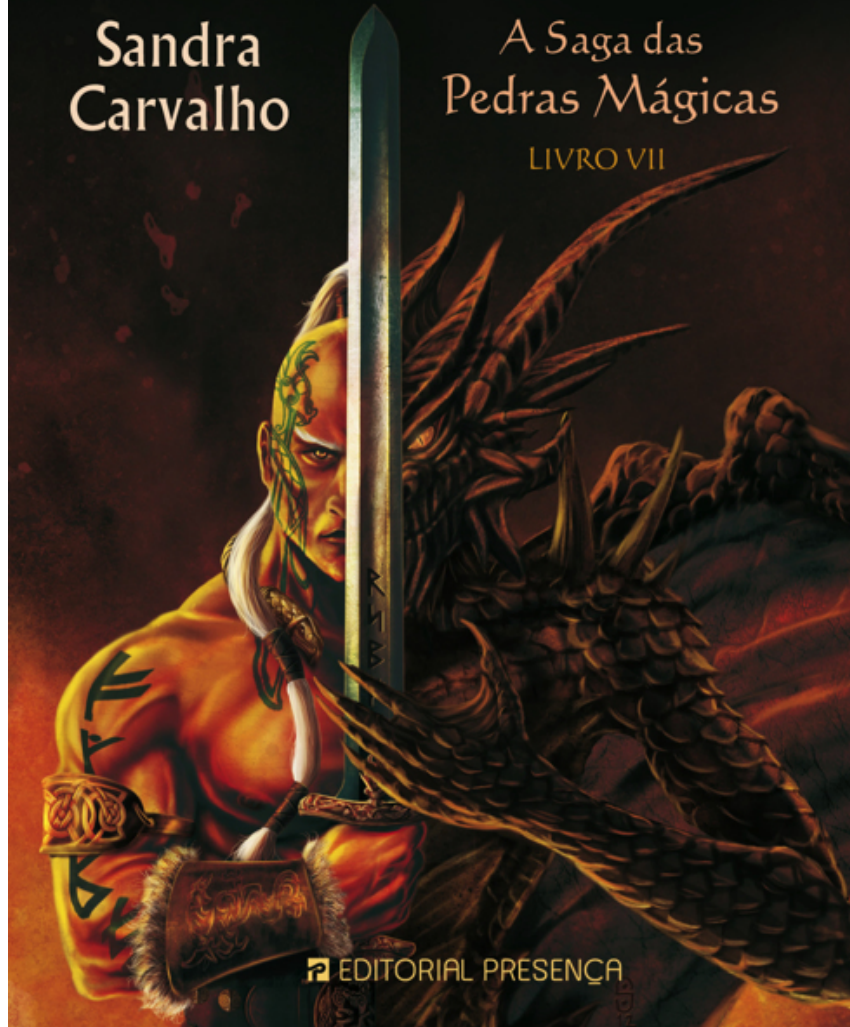
O DESTINO
DE UM POVO

O Filho do Dragão

Sandra
Carvalho

A Saga das
Pedras Mágicas

LIVRO VII



 EDITORIAL PRESENÇA

SANDRA CARVALHO

O FILHO DO DRAGÃO
A SAGA DAS PEDRAS

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título: *A Saga das Pedras Mágicas — O Filho do Dragão*

Autora: *Sandra Carvalho*

Copyright © by Sandra Carvalho e Editorial Presença, Lisboa, 2012

Capa: *Samuel Santos*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição em papel, Lisboa, abril, 2012

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

E-mail: info@presenca.pt

Internet: <http://www.presenca.pt>

Os meus sinceros agradecimentos:

À minha família e aos meus amigos, pelo amor e compreensão.

Aos meus leitores, pelo carinho e dedicação.

À Editorial Presença, pela concretização do sonho.

É um prazer viver esta aventura e partilhá-la com todos vós.

PRÓLOGO

Sigarr manteve a postura altiva, enquanto percorria os jardins do Castelo de Cristal, rumo à Cascata Sussurrante. Não obstante o indulto ao seu passado, concedido pelo Conselho dos Seres Superiores, os demais feiticeiros continuavam a fixá-lo de soslaio, com manifesto desprezo. Comentários pouco elegantes eram ciciados como se cuspidos, sempre que o viam pelas costas. Embora ignorasse as afrontas, Sigarr fervia por dentro quando estas lhe arranhavam os ouvidos. Se não estivesse tão perto de alcançar o seu objetivo, prestes a receber o prêmio que lhe era devido, há muito teria revelado a cor da sua sanha.

— Lá vai o proscrito — sibilava uma anciã à jovem pupila, num claro aviso para que esta não se cruzasse no seu caminho. — Não sei como o Conselho permite que aquela criatura aleivosa e os monstros que o seguem conspurquem o nosso solo sagrado... É aviltante!

O mestre da Arte Obscura rangeu os dentes e aligeirou o passo. Não se deixaria indispor pelo cacarejar de uma galinha velha! Para quê desperdiçar tempo a pregar-lhe nas presunçosas fuças que aviltante era a incompetência revelada pelos seus governantes, ao longo de centenas de anos? Os entes que se comparavam aos deuses tinham sido incapazes de acompanhar a evolução das culturas terrenas, agarrando-se como ineptos a leis comprovadamente ineficazes e prejudiciais para o equilíbrio das energias que sustentavam o universo. Fora o próprio Conselho que conduzira a Ilha Sagrada a esse impasse! Magnificência... Omnipotência... Agnosia grosseira, isso sim! Todavia, em breve, sua excelsa fedúcia e outros como ela seriam obrigados a curvar-se diante do proscrito... Isso, se quisessem preservar as miserentas vidas!

A melodia refrescante da cascata acabou por dissipar os rumores que lhe acirravam a ira. Aos poucos, conseguiu abstrair-se e admirar

a beleza que o rodeava. O verde perfeito daquelas margens testemunhara os anos da sua inocência, enquanto crescia na companhia da irmã Aesa, dos primos e dos amigos, saltitando sobre as rochas rosadas, mergulhando na água transparente ou simplesmente repousando sem nenhuma preocupação. Fora aqui que confessara o seu amor a Aranwen... E fora aqui que chorara de desespero quando ela o abandonara.

A pedra côncava onde muitas vezes se sentara a estudar convidava-o a um momento de descontração. Apesar de se encontrar coberta de musgos, o feiticeiro não cuidou pelo alvor das suas vestes. Na Ilha Sagrada nada se sujava, estragava ou fenecia. Tudo era verdadeiro sem efetivamente o ser. Os petizes podiam criar um charco e ensopar-se na lama, que regressariam secos e limpos às suas casas. Esse era o encanto da magia; a excelência da perfeição e do conforto que Sigarr sempre prezara.

No instante em que o Conselho decretara o seu degredo, o mestre da Arte Obscura jurara que, cedo ou tarde, haveria de regressar a casa como um herói e cuspir no rosto daqueles que o tinham condenado. Esse dia estava a chegar! Assim que o seu pupilo se tornasse Filho do Dragão, ele reclamaria o lugar de Mestre Supremo e governaria os Seres Superiores como sempre ambicionara. A sua vingança seria perfeita e implacável! Todavia... Porque se sentia tão vazio? Ultimamente, dava por si a questionar: depois de experimentar as emoções da vida na Terra, desejava realmente voltar à Ilha Sagrada?

Fitou, com um ar perdido, as tatuagens que lhe enfeitavam os pulsos, testemunho da sua herança de sangue. Num fôlego dolente, recordou o dia em que prestara juramento pela Ordem do Dragão. As imagens do Guardião da Montanha a contorcer-se na sua carne em perseguição da Lua já tinham sido motivo de grande orgulho... Hoje, pareciam-lhe meros borrões despojados de magia. Há muito que não as sentia pulsar e fulgurar; alimentar e sublimar a sua essência com a mais pura das energias. Estavam adormecidas... Pior,

exânimes! Tão moribundas quanto o seu ânimo! Maldição... Porque se permitia amargar com dúvidas, a um passo da vitória?

De súbito, uma borboleta pousou-lhe no joelho. O feiticeiro mirou-a, perplexo, e, tomado por uma estranha comoção, abriu um sorriso e tocou-lhe gentilmente nas asas. A borboleta agitou-as, como se deleitada com a carícia... Então, ao tomar consciência do seu gesto, Sigarr libertou um grunhido de fúria. Num ímpeto, fechou os dedos e esmagou o inseto. Uma nuvem de partículas coloridas dispersou-se no ar, como se o delicado ser se tivesse desfeito em pó. De seguida, já longe das mãos perversas, a poeira cintilante tornou a concentrar-se e assumiu forma. A borboleta renascia sob a influência mística da Ilha Sagrada e apressava-se a fugir do seu algoz.

— O que é que te dá mais prazer, Sigarr? Respirar ou destruir?

O renegado ergueu uma sobrancelha, surpreendido. A recém-chegada ocultara o vogar da sua essência, para se aproximar sem ser notada. Se qualquer outro tivesse presenciado o seu descontrolo, Sigarr teria ficado furioso... Porém, a jovem que se quedava à sua frente era especial! Rapidamente, recuperou a compostura e trespassou-a com o olhar azul-celeste, provocando-a com um sorriso sedutor:

— Porque não te sentas juntinho a mim, Íris? Terei todo o gosto em mostrar-te o que me dá prazer!

Ela forçou um sorriso zombeteiro, mas a sua voz soou gélida ao ripostar:

— Sabes que a tua grosseria não me causa o menor abalo.

— Sei — mastigou secamente. — Mas estou disposto a tudo para não ter de te aturar!

Sigarr mentia. De facto, no início, as constantes intrusões à sua privacidade tinham-no irritado. Porém, com o decorrer do tempo, o jogo do gato e do rato que o Conselho lhes impusera começara a diverti-lo, ao ponto de secretamente apreciar a companhia da sua contraditora. E ela tinha consciência disso, pois encarava-o sem temor, apesar de conhecer a negridão da sua alma. Decidiu continuar a acozá-la, forjando uma impaciência que não sentia:

— Senta-te de uma vez, criatura molesta, antes que eu fique com um torcicolo! Ser obrigado a ouvir os teus dislates já é suficientemente mau!

A feiticeira ignorou a desfaçatez e encaminhou-se para a pedra mais próxima. Ajeitou o vestido delicado e descalçou as sandálias prateadas, antes de se acomodar e mergulhar os pés na água fresca. Sigarr observou-a com um trejeito sobranceiro e não se coibiu de escarnecer:

— Para quê tantos melindres? Como se te fosses sujar...

— Vejo que estás com uma excelente disposição! — ironizou a jovem, impassível. — Queres contar-me o que te apoquenta? Sempre há de ser mais interessante do que matar borboletas...

— Matar? — recalcitrou o mestre da Arte Obscura. — Como posso matar algo que não existe? Nós estamos rodeados de ilusões! Animais, terra, água, pedras... É tudo falso!

Calou-se abruptamente, ao perceber que gritava. Porém, mais grave do que se ter permitido dominar pela ira, fora cuspir, palavra a palavra, a frustração que o estrangulava. Praguejou entredentes. Continuava sem entender como é que Íris conseguia tirá-lo do sério. Por mais que se tentasse refrear, acabava sempre por se expor diante dela, como se aquele olhar castanho, cândido e doce, lhe avassalasse a vontade e virasse do avesso, impedindo quaisquer embustes.

A feiticeira franziu o sobrolho e redarguiu, cautelosa:

— Não entendo, Sigarr... Estás a menosprezar a perfeição da Ilha Sagrada? Por acaso preferes a precariedade da vida na Terra? A magia que nos envolve não é uma ilusão. É... uma graça divina! Contestas que, comparados com o Homem ou até com as demais raças de sangue antigo, tenhamos o privilégio de desfrutar de uma existência abençoada?

— Contesto! — firmou o renegado, assumindo um ar severo. E, num ápice, saltava para o lado de Íris e mergulhava no seu olhar, grazinando: — Queres mesmo saber o que me vai na alma? A existência na Ilha Sagrada nada tem de abençoada... É insípida e

frívola, despida de propósito! O voto que o Conselho vos forçou a tomar, de não voltardes à Terra, mais não é do que um pretexto para conquistar uma subserviência cega. Se os simplórios ignorarem que existe um oásis para além do deserto, não serão atormentados pela vontade de explorá-lo!

— A Terra não é nenhum paraíso! — replicou a jovem, tentando manter-se firme sob o intenso olhar azul. — Está repleta de armadilhas, de dor e morte...

— Está repleta de vida! — adversou o feiticeiro. E repetiu pertinaz: — De vida, Íris, não de fantasias enfadonhas! Queres convencer-me de que não sentes curiosidade de experimentar a vida como ela realmente é?

— Não, não sinto!

— Até poderia acreditar em ti, se não fosses uma *Observadora*!

— O que é que isso tem a ver com o assunto?

— Diz-me... Quantos *Observadores* existiam quando te tornaste aprendiz de Hakon? E quantos escolheram ficar aqui quando o Conselho vos proibiu de pisar a Terra? Pelo que sei, és a única que resta...

— Eu valorizo a tranquilidade. Quase todos os *Observadores* que se deixaram seduzir pelo caos da realidade do Homem estão mortos.

— E tu estás viva, Íris? Ou melhor, sentes-te viva?

A jovem engoliu em seco, tentando disfarçar o quanto as questões de Sigarr a perturbavam. Todavia, sabia que estava a falhar! Desta feita, fora ele quem cravara a unha no seu ponto fraco e arranhara o véu que encobria o mais secreto dos seus segredos. Encheu o peito de ar, lutando contra a vontade de se afastar. Se não reagisse depressa, estaria em sérios apuros; a sua autoridade de *Observadora* irremediavelmente perdida! Sigarr jamais se resignara ao facto de o Mestre Supremo a ter incumbido de vigiá-lo... E, após tantos anos, conseguira abrir uma brecha nas suas defesas.

No dia em que o Conselho dos Seres Superiores aceitara negociar a concretização da profecia do Filho do Dragão, o Mestre Supremo convocara Íris e ordenara-lhe que não perdesse de vista o feiticeiro

renegado. No entanto, há bastante tempo que a jovem observava Sigarr, discretamente. A atribulada história da família que constituía a Ordem do Dragão sempre a apaixonara. Íris era ainda uma aprendiz quando o Sacerdote Hakon, Guardião da Lágrima do Sol, se aliara à Sacerdotisa Aranwen na missão de proteger a raça humana. Na altura, Sigarr, Guardião da Lágrima da Lua, primo de Hakon e noivo de Aranwen, era um membro respeitado da nobreza. Quem poderia imaginar as reviravoltas que a sua vida acabaria por sofrer?

Fora com vero assombro que Íris assistira à paixão de Aranwen por um guerreiro humano e à sua conseqüente expulsão da Ilha Sagrada. Enlouquecido pelo desgosto causado pela perda da amada, Sigarr deixara-se tentar pelo lado negro da magia e fora igualmente castigado com o exílio na Terra. Por sua vez, Hakon encantara-se por uma jovem humana e sofrera a mesma sorte. E, de repente, os cristais que continham o Conhecimento Absoluto, tão valiosos para os Seres Superiores, vogavam à deriva, longe do seu controlo, nas mãos de entes de sangue misto que não tinham noção do perigo que estes representavam.

Movidas pela curiosidade, Íris e a sua amiga Hilda tinham acompanhado sigilosamente as aventuras dos herdeiros de Hakon e de Aranwen, fascinadas com as tribulações que o destino lhes impunha. Porém, tal como os demais *Observadores* que as haviam precedido, Hilda também resolvera abandonar a Ilha Sagrada. E Íris vira-se sozinha no encargo de comunicar ao Conselho todos os passos dos descendentes da Ordem do Dragão... Ou, a bem da verdade, alguns passos, pois há muito que o seu coração se debatia com um perigoso dilema; um conflito que a transtornava, que lhe roubava o sono e que a levava a cometer desatinos, tais como confrontar Sigarr, nesse momento em que uma simples oscilação de vontade podia alterar a sorte da Terra.

Hoje, a *Observadora* hesitara longamente antes de ir ao encontro do mestre da Arte Obscura. E, diante dele, continuava a vacilar... Sigarr era tão perigoso quanto uma fera ferida! Ao estender-lhe a

mão, era mais provável receber uma dentada do que obter reconhecimento. E uma dentada podia ser-lhe fatal! Porém, que opção lhe restava, senão apelar ao único ente com poder para travar a roda da perdição que ameaçava o mundo? Tinha de encarar as últimas declarações de Sigarr como um sinal de que iria ajudá-la... Encheu-se de coragem e desafiou a ardência do olhar celeste, interpelando:

— Se és tão adverso à vida na Ilha Sagrada, porque queres regressar?

Praticamente com o nariz colado ao dela, num claro esforço para intimidá-la, Sigarr rebateu:

— Eu firmei um acordo, *Observadora*...

— Que nunca tencionaste cumprir! O teu verdadeiro objetivo é derrubar o Mestre Supremo e ocupar o seu lugar.

— Se possuis essa desconfiança, porque nunca me denunciaste?

— Quem te garante que não o fiz?

— Ora, Íris! Uma palavra tua e Celsus ter-me-ia submetido a um interrogatório; dissecado a minha mente até se assegurar da minha lealdade. Logo, impõe-se uma questão: se achas que eu pretendo derrubá-lo, porque me encobriste? Não foi, decerto, pelos meus lindos olhos...

Então, ela baixou a cara... E Sigarr franziu o sobrolho com estranheza. Íris estava a esconder-lhe algo! Devia pressioná-la, coagi-la a falar... Porém, deu por si a afastar-se para permitir-lhe respirar. Os seus punhos cerraram-se e o maxilar comprimiu-se, incapaz de entender por que recuava. Estaria a amolecer? Esta podia ser a sua oportunidade de se livrar da sombra impertinente da *Observadora*! Todavia, por alguma insana razão, tinha de admitir que não era isso que desejava. Gostava de Íris... Raios! Gostava mesmo! Nos últimos anos, ela aproximara-se demasiado daquilo que, em tempos, ele considerara uma amiga.

Deteve-se a fixá-la como se a visse pela primeira vez. O rosto feminino não possuía o requinte etéreo dos seus pares, que, por vezes, os tornava rígidos como bonecos de madeira, incapazes de

expressar uma emoção. A sua beleza era quase humana... Simples e fascinante! O castanho-dourado do olhar fundia-se com a cor sóbria dos cabelos que lhe roçavam a cintura. Não era alta e possuía formas que alguns considerariam vantajadas para um ser do ar. Seria por isso que não tinha pretendentes? Não! Ela não despertava paixões por ser demasiado convicta e persistente, inteligente e audaz, independente... Nenhum homem queria levar para dentro de casa uma mulher capaz de ensombrá-lo na sagacidade e na destreza!

Esse pensamento fez Sigarr sorrir. Íris voltava a encará-lo, com as faces coradas e um olhar angustiado. O que se passaria na sua cabeça? Talvez fosse melhor não descobrir. Já tinha muito com que se inquietar! Esboçou um gesto apaziguador e levantou-se, enunciando:

— Fiquemos por aqui... — Contudo, não resistiu a acrescentar: — Sabes que, por vezes, lamento que não exista a menor chama entre nós? Faríamos um par imbatível!

Tencionou partir, mas Íris pulou no seu encalço e agarrou-lhe o braço, rogando num ímpeto:

— Por favor, Sigarr, desiste de concretizar a profecia!

Assombrado, prendeu-a pelos ombros e titubeou:

— O quê? Perdeste o tino?

A *Observadora* susteve o seu olhar e continuou, arquejante mas determinada:

— Tive uma Visão do futuro... E o que vi foi terrível! A ascensão do Filho do Dragão há de desencadear uma catástrofe! Temos de pôr fim à guerra para evitar essa desgraça. Ainda estás a tempo de deter a frota que avança sobre a Ilha dos Sonhos...

— Só podes estar a brincar... — mastigou o mestre da Arte Obscura.

— Eu não brinco com coisas sérias — rebateu a jovem, afogueada. — O sangue de centenas de homens está prestes a ser derramado...

— Para imediatamente! — rugiu Sigarr, sacudindo-a. — O que é isto, afinal? Um teste? Celsus ordenou-te que averiguasses a minha resolução? Pois podes assegurar-lhe que as Lágrimas do Sol e da Lua estarão nas suas mãos, antes que a noite cubra a Ilha dos Sonhos!

Soltou-a abruptamente e começou a afastar-se, com as faces inflamadas de fúria. Contudo, Íris tornou a detê-lo, pondo-lhe as mãos sobre o peito e retrucando, suplicante:

— Celsus não sabe que te procurei... Por favor, Sigarr! Escuta-me! Vim ao teu encontro atormentada pela dúvida, incapaz de decidir se podia ou não confiar em ti... Mas a nossa conversa fez-me acreditar que sim! O que te estou a dizer é grave...

— É mais do que grave, Íris! É traição! E eu ainda não percebi o que pretendes... Queres que acredite que a portentosa *Observadora* conspira contra os planos do Conselho?

— Recordas-te do que disseste? Tal como os demais *Observadores*, não pude evitar apaixonar-me pela Terra e pela história do Homem! — Ao vê-lo negar com a cabeça, acrescentou: — Sim, é verdade! Desejo salvar a raça humana...

— Então, porque não desces à Terra e lutas ao seu lado? Tens medo de cair em desgraça perante aqueles que estimas? De perderes a tua preciosa magia e seres corrida a pontapé da Ilha Sagrada? De te tornares uma proscrita, como eu?

— Não me entendeste — afligiu-se a jovem. — A minha vontade de preservar a Terra não implica que queira abandonar a Ilha Sagrada! É justamente por amor a este solo que me oponho à deplorável decisão do Conselho... A guerra há de destruir a alma do nosso povo!

— Basta, Íris! — sustou Sigarr, afastando-a com brusquidão. — Vou fazer-te um favor e fingir que não tivemos esta conversa! Porque, se estás a pôr-me à prova, devia torcer-te o pescoço... E, se falas a sério, és tão néscia que não mereces consideração! Nada irá travar a profecia.

— Então, estamos condenados — altercou a *Observadora*. E sacudiu os ombros, desabafando a sua agonia: — Como senhor do Conhecimento Absoluto, Halvard acabará por impor a sua vontade, não só ao Homem, mas também aos Feiticeiros. Destruirá a Terra e a Ilha Sagrada...

— Nunca! Halvard deve-me obediência...

— O Filho do Dragão não acatará ordens de ninguém! E tu sabes que tenho razão... A sua verdadeira natureza já começou a manifestar-se! Quanto mais tentas refrear-lhe os ímpetos, mais ele se insurge contra as regras. Não tardará a rebelar-se contra ti...

— Isso é tolice!

— Juro que não! Mas se impedires que um massacre ocorra na Ilha dos Sonhos...

— A Ilha dos Sonhos há de arder! E eu hei de dançar sobre as suas cinzas e espezinhar os ossos dos meus inimigos!

O clamor de Sigarr silenciou a argumentação de Íris; calou o canto dos pássaros que se empoleiravam nos ramos das árvores, o zunido dos insetos que povoavam os arbustos e coloriam a lagoa, o coaxar das rãs que repousavam nas folhas das plantas aquáticas... Por instantes, nada se ouviu além da melodia da cascata a misturar-se com o fôlego entrecortado dos feiticeiros. Quedavam-se frente a frente; a frágil cumplicidade que tinham partilhado irremediavelmente perdida. Os olhos castanhos estavam inundados de lágrimas; os azuis chispavam. O mestre da Arte Obscura ainda abriu a boca como se fosse acrescentar algo. Todavia, acabou por esboçar um gesto de impaciência, deixando a *Observadora* para trás. Frustrada, foi ela quem porfiou, lançando as palavras às suas costas como punhais:

— Devias amar muito Aranwen, para tombarés nessa voragem de ódio e retaliação cega, que já cruzou gerações! Porém, és tolo se julgas que a vingança te trará o mínimo conforto...

De repente, Sigarr urrou. E, antes que Íris sequer pensasse em reagir, acometeu contra ela com a mão erguida, berrando furibundo:

— Nunca mais pronuncies esse nome à minha frente! Ouviste? Nunca mais!

Então, recuou tão inesperadamente como investira. A jovem vacilou, com a respiração presa. O mestre da Arte Obscura não lhe tocara, mas ela sentira toda a veemência do seu rancor. Apesar de se ter afastado, os olhos azuis continuavam a fixá-la, dilatados e inundados por uma dor impossível de dissimular. Só nesse instante, a *Observadora* tomou plena consciência do sofrimento que dilacerava o coração daquele homem. E ousou uma tentativa de reconciliação, murmurando compungida:

— Lamento, Sigarr! Lamento muito...

Prontamente, ele impôs-lhe distância e contendeu:

— Guarda as tuas lágrimas e suspiros para quando estiveres a observar o fim da Ilha dos Sonhos! Não tenhas dúvidas, Íris... A vingança é o único prazer que me mitiga a alma! Enquanto existir um sopro de vida no meu corpo, a rameira que me abandonou não descansará em paz. Nos confins do submundo, há de assistir impotente ao extermínio dos seus herdeiros e à ruína da sua obra, até nada restar que me obrigue a recordar a sua perfídia. E se, para isso, for necessário sacrificar a Terra, que assim seja!

Íris rangia os dentes, assolada pelo desespero. Quantas vidas se iriam perder porque ela falhara em apelar à consciência de Sigarr? A discussão na Cascata Sussurrante provara que a demanda do mestre da Arte Obscura não dimanava da ânsia de regressar à Ilha Sagrada, nem de recuperar o título de Guardião da Lágrima da Lua... Há décadas que a sua razão estava a ser consumida pela dor! E o que mais indignava a *Observadora* era ver o Mestre Supremo e o Conselho a pactuarem com tamanha loucura, convictos de que acabariam por retirar benefícios da desventurada história do renegado.

A névoa mística fluiu através do Observatório e a superfície espelhada do Óculo do Tempo estremeceu, revelando a poderosa frota que rasgava as ondas do mar, comandada pelos pupilos de

Sigarr. O porto da Enseada da Fortaleza fora destruído pela abominável magia do rei Deimos do Povo do Fogo... E o *drakkar* da rainha Thora do povo viquingue fazia a sua aparição.

— *Querida sobrinha, tens de te apressar* — bradava Lorde Stefan McGraw, por entre o estridor horrorizado da multidão que se apinhava nos despojos do ancoradouro. — *Eles dirigem-se para a Ilha dos Sonhos...*

Observar sem interferir... Íris estava proibida de se imiscuir nos assuntos do Homem e obrigada a relatar ao Mestre Supremo todos os factos de relevância. Para já, as informações sobre os descendentes dos proscritos Hakon e Aranwen eram prioritárias. O Conselho desejava resgatar os cristais mágicos conhecidos como Lágrimas do Sol e da Lua, para concretizar a profecia do Filho do Dragão. E os pupilos de Sigarr tudo fariam para cumprir esse propósito... Porém, a sua empresa estava condenada ao fracasso! As Lágrimas não se encontravam na Ilha dos Sonhos.

Antes de deixarem a Montanha Sagrada, o Rei da Lua e a Rainha do Sol tinham confiado os cristais ao príncipe Thorson, seu protegido, para que este concluísse o treino que o habilitava a enfrentar Halvard. Todavia, apesar de ter sabido desse facto, Íris conservara-se em silêncio. Não fora uma decisão fácil, pois a omissão perante o Mestre Supremo era um crime de extrema gravidade. Porém, o instinto garantia-lhe que só contrariando aquela maldita profecia conseguiria salvar a Ilha Sagrada e a Terra. E, para isso, Halvard não podia pôr as manábulas nas Lágrimas.

Em tempos, planejar enganar o Mestre Supremo seria uma loucura. No entanto, o poder do soberano estava a decrescer... E Íris não fora a única a aperceber-se do estranho fenómeno. Inclusive, alguns Sacerdotes do Conselho pressionavam Celsus para que nomeasse um sucessor. Os dois nomes avançados dividiam opiniões e incendiavam ânimos. Aqueles que achavam que os Feiticeiros deviam dominar a Terra apoiavam o Sacerdote Ingimar; os que se revoltavam contra a chacina imposta ao Homem apoiavam o

Sacerdote Regino. E a facção que pugnava pela paz não parava de crescer.

Quando Ingimar se dispusera a concretizar a profecia do Filho do Dragão recebera a anuência da maioria do Conselho. Todavia, ao longo dos anos, muitos Sacerdotes tinham acabado por retirar-lhe o apoio, ante a perniciosidade da empresa. Aos poucos, a máscara de perfeição de Ingimar fora descarnando. Aqueles que se tinham iludido, julgando-o tão magistral quanto o seu falecido irmão Hakon, viam-no como realmente era: um ente pérfido e ambicioso que não olhava a meios para atingir fins. Agora, as suas vozes uniam-se à de Regino, que desde sempre se recusara a admitir que os Feiticeiros manipulassem o destino do mundo.

Íris não escondia a admiração que nutria por Regino. Estava convencida de que só ele seria capaz de restabelecer a ordem e salvar as diferentes raças pensantes. Por outro lado, jamais se deixara enganar por Ingimar. Sempre o detestara... E essa aversão piorara quando ele tentara conquistar a sua graça. Na altura, julgara-o louco, pois nunca se tinham tolerado. Porém, no dia em que o facínora apresentara a execrável proposta ao Conselho, ficara claro que a descabida aproximação não passara de uma estratégia para angariar vantagem. Afinal, ela era a *Observadora*! Tê-la como aliada resultaria num enorme benefício... Do mesmo modo que tê-la como adversária poder-se-ia revelar fatal para a sua causa.

Sem desviar os olhos do Óculo, Íris sussurrou uma prece. O vento favoreceria a frota dos pupilos de Sigarr... Por essa altura, era óbvio que o mestre da Arte Obscura já não iria acolher a sua súplica e mandá-los recuar. Ainda assim, ela alimentava a esperança de que um milagre preservasse a Ilha dos Sonhos. E as forças divinas pareciam dispostas a atendê-la! Lysander da Gente Bela conseguira alertar a Guardiã da Lágrima do Sol para a necessidade de evacuar a Ilha Mãe. Se tudo corresse bem, homens, mulheres e crianças estariam a salvo na Ilha dos Penhascos quando os inimigos chegassem.

Alentada por essa nova, a *Observadora* fixou a atenção no *drakkar* da rainha Thora. Os guerreiros esforçavam-se por não perturbar a concentração do príncipe do Povo da Terra e Kelda consumia-se de tristeza, mal se atrevendo a fitá-lo. Estavam perdidamente apaixonados, mas Lysander decidira afastá-la para não comprometer a sua missão... E fizera-o com palavras tão cruéis que Íris mal contivera as lágrimas ao espiar a conversa.

— Coragem, miúda! — deu por si a sussurrar. — Coragem!

Calou-se, receosa de que a excelsa percepção da jovem capturasse alguma oscilação de energia e rompesse o véu místico que as separava. Depois, abanou a cabeça... Era mesmo tonta! Ainda se comovia ao recordar a noite em que presenciara o casamento da feiticeira Catelyn com o *jarl* Throst. Ela e Hilda tinham chorado até perderem o fôlego, interrogando-se se, um dia, seriam abençoadas com um amor tão intenso e puro quanto aquele que se consumava diante do seu olhar. Soluçou sem querer... Sentia tantas saudades da amiga! Jamais haveria de superar o desgosto da sua morte.

De súbito, o seu coração sofreu um baque. Algo estava errado! Apesar de Lysander se quedar imóvel, Íris pressentia a sua agonia... Raios! Tamanha perversão só podia ser obra de Erebus! A mão trémula da *Observadora* deslizou sobre o Óculo do Tempo e, de imediato, avistou o navio que transportava o «Criador das Trevas», confirmando as suas piores suspeitas... Sigarr escolhera bem os pupilos! Erebus era um usurpador de essências nato. O príncipe da Gente Bela não teria como resistir à sua sofreguidão assassina, tão debilitado que estava devido ao esforço de comunicar com a Rainha do Sol.

— Kelda... — murmurou, chamando a si a Visão do *drakkar*. — Acode a Lysander... Ele não pode morrer!

A noite caíra, mas os viquingues teimavam em navegar envoltos em trevas. Os guerreiros entreolhavam-se inquietos, temendo naufragar contra as rochas da costa acidentada. A atenção de Kelda estava presa na tia, que ordenava o recolher da vela. A *Observadora*

fechou as mãos sobre a pedra negra e cintilante do Óculo, até os nós dos dedos perderem a cor.

— Kelda — repetiu atormentada. — Kelda... Kelda...

Não podia intrometer-se... Não podia! Porém, se nada fizesse, seria o fim. Sem o *protetor*, a Terra estava condenada...

De súbito, o olhar verde-floresta da herdeira de Aranwen fixou-se no príncipe, estranhando a sua inércia. Enquanto Kelda gritava em pânico, a *Observadora* suspirava de alívio. Então, ao vê-la revelar o amuleto azul que carregava ao pescoço, Íris soltou uma exclamação abismada:

— Por todas as tuas ratazanas, Kelda... Julgava que não me guardavas segredos!

Mal podia acreditar nos seus olhos. A Montanha Sagrada ocultava as pedras mágicas de Aranwen com tanto esmero que nem o Óculo do Tempo era capaz de divisá-las. Como é que a azul chegara às mãos de Kelda? Aquela miúda não se cansava de surpreendê-la! O Mestre Supremo teria um delíquio quando lhe contasse... E se não lhe contasse? Com tão poderosa aliada, Kelda realizaria prodígios pela causa do Homem! E o primeiro já se concretizara. Lysander convulsionava sob a influência da energia curativa do amuleto, livrando-se do vômito pútrido da morte que, só por pouco, não o arrebatara.

Ofegante, Íris passou a mão pela testa e verificou que transpirava. Tamanha concussão era indigna de um Ser Superior! Devia refrear-se ou acabaria por se descontrolar diante do Mestre Supremo. Se o Conselho sequer sonhasse com as suas tentações e omissões, haveria de reduzi-la a pó! Agora que o seu coração recuperara o ritmo, ponderava em como estivera perto de intervir. Felizmente, resistira! E os heróis da Terra tinham assumido o domínio da situação. Na Ilha dos Penhascos já se preparava a evacuação da Ilha dos Sonhos.

— O que tens a alegar em tua defesa, *Observadora*?

Íris nunca vira o Mestre Supremo tão exaltado. O usual palor do semblante austero cedera lugar a um rubor que se fundia com as chispas do olhar. Ingimar acabara de abandonar a sala, após comunicar que a frota enviada para recuperar as Lágrimas do Sol e da Lua fracassara na sua missão. E o soberano estava desejoso de apurar responsabilidades.

A jovem tentou sustentar-se firme, ciente da precariedade da sua posição. Porém, as emoções que a assolavam impediam-na de ostentar a frieza devida. Nessa noite, assistira chocada às atrocidades perpetradas pelo rei Deimos, as quais haviam culminado na destruição da Ilha dos Sonhos e na chacina dos guerreiros que defendiam o território... E apossara-se de segredos para além da imaginação dos seus pares.

A aura mística que envolvia a Ilha dos Penhascos bloqueava a visão do Óculo do Tempo. Mesmo assim, Íris apercebera-se de que a Rainha do Sol vivia, pois a Sacerdotisa Amora dera a vida para salvá-la. Também sabia que o príncipe Lysander e Kelda se tinham esgueirado debaixo do nariz do inimigo... E que a rainha Thora conduzira os navios que a perseguiam até uma armadilha, fazendo-os naufragar contra um emaranhado de rochas. Agora, tinha de decidir se confessava ao Mestre Supremo as falhas que já cometera, suplicava por perdão e denunciava a resistência humana, para se poupar a futuros tormentos... Ou se persistia nas suas convicções, na esperança de que Regino conseguisse alterar a vontade do Conselho, antes que a Terra fosse arrasada.

Ao receber a convocatória para comparecer no Castelo de Cristal, Íris achara que teria de responder perante todos os Sacerdotes. Fora uma surpresa verificar que apenas o soberano a aguardava; o consolidar da sua suspeita de que a guerra reunia cada vez menos consensos. Aos poucos, Regino despertava consciências... E a ruína da Ilha dos Sonhos dar-lhe-ia ainda mais razão! O Mestre Supremo apoiara o plano de Ingimar desde o início e, se não provasse rapidamente que este traria grandes benefícios aos Feiticeiros, o acerto do seu juízo seria posto em causa. Todavia, nesse instante,

nem essa ideia apaziguava a aflição da *Observadora*! Acabara de descobrir que Ingimar questionara a sua lealdade à Ilha Sagrada... Suspeição que, a confirmar-se, a condenaria por traição.

— Nada tenho a alegar, senhor — replicou com a maior segurança que foi capaz de forjar. — Porque haveria de me defender, se nada fiz de errado?

— Já por diversas vezes expressaste simpatia pelas raças inferiores — rugiu o soberano, minaz. — O Sacerdote Ingimar acha que conspira contra nós, a favor do Homem.

— O Sacerdote Ingimar levanta aleives, com o intuito de desviar a vossa atenção do fracasso dos seus métodos selváticos — acusou Íris, decidindo que uma ofensiva audaz seria a melhor contestação. — Amo a minha terra e o meu povo! Apesar de acreditar que Feiticeiros e Homens devem ser aliados, ao invés de inimigos, jamais lesaria a Ilha Sagrada.

Essa era a mais pura das verdades! As forças divinas podiam testemunhar que ela apenas se insurgia para corrigir um erro grosseiro, que comprometia o equilíbrio das energias que os sustentavam. Ao pactuar com a ambição de Ingimar, o Mestre Supremo revelara-se indigno de continuar a conduzir os destinos dos Seres Superiores. Logo, a omissão de Íris não representava uma quebra de lealdade! Pelo contrário! E ela haveria de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para evitar a desgraça da Ilha Sagrada. Rangeu os dentes quando o soberano interpelou:

— Se assim é, porque não fui atempadamente informado de que os cristais se encontram na posse do aprendiz Thorson?

— Porque eu não vos podia informar sobre algo que desconhecia! — respondeu sem vacilar. — Recordai que sou a única *Observadora*. É-me impossível contemplar e escutar tudo! Tenho de comer, repousar e atender a questões que, inevitavelmente, me afastam da minha incumbência. — Ao vê-lo franzir o sobrolho acrescentou, dando ainda mais ênfase à declaração: — Decerto compreendeis que o tempo não se detém quando me ausento do Observatório! Neste

preciso instante, ocorrem situações das quais serei incapaz de vos prestar contas.

E pronto! A omissão transformara-se em mentira! No entanto, o seu temor dissipara-se... Se o propósito dos Feiticeiros não se alterasse, cedo ou tarde seria exposta. Porém, enfrentaria o castigo de cabeça erguida, pois estava convicta do acerto da sua resolução. Contar os segredos da resistência humana a Celsus era como colocar armas letais nas mãos de alguém que não possuía siso para manejá-las... E ela não seria cúmplice da destruição do seu povo!

A firmeza da jovem fez o Mestre Supremo hesitar. Parecia lóbrigar alguma razão na sua réplica... Mas a dúvida não se desfizera! Deixou-o claro ao retrucar secamente:

— Sabes que confio em ti, Íris. Apesar da nossa divergência de opiniões, sempre cumpriste com os teus deveres. E, para teu bem, espero que assim continues! A profecia do Filho do Dragão há de concretizar-se e o Conhecimento Absoluto das Lágrimas do Sol e da Lua será colocado ao serviço da Ilha Sagrada. O Homem regressará à sua condição de servo, pois só para isso foi criado... E a Terra voltará a ser governada pelos Seres Superiores. De hoje em diante, quem afrontar a minha autoridade será punido, não com o exílio, mas com a morte! Fiz-me entender?

A *Observadora* engoliu a indignação que lhe queimava a garganta e replicou:

— Perfeitamente, senhor.

— Ótimo! —olveu Celsus, acerbo. — Tens algo mais a relatar?

— Nada que o Sacerdote Ingimar não tenha já trazido ao vosso conhecimento.

Então, o soberano voltou a assumir a expressão de indiferença álgida que o caracterizava, sinal de que acreditava ter recuperado o controlo da situação. Acenou com a cabeça e concluiu:

— Tomei providências no sentido de obrigar o aprendiz da Montanha Sagrada a entregar-nos as Lágrimas do Sol e da Lua. Sigarr irá avassalar-lhe a mente, como fez com Halvard, e executá-lo mal os cristais estejam nas suas mãos. Verifica a satisfação das

minhas ordens, *Observadora!* Quero ser prontamente avisado se Sigarr se desviar um fôlego do rumo que tracei. Agora vai... — A sua voz tornou-se escarninha ao acrescentar: — Neste momento crucial, não deves afastar-te das tuas incumbências sob nenhum pretexto. A minha palavra é lei!

A grande custo, a jovem reuniu forças para responder:

— A vossa palavra é lei...

E o Mestre Supremo terminou com sobrançeria:

— Que a lei se cumpra.

Íris tentou controlar o passo no regresso a casa. Se corresse denunciaria a ansiedade que a flagelava... Porém, se se delongasse chegaria demasiado tarde! O seu coração batia qual tambor de guerra. A respiração falhava. As lágrimas queimavam-lhe os olhos... E a mente bradava:

«Não... Não... Por favor, Thorson não!»

Como desejava a orientação de Regino! Contudo, não podia procurá-lo. O tempo do Homem escoava-se a uma velocidade aterradora. Ingimar já devia ter convocado Sigarr e, prestes, este estenderia um trilho de luz até ao Norte. Não obstante a magia da Montanha Sagrada o impedir de pisar solo abençoado, o mestre da Arte Obscura possuía outros recursos para cumprir as ordens do Mestre Supremo.

A Lágrima da Lua era soberana no controlo das energias que regiam o mundo dos sonhos e o inconsciente dos seres pensantes. Sigarr já fora seu Guardião, por isso dominava esse poder. Durante décadas não conseguira evocá-lo, pois a punição imposta pelo Conselho despojara-o de grande parte da magia primordial. Todavia, desde que regressara à Ilha Sagrada, as suas habilidades restauravam-se sob o olhar atento do Mestre Supremo. Não tivera dificuldade em seduzir Halvard, numa noite em que este se prostrava desacordado, cumprindo um castigo imposto pelo pai. Íris calculava que Thorson estaria a salvo enquanto permanecesse desperto. Porém, no instante em que o sono o arrebatasse...

Entrou finalmente em casa e precipitou-se através dos corredores místicos, que apenas se revelavam à sua percepção. Mal penetrou no Observatório, o nevoeiro colorido e morno que brotava do solo concentrou-se em redor do seu corpo e acompanhou-a até ao Óculo do Tempo. Um gesto bastou para que a superfície espelhada estremecesse e lhe revelasse as florestas do Norte. A Montanha Sagrada permanecia oculta aos seus olhos, da mesma forma que se encobria do olhar do Homem. No entanto, a magia que alimentava a Pedra do Tempo era similar à do Óculo e, em circunstâncias especiais, as duas realidades podiam identificar-se e fundir-se. Para instigar o fenómeno, Íris teria de apelar a toda a sua energia... E orar para que a Pedra do Tempo reconhecesse a urgência da sua causa e lhe admitisse a intrusão.

Preparava-se para libertar a magia quando foi sacudida por um calafrio que a fez recuar. Teria perdido o juízo? O Mestre Supremo ordenara-lhe que espiasse a acometida de Sigarr... E ela dispunha-se a interferir, ansiosa por detê-lo! Após o aviso que recebera, desafiar o Mestre Supremo era uma temeridade... Além disso, ao intrometer-se estaria a quebrar um juramento sagrado; a mais fundamental regra de um *Observador*!

— Mas é Thorson... — arfou, com as lágrimas a escorrerem pelas faces. — É Thorson...

De repente, o céu noturno que cobria a Floresta dos Carvalhos rasgou-se e uma luz perturbou as trevas, ganhando consistência a cada batida de coração. Íris gemeu de agonia ao verificar que Sigarr estava a caminho... Sacudiu a cabeça, assolada por uma onda de intrepidez. Se as suas convicções não fossem legítimas, a Pedra do Tempo nem se dignaria a prestar-lhe atenção! Sem mais delongas, mergulhou na maior loucura que jamais cometera.

Thorson despertou do encantamento imposto pelas Lágrimas do Sol e da Lua, sob a proteção da Montanha Sagrada. Assim que a magia que lhe incendiava o sangue se dissipou, sentiu-se desfalecer de tão dorido e exausto. Há dias que treinava sem parar. Todas as

partículas da sua essência avisavam-no de que, muito em breve, seria posto à prova. E, quando isso acontecesse, teria de estar apto a vencer, pois a sua derrota determinaria o fim de tudo o que conhecia e amava.

Guardou os cristais num nicho da caverna onde vivia com os seus mestres e, por instantes, fixou o leito que pertencera à sua prima Kelda, assaltado pela lembrança de risos e brincadeiras inocentes... Apesar da dureza dos estudos, tivera uma infância feliz. Jamais poderia imaginar que Halvard se tornaria cúmplice do inimigo, Kelda uma guerreira temível... E que Oriana e ele ficariam separados! Para sempre, separados... Franziu a testa ao verificar que esse pensamento já não lhe causava o desconforto de outrora. Há muito que não se permitia recordar a mulher que jurara lutar com todas as forças para ficar ao seu lado, mas que o abandonara ao anúncio da primeira adversidade... Agora que o fazia, a dor não se assomava. Estaria a sua ferida sarada?

Agarrou a boneca de pano que enfeitava a almofada da prima, com um suspiro de comoção. Fora a rainha Freya, sua mãe, que a fizera para oferecer à sobrinha. Há quanto tempo não via os pais? Nem pudera descer a Montanha para se despedir da irmã! Evalyn decidira construir o seu futuro longe do País dos Viquingues e partira em busca da felicidade. Gostaria de visitá-la... Sim! Um dia, quando as sombras do mal já não ameaçassem a Terra, haveria de visitá-la!

Engoliu em seco, com o espigão da saudade a perfurar-lhe o peito. Daria anos de vida para poder abraçar os pais, no aconchego da casa onde desejava ter crescido. O rei Helgi não perdera a esperança de ver o primogénito sucedê-lo no trono... Porém, mesmo que superasse a dura prova que tinha pela frente, o príncipe vândalo não cobiçava tal destino. O rei Ivarr do povo viquingue governava o Norte com equidade e sabedoria. E o seu filho, Ulfvaldr, haveria de continuar essa obra com probidade! Thorson depositava absoluta confiança no primo. Ulfvaldr estava a ser preparado para reinar desde o dia em que nascera. A sua obrigação era zelar para que ele tivesse condições de fazê-lo em segurança.

A boneca sorria-lhe... Kelda sorria-lhe... Retribuiu e acariciou os caracóis negros, cosidos ao tecido com tal mestria que pareciam reais. Thorson sabia que a mãe os entrelaçara a partir dos seus próprios cabelos. Por isso, tocar-lhes concedia-lhe um pequeno conforto. Estreitou a boneca contra o peito e murmurou ternamente:

— Hoje irás fazer-me companhia.

Enfim, deitou-se na sua cama, ansioso por um sono reparador. Aninhou a face nos cabelos da boneca e teve de engolir as lágrimas. Sentia-se terrivelmente só, triste... E havia algo mais... Uma estranha angústia que, aos poucos, se instalava no seu âmago, como se alguma coisa danosa tivesse acontecido ou estivesse para acontecer. Estaria relacionada com os seus mestres? Não tinha como confirmá-lo, pois o treino esgotara-o até à última gota de energia.

— Ajuda-me a descansar — apelou à boneca. — Guarda-me de sonhos maus.

O que mais almejava era esvaziar a cabeça e dormir profundamente, sem ser assombrado por fantasmas do passado. Fechou os olhos e, quase de imediato, o esquecimento arrebatou-o. Por momentos, flutuou numa bruma serena e morna, que lhe apaziguou o espírito. No entanto, os seus temores não tardaram a ganhar forma.

Do nada, deparou-se com um olhar verde-floresta carregado de pesar. Kelda estava novamente à sua frente, naquela malfadada gruta, no coração da Ilha dos Sonhos, envolta na luz da Lua que entrava pela abertura do teto e no som dos tambores que animavam a noite da Festa da Renovação. Tremia de comoção, pois sabia que as revelações que acabara de fazer iriam afetar irremediavelmente a existência de Oriana. Thorson observou-a, enquanto ela seguia o príncipe Lysander para fora da caverna... Depois, respirou fundo e concentrou-se na mulher que soluçava entre os seus braços.

Oriana consumia-se de desespero. Um Filho da Renovação arrastara-a até ali, maltratara-a e só não a matara porque Kelda chegara a tempo de impedi-lo. Porém, quando a jovem julgava que o pesadelo tinha terminado, ouvira as imprecações proferidas por

Korn serem confirmadas pela sua irmã de criação. Oriana era fruto da união proibida de Trygve e Amora... E os pais já tinham decidido que ela seria a próxima Sacerdotisa dos Penhascos.

— Não... — vagia, apertando Thorson como se desejasse entrar dentro do seu peito e esconder-se do mundo. — Por favor, diz-me que não é verdade!

— Tens de te acalmar, meu amor — suplicou ele, amimando-a com ternura.

— Não me peças isso! — insurgiu-se Oriana. — Eu só quero acreditar que Kelda mentiu!

— Kelda não mentiu — suspirou o príncipe vândalo, acariciando-lhe o rosto. — A Pedra do Tempo avisou que o teu destino seria revelado esta noite.

— Não! — objetou ela, transtornada. — Se assim for, jamais ficaremos juntos...

— Tal não irá acontecer — contestou Thorson, determinado.

— Como? Não entendo...

— Vamos fugir.

— O quê?

— Embarcaremos em segredo num dos navios que deixarão a Ilha dos Sonhos, ao romper da manhã. Quando derem pela nossa falta, será tarde para nos deterem. Não tenhas medo! Juro que cuidarei de ti.

Oriana fitou-o, aturdida, antes de contraditar:

— Não vou fazer isso!

— Mas... — balbuciou Thorson, pasmado com a sua firmeza. — É a única maneira...

— Eu não posso fugir! — gritou Oriana. E a sua indignação ecoou pelas paredes da caverna.

Por instantes, os dois quedaram-se sem proferir uma palavra. E os tambores festivos soaram aos ouvidos do príncipe como um prenúncio de desgraça. O semblante da amada estava desfigurado pelo sofrimento e os olhos cintilavam de uma forma assustadora,

obstinada, quase louca. Só a custo, Thorson reuniu ânimo para contrapor:

— No Norte, juraste que fugirias comigo, se algo nos impedisse de ficar juntos.

— Eu sei... — revidou ela, exausta e derrotada. — Porém, tudo mudou!

— Nada mudou! Eu amo-te e tu amas-me!

Desta feita, Oriana livrou-se do seu abraço e cambaleou até à parede coberta de raízes e ramos moribundos. Thorson nem tentou detê-la, fulminado por um misto de dor e de raiva. Tinha de se controlar... Oriana estava desorientada, mas, se a interpelasse com calma, acabaria por chamá-la à razão. Então, ela enunciou numa voz rouca, mas decidida:

— As nossas responsabilidades sobrepõem-se a quaisquer sentimentos. Não podemos ser egoístas, Thorson! O que acontecerá ao meu povo se eu fugir? E o que acontecerá à Terra se tu virares as costas ao teu destino? Esqueces que Halvard está a ser treinado para concretizar a profecia do Filho do Dragão? O teu lugar é na Montanha Sagrada... E o meu na Ilha dos Penhascos! Quanto mais depressa aceitarmos isso, menor será o nosso sofrimento.

Aquilo era mais do que ele podia suportar! Destruiu a distância que os separava e esmagou-a contra o peito, rosnando, magoado:

— Como és capaz de falar com tamanho desapego? Mais parece que não te importas...

— Para! — protestou Oriana, enfrentando o olhar azul com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces. — Nós não temos escolha! Imagina que fugíamos... Como viveríamos, sabendo-nos responsáveis pela ruína das nossas famílias, do nosso povo? Diz-me! Serás feliz ao meu lado, enfiado num buraco nos confins da Terra, enquanto Halvard espalha o caos?

— Não! — concordou Thorson, vencido pelos seus argumentos. — Está bem! Fugir não é solução. Mas vamos assumir o nosso amor! Quem nos estima há de entender...

— Não me tortures! — A jovem debateu-se, desejosa de pôr fim àquele martírio. — Não podemos contrariar uma deliberação da Pedra do Tempo. Se essa é a sua vontade, eu serei Sacerdotisa...

O príncipe soltou-a tão abruptamente que lhe cortou a voz. Fixou-a de alto a baixo... Depois, sacudiu a cabeça em negação e arquejou, estrangulado:

— Tenho de te recordar o que aconteceu na torre da rainha Lyria? Tu vieste ao meu quarto, Oriana... Fizemos amor! Logo, não podes ser a próxima Sacerdotisa, pois a lei do Povo dos Penhascos exige uma soberana casta.

— Se eu sou filha da Sacerdotisa Amora, também ela teve de prescindir da castidade — opôs-se a jovem. — E isso não diminuiu o seu poder de Visão! Além disso, é ofensivo mencionares a minha entrega só para me pressionares.

— Pressionar-te? Tu juraste que a nossa união seria eterna...

Oriana silenciou-o com um gesto brusco. Inspirou fundo e refutou, melindrada:

— Nada é eterno, Thorson... Nada! Esquece-me... Porque eu vou esquecer-te!

E desatou a correr para fora da caverna. Ele ainda esboçou a intenção de segui-la, mas acabou por retroceder, esmagando os punhos contra a parede. Socou e pontapeou a rocha, urrando como um condenado, até os dedos se desfazerem em sangue. Chorou de desespero e de raiva... Por fim, deixou-se tombar na laje, completamente esgotado. Como desejava que aquilo não passasse de um pesadelo!

De súbito estacou, assolado pela percepção de que, efetivamente, estava a ser atormentado por um sonho funesto. A sua separação de Oriana fora real... Mas ocorrera há anos! Após essa discussão, não tornara a vê-la. Porque é que as memórias voltavam a importuná-lo, logo agora que acreditava ter superado a mágoa?

Fixou as mãos e verificou que estavam limpas, sem vestígios do sangue que, naquele dia, vertera dos golpes na pele e das unhas partidas contra a pedra. Porém, continuava no interior da caverna da

Ilha dos Sonhos... Nesse instante, a ameaça revelou-se. Sobre a sua cabeça, a face da Lua preenchia a abertura no teto. A luz branca tingia-se de vermelho-fogo e a imagem de um terrífico dragão emergia do seu interior. As labaredas escorriam pelas paredes e inundavam os desenhos gravados na laje do Altar do Mundo... E a Rainha da Noite descia ao seu encontro, alimentando a essência do monstro flamejante, que escancarava as presas com a vitória declarada no olhar ígneo.

— Tenho de acordar — arquejou Thorson. — Morrerei se não acordar...

O perigo era real. O dragão estava prestes a devorá-lo e ele não possuía uma gota de magia para se defender. A dor trespassou-o, implacável, como se a sua essência lutasse para abandonar o corpo, respondendo ao apelo da besta, contra a sua vontade. Bradou e caiu de joelhos, apertando a cabeça entre as mãos, num derradeiro esforço de preservação. O seu crânio ia rebentar! Os ossos estilhaçavam-se...

— Não posso morrer... — gemeu desesperado.

— Eu não te deixarei morrer!

Uma voz feminina, musical e doce, perfurou a mortalha ardente que lhe usurpava os sentidos, carregando uma brisa sadia e restauradora. Num ápice, o pesadelo que se fundia com a realidade dissolveu-se em névoa coruscante, mista de escarlate e negro. As partículas da poeira nefária evolaram-se e, de imediato, a dor desapareceu. Uma paz imensurável preencheu o espírito de Thorson, à medida que uma energia estranha, simultaneamente fresca e cálida, lhe animava o corpo. Quedou-se, atordoado, enquanto a mente se ajustava a essa nova condição. Não estava a dormir... Mas também não despertara.

Enfim, atreveu-se a abrir os olhos e ficou fascinado com a claridade mística que o envolvia, revigorando-o a cada fôlego. Todavia, quando ergueu a cabeça, o seu coração sobressaltou-se ao deparar com uma mulher... Não! Seria uma deusa? Era a pele da

desconhecida que espargia a luz. E esse fulgor mantinha-o suspenso e livre do suplício que, por pouco, não o aniquilara.

— Quem sois vós? — indagou enlevado.

A jovem era tão bela! Tão forte mas, ao mesmo tempo, tão frágil! Cabelos de terra. Olhos de mel. Lábios de fogo. Perfume de chuva e de mar... Estaria diante da Deusa Mãe? A sua aura radiosa aqueceu quando se aproximou e lhe estendeu a mão, murmurando:

— Vim para te ajudar... Levanta-te!

Thorson correspondeu ao gesto. Porém, no instante em que se tocaram, pôs-se de pé com um salto e recuou, entaramelando alarmado:

— Uma feiticeira... Vós sois uma feiticeira!

Ela manteve-o cativo do seu olhar e ripostou, ciente do seu temor:

— Já disse que estou aqui para te ajudar... A tua vida corre grande perigo!

— O que foi que me fizestes? — controverteu o príncipe, tentando escapar à sua influência. — Porque não consigo acordar?

— As tuas forças exauriram-se e o sono deixou-te vulnerável ao ataque de Sigarr...

— Sigarr? — atalhou ele, horrorizado. — Não...

— Escuta-me, por favor! — apelou a jovem, apertando-lhe as mãos com uma resolução férrea. — Eu rompi as malhas do teu pesadelo e desfiz o malefício que te sujeitava, mas a morte continua a ensombrar-te. Sigarr não tardará aqui! Espera encontrar-te prostrado, despido de vontade, pronto a atender às suas ordens... Vou entregar-te a minha energia, para que possas enfrentá-lo.

— O quê? — titubeou Thorson. — Queres convencer-me de que conspiras contra os teus, a meu favor? Porque farias isso?

Ela sacudiu a cabeça e contraditou secamente:

— Nem todos os feiticeiros concordam com esta guerra. Gostaria de te explicar... Mas o nosso tempo esgota-se! Se não confiares em mim, estaremos perdidos!

O príncipe vacilou, estarrecido. A luz que o envolvia testemunhava a equidade do caráter da jovem. Nenhum ser maligno conseguiria simular tamanha pureza.

— O que é que devo fazer? — questionou estrangulado. Ao que ela replicou simplesmente:

— Nada... Apenas não te afastes antes de eu terminar. A rutura do nosso elo desperdiçará energias preciosas.

Posto isso, apoiou as mãos delicadas no seu peito e subiu para as pontas dos pés, até os lábios se roçarem. Por mais que tentasse resistir, Thorson deu por si a fechar os olhos, inebriado pelo perfume feminino... Seria impressão sua ou ela tremia? O príncipe era demasiado alto! A feiticeira perdia o equilíbrio... E os braços másculos tiveram de envolvê-la para que, finalmente, as suas bocas se unissem.

Calor... Humidade... Uma suavidade que libertava uma força extraordinária! Thorson foi incapaz de conter um grito quando a magia da feiticeira o trespassou. O receio de que tudo aquilo não passasse de um embuste para destruí-lo mal lhe cruzou a ideia. Ela estava mesmo a oferecer-lhe, abnegadamente, o seu poder! E era maravilhoso... Arrebatador!

Um clarão deslumbrante iluminou todos os recantos do espírito de Thorson, fazendo a sua essência jubilar ante a assimilação de uma energia cristalina e prodigiosa. O seu coração quase explodia e a carne incendiava-se. Nunca sentira êxtase igual! E com a magia da feiticeira vinha o conhecimento do seu mundo, o desvendar da sua mente... Ela era Íris, uma *Observadora* da Ilha Sagrada que arriscava a vida para pôr fim à guerra; uma pupila de «O Que Tudo Vê», que, tal como o mestre, sonhava com um mundo onde as diferentes raças pudessem coexistir em paz.

Perplexo, Thorson descobriu também que a feiticeira era fascinada pela história da sua família. Vira-o nascer e crescer... Então, um dia, algo inesperado sucedera! Ao cumprir a missão de observá-lo, Íris confrontara-se com o seu olhar e, ao invés de um garoto que aprendia as artes da guerra e da magia, para contrariar a maldição

que o destino lhe impusera, vislumbrara um homem, um guerreiro, um Sábio de grande valor. E aquilo que jamais poderia acontecer concretizara-se com uma ardência avassaladora!

— Chega... — ofegou ela, desviando o rosto. — Preciso da magia que me resta para regressar.

— Íris...? — tartamudeou Thorson. E deu por si a estremecer, ao pronunciar o seu nome.

Porém, a comoção da feiticeira ao ouvi-lo foi muito maior! Tentou afastar-se, mas as pernas vergaram-se. Esgotada pela cedência de energia e pelas emoções a que tivera de se sujeitar, acabou por esconder o rosto no peito do príncipe e soluçar, ciente de que ele se apossara do segredo do seu coração:

— Não devia ter permitido que fosses tão longe...

— Olha para mim — pediu Thorson, tocando-lhe levemente no queixo. Contudo, ela arrostou-o com uma frieza forçada e elevou a voz para ditar vigorosamente:

— Sigarr tem ordens para te matar. Se queres viver para derrotar Halvard, ataca-o com toda a veemência! A mais leve hesitação ser-te-á fatal... Agora, tenho de ir.

De novo, tentou soltar-se. Todavia, o príncipe impôs-se, demandando:

— Se vencer, quero voltar a ver-te!

— Não! — afligiu-se Íris. — Nunca nos devíamos ter encontrado! Não estava destinado...

Num ímpeto, Thorson baixou o rosto e apossou-se dos seus lábios, desta feita, para um verdadeiro beijo. A feiticeira carpiu um protesto... E lançou-se ao seu pescoço, enterrou os dedos nos cabelos ruivos e entregou-se plenamente àquele prazer proibido, por um instante... Um mero instante... Depois, apertou os braços do homem que jamais poderia ser seu e rogou:

— Por favor, vive!

O azul e o castanho do seu olhar preencheram-se com uma miríade de emoções. E as lágrimas escorreram pelas faces de Íris, ao anunciar angustiada:

— Sigarr está a chegar...

De imediato, Thorson puxou-a para trás das costas, tencionando protegê-la. No entanto, a figura da feiticeira já se esfumava e, com ela, toda a luz que o sustinha.

O aprendiz da Montanha Sagrada viu-se, mais uma vez, dividido entre o sonho e a realidade; à mercê de um vazio tenebroso, açoitado por ventos antagônicos que ameaçavam destruí-lo. Porém, tinha o corpo restabelecido e a essência vigorada! Enfrentou as trevas álgidas com determinação... E um calafrio instintivo provou-lhe que a feiticeira não o alertara em vão. Uma ameaça colossal investia contra si, assumindo a forma de um vulto que se destacava na bruma, pulsando com uma fulgência escarlate, perturbada por relâmpagos de brilho negro.

— Filho do Dragão... — ribombou uma voz acutilante.

Para além da manifestação da Arte Obscura, Thorson distinguiu um homem alto e esguio, de cabelos louros e olhar azul-glaciar; um monstro cuja nequícia lhe fora declarada inúmeras vezes, em Visões atroztes. Sigarr acometia com a rapidez de um raio... E ele não podia vacilar!

Lançou-se contra a essência do feiticeiro, com uma ferocidade acirrada pelas recordações da sua infância. Fora esse maldito que destróçara a mente de Halvard e o condenara à danação... Mas a história não haveria de se repetir!

O mestre da Arte Obscura estacou, perante a exaltação do émulo. O sortilégio que lhe lançara, enredado na energia tormentosa de um pesadelo, devia tê-lo transformado num ser amorfo, incapaz de contestá-lo, quanto mais de atacá-lo... Então, Thorson libertou a magia que recebera, num único impulso. E uma explosão de luz rasgou a cerração, projetando chispas rutilantes até aos limites do universo irreal que testemunhava o conflito.

Assombrado, Sigarr debateu-se, tentando livrar-se do manto luminoso que o sufocava. Ainda não se refizera do choque, já a energia radiosa lhe trespassava o nariz e a boca, deixando-o encandeado, surdo, completamente desorientado. Guinchou de raiva

e agonia, ao sentir o calor da magia devassá-lo, espalhando-se pelo sangue com a violência de uma onda gigante. E, antes que pudesse reagir, o seu corpo entorpeceu e as defesas da mente desmoronaram-se, expondo-o ao inimigo.

Prontamente, Thorson mergulhou na consciência de Sigarr. Era verdade que o feiticeiro tencionara usurpar-lhe a vontade! E, como um boneco suspenso nas cordas da sua perversidade, o príncipe haveria de levar as Lágrimas do Sol e da Lua para longe da proteção da Montanha Sagrada e entregar-se à morte, sem protestar. Poderia ter sido tão fácil... Tão ridiculamente fácil! Se ele não tivesse assimilado a dádiva excepcional de Íris, o renegado estaria a arrancar-lhe o coração, para entregá-lo ao Mestre Supremo dos Seres Superiores, como prova do cumprimento das suas ordens.

Sigarr estrebuchou sob o controlo de Thorson, decidido a contrariar a energia esplendorosa que lhe dilacerava o espírito. Por fim, conseguiu insurgir-se e evocou a magia negra, para que esta consumisse a flamância. Expeliu-a com todo o ardor do ódio que o corroía... Porém, qual não foi o seu pasmo quando as trevas gélidas começaram a ser devoradas pela veemência da luz. Não podia ser! Nenhum ente de sangue misto fruía de tamanho poder!

Uma dor dilacerante percorreu a essência do feiticeiro, enquanto a magia de Thorson o estracinhava, tragando os seus recursos até aos confins da tenebrosa alma. Era como ser arrastado por uma avalanche de fogo, sem a mínima possibilidade de resistência. Nesse instante decisivo, Sigarr vislumbrou a morte... E, no seu derradeiro fôlego, apelou à réstia de energia que ainda o alentava, concentrando-se num único e premente objetivo: fugir.

* * *

Apesar de exausta, Íris tinha de atender à convocatória do Mestre Supremo. A razão por que Celsus a chamava era óbvia... Porém, ela não imaginava o que ia dizer! A fraqueza impedira-a de consultar o Óculo do Tempo, por isso nem fazia ideia de como findara o confronto entre Sigarr e Thorson. No entanto, se não conseguisse

dominar a situação, arranjar uma boa desculpa e encobrir a sua interferência, não tornaria a casa. O soberano já avisara que esmagaria quem ousasse contestá-lo. Restava-lhe esperar que a eficácia do ataque do príncipe vândalo tivesse impedido Sigarr de distinguir a proveniência da sua força. Caso contrário, Thorson estaria morto, a esperança do Homem perdida... e ela a caminho de um julgamento. Iria encontrar os conspiradores a grunhir de frustração? Ou a festejar?

Deu por si a levar a mão aos lábios, enquanto subia a imensa escadaria do Castelo de Cristal. Mal acreditava que se atrevera a invadir a mente de Thorson e a fundir as suas essências... E a lembrança dos momentos passados nos seus braços recusava-se a dar-lhe descanso, fazendo o coração espinotear de ansiedade. Só podia estar doida, totalmente alucinada, para ter cedido à tentação!

Diante do Óculo do Tempo, já testemunhara o percurso de muitos homens, desde o nascimento até à morte. Porém, jamais se permitira dedicar-lhes um pensamento lascivo, devido ao trágico exemplo dos demais feiticeiros que, ao longo dos anos, se tinham encantado pela raça humana... Até que, um dia, se surpreendera a suspirar pelo aprendiz dos Guardiões das Lágrimas do Sol e da Lua.

Sem demora, tentara desvalorizar esse entusiasmo, sufocar o desatino... Porém, sempre que se afundava na cama, encharcava os lençóis de suor. Os sonhos levavam-na até à Terra, ao encontro do príncipe vândalo, para enlouquecer de êxtase nos seus braços. Suspirara de alívio quando Thorson se recolhera na Montanha Sagrada, a fim de completar o seu treino. Se não o visse, não tardaria a esquecê-lo... Vã ilusão! Bastara sabê-lo em perigo para quebrar a regra fundamental de um *Observador*. Interferira... E o mais grave é que não sentia remorsos! Pelo contrário, mesmo com uma ameaça de morte a pairar sobre a cabeça, só conseguia pensar nos lábios carnudos daquele homem de cabelos de fogo e olhar celeste... Louca! Louca desvairada!

— És uma feiticeira, Íris! — mastigou, cerrando os punhos. — Comporta-te como tal!

À sua frente estendia-se o corredor cintilante que conduzia à sala do Mestre Supremo. Sofreu novo sobressalto ao ver Regino sair de lá de dentro. Ostentava uma expressão velada, mas ela apercebeu-se da sua apreensão. Quando se cruzaram, o Sacerdote reverenciou-a com gentileza e indagou num murmúrio, para que ninguém os escutasse:

— O que foi, Íris? Estás perturbada... E não negues! Conheço-te bem! — Como ela hesitava, acrescentou: — O Mestre Supremo pediu-me que convocasse o Conselho. Está fechado na sala com Ingimar e Sigarr... Há algo que eu deva saber?

A *Observadora* suspirou e inquiriu num fio de voz:

— Como estão os seus ânimos?

— Tempestuosos! — replicou o Sacerdote. E, ao vê-la desviar o rosto, insistiu: — Conta-me o que se passa, Íris!

— Não sei ao certo...

— Então, porque estás assustada?

A jovem engoliu em seco, pressionada pelo olhar franco. Se não confiasse em Regino, estaria sozinha no mundo! Molhou os lábios e confessou num sussurro:

— Eu quebrei uma regra para defender o Homem... E não sei se eles descobriram.

Regino ficou tenso e o seu semblante ensombrou-se. O coração de Íris apertou-se, convicta de que ia ser repreendida. Perplexa, viu as mãos fortes buscarem as suas, numa carícia. E a voz do Sacerdote soou suave, mas determinada:

— Respira fundo e acalma-te. Vou acompanhar-te.

— Não... — titubeou, confusa. — Agradeço o teu cuidado, mas que justificação lhes daríamos para a tua intervenção? Acabariam por suspeitar que, efetivamente, algo acontecera!

Regino ponderou e acabou por aquiescer:

— Tens razão. Mas irei visitar-te após a reunião, para que me contes tudo.

Íris forçou um sorriso nervoso e tentou gracejar:

— Se eu viver até lá...

De súbito, ele atraiu-a contra o peito e prendeu-lhe o olhar, murmurando roucamente:

— Jamais permitirei que te façam mal, Íris! Sabes isso, não sabes?

O queixo da *Observadora* pendeu. Instintivamente pulou para trás, sentindo o sangue afluir-lhe às faces. E retrucou num único fôlego, atordoada:

— Não te preocupes! Eu fico bem!

Quase correu até à porta de energia que dava acesso à sala, com o coração a bater na garganta. O que raio fora aquilo? Regino estivera prestes a beijá-la? Não! Decerto percebera mal! De qualquer forma, não podia pensar nisso agora... Simplesmente, não podia!

— Atreves-te a insinuar que não me empenhei o suficiente?

Sigarr fulminava Ingimar com um olhar ígneo, enquanto a sua voz exaltada ecoava pela sala. Íris nunca os vira desentendidos e observava-os com a respiração suspensa.

— Tu subestimaste o fedelho! — porfiou Ingimar. — O que aconteceu é vergonhoso!

— Deveras? — bramiu Sigarr. — Crês que farias melhor?

— E duvidas? — cuspiu o primo. — Só tinhas de devassar a mente daquele imbecil...

— Thorson não é nenhum imbecil! — objetou Sigarr. E dirigiu-se ao Mestre Supremo: — Não entendo como resistiu ao malefício. Aliás, é garantido que este nem lhe beliscou a consciência! Encontrei-o preparado para se defender, como se aguardasse o meu assalto. Trespasse-me com uma magia avassaladora...

— Isso é um despautério! — cortou Ingimar, exacerbado. — Queres convencer-nos de que um rapazote de sangue impuro, que ainda não foi reconhecido pela Pedra do Tempo como guardião de coisa nenhuma, conseguiu suplantar o poder de um feiticeiro?

— Não estou a falar contigo... — rugiu o outro, farto de ser contestado.

— Tu deves-me satisfações!

— Eu não sou teu subordinado! Bem critica quem não tem desteridade para agir!

— Como ousas...?

— Basta! — clamou o soberano, impaciente. — Não admito assuadas na minha presença! *Observadora*... — Fixou o olhar penetrante em Íris e aguardou que a respiração ruidosa dos feiticeiros se mitigasse, antes de prosseguir: — Incumbi-te de contemplares as diligências do mestre Sigarr. O que tens a relatar?

A jovem conteve-se de fitar o mestre da Arte Obscura, ciente de que a sorte de ambos pendia da sua convicção. Já ouvira tudo o que precisava! Encheu o peito de ar e declarou:

— Eu observei como me ordenastes, senhor. E confirmo o empenho do mestre Sigarr.

— O quê? — estridulou Ingimar. — Era só o que faltava...

— O seu zelo foi irrepreensível — prosseguiu Íris, ignorando-o. — Daí conluo que fala verdade.

O Mestre Supremo atalhou a explosão de ira de Ingimar e ponderou com estranheza:

— Para isso, o impuro teria de conhecer de antemão as nossas intenções!

— Talvez a Pedra do Tempo o tenha alertado — alvitrou a jovem, sem vacilar. — As suas Visões protegem-no...

— Não acredito! — interpôs-se mais uma vez Ingimar, como se disposto a sacudir Celsus para obter a exclusividade da sua atenção. — *A Observadora* está a mentir!

— Como ousas? — assanhou-se Íris, levantando a voz para evidenciar o ultraje. Depois, encarou o Mestre Supremo e demandou: — Exijo uma reparação!

Entrementes, Sigarr aproveitava o ensejo para fortalecer o seu testemunho e escarnecia:

— Achas realmente que a *Observadora* comprometeria a sua honra para paliar a minha incompetência, estimado primo?

— Silêncio! — fremiu o soberano. Fez sinal a Íris e a Sigarr para que se quedassem e dirigiu-se ao conselheiro: — Atenderei às

opiniões que expressaste, Sacerdote Ingimar. Voltaremos a debatê-las aquando da reunião do Conselho. Podes retirar-te.

— Mas, senhor... — gaguejou o outro, melindrado. Depois, rangeu os dentes e engoliu os protestos. O desentendimento com o cúmplice carcomia-lhe os nervos. Nenhum dos dois queria fazer má figura diante do Mestre Supremo! E constatar que a ambição que os unira começava a separá-los era uma boa nova para a *Observadora*.

Ingimar sempre bajulara Sigarr, ciente de que necessitava da sua ajuda para ascender. Contudo, mal este virava as costas, não perdia uma oportunidade de desconsiderá-lo perante o soberano. Ainda se deteve, como se expectasse que o primo também fosse enxotado da sala. Ao perceber que tal não ia acontecer, esboçou um gesto fraco de reverência e saiu, furibundo. Só então Celsus tornou a pronunciar-se:

— No vosso parecer, quão poderoso é o aprendiz dos Guardiães?

— É muito poderoso, senhor — antecipou-se Sigarr. E a sua convicção fez o Mestre Supremo franzir a testa e questionar:

— Capaz de suplantar Halvard e reclamar para si a profecia do Filho do Dragão?

— O meu aprendiz é extraordinariamente forte — cogitou o renegado. — Antes de enfrentar Thorson, eu apostaria a minha vida em como Halvard haveria de prostrá-lo sem verter uma gota de suor. Agora, confesso-me apreensivo... Se permitis a minha humilde opinião, é fundamental que o Conselho reforce o apoio a esta causa e me conceda maior liberdade de execução, a fim de prevenir futuros dissabores.

Posto isto, o soberano mergulhou numa reflexão profunda. Íris temeu que o batuque do seu coração ressoasse no silêncio que oprimia a sala. A euforia da sua vitória acabara de ser esmagada pela iniciativa do mestre da Arte Obscura. Sigarr não perdera tempo a tirar proveito da situação, demandando mais apoios e autonomia. E ela nem queria pensar no que podia suceder se o Mestre Supremo acesse a esse pedido.

Os olhos de Celsus nem piscavam, fixos no proscrito. E Sigarr retribuía com uma firmeza audaciosa. Há muito que se conheciam. O Mestre Supremo privara com a sua família, vira-o crescer, abençoara-o como Guardião da Lágrima da Lua... E, anos mais tarde, proclamara a sua expulsão da Ilha Sagrada, devido à prática de magia negra. Como os tempos tinham mudado! Hoje, Sigarr continuava a exercer a Arte maldita... com a bênção do Conselho que o condenara!

— Tens razão, mestre Sigarr — anuiu o soberano, fazendo a *Observadora* perder o fôlego. — Devemos resgatar as Lágrimas do Sol e da Lua a qualquer custo!

O renegado escondeu um sorriso triunfante, enquanto inclinava a cabeça para agradecer o favor. Depois, fixou Íris de soslaio e explanou:

— A proteção da Montanha Sagrada torna Thorson invulnerável. Mas, se ferirmos o seu povo, obrigá-lo-emos a sair da toca e a expor os cristais. Falta pouco para que o Exército do Dragão esteja apto a avançar contra o Império...

— Não pretendo esperar até lá — atalhou Celsus. — O futuro da Ilha Sagrada pende nas minhas mãos... E não admito que os vermes da Terra se riem às nossas custas! Aquele ignóbil de sangue misto há de implorar para que tomemos as Lágrimas das suas mãos.

— E como, senhor? — inquiriu Sigarr.

— O coração do Homem é fraco... E o desse fedelho não será exceção! Segundo a *Observadora*, ele enamorou-se da filha da Sacerdotisa dos Penhascos... Qual é mesmo o seu nome?

Íris escutava-os, com as tripas a enodarem-se de aflição. Estava novamente em apuros! Teve de apelar a toda a vontade para que a sua voz não tremesse ao esclarecer:

— Oriana, senhor.

— Sim... — considerou Sigarr. — Já ouvi falar dessa rapariga. Halvard detesta-a!

— Então, darei ao teu pupilo a satisfação de arrastá-la até aos pés do seu émulo. Se Thorson não nos entregar as Lágrimas do Sol e da

Lua, sentenciará a morte da amada.

Íris mal sufocou um gemido. Como é que algo tão trivial servira de inspiração a um desígnio tão funesto? Ocultara tantas informações cruciais ao Mestre Supremo... E, no fim, ele recorria ao mais irrisório dos factos para compor uma nova ofensiva.

— O vosso plano pode resultar — entusiasmava-se Sigarr. — E eu sei como concretizá-lo! Sempre tive o pressentimento de que aquele néscio haveria de ser útil.

— O que tens em mente? — indagou Celsus.

— Em tempos, um homem chamado Korn cruzou o meu caminho. Devotava um ódio tão agreste aos nossos inimigos que me despertou a atenção. Descobri que é um Filho da Renovação, desprezado pelo Sacerdote Trygve... E que alberga na sua essência o poder de suplantar a armadilha mortal dos *Sentinelas*! Não hesitei em nomeá-lo general do meu exército... Neste instante, encontra-se a bordo da frota que destruiu a Ilha dos Sonhos.

— E irá conduzi-la através da passagem, até à Ilha dos Penhascos — completou o soberano com os olhos a faiscarem, deliciado com a ideia.

— Sigarr... — apelou Íris, afogueada. — Sigarr, espera!

— O que foi, *Observadora*? — ripostou ele, escarninho. — Não gostaste do meu plano?

Continuou a descer as escadas do Castelo de Cristal, obrigando-a a correr no seu encalço. Era noite cerrada e, aparentemente, os jardins estavam desertos. Ainda assim, a jovem recebeu atrair atenções. Mal conseguiu ultrapassá-lo, estacou à sua frente e exprobrou:

— Não podes fazer isso!

O renegado abriu um sorriso trocista e mirou-a da cabeça aos pés, antes de replicar:

— Se tinhas objeções, porque não as apresentaste ao Mestre Supremo? Ah! É verdade... Ele ter-te-ia castigado. E a primorosa *Observadora* não quer cair em desgraça, pois não?

— Todos cairemos em desgraça se teimares na concretização da profecia.

— Não atentes a minha paciência, Íris. Estou com pressa.

Passou por ela e começou a atravessar o jardim numa marcha acelerada. A jovem engoliu em seco e cerrou os punhos. Não lutara tanto para desistir agora! Mais uma vez, precipitou-se atrás de Sigarr e agarrou-lhe o braço. Mediram forças com o olhar... E Íris enunciou, num derradeiro esforço para despertar-lhe a consciência:

— O povo de Oriana jamais acederá a entregá-la!

— Então, morrerá com ela — revidou o mestre da Arte Obscura, impassível.

— Vais mandar Deimos destruir a Ilha dos Penhascos, como destruiu a Ilha dos Sonhos?

— Raios, mulher! — praguejou o renegado, libertando-se com um safanão. — Deixa-te de tolices e concentra-te nas tuas obrigações, antes que Celsus apure o faro e te acuse de traição!

Começou a afastar-se... Todavia, estacou abruptamente e virou-se para arrostá-la. Íris prendeu o fôlego e empinou o nariz, adivinhando-se em sarilhos. A desconfiança de Sigarr manifestava-se em todos os traços do rosto. E a acusação soou cortante:

— Foste tu... Foi a tua magia que me impediu de destroçar aquele infame!

— Não sei do que estás a falar — contraditou a jovem, sustentando-se firme e altiva.

— Sabes... — O mestre da Arte Obscura tornou a aproximar-se, arrastando a voz: — Sabes perfeitamente! Íris... Íris... A *Observadora* faz jogo duplo debaixo das fuças do pomposo Celsus! Confesso-me impressionado... Nem eu me atreveria a tanto!

Íris obrigou-se a suportar o olhar azul, acutilante como a mais mortal das lâminas. Não respondeu... E Sigarr inclinou-se sobre ela, rosnando arduamente:

— Por isso estás tão agoniada! Fulminaste-te com o teu próprio raio, não foi? Quebraste as regras para ajudar Thorson, acreditando que pouparias os teus preciosos humanos se eu não resgatasse as

Lágrimas. Porém, a tua ingerência apenas ditou a morte de mais inocentes! Esta noite, muitos homens irão gritar de dor, mulheres clamarão de desespero e o sangue das criancinhas jorrará... Tudo por tua causa! Pensa nisto enquanto testemunhas o seu suplício, *Observadora*! Se não tivesses corrompido a sorte, esse impasse estaria superado.

— Tu não és o monstro que tanto te esforças por parecer... — arquejou Íris, lutando contra o asco que as suas palavras lhe causavam. E ele rebateu prontamente:

— Tens razão! Sou muito pior!

— Um destes dias vais acordar e descobrir que tens um coração a bater dentro do peito... Para o bem de todos, espero que não seja tarde de mais!

— A tua sorte é que a tua rebeldia me diverte...

— Eu não vou desistir, Sigarr!

O mestre da Arte Obscura rugiu junto dos seus lábios... Depois mastigou:

— Tu e eu temos um estranho «acerto»! Mas torna a desafiar-me, Íris... Torna a malograr os meus planos e juro que te arrojarei aos pés de Celsus! Não vou cair novamente em desgraça... Hei de recuperar tudo o que é meu por direito!

CAPÍTULO 1

«Hei de olhar por ti, até que a última partícula de energia abandone a minha essência.»

— Avó...?

A feiticeira Catelyn da Ilha dos Sonhos acolheu-me ao acordar. Os seus braços abriram-se e o olhar verde-floresta refletiu o meu, num entendimento perfeito. Afundei-me no seu peito e estreitei-a com desespero. Estaria viva ou morta? Não sabia... Só sabia que, se não soltasse o pranto, haveria de me afogar numa enchente de lágrimas reprimidas.

Por fim, a tranquilidade da sua aura apaziguou o meu tormento. De alguma forma, a partilha da dor tornava-a menos implacável, mais suportável. Afastei-me o suficiente para encarar a minha avó e trocámos um sorriso triste. Depois, os meus olhos gastos fixaram o avô Throst, que se quedava envolto na luz branda do espaço infinito que nos sustinha, ostentando a expressão serena que sempre me transmitia confiança. Respirei fundo e permiti-me descontraír. Se chegara a minha vez de atravessar a passagem para uma nova existência, era uma honra fazê-lo sob a proteção de Pequena e de Lobo Cinzento.

— Não estás a morrer, querida — murmurou Catelyn, ciente dos meus pensamentos. — O teu ataque a Korn deixou Deimos tão receoso que ordenou que te aprisionassem com correntes de magia negra. Em pouco tempo, estas consumiram a tua energia... Estás muito fraca! Porém, não te inquietes. Enquanto acreditarem que és Oriana, ninguém atentará contra a tua vida.

As recordações trespassaram o véu da placidez que me confortava, ferindo como lâminas. O rosto de Lysander surgiu na minha mente e as lágrimas regressaram-me aos olhos. O meu amor... O amor que eu perdera para sempre!

«Enlouqueces-me, menina-feiticeira... Já não consigo viver sem ti!»

Depois de Deimos invadir a Ilha dos Penhascos e exigir que Oriana lhe fosse entregue, o príncipe da Gente Bela quisera introduzir-se em segredo num dos navios da frota inimiga. O seu objetivo era matar o meu gémeo, convicto de que só assim desfaria a profecia que condenava a Terra a vergar-se à vontade suprema do Filho do Dragão. Porém, eu resolvera detê-lo e tomara o lugar da Sacerdotisa. Estava segura de que o meu sacrifício preservaria Lysander, libertaria os reféns que Deimos ameaçava e concederia tempo aos líderes do meu povo para organizarem os seus exércitos. Com Oriana livre de perigo, Thorson não teria de entregar as Lágrimas do Sol e da Lua a Sigarr. Logo, Halvard seria incapaz de concretizar a maldição.

«*Uma decisora deve decidir*», declarara a Senhora da Magia, antes de me entregar a pedra azul de Aranwen que selara o meu destino. E eu tomara a decisão correta... Ou não?

— Fiz o que era devido, avó? — indaguei, sufocada. E afligi-me quando o seu semblante se anuviou.

— Não sei, querida... Sinceramente, não sei.

A réplica atingiu-me como uma bordoadada na cabeça.

— Não sabes? — reclamei agoniada. — Mas se consegues perscrutar o futuro...

— A tua iniciativa alterou os cursos já traçados — atalhou ela sobriamente. — Neste momento, novos destinos estão a ser delineados... E muitos pendem das resoluções que tens pela frente.

— Isso não é bom? — arquejei. — Quero dizer, se Sigarr tivesse capturado Oriana seria o fim...

— A responsável pela sorte da Terra não é Oriana, Kelda... És tu! Ao interferires na sina da Sacerdotisa dos Penhascos colocaste-te à mercê de Sigarr. Entregaste aos Feiticeiros a arma mais poderosa que o Homem possuía.

— Não entreguei nada! — retruquei indignada.

— Eles têm meios de deturpar o teu julgamento — interpôs-se Lobo Cinzento, afligindo-me ainda mais. — Esqueces que Halvard está do seu lado?

— Já não confiais em mim? — interpelei. — Hei de impedir a concretização da profecia!

— Por mais que o almejes, não podes fazê-lo sozinha — contestou Pequena. — A maldição do Filho do Dragão assenta em três pilares: o *protetor*, o *decisor* e o *executor*. Só a união dos seus esforços cumprirá, ou contrariará, a vontade do Guardiã da Montanha.

Tentei raciocinar por entre as vagas de pavor que me roubavam o fôlego, ciente de que todos os esclarecimentos que pudesse obter dos meus avós seriam preciosos:

— Se eu sou a *decisora* e Lysander o *protetor*... Thorson é o *executor*?

— As marcas com que nasceu assim o determinam — justificou Lobo Cinzento.

Com mil ratazanas aduncas, isso queria dizer que eu necessitava do apoio de Lysander e de Thorson para quebrar a maldição? Sacudi a cabeça e inquiri, atormentada:

— O que posso fazer agora? É impossível voltar atrás! Além disso, esta é a minha oportunidade de encontrar o meu irmão... De tocar o seu coração e chamá-lo à razão! Se eu conseguir provar-lhe que o trilho que percorre só lhe trará sofrimento, ao invés de glória, Halvard há de insurgir-se contra Sigarr. E a guerra terminará!

Os meus avós entreolharam-se. Não pareciam minimamente entusiasmados com a minha afirmação. Havia uma tristeza nos seus olhos; um profundo pesar, como se desejassem ardentemente dizer algo e estivessem impossibilitados de fazê-lo. E eu até adivinhava do que se tratava... Throst e Catelyn duvidavam que Halvard sequer me ouvisse, quanto mais que mudasse de rumo por minha causa. Porém, melhor do que ninguém, deviam entender que eu tinha de tentar! Desde o dia em que vira Sigarr raptar o meu gémeo que vivia para salvá-lo.

Preparava-me para romper o silêncio quando Lobo Cinzento enunciou:

— Nós não podemos interferir nas tuas resoluções...

E Pequena completou:

— Sempre que tiveres de decidir, toma o discernimento como aliado. Nesta guerra, a precipitação será a tua maior inimiga.

— Então, não devo seguir o coração? — questionei ainda mais confusa.

De novo hesitaram e foi a minha avó quem respondeu:

— O coração pode salvar-te ou condenar-te.

— Não estou a perceber...

A voz falhou-me ao verificar que os seus corpos perdiam consistência. Num ápice, o que era sólido desvanecia-se em névoa. Ciente do que ia acontecer, gritei terrificada:

— Não! Não me deixem sozinha!

— Tens de regressar, Kelda — fez Throst no seu tom de comando. E Catelyn concluiu, fenecendo a voz doce com a essência:

— Tu não estás sozinha, meu amor! Nunca estarás sozinha...

Abri os olhos como um recém-nascido que desperta para a vida; o corpo dorido, sôfrega por ar... E com plena consciência de que fizera uma escolha terrível!

De início, a certeza de que o meu sacrifício poupara muitas vidas enchera-me de coragem para enfrentar as dificuldades que me aguardavam. Todavia, a Visão que me concedera a alegria de conversar com os meus avós também me impusera o sabor amargo da derrota. Teria a minha decisão arruinado quaisquer possibilidades de o Bem triunfar sobre o Mal? Será que, no esforço de defender as almas da Ilha dos Penhascos e de salvar Oriana, Lysander e Thorson, eu acabara por condenar a raça humana? Para alterar o futuro tivera de invocar a face mais tenebrosa da Arte Obscura... E, aparentemente, as forças que regiam o equilíbrio do universo não se dispunham a admitir que a minha transgressão escapasse impune.

A primeira pessoa que vi foi Erebus. De imediato, lembrei-me de que fora ele quem colocara as correntes de magia negra nos meus pulsos. Eu não resistira, temendo que Deimos resolvesse impor pessoalmente a sua vontade e deparasse com as minhas tatuagens. Entretanto, as correntes tinham desaparecido... Por isso eu

recobrou os sentidos! O facto de o meu primo as ter removido era um sinal de que nos aproximávamos do nosso destino.

O Sol brilhava e não se avistava uma nuvem no azul esplendoroso do céu. A luz radiosa que envolvia o navio forçava Erebus a abrigar-se debaixo de uma capa e a ocultar o rosto com um enorme capuz. A sua pele alva, raiada de veios pretos e vermelhos, era de uma sensibilidade extrema e facilmente ficaria ferida se exposta ao calor que a restante tripulação acolhia com prazer. Eu estava coberta com as vestes brancas da Sacerdotisa dos Penhascos e quase sufocava sob a mantilha. Por isso, nem imaginava o desconforto que ele devia estar a sentir sob o tecido escuro e grosso.

— Faltar pouco — silvou baixo, para que só eu escutasse. A sua voz arranhava os nervos a quem não estivesse habituado.

Levantei a cabeça e deparei com Deimos, a personificação do demónio que os padres cristãos descreviam nos seus sermões. Quedava-se à proa e, ao verificar que eu acordara, a cauda que nascia por cima do seu traseiro musculado estalou na madeira do convés, com o ímpeto de um chicote. Era segmentada como as dos ratos, do mesmo vermelho berrante da sua pele couraçada. Se me apanhasse uma perna, ter-me-ia rasgado a carne ou até fragmentado o osso. No entanto, o rei do Povo do Fogo tencionava apenas assustar-me, para que não desafiasse a sua autoridade. Como a minha avó dissera, enquanto acreditasse que eu era Oriana não se atreveria a encostar-me as garras, com medo de desgostar o seu mestre. Agitou os fabulosos cornos e troou, num tom cavo e ensurdecador:

— Dá-lhe água para que não desfaleça. Quero-a de pé quando atracarmos.

Erebus não respondeu. Aceitei a malga que me estendia e constatei que as minhas mãos tremiam de fraqueza. No fim, o meu primo foi obrigado a ajudar-me. Enquanto sorvia o precioso líquido por baixo da mantilha, tentei descobrir onde nos encontrávamos. O ar quente que cortava a respiração indicava que tínhamos avançado bastante para sul. Logo, estávamos demasiado longe do território do

rei viquingue e dos seus aliados para que alguém me pudesse valer. Em breve chegaríamos a um qualquer ancoradouro de desgraça... Teria, então, oportunidade de descobrir quem era o outro prisioneiro que seguia a bordo da frota?

Por mais que achasse que tal era impossível, o meu coração ainda guardava a esperança de que o meu pai estivesse vivo. Ele e a minha mãe possuíam uma ligação espiritual, que a Rainha do Sol garantia não ter sido quebrada. E a sua convicção só podia ser explicada com a sobrevivência do Rei da Lua à chacina perpetrada na Ilha dos Sonhos.

Os movimentos a bordo alteraram-se. Os homens preparavam-se para aportar. Erebus amparou-me para que eu espreitasse por cima da amurada. O que vi tirou-me o fôlego... Já não navegávamos no mar, mas num rio bastante largo, agitado e lamacento. Uma cidade monumental avultava-se orgulhosamente na margem esquerda, construída em socalcos no meio de uma imensidão de montanhas de areia estéril.

Os navios amontoavam-se no porto para onde nos dirigíamos, prova da elevada importância do território. Já em terra, era impossível contar os barcos em construção. A zona ribeirinha fora transformada num enorme estaleiro, onde centenas de pessoas se agitavam num turbilhão. Um pouco acima, casas sobrepunham-se a casas, aparentemente talhadas em argila e divididas por ruas tão estreitas que, a esta distância, se tornavam quase impercetíveis. A única coisa que distinguia as habitações daquela aberrante colmeia era a infinidade colorida dos toldos que protegiam os terraços e as janelas, formando uma manta de retalhos que parecia ondular ao sabor do vento do fim da tarde.

Num nível superior, uma muralha de pedra elevava-se a grande altura, estendendo-se ao longo do rio e desaparecendo entre as montanhas de areia. À primeira vista, juraria que nenhum exército, comandado por homens ou por deuses, teria poder suficiente para destruí-la. Afilei o olhar e distingi mais casas no seu interior, indiscutivelmente maiores e mais ostensas do que as primeiras. Aí,

os toldos que protegiam as janelas brilhavam sob os raios de sol e os telhados terminavam em cúpulas de cores vistosas: azuis, amarelos, roxos, verdes e vermelhos.

Por fim, sobre tudo isso, sustinha-se um enorme palácio, com formas curvas e harmoniosas, tão refulgente que feria o olhar. Eu viajara bastante ao lado de Lysander, mas nunca vira nada assim! O meu queixo caiu ao concluir que grande parte da construção era de ouro puro... Então, Deimos começou a trovejar ordens e a sua cabeçorra chifruda encobriu-me a visão, ensombrando-me minaz:

— É bom que arranjes forças para andar, senão ato-te uma corda e vais de rojo. Os teus dias de conforto terminaram, Sacerdotisa! Prepara-te para sofrer... E ora para que paguem o preço devido por ti ou hás de recompensar-me com sangue e carne por todo o trabalho que me deste!

Eu não esquecera que o rei do Povo do Fogo era também o rei da bazófia... Nem, tão-pouco, o quanto a minha indiferença o exasperava. Arrostei-o e revidei com uma frieza jocosa, como se estivesse a lançar-lhe uma praga:

— Queres devorar-me? Pois hás de morrer com um osso entalado na garganta!

O focinho animalesco desceu sobre o meu rosto: olhos ígneos, narinas dilatadas, presas descobertas como se prestes a abocanhar-me as faces. O seu rosnado nascia na garganta, furava os ouvidos e sacudia-me o cérebro. O fedor que exalava era uma mistura de enxofre com carne podre e uma pitada de fezes de cavalo. Não me mexi... Nem sequer pisquei! Quem nos observava haveria de pensar que eu era muito corajosa... Ou muito estúpida! Após tudo o que já sofrera, sentia-me simplesmente apática. Talvez estivesse louca!

O bafo de Deimos tornou a fustigar a mantilha. Rangi os dentes, preparada para engolir o vómito se este me subisse à boca. Não lhe daria o prazer de me ver fraquejar. Então, soltou um rugido, pulou para trás e virou as costas. Escutei o silvo da cauda a rasgar o ar, mas mantive-me firme. Ele desviou-a no derradeiro instante... E

suspirei de alívio. Desafiara a sorte, mas ganhara o duelo de vontades com o mais perigoso laçao de Sigarr.

Assim que o demónio se afastou o suficiente, Erebus resmungou:
— Não provocar... Desejar morrer?

Fixei-o com os punhos cerrados, mal contendo o ímpeto de replicar que a morte era uma das melhores sinas que eu conseguia antever.

* * *

Erebus carregou-me ao colo para terra firme. Os meus olhos irrequietos apoderavam-se de toda a informação possível, uma vez que a minha debilidade pouco mais permitia. O navio que me trouxera não fora o último da frota que atacara a Ilha dos Sonhos a aportar. Alguns ainda subiam o rio e eu tentava ansiosamente aperceber-me da existência de um estrangeiro a bordo. O esforço revelou-se vão... E a partir do momento em que o «Criador das Trevas» pôs os pés no ancoradouro, o caos engoliu-nos.

— Para trás! Para trás! — fremia um homem no dialeto nativo que eu aprendera na viagem. Empunhava um chicote e não hesitou em usá-lo, para afugentar as dezenas de jovens que nos rodeavam, tentando vender tapetes, cestos de palha e os mais variados utensílios e adornos, assim como comida, ou melhor, mistelas de aspeto dúbio. Franzi a testa ao ver cobras, lagartos e outros bichos aos quais nem era capaz de atribuir um nome, a espreitarem de dentro das suas sacolas ou expostos nas mãos estendidas. Um dos rapazes pôs uma aranha enorme e peluda à frente do meu nariz, como se estivesse a exhibir um tesouro.

— Sorte! Sorte! — clamava.

Felizmente, o silvo impaciente de Erebus fê-lo recuar, antes que eu soltasse um guincho.

Por entre as cabeças cobertas com turbantes, constatei que a maior parte dos navios atracados no porto era de transporte e comércio. Possuíam formas largas e rasas, perfeitas para navegar ao longo do rio. Muitos encontravam-se carregados com enormes

troncos de árvore, os quais eram puxados para terra com o auxílio de cordas e estrados que deslizavam sobre barrotes. O destino dessa madeira eram os estaleiros montados por toda a parte. Esta gente estava a construir uma nova frota de guerra! E, pelo que eu pudera observar antes de Erebus saltar para o ancoradouro, o número de barcos praticamente prontos a serem lançados à água superava largamente a magnífica frota de *drakkars* do rei Ivarr.

Os homens que trabalhavam nos navios eram diferentes daqueles que tentavam impingir-nos coisas. As suas vestes resumiam-se a panos enrolados à cintura, impregnados de suor e sujidade, ao passo que as cabeças, troncos e membros esqueléticos estavam expostos à agressão do sol. Escravos, sem dúvida... E, se alguma persistisse, lá surgiam os seus carrascos para dissipá-la, agitando chicotes no ar e fazendo-os estalar no chão ou contra as costas dos infelizes, sempre que estes vacilavam sob o peso da carga ou a dureza do trabalho.

— Trata-los pior do que animais... — murmurei indignada.

— Kelda quieta! — sibilou Erebus por baixo do seu capuz.

— Onde estamos? — perseverei num fôlego estrangulado.

— Calar! — tornou ele.

O chicote do guerreiro que abria caminho para o «Criador das Trevas» tornou a estoirar. Porém, os jovens pareciam não se importar de acabar o dia com alguns vergões na pele, desde que conseguissem vender algo. Uma estrangeira nestas paragens devia significar riqueza... Ocorreu-me que, no meio de tanta gente, ainda não vira uma única menina ou senhora. Que estranho! Qualquer povoado tinha de ter avós, mães, filhas... E nos portos nunca faltavam mulheres de má fama para entreter os homens!

Ia persistir na interpelação a Erebus quando, inesperadamente, a rapaziada debandou em pânico. Nenhum deles temia o chicote, mas não suportavam estar perto da sombra de Deimos! O demónio abeirou-se de nós e ribombou na sua voz arrogante:

— Cuida da Sacerdotisa... Eu trato do outro prisioneiro.

O meu coração sofreu um baque. Confirmava-se! «Ele» estava por perto! Tentei espreitar, mas a força dos braços de Erebus dificultava-me os movimentos. Deimos desapareceu e a multidão tornou a cercar-nos. Procurei o olhar do meu primo no interior das trevas cerradas do capuz e indaguei:

— Quem é o outro prisioneiro?

De repente, os rapazes afastaram-se, desta feita para cederem passagem a uma pequena carroça puxada por um cavalo possante e conduzida por um guerreiro que se sustinha de pé. Já vira esse transporte noutros locais. Era, inclusive, bastante utilizado em certas zonas do Império. Porém, algo na forma como estava enfeitado chamou-me a atenção. Um desenho sobressaía dos demais relevos na madeira. Assemelhava-se a uma flor partida, cujas pétalas tinham sido rasgadas e deixavam escapar uma lágrima... Então, o «Criador das Trevas» subiu para a carroça e não pude descortinar mais nada. Prendeu-me contra o seu corpo, para que não caísse, e silvou uma ordem ao guerreiro.

— Erebus... — insisti, engasgada. — Diz-me quem é o outro prisioneiro!

Só percebi que fincara os dedos nos seus braços quando me sacudiu com um repelão. Mirou-me com ferocidade e resmoneou:

— Kelda parar! Recuperar força!

O chicote estalou. O cavalo começou a andar; depois, a correr. A carroça deu um esticão violento e, por pouco, não tombei por cima da proteção lateral. Se saltasse, seria capaz de fugir? Não! Estava tão fraca que tornaria a ser capturada antes de me suster. Deimos provara a sua astúcia ao exaurir-me até à última gota de energia. Nesse instante, eu não era Kelda da Montanha Sagrada... Era uma mísera humana, prestes a desfalecer.

O chicote continuava a estalar. O cavaleiro vociferava. O cavalo ofegava. As pessoas desviavam-se à pressa, para não ficarem esmagadas debaixo dos cascos e das rodas. Era espantoso como a carroça conseguia progredir com ligeireza ao longo das ruas íngremes e estreitas. Cruzei-me com centenas de rostos — severos,

curiosos, amedrontados. Finalmente, vi algumas mulheres a espreitarem por pequenas frestas nas portas e janelas. Mesmo sob as sombras das casas e dos toldos, o sol era abrasador. A claridade feria-me os olhos e só respirava a grande custo. Tinha sede... Tanta sede! Tentei apelar à atenção do meu primo. Para onde me estaria a levar? E o que é que isso importava? Ia desmaiar...

Despertei num compartimento exíguo, jazendo no interior de um favo escavado na parede de argila. O ar entrava através de uma fenda onde mal cabia uma mão. A luz trémula de uma vela revelava dois alvéolos sobrepostos na parede contrária. Tudo indicava que me encontrava num quarto destinado a ser partilhado por quatro pessoas, possivelmente escravos ou guardas. Porém, já vira túmulos mais confortáveis!

Alguém acabara de me esbofetear para me obrigar a recobrar os sentidos. Deimos estava à entrada, mas não fora ele o agressor ou a cabeça ter-me-ia saltado dos ombros. Devia ter sido o guerreiro que segurava o castiçal e me arrostava com um ar minaz, como se orgulhoso do feito. Realmente, quantos homens se podiam gabar de me terem dado um tabefe? Guardei o seu rosto na memória, para retribuir a gentileza mal recuperasse o alento.

Apesar de não existir porta, Deimos tinha de se curvar para não arranhar os cornos no teto, enquanto espreitava. A sua voz estrondeou, quase lascando a minha cabeça dorida:

— De pé! Já perdi demasiado tempo contigo!

O guerreiro esticou-se para agarrar-me o braço. Sacudi-o e levantei-me com cuidado, pois sentia o chão a oscilar debaixo dos pés. Treinar com Lysander tornara-me audaz e rija. Mesmo no limite das forças, não daria a estes malditos o prazer de me ouvirem queixar.

— Mexe-te, mulher! — ordenou Deimos. — Estou farto de ti!

Uma obediência rápida acusaria temor. Além disso, convinha-me que o chifrudo se persuadisse da minha fragilidade. Assim, num momento de aflição, teria a surpresa como aliada. Caminhei devagar,

afrontando a sua paciência... Com mil ratazanas assanhadas, o demónio teria de suar para conquistar a minha caveira!

Saí para um corredor e verifiquei que Erebus também me aguardava. Outro guerreiro juntou-se ao primeiro e tentaram intimidar-me. Porém, eu já não estava inconsciente... Apesar de coberta pela mantilha, bastou um olhar para que recuassem. Ainda deviam urinar-se pelas pernas abaixo sempre que recordavam o incidente com Korn!

A passagem de argila estava repleta de entradas, que conduziam a favos semelhantes àquele onde eu acordara. Comecei a distinguir rostos na penumbra e concluí que, realmente, se tratava de um dormitório de escravos. Entretanto anoitecera e o ar tornara-se frio. Entrámos numa torre preenchida por escadas circulares, que davam acesso a vários corredores laterais. Contudo, Deimos não se detinha na subida. O guerreiro que o seguia olhava constantemente por cima do ombro, como se receasse que eu o apunhalasse pelas costas... Esse pensamento fez-me torcer o pé na bota, à procura do punhal do avô Throst. E o meu coração pulou no vazio ao verificar que não o tinha comigo.

— Mais rápido! — rugiu o demónio, mal me atrasei. — Terei de içar-te pelo pescoço?

Os dedos escanifrados de Erebus pressionaram-me as costas, incitando-me a continuar. O contacto bastou para que se apercebesse do meu sobressalto. As minhas vestes colavam-se ao corpo, encharcadas pela transpiração. Na boca, o sabor salgado do suor misturava-se com o gosto metálico do sangue... Eu fora roubada! E não tinha dúvidas sobre quem era o ladrão. Se ao menos não me sentisse tão estupidamente fraca! Se tivesse ânimo para fazer frente a Deimos... Mas como? Como podia insurgir-me sem o legado de Lobo Cinzento?

De súbito, o toque de Erebus transformou-se numa carícia. A sua mão pousou suavemente na minha túnica e um frémito percorreu-me da cabeça aos pés. Tive de cerrar os lábios para conter um grito, sem saber como reagir. Então, no meio da confusão que me

assolava, comecei a respirar melhor, a névoa libertou-me o olhar, as pernas pararam de tremer... O «Criador das Trevas» acabara de me ceder energia curativa? O meu primo era capaz de sarar!? Ainda não recuperara do pasmo quando a sua voz ecoou dentro da minha mente:

«Não temer. Mestre Sigarr proteger.»

O quê? Erebus endoidecera! O feiticeiro que devotava a sua existência a destruir a minha família haveria de vir em meu auxílio? E após descobrir que fora ludibriado? Mais facilmente eu ganharia asas e voaria até casa! Além disso, de acordo com o que me fora dado a entender aquando do assalto à Ilha dos Penhascos, Sigarr viajara para o Norte. Logo, não podia estar aqui para ditar a minha sorte. Rangi os dentes e acelerei o passo, desejosa de enfrentar de vez o que me aguardava.

O enorme terraço estava implantado sob um lençol de estrelas. As chamas dos braseiros denunciavam a presença de guardas que não reagiram à nossa chegada, concentrados nas suas funções. Sustive a respiração ao confirmar a suspeita de que me encontrava no palácio dourado, tão próximo do céu que o meu olhar aguçado vislumbrava para além da margem oposta do rio. Conseguia mesmo seguir o curso da água revolta até à foz! Torres de vigia, estrategicamente posicionadas, revelavam tudo o que sucedia no interior e no exterior da grande muralha de pedra... Nenhum navio inimigo haveria de se aproximar sem ser notado.

A cidade que suscitara o meu assombro parecia adormecida. No entanto, o porto continuava a fervilhar de atividade e a zona do estaleiro estava bem iluminada, com tochas e fogueiras. Mesmo a esta distância, diferenciava os vultos dos escravos que trabalhavam sob o assobio dos chicotes. Aparentemente, a construção da frota de guerra não parava, quer fosse debaixo do sol tórrido ou do manto álgido da noite.

Comparada com o dia, a noite era muito, muito fria! Mesmo habituada ao gelo do Norte, senti a pele arrepiar-se por baixo das

vestes finas. Um vento feroz fustigava-nos, cravava as garras na minha túnica e sacudia-me, obrigando-me a cambalear sob o olhar impiedoso de Deimos. O monstro empurrou-me até ao lado oposto do terraço e, mais uma vez, o meu queixo pendeu de espanto. Nas traseiras do palácio, entre a infinidade de montanhas de areia sobrepostas, fora montado um acampamento com uma extensão impressionante, como se uma nova cidade tivesse irrompido do pó. Tendas alinhavam-se como cogumelos, alternando com pavilhões grosseiros, numa organização apressada e nada harmoniosa.

Mil questões fulminaram-me num só fôlego: seria este o campo de treino do exército de Sigarr? Que relações manteria o senhor desta terra com o mestre da Arte Obscura? Ter-se-ia tornado seu aliado? Ou seu servo? Sem dúvida, eu estava perante um gigantesco império do Sul... Todavia, por mais poderoso que o soberano deste solo pudesse ser, Sigarr só necessitaria de apelar à magia para avassalá-lo. Teria sido isso que acontecera? Afinal, o território preparava-se para travar uma guerra colossal! Nas minhas costas construía-se centenas de navios... E, em frente, estendia-se o maior aquartelamento que jamais vira. Com mil ratazanas terrificadas, o meu futuro estava prestes a ser decidido e mal tinha forças para me aguentar de pé!

Deimos jubilava de satisfação, agitava a cauda e sacudia os cornos, urrando para Erebus:

— Mestre Sigarr deve estar ansioso por conhecer o resultado da campanha! Entreguemos-lhe a mulher, para que possamos desfrutar da nossa vitória.

Franzi a testa com estranheza. Nova alusão ao feiticeiro? Mas tal não fazia sentido! Vergara-me aos meus algozes convicta de que Sigarr seguira num navio até ao Norte, a fim de confrontar Thorson. Assim sendo, era impossível já ter regressado... De repente, o meu sangue gelou. E senti-me uma perfeita imbecil! Se Sigarr fora aceite entre os seus, não necessitava de barcos para viajar! Bastar-lhe-ia recorrer à magia da Ilha Sagrada para chamar um trilho de luz, que o conduziria aonde desejasse. Isso lançava por terra tudo o que eu e

os meus líderes tomáramos como certo! Thorson até podia ter sido capturado... E se estivesse morto?

— Porque esperas, Erebus? — A voz do demónio perdera a euforia e zoava de impaciência.

— Deimos ter pressa? Deimos chamar mestre!

A réplica fez o monstro fumegar e grunhir de fúria, como se prestes a acometer. Estremeci, dividida entre o choque da revelação e a expectativa do que ia acontecer. O «Criador das Trevas» fartara-se de receber ordens e afrontava Deimos. Pelos vistos, o demónio era incapaz de apelar ao mestre, provavelmente porque este se encontrava na Ilha Sagrada. As energias que regiam o covil dos seres do ar deviam ser incompatíveis com a essência dos seres do fogo. Logo, o chifrudo necessitava da magia de Erebus... Era obrigado a engolir a fúria, baixar os cornos e descer do seu pedestal de soberba! Os dois podiam ter treinado juntos sob a orientação de Sigarr, mas não se toleravam. Até arriscaria apostar que se odiavam!

Só depois de marcar posição e ver Deimos recuar, Erebus avançou até ao limite do terraço. Mãos compridas e secas como galhos surgiram do interior das vestes cerradas e afastaram o capuz, desvendando a face fantasmagórica. Estaria a preparar-se para evocar um trilho de luz? Há muito que eu tentava apossar-me do feitiço que garantia acesso à Ilha Sagrada... Contudo, também não seria hoje que deslindaria esse enigma.

Os braços esguios de Erebus ergueram-se para o céu e os seus dedos uniram-se, libertando um raio que ascendeu a uma velocidade vertiginosa, muito para além das nuvens. Quando parecia que ia desaparecer no infinito, como que explodiu, dando origem a uma miríade de estrelas que se espalharam em todas as direções, faiscando e tremeluzindo, até se consumirem no ar. Engoli em seco, ciente de que esse devia ser um sinal para atrair a atenção de Sigarr... E a resposta não se fez esperar.

Apesar de a Ilha Sagrada não se revelar, o céu rasgava-se e um caminho fulgurante estendia-se até nós. Os guerreiros continuaram impávidos, quais estátuas de pedra. Ou eram incapazes de enxergar

o fenómeno ou estavam habituados a testemunhá-lo. Ainda assim, alguns ciciaram de assombro quando um homem surgiu do nada e flutuou até ao terraço.

O que faria Sigarr quando me visse? Decerto ficaria possesso mal descobrisse que Erebus mentira para me proteger! Até ao momento, o «Criador das Trevas» não se mostrara preocupado com essa possibilidade. Por isso, surpreendi-me ao vê-lo vacilar... Então, constatei que não fora o mestre da Arte Obscura quem atendera ao chamamento.

— Mestre Ingimar! — assobiou o meu primo, num timbre pouco seguro. — Onde mestre Sigarr?

Ingimar? Onde é que já ouvira esse nome? Erebus tentava disfarçar o nervosismo, mas pequenas gotas de suor inundavam-lhe a testa. Nas minhas costas, Deimos rosnava num tom cavo. Nenhum dos dois morria de amores pelo recém-chegado! Ingimar... De repente, as recordações trespassaram-me qual ferro em brasa. E tive de apertar os punhos, numa fraca tentativa de refrear o ódio. Fora aquele miserável que pactuara com Sigarr no rapto do meu irmão!

O feiticeiro fixava-me com o sobrolho franzido. Trajava uma túnica branca, enfeitada com intrincados bordados onde se misturavam fios de prata e ouro, num efeito que ofuscava o esplendor do próprio trilho. Os seus cabelos faziam lembrar uma cascata de raios de sol e, os olhos, um céu de verão... Não o divisara bem naquela noite fatídica. Agora, afligia-me ao verificar a sua semelhança com a minha mãe. Igual pasmo subjugara-me ao ver Sigarr e, mais tarde, descobrira que o réprobo era primo do meu trisavô Hakon. Estaria diante de outro parente de «O Que Tudo Vê», envenenado por séculos de invejas e rancores?

— Trouxestes a vidente Oriana como vos foi ordenado? — indagou a Erebus, numa voz que misturava frieza com desprezo.

— Querer falar mestre Sigarr... — insistiu o meu primo. Porém, o feiticeiro silenciou-o com um gesto brusco e estridulou, deixando clara a sua impaciência:

— Hoje ireis prestar-me contas! O Conselho confiou-vos uma missão bastante simples...

— E nós cumprimos-la! — interferiu Deimos, cravando as garras no meu braço e arrastando-me até ao trilho. Estacou no limite do clarão, provando ser incapaz de assomar a sua energia. Depois, empurrou-me sem cortêsias para os pés do feiticeiro e anunciou à pressa, como se desejoso de se ver livre do transtorno da situação:

— Eis Oriana, a nova Sacerdotisa dos Penhascos.

Caí desamparada junto da barra da túnica que encobria as sandálias do execrando ser. Fitei-o, com o rancor e o terror a derramarem fel na minha garganta. Porém, a atenção de Ingimar voltara-se para o demónio, denunciando um vilipêndio ainda mais profundo do que aquele com que defrontara Erebus. Uma inimizade milenar separava o Povo do Ar do Povo do Fogo, agravada pela luta que Hakon travara para salvar a raça humana e que culminara no exílio do rei Vulcan, pai de Deimos. De certeza que esse incidente estava bem presente na memória de ambos, enquanto se estracinhavam com o olhar.

Por fim, Ingimar encarou-me. Agitou a mão e senti uma pressão incrível em redor do pescoço. Fui içada e acabei a sacudir as pernas no ar, enforcada pelas amarras invisíveis da sua magia. O olhar letal estreitou-se ao exprobrar:

— Para quê uma mantilha?

— Já expliquei... — replicou Deimos, mastigando a ira. — A vidente tornou-se Sacerdotisa dos Penhascos. Foi necessário protegê-la do olhar dos homens...

Ingimar pôs fim às justificações com um berro feroz. E a mantilha voou, arrancando-me uma infinidade de cabelos. A dor foi tão inesperada que me fez gritar. Perdi o fôlego quando o feiticeiro me atraiu para mais perto. Parte da minha consciência absorveu o ronco de Deimos, ao perceber-se enganado. A outra estava cativa da sanha de Ingimar... Os seus lábios comprimiram-se até desaparecerem. Era óbvio que me reconhecia! Ainda assim, deu-se

ao incômodo de revelar os meus pulsos, ansioso por confirmar a acutilante suspeita.

Mesmo que estivesse restabelecida, duvidava que conseguisse ocultar as tatuagens do Guardião da Montanha da percepção do feiticeiro. Os seus olhos arregalaram-se ao depararem com o dragão que perseguia a Lua, no pulso esquerdo... e quase saltaram das cavidades quando constatou que, no pulso direito, era o Sol que desafiava a criatura mística.

— Aberração! — bradou. E apelou à descomunalidade do seu poder para me arrojarem contra o terraço, como se enojado. Despenhei-me entre Deimos e Erebus, enquanto ele fremia: — Seus imprestáveis! Essa mulher não é Oriana... É a herdeira daqueles que se intitulam Guardiões das Lágrimas do Sol e da Lua!

Esperei pela ordem: «Matem-na!» Todavia, Ingimar calou-se e sobranceou-se, virando as costas à perplexa assistência. Depois, sem mais, sumiu-se, como se se fundisse com a energia do trilho que se desvanecia no céu.

Por um instante, apenas escutei a respiração ofegosa dos guerreiros e o resfolgo do demônio. Os olhos ardentes de Deimos devassavam-me a carne e o espírito, tamanha a raiva que o assolava. A cauda chicoteava o chão, arrancando lascas de argila, ao mesmo tempo que um jorro de fumo se escapava por entre as presas desconformes.

— Deimos... — chamou Erebus. E o monstro arrostou-o, ribombando furibundo:

— Porque mentiste? Para me humilhares? Não... Este aleive também te cobre de vergonha!

— Mestre Sigarr querer mulher — ripostou o outro, deslizando subtilmente para o meu lado.

— Mestre Sigarr ordenou que lhe trouxéssemos a vidente Oriana... Não a filha da Montanha Sagrada! A rameira de Lysander!

O discurso exaltado do demônio era quase incompreensível. Erebus parou à minha frente... Apercebi-me da sua intenção e comecei a arrastar-me para longe, enquanto ele sibilava:

— Mulher valiosa.

— Sim... — urrou a besta. — Uma presa formidável! Hei de torturá-la até que a última gota de sangue a abandone!

Tencionou acometer, mas Erebus barrou-lhe corajosamente o caminho.

— Mestre desejar mulher sã...

— Ousas contrariar-me, seu inútil?

— Mulher irmã Halvard...

— Basta!

O clamor de Deimos foi seguido de um vômito de fogo. Tentei erguer-me, mas estava tão fraca que as pernas me falharam... E ainda bem que assim foi! Erebus esticara os braços, recorrendo à ajuda do ar para formar uma proteção mística, que impedia as chamas de nos queimarem. Contudo, o furor do demónio era tão intenso que o fogo transbordou sobre esse escudo, rasou a minha cabeça e atingiu alguns dos guerreiros que nos observavam, paralisados de horror. Os seus berros atormentados feriram-me os ouvidos, enquanto as labaredas vivazes os devoravam. Em desespero, uns lançaram-se sobre a balaustrada e precipitaram-se no abismo, enquanto os outros se contorciam num frenesim, até tombarem, arrebatados pela morte.

O fedor da carne queimada cortava a respiração. Apavorada, verifiquei que as flamas venciam a resistência de Erebus e lambiam as suas roupas. O sopro ardente não esmorecia! Onde iria o monstro buscar tanto fôlego?

Os homens que tinham sobrevivido debandavam em pânico. A garganta do meu primo cedia um silvo de aflição... Então, quando eu já acreditava que ele iria ser abrasado, Deimos estalou a cauda no chão e arremessou-a em frente, com um impulso violento, usando-a como uma lança para trespassar o desafiador.

Os veios pretos e escarlates que cobriam a pele nívea do «Criador das Trevas» ressaltaram como raízes que se escapam à prisão do solo. E o seu guincho de dor arrepiou a noite.

— Não! — bradei horripilada, convicta de que Erebus estava condenado. A cauda segmentada varara-lhe o ventre e ressurgira-lhe nas costas.

— Afronta-me agora, traidor! — urrava o monstro, espumando lava por entre as presas.

— Solta-o! — gritei desesperada. E investi contra o demónio, num ímpeto desvairado, disposta a atacá-lo com as mãos nuas.

— Tu... — cuspiu Deimos com desdém.

— Não! — foi a vez de Erebus berrar, engasgado em sangue, enquanto a cauda do émulo se contorcia, aumentando o seu suplício. Os olhos negros pareciam prestes a galgar as cavidades e os buracos por onde respirava distendiam-se, em manifesta agonia.

Tentei apartá-los, mas Deimos não permitiu. Projetou um braço e desferiu-me uma pancada brutal na cabeça. Perdi os sentidos muito antes de me esmagar no terraço.

CAPÍTULO 2

Eu podia ficar neste lugar para sempre... Vaguear pela bruma da inconsciência sem uma única preocupação. Nenhum remorso pelo passado. Nenhuma apreensão quanto ao futuro. Apenas deslizar e respirar... Sentir o bater do coração... Desfrutar da paz...

Não me permitia lembrar como chegara até aqui. No íntimo, sabia que um pensamento bastaria para dilacerar esta harmonia e arrojarme para um poço de tormentos. Por isso, simplesmente flutuava através do nevoeiro que sarava a essência... Respirava e deslizava...

— Kelda!

O apelo atravessou a névoa colorida e atingiu-me na fronte. Sacudi a cabeça, atordoada. Kelda? Era esse o meu nome! De onde conhecia aquela voz? Do passado... De uma realidade dolorosa que eu não queria recordar! Desejava continuar a pairar no infinito... Voltar a desfrutar da paz... Mas o chamamento não se calava:

— Kelda... Acorda, Kelda!

Um homem... Um príncipe de sangue antigo... E o seu nome rompia o véu que escudava a minha memória, fazendo o coração bater com mais força: Lysander da Gente Bela, o meu mestre... O meu amor... A paz estava destroçada!

— Tens de despertar, Kelda! Tens de despertar já!

Abri os olhos... E deparei com uma sala que mais parecia um enorme túmulo de argila, sem uma fresta por onde a luz ou mesmo o ar pudessem entrar. A porta situava-se à direita, forjada para resistir ao abalo de um aríete. Das paredes e do teto alto pendia uma imensidão de correntes de ferro bastante usadas, assim como gaiolas torcidas e carregadas de ferrugem, decerto destinadas à tortura dos condenados. Existiam muitos archotes em meu redor, mas apenas três ardiam, numa dolência fúnebre. As manchas escuras que preenchiam o chão testemunhavam a quantidade de sangue que aqui fora derramado. De resto, a única coisa que saltava à vista era uma mulher aprisionada ao fundo desse antro... As

correntes que a suspendiam pelos pulsos irradiavam uma luz estranha, mistura de fulguração púrpura e preta, que só podia ter uma origem: a magia maldita.

A mulher inclinava-se para a frente, inerte, esgotada. Os cabelos negros cobriam-lhe as faces, emaranhados qual ninho de ratos. As suas vestes, outrora brancas, estavam carregadas de pó e manchadas de vermelho, disformes de tão rasgadas. O sangue que vertera formara uma poça no chão, por baixo da cabeça. Aproximei-me devagar, com o coração em debandada... O meu olhar foi atraído para os pulsos esguios, iluminados pelas correntes. O direito estava tatuado com o desenho de um dragão que voava rumo ao Sol; o esquerdo, com um dragão que perseguia a Lua. Comecei a tremer tanto que até os dentes batiam. A custo, ergui a mão e afastei-lhe os cabelos... O rosto da jovem estava deformado por um inchaço descomunal, que o transformara num bolbo roxo e escarlate, lacerado e pisado. Mesmo assim, não tive dificuldade em reconhecê-la... Eu estava a olhar para mim! Para o meu corpo moribundo!

— Kelda... — gemi, estrangulada de angústia. E sofri novo sobressalto ao constatar que essa voz não me pertencia. Governada por uma vontade alheia à minha, tomei o meu rosto entre as mãos e beijei os meus próprios lábios.

Senti-me cair... rodopiar no ar, sem controlo... e tombar outra vez. De repente, estaquei e uma energia sadia fez-me estremecer, estrebuchar... Eu estava presa! Mas como, se ainda agora caminhara ao meu encontro? No meio desse delírio, dei por mim a fazer um esforço colossal para abrir os olhos. E, quando enfim consegui, descobri-me dentro do corpo cativo das armelas de luz, a fixar o rosto atormentado de Lysander.

— Lys... — comecei, engasgada; com a cabeça a doer tanto que mal conseguia articular um som.

As suas mãos ampararam-me e, por entre a cerração que me toldava o raciocínio, concluí que não eram feitas de carne e osso, mas de energia. Lysander não estava efetivamente aqui! Fora a sua essência que me buscara e tentava devolver a razão.

Voltou a unir os nossos lábios, com infinita delicadeza para não me causar dor. E fui varrida por uma onda de calor que me fez suspirar dentro da sua boca. Acreditara que jamais tornaria a experimentar o sabor inebriante da sua saliva, o aconchego do seu corpo... Como desejava abraçá-lo! Queria escapar a este pesadelo, regressar a casa e nunca mais sair do seu lado.

— Porquê, Kelda? — arquejou roucamente, imerso no meu olhar.
— Porque nos enganaste...? Porque te sujeitaste a isto?

— Não tive opção — ripostei num sussurro. — Eles acabariam por te matar...

— Sacrificar-me-ia alegremente para não te ver assim!

— Eu não conseguiria viver sem ti...

— E como poderei eu viver se algum mal te ocorrer, menina-feiticeira?

Sustive o olhar de céu noturno repleto de estrelas, indagando ansiosa:

— Não estás zangado?

— Zangado? — titubeou, sacudindo a cabeça. — Oh, Kelda...

Deteve-se abruptamente e espreitou por cima do ombro, para a porta. Depois enunciou com acérrima convicção:

— Tenho de te libertar. Respira fundo.

A sua essência já afluía a minha. Uma a uma, as partículas da sua energia penetraram-me na carne. Todavia, porque a minha magia estava esgotada, o processo de fusão tornava-se doloroso, quase uma intrusão. Quedei-me gelada, incapaz de respirar, sentindo o coração falhar... Só quando as nossas consciências se uniram por completo, consegui recuperar a visão, o domínio dos músculos e da razão.

— Lysander... — apelei, atordoada. Porque é que Deimos não me matara? Como viera eu parar a esta sala? E como é que o meu mestre me achara? Então, a sua voz ecoou-me na mente, como se eu possuísse duas cabeças que disputavam pensamentos:

«Agora não, Kelda! Deixa-me assumir o controlo ou estaremos perdidos.»

Entreguei-me sem reservas, aliviada por o desconforto físico ter praticamente desaparecido. Movida pela vontade de Lysander, retesei os braços e testei o vigor das correntes. Surpreendi-me ao ouvi-lo evocar um sortilégio de assimilação. Podia fazê-lo, pois não era o seu corpo que, na realidade, estava cativo. Em consequência, ao invés de se quebrarem, as partículas cintilantes das armelas começaram a decompor-se e a fundir-se com a minha pele. Nada foi desperdiçado! Eu estava tão fraca que toda a magia, luminosa ou obscura, era bem acolhida pela essência.

Enfim livre, vacilei e acabei por cair de joelhos. A força de Lysander animava-me, mas tinha de ajustar a percepção à estranheza causada pela junção dos nossos espíritos, que resultava na indefinição de onde o meu ser terminava e o seu se iniciava. Enquanto vencida essa adversidade, servi-me da parede para me sustentar e deslizar até à porta. Estranhei ao sentir a argila fria debaixo dos dedos. Numa terra onde o sol estalava as pedras, tal só podia significar que a noite se impusera há muito... Ou que eu estava profundamente enterrada no solo.

«*E agora?*», indaguei, ofegante. «*Como vamos sair daqui?*»

O príncipe não respondeu de imediato. O meu empenho resultara numa harmonia que fazia os nossos corações baterem em uníssono. Por isso, no momento em que o seu sofreu um baque, depreendi que estávamos em apuros. E quase gemi de horror quando ele declarou:

«*Vais ter de confiar em mim e deixar-me controlar o teu corpo...*»

A porta abriu-se de supetão, paralisando-me. E uma criatura retirada do mais funesto pesadelo fez a sua aparição.

«*Kelda...*» O tom de Lysander esbanjava aflição.

Instintivamente comecei a recuar, ao mesmo tempo que volvia:

«*Eu confio em ti. Faz o que tiver de ser feito.*»

O olhar de Deimos envergonhou as flamas dos archotes. Fechou a porta e a enorme cela tornou-se exígua ante a sua colossalidade. O chão rangia sob o peso descomunal, a cada passo que dava. Por

cima da minha cabeça, as gaiolas de ferro oscilavam com a vibração. Gelei até ao âmago quando a voz cavernosa bramiu:

— Libertaste-te? Talvez tenha subestimado o teu poder!

O azorragar da cauda segmentada estilhaçava a argila. Sacudiu a cabeça, nervoso por me encontrar de pé, e continuou:

— A cria dos assassinos do meu pai... Será um prazer sangrar-te devagar! Muito devagar! Vou esventrar-te e deliciar-me com as tuas entranhas, enquanto berras por clemência.

E atacou. Ainda estava demasiado estonteada para reagir, mas Lysander assumiu o comando e obrigou-me a rebolar. A gigantesca pata abriu uma fenda no chão, a um palmo da minha cabeça. Não havia tempo para hesitações! Sob a vontade do meu mestre, levantei-me com um salto e corri para a porta. Só a agilidade podia salvar-me.

Escutei o urro de frustração da besta, ao falhar a acometida. A magia de Lysander permitiu-me abrir a porta. Preparava-me para atravessá-la quando esta se fechou na minha cara... e desapareceu, consumida por labaredas! Espreitei por cima do ombro e vi a garra do demónio estendida, candente devido à evocação da magia. Então, soltou uma gargalhada e fremiu:

— O teu mestre garante que és excepcional... Vejamos se é verdade!

Libertou o vômito ardente, cobrindo-me de flamas. De imediato, Lysander socorreu-se do ar para criar uma esfera protetora em nosso redor. Ainda olhei para a porta, com uma réstia de esperança. Todavia, esta permanecia encoberta por uma cascata de fogo, que se espalhava através das paredes, trepava para o teto e vertia para o chão. O efeito era aterrador! A sala transformara-se num forno gigante... E nós estávamos à mercê de Deimos, sem recursos para escapar à fúria arrasadora do seu poder. O estridor das chamas que lambiam o escudo mágico foi-se tornando ensurdecedor, quais silvos de almas danadas. E o fedor a enxofre envenenava-me, deixando-me tonta e nauseada, prestes a desfalecer.

«Ajoelha-te!», bradou Lysander dentro da minha mente. «Não permitas que as labaredas te toquem! Aguenta um pouco... Só mais um pouco...»

Tentei ignorar a dor que me dilacerava os pulmões. Se o príncipe empreendera esta longa e perigosa viagem para me ajudar, a minha obrigação era resistir! Porém, a energia com que me sustentava exauria-se à velocidade do pensamento. Deixei-me tombar, com o peito assente nas pernas e as mãos sobre a cabeça. O lume consumia o ar da cela e, conseqüentemente, a bolha que nos protegia. Era impossível escapar! Seria queimada viva e Lysander findaria comigo, pois a sua essência estava cativa do meu corpo.

Em menos de nada, encontrei-me agachada no chão, subjugada e indefesa. O calor que devorava o espaço fazia a minha pele latejar e derreter-se em suor. Febril, vi a esfera mirrar e a mortalha de chamas aproximar-se, crepitando morbidamente até roçar-me o nariz.

«Lys... Perdoa-me!»

«Não há nada a perdoar, meu amor...»

O meu coração quase explodiu, num misto de pasmo, dor e felicidade. Lysander acabara de dizer que me amava! Não podia vê-lo, mas sentia o abraço da sua essência a apaziguar o meu tormento. Arquejei, forçando-me a manter a consciência. Estava condenada, mas o príncipe ainda podia valer-se de uma réstia de magia para preservar a vida.

«Vai!», ordenei com convicção. «Regressa ao teu corpo...»

O seu grito de revolta cortou-me a voz:

«Não! Tu nunca desististe de mim... Salvaste-me quando já não havia esperança! E eu também não cederei. Jamais desistirei de ti, Kelda!»

Os meus olhos encheram-se de lágrimas, imediatamente sorvidas pela ardência. O braseiro aflorou-me a pele... Então, no instante em que a agulhada da queimadura se anunciava, insuportável e definitiva, um vento libertou-se do meu pescoço, lançando sopros gélidos sobre o tronco e detendo o gozo das línguas de fogo. Em

simultâneo, uma brisa restauradora invadiu-me o nariz e restituiu-me o fôlego.

«Lys...?», apelei, sem entender o que sucedia. E o príncipe volveu:

«*Aguenta-te, Kelda! Eles estão connosco.*»

Eles? Quem? Subitamente, apercebi-me da sua presença: uma energia primordial e pura, sublime e vigorosa... Estava desvendado o mistério de como Lysander chegara até mim! A minha avó Catelyn manifestava-se através do fio que ela própria tecera e que pendia do meu pescoço, espargindo magia sobre a pele. Por sua vez, o avô Throst exercia influência sobre o herdeiro de Lyria... E foi a sua voz inconfundível que ribombou dentro da minha cabeça, deixando-me atordoada:

«*Recua, Lysander! O teu tempo esgota-se.*»

«*Não!*», insurgiu-se o pupilo, desesperado. «*Não posso abandoná-la!*»

«*Fizeste o que estava ao teu alcance...*»

«*Ainda assim, tenho de tentar!*»

Clamei, suplantada pela necessidade de ouvir a minha voz. Estava a ser devassada por três consciências... E isso era mais do que conseguia suportar!

«*Basta!*», estrondeou a feiticeira Catelyn, ao inferir a minha agonia. «*Ides enlouquecê-la!*»

As vozes calaram-se... E um conforto sereno restituiu-me o alento, permitindo-me pensar. Espantei-me ao constatar que as flamas que nos comprimiam principiavam a enfraquecer. Seria porque o ar se esgotara, privando-as de alimento? Ou estaria a magia de Deimos a definhar? Como se em resposta, divisei nuvens negras a entrecruzarem-se com as vagas de fogo. As paredes da cela incandesciam e os ferros das correntes e das gaiolas tinham derretido. Apenas a porta permanecia intacta, provando a origem mística do fenómeno. Enfim, também a bolha que nos escudara se consumia, deixando-me prostrada no chão, a convulsionar devido à energia que a minha avó injetava no meu corpo.

«*De pé!*», ordenou. «*É tempo de ensinares uma lição a esse monstro!*»

A sua firmeza animou-me e ajudou a suster-me. A magia pulsava no meu sangue, mas a mente estava trôpega e dorida. A poucos passos, Deimos também cambaleava. A sua respiração saía em jorros de fumo preto, que flutuavam quais fantasmas sob a pressão do ar que a minha pele exalava. E os olhos ígneos esbugalhavam-se, libertando chispas da mais pura sanha, ao verificar que o seu empenho fora vão... Eu subsistira incólume à selvajaria do assalto!

— Como podes estar viva? — esbraveou de ódio, recuperando o equilíbrio.

E prestes acometeu, fechando as manámulas disformes em torno do meu pescoço. As garras torceram e as unhas golpearam, fazendo o sangue jorrar. Tentei contrariar o seu ímpeto e consegui manter a cabeça sobre os ombros. Todavia, ambicionar afastá-lo era como pretender arrebatrar uma árvore centenária à terra, recorrendo exclusivamente à força dos braços. Entrementes, o monstro arrastava-me através da cela, sacudia-me e retumbava:

— Como foi que resististe, abominação?

Devia estar a oferecer boa oposição ou ele já me teria degolado! Cerrei os dentes para não bradar de dor... Então, senti uma agitação no âmago e comecei a ganhar o confronto de vontades. Lysander aliava-se a Lobo Cinzento para me libertar do demónio. Aos poucos, as unhas foram afastadas da carne e, sob a intervenção de Pequena, as minhas feridas começaram a sarar, perante o esgar assombrado de Deimos.

— Mas... Que magia é essa?

A terrífica cabeça pairou sobre mim. Preparei-me para escapar às presas letais... E só tarde me dei conta da sua verdadeira intenção. Antes que pudesse repeli-lo, já se apoderara do meu segredo.

— Lysander! — fremiu possesso. — Maldito bastardo! Vou matá-la... E devorá-la com a tua essência aprisionada no seu corpo!

O que se seguiu foi tão rápido quanto assustador. Adivinhando o propósito do nosso émulo, Lysander libertou-me abruptamente,

fazendo-me tombar desamparada. Gelada até à alma, vi a sua essência ganhar solidez e lançar-se contra Deimos, seguida por duas nuvens refulgentes. A besta reagiu, subjugando-o. Queria rasgar-lhe o peito, mas o meu mestre contrariou o golpe. Furioso, o demónio rugiu e torceu o pescoço, tentando vará-lo com os cornos... Nesse instante, uma das nuvens cobriu-os, assumindo consistência, até o vulto luminoso de Lobo Cinzento se tornar perceptível.

Boquiaberta, vi as pernas do meu avô rodearem o tronco de Deimos, ao mesmo tempo que os braços lhe prendiam o pescoço, puxando a grotesca cabeça para trás e impedindo-o de trespassar Lysander. Em simultâneo, a outra nuvem envolveu o príncipe da Gente Bela, arrastando-o para longe do alcance do monstro. O espírito da minha avó Catelyn abraçava a essência do herdeiro de Lyria... No entanto, só entendi o seu propósito quando o meu mestre vociferou, com um ardor desatinado:

— Não! Se a deixarmos, ele vai matá-la!

— Lysander... — bradei, enquanto a sua energia se desvanecia, suplantada pela magia que o impelia a retrogradar. E o meu amor respondeu, num fragor de puro martírio:

— Kelda! Kelda... Não!

Lobo Cinzento soltou Deimos e mergulhou na névoa colorida que o aguardava. Uma última cintilação... Depois, as trevas devoraram a cela de tortura, aliando-se a um remanso funéreo que pressagiava o meu fim. Solucei, incapaz de respirar tal o horror que me flagelava. Os meus avós tinham resgatado a essência de Lysander... Mas eu ficara para trás! Eu ficara para trás!

Um bramido profanou o silêncio arrepiante, aumentando de intensidade até se transformar num rugido atroador. Quedei-me a tremer, tolhida por um medo irracional. Nunca me sentira tão vulnerável, despida da mais ténue esperança. Ia morrer... E depois? Não me dispusera a esse sacrifício quando tomara o lugar de Oriana? Já vivera para além de todas as expectativas... Ouvira Lysander confessar que me amava! O que mais podia almejar? Eu era Kelda da Montanha Sagrada, eleita *decisora* pela Pedra do

Tempo... E diante de mim estava o monstro que destruíra a Ilha dos Sonhos, massacrara o meu povo e assassinara o meu pai.

«*É tempo de lhe ensinarem uma lição!*», desafiara a minha avó.

Cerrei os punhos e traguei o fel do pavor. Ao impregnar-me de energia curativa, a feiticeira Catelyn certificara-se de que eu teria recursos para me defender. E, mesmo que a luta fosse inglória, o demónio não triunfaria sem sangrar!

Uma oscilação no ronco de Deimos anunciou o ataque. Desviei-me por puro instinto. Pulei, girei no ar e caí de pé, pronta para enfrentá-lo. Aos poucos, a minha visão restabelecia-se, permitindo-me distinguir a forma colossal através da escuridão carregada de fumo. A besta acometeu novamente, mas escapei-lhe por entre as garras. Sem hesitações, lancei-me contra o seu tronco e cravei-lhe as mãos nas costas, tentando derrubá-lo. Apelei a todas as forças físicas e místicas que persistiam no meu ser... Porém, foi como abalroar um penedo. As minhas botas esfolaram a argila e um abalo percorreu-me os ossos. Fiquei tão aturdida que nem me defendi quando o monstro me repeliu com um simples bofetão.

Choquei contra a parede e esmaguei-me no chão. Antes que conseguisse respirar, as unhas da besta furaram-me o peito. Gritei de dor e as lágrimas saltaram-me dos olhos, impossíveis de conter. Em agonia, enterrei os dedos na mão disforme, tentando libertar-me. Um grunhido que reconheci como uma gargalhada feriu-me os ouvidos... Então, Deimos ergueu o braço e o meu corpo deslizou pelas suas garras, com uma lentidão excruciante, enquanto os pés estrebuchavam no vazio. O sabor metálico do sangue inundou-me a boca e tive de ranger os dentes, para não voltar a oferecer-lhe o gozo de me ouvir carpir. A ardência do seu olhar iluminou a cerração, no instante em que me obrigou a encará-lo. O focinho abominável exibia um misto de raiva e êxtase ao fremir:

— Os teus mestres abandonaram-te, filha da Montanha Sagrada! E, sem magia, não passas de uma miserável cria de gado. Vou partir-te todos os ossos... hás de arrastar-te à minha frente, a ganir

por piedade! Não te darei o alívio da morte, enquanto não pagares devidamente por cada fôlego de humilhação que me infligiste.

Um repelão do braço descomunal e, de novo, fui projetada através da cela. Não obstante a dor, torci-me e minimizei o impacto da queda, aterrando com as pernas fletidas. Porém, tive de saltar imediatamente para escapar a outra investida. Obriguei-me a esquecer a agonia que me paralisava o ombro e o braço direito. A agilidade permitiu-me evitar os chifres e as garras... No entanto, estava cada vez mais encurralada! O demónio divertia-se a perseguir-me, a atormentar-me, a esgotar-me, como uma fera a brincar com a presa antes de a devorar. E, sem a ajuda do meu poder, eu mais não era do que uma lebre que ambicionava prostrar um lobo!

A porta... Se, ao menos, alcançasse a porta! Deimos marrava como um touro. Rodopiei às cegas, pinteí a parede com sangue e estatelei-me no chão. A besta já não esperava que me sobrasse alento para me esquivar e foi incapaz de refrear o impulso do ataque. Acabou por enterrar os cornos na argila e o seu ronco de ódio testou a estabilidade da cela. Estrebuchou e escavacou a parede para se libertar, cambaleando azoinado. Os estilhaços do barro caíram sobre mim, enquanto tentava suster-me. O golpe que sofrera era de extrema gravidade. Sentia-me nauseada e tonta, devido ao sangue que perdia. Mas, se parasse, morreria... E a porta estava tão perto!

Os meus olhos fixaram-se no objetivo. No entanto, a consciência alertava-me para a inutilidade do esforço. Mesmo que fugisse da cela, os corredores deviam estar cheios de guardas... Jamais escaparia desarmada, ferida e sem um pingó de magia para me proteger! Fechei os ouvidos à razão, demasiado obstinada para desistir. E tomei um fôlego penoso, arriscando uma corrida desesperada com uma oração nos lábios. Só mais duas passadas...

As garras do monstro colheram-me de baixo para cima. Nem senti a carne rasgar-se, tal a violência do embate. Por instantes, só vi estrelas a faiscarem na bruma. Deimos rugia um dislate, mas os

sons chegavam até mim distorcidos, como ecos sem nexos que subiam e desciam de tom. Enquanto eu lutava para não perder os sentidos, agarrou-me por um pé e arrastou-me para longe da porta. Engasguei-me, sufocada pelo meu próprio sangue. Pouco acima do meu rosto, a cauda segmentada assobiava, tal a raiva com que ele a sacudia. Fechei os olhos e resignei-me... Chegara o momento de enfrentar a morte. E eu não a temia! Era uma guerreira e seria recebida com orgulho pelos meus antepassados.

Deimos só se deteve no fundo da cela. Num arranco, lançou-me contra a parede e, desta feita, as costelas cederam sob a pancada. A dor teve o dom de me despertar. Mais uma vez, mordi o lábio para não gritar, enquanto me despenhava no chão. E o meu algoz não perdeu a oportunidade de se vangloriar:

— Halvard e eu já nos divertimos muito nesta sala! É para aqui que trazemos os imbecis que se atrevem a afrontar o Filho do Dragão... Prendemo-los exatamente onde estás, para que tenham uma boa visão das suas famílias, suspensas em correntes ao longo das paredes. Depois, desfrutamos dos gritos de terror e rogos de clemência, enquanto sangramos e esquartejamos as suas fêmeas e crias...

Não! Isso era mentira! O demónio inventava essa calúnia para aumentar o meu sofrimento! Halvard era um guerreiro... Não era um monstro como Deimos, capaz de torturar inocentes para satisfazer a sua perversão!

Tinha a boca cheia de sangue e não hesitei em cuspir-lho no focinho. Deimos calou-se; a sobranceira fora suplantada pelo ultraje. Deteve-se, incrédulo ante a minha ousadia... Então, a sua garra tornou a cair sobre mim, com uma determinação selvática, destroçando a carne já lacerada. Lysander ensinara-me a ignorar a dor... Porém, esgotados os recursos místicos, esta tornava-se insuportável! Ululei e contorcei-me, cativa das unhas lameliformes, enquanto ele me içava e se deleitava com a exibição do corpo estropiado.

— Grita, aleivosa! — roncou, excitado pelo ardor da contenda. — Suplica pela morte!

A minha expressão assegurou-lhe que jamais teria o que desejava. Então, bufou de raiva e começou a sacudir-me como se fosse um trapo. Ainda assim, evitava desfazer-me o coração para prolongar o seu regozijo. Dei por mim a urrar, mas de ódio. Completamente desvairada, lancei as pernas em torno da sua cintura, envolvendo-o num aperto estrangulador. Depois, usei o ânimo que me restava para me enterrar ainda mais nas suas unhas, deixando-o perplexo... E essa breve hesitação permitiu-me torcer o corpo e contrariar a sua força, vergando-lhe a mão até as garras se quebrarem sob o meu peso.

O berro do demónio juntou-se ao meu. Recuou bruscamente, flagelado pela dor. O olhar ardente arregalava-se nas trevas, fixando a mão como se não acreditasse no que via. As suas preciosas garras estavam partidas! Duas tinham mesmo sido arrancadas pela raiz e o sangue negro escorria-lhe pelos dedos.

— Rameira desgraçada! — rugiu possesso. — Vou esfolar-te viva...

Estava farta das suas ameaças! Mal senti o apoio do chão, levei as mãos ao peito e arranquei uma das unhas, ignorando o sangue que jorrava da ferida e enlameava o barro. As garras do Povo do Fogo eram autênticas adagas. Rasgou-me a carne mal a apertei. Contudo, já estava tão massacrada que a mente perdia a capacidade de assimilar a dor. Enquanto existisse uma gota de energia no meu ser, Deimos continuaria a suar pelo seu troféu.

Ao ver-me empunhar a garra, o monstro sacudiu os cornos e gargalhou. Levou a mão mutilada ao peito e marcou-se com o seu sangue. Depois, exibiu a outra mão e desdenhou:

— As minhas garras tornarão a crescer, antes que o meu estômago consiga digerir-te! Olha para ti... Mal te agentas em pé! É esta criatura patética que a profecia afiançava ser um guerreiro excecional, capaz de fazer os seus inimigos estremecerem de terror?

Deimos extasiava-se com o som da própria voz! Eu não conhecia ninguém que se gabasse tanto perante um adversário. Quando o vira pela primeira vez, na Ilha dos Penhascos, tamanha bazófia causara-me estranheza. Na altura, Lysander soubera tirar proveito da sua ufanía... Agora, eu fazia o mesmo! Se o demónio tivesse arremetido, já estaria morta. Porém, o seu discurso de vanglória concedia-me tempo precioso para raciocinar.

A pele dos seres do fogo era couraçada. Se eu o golpeasse com a garra não lhe causaria danos significativos e, garantidamente, perderia a mão no empenho. No entanto, deviam existir partes no seu corpo mais macias, vulneráveis... A tia Thora tinha predileção pelas virilhas dos inimigos. No campo de batalha, tomava partido do facto de ser mais baixa e ágil para deslizar pelo solo e trespassar os guerreiros nesse ponto vital. Eu não acreditava que fosse possível prostrar o demónio dessa maneira... Contudo, se tentasse, era garantido que ele jamais me esqueceria! A minha decisão estava tomada quando o chifrudo concluiu:

— Ao escolher-te, Lysander condenou o Homem... Certificar-me-ei de que a tua cabeça chegará intacta às suas mãos, para que saboreie o amargor da derrota!

A minha capacidade de adquirir conhecimento era magistral. Após a luta que traváramos, o olhar de Deimos desvendava o preciso instante em que resolvia investir. Atacou, convicto de que eu arriscaria uma corrida ou um salto para fugir. Porém, mantive-me pregada ao solo, só reagindo quando o seu bafo nauseabundo me esbofeteou as faces.

Num ápice, cravei os pés na argila para ganhar impulso e esgueirei-me por entre as pernas gigantescas. A besta tentou capturar-me, mas fechou os braços no vazio. E a garra que eu empunhava encontrou a solidez do alvo. A rapidez intrépida da minha investida desequilibrou Deimos e auxiliou o corte. Estava feito! Rebolei para o lado, antes que o jorro do seu sangue me conspurcasse os cabelos. Todavia, não pude evitar a chicotada da cauda.

Senti-me quebrar ao meio. Choquei contra a parede e aí fiquei, completamente torcida e paralisada. Um ronco onde a dor e a sanha se misturavam chegou-me aos ouvidos, concedendo-me a satisfação da vitória. O falo grotesco, que Deimos sempre exibia com orgulho, jazia no chão da cela, qual dejetos ensanguentado. Esta era, sem dúvida, a maior das humilhações que um inimigo lhe poderia infligir! O enfatuado macho sobreviveria à mutilação... Todavia, jamais voltaria a cobrir uma fêmea!

Com esse pensamento, desfaleci; tinha a vida suspensa por um fio. Ainda que Deimos recuasse, eu estava ferida de morte. Contudo, o rugido que anunciava o derradeiro assalto não se fez esperar. Obriguei-me a abrir os olhos e a encarar o meu destino. Recordei os meus pais, Halvard, Thorson e Oriana sentados à volta da fogueira, nas noites da minha inocência. Lembrei-me dos meus avós, Throst e Catelyn, e desejei reencontrá-los em breve... Agarrei-me à memória de Lysander, preparada para o último suspiro, no instante em que o demónio acometia com o olhar incendiado pelo mais feroz dos ódios.

De súbito, o som dissolveu-se na bruma e foi como se o meu espírito abandonasse a carne. Dei por mim a misturar-me com o ar e a observar impassível, enquanto o monstro se despenhava sobre a minha figura frágil... Nesse instante, um raio rasgou as trevas! Só então reparei que a porta da cela se escancarara e um vulto corria ao nosso encontro, exibindo uma arma semelhante a um chicote de flamas. A ponta rodeou o pescoço de Deimos, no exato momento em que os seus cornos iam perfurar-me o peito. A cabeça da criatura foi violentamente puxada para trás e o corpo abominável arrastado para longe de mim, a rugir e a espernear.

O homem que subjugara o rei do Povo do Fogo era alto e envergava vestes compridas e largas, de cor nêvea ornada a prata. Mal o demónio embateu na parede, o seu chicote dissolveu-se em chispas fulgurantes. Depois, com um mero gesto, deteve a insurreição de Deimos e impôs-lhe a inconsciência. Por fim, abeirou-se de mim e puxou-me para os seus braços. Assim que me tocou, foi

como se um vento morno sugasse a minha essência para o interior da carne.

Arquejei com sofreguidão, confrontada com uma dor lancinante. Os meus olhos dilataram-se e a faculdade de divisar no escuro revelou-me um manto de cabelos de ouro, que enfeitavam um rosto perfeito. Na agonia do delírio, tentei identificar o homem que me segurava ao colo, sem se importar com o sangue que lhe estragava a faustosa túnica. O seu olhar celeste era gélido... Contudo, ao fixar-me, essa frieza derreteu-se e suavizou-lhe a rigidez dos lábios. Era... perturbadoramente familiar! Era... Era...

CAPÍTULO 3

— Sigarr!

O grito escapou-me dos lábios quando recobrei a consciência. Sentei-me a esbracejar, como se tentasse empurrar o mestre da Arte Obscura para longe. Antes de desmaiar, reconhecera o homem que me libertara de Deimos! Sigarr interferira no nosso confronto e prostrara o pupilo. Depois, impregna-me de energia curativa... Teria eu delirado? Com mil ratazanas aturdidas, que motivo escuso levaria um dos meus maiores inimigos a resgatar-me?

— Sossega, Kelda... Estás segura aqui.

Virei o rosto e deparei com uma mulher. De imediato, recuei, com a respiração alterada e o coração prestes a saltar pela boca. Encontrava-me num quarto iluminado por uma luz sadia, no aconchego de uma cama tão larga que facilmente albergaria uma família numerosa, sobre o colchão mais confortável que alguma vez experimentara. As mantas que me envolviam eram extraordinariamente leves... Aliás, tudo o que me rodeava parecia concebido para desfrute de um rei, desde os reposteiros de seda que oscilavam ao sabor de uma brisa morna até à jarra de cristal que enfeitava uma pequena mesa redonda.

Após o primeiro abalo, titubeei de assombro ao verificar que me mexia sem dificuldade. Levei a mão esquerda ao peito, enquanto abria e fechava a direita. Estava sarada! Mas como? Mesmo admitindo a intervenção de Sigarr, a sua energia não era suficientemente forte ou pura para realizar tamanho prodígio! Abismada, afastei o decote da camisa de linho que me cobria, para confirmar que não sobrara uma ferida, uma cicatriz ou mancha na pele para testemunhar o suplício que vivera. E os meus ossos estavam intactos! Era impossível! A cauda de Deimos quebrara-me ao meio... Não existia magia capaz de sarar tamanha lesão!

A mulher levantara-se do cadeirão almofadado e fixava-me atentamente, estudando as minhas reações. O olhar castanho

revelava inquietação, como se espantada pela violência do meu despertar. Era bonita, graciosa e delicada, com cabelos cor de terra molhada, que lhe cobriam os ombros e ondulavam até à cintura. Não parecia mais velha do que eu... Todavia, os seus olhos denunciavam uma sabedoria centenária. Tratava-se, sem dúvida, de uma feiticeira! No entanto, essa ilação não me trouxe qualquer receio. Surpreendentemente, o meu instinto de preservação adormecera como se nada houvesse a temer.

— Onde estou? — indaguei. — Quem sois vós?

Após um gesto de assentimento, enunciou com clareza:

— Estás na Ilha Sagrada e eu sou aquela que responde perante o Conselho como «*Observadora*». Mas podes chamar-me Íris, pois é esse o meu nome.

Agonizei por mais uma migalha de informação, mas a feiticeira fechou-se num silêncio reflexivo. No entanto, o que declarara era suficientemente grave! Eu estava na Ilha Sagrada... E diante de uma *Observadora*! Lembrei-me dos livros que o meu trisavô Hakon escrevera, para elucidar os seus descendentes acerca da sua origem. Antes de se tornar Guardiã da Lágrima do Sol, e enquanto membro do Conselho, também ele fora um *Observador*, com a missão de estudar os humanos e descobrir formas de harmonizar as relações das duas raças. Partilharia Íris da boa vontade de «O Que Tudo Vê»? Não! Os Seres Superiores tinham declarado guerra ao Homem, o que fazia desta mulher uma inimiga. Porém... Porque é que não me sentia constrangida na sua presença?

A quietude do quarto oferecia-me o canto primoroso dos pássaros que repousavam na varanda. Era apaziguador... Trazia-me à memória as manhãs da minha infância, na Montanha Sagrada, quando acreditava que a vida era uma dádiva maravilhosa. Apeteceu-me fechar novamente os olhos... Contudo, não podia! Urgia descobrir porque os meus captores me tinham trazido para o seu covil. Talvez ciente da minha ansiedade, Íris ripostou:

— Ainda estás fraca, Kelda. Deves descansar mais um pouco.

Preparava-se para partir, mas detive-a com um gesto aflito.

— Espera! O que foi que me aconteceu?

— As perguntas podem aguardar até que estejas recuperada...

— Exijo saber como cheguei aqui! — cortei, tentando sair da cama. Todavia, mal os pés tocaram no chão, as pernas vergaram-se como se fossem feitas de geleia. Apesar de sarada, não possuía um pingo de energia no corpo! Se a feiticeira não corresse para me amparar, ter-me-ia estatelado sobre o tapete.

— És mesmo teimosa! — exclamou exasperada.

— Não sabes quanto... — comecei a trincar, mas ela atalhou com firmeza:

— Sei! Sei muito bem!

A réplica deixou-me perplexa. Estava prostrada nos seus braços, por isso era tolice contrariá-la. Soprei de frustração, mas permiti que me deitasse na cama e ajeitasse as cobertas, como se cuidasse de uma criança. Achei que ia virar costas e ignorar a minha angústia. Porém, após um longo suspiro de resignação, sentou-se ao meu lado e justificou:

— Foi Sigarr quem te trouxe.

— O quê?

— Depois do que sofreste é natural que não te recordes... Sigarr salvou-te de Deimos e entregou-te à mercê do Conselho. E o Mestre Supremo decidiu a teu favor! — Fez uma pausa, como se a complacência do seu soberano ainda a pasmasse. Depois, prosseguiu: — A tua cura foi um desafio para os Mestres Doutos. Mesmo com a mais excelsa magia da Ilha Sagrada ao teu dispor, estou convicta de que só sobreviveste por milagre.

Arfei e mal encontrei voz para indagar:

— Como foi que Sigarr soube...?

— Eu alertei-o — retorquiu, deixando-me para lá de assombrada.

— Como *Observadora*, apercebi-me do que estava a acontecer. E, tal como Erebus, calculei que Sigarr quisesse proteger a irmã de Halvard. Porém, tive de enfrentar Ingimar...

— Ingimar?

— Suspeito de que foi ele quem ordenou a tua morte. Deimos não ousaria assentar-te um dedo sem a garantia de que alguém mais influente haveria de livrá-lo do castigo do seu mestre. — Ao inferir a natureza da minha interrogação, prosseguiu: — Ingimar é o maior inimigo da causa que defendes. Foi ele quem convenceu o Conselho a declarar guerra ao Homem.

— Mas... Porquê?

Desta feita, as mãos de Íris envolveram-me os pulsos e exibiram as tatuagens do Guardiã da Montanha, antes de esclarecer:

— Porque Ingimar é irmão de Hakon e, como tal, acha-se herdeiro legítimo do poder da Lágrima do Sol. Nunca se conformou por o teu trisavô ter confiado esse legado à tua mãe, ao invés de restituí-lo à Ilha Sagrada. E, desde então, não se poupa a esforços para reavê-lo.

Por isso eu reconhecera os traços da minha mãe no rosto do facínora! Como era possível que conspirasse tão vilmente contra a própria família? Expressara com clareza o seu rancor: «Aberração!», clamara, assim que me pusera os olhos em cima. Pensar que, graças ao irmão, o sangue abençoado da sua linhagem se misturara com sangue humano devia enlouquecê-lo de ódio. Os Feiticeiros sempre tinham visto o Homem como criaturas inferiores, destinadas a servi-los. Outrora, escravos... Agora, inimigos. Uma praga que devia ser exterminada!

Engoli em seco e puxei pelas mãos, evitando o contacto com Íris. Depois, interpelei-a, sem me dar ao trabalho de ocultar a suspeição que me agitava:

— Porque intercedeste por mim? Sei que os *Observadores* estão proibidos de se imiscuírem nos assuntos dos Homens!

A feiticeira empinou o nariz, como se a minha aspereza a ofendesse. Levantou-se da cama e contraditou friamente:

— Então, é bom que também saibas que nem todos os feiticeiros têm o Homem como inimigo! Não obstante ser uma *Observadora*, a simpatia que sempre dediquei à tua família impediu-me de assistir impassível, enquanto Deimos te esquartejava. Porque ousei apelar a

Sigarr, fui punida... E o meu castigo é ter-te na minha casa e ser confrontada com a tua desconfiança, após ter arriscado o pescoço e a honra para te salvar! Neste momento, não é só o teu destino que está a ser decidido, Kelda... A minha sorte também pende no gume de uma lâmina.

E saiu do quarto, desembestada.

Após um instante de aturimento, escorreguei até às almofadas, perplexa com o que acabara de ouvir. Que um raio me fulminasse e reduzisse a pó! Nada fazia sentido! Quem era Íris, afinal? Qual a sua ligação à minha família? E a Sigarr? Porque quebrara as regras impostas pelo Conselho, para me livrar de uma morte certa?

Com tantas questões a atormentarem-me, ser-me-ia extremamente difícil adormecer... Mal completara o pensamento, já flutuava rumo ao mundo dos sonhos.

Durante três dias, deambulei através de um universo de névoa colorida. E não tentei lutar contra o torpor que me colava à cama. Estava prisioneira na Ilha Sagrada... Portanto, devia aproveitar esse tempo de indefinição para regenerar as forças físicas e místicas ou seria incapaz de me impor perante os Feiticeiros.

Ainda assim, não parava de cogitar no que teria de enfrentar quando abrisse os olhos. Será que Sigarr combatera Thorson? Teriam as Lágrimas do Sol e da Lua caído nas suas mãos? Com que intenção o mestre da Arte Obscura afrontara o seu cúmplice para me salvar? Estaria a vigiar-me? Ou já regressara à Terra para iniciar novas campanhas de terror? Teria Erebus sobrevivido? E saberia Halvard que eu me encontrava na Ilha Sagrada? Se sim, porque não me vinha buscar? E o que estaria Lysander a pensar? Julgar-me-ia morta às mãos de Deimos?

Íris intrigava-me. A nossa primeira conversa não fora pacífica. Ela tentara ganhar a minha confiança e eu reagira como se estivesse diante de uma inimiga ardilosa. Ela ofendera-se com as minhas suspeitas e eu ficara de queixo caído perante as suas revelações... Logo nessa noite, apesar do meu estado de inconsciência, tive noção

de uma presença estranha no quarto. Alguém detentor de uma energia fenomenal acercou-se, pousou-me uma mão na fronte e tentou romper a proteção inata da minha mente. O resultado foi supliciante! A sua magia corroía, qual veneno a queimar caminho para se apossar da minha vontade. Felizmente, o tormento foi breve. Mal o misterioso profanador se afastou, Íris apareceu para livrar-me da dor. E só partiu depois de se assegurar da integridade da minha essência.

O incidente repetiu-se nas noites seguintes. Sentia-me cada vez mais restabelecida... E ciente da primazia do meu agressor! Aquele feiticeiro era um mestre na sua Arte; a criatura mais poderosa que jamais se abeirara de mim. Todavia, parecia alheio ao facto de o seu malefício não estar a surtir efeito; completamente ignorante da resistência da minha mente e da ação de Íris, que surgia nas suas costas para consolidar as minhas defesas.

Despertei na tarde do quarto dia, sozinha e envolta num aroma delicioso, proveniente das ervas que ardiam numa taça sem se consumirem. Não senti quaisquer tonturas ao pousar os pés no chão. Estava refeita! E a imagem que o espelho me devolvia provava-o. Eu vira o meu rosto destroçado, através dos olhos de Lysander. Porém, tal como sucedera com o peito, as faces não apresentavam marcas da agressão que sofrera. Aliás, a pele exibia-se perfeita, tão macia como a de um recém-nascido. E quanto à magia? Fiquei dececionada ao verificar que ainda teria de descansar bastante para recuperar a plenitude do meu poder. Afinal, continuava à mercê dos meus captores... Nestas condições, seria inútil tentar escapar-lhes.

O que fazer a seguir? Procurar Íris? Ou explorar o mais possível deste ambiente hostil? Confessava-me totalmente confusa quanto às intenções da minha anfitriã. Ela falara como se discordasse da guerra contra o Homem! E o modo como agira nas últimas noites levava-me a questionar se seria uma dissidente do Conselho... Não! Eu estava a ser vítima de um plano engenhoso! Porém, os Feiticeiros enganavam-se redondamente se achavam que podiam conquistar a

minha confiança através das falinhas mansas de uma dissimulada. A bem ou a mal, haveria de descobrir o que se ocultava por detrás da máscara de simpatia da *Observadora*. E, para isso, só tinha de apanhá-la em falta e confrontá-la com a verdade.

Dirigi-me à janela, afastei as cortinas e inspirei o ar leve e fresco. Estava no primeiro andar da casa... Facilmente escaparia por aqui! Porém, para onde iria? A Ilha Sagrada pairava sobre as nuvens e eu não sabia como evocar os trilhos que conduziam à Terra. Mais valia ficar quieta ou esta ilusão de liberdade podia esfumar-se num piscar de olhos.

A casa da *Observadora* situava-se entre outras semelhantes, brancas e reluzentes, com formas direitas e linhas angulosas, interrompidas por enormes janelas que convidavam o sol a instalar-se nos aposentos. O conjunto de habitações estava virado para um jardim que parecia retirado de um conto de fadas. À minha frente, estendia-se uma imensidão de verde, enfeitado por canteiros repletos de plantas e flores, com todas as cores que a imaginação podia conceber, arbustos com formas que desafiavam a lógica e árvores carregadas de frutos que faziam crescer água na boca. Dezenas de pequenos riachos e fontes de água cristalina alimentavam essa perfeição e davam de beber aos animais que se passeavam livremente pelo jardim. Num único olhar, vislumbrei uma infinidade de pássaros que ofuscavam a beleza do arco-íris, cervos e cavalos, coelhos e arminhos... E, consolidando essa harmonia, ao fundo, elevava-se um castelo de cristal, infinitas vezes mais majestoso, fenomenal e deslumbrante do que eu idealizara a partir dos desenhos que a mão hábil de «O Que Tudo Vê» deixara como testemunho.

Dei por mim com a respiração suspensa, os olhos arregalados e a boca escancarada diante de tamanha excelência, como uma simples mortal a quem foi concedida a honra de contemplar a obra dos deuses. Todavia, o meu enlevo prestes findou ao ver um feiticeiro desviar-se dos caminhos lajeados e tomar o rumo da casa que me recebia.

O visitante trajava uma túnica comprida, de um azul muito claro, bordada a prata e verde cintilante. Os cabelos ondulados mal lhe roçavam os ombros, mas tinham uma cor bonita, quais fios de mel trespassados pela luz. O seu rosto possuía traços marcantes, declaradamente masculinos. Era impossível adivinhar-lhe a idade... Poderia ter mil ou cem anos, uma vez que a Ilha Sagrada impunha um ritmo de envelhecimento distinto do da Terra. Contudo, comparado com um humano, diria que ainda não chegara aos quarenta. Os seus olhos eram verde-água, límpidos... Se eu não conhecesse os Feiticeiros, diria até sinceros! Parecia preocupado... E um ligeiro franzir de testa denunciou que fora fustigado pela impressão de estar a ser observado.

Rápida como um raio, recuei antes que a sua atenção se fixasse em mim. Quedei-me por instantes, com o coração sobressaltado. Não fora este feiticeiro quem tentara avassalar-me a essência. Todavia, isso não o tornava menos perigoso! Que assunto o traria à casa de Íris? Só havia uma forma de descobrir... Atrever-me-ia a tanto?

Mal recuperei o fôlego, fui pé ante pé até à porta do quarto. Assim que a abri, apercebi-me de sussurros no andar inferior... Não podia perder esta oportunidade de desvendar os segredos dos meus inimigos!

Em camisa e descalça, caminhei silenciosamente sobre uma passadeira tão suave que parecia tecida com fios de nuvens. As paredes ostentavam vários quadros com molduras de cristal, todos iguais sem, contudo, o serem. A melhor forma de descrevê-los era compará-los com a superfície de um lago quando nos detemos a observar os desenhos traçados pelos dedos do vento sobre a água. Sacudi a cabeça, para não me distrair, e segui em frente.

O corredor terminava numa escadaria de mármore rosa enxertado com veios escarlates, que contrastava maravilhosamente com o alvor do espaço. Em baixo, janelões estendiam-se do chão ao teto, saudando a luz e exibindo o jardim paradisíaco. As vozes provinham de uma sala lateral, o que me permitia descer sem ser notada.

Aproximei-me com prudência e encostei-me à parede, atenta a cada palavra. O feiticeiro indagava como se incrédulo:

— Celsus tomou nas próprias mãos a perversão da mente da jovem?

— Há três noites que a visita — respondia Íris, circunspecta. — Lança o sortilégio e sai sem me encarar. Tem consciência de que está a fazer algo terrível! Porém, já se emaranhou demasiado nesta teia para admitir o seu erro.

— Quer certificar-se de que o rumo da História não se alterará, após o revés que o plano de Ingimar sofreu — ponderou o visitante. — Achas que foi bem-sucedido?

— Não. A mente de Kelda é quase incorruptível!

— Íris... — O tom masculino tornou-se apreensivo. — Estás novamente a interferir?

— Porque perguntas isso?

— Porque te conheço! Tanta convicção no insucesso de Celsus indicia que já o confirmaste.

— Apenas amenizei o sofrimento de Kelda...

— Perdeste o siso?

A indignação do feiticeiro fez-me suster o fôlego. Ouvi-o deambular através da sala, enquanto mastigava:

— Não acredito que ousaste imiscuir-te num encantamento do nosso soberano!

— E querias que assistisse impassível a tamanha pravidade? Sabes perfeitamente que, apesar de ser incapaz de adulterar-lhe a mente, o sortilégio persistiria em macerá-la até roubar-lhe a razão. Eu não podia permitir que Kelda enlouquecesse!

— Ela é uma humana...

— Não, Regino! Kelda é a herdeira de Hakon e de Aranwen! Mesmo que eu não estivesse convicta de que só ela será capaz de travar a destruição do nosso mundo, haveria de protegê-la pelo respeito que devo aos meus mestres.

— Hakon e Aranwen estão mortos. Não te podem resguardar da ira do Mestre Supremo!

— Se Ingimar triunfar será o fim...

— Devemos expor a perfídia de Ingimar sem desrespeitar a lei! Não te bastou desafiares Sigarr para salvares o aprendiz da Montanha Sagrada? O que acabaste de fazer é traição! Se o Conselho sequer suspeitar, nem se dará ao trabalho de escutar uma justificação. Não importa se a razão está do teu lado, Íris... Eles acabarão por te punir!

— Tu já reuniste muitos apoios dos teus pares...

— Porque cumpro as regras! Contudo, se Ingimar provar que tu conspiras contra o Mestre Supremo com o meu conhecimento, todos os progressos que fiz tornar-se-ão vãos. Porque achas que puseram a rapariga debaixo do teu teto? Celsus está a testar a tua lealdade... E tu estás a entregar-lhe a tua vida numa bandeja!

— Kelda não me deixará ficar mal...

— Deveras? Insistes em pôr a tua sorte... a nossa sorte, nas mãos de uma humana rebelde?

A minha vontade era irromper pela sala! Porém, mais uma vez, a *Observadora* defendia-me com um ardor assombroso, reafirmando a sua confiança na minha índole... E o feiticeiro Regino exprobrava-se, ante a sua teimosia em ajudar-me. Este não era o momento certo para defrontá-los! Necessitava de pensar... O que acabara de escutar deixara-me a cabeça a andar à roda.

A conversa atingira um impasse. Corri de volta ao quarto, temendo ser descoberta. Já sentada na cama, permiti-me respirar fundo. Como digerir estas revelações? A *Observadora* fora aprendiz dos meus trisavós, opunha-se à guerra contra o Homem, afrontara Sigarr para salvar Thorson e, como se tudo isso não bastasse, passara os últimos dias a contrariar os esforços do seu soberano para me subjugar! Mesmo aquele que parecia ser o seu contacto no Conselho ficara chocado ante tamanha insurreição. Teria eu encontrado uma aliada no mais improvável dos territórios?

O Sacerdote Regino bateu com a porta quando partiu. Íris demorou a subir e, ao entrar no quarto, o seu rosto ainda

denunciava sinais de perturbação. Tentou disfarçar, mostrando-se contente por me ver fora da cama:

— Enfim despertaste! Como te sentes?

— Bem... — respondi, rouca de comoção, sustentando o seu olhar. — Sã...

A feiticeira franziu a testa... E decidi que os rodeios eram inúteis:

— Obrigada! Parece que te devo mais do que imaginava.

Ela ficou tensa e a sua voz tremeu ligeiramente ao ripostar:

— O que queres dizer com isso?

— Ouvi-te a conversar com o Sacerdote do Conselho.

Íris soprou o ar e deixou-se cair na cama, ao meu lado. Após uma breve hesitação, sacudiu a cabeça e murmurou com um sorriso:

— Não negas que tens o sangue de Aranwen! Quando acredito que não me guardas mais surpresas, eis que viras tudo do avesso!

— Isso é bom ou mau? — retruquei, devolvendo o sorriso. Ela quase gargalhou ao revidar:

— Depende, Kelda... Depende!

Quedámo-nos a fixar-nos, como se tentássemos perceber até onde era seguro avançar, suspensas na frágil linha de confiança que se estendia à nossa frente. Por fim, fui eu que quebrei o silêncio, ciente de que não tinha nada a perder:

— Hakon e Aranwen foram mesmo teus mestres?

Mais uma vez, a feiticeira sorriu. Esboçou um gesto saudoso, antes de enunciar:

— Eles ensinaram-me quase tudo o que sei... Mas, principalmente, ajudaram-me a entender as motivações dos diferentes povos que habitam a Terra.

Falou-me da determinação de Hakon, da paixão de Aranwen pela vida... E da fome que ambos nutriam pelo Conhecimento. O que eu sabia acerca dos meus trisavós relacionava-se com o legado que tinham deixado à família. Foi com sincero encanto que ouvi Íris testemunhar sobre os seus tempos de aprendiz, com um brilho no olhar. Eu sempre vira a Ilha Sagrada como um lugar maldito e os Seres Superiores como inimigos implacáveis. Nunca interiorizara que

parte das minhas raízes provinham deste solo... E muito menos admitira que nele pudessem existir consciências dispostas a lutar contra a ordem instituída. Uma coisa era certa: tinha de haver uma razão para o caprichoso destino me colocar diante de Íris nestes dias de provação.

— Então, o Sacerdote Regino defende o Homem perante o Conselho? — indaguei afogueada.

— Digamos que a sua voz tem grande influência e que se ergue em defesa da paz — retorquiu, com a prudência imposta pela extrema delicadeza do assunto. — Se, um dia, for eleito Mestre Supremo, a guerra terminará.

A sorte do Homem dependia do feiticeiro que estivera a barafustar na sala contra a ajuda que a *Observadora* me oferecera? Quão auspicioso podia isso ser?

— Ele não parecia nada satisfeito! — redargui com cautela, tentando não melindrá-la.

Íris compreendeu a minha apreensão e volveu:

— Regino é íntegro. Quer agir de acordo com a lei e vencer Ingimar pela razão. O problema é que ainda não percebeu que o tempo da justiça se esgota. Ingimar tem de ser detido, antes que seja tarde de mais! Por isso, quebrei as regras... E não me arrependo! Hei de provar que estou correta e restaurar a confiança que Regino deposita em mim.

O Mestre Supremo não apareceu nesse dia... Nem no seguinte. Graças à minha anfitriã, entendi o que estava em causa. O soberano aguardava que a sua peçonha fizesse efeito. Quando voltasse, esperava encontrar-me corrompida... ou louca. Mal descobrisse que falhara, concluiria que Íris me ajudara. E nenhuma de nós escaparia à sua fúria! Todavia, a *Observadora* ainda acreditava que as Entidades que zelavam pelo equilíbrio do universo haveriam de nos proteger. E eu devia concentrar-me em recuperar a energia mística, para estar apta a reagir quando a ameaça se declarasse.

O facto de Íris se bater pela minha causa fez-me acreditar que não teria pejo em revelar-me os planos ofensivos dos Feiticeiros, o que se passava na Terra das Montanhas de Areia, as atrocidades que Sigarr obrigava o meu irmão a fazer, se Viquingues e Aliados se preparavam convenientemente para a guerra... Porém, ela foi implacável na recusa:

— Tu já sabes de mais! Regino está certo quando diz que não posso continuar a interferir ou arrisco-me a deitar tudo a perder.

— Não achas que é tarde para tais recatos? — refutei, arreliada com a imprevista oposição. — O que descobri é suficientemente comprometedor, por isso mais vale contares-me...

— Não sejas tonta, miúda! — atalhou. — Pensas que não te respondo por ter medo de te ver sair por aí a gritar que ando a conspirar contra o Conselho? — Suspirou, impaciente, como se falasse com uma criança irrequieta. — Imagina que, prodigiosamente, tudo se conjuga e ninguém se apercebe do nosso segredo... Tu hás de regressar à Terra e eu poderei continuar a filtrar as informações que chegam ao Mestre Supremo.

— Por isso mesmo... — contraditei, sem vislumbrar um pingão de razão nos seus argumentos. — É bom que saiba o que me espera!

— Não, não é! — negou, exasperada por eu não alcançar o seu raciocínio. — Tu és a *decisora*. As resoluções que assumires perante uma situação irão determinar o que acontece a partir daí. Se te contar o que sei, estarei a dar-te a minha visão dos acontecimentos... E a sugestão nas minhas palavras pode ser fatal para o teu juízo.

— Isso não faz sentido! — reclamei entredentes.

— Não insistas. Acredita que só quero o teu bem.

A conversa terminou em resmungos. Todavia, quando voltámos a reunir-nos, foi como se nunca nos tivéssemos desentendido. Era impossível zangar-me com Íris! Ela irradiava uma energia sã e serena, que me levava a procurar a sua companhia sem entender porquê. Sentia-me bem ao seu lado... E deliciava-me sempre que me presenteava com as histórias do seu treino sob a orientação dos

meus trisavós. Estávamos unidas por uma empatia espontânea e sólida. A suspeita de que a sua lhaneza fazia parte de um plano para me convencer a colaborar com o inimigo fora definitivamente eliminada.

Certa vez, após ouvi-la aludir aos demais *Observadores* com imensa tristeza e saudade, não resisti a interpelá-la. A sua justificação deixou-me perplexa:

— Eu sou a única que resta.

— O quê? Mas como? — estranhei, recordando que «O Que Tudo Vê» escrevera nos seus livros que o olhar dos *Observadores* cobria toda a Terra. Íris hesitou, talvez ponderando se essas revelações contrariariam a sua obstinação em não desvendar nada que pudesse influenciar o meu futuro. No entanto, acabou por condescender:

— No tempo de Hakon e de Aranwen, éramos muitos, entre mestres e aprendizes. Porém, todos aqueles que vigiavam a Terra decidiram lá viver ou infligiram a lei e acabaram banidos pelo Conselho. Só eu fiquei... E, em mais de cinquenta anos, ninguém nasceu na Ilha Sagrada com o dom de dispersar a Bruma da Consciência, o nevoeiro místico que protege o Observatório. Por isso, não tenho a quem ensinar os trâmites da minha Arte.

— Isso significa que nem todos os Feiticeiros podem tornar-se *Observadores*? — questionei interessada.

— A Observação é um dom específico, na maior parte das vezes transmitido através do sangue. A última criança a quem a Ilha Sagrada confiou essa missão era filha da minha companheira Hilda. Porém, o seu pai não queria vê-la como *Observadora*, mas como Sacerdotisa do Conselho. Essa obstinação agravou-se quando Hilda se apaixonou por um humano e, cansada da prepotência do marido, acabou por fugir da Ilha Sagrada...

De súbito, a voz de Íris embargou-se, tomada por uma forte comoção. Apesar de arder de curiosidade, não me atrevi a abrir a boca com medo de que ela se calasse. E vi a minha paciência recompensada quando continuou:

— No fim, a filha de Hilda não foi *Observadora* nem Sacerdotisa. No dia em que descobriu que a mãe estava em perigo, desceu à Terra para ajudá-la. — Piscou os olhos e as lágrimas escorreram-lhe pelas faces. — Hilda acabou por perecer... E, revoltada, a filha recusou-se a regressar à Ilha Sagrada. — Encarou-me, ciente da pergunta que me atormentava, e concluiu num fio de voz: — Eu tentei salvar a minha amiga! Quando percebi o que ia acontecer, deixei o Observatório e prostrei-me aos pés do Mestre Supremo, implorando que autorizasse a interferência da Ilha Sagrada. Afinal, o algoz de Hilda era um dos nossos e Celsus conhecia a sua perfídia. Porém, resolveu nada fazer! E, enquanto eu suplicava, Hilda sofria uma morte atroz...

Incapaz de continuar quieta, saltei do cadeirão e puxei Íris para os meus braços, embalando-a contra o peito e interiorizando a sua dor. Depois disto, era fácil entender porque se rebelara contra a intransigência do Conselho. Nesse momento de fragilidade, acabou por confessar num desabafo dorido:

— O infortúnio de Hilda provou-me que os Seres Superiores podem ser muito mais cruéis do que os Homens... E a aliança que o Mestre Supremo firmou com Ingimar, para concretizar a profecia do Filho do Dragão, foi o golpe fatal! Daí em diante, comecei a agir segundo o meu próprio juízo. E, apesar de ciente das nossas divergências, Celsus é obrigado a tolerar-me. Se, em tempos, tudo o que sucedia na Terra chegava ao seu conhecimento, hoje os meus olhos são os únicos que observam. Sabe que, se erguer um dedo para me castigar, ficará totalmente cego.

Essa confiança abriu-me uma janela para o coração de Íris. E, a cada instante juntas, ela também ia baixando a guarda e esquecendo a teimosia de se manter ativa e fria. A minha companhia era um bálsamo para o seu espírito martirizado pela solidão. Afinal, todos os seus amigos estavam mortos ou exilados na Terra! O feiticeiro Regino parecia ser a única exceção.

Passados poucos dias, o aliado de Íris voltou a visitá-la. Da janela do meu quarto, vi-o chegar com um sorriso no rosto e um cesto de

maças na mão, com a óbvia intenção de se desculpar pelas palavras duras que tinham trocado no último encontro. Porém, saiu com uma expressão crispada e um andar tenso. Como eu não os ouvira discutir, apressei-me a descer. Íris estava pregada ao chão, com o rosto incendiado e lágrimas nos olhos.

— O que foi que aconteceu? — perguntei brandamente, ante o seu desconcerto.

Ela deixou-se cair no seu cadeirão e revelou num fôlego:

— Regino quer... Quer-me para sua esposa!

O meu rosto iluminou-se num sorriso. Na verdade, se Regino tinha pretensões a Mestre Supremo, fazia todo o sentido que desejasse a *Observadora* ao seu lado. Além disso, os dois fruía de uma relação harmoniosa, logo isso era algo de bom... Ou não? O meu sorriso dissipou-se perante a aflição no olhar de Íris. Aproximei-me e segurei-lhe as mãos, constatando:

— Não pareces feliz...

— Eu não o amo, Kelda! — atalhou, como se proferisse uma sentença de morte. — Admiro-o. Respeito-o. Tenho-lhe amizade... Mas não o amo!

— Disseste-lhe isso?

Sacudiu a cabeça em negação, envergonhada da sua cobardia:

— Desculpei-me, alegando estar demasiado concentrada em travar Ingimar para atender aos assuntos do coração.

— E ele?

— Assegurou-me que esperaria... — soluçou em agonia. — Oh, Kelda! Eu devia ter arrumado a questão! Todavia, não quis magoá-lo... Se Regino se zangar, não terei ninguém a quem recorrer.

— É inútil atormentares-te agora — ripostei, tentando ver o lado prático da situação. — Regino concedeu-te tempo... Talvez, no momento certo, a tua estima se transforme em algo mais profundo!

— Não! Isso jamais acontecerá!

— Porque não? — objetei, surpreendida com tanta convicção. — A não ser que já estejas apaixonada... — Detive-me, ao ler no seu rosto como se este fosse um livro aberto. — Tu estás apaixonada!

— Cala-te! — ordenou-me com uma brusquidão inopinada. — Chega de tolices! Vai para o teu quarto e não me arranjes mais problemas!

Virou-me as costas e desapareceu. Fiquei onde estava, esmagada pelo pasmo. Porque é que ela reagira mal? A não ser... Estaria Íris a viver um amor proibido? Mas com quem? Nestes dias em que partilhara da sua vivência, eu não me apercebera de nada. Muito pelo contrário! Se a *Observadora* estava enamorada de um feiticeiro, escondia-lo bem! Então, o meu coração sofreu um baque. E se não fosse um feiticeiro? E... E se fosse um humano?

Amizade é, acima de tudo, carinho e respeito. Por carinho, continuei ao lado de Íris como se nada tivesse acontecido. Por respeito, não voltei a trazer o assunto acutilante para as nossas conversas. Se ela desejasse mencioná-lo, tomaria a iniciativa.

Após dois dias, o cesto de maçãs continuava intacto sobre a mesa. Sempre que passava por ele, a minha boca salivava. O Mestre Supremo dera ordens para que Íris me mantivesse fechada na sua casa, por isso ainda não pudera satisfazer a vontade de correr para o pomar e devorar os frutos das árvores, até a barriga clamar por misericórdia.

Ao aperceber-se da minha cobiça, a *Observadora* sorriu e ofereceu:

— Não faças cerimónias! Come!

— Não te importas? — perguntei. Contudo, antes que ela respondesse, já eu cravava os dentes numa das sedutoras maçãs... Tão vermelha! Tão sumarenta! Tão doce!

— Tira outra — incentivou, ao ver-me lambe os dedos. E não me fiz rogada. Que maravilha! Tão vermelha! Tão doce! Tão sumarenta...

— De certeza que não queres mais uma? — desafiou, divertida com a minha gula.

Nem me lembrava da última vez que comera maçãs! Por isso, cedi à tentação. Porém, à primeira dentada no terceiro fruto, quedei-me

a olhar para o cesto com a respiração presa. Só agora reparava que todos possuíam idêntico tamanho, cor e brilho...

— Sabem ao mesmo! — exclamei com estranheza.

Alheia à minha apreensão, Íris elucidou:

— Obviamente! Assim temos a certeza de que são boas! Além disso, para que a árvore de onde foram colhidas permaneça perfeita, outras exatamente iguais nasceram no seu lugar.

Pousei a maçã mordida sobre a mesa, enfastiada. E, debaixo do meu olhar incrédulo, esta começou a regenerar-se, como se a essência do fruto tivesse «consciência» de que o seu propósito de existência ainda não fora cumprido. Em pouco tempo, apresentava-se tão incólume e bonita como as companheiras que repousavam no cesto. Então, uma ideia louca passou-me pela cabeça... Num ímpeto, agarrei a maçã e arremessei-a contra o chão. Consegui fender o rubro imaculado da pele... Todavia, em pouco mais de um fôlego, o fruto restaurara-se, inclusive assimilando o suco que perdera.

— Não pode ser! — murmurei. E, movida pela necessidade de desfazer a dúvida, empenhei-me na tentativa de esmagar a maçã debaixo do pé. Quase gritei de susto quando a vi dissolver-se numa névoa colorida... para, no instante seguinte, reaparecer arrumada no cesto.

Abismada, encarei a minha anfitriã e indaguei:

— A vossa fruta nunca apodrece? Nem cria lagarta?

A *Observadora* mal conteve uma gargalhada perante o meu assombro.

— É claro que não, Kelda! Tudo na Ilha Sagrada está protegido por magia!

Como podia ela enfatuar-se com algo tão perverso? A sua inteligência superior ainda não lhe anunciara que estava perante um embuste? Dei por mim a controverter, chocada:

— Mas que raio de magia é essa que se substitui às leis da vida? É por isso que vós nunca adoceis e tendes uma longevidade extraordinária?

Íris parou de rir, como se melindrada. Contudo, ainda acedeu a explicar o que era evidente:

— Sim... Desde que sob a influência da Ilha Sagrada. Sabes que um feiticeiro degredado na Terra, sem oportunidade de regressar a casa para refazer a sua aura, torna-se vulnerável às doenças humanas e está condenado a um fim prematuro.

Sabia, sim! Por isso «O Que Tudo Vê» envelhecera e morrera... Já o seu primo Sigarr exalava vigor, pois apelava à magia negra para usurpar a energia vital das vítimas que prostrava. Sempre que assimilava uma essência, rejuvenescia e fortalecia-se. Vida em troca de vida... Como podia o Bem suplantar o Mal quando erros se acumulavam sobre erros?

No fim, este incidente ajudara-me a entender por que motivo, apesar de viverem sublimemente, os Feiticeiros almejavam regressar à Terra. O seu mundo era belo, opulento, primoroso... e totalmente ilusório! A magia que sustentava a Ilha Sagrada mantinha as árvores verdes e carregadas de frutos, as flores deslumbrantes, os animais saudáveis e afáveis, a água cristalina... Nada se corrompia ou perecia; tudo se corrigia e renovava, num ciclo de perpétua perfeição — uma perpétua e perfeita mentira! Será que, ao desejarem avassalar a magia que habitava dentro de si e em tudo o que os rodeava, os Seres Superiores se tinham tornado seus escravos?

Ficava igualmente explicada a curiosidade que Íris, por vezes, manifestava acerca de coisas mais do que triviais: como era caminhar à chuva? Enterrar os pés na neve? Sentir frio e fome? Parecia-me inacreditável que ela observasse a vivência do Homem, mas ignorasse as impressões intrínsecas à sua tarefa... De repente, horrorizei-me ao cogitar que, apesar de desconhecer o real significado das sensações, pelo menos Íris tinha noção delas. Era provável que os Feiticeiros mais jovens, que nunca haviam posto os olhos na Terra, nem sequer soubessem que existiam coisas como o frio, a fome e a dor! Assim sendo, no conforto da sua vida imaculada, ouvirem anunciar que a raça humana ia ser dizimada

pela guerra era menos relevante do que sacudirem uma pedra da sandália.

— Eu não gostaria de viver aqui! — firmei com sinceridade.

— Porque não? — indagou Íris, surpreendida.

— Porque a vida não é perfeição! Da mesma forma que o dia é composto por luz e trevas, também nós devemos experimentar o prazer e o sofrimento, para que a nossa passagem por esta realidade seja completa... — Ao ver que ela se quedava, lívida, indaguei: — Não concordas comigo?

A *Observadora* hesitou longamente. Eu já me habituara às suas pausas para reflexão, por isso aguardei pela resposta, a qual acabou por ser inesperada:

— Já te disse que as aventuras do Homem sempre me fascinaram... No entanto, nunca percebi porque é que os meus mestres e amigos preferiam sujeitar-se a duras penas para viver na Terra quando podiam desfrutar da tranquilidade da Ilha Sagrada. Para mim, uma maçã era uma maçã... Não me importava que possuísse o mesmo sabor das demais, desde que fosse perfeita! Compreendes?

Confirmei com a cabeça e ripostei circunspecta:

— Tu não tocaste nas maçãs porque conheces o seu gosto de cor... E estás enfadada!

Ela aquiesceu e prosseguiu, tensa e rouca de comoção:

— Começo a entender que, na Terra, o prazer de comer uma maçã se inicia na escolha... No desafio de adivinhar qual é a melhor! Depois, ao prová-la, segue-se o contentamento ou a decepção. Porém, a curiosidade leva-vos sempre a ir buscar outra... e outra... Porque, se nenhuma é igual, logo a satisfação que vós retirais de cada opção também nunca se repete.

Não pude deixar de sorrir, pois sabia que o que estava em causa era muito mais sério do que um cesto de maçãs. Resolvi entrar no jogo de palavras, concluindo:

— Por vezes, os frutos mais imperfeitos são aqueles que escondem os melhores sabores... E, por baixo de belas cascas,

podes encontrar um caroço podre!

Íris baixou os olhos, suspirou e passou as mãos pela testa, como se atormentada por um pensamento inconfessável. De repente, enunciou com a voz embargada:

— A nossa conversa traz-me à memória a disputa que tive com alguém...

— Com quem? — indaguei, ao vê-la hesitar.

— Com Sigarr — acabou por responder. — As vossas ideias sobre esse assunto são bastante similares.

Bufei de desprezo e afundei-me no cadeirão. Era ofensivo ouvi-la comparar o meu raciocínio ao do mestre da Arte Obscura! Quando dei por mim, já vomitava rancor:

— Aí está uma maçã que é podre por dentro e por fora!

Então, Íris contraditou, com uma firmeza que me deixou estupefacta:

— Não sejas tão rápida a julgá-lo, Kelda! Tu apenas conheces o que há de mais tenebroso e letal na sua essência. Porém, Sigarr já foi um homem sorridente, generoso... e apaixonado! — Ergueu a mão para deter o meu protesto e prosseguiu: — Tão apaixonado que enlouqueceu de dor quando a mulher que adorava o traiu. Tu ouviste contar a história de Aranwen... Eu acompanhei-a dia após dia! Testemunhei a agonia da minha mestra e a sua luta para combater a paixão por Cianed... Da mesma forma que observei o desespero de Sigarr quando ela partiu! Não demorou para que o amor se transformasse em ódio e o homem jovial se assumisse como um mestre da Arte Obscura...

— Porque me contas isso? — atalhei, desgostosa e nada impressionada.

— Para que entendas que, tal como as maçãs podem ter muitos sabores, uma história também pode ter várias interpretações.

— Não vejo outra interpretação para essa história, além de que Sigarr é um celerado! — mastiguei, ultrajada. — Queres que me comova por causa de um ser peçonhento, que espalha devastação por onde passa e corrompe tudo em que toca? No entanto, pareces

simpatizar com ele! Esqueces que é cúmplice de Ingimar e responsável por esta guerra?

A sua contestação soou apaziguadora:

— Percebo a tua indignação, Kelda! Contudo, acredita em mim quando digo que Sigarr e Ingimar são bastante diferentes. Sigarr age sob o ímpeto da emoção... Ingimar é um pensador frio e implacável, cruel e ambicioso. Se um dia tiveres de enfrentá-los, fica ciente de que Sigarr ainda estará a ponderar na arma a usar e já Ingimar te terá rasgado a garganta.

— Pouco me importa! — cuspi, irada. — Para mim, Sigarr e Ingimar são vermes da mesma imundice! Por sua causa perdi o meu irmão... E o meu pai! Esse monstro ordenou a destruição da Ilha dos Sonhos e a morte de dezenas de inocentes. Podes sequer imaginar a agonia de veres um demónio a atirar um bebé para uma fogueira, sem nada poderes fazer? E tudo isso porque um feiticeiro foi afrontado na sua honra quando a noiva o trocou por um humano!

— Não estou a justificar os crimes de Sigarr — contrapôs Íris, esforçando-se para não se enrolar no meu ardor. — Só acho que deves saber que, por debaixo do monstro que tanto odeias, existe um homem capaz de amar. Talvez essa informação te venha a ser útil...

— Julguei que não estavas disposta a ceder informações — cortei abespinhada. — Mas, se mudaste de ideias, é preferível que denuncies os planos dos meus inimigos, ao invés de tentares transformar os seus atos abomináveis em histórias de embalar.

— Às vezes, és insuportável! — volveu, assolada por uma onda de fúria que lhe pôs os olhos a chamejar. — Se escutasses mais e refilasses menos, decidirias com maior acerto!

— E tu? — bradei, erguendo-me com um salto ao vê-la rodar nos calcanhares. — Viras sempre as costas quando a conversa não te convém! — E continuei a gritar, apesar de ela já não estar na sala: — Não te inquietes com os teus dilemas, *Observadora*... Não corres o menor risco de, um dia, vires a morder uma maçã amarga! Jamais deixarás de ser feiticeira!

Revoltada, investi contra o cesto de Regino e derrubei-o com um bofetão. Depois, pontapeei as maçãs, berrei e ululei até cair no cadeirão, exausta. Agora que a raiva se consumira, sentia-me perdida e miserável. Íris não merecia as palavras duras que eu cuspira! Mas, com mil ratazanas inoportunas, porque me fora falar de Sigarr? Decerto não esperava que eu o perdoasse! Antes de me salvar, esse facínora fora responsável pelo tormento de milhares de inocentes... E, não tinha a menor dúvida, muitos mais haveriam de morrer por sua causa! Por que raio é que a *Observadora* o encarava com tamanha condescendência? Seria o renegado a sua paixão secreta? Não... Eu já começava a conhecê-la. Se assim fosse, ela não o teria afrontado para salvar Thorson.

Mal me acalmei, decidi procurar a minha anfitriã para me desculpar, certa de que havia uma explicação para a sua atitude. Espreitei em todos os quartos e salas... Todavia, não a encontrei. Se Íris não saíra para o exterior nem se desvanecera no ar, deviam existir câmaras secretas na casa! Como é que tal nunca me ocorrera? Eu estava na Ilha Sagrada! Para os Feiticeiros, paredes, portas e escadas eram meros enfeites. Se tudo o que me rodeava estava animado por magia, as regras podiam alterar-se num estalar de dedos. Provavelmente, Íris até decorara a sua casa desta forma tão «humana» aquando da minha chegada, para me proporcionar maior conforto e descontração.

Essa tomada de consciência fez-me matutar. Como *Observadora*, Íris tinha de exercer a sua função em algum lugar. Mas onde? Ultimamente, ela passava demasiado tempo ao meu lado, para espiar o que quer que fosse. Decerto os ânimos na Terra tinham-se acalmado, enquanto aliados e inimigos definiam novas estratégias... Por isso, o Conselho devia tê-la liberado da sua incumbência, para que se concentrasse em vigiar-me. Acabei a perscrutar as energias que me envolviam, em busca de uma pista sobre o seu paradeiro. No entanto, também esse esforço foi vão. Não obstante o meu sangue misto, enquanto não desvendasse os segredos deste lugar,

mais não seria do que uma presa indefesa, cativa entre quatro paredes.

Para confirmá-lo, dirigi-me à porta e tentei sair para o jardim. Apesar de não existir nenhuma tranca, não se mexeu. O mesmo sucedeu com as janelas. Era como se a casa estivesse resguardada por uma barreira invisível que me impedia de pôr o nariz de fora, mesmo com o auxílio da minha magia. Franzi o sobrolho e recuei, pensando que Íris podia estar em qualquer lugar, longe do alcance da minha percepção, atenta aos meus movimentos. A confiança que depositava nela não se quebrara, logo não queria dar-lhe a impressão de que pretendia fugir. Só desejava compreender...

Se, efetivamente, Íris estava a observar-me, não se manifestou. Talvez quisesse punir-me pela forma grosseira como a arrostarta; fazer-me sofrer e amargar na solidão... Estava a conseguir! Sentei-me no cadeirão e fechei os olhos, decidida a não lhe dar o prazer de comprovar a minha angústia. Cedo ou tarde, ela teria de voltar! E eu nada podia fazer, além de esperar.

Já anoitecia quando algo imprevisível aconteceu. Um pássaro entrou pela janela e iniciou uma dança irrequieta, enquanto entoava uma melodia divinal. Era, sem dúvida, a ave mais bela que eu já vira, com penas de mil cores que se desdobravam como um abano, desenhando um rasto de cintilações douradas e rubras de cada vez que saltitava e rodopiava. Fiquei a admirá-lo, enlevada... De súbito, Íris surgiu ao meu lado como se por encanto. Era óbvio que continuava zangada, pois nem me deixou abrir a boca, declarando com frieza:

— O mensageiro do Mestre Supremo está a convocar-me para comparecer no Castelo de Cristal. Se quiseres ser útil na minha ausência, ora por nós duas! Receio que, sem ajuda divina, não consigamos testemunhar o nascer de um novo dia.

Deixou-me para trás, petrificada. Cerrei os punhos, adivinhando que o soberano dos Feiticeiros desejava saber do sucesso ou malogro do seu cometimento. O que iria a *Observadora* relatar? Ainda por cima, estávamos desavindas! Respirei fundo e obriguei-me

a domar os nervos. O meu futuro estava prestes a ser traçado e a sensação de impotência que me assolava era tão horrível que me envenenava as tripas.

CAPÍTULO 4

— Queres jogar? — perguntou a minha anfitriã ao ver-me entrar na sala.

Estaquei, abismada com a abordagem. Pretenderia fingir que nada acontecera? Eu mal dormira, desejosa de lhe falar assim que regressasse do Castelo de Cristal. Amanhecera sem que a ouvisse entrar em casa... No entanto, aqui estava, ostentando uma expressão indecifrável. Queria isto dizer que o meu destino estava selado? Teria Íris desistido de lutar contra a vontade do Conselho?

Aproximei-me da mesa de jogo: um quadrado de madeira nobre, dividido ao meio por uma cortina fina mas cerrada de energia mística, a qual separava a visão de dois oponentes. No cimo desse véu pairava uma nuvem cinzento-escura, rasgada por relâmpagos chamejantes que troavam como se reais. De quando em quando, duas gotas de chuva libertavam-se da nuvem, de ambos os lados do tabuleiro. Quando isso sucedia, o nosso alvo — semelhante a uma casca de noz — devia estar preparado para recolhê-la. A finalidade do jogo era observar a nuvem, decifrar as mensagens que esta nos transmitia e prever onde a água ia cair. Chamar-lhe enfadonho era amabilidade! Porém, ao longo dos últimos dias, eu descobrira o propósito de tamanho fastio.

O Jogo da Antecipação fazia parte do treino dos *Observadores*. A nuvem era a ação que desencadeava uma consequência. Atento ao seu comportamento, o jogador devia antever o resultado final. Na prática, examinava-se a cor e a densidade da nuvem, os seus movimentos pulsantes, o entrecruzar dos relâmpagos. Depois, movia-se o alvo no tabuleiro e esperava-se que a gota de chuva caísse dentro dele. Água recolhida, ponto marcado. Água perdida, ponto falhado. Se, no início, eu achava que aquilo era um aborrecimento mortal, à medida que interiorizava as regras da energia que latejava na nuvem, principiara a tomar gosto pelo desafio. A última vez que jogáramos, Íris batera-me por poucas

gotas. Hoje eu não estava com disposição para tolices... Porém, acabei por condescender e sentei-me à sua frente, adivinhando que só assim conseguiria arrancar-lhe informações sobre a reunião da noite anterior.

Nunca vira a jovem feiticeira tão pálida. Os olhos castanhos estavam baços e inquietos. A respiração acelerada... Rangi os dentes e concentrei-me na nuvem. Movimento. Pulsação. Fogo... Movi o alvo. Uma gota formava-se com uma lentidão exasperante. Já sentia vontade de atirar o tabuleiro pelo ar quando, enfim, caiu. Ponto marcado. Quase saltei do cadeirão ao ouvir a voz de Íris ecoar no silêncio que consumia a sala:

— Escapámos por um triz!

Fixei-a, mas o seu olhar estava preso na nuvem. Decidi ficar quieta e calada, vigilante ao jogo. Os padrões de energia tinham-se alterado... Movimento. Pulsação. Luz... Movi o alvo. Esperei e desesperei. Ponto marcado.

— O Conselho aguardava-me — continuou Íris. — O Mestre Supremo quis que testemunhasse diante de todos os Sacerdotes. Sigarr também lá estava. Foi Ingimar quem me interrogou...

Emudeceu. Só a custo refreei a vontade de sacudi-la. Maldição! Se Íris queria castigar-me pela nossa altercação, seria preferível arrancar-me as unhas do que manter-me nesta ansiedade! Movimento. Pulsação. Resplendor... Movi o alvo. Agonizei... Ponto marcado.

— Respondi com firmeza — prosseguiu a *Observadora*. — Disse-lhes que conservas a razão, mas que não podia atestar a tua submissão sem te perscrutar a mente. No entanto, estavas calma e submissa. Não indagavas acerca do passado, nem sobre o que o futuro te reserva. O Conselho parecia satisfeito... Então, Ingimar insurgiu-se. Afiançou que eu estava a proteger-te e desafiou Regino, como meu amigo e mentor, a certificar a minha lealdade.

— E ele? — arfei, incapaz de me segurar.

— Atenção ao jogo, Kelda!

Soprei o ar, sentindo-me à beira do abismo. Movimento. Pulsação. Centelhas de mil cores... Movi o alvo. Engoli em seco e apertei os dentes para que não batessem... Ponto marcado.

— Regino declarou que, enquanto *Observadora*, eu sempre servira a Ilha Sagrada com devoção. Ingimar acusou-o de fugir à questão... E Regino ficou paralisado a olhar para mim.

— Não acredito! — exclamei, chocada. — Decerto isso levantou suspeitas...

— Ao vê-lo hesitar, Sigarr avançou e declarou que ninguém tinha mais razões para falar contra mim do que ele próprio. Por isso, a sua opinião devia ser tida em conta. O Mestre Supremo anuiu... E Sigarr assegurou que a minha proibidade era irrepreensível.

O alvo... O alvo! Dei uma sacudidela na casca, movendo-a ao acaso. Estava tão assombrada com o relato que nem observara a nuvem! A gota já caía... Ia perder o ponto, mas pouco me importava. O meu olhar arregalado estava preso na feiticeira e a voz mal se distinguia ao tartamudear:

— O quê? Sigarr afrontou Ingimar para te defender?

Ponto marcado. Como?! Eu previra o sítio exato onde a água ia tombar, sem estar a ver o jogo?

— Não, Kelda — contestou Íris. — Sigarr afrontou Ingimar para «nos» defender! O renegado, cuja sorte depende de uma total sujeição à vontade do Conselho, arriscou o pescoço para ajudar-nos... Enquanto o meu amigo e «pretendente» se engasgava na irrepreensível lisura do seu carácter.

— Sinto muito! — murmurei com franqueza.

— Marcaste este ponto?

— Sim...

— Eu falhei.

— Ainda temos muito jogo pela frente.

— Não — contrapôs. — É inútil continuarmos! Eu sento-me diante deste tabuleiro há mais de cem anos... Tu começaste há poucos dias e já te tornaste invencível.

— Foi sorte...

— Chama-lhe instinto! — corrigiu sobriamente. — Uma intuição que, espero, irá acompanhar-te nas provações que, em breve, terás de enfrentar. Essa nuvem será a tua vida... Observa com atenção todos os sinais antes de mexeres o alvo, para que nunca percas a tua gota.

— Importas-te de parar com os enigmas? — retorqui, franzindo a testa.

Íris respirou fundo e fixou-me demoradamente antes de aquiescer:

— O teu destino foi decidido ontem...

De súbito, pulou do cadeirão como se picada por uma lança. Não demorei a aperceber-me da energia que tanto a alvoroçava. Alguém se aproximava da casa... O meu coração falhou uma batida ao reconhecer a essência do abominável Ingimar. Ergui-me com os punhos cerrados, disposta a enfrentá-lo. Contudo, Íris já me sacudia o braço e ordenava com veemência:

— Sobe, Kelda! Sobe... Rápido!

O alarme na sua voz compeliu-me a obedecer. Galguei as escadas de mármore e entrei desembestada no quarto, no momento em que três pancadas na porta principal anunciavam a descortesia do visitante. Estava tão aturdida que tive de me sentar na cama. Desde quando é que fugia dos meus inimigos como uma camponesa aterrada? Com mil ratazanas azoadas, será que a influência deste lugar acabara mesmo por me endoidecer? Kelda da Montanha Sagrada não se deixaria pastar como um anho na engorda, enquanto a sua sorte era urdida... E jamais debandaria perante uma ameaça, como eu acabara de fazer!

Essa ideia desencadeou um tumulto na minha mente. De repente, parei de tremer e as pernas ganharam vigor. A minha vontade era descer à sala e ajustar contas com aquele dejetos místico. Todavia, se me deixasse subjugar pelo ódio, comprometeria Íris! Soprei o ar e reprimi-me. Por fim, entreabri a porta com cautela, na esperança de escutar a conversa... E nem tive de aguçar os ouvidos! Os ânimos

estavam tão exaltados que as vozes dos feiticeiros ecoavam pela casa:

— A ordem do Mestre Supremo foi clara — porfiava Íris. — A jovem ficará à minha guarda até que Sigarr venha buscá-la!

— Sigarr e eu trabalhamos para o mesmo propósito...

— Não no que se refere a Kelda! — atalhou ela, acusadora.

— Estás a desafiar-me, *Observadora*? — ripostou o execrável, cuspiendo o título. — Entrega-me a rapariga, antes que eu perca a paciência!

— Podes até apodrecer à espera, pelo que me importa! Enquanto o Mestre Supremo não me comunicar pessoalmente a sua mudança de intenção, Kelda não sairá daqui!

— Esqueces que sou seu parente? Que tenho autoridade sobre ela?

— Sim! Autoridade para encomendar a sua morte a Deimos...

— Isso foi um equívoco! Além disso, o Mestre Supremo determinou que ela permanecesse incólume até ser avaliada. Achas que ousaria desobedecer-lhe?

— Não me tomes por tola, Ingimar! Mal Kelda estivesse à tua mercê, haverias de engendrar a sua morte, de modo a que parecesse um acidente aos olhos do Mestre Supremo. Seria tão fácil como jurares que ela te tinha atacado ou...

Um rugido fez a estrutura da casa estremecer. Apertei os punhos, enquanto um calafrio me gelava até à alma. Seguiu-se um silêncio aterrador... E se o energúmeno tivesse atacado Íris? Contudo, a voz da *Observadora* soou nesse instante, tão firme e álgida que me surpreendeu:

— Não tenho medo de ti, Ingimar! Se queres Kelda, regressa acompanhado pelo teu primo. Até lá, liberta-me do desprazer da tua presença e do agravo das tuas exigências.

— Como te atreves...?

— Nem mais uma palavra! — Foi a vez de Íris trovejar, num tom poderoso e retumbante que eu nunca lhe escutara. — Vai-te, molesto! Sai da minha casa! Sai!

A porta bateu e eu precipitei-me pelas escadas. Íris apoiava-se num cadeirão, como se as forças a tivessem abandonado após o seu impulso de coragem. Ajudei-a a sentar-se, pois tremia como se prestes a desconjuntar-se... E, de súbito, desatou a chorar.

Amimei-a contra o peito, contendo a custo a catadupa de perguntas que me sufocavam. Entretanto, ela afundara a cabeça no meu pescoço e alternava gemidos com soluços. Assim que ficou mais calma, deixou escapar um vagido:

— Eu menti, Kelda... Tenho medo, sim! Tenho medo de Ingimar, do Mestre Supremo... E do que me vai acontecer quando descobrirem o que fiz! Tenho muito, muito medo!

Sacudi a cabeça, exasperada. A sua obstinação em ocultar-me informações já fora longe de mais! Fitei o olhar dolente e retruquei:

— Eu também tenho medo... Mas o medo não resolve nada! É tarde para recuar, por isso resta-nos seguir em frente. Diz-me, que história é essa de Sigarr me vir buscar? Que destino me reservou o Conselho?

A *Observadora* hesitou. Desviou o rosto. Passou a mão pela testa... Eu começava a arder de impaciência quando finalmente cedeu:

— Celsus queria manter-te aqui até à resolução da profecia... Porém, Sigarr convenceu-o de que, com o incentivo apropriado, poderás revelar-te muito útil à sua causa. Por isso, será ele quem virá avaliar-te. Se concluir que estás apta a colaborar, há de levar-te para a Terra...

— E tu concordaste com isso? — quase gritei de tão indignada. E ela contraditou:

— Não me ouviste? Sigarr salvou-nos a pele ao erguer a voz perante o Conselho! É óbvio que a sua intenção é tomar conta do teu destino... Mas, seja como for, ganhámos tempo!

Engoli um urro de raiva. Era inútil discutir com Íris! Ela estava sozinha na sua luta e fizera tudo o que pudera para me defender. O mestre da Arte Obscura arriscara e ganhara a batalha... Agora, restava-nos descobrir uma forma de defraudar os seus planos.

— Sigarr não será capaz de devassar a minha mente — fiz-lhe notar. — Há de perceber que a peçonha do Mestre Supremo falhou.

Íris confirmou com a cabeça e ripostou:

— Terás de persuadi-lo do contrário. Se lhe permitires a intrusão...

— Não posso fazer isso — interrompi, sobressaltada. — Ele apossar-se-ia dos meus segredos! O meu povo estaria perdido... E tu também!

— Conseguirás ludibriá-lo, abrindo apenas algumas portas da tua consciência. Se lhe cederes as informações certas...

— Por acaso endoideceste?

— Só tens de levá-lo a acreditar que estás disposta a obedecer-lhe! Mostra-lhe as contendas com os teus pais, o desacerto com Lysander, o teu desejo ardente de reencontrar Halvard...

Levantei-me com um pulo e contrapus, com a cabeça a latejar:

— Ainda que Sigarr engolisse o embuste... Eu jamais hei de segui-lo!

— Não tens outra opção.

— O quê? — objetei, rouca de exprobração. — O que pretendes afinal, Íris? Que colabore com os meus inimigos? Diz-me que percebi mal ou serei forçada a concluir que me andaste a enganar!

— Não me ofendas, miúda! — ripostou a *Observadora*, erguendo-se atrás de mim. — Sabes que nunca te menti! Mas, assim como eu faço concessões, também tu terás de as fazer! O que esperavas? Que, depois de tudo o que se passou, o Mestre Supremo te enviasse para a Montanha Sagrada com um cesto de bolinhos na mão? Não és assim tão ingénua!

Avancei sobre ela, contendendo, resoluta:

— Não vou admitir que Sigarr me toque... Tens de me ajudar a fugir!

— Se o fizer, morrerei.

— Então, vem comigo! — propus num arrebatamento, achando que era uma ideia brilhante. — Este é o teu ensejo para deixares

para trás as ilusões da Ilha Sagrada e experimentares a realidade da Terra! Os teus conhecimentos hão de auxiliar o Homem...

— Não, Kelda! — atalhou com firmeza. — Se eu te acompanhar, Ingimar terá a confirmação da minha insídia. Voltará a reunir o apoio da maioria do Conselho e talvez até consiga provar que Regino me encobriu... E, se Regino cair em desgraça, estará tudo perdido!

— Tu própria disseste que já não podíamos contar com ele...

— Não! O que eu disse foi que Regino discorda dos meus métodos. Isso não significa que tenha abandonado as suas convicções! A minha expulsão da Ilha Sagrada arruinaria o seu trabalho... Condenaria milhares de inocentes! — Prendeu-me os pulsos e expôs as tatuagens do Guardiã da Montanha, antes de prosseguir: — Tu és detentora de um poder capaz de abalar as fundações do universo. E, a partir do momento em que o deste a conhecer, deixou de existir lugar onde estejas livre de cuidados! Não podes fugir... Não te podes esconder... Então, aproveita a excelência das tuas habilidades para derrotares o inimigo no seu jogo! Se iludires Sigarr, regressarás à Terra em segurança. Dentro do seu covil, poderás espiar as suas estratégias e sabotar-lhe os planos! Além disso, tornarás a ver Halvard... Não é o que mais desejas?

Libertei-me e retrocedi, contraditando, exaltada:

— Mesmo que essa ideia aberrante resultasse, que consequências teria? Para sobreviver, seria obrigada a sustentar a farsa. E isso implicaria pactuar com Sigarr, lutar ao lado de Deimos, trair as minhas convicções, o meu povo... Prefiro morrer!

— Apre! — clamou a *Observadora*. — É assim tão difícil entenderes? Se falhares o teste de Sigarr, é quase certo que o Mestre Supremo te mandará executar. E a tua morte condenará todos aqueles que amas! Halvard concretizará a profecia e, sem o apoio da *decisora*, Thorson não terá como detê-lo...

— Não! — rebati. — Halvard precisa das Lágrimas do Sol e da Lua para se tornar Filho do Dragão... E jamais há de pôr-lhes as mãos em cima!

— Tens a certeza?

— Absoluta! Oriana está segura. Se Sigarr me matar, não terá como pressionar os líderes do meu povo. No fim, talvez o meu sacrifício seja a solução...

— Tu és impossível! — fremiu Íris, lançando as mãos aos próprios cabelos, tal a fúria que a assolava. — Raios te partam, miúda teimosa! Não me deixas alternativa... — Num ímpeto, fechou os dedos no meu braço e rugiu, possessa: — Vem comigo... Já!

— Para onde...? — Tentei resistir. Porém, arrostou-me com a expressão de um guerreiro que abre caminho através de um campo de batalha, ciente de que vai tombar, mas desejoso de chegar o mais longe possível na defesa da sua causa. Sacudiu-me e fremiu com ardor:

— Se não paras de reclamar, juro pela minha honra que quem te mata sou eu!

As paredes perdiam consistência e desvaneciam-se sob os dedos de Íris, para revelarem áreas na sua casa que a razão garantia impossíveis de existir. Não era correto afirmar que se tratavam de passagens secretas... Antes, passagens mágicas! Assim como a Ilha Sagrada era um local encantado que pairava sobre as nuvens, invisível ao olhar do Homem, também este sítio era prodigioso; um retiro no domínio dos Feiticeiros, com uma energia exclusiva, ao qual apenas os *Observadores* podiam aceder.

Seguimos por um corredor amplo, forrado com nuvens repletas de cintilações celestes, por vezes rasgadas com clarões quentes. Uma tranquilidade aprazível reinava à nossa volta, como se, aqui, o vento tomasse o primeiro fôlego e rejubilasse, presenteando-nos com carícias mornas. Os meus sentidos ainda se extasiavam quando Íris mastigou entredentes:

— Fica quieta, enquanto afasto a Bruma da Consciência.

Deteve-se à minha frente e agitou os braços numa cadência harmoniosa, como se embrenhada numa dança exótica. Fiquei a vê-la, absorvida pelos seus gestos... Então, as nuvens principiaram a dissipar-se, desvendando um lugar que só podia ser produto de um

sonho. Findo o bailado, ao verificar-me arroubada, a *Observadora* puxou-me pela mão e resmoneou:

— Este é o Jardim do Testemunho... Despacha-te, antes que me arrependa!

Entrámos num espaço simplesmente magistral. Estremeci, certa de que tais maravilhas nunca tinham sido apreciadas por um ser humano. As sombras de uma noite estrelada rodeavam-nos, como se o solo e o céu fossem espelhos que se refletiam mutuamente. Sem fôlego, pensei que podia estar no interior dos olhos de Lysander, envolta em seda azul-escura que libertava faíscas de luz. Desse ambiente sublime, brotavam plantas altas e esguias, compostas por uma essência resplandecente onde as cores do arco-íris se fundiam, originando padrões que se alteravam a cada batida de coração. As Árvores Vigilantes, como Íris lhes chamou, ondulavam lenta e ritmadamente à nossa passagem, inclinando-se como se a reconhecer-nos, ao mesmo tempo que libertavam um perfume delicioso.

Estava tão enlevada que era incapaz de dizer se avançáramos muito ou pouco. Inesperadamente, um nevoeiro colorido e fúlgido brotou do solo sideral e adensou-se, até cobrir os nossos pés e as barras dos vestidos. Inferi que o fenómeno se assemelhava àquele que, na Montanha Sagrada, purificava os corpos antes de estes se abeirarem da Pedra do Tempo. Então, Íris tornou a quedar-se... E algo que podia ser descrito como um poço de pedra negra e brilhante emergiu da bruma, sob a minha exclamação de espanto. Nesse instante, a voz da feiticeira ressoou, qual brisa:

— Este é o Observatório da Ilha Sagrada, onde os Feiticeiros com o dom da clarividência se reúnem para contemplar a evolução dos povos.

A sua fúria esvaecera-se. Aliás, podia jurar que estava comovida! Olhava-me intensamente, como se, mais uma vez, a tivesse surpreendido. Levei a mão à testa, subjugada pelos acontecimentos. E uma pergunta saltou-me dos lábios, rouca e imperativa:

— Porque me trouxeste aqui?

Sabia que Íris já quebrara muitas regras... Porém, conduzir uma humana até ao coração místico da Ilha Sagrada assomava-se como algo desmesuradamente grave! Era provável que o Conselho nem sequer se tivesse lembrado de congeminar um castigo para tamanha infração.

— Vem... — murmurou, convidando a aproximar-me do poço. — Este é o Óculo do Tempo, através do qual os *Observadores* podem visitar o passado, contemplar o presente e antever as eventualidades do futuro.

Avancei, movida por uma força que se sobrepunha à razão. A pedra circular afigurava-se detentora da mesma essência da Pedra do Tempo. Todavia, ao acercar-me, verifiquei que a sua superfície se assemelhava a um espelho. Distingui com clareza a imagem do meu rosto agoniado de inquietação, por entre as nuvens de névoa, enquanto Íris concluía:

— A investida de Ingimar demonstrou o seu desespero... Tu inspiras-lhe tanto temor que se dispõe a contrariar o Mestre Supremo para te destruir! E isso prova que a salvação da Terra está nas tuas mãos.

Encarei-a, ofegante de emoção. Contudo, a minha objeção foi implacável:

— Se o teu propósito é persuadir-me a pactuar com Sigarr, perdes tempo! Jamais sujarei as mãos com o sangue do meu povo!

Íris sustentou o meu olhar e controverteu no mesmo tom:

— Tu és uma guerreira, Kelda. Sabes que alguns homens têm de morrer para que outros consigam viver! Exércitos inteiros serão dizimados nesta guerra, o fogo arrasará muitas cidades, impérios cairão... Mas tu não podes baixar os braços! Irás continuar a lutar, mesmo que isso implique o sacrifício de uma parte da tua alma! Porque, sem ti, deixarão de existir Homens e Feiticeiros... Haverá apenas escravos do Filho do Dragão.

— Já disse que não acredito que Halvard...

— Consulta o Óculo do Tempo — cortou abruptamente. — Se as suas revelações não te fizerem mudar de opinião, prometo que me

resignarei.

Franzi a testa, alarmada. Uma coisa era chegar até aqui pela mão da *Observadora*... Outra, bastante diferente, era esperar que a magia deste lugar reconhecesse a minha autoridade!

— A Observação não é um poder específico? — confrontei-a. — Porque haveria o Óculo do Tempo de se submeter à minha vontade?

— Porque esse poder está aceso na tua essência.

— C... Como?

— Se assim não fosse, as Árvores Vigilantes ter-te-iam recusado passagem mal pisaste o Jardim do Testemunho. Ao afastar a Bruma da Consciência, eu também não tinha a certeza do que ia suceder. Porém, a minha intuição revelou-se correta. Tu possuis o dom da clarividência.

O quê? Íris estava a desatinar! Preparava-me para contestá-la quando fui fulminada por uma ideia. E os meus dentes tiniram de nervosismo ao expressá-la:

— A minha presença aqui deve-se ao facto de eu ser herdeira de Hakon e de Aranwen?

— Não — contraditou, pondo-me ainda mais confusa. — A Observação só se manifesta em entes de sangue puro.

— Mas, então...?

— Eu disse que o teu poder está na essência.

— Desisto! — exclamei, exasperada. — Queres enlouquecer-me?

— Muito pelo contrário... Quero abrir-te os olhos! — Deteve o meu protesto e prosseguiu: — No dia em que te contei a história de Hilda, omiti propositadamente o nome da sua filha, pois ainda guardava a esperança de que não fosse necessário desafiar a sorte e trazer-te até aqui.

— Continuo sem entender o que é que isso tem a ver...

— Hoje, a filha de Hilda é conhecida na Terra por princesa Melina da Gente Bela.

Melina, a feiticeira que prescindira do seu poder para ajudar a minha mãe a combater o renegado Esteban, que assassinara a sua família! A Rainha do Sol estava grávida quando recebera a sua

dádiva e, no fim, acabara por ser eu a assimilá-la. Ao longo da vida, fora muitas vezes surpreendida pelas manifestações da energia de Melina na minha essência. Porém, jamais poderia imaginar que esta haveria de me conduzir ao Óculo do Tempo, como uma verdadeira *Observadora* da Ilha Sagrada!

— O que é que tenho de fazer? — perguntei, trémula e ofegante.

— Passa as mãos sobre a névoa com uma questão na mente — replicou Íris, num tom circunspecto. — A magia de Melina fará o resto.

Obedeci, suplantada pela solenidade do momento. As minhas mãos tremiam e a testa enchia-se de gotas de suor. Sustive o fôlego, enquanto a neblina se dissipava e a superfície do poço adquiria brilho. Depois, uma luz acendeu-se no centro e espalhou-se até às margens. Fixei o círculo candente, concentrada no meu dilema: ceder a Sigarr ou morrer com honra?

De súbito, a cintilação do Óculo assumiu cor: azul-infinito; céu e mar. O meu queixo pendeu, enquanto a forma de um navio se definia. E outro... E muitos mais! A frota que me conduzira para o Sul! Já distinguia o meu corpo prostrado no convés, debaixo do olhar apreensivo de Erebus... Porém, não era sobre mim que a Visão recaía. Num fôlego, fui arrastada para o interior de outro barco e confrontada com dois guerreiros fortemente armados, atentos a um prisioneiro que jazia inconsciente. Tratava-se de um homem alto e robusto, coberto com uma túnica rasgada e imunda. O seu tronco estava atado com cordas e as correntes que lhe cingiam os pulsos ostentavam o brilho da magia maldita. Tinha o rosto encoberto com um capuz, para que não enxergasse o rumo que tomava. No entanto, reconheci-o de imediato.

— Pai... — arquejei, num sobressalto horrorizado.

Então, foi como se o tempo escapasse ao controlo da consciência e desatasse num galope desenfreado. Num ápice, vi os navios a aportarem na Terra das Montanhas de Areia; Deimos a conduzir o prisioneiro para o palácio dourado, a empurrá-lo através de um

labirinto de corredores de argila, a lançá-lo para o interior de um buraco negro... E escutei os meus berros de aflição:

— Pai! Não... Pai! Pai...

Desesperada, inclinei-me como se fosse possível mergulhar no Óculo para salvá-lo. Prontamente, Íris puxou-me para trás e cobriu-me os lábios com uma mão. Debatí-me com veemência, tentando libertar-me e recuperar a imagem perdida. Nesse instante, a voz da *Observadora* estrondeou com uma autoridade que me gelou até ao âmagô:

— Para, Kelda! Para imediatamente!

Quis rebelar-me, mas não consegui. A energia que a feiticeira espargia roubava-me as forças. No Observatório, a vontade de uma aprendiz não podia superar a de uma mestra. Ainda assim, havia carinho na sua sujeição, como uma mãe que prende um filho contra o peito para impedi-lo de cometer um erro fatal.

— Tens de te controlar... — sussurrou-me ao ouvido, diminuindo a intensidade do aperto a fim de permitir-me respirar. — Para já, não podes fazer nada!

Anuí com um gesto fraco, assegurando-lhe que recuperara o controlo. Íris manteve-me apoiada, adivinhando a fraqueza das minhas pernas. Permitiu que me debruçasse novamente sobre o Óculo... Porém, a superfície deste voltara a espelhar-se e a cobrir-se de névoa, deixando-me suspensa no choque da revelação.

— O meu pai está vivo! — ofeguei, com as lágrimas a ruírem pelas faces. — Porque não me contaste, Íris? Sabias da minha agonia...

— Já te expliquei o perigo das interferências — atalhou fervorosamente. — Mas tu mostraste-te irredutível! E não posso admitir que te façam mal. A tua presença aqui revela quão importante és neste jogo de vida ou morte. Perguntaste e o Óculo respondeu... Ainda duvidas que deves seguir Sigarr?

De volta à sala da *Observadora*, afundei-me num cadeirão, incapaz de parar de tremer. As lágrimas saltavam-me dos olhos, sem

que conseguisse discernir se chorava de dor por o meu pai estar preso ou de alegria por encontrá-lo vivo. Apertei a cabeça, sentindo-a prestes a rachar-se. Íris serviu-me um chá e forcei-me a bebê-lo, apesar da dificuldade em engolir. Felizmente, o seu efeito tranquilizador não tardou a manifestar-se. Respirei fundo e gemi num desabafo:

— Viajámos quase lado a lado! Eu devia ter-me apercebido...

— Estiveste a maior parte do tempo inconsciente, Kelda — justificou a feiticeira, sentando-se à minha frente e afagando-me as mãos. — Além disso, também experimentaste o poder daquelas correntes! A sua malignidade consome a energia mística, além da força vital. A essência do Rei da Lua está totalmente sufocada. Não o acharias, mesmo que tivesses alento para procurá-lo.

— Preciso de arranjar uma forma de avisar Halvard! — exclamei, num fôlego de determinação. — Quando ele descobrir o sofrimento que Sigarr está a infligir ao nosso pai...

— Lembra-te dos objetivos da frota — atalhou Íris, como se alarmada. — Crês que algo tão grave passaria despercebido ao teu irmão?

— Halvard não participou na ofensiva! — contestei, indignada com a ideia sórdida implícita nas suas palavras. — Decerto não sabe...

— Kelda... — tornou a interromper-me. — Pensa bem, antes de te deixares cegar por ilusões!

— Halvard jamais seria cúmplice de tamanha barbaridade! — teimei, abespinhada. E ela volveu:

— O Halvard que conheces? Ou o irmão que o teu coração idealizou ao longo dos últimos anos?

Recolhi as mãos, disposta a gritar em defesa do meu gémeo. Porém, a franqueza do olhar castanho prendeu-me a voz na garganta. Desviei o rosto, com a respiração alterada. Já devia estar habituada à incompreensão que assombrava cada passo de Halvard. Se os próprios pais lhe tinham virado as costas, como podia esperar que uma estranha se apiedasse da sua má sina? Além disso, Íris já demonstrara a sua condescendência para com Sigarr! Tentar

convencê-la de que o meu irmão só percorria o caminho da danação porque a sua vontade estava a ser manipulada pelo mestre da Arte Obscura seria uma perda de tempo. Por mais que me custasse, devia pôr de lado esse dilema e concentrar-me na fragilidade da minha situação.

A frustração carcomia-me. Sigarr não tinha Oriana para chantagear Thorson, mas tinha o meu pai! Mal a minha mãe descobrisse que o marido estava vivo, faria tudo para salvá-lo... Ou não? O dever acima de tudo, era o que ela sempre ditava... Com mil ratazanas agonizantes, qual seria a resolução dos nossos aliados? Abandonariam o Rei da Lua a uma morte certa? Ou cederiam às exigências do inimigo, condenando os povos da Terra à servidão? A resposta era óbvia... O Óculo do Tempo desvendara-me a sorte do meu pai porque eu era a única esperança que lhe restava.

Íris continuava a fixar-me... E as questões espinhosas que plantara na minha mente proliferavam, até os miolos sangrarem. Conseguiria eu fingir que pactuava com o inimigo, enquanto, secretamente, deslindava e arruinava os seus planos? Mesmo que, por milagre, superasse a astúcia de Sigarr, como iria encará-lo sem que o ódio me descontrolasse e denunciasse o meu ardid? Seria obrigada a esquecer a destruição da Ilha dos Sonhos e a chacina do meu povo... Não! Não! Não! Todavia, se me agarrasse com unhas e dentes a essa missão, para além de libertar o meu pai, teria a oportunidade com que sempre sonhara de salvar o meu irmão! Doía-me, mas obriguei-me a encarar a insinuação da *Observadora*... Se Halvard sabia desta imprecação, então o seu juízo estava completamente distorcido! E só eu podia chamá-lo à razão.

— Suponhamos que tento ludibriar Sigarr... — tartamudeei. — Se falhar, tu tomarás comigo!

Íris anuiu com a cabeça e volveu com sobriedade:

— Eu sei o que está em causa, Kelda... E estou disposta a arriscar! Confio na tua coragem e determinação, na excelência das tuas capacidades... Mas, principalmente, confio na minha intuição, na magia da Ilha Sagrada e na vidência da Pedra do Tempo. Tu foste

escolhida para travar a destruição do mundo. E, a bem ou a mal, há de fazê-lo!

— A bem ou a mal... — repeti amargamente. A quantos sacrifícios teria de me sujeitar para convencer o inimigo da minha conivência? Com quantas atrocidades teria de pactuar? E o que diria Lysander quando tamanho aleive lhe alcançasse os ouvidos? E a minha família? Iam pensar que eu os traíra, como as vozes maledicentes tinham predito! Sentiriam decepção, vergonha, raiva... Talvez ódio! Sim, Lysander haveria de me repudiar. Para ele, o dever também se sobrepunha a tudo. Jamais aceitaria as minhas justificações... E Thorson? Como reagiria quando lhe afiançassem que eu me aliara a Sigarr para combatê-lo? Por outro lado, se estivesse morta, jamais lhe tornaria a valer...

— Tens razão! — suspirei, derrotada. — Estou perdida de qualquer maneira, por isso mais vale tirar proveito desta hediondez! Viverei em desonra e morrerei coberta de vergonha, para que as gerações futuras conheçam o sabor da liberdade.

A *Observadora* voltou a apertar-me as mãos, objetando com absoluta convicção:

— Há de superar todos os obstáculos e derrotar o inimigo no seu próprio território! E, um dia, a verdade será reposta e o teu nome aclamado. Entretanto, também eu não baixarei os braços... Se o Conselho acreditar na tua conversão, Celsus voltará a escutar-me. Assim, poderei ocupar-me de Ingimar, enquanto tu corrompes as estratégias de Sigarr.

Não respondi. Chegara ao limite das forças. Íris estreitou-me e apreciei o breve conforto do seu abraço. Nem ousava imaginar os horrores que me aguardavam! Então, afastou-se o suficiente para me encarar e anunciou:

— Existem coisas sobre as quais te posso elucidar que talvez sejam proveitosas para o teu futuro. A profecia do Filho do Dragão assenta em três pilares...

— Sei disso — interrompi, recordando os ensinamentos de Pequena. — Eu sou a *decisora*, Lysander o *protetor* e Thorson o

executor.

— Correto — confirmou, impressionada com o meu conhecimento.
— E estás ciente de que, no outro lado da linha de combate, consciências opostas possuem poderes semelhantes?

Com mil ratazanas danadas, o que queria Íris dizer? Poderia este pesadelo tornar-se ainda pior? Ante a minha perplexidade, ela continuou:

— As forças que sustentam o universo acautelaram que as energias que originaram a profecia encontrariam oposição para que um equilíbrio fosse gerado.

— Equilíbrio? — refutei, exaurida. — Mais confusão, queres dizer! Isso significa que Sigarr também dispõe de um *protetor*, um *decisor* e um *executor*? — Ante a sua confirmação, prossegui o raciocínio: — Halvard deve ser o *executor*, pois é um Filho do Dragão tal como Thorson. O *decisor*... O *decisor*...

— O *decisor* é Erebus.

— Erebus está vivo? — Quase pulei do cadeirão, tal a ansiedade.
— Não pode ser... Como sobreviveu aos ferimentos que Deimos lhe impôs?

Desde que despertara, a sorte do meu primo angustiava-me. Todas as noites, encostava o búzio mágico ao ouvido e deixava-me embalar pela canção do mar, enquanto orava em seu favor. A recusa da *Observadora* em ceder-me informações convencera-me da sua morte... E trouxera-me a dolorosa percepção de que, apesar do abismo que nos separava, Erebus conquistara um lugar no meu coração. Lamentava não ter tido oportunidade de agradecer-lhe o que fizera por mim... Afinal, talvez não fosse tarde!

— Não subestimes o teu primo, Kelda — já declarava Íris. — Ele é um homem de muitas competências... E, por incrível que pareça, nem todas são más! Às vezes, penso que a Entidade que compôs a sua essência decidiu desafiar a sua herança de sangue e a educação que haveria de receber. A sua capacidade regenerativa é tão formidável quanto a sua habilidade para sarar... — Franziu a testa, antes de continuar: — Estás a sorrir! Vejo que esta nova te agradou!

— Erebus salvou-me... — repliquei, sentindo-me algo ridícula na argumentação.

A *Observadora* abriu um sorriso complacente ao retrucar:

— É verdade! Aliás, por tua causa, as decisões de Erebus não têm favorecido os seus pares! Eu conheço o seu percurso... Se não tivesse testemunhado com os meus próprios olhos, juraria ser mentira que ele pudesse enfrentar Deimos para te defender! E essa é uma das razões por que acredito ainda haver esperança.

Para ser sincera, o cuidado que Erebus me devotava também me confundia. De qualquer modo, ficava feliz por sabê-lo bem. Entretanto, a feiticeira voltara a assumir um ar sério... E eu não tinha a certeza de querer escutar a derradeira revelação. Engoli em seco e arquejei:

— Quem é o *protetor*, Íris? Não pode ser Deimos... Por favor, diz-me que não é Deimos!

Ela esboçou um gesto de impotência e contraditou:

— Sinto muito, Kelda. Tal como Lysander, Deimos é o guerreiro que defende os seus pares...

— A defesa dos pares não é, certamente, a sua prioridade — contestei, bufando de desprezo. — Vê o que fez a Erebus... — Saltei do cadeirão e comecei a marchar pela sala, enquanto praguejava: — Com mil ratazanas coxas, isto não vai resultar! Não posso conviver com tamanho monstro! O ódio que nos separa é terminal... Eu capei-o, Íris! Mesmo que Sigarr lhe ordene que não me moleste, Deimos não descansará enquanto não me despachar à marrada para os confins do submundo!

— Para já, não terás de te preocupar com Deimos — contrapôs a *Observadora*, determinada a não me deixar esmorecer. — Sigarr ficou furioso quando descobriu que ele conspirou com Ingimar nas suas costas. Por isso, castigou-o, enviando-o para a ilha onde o Povo do Fogo se encontra exilado.

— Sigarr retirou a sua proteção a Deimos? — inquiri, atónita. No entanto, as minhas expectativas foram goradas.

— Sigarr não podia chegar a tanto. A ajuda de Deimos é crucial para a concretização da profecia.

— Então, de nada serviu...

— Não é bem assim! Pode não parecer, mas a mão de Sigarr foi bastante severa. Estar afastado da missão que tanto o apaixona e ser obrigado a sarar dos ferimentos que lhe infligiste no seio da sua gente são golpes duros na soberba do rei do Povo do Fogo. Talvez isso faça com que, da próxima vez que te encarar, seja mais comedido...

— Ou ainda mais brutal — rosnei entredentes. — Mas não lhe darei tréguas! Além disso, quero ver o que Halvard pensará do companheiro chifrudo quando souber que ele me atacou!

Desta feita, ao invés de ficar satisfeita com a minha decisão de concretizar o seu plano, Íris ficou-se apreensiva. Hesitou bastante... Todavia, acabou por rebater:

— Infelizmente, Deimos não é a maior ameaça que terás de enfrentar! Já percebi que a reabilitação de Halvard será o teu principal objetivo. Acreditas que resolverás todos os problemas se alterares o seu pensamento... Porém, tem cuidado! Muito cuidado! O teu irmão pode ter o aspeto de um príncipe e simular os modos de um cavalheiro, mas o seu coração é mais torpe do que a podridão do submundo. Não esperes compreensão ou clemência da parte de uma essência que se alimenta do sofrimento que impõe! Lastimo imenso, Kelda... Mas devo avisar-te de que Halvard é, sem dúvida, o pior demónio que ameaça a Terra.

Embora fosse noite cerrada, os pássaros não paravam de cantar no jardim. As alegres melodias diurnas tinham sido substituídas por cânticos de embalar. Contudo, após tantas revelações perturbadoras, eu não tinha paciência para ouvir nem mais um pio daquela chilreada divina. Odiava a Ilha Sagrada! Odiava os Feiticeiros... E odiava aquela maldita passarada, que mais não era do que uma farsa estrídula! Estava tentada a evocar um falcão faminto, só para vê-la sumir-se em névoa.

Já dera tantas voltas e reviravoltas na cama que desfizera as cobertas. E continuava sem dormir. Durante algum tempo, a música do búzio mágico apaziguara-me o espírito. Era reconfortante escutar o som do mar, o enrolar das ondas na areia, o tinir das pedrinhas sob o ímpeto da água... Todavia, essa harmonia não perdurara. Logo, a voz da natureza misturava-se com uma voz feminina, que declamava com ardor:

«Sopra o búzio dentro de água e eu escutarei o teu apelo... Amar-te-ei até à morte...»

Guardei a concha, azedada. Porque é que o destino se divertia a flagelar os apaixonados? A mulher que encantara o búzio perdera o seu amor... E o mesmo haveria de suceder comigo! Em breve, Sigarr viria julgar a minha conversão e, se o seguisse, tornar-me-ia uma traidora aos olhos de Lysander. Com mil ratazanas infetas, durante anos sentira-me inferiorizada por ser incapaz de fazer magia... Agora, desejava que esta nunca se tivesse manifestado! Assim, o herdeiro da rainha Lyria não se teria tornado meu mestre e eu não estaria condenada ao insuportável martírio de jamais voltar a abraçá-lo.

A fatídica pergunta não cessava de me atormentar: como embair Sigarr? Os conselhos de Íris eram pertinentes. Se me concentrasse nas divergências que tivera com os meus pais e com Lysander, talvez o levasse a crer que me dececionara com a vida que deixara para trás. Desse modo, preservaria os segredos da minha família e do meu povo da voracidade do mestre da Arte Obscura. Isso, se ele não saltasse sobre mim para me usurpar o sangue! Aí, não haveria como ocultar nada... E, ciente do embuste, não hesitaria em trucidar-me.

Não me angustiava pensar na morte. Frustrava-me, sim, admitir que a preciosa informação que obtivera se podia perder. O meu pai estava vivo! E a minha mãe tinha de ser avisada, a fim de se preparar convenientemente para ripostar às exigências de Sigarr. Mas como? Invocar uma Visão era demasiado perigoso, com os narizes dos feiticeiros sempre a farejarem... A não ser que eu o fizesse num lugar interdito ao Mestre Supremo e aos seus lacaios!

Congeminei nessa ideia... Tinha todos os meios para pô-la em prática. Porém, Íris jamais aprovaria. Diria que tal implicava quebrar regras... Que se danassem as regras!

Saltei da cama e saí do quarto, pé ante pé. Decerto Íris não teria evocado as passagens mágicas à minha frente se desconfiasse que tal era quanto bastava para fazê-lo por minha conta. Em menos de nada, já percorria o corredor de nuvens cerradas que conduzia ao coração da Ilha Sagrada. Sentia-me prodigiosamente calma... O meu fôlego só acelerou quando percebi que alcançara a Bruma da Consciência. Fender a barreira de névoa seria um prodígio! Testemunhara a dança de Íris, mas isso de nada me serviria se a minha essência não possuísse, efetivamente, o poder exigido a um *Observador*. Ciente de que perdia tempo com incertezas vãs, fechei os olhos e deixei-me levar pelo instinto.

A minha capacidade inata de assimilar conhecimento manifestou-se, numa imitação perfeita dos gestos da *Observadora*. Abri os olhos, sem saber o que esperar... O nevoeiro dissipava-se, cedendo-me entrada no Jardim do Testemunho! Então, tornei a vacilar. As Árvores Vigilantes erguiam-se à minha frente: gigantes afilados que resplandeciam como arco-íris, na noite estrelada de um firmamento sem início nem fim. De manhã, eu atravessara essa floresta de energia pela mão de Íris. Todavia, neste momento, e apesar de a magia de Melina pulsar na minha essência, não deixava de ser uma humana em grosseira transgressão. E se as guardiãs do Observatório resolvessem castigar-me pelo atrevimento?

Tomei um fôlego de coragem e ousei um passo. De imediato, um perfume maravilhoso assegurou-me de que podia avançar. Caminhei devagar, incapaz de ignorar a beleza das plantas mágicas, que oscilavam serenamente como se bailassem só para mim. Quando despertei do enlevo, um nevoeiro colorido e morno já se libertara do solo e aflagava-me a pele... E um poço de pedra negra cintilante emergia da bruma, convidando-me a aproximar. O que fazer agora? Não possuía o treino de uma *Observadora*, para conduzir Visões ao sabor da vontade! Restava-me confiar que o Óculo do Tempo

identificaria as minhas angústias e providenciaria as respectivas respostas.

Movi as mãos sobre a névoa que cobria a superfície espelhada, com o pensamento no meu pai. A quem devia apresentar a nova de que ele estava cativo na Terra das Montanhas de Areia? Luz do centro para a margem... Trevas da margem para o centro... E uma praia de seixos surgiu diante dos meus olhos, fracamente iluminada pelo círculo recortado da Lua. Nuvens densas galopavam no céu. Não tardaria a chover. O mar estava encrespado, alteroso, repleto de espuma branca. Os seus rugidos rivalizavam com os assobios do vento, que se esgueirava pelas fendas dos penhascos. O meu peito apertou-se ao reconhecer aquele lugar. Treinara ali muitas vezes com Lysander. Ele obrigara-me a correr descalça sobre os seixos, a mergulhar do topo da fraga e a combater a selvajaria das ondas. Arrepiei-me só de recordar como a água era gelada... De súbito, distingui o vulto de um homem; uma sombra vestida de negro, que se misturava na perfeição com as trevas da paisagem.

Quem não conhecesse o príncipe da Gente Bela confundiria o manto preto e prata dos seus cabelos com uma capa de seda a esvoaçar ao vento. Estava sentado à beira-mar, a observar a fúria das vagas com um ar perdido. Por instantes, fui incapaz de reagir, deslumbrada pelos traços perfeitos do seu rosto. Os olhos azul-escuros estavam desprovidos da cintilação estrelada, o que só acontecia quando a sua magia se esgotava ou algo o transtornava. O meu coração contraiu-se ao ver as suas faces inundadas de lágrimas. Então, suplicou distintamente:

— Por favor, menina-feiticeira... Dá-me um sinal de que estás viva!

Levei as mãos à boca, mal contendo um grito. O meu corpo estremeceu, sacudido por um choro brusco e incontrolável. Tive de me apoiar na pedra do poço para não cair, pois as pernas recusavam-se a suster-me... O Óculo do Tempo conduziu-me ao meu amor! Era a Lysander que eu tinha de entregar a mensagem! Além disso, podia contar-lhe o que me preparava para fazer... Se ele

soubesse que eu estava a ser forçada a seguir Sigarr, não só haveria de me justificar perante os nossos, como faria tudo para me resgatar. Respirei fundo e tentei acalmar-me, apurando a voz para não soar rouca de agonia:

— Lysander... Lysander, estás a ouvir-me?

Ele tremeu como se percorrido por um calafrio. Cruzou os braços sobre o peito e olhou em volta. Escutara-me... Ou não? Definitivamente, a perceção alertara-o para uma perturbação na energia que o rodeava. Porém, estava tão imerso no desalento que decerto confundira a minha manifestação com o ardor da tempestade que se formava. Tornei a chamá-lo. Clamei e brami... Contudo, o meu mestre continuou alheio ao apelo. Estaquei, ofegante. E a sua cabeça descaiu, enquanto um gemido pungente lhe escapava dos lábios:

— Estou a morrer por dentro... Tenho de reagir, mas não consigo! Como posso lutar sem ti? Como posso viver sem ti? Tu fazes parte de mim, Kelda! Quero-te tanto...

Apertou a cabeça entre as mãos e o seu corpo convulsou, enquanto soltava um urro que abafava o estridor do mar e do vento. Um relâmpago rasgou o céu e encheu os meus olhos de luz. Fundi o meu brado com o uivo da voz amada e o ribombar dos trovões. O meu coração rasgava-se... A alma ardia... O desespero enlouquecia-me! O Óculo reconheceu a minha essência e atendera-me. Porém, como eu não detinha a instrução necessária para dominar as regras da sua magia, era incapaz de comunicar com Lysander. Ele não me via, nem me ouvia... Julgava-me morta! E, quando descobrisse que, afinal, sobrevivera ao confronto com Deimos, ficaria convicto de que a minha vontade fora subvertida; de que eu era uma reles traioeira... Uma maldita!

Verguei-me sobre o Óculo com os dedos cravados na pedra, o fôlego preso e os olhos arregalados, a aguardar que o clarão se desvanecesse. Lysander tornou a surgir diante de mim, com o rosto desfigurado por uma dor excruciante. Como era possível estarmos tão perto e, ao mesmo tempo, fatalmente apartados? Provavelmente

essa seria a última vez que o via... Como o amava! Amá-lo-ia até ao meu último sopro de vida... E para além da morte.

As lágrimas ruíram em cascata pelas minhas faces e tombaram sobre o Óculo. Na praia, começava a chover... Dei por mim a sorrir, imaginando que o meu pranto se transformava em chuva, se precipitava através das nuvens e acariciava a pele do príncipe, misturando-se com as suas lágrimas. Então, ele deitou a cabeça para trás, a fim de receber as gotas de água... E sorriu! Um sorriso tão triste, tão esmorecido, tão derrotado... Mas, ainda assim, um sorriso que respondia ao calor do meu.

— Amo-te, Lysander — solucei extenuada. E o meu coração sangrou ao ouvi-lo murmurar:

— Amo-te, Kelda...

Desfaleci e a minha testa esmagou-se contra a superfície sólida do Óculo. Não havia mais nada para ver. Não havia mais nada para ouvir. Eu falhara o propósito que me trouxera até aqui... O cativo do meu pai continuava a ser um segredo bem guardado pelos nossos inimigos. Aqueles que me eram queridos acreditavam que eu perecera... E, quando Íris descobrisse que eu invadira o Observatório, haveria de me arrastar pelos cabelos até aos pés do Mestre Supremo! Senti-me um destroço; consumida para além do que era humanamente suportável. Pensei que, se a morte me fulminasse nesse instante, a receberia como uma bênção.

O nevoeiro colorido que pululava pelo Observatório enredou-se no meu corpo, cobrindo-me por completo. Nem tentei resistir... Aos poucos, fui-me tranquilizando, ciente de que a magia da Ilha Sagrada alentava a minha essência. Continuava infeliz, mas já não ansiava por arrancar o coração do peito. Tinha de viver pelo meu pai... pelo meu povo. Os nossos inimigos não podiam triunfar!

De repente, apercebi-me de movimento no interior do Óculo. Outra revelação? Fixei-o incrédula, até assustada... E assombrei-me ao deparar com um quarto ricamente adornado, onde tudo era branco do teto ao chão, da cama às cobertas, da mesa à jarra que a enfeitava e às flores que esta continha. Quadros com belos relevos

de formas ebúrneas sobre fundos nevados ornavam as paredes leitosas, enquanto tapetes alvos convidavam os pés a desfrutarem da sua suavidade. Só o negro espesso dos cabelos de um homem, espalhados pela almofada, quebrava a monótona candura. Dormia profundamente... Um estranho? Não! Eu conhecia-o! Mas de onde? De onde? Arquejei sobressaltada... De um pesadelo sinistro e imensamente doloroso! Aquele era o feiticeiro que tentara subjugar-me com a sua peçonha... O soberano da Ilha Sagrada.

Quase saltei para trás quando o infame abriu os olhos. Contudo, serenei ao recordar que estava protegida pela magia do Observatório. Se o Óculo do Tempo resolvera desvendar-me a privacidade do Mestre Supremo, alguma razão teria! Vi-o erguer-se e sair da cama, cambaleando ensonado. Os traços severos do seu rosto estavam vincados por um desassossego que exigia aquietação. Calculei que fora atormentado por um pesadelo e, agora, movia-o a necessidade premente de se assegurar de que este não se concretizara.

Dirigiu-se a um dos quadros à sua direita, feito de pregas de branco-níveo, as quais se distribuíam harmoniosamente na vertical como as cordas de uma harpa. Hesitou... Mas acabou por lhes tocar, acariciando as plicaturas com movimentos rápidos e precisos, como se estivesse a compor música. E, para meu pasmo, o alvor do quadro principiou a incandescer, a libertar faíscas de prata, até que a opacidade se tornou transparente, deixando a descoberto um esconderijo.

Mais rápido do que a minha interrogação, a mão do feiticeiro mergulhou naquele cofre secreto. Quando a recolheu, segurava duas joias... E o meu coração sofreu um baque ao constatar o que tinha diante dos olhos. Aquelas eram as pedras branca da sabedoria e amarela da união! As pedras mágicas criadas pela feiticeira Aranwen, à beira do Lago Encantado, há muito desaparecidas!

— Com mil ratazanas arrependidas...

CAPÍTULO 5

Acabava de me aprontar para me juntar a Íris na refeição da manhã quando senti uma oscilação brusca na energia que envolvia a casa. O sobressalto foi tão grande que o gancho com que prendia os cabelos caiu-me das mãos e os caracóis negros tombaram-me sobre os ombros.

Fixei o meu reflexo no espelho e assustei-me com a palidez cadavérica da pele, exaltada pelo verde intenso do vestido vaporoso. O fio preto e prata, de onde pendia o búzio mágico, enfeitava o decote cavado e realçava as curvas generosas dos meus seios. Os olhos cintilavam como estrelas, mas era medo a emoção que os animava. Sabia que teria de enfrentar este momento... Todavia, não me passara pela cabeça fazê-lo tão cedo! E, ainda por cima, trajando como uma boneca da corte feiticeira! Desejei ardentemente ter as minhas roupas de guerreira... E a arma do avô Throst! Se o punhal de Lobo Cinzento estivesse em meu poder, haveria de degolar Sigarr antes que uma partícula da sua magia nefanda aflorasse a minha essência.

A lembrança da noite anterior empalideceu-me ainda mais. Porque é que o Óculo do Tempo tomara a iniciativa de me revelar o esconderijo das pedras de Aranwen? Íris defendia que o poder do Mestre Supremo estava a definhar porque a energia primordial que regia a Ilha Sagrada se enfurecera com as suas decisões e, aos poucos, o abandonava. Segundo ela, não havia memória de que, alguma vez, um feiticeiro tivesse depauperado sob a aura abençoada deste solo. E isso sustentava a nossa causa! Porém, que importava ter a razão do nosso lado se a profecia do Filho do Dragão fosse concretizada? E de que me servia saber onde se encontravam os amuletos roubados à minha família se era impossível resgatá-los? No fim, esta seria apenas mais uma informação que se perderia quando tombasse aos pés dos meus algozes!

Quase saltei de susto ao ver Íris entrar no quarto. Ao contrário de mim, vinha afogueada. Deteve-se a olhar-me com uma expressão transtornada, como se a coragem lhe falhasse. E fui eu que acabei por questionar, desejosa de acabar com a torturante expectativa:

— Sigarr chegou?

A *Observadora* respirou fundo antes de responder:

— Sim. Está à tua espera.

Engoli com força, tentando desmanchar o nó que se formara na garganta. Depois, sacudi a cabeça e declarei, quase com desprezo:

— Sempre imaginei que morreria como uma guerreira! E nem sequer tenho uma arma...

— Para que precisas de armas? — cortou Íris com firmeza, aproximando-se para acariciar-me a testa. — A tua melhor arma é a tua mente. Se eu não tivesse plena convicção do acerto dos nossos atos, jamais assumiria este risco, Kelda! Concentremo-nos nos nossos objetivos e, quando nos tornarmos a encontrar, será para celebrar um acordo de paz vitalício entre a Ilha Sagrada e a Terra. Feiticeiros e Homens poderão misturar-se. E haverá liberdade de pensamento e de decisão! Quem sabe se, nesse dia, os jardins do Castelo de Cristal não serão abençoados com os risos de crianças de sangue misto, desejosas de tornar o mundo num lugar perfeito para viver?

Fechei os olhos e soprei o ar, incapaz de conter um sorriso triste. Por fim, permiti-me mergulhar na pureza do olhar castanho e apertei-lhe as mãos, enquanto retorquia:

— Ao contrário de ti, eu não creio na perfeição... Mas quero acreditar que ainda é possível alcançar um equilíbrio! Duvido que, algum dia, crianças de sangue humano possam pisar a Ilha Sagrada... Porém, estou disposta a sacrificar-me para que vivam em paz na Terra.

Caímos nos braços uma da outra e estreitámo-nos com carinho. De novo sorri, ao pensar como uma amizade tão improvável se tornara inquebrantável. Por mais voltas que a vida desse, Íris teria sempre lugar cativo no meu coração.

— Uma última sugestão? — inquiri junto ao seu ouvido. E a feiticeira replicou frugalmente:

— Estive a cogitar... Sigarr desconhece o quanto a tua mente se opõe aos sortilégios, mas não é tolo! Convence-o de que estás disposta a colaborar, sem te mostrares despida de vontade. Enfrenta o seu olhar e deixa o teu fogo transparecer. Se ele se sentir desafiado, mais depressa te tomará sob a sua proteção. — Perante a minha estranheza, acrescentou: — Sigarr é um jogador! Não resistirá à tentação de subverter uma essência pura.

— A minha essência não é pura — objetei, aludindo à magia obscura do meu sangue.

A *Observadora* sorriu abertamente e retrucou:

— Por isso vais vencer!

Vencer... Eu aguardara toda a vida pelo ensejo de cortar a garganta de Sigarr e, agora, via-me obrigada a rastejar aos seus pés! Enquanto descia as escadas de mármore rosa, pensava queurgia esquecer o quanto o odiava. Haveria de penetrar no seu covil, observar... E contrafazer! Qual doença silenciosa e letal, que se aninha num corpo vigoroso e o corrói, até este decair e perecer, eu destruiria os meus inimigos!

Cheguei ao fim dos degraus, pejada de determinação. Porém, mal entrei na sala e deparei com a expressão acutilante do mestre da Arte Obscura, comecei a vacilar. Tentei controlar-me... Se queria fazê-lo acreditar que não o via como uma ameaça, estava proibida de revelar temor. Contudo, os meus joelhos tiritavam... Ia deitar tudo a perder!

Íris deteve-se ao meu lado, lutando contra a vontade de me dar a mão. Sigarr avançou um passo... Porém, tornou a quedar-se e estreitou o olhar celeste. Rangi os dentes, ciente do que ia acontecer. E, de súbito, senti o vogar da sua essência como uma mortalha a deslizar pela pele. Chegara o momento da verdade e eu só desejava escapulir-me aos gritos! Jamais conseguiria iludi-lo! O

feiticeiro maldito ia devassar-me e apossar-se de todos os meus segredos.

De repente, foi como se o mundo se desvanecesse e só restássemos nós dois. Que idade teria Sigarr? Duzentos, trezentos... quinhentos anos? Parecia pouco mais velho do que eu! Quantas vidas usurpara para manter a juventude intacta? Era magro para a altura e isso refletia-se nos traços do rosto, tornando-os angulosos e austeros. Os seus cabelos dourados resplandeciam sob a influência dos raios de sol que inundavam a sala. Trajava de castanho e, talvez por isso, parecia menos altivo, mais... humano! Humano? O monstro diante de mim, humano? Não fora a gravidade da situação, poderia gargalhar com esse pensamento! E então? Ele estava à espera de quê? Apesar de rondar a minha consciência, ainda não tentara violá-la...

Subitamente, o inimaginável: Sigarr forçou a sua essência a recuar! O tremor que o percorreu foi tão subtil que só o interiorizei devido à proximidade das nossas auras. Ainda assim, transpareceu o quanto se irritara com a inusitada comoção que o reprimira. E a sua voz soou gélida como um glaciador ao ordenar:

— Segue-me, rapariga. Mantém as costas direitas, os olhos no chão e a boca fechada.

— Sigarr? — intrometeu-se Íris, tão perplexa quanto eu. — O que foi que aconteceu?

O mestre da Arte Obscura já se dirigia à porta, mas arrostou-a com brusquidão:

— O que queres agora, *Observadora*? Não te cansas de estracinhar a minha paciência?

— Estás a levar Kelda...

— É óbvio! — atalhou, mordaz. — Por acaso tencionas oferecer-me um chá antes de partirmos?

A jovem ignorou o seu desdém e insistiu, visivelmente preocupada:

— Não perscrutaste a sua essência...

— Para quê perder tempo, quando sei que os dislates de Celsus não surtiram efeito?

A mão de Íris fechou-se na minha e apertou-a com força. Eu estava paralisada de horror... Sigarr acabara de anunciar que sabia perfeitamente que o Mestre Supremo falhara! E agora? As ordens que recebera eram claras... Prendi o fôlego quando a minha amiga me puxou para trás de si e replicou determinada:

— Kelda não sairá daqui sem que me digas o que tencionas fazer!

— Estás com medo do quê, criatura néscia? — troou Sigarr, agitando os braços num ímpeto minaz. — Que eu a denuncie, para que Celsus se divirta a torturá-la?

— Se não for ele a flagelá-la, serás tu? — afrontou-o Íris. — Não consentirei que lhe faças mal...

— Argh! Mulheres! — rugiu o mestre da Arte Obscura. E o calor da sua fúria extravasou. Num ápice, acometeu contra nós e confrontou a *Observadora*, como se fosse arrancar-lhe o nariz à dentada. Depois, o olhar incendiado caiu sobre mim, disposto a reduzir-me a cinzas. Não obstante o perigo, reuni forças para erguer o queixo... Então, Sigarr tornou a espantar-me ao respirar fundo e retroceder, libertando-nos da sua sombra opressiva.

Apesar de trémula, Íris não se mexeu. Mantive-me colada ao seu corpo, certa de que tombaria se impusesse às pernas o esforço de me sustarem. Por instantes, o silêncio engoliu a sala... Finalmente, o feiticeiro encarou a dona da casa. E o seu rosto já não denunciava um único vestígio da exaltação que o fustigara, ao cicizar num tom cortante:

— Depois do trabalho que essa fedelha me deu, é óbvio que não tenciono entregá-la ao Conselho dos Seres Estultos! Decerto, Halvard achará estimulante tê-la ao seu lado... Como vês, *Observadora*, não és só tu que diligencias em segredo! Não admitirei que a pomposa estupidez daqueles que se julgam meus superiores destrua tudo aquilo que já conquistei. — Voltou a fixar-me e mastigou: — Faz o que te mandei, se queres viver!

Alcançou a porta num piscar de olhos. Eu não tinha tempo para pensar... Não tinha tempo para nada! Soltei a mão de Íris e corri atrás do meu carrasco. Ainda a ouvi gemer o meu nome, mas não me virei, temendo fraquejar. Por mais que me custasse, tinha de me sujeitar a Sigarr. De novo, o mestre da Arte Obscura demonstrara ser o mais astuto dos facínoras! Sem esforço, provara que ninguém o enganava; que era ele quem mandava... E ainda me obrigava a engolir o orgulho e a segui-lo como uma cachorrinha obediente.

Concentrei-me nas suas ordens: costas direitas, olhos no chão, boca cerrada... Logo entendi o porquê de tais imposições. O Conselho dos Seres Superiores aguardava-nos no jardim. E a voz do Mestre Supremo rasgou o ar, gelando-me até ao âmago:

— O que tens a declarar, mestre Sigarr?

O outro respondeu sem hesitar:

— A jovem Kelda está pronta a servir a Ilha Sagrada. Após a minha avaliação, revelou-se ansiosa por ajudar o irmão a concretizar a profecia.

Alguns Sacerdotes manifestaram-se, suspeitosos e desagradados, como se o seu maior desejo fosse cuspir nas minhas cinzas. Receei que o soberano me chamasse para comprovar o testemunho do proscrito. Espreitei-o pelo canto do olho e o ódio queimou-me as entranhas. O miserável que se sobranceava, imponente como um deus, era senhor da vontade de Sigarr, de Ingimar... Uma palavra sua bastaria para pôr fim à guerra! Contudo, segundo eu percebera, a invasão da Ilha dos Sonhos resultara das suas ordens. Isso significava que aquelas primorosas mãos estavam encharcadas com o sangue do meu tio Bjorn, da Sacerdotisa Amora e de todos os homens, mulheres e crianças assassinados naquela abominável batalha... A minha vontade era acometer contra ele e trucidá-lo! Porém, seria esmagada pela sua magia antes de erguer um dedo. Um dia... Um dia haveria de enfrentar o infame em igualdade de circunstâncias, vingaria o meu povo e limparia a minha honra! E, para isso, tinha de sobreviver a esta prova.

A quietude que nos envolvia era arrepiante, como se todas as criaturas que pisavam o jardim se mantivessem suspensas na determinação do Mestre Supremo. Estaria a ponderar o que fazer? A esmiuçar os meus fôlegos estrangulados? A considerar a sinceridade de Sigarr? De repente, surpreendi-lhe uma cintilação estranha no olhar. E o meu coração espinoteou, em pânico. Celsus sabia que o mestre da Arte Obscura estava a mentir! Era o fim...

— Tens a minha permissão para mantê-la sob a tua guarda — enunciou inesperadamente, num tom vibrante que propalava toda a sua autoridade. — Quero que Kelda se torne a mais fiel seguidora do Filho do Dragão. Diligencia nesse sentido.

Mal consegui engolir o pasmo. Ele estava consciente de que a sua peçonha não surtira efeito e, mesmo assim, deixava-me partir? Isso não fazia sentido!

Tive a estranha sensação de que Sigarr suspirava de alívio. Inclusive, apercebi-me da tensão do seu corpo quando se inclinou em reverência. Nesse instante, Ingimar avançou um passo e objetou:

— Senhor, peço a vossa autorização para comprovar a sujeição da humana. Não questiono a competência de mestre Sigarr, mas uma segunda opinião afastará quaisquer dúvidas que possam subsistir no Conselho...

— Tal não será necessário, Sacerdote Ingimar — atalhou o Mestre Supremo, calando o protesto do execrável. — O Conselho já perdeu demasiado tempo com este assunto... «menor». A partir de hoje, Kelda desfrutará do mesmo estatuto que os demais protegidos de mestre Sigarr. E todas as decisões que influenciem o seu destino serão tomadas por mim e por ninguém mais. — Fez uma pausa para os súbditos assimilarem a ordem, antes de firmar: — A minha palavra é lei.

— A vossa palavra é lei... — repetiram Sigarr e o Conselho, num coro bem afinado. A exceção foi Ingimar.

O dejetivo místico continuava a fitar-me, com um ódio trucidante vincado em cada linha do rosto, incapaz de se conformar com o

desfecho da situação. As últimas palavras do soberano tinham soado como uma admoestação direta; um aviso para que ele não voltasse a ameaçar a minha vida. E se a condescendência do onnipotente Celsus me abismara, nem imaginava aquilo que o irmão de «O Que Tudo Vê» estaria a sentir, ao verificar que a humana que conspurcava a excelência da sua linhagem se lhe escapava por entre as garras.

— Desejas argumentar da minha decisão, Sacerdote Ingimar? — interpelou o Mestre Supremo, num tom capaz de gelar o Sol, bem ciente da omissão do vassalo e nada disposto a escusá-la.

Sustive a respiração, convicta de que o meu «digníssimo parente» ousaria atacar-me. Porém, Ingimar acabou a mastigar como se tragasse golfadas de fel:

— Não, meu senhor. A vossa palavra é lei.

Só então o ladrão das pedras mágicas concluiu:

— Que a lei se cumpra!

Sigarr disfarçou um sopro de desprezo, ao ouvir o voto do primo. Pelos vistos, a divergência de opiniões quanto à minha sorte causara mossa na convivência dos dois celerados... Fez sinal para que eu o acompanhasse e apressei-me a obedecer. Estava aliviada por me livrar dos restantes feiticeiros, mas a minha cabeça estalava de confusão. Porque é que Celsus fingira ignorar que a minha vontade não fora adulterada? Teria estabelecido um acordo secreto com o mestre da Arte Obscura? Era possível! Fosse o que fosse que estava a ser cozinhado nas minhas costas cheirava muito mal! Mais do que nunca, devia manter-me atenta...

— Mexe os pés! — resmungou Sigarr, quase me obrigando a correr.

De súbito, estacou no meio do jardim... E, sem quaisquer rodeios, iniciou a evocação de um trilho mágico. Se tinha consciência de que não devia fazê-lo à minha frente, pouco se importou. E o segredo pelo qual eu tanto ansiara acabou por se entranhar na minha essência, pela mão do ente que eu mais detestava. Seria esta a

minha primeira conquista, enquanto espia no antro do inimigo? Ou o princípio do fim da minha sanidade?

O coração quase me reventava o peito, enquanto seguia Sigarr através do trilho de luz. Não tardei a ver surgir as montanhas de areia, a cidade de argila e o palácio dourado. Ia mesmo ao encontro do meu pai! Reparei que o feiticeiro me mirava de soslaio. E, apesar da raiva que sentia pela impotência a que estava sujeita, não consegui sufocar a ansiedade e indaguei:

— Halvard está à minha espera?

O mestre da Arte Obscura ignorou-me e acelerou o passo. Mordi um palavrão, mal contendo a vontade de lhe dar um pontapé no traseiro. Não me deixaria afetar pelo seu desdém! Após libertar o meu pai e chamar Halvard à razão, haveríamos de ajustar contas.

Logo pairávamos sobre o terraço do palácio, onde o meu disfarce de Sacerdotisa fora arruinado... E quem nos aguardava era um homem alto e esguio, encoberto por uma capa cinzenta. Íris não me iludira! Erebus estava vivo!

Esqueci tudo, exceto a alegria de reencontrar o primo que quase se sacrificara para me salvar. Soltei um grito e desatei a correr, deixando Sigarr para trás. Depois, pulei para o terraço e lancei-me ao pescoço do «Criador das Trevas», estreitando-o com quanta força tinha. Ainda me custava a acreditar que ele fosse real! Com a cabeça deitada no seu peito, inspirei um fôlego de satisfação e exclamei com toda a sinceridade:

— Estou tão feliz por te ver!

O coração de Erebus retumbava, qual tambor, junto do meu ouvido. Só então interiorizei que ele não correspondia ao meu abraço. Temeraria a reação do mestre à nossa proximidade? Sobressaltada, vi Sigarr passar por nós... Não parecia desgostoso! Inclusive, ostentava um ar matreiro como se divertido. Provavelmente, o meu primo confessara-lhe tudo... E o feiticeiro encarava o meu arrebatamento como uma prova de que, cedo ou tarde, eu acabaria por ceder à sua vontade, por amizade a Erebus... e por amor a Halvard!

O mestre da Arte Obscura entrou no palácio sem dizer uma palavra. Pelos vistos, já instruíra o pupilo sobre o que fazer comigo! Encarei Erebus, alarmada. A minha iniciativa perturbara-o tanto que o tremor do corpo ossudo era perceptível. As sombras do capuz revelaram-me o seu olhar: dois poços negros e profundos, agora inundados de flamas. E o meu sobrolho franziu-se, ao inferir porque se mantinha hirto como um tronco... incomodado, até! Era óbvio que não estava habituado a gestos de gratidão e, muito menos, a manifestações de afeto.

Recuei antes que Erebus cedesse ao impulso de me repelir. Estava provado que, no fundo das nossas essências, existia um reconhecimento; um apego improvável e estranho, porém, cada vez mais sólido. E, exatamente por isso, eu devia respeitar o seu recato. Pareceu-me que suspirava de alívio. Nada melindrada, mantive o sorriso e agradei:

— Obrigada por me defenderes.

Surpreendi-me quando a sua voz soou distorcida, quase impercetível, ao ripostar:

— Kelda irmã Halvard.

O que pretendia ao rememorar o óbvio? Impor-me distância, deixando claro que essa fora a única razão por que me salvara? Deu-me as costas e ordenou, sem olhar para trás:

— Vir!

Erebus desviou-se da escadaria que eu conhecia. E foi como entrar noutra mundo! A argila tosca cedeu lugar a paredes de pedra branca, onde se entrecruzavam veios vermelhos e alaranjados. O chão era de pedra escura, ornado com tapetes de tons garridos que se afundavam sob os pés. De repente, a luz do dia... Chegámos a um jardim interior, repleto de árvores com troncos escamudos e folhas como lençóis. As plantas eram tão peculiares que não resisti a observá-las. Possuíam caules redondos ou angulosos, bastante espessos. Uns estavam cobertos com pelos, que se sobrepunham ao longo de múltiplos braços; outros, cravejados de espigões, os quais

adivinhaei serem venenosos. Era dos exemplares mais grosseiros que despontavam as flores mais exuberantes, com cores e formas encantadoras e odores intensos, doces, quase embriagantes.

Raios! Erebus andava tão rápido que eu tinha de correr para acompanhá-lo. Até já transpirava de tanto calor! Para lá do jardim, deparei com um salão que me deixou estupefacta. Colunas de ouro puro sustentavam o teto abobadado, de onde pendiam quatro castiçais de cristal. Uma cascata jorrava de um aglomerado de rochas, alimentando um grande tanque de pedra verde que parecia ganhar vida sob a oscilação da água. Decerto era aí que o senhor da terra e os seus convidados se divertiam a nadar... As paredes encontravam-se cravejadas com centenas de gemas preciosas, cada uma valendo o resgate de um rei. E a decoração purgava metal amarelo: estátuas de ouro, utensílios de ouro, tapeçarias bordadas a ouro, passadeiras orladas a ouro... Ouro! Ouro! Ouro! Quanto sangue fora derramado para construir este lugar?

— Erebus... — apelei, agoniada. — Halvard está aqui?

Como fingiu não me ouvir, segurei-lhe o braço e insisti, com uma firmeza irritada:

— Onde está Halvard?

— Vir já! — Foi a resposta curta e seca, que pôs termo à conversa antes de esta se iniciar. E, sem mais, levou-me até à imensa escadaria que conduzia ao andar superior, feita da mesma pedra do tanque e ladeada por um corrimão dourado, repleto de ornamentos. Que mais podia eu fazer, além de segui-lo?

Os degraus terminavam num imenso patamar, que dava acesso a dois corredores. Por sua vez, estes dividiam-se para formarem zonas reservadas, com paredes forradas a madeira e tecido almofadado, de onde se destacavam intrincados desenhos de folhas bordadas a vermelho e dourado. Atendendo à quantidade de portas robustas, devia ser aqui que repousavam os nobres que rodeavam o senhor do território. O meu primo escoltou-me até à última porta de madeira negra. Enchi o peito de ar, acalentando a esperança de que Halvard surgisse de braços estendidos para me saudar. Foi então que o meu

ouvido apurado distinguiu vozes quase infantis, tagarelando e rindo no interior do aposento.

A algazarra findou abruptamente quando Erebus entrou no quarto. Três raparigas alinhavam-se junto a uma tina de água. Não deviam ter mais de doze anos. Eram baixas, franzinas e muito bonitas, com pele dourada, olhos escuros rasgados e cabelos negros, lisos como crinas. Vestiam-se de um modo estranho, com camisolas curtas que deixavam as barrigas descobertas e calças largas nas pernas e apertadas junto aos tornozelos. Por cima enrolavam tiras de tecidos vistosos, que haveriam de lhes salientar as formas se estas já estivessem desenvolvidas. Adivinhando a razão por que aqui estavam, concluí serem escravas... E as primeiras mulheres que eu encontrava no palácio! Até agora, só me confrontara com homens de aspeto rude e guerreiros mal-encarados.

As jovens quedavam-se lívidas, mal se atrevendo a respirar. O impacto causado pela figura fantasmagórica do «Criador das Trevas» era arrasador e ele não se incomodava em amenizá-lo. Por detrás delas, uma enorme cama de dossel assomava-se como um leito destinado a uma deusa, coberto com uma colcha onde os fios de ouro se afundavam em vermelho-púrpura. A cortina que o rodeava também era dourada, enfeitada com plumas vistosas, a combinar com os reposteiros que ornavam a portada. A arca da roupa, talhada em madeira negra tal como a cama, estava cravejada de rubis. Um enorme espelho refletia a luz generosa que entrava no aposento e arrancava reflexos à pedra rubra do chão, como se estivéssemos a caminhar sobre brasas. Se este era o quarto que me fora destinado, o senhor do palácio não se poupava a esforços para que eu esquecesse que, na minha visita anterior, despertara prisioneira de um túmulo de argila.

Erebus saiu, tão sombrio como entrara. As raparigas não se mexeram, aguardando ordens. Dirigi-me à portada, surpreendida pela liberdade de movimentos que me estava a ser concedida. Julgara que Sigarr tencionava pôr-me atrás de grades amaldiçoadas

com sortilégios impossíveis de quebrar! Ao invés, saí para uma varanda banhada de sol, com vista para um jardim semelhante àquele por onde passara, repleto de palmeiras e arbustos salpicados com flores garridas. No centro, uma fonte de pedra esguichava água em repuxo. Tinha uma forma curiosa, que eu já vira em algum lugar... Sim, a representação da flor rasgada, cujas pétalas libertavam uma lágrima, gravada na carroça que me conduziu do porto até ao palácio; provavelmente, o brasão do senhor da terra.

Ofereci o rosto aos raios de sol e respirei fundo, absorvendo a sua energia sadia. Pelos vistos, Sigarr confiava que eu não tentaria escapar às suas garras! Não obstante angustiar-me com a incerteza do que me esperava, não parava de pensar no meu pai e em como iria libertá-lo. Também me interrogava sobre Halvard... Se o meu irmão estivesse no palácio, teria vindo receber-me! E isso significava que, ao contrário do que Íris insinuara, ele podia desconhecer o infortúnio do Rei da Lua. Mal nos reencontrássemos, tudo haveria de se resolver.

Mais calma, estendi os braços sobre o parapeito, ansiosa por desfrutar da brisa gentil do início de tarde... Então, um silvo perturbou a tranquilidade que me rodeava. Outros seguiram-se, fazendo os meus sentidos troarem em alarme. Saltei para trás, com os guinchos aterrados das raparigas a estrondearem nas minhas costas... De repente, uma dezena de ramos finos e cobertos de agulhões rasgavam o ar como chicotes, trepando até à varanda.

— Quietas! — bradei, sem me lembrar de que não me entenderiam. Todavia, o pavor era uma linguagem universal. Quando recuei, as jovens já se tinham prostrado no chão, tremendo como varas verdes. Evoquei a magia para impedir que os tentáculos lenhosos me seguissem. Porém, pareciam não ter esse propósito! Continuaram a agitar-se no exterior do quarto, por mais algum tempo, bloqueando a luz do Sol. Depois, um a um, desapareceram.

Uma das raparigas desatou a chorar. As companheiras foram confortá-la. As suas mentes simples nem se tinham apercebido do escudo místico que eu erguera. Desfi-lo a arder de raiva,

determinada a regressar à varanda para confirmar as minhas suspeitas. No entanto, mal dera um passo, a jovem que se encontrava mais perto tocou-me no braço. Como não a repreendi, atreveu-se a puxar-me para longe da portada. Ainda hesitei, mas condescendi. A escrava que pranteava asseverava, num dos dialetos que eu aprendera a bordo do navio de Deimos, que os «ramos assassinos» eram obra do «monstro». Sem dúvida, referia-se a Sigarr. E não devia estar enganada.

Na minha infância, os meus pais aludiam muitas vezes a um fenómeno semelhante ao que acabáramos de assistir. Durante gerações, uma barreira letal, composta por um anel de espinheiros sustentados por magia negra, devorara as vidas de centenas de viquingues e mantivera inexpugnável a aldeia da rainha Aesa do povo vândalo. Sigarr era irmão de Aesa e mestre da Arte Obscura... Logo, os ramos malditos não provinham de um arbusto plantado por acaso debaixo da janela deste quarto! Que isto me servisse de lição, para não voltar a subestimar o feiticeiro renegado.

As jovens trocavam impressões, seguras de que não eram compreendidas. Opinavam que eu devia ser alguém muito importante, talvez uma princesa. Assim se justificava o alarido que a minha chegada causara e as medidas tomadas para me impedir de fugir... Interessante! Uma jurou que me vira descer do céu, escoltada pelo «bruxo». Começaram a despir-me e as exclamações de encanto sucederam-se, perante as cintilações que o verde forte e vaporoso do meu vestido assumia, qual teia de aranha banhada por raios de sol após uma noite de orvalho. Não existiam tecidos tão belos na Terra! Tal provava que eu era uma «feiticeira» ou uma «fada».

A sua conversa enfatizou-se, enquanto me enfiavam na tina e esfregavam com óleos perfumados. As vozes infantis misturavam curiosidade e inquietação. Nunca tinham visto uma mulher como eu. Comentaram o alvor da pele, as tatuagens nos pulsos, a rebeldia dos cabelos, a cor dos olhos... até a forma avantajada dos seios. Decerto eu viera para servir o «senhor». Calculei que se referissem ao

soberano do território, por isso mantive-me atenta para confirmar a solidez da aliança que este firmara com Sigarr. No entanto, depressa concluí que os seus lábios não desvendariam nenhuma estratégia militar. As revelações eram chocantes! Sem dúvida, o «senhor» era um tirano que se rodeava de escravas e as forçava a fazer coisas abomináveis. Ausentara-se por alguns dias, mas estava prestes a regressar. E, com ele, o terror! As jovens tremiam de medo só de pensar que podiam ser chamadas para a sua cama. Então, uma aventou, expectante, que talvez o «monstro» se deslumbrasse por mim e as deixasse em paz.

Terminado o banho, vestiram-me calças largas e uma túnica lindíssima, de seda azul-clara resplandecente e bordada a ouro. Os meus pés receberam sandálias frescas e confortáveis. Os cabelos foram puxados para trás e enfeitados com ganchos e fitas douradas. A sua tagarelize continuava presa ao mesmo assunto, convictas de que me aprontavam para o desfrute do senhor da terra. E eu principiava a impacientar-me... Sigarr não seria tão imprudente! Devia saber que mais depressa eu esventraria o seu anfitrião do que lhe mostraria os dentes.

Por vezes, as jovens falavam tão rápido que eu tinha dificuldade em entendê-las. O «monstro» misturava-se com o «senhor» e distinguia-se do «bruxo». Deimos devia ser o «demónio» e Erebus a «morte», devido ao seu aspeto... No entanto, quanto mais as ouvia, mais confusa me sentia! Pelo menos, o nome do meu gémeo ainda não fora mencionado.

Um lenço que mais parecia um lençol foi enrolado com desvelo em torno dos meus ombros, até cobrir-me a cabeça. Exasperei-me ao recordar o sufoco que experimentara com os trajes de Sacerdotisa. Só me faltava ser obrigada a vestir-me assim, debaixo deste calor insuportável! Entrementes, uma das raparigas retirara um pequeno baú do interior da arca da roupa e abriu-o, revelando joias de valor incalculável. Começaram a cobrir-me de ouro e pedras preciosas, com vários colares e braceletes, para além de anéis cintilantes que me preenchiam os dedos e as mãos quais luvas

rendilhadas... Para quê todo este aparato? A minha paciência chegara ao fim!

— Basta! — clamei na sua língua, ao mesmo tempo que arrancava grande parte dos adornos e o incómodo lenço: — Eu não sou uma cortesã! Sou uma guerreira!

As jovens gritaram em pânico e afastaram-se. Ia jurar que estavam mais atemorizadas por descobrirem que eu entendera a sua palraria do que com a recusa em deixar-me enfeitar! Esbocei um gesto apaziguador, baixei a voz e repliquei:

— Não tenhais medo! Não vos farei mal! — Ousei aproximar-me e, ao vê-las mais tranquilas, decidi interpelá-las sem rodeios: — Conheceis um homem chamado Halvard? Ele está aqui...?

Inesperadamente, o pavor tornou a assolar o quarto, tão intenso que era possível cheirá-lo. As escravas comprimiram-se contra a porta, guinchando como doidas. E, antes que eu pudesse reagir, tinham debandado, deixando-me aturdida, incapaz de perceber que bicho lhes mordera.

Mal recuperara do espanto quando Erebus voltou a surgir. Mesmo dentro do palácio, não prescindia da capa e do capuz. Quedou-se à porta e ordenou, com o braço esticado para o corredor:

— Vir!

Teria perdido a capacidade de articular outra palavra? Estava tão desnorteada que, sem sequer pensar, agarrei-o pelo braço e arrastei-o para o interior do quarto, rugindo:

— Não vou a lado nenhum enquanto não me contares...

— Não tocar Erebus! — retumbou, libertando-se com um safanão. Tentou sair, mas fui mais rápida e fechei a porta com um pontapé. De seguida, colei as costas à madeira e desafiei:

— Vais passar por cima de mim?

— Kelda parar! — silvou ameaçador.

Sacudi a cabeça e retruqueei, melindrada:

— Que mal te fiz...?

Calei-me embasbacada, ao vê-lo sacudir a capa e arremessá-la pelo ar, expondo a sua fealdade. Depois, investiu contra mim,

zunindo numa voz alterada pela comoção:

— Querer tocar Erebus agora?

Algo acontecera que o perturbara para além da razão! Teria sido o meu abraço? Acharia que eu me aproveitava do nosso elo para manipulá-lo?

O corpo de Erebus era como o de qualquer outro homem, apenas tão alto e magro que as suas calças pendiam disformes. Eu duvidava de que muitas consciências reparassem que possuía quatro dedos nas mãos; ou que os seus pés eram tão grandes, fortes e versáteis que podia usá-los para agarrar, torcer e quebrar. Quando se fixava o «Criador das Trevas», era impossível desviar a atenção do seu rosto; da pele alva como a Lua, repleta de veios cinzentos e rosados, que depressa se tornavam pretos e escarlates com as mudanças de humor. Além disso, não tinha um pelo sobre o crânio, e a ausência de sobrancelhas e pestanas fazia com que o olhar negro gelasse a alma ao mais corajoso dos guerreiros. Acrescia o facto de ostentar dois buracos no lugar do nariz, como se uma lâmina afiada tivesse decepado o osso. Os lábios finos e ressequidos deixavam antever dentes prodigiosamente brancos, alinhados... cerrados de raiva! E eu não conseguia alcançar o porquê da sua ira!

Ao encarar Erebus pela primeira vez, os meus brados de horror tinham ecoado pela Floresta de Lyria... Afinal, ele quase me arrancara a garganta! Todavia, depois disso, o seu aspeto deixara de me causar repulsa ou até impressão. Sentia-me perfeitamente segura quando pousei as mãos sobre o seu peito nu e objetei:

— E porque não haveria de te tocar? De olhar nos teus olhos e de te agradecer por me teres salvado a vida? Já provaste que não me queres mal!

— Pai avisar Erebus... — sibilou, repelindo-me. — Kelda magoar Erebus!

Sacudi a cabeça, confusa. Às vezes, era difícil compreendê-lo.

— Pai? — questioneei, com o sobrolho franzido. A sua expressão revelou o que ficara por dizer e foi a minha vez de me indignar: — Sigarr não é teu pai!

— Mestre pai! — teimou num fremido.

— Não...

— Mãe Kelda matar pai Erebus... Agora mestre pai!

Há muito que eu esperava que esta acusação surgisse. Por isso, o seu urro revoltoso não enfraqueceu a minha convicção.

— O teu pai era um homem mau... Mas tu não és! — rebati com firmeza. Depois, levei a mão ao colar que lhe pendia do pescoço, o qual exibia pedaços de osso, pele e dentes das vítimas que ele prostrara durante o seu treino, e prossegui resoluta: — O teu mestre é um homem mau... Mas tu não és! Por mais que Sigarr se esforce, jamais conseguirá preencher o teu coração com trevas. Há luz dentro de ti, Erebus... Eu sei, porque já a vi.

— Chega! — Afastou-me e recuperou a capa. Num ápice, abriu a porta e precipitara-se através do corredor. Não tive alternativa, senão segui-lo.

O topo das escadas concedia uma vista privilegiada sobre o enorme salão. Era impossível não reparar nos dois homens que conversavam junto ao tanque de pedra verde, alimentado pelo entusiasmo da cascata. O olhar de Sigarr caiu de imediato sobre mim, qual lâmina de gelo arremessada com uma precisão letal. Porém, a minha atenção estava cativa do seu companheiro.

As vestes do guerreiro acabado de regressar de uma campanha colavam-se ao corpo alto e musculado, repletas de pó e suor. Contudo, a sujidade que lhe manchava a pele não encobria as marcas de nascença no seu peito e nos braços expostos pelo colete de couro. Esses desenhos gravados pela mão cruel do destino tinham sido completados com tatuagens coloridas, para que o mundo jamais questionasse a identidade do eleito dos deuses, que haveria de concretizar a profecia do Filho do Dragão... Ante a reação de Sigarr, virou-se para me encarar. A trança que lhe nascia no topo do crânio liso rasgou o ar, qual chicote de flamas. E o verde-floresta do seu olhar relampejou de felicidade, enquanto gritava extasiado:

— Kelda! Minha querida Kelda!

Desatou a correr ao meu encontro e eu voei escadas abaixo. Caí nos seus braços e ele fez-me rodopiar, como quando éramos crianças e a aura da Montanha Sagrada abençoava as nossas brincadeiras. As gargalhadas misturaram-se com o choro, até nos quedarmos abraçados, a tremer de emoção. E o tempo susteve-se só para nós, enquanto Halvard me sufocava com beijos.

— Kelda, Kelda... — soluçava. — Tive tantas saudades tuas! Mal pude acreditar quando mestre Sigarr me contou que te tinhas unido a nós. — Afastou-se o suficiente para me fitar e gracejou: — Estás mesmo aqui? Ou isto é só um sonho bom? Oh, Kelda... Minha amada Kelda!

Fixei o olhar que refletia o meu, encharcado em lágrimas; o rosto corado, tão inocente e sincero; o sorriso rasgado de orelha a orelha... E senti as batidas descompassadas do seu coração, troando ao mesmo ritmo das minhas. Poderia o carinho do meu irmão não passar de fingimento? De uma mentira grosseira? Da nequícia de uma mente doentia? Não! Halvard não era o ser hediondo que a minha família e Íris reclamavam! Halvard era... uma parte de mim, brutalmente arrancada pela mão do feiticeiro que nos observava. Sigarr era o único monstro neste salão!

— Mestre Sigarr tentou convencer-me a descansar antes de te falar — já enunciava o meu gémeo, tomando o meu rosto entre as mãos. — Todavia, como podia eu esperar? Olha para ti! Que bela mulher te tornaste! E poderosa, segundo sei... Sim, os guerreiros estremecem à simples menção do teu nome! Kelda da Montanha Sagrada... Quem diria?

Deitei a cabeça no seu peito e respirei fundo. Tinha esperança... Tinha tanta esperança!

— Vou dormir um pouco — continuou. — Fiz uma viagem dura e sinto-me exausto! Todavia, mal me restabeleça, conversaremos sobre o que aconteceu nos longos anos em que estivemos apartados... E verás como não tardaremos a recuperar o tempo perdido!

Então, virou-se para Erebus, que se detivera ao lado de Sigarr, observando-nos em silêncio. Abriu os braços e inquiriu, num tom jovial e terno:

— Não me cumprimentas, primo? Se não te conhecesse, diria que estás com ciúmes de Kelda!

Abraçaram-se e trocaram sons incompreensíveis, como se comunicassem num dialeto secreto, composto por grunhidos, urros e silvos. Enquanto observava a peculiar manifestação de afeto, um brilho no cinto de Halvard atraiu o meu olhar. Prendi o fôlego e mal contive uma interjeição chocada ao reconhecer o punho da arma que espreitava da bainha. Como era possível que o punhal do avô Throst estivesse em seu poder? Eu tinha a certeza de que fora Deimos quem mo tirara! Na altura, Sigarr encontrava-se na Ilha Sagrada, Erebus ferido...

Sem querer, o meu olhar cruzou-se com o do feiticeiro. Desviei o rosto e fiz um esforço supremo para me acalmar, antes que as minhas dúvidas e angústias transparecessem. Com mil ratazanas atarantadas, eu estava perdida no meio de tanta confusão!

CAPÍTULO 6

O quarto que o meu captor me atribuíra fora arrumado e perfumado na minha ausência. Em cima da pequena mesa de madeira repousava um tabuleiro com leite, chá e bolinhos achatados. Sabia que pensaria melhor de barriga cheia e não me fiz rogada. Devia manter-me forte para estar apta a enfrentar Sigarr.

A merenda confortou-me o estômago. Saí para a varanda, com a mente a fervilhar. Porém, mantive-me afastada do parapeito, para não provocar os espinheiros malignos. O facto de estes não reagirem à passagem dos guerreiros e dos criados provava que o sortilégio que os animava determinara a sua incompatibilização com a minha essência. E a magia era uma entidade com percepção. Quanto mais estimulada, mais atenta ficaria.

Dediquei-me a observar a atividade dos habitantes do palácio. O esmorecer da luz do dia trouxera movimento às salas e aos corredores. Apercebi-me de que aquele jardim ligava a zona nobre às áreas de serviço. Além das escravas vistosas, finalmente vi senhoras. Trajavam de um modo semelhante ao que praticamente me fora imposto, com túnicas de tecidos alegres e frescos, que roçavam a bainha das calças, e lenços que só desvendavam os olhos. Mais tarde, viria a saber tratarem-se de mulheres livres, que se dedicavam ao trabalho doméstico. Atarefavam-se de um lado para o outro, sem se deterem para trocar uma palavra, como se o simples facto de se exporem à claridade fosse condenável.

Também vi guerreiros com aspeto de terem regressado de uma campanha, tal como Halvard. Será que o senhor do palácio estava entre eles? Não... Alguém tão rico e poderoso haveria de se destacar numa multidão! Os homens que atravessavam o jardim eram meros lacaios ao serviço do tirano. E os bons resultados de que se vangloriavam, sem dúvida significavam más notícias para o meu povo!

O ar arrefeceu abruptamente assim que o Sol se pôs. Voltei ao quarto e recostei-me na cama, com a música do búzio mágico a estimular-me o raciocínio. O meu pai estava algures neste antro e eu tinha de encontrá-lo rapidamente. No salão, sentira-me tentada a contar a história do Rei da Lua a Halvard, mas reprimira-me... Queria ter provas contra Sigarr quando o acusasse. Não me arriscaria a ver o mestre da Arte Obscura desmentir-me diante do meu irmão! Aliás, todo o cuidado era pouco! Se o celerado desconfiasse das minhas intenções, depressa faria o meu pai desaparecer para não ser desmascarado aos olhos do pupilo.

Comecei a traçar um plano... Urgia descobrir a cela secreta que o Óculo do Tempo me revelara e libertar o meu pai das correntes de magia que lhe drenavam as forças. No momento da verdade, ele teria de estar refeito para se defender. E, depois de abraçar Halvard e verificar que o elo que nos unia desde a concepção se mantinha intacto, eu estava convicta de que ele haveria de se insurgir contra Sigarr, mal descobrisse o seu aleive. No fim, talvez isso bastasse para convencê-lo a voltar para casa... Ou talvez não!

Por mais que me doesse, não excluía a possibilidade de a mente do meu gémeo estar tão corrompida que fosse necessário tempo, muito trabalho, paciência e entrega da minha parte para reabilitá-lo e afastá-lo da concretização da profecia. Em criança, Halvard sempre me dera ouvidos porque o abordava com subtileza e convencia-o de que as minhas ideias eram as suas. Agora, teria de manter a calma mesmo que, por dentro, bradasse de revolta. O meu sacrifício haveria de ser recompensado! Até ousava ambicionar que, demonstrada a malignidade de Sigarr, Erebus também acabasse por nos acompanhar no regresso ao seio da nossa família. Depois de tudo o que fizera por mim, o meu primo merecia que eu lhe estendesse a mão! Não iria abandoná-lo a uma existência atormentada pelo jugo do seu mestre.

Perdi a noção do tempo. Quando tornei a espreitar à varanda, a noite corria adiantada. Em contraste com a ardência do dia, um vento gélido soprava com veemência, carregando nuvens de pó. A

expectativa de que o palácio acabaria por adormecer estava definitivamente frustrada. Algures, vozes grossas berravam canções aguerridas, festejando uma nova vitória. Tal podia ser um empecilho... Ou uma ajuda divina! Afinal, seria mais fácil concretizar o meu plano se os guardas estivessem negligentes.

Após uma longa ponderação, decidira não recorrer à magia da essência para buscar o meu pai. Estava no covil do inimigo e deixar o corpo para trás, vulnerável e frágil, não era opção. Além disso, a condição do Rei da Lua adivinhava-se tão precária que seria impossível tocar a sua consciência. Posto isto, restava-me sair do quarto e valer-me das informações cedidas pelo Óculo do Tempo. A entrada para os calabouços devia situar-se algures nas instalações dos guerreiros. E, se me sentisse insegura quanto à direção a tomar, bastar-me-ia seguir o estridor dos festejos.

Abri a porta devagar, ciente de que o corredor estava guardado. Sigarr achava que eu seria incapaz de me esgueirar debaixo do nariz dos guerreiros. Estava enganado! A solução para essa contrariedade era simples... Tão simples que nascera comigo!

Fixei as mãos e, ao vê-las descoradas, dei-me por satisfeita. Era assim que me certificava de que o feitiço que me tornava invisível aos olhos dos demais surtira efeito. Restava-me inspirar um fôlego de coragem e empenhar-me no meu propósito.

As salas, os jardins e os intermináveis corredores que os uniam estavam bem iluminados com lanternas, tochas e braseiros. O senhor do território não descuidava a segurança! Quando alcancei o piso inferior, verifiquei que, mal uma patrulha de guerreiros dobrava uma esquina, outra emergia das sombras para percorrer o mesmo caminho. E a colaboração de Sigarr com o soberano devia ser estreita! A maior parte dos homens que se cruzavam comigo não eram nativos. Ou seja, o feiticeiro não só instalara o seu exército no acampamento que eu avistara como espalhara guardas pelo interior do palácio. Franzi o sobrolho, ante a mistura de raças que surpreendia. No dia em que lutara ao lado do rei Bernard do

Império, contra esta corja de assassinos, essa questão também me impressionara. Afigurava-se que os meus inimigos tinham ido até ao fim do mundo para recrutar os mercenários que serviam a sua causa.

Ao contrário dos guerreiros que continuavam a festejar, nada distraía os guardas que protegiam o senhor do palácio e os seus hóspedes. Faziam lembrar ursos armados até aos dentes, com olhos e ouvidos bem abertos. Por várias vezes, tive de me esconder por detrás das colunas e sustar o fôlego, até se afastarem. Apesar de a magia me ocultar, aquilo em que tocava e pisava podia denunciarme. E, se um alarme troasse, eu estaria em sarilhos, pois não teria tempo de regressar ao quarto sem que Sigarr desse pela minha falta.

Finalmente, deixei para trás a zona nobre do palácio e penetrei no seu coração tosco, onde a argila reinava. Mal contive uma exclamação de alívio ao reconhecer o caminho que o Óculo do Tempo me desvendara. Acelerei o passo, pois os guerreiros desta ala estavam reunidos num salão, de onde provinham as cantorias ébrias que infernizavam a noite. Estaquei sob o arco da entrada, ciente da obrigatoriedade de atravessá-lo para alcançar o objetivo... E tal não seria nada fácil! Mesmo que avançasse despercebida, como podia ignorar o cenário de sordidez mórbida que se estendia à minha frente?

Dezenas de homens encharcavam-se com jarros de vinho e vasilhas de cerveja, ao mesmo tempo que se lambuzavam com um farto banquete. Saltavam para cima das mesas e batiam com os pés na madeira, acompanhando os gritos dos demais. Pedacos de carne assada eram pontapeados para fora dos tabuleiros e escorregavam por baixo das botas imundas, para, enfim, serem recolhidos por mãos ávidas e rasgados por dentes vorazes. A gordura escorria pelos queixos, pescoços e braços. A bebida vertia para as roupas, derramava-se sobre as mesas e pingava no chão... Todavia, nem uma gota se perdia, pois havia sempre uma língua disposta a lambar

as poças. Nem numa pocilga seria possível imaginar tamanha imundice!

Algumas escravas corriam entre as mesas, tentando desesperadamente cumprir as exigências dos ascorosos. Porém, assim que pisei o salão, os meus olhos arregalaram-se de horror ao constatar que outras sofriam penas ainda piores. Muitas das jovens nativas eram empurradas de mão em mão; subjugadas no chão, nos bancos e até sobre as mesas... e selvaticamente violadas! Sem fôlego, apercebi-me de que uma fora degolada e jazia no meio da perversão. Mas que demónios eram estes?

Corri desembestada por entre os corpos surrentos, sobre o chão ensebado de gordura, bebida, fel e sangue, recusando-me a ver e a ouvir... Atravessei o arco do lado oposto e entrei num corredor amplo. Bati contra a parede e aí fiquei, paralisada pelo choque. O suor misturava-se com as lágrimas e colava-me a roupa ao corpo. O estômago contraía-se, o vômito ardia-me na garganta... A vontade de varrer o salão com jorros de labaredas quase me enlouquecia! Engoli um urro de ódio, ciente de que não podia recorrer à magia. Se me descontrolasse, Sigarr ficaria a saber que eu passara por aqui... E tal não podia acontecer de maneira nenhuma! O meu pai precisava de mim... E eu estava tão perto! Tão angustiosamente perto!

O corredor dava acesso a zonas distintas. O dormitório das bestas situava-se à direita, dividido em alvéolos escuros e sujos... E, à esquerda, dois guerreiros sóbrios e severos guardavam a porta que eu sabia conduzir aos calabouços! Tinha de passar por eles... Mas como distraí-los, se estavam absortos na sua incumbência? Não trocavam um olhar nem uma palavra. E muito menos respondiam às provocações dos homens que circulavam entre a camarata e o salão. Não podia adormecê-los, nem forçá-los a abandonar o posto, pois os demais estranhariam tais comportamentos. Restava-me afastá-los no cumprimento do seu dever... E, para isso, bastar-me-ia criar uma pequena diversão.

Um guerreiro encorpado cambaleava rumo ao dormitório. As suas roupas estavam repletas de porcaria, por isso a festa nada mais tinha para lhe oferecer. Rangi os dentes e evoquei a Arte Obscura. De imediato, um calor intenso apossou-se do meu ser e extravasou para o homem. O infame estremeceu e quedou-se, qual boneco de pau suspenso nos cordéis da minha vontade. Passou por mim, direito como um fuso, com os olhos a tingirem-se de vermelho. Empunhou a sua espada, debaixo do olhar incrédulo dos guardas... E precipitou-se contra estes, com a espuma da raiva a esguichar pela boca, berrando como um demente.

Corri atrás do homem, ignorando os brados de surpresa que já soavam nas minhas costas. Agachei-me para escapar à lâmina do primeiro guarda, rodopiei para desviar-me do ímpeto do segundo e vi-me diante da porta, trancada com uma trave robusta. Precisava de tempo... Virei-me para observar o confronto. A espada do primeiro guarda rasgava o ar... O meu fantoche ia ficar sem cabeça, por isso já não tinha serventia! Libertei-o da possessão e concentrei-me no segundo guarda, obrigando-o a atacar os guerreiros que acorriam, alarmados pela confusão. Abri a porta e penetrei numa passagem fracamente iluminada. Sem hesitar, repus a tranca no devido lugar com a ajuda da magia... E não houve tempo para mais nada, pois o ardor venéfico que torna a Arte maldita tão irresistível para os seus seguidores tomou-me de assalto, roubou-me o fôlego e prostrou-me no chão.

Dominada pelo poder obscuro, senti a fúria destruidora do guarda em cada partícula do meu corpo: o instante em que as armas dos companheiros o trespassavam; a carne a rasgar-se... o sangue a verter... a dor atroz que o percorria... e o seu derradeiro fôlego, assimilado pela minha essência como um prazer avassalador. A ínfima parte da minha razão, que se agarrava aflitivamente à realidade, forçou-me a morder o lábio para sufocar um grito de êxtase. Porém, ansiava por mais... Mais! Mais! Mais! A magia negra consumia-me o sangue, incendiava-me a carne e sugava-me a consciência.

Do outro lado da porta, a energia que eu controlava estava livre para devorar outras vidas e garantir-me um gozo ainda maior. Eu não teria a mínima dificuldade em me apossar das mentes de todos aqueles guerreiros e compeli-los a esquartejarem-se! Poderia mergulhar na sua dor, banhar-me nas suas vidas, tragar as suas essências... E sublimar-me! Porque esperava? Eles eram meus inimigos! Sim! Sim... Não!

* * *

Abri os olhos e deparei com a chama de uma tocha a bruxulear por cima da cabeça. Do outro lado da porta, vozes apelavam à calma. O tumulto estava sanado... E isso significava que eu tombara inconsciente, ainda que por breves instantes.

Apoiei-me na parede de argila e ergui-me lentamente, com as pernas a bambolear. Quando usada como magia negra, a Arte Obscura era assim: poderosa, assoladora e viciadora, devido ao prazer que proporcionava. No entanto, esse deleite era efêmero e tinha um custo elevado. Em menos de nada, já não era a essência que dominava a magia, mas a magia que escravizava a essência. A mente perdia o rumo, obcecada pela concretização dos momentos de êxtase, cada vez mais curtos e menos intensos, obrigando a novas evocações e à conseqüente perda da razão.

Os entes de sangue antigo que não refreavam os ímpetos da magia negra transformavam-se em assassinos compulsivos; monstros consumidos pela podridão da sua alma. Os poucos capazes de sobrepor a sua vontade à constante tentação tornavam-se mestres da Arte Obscura... E eu não pretendia ser uma coisa nem outra! Lysander ensinara-me a combinar as energias que coabitavam em mim, para que a escuridão nunca consumisse a luz. Porém, há pouco, eu ficara tão perturbada que me deixara arrebatada. Esquecera a minha missão; a própria natureza do meu ser! E só podia encarar tamanha fraqueza como incúria e desassiso. No futuro, impunha-se muito cuidado... Estava provado que, de cada vez que me atrevia a

quebrar as regras, tinha mais dificuldade em reprimir o poder maligno e livrar-me da sua influência.

Respirei fundo, aliviada por sentir o ânimo regressar ao corpo e a lucidez ao espírito. À minha frente, uma escadaria íngreme mergulhava nas profundezas da terra. Comecei a descer devagar, temendo ser fustigada por uma tontura que me fizesse escorregar. Além disso, tinha de ser prudente, pois podia deparar-me com mais guardas.

Enfim, as escadas terminaram e o labirinto que rasgava as entranhas do palácio estendeu-se diante dos meus olhos. Sem a preciosa ajuda do Óculo do Tempo, jamais conseguiria encontrar o meu pai nesse emaranhado de corredores e celas. No entanto, graças à revelação, sabia exatamente para onde me dirigir... E comecei a correr, ciente de que cada instante que aqui passava podia ditar a minha e a sua perdição.

As celas sucediam-se ao longo dos corredores, carregadas de prisioneiros que carpiam e uivavam desvairados, assombrando a noite perpétua dos calabouços. Os poucos homens que conservavam o discernimento estendiam os braços e suplicavam por piedade ao aperceberem-se da minha presença. Cerrei os punhos, angustiada. Não podia soltá-los, pois estaria a condená-los à morte e a comprometer a minha missão. Só esmagando Sigarr e o soberano do território poria fim ao martírio desta gente... E haveria de derrubar os tiranos! Depois, forçá-los-ia a engolir, uma a uma, todas as pedras preciosas que ornavam este palácio de horrores!

À minha volta, o cheiro a mofo misturava-se com o fedor da urina e das fezes. Devia haver cadáveres a decomporem-se nas celas, pois a podridão era insuportável. Acabei por fechar a mente à degradação, antes que a coragem me falhasse. Quando dei por mim, alcançara um corredor sem saída... E, ao fundo, estava a parede de pedra que ocultava a cela do meu pai! A emoção foi tão forte que parei... Então, um barulho arrepiante sobrepôs-se aos urros dos homens. Recuei, aterrada, com as mãos sobre os lábios e o coração em debandada. A rocha rasgava-se diante dos meus olhos! Estando

o meu pai subjugado por correntes amaldiçoadas, isso só podia significar...

Não havia tempo para fugir! Detive-me na esquina, afastada das tochas, com as costas comprimidas contra a parede e o fôlego suspenso, enquanto apelava à magia que me protegia dos olhares minazes. Fixei as mãos, ansiosa, mas o pânico turvava-me a percepção e impedia-me de confirmar se estava invisível. De súbito, um homem alto e esguio, trajando uma túnica comprida, saiu para o corredor. As flamas dos archotes arrancaram reflexos de ouro aos seus cabelos e o rosto odiado revelou-se... Poderia a sorte ser mais cruel?

Apertei os dentes para evitar que batessem. Tinha os olhos a arder, mas não me atrevia a piscá-los. O que aconteceria se fosse incapaz de ludibriar o feiticeiro? A rocha deslizou nas suas costas, tornando a ocultar a cela. Sigarr começou a andar como se o corredor estivesse vazio. Aguardei e agonizei... Passou por mim e prosseguiu, aparentemente alheio ao facto de que não se encontrava sozinho. Porém, quando eu quase me atrevia a suspirar de alívio, estacou, mugiu uma exclamação impercetível... e rodou nos calcanhares.

O meu coração quase saltou pela boca. O que teria corrido mal? Eu não mexera um músculo! Empedernida, acreditei que era o fim. Todavia, Sigarr sacudiu a cabeça e continuou... Para, de novo, se quedar e olhar para trás. Estava confuso! Recordei a sua exasperação no dia em que raptara Halvard e eu lhe escapara por entre os dedos: «*Sinto o vogar da sua essência. Porque não consigo vê-la?*» Tal como então, o facínora tinha consciência de uma variação nas energias que o rodeavam. Porém, era incapaz de me enxergar. Apenas... farejava o ar! Com mil ratazanas putrefactas, seria o meu odor assim tão forte que se diferenciava da pestilência dos calabouços?

Quase desfaleci ao verificar que a testa do feiticeiro se franzia. No entanto, contra tudo o que seria previsível, retomou o caminho e desapareceu. A custo, voltei a respirar, sentindo as pernas moles

como papas. Teria iludido o meu maior inimigo? O instinto bradava que não! E se a minha iniciativa condenasse o Rei da Lua?

Não tinha como saber se Sigarr realmente partira, sem lançar a mente em busca da sua essência, o que acabaria por me denunciar. Orei para que o distúrbio que provocara entre os guerreiros já estivesse sanado, para que o feiticeiro não relacionasse os incidentes. Permaneci atenta... E, após uma longa consumição sem que nada ocorresse, decidi que não podia desistir, agora que chegara tão perto.

Aproximei-me da pedra e pousei as mãos sobre a superfície rugosa e gelada. Necessitaria de um feitiço especial para abri-la? Não! Esta deslizou de imediato, revelando um buraco preenchido com trevas horripilantes. E nem precisei de entrar para divisar um homem estendido no chão... Um homem que eu amava e temera jamais voltar a ver!

* * *

Existem momentos impossíveis de descrever por palavras... Instantes tão intensos, tão marcantes, que nos sublimam o espírito e apaziguam o coração, mesmo em períodos de dor e de incerteza. A alegria que sentia ao estreitar o meu pai era desmedida! E todas as mágoas do passado sararam num só fôlego quando ele sussurrou o meu nome com ternura, sem acreditar que me tinha nos braços. Dei por mim a soluçar compulsivamente, enquanto avaliava a sua condição. Surpreendi-me ao verificar que não estava ferido. No entanto, as correntes de magia negra que lhe cingiam os pulsos consumiam avidamente a sua energia. A voz sempre firme mal se distinguia e quase não lhe subsistia alento para respirar. Quebrei as armelas e comecei a impregná-lo com energia curativa. Não tardou a sentar-se e a murmurar comovido:

— Minha filha... Minha querida filha...

A última vez que nos víamos fora há muitos anos, na Ilha dos Penhascos. Ele quisera obrigar-me a segui-lo até à Montanha Sagrada, por acreditar que a minha essência estava corrompida.

Lysander praticamente tivera de me raptar, para se encarregar do meu treino e provar que os Guardiões das Lágrimas do Sol e da Lua se tinham enganado.

— Oh, Kelda... — continuou a custo. — Lamento tanto!

— Não te esforces — silencieei-o com carinho. — Tens de te restabelecer...

— Foste torturada? — cortou preocupado. — Tentaram subjugar a tua mente?

Achava que também eu fora feita prisioneira e acabara de ser lançada para a sua cela. Sacudi a cabeça e ripostei, desejosa de apaziguar a sua agonia:

— Juro que estou bem, pai...

— Como foi que Lysander permitiu que te capturassem? — interrompeu-me, como se ressentido com o príncipe da Gente Bela.

— Lysander não tem culpa de nada — repliquei com firmeza, ciente de queurgia contar-lhe a verdade. — Entreguei-me de livre vontade.

Continuei, descrevendo-lhe a invasão da Ilha dos Penhascos, a demanda de Deimos por Oriana e a forma como eu assumira a identidade da minha irmã de criação. Seguiu-se a minha luta com o demónio e a surpresa que sentira ao despertar na Ilha Sagrada. Porém, chegado o momento de declarar a amizade que firmara com Íris, hesitei. Sigarr sabia que a *Observadora* me protegia, mas desconhecia quão profunda era a sua estima pela causa do Homem. Se o futuro nos reservasse um confronto, eu podia proteger o segredo de Íris, mas o mesmo não sucedia com o meu pai. Engasguei-me e acabei por elidir essa parte da história, terminando apressada:

— Resolvi acompanhar Sigarr, na esperança de te encontrar... E aqui estou!

O Rei da Lua começara por se abismar. Agora, a sua expressão endurecia ante a minha indecisão. Apercebera-se de que eu lhe escondia algo! Todavia, o que ficara por dizer não alterava a nossa situação. O importante era libertá-lo...

— Como foi que descobriste onde eu estava?

A pergunta era um golpe certo na minha omissão e provava quão magnífica era a sua sagacidade. Contudo, a frieza com que fora feita deixou-me perplexa. De novo vacilei, sem saber o que responder. A mínima confiança sobre a minha aventura no Observatório podia condenar Íris à morte! Enquanto não esclarecesse tudo com Halvard, seria imprudente correr tamanho risco. No entanto, afligia-me mentir ao meu pai... Mas não necessitava de mentir! Só tinha de moldar a questão aos meus propósitos! Enchi o peito de ar e rebati, circunspecta:

— Vim atrás de Sigarr. Iludi-o com a minha magia e...

— Já estiveste com o teu irmão?

A rispidez do corte pôs-me a tremer. Incapaz de entender a recriminação que consumia o calor do seu olhar, entaramelei um «sim»... E, de imediato, o Rei da Lua rugiu acusador:

— Foi Halvard quem te mandou falar comigo?

Estupefacta, vi-o recuar como se temesse que eu fosse atacá-lo. Com mil ratazanas atolambadas, será que as provações que sofrera lhe tinham afetado o discernimento? Fiquei ainda mais chocada quando acrescentou, agastado:

— Eu não vou ceder, Kelda! Não existe manipulação, ameaça ou tortura que me obrigue a trair o meu povo. — E quase cuspiu: — Podes dizer isso a Halvard!

— Mas... — balbuciei, sem vislumbrar nenhum nexos no seu discurso. — Halvard sabe que estás aqui?

Desta feita, foi a sua testa que se franziu, como se avaliasse a minha sinceridade. Abriu a boca para retrucar... Porém, um ruído atoador fez-nos saltar em sobressalto. A enorme pedra movia-se... Alguém ia entrar! E só podia ser Sigarr! Não havia tempo para repor as armelas nos pulsos do meu pai, por isso nem tentei ocultar-me. A minha única prioridade era protegê-lo da sanha do feiticeiro.

A rocha deslizou, mas a claridade dos archotes do corredor mal penetrou no buraco, toldada por uma figura encapuzada. Suspirei de alívio ao reconhecer Erebus. Pelo menos, ele não nos faria mal...

Então, os dedos escanifrados fecharam-se no meu braço. E, num ímpeto impossível de contrariar, puxou-me para fora da cela e esmagou-me contra a parede, silvando enraivecido:

— Kelda louca?

— Estás a magoar-me... — gemi em protesto, sentindo os ossos a estalar.

O clamor dos prisioneiros exaltava-se ao longo dos corredores, acirrado pelo som das nossas vozes. E o «Criador das Trevas» chiou:

— Poder magoar mais!

Arrojou-me no chão sem a menor cortesia. Protegi a cabeça, mas acabei por esfolar as mãos no barro. Virei-me para enfrentá-lo, rubra de indignação, e vi-o invadir a cela... O meu pai! Erebus ia atacar o meu pai!

Levantei-me de um salto e precipitei-me atrás dele. O seu vulto já ensombrava o Rei da Lua como uma mortalha. Rodeei-o com os braços e finquei os pés no chão, tentando separá-los.

— Larga-o! — bradei furibunda. — Deixa-o em paz!

O meu primo respondeu com um repelão. Depois, arrostou-me e fremiu:

— Kelda incauta! Halvard castigar... Erebus não poder ajudar! Mestre não poder ajudar!

Ajudar? Que desconchavo estava ele a moer? A minha tolerância chegara ao fim! Encobri o Rei da Lua e aponte para a abertura da cela, ordenando exaltada:

— Sai daqui!

O meu grito ainda estrondeava quando as suas garras tornaram a prender-me um braço. Desta vez não ficou sem resposta. Aproveitei o impulso para dar-lhe um soco na cara e cravar-lhe um pé no estômago. Erebus ficou tão atordoado que caiu sobre o traseiro. O capuz saltou-lhe da cabeça e revelou o rosto pálido, onde os veios pretos e escarlates pulsavam. No seu olhar, a ira, o assombro e o pavor fervilhavam, numa mistura incoerente que me fez vacilar. Este assalto desassisado tinha de ter uma justificação...

Então, sem que nada o fizesse prever, Erebus dobrou as pernas num movimento incompatível com a natureza humana e saltou sobre mim, bramindo como uma fera. Rebolámos no chão e chocámos contra a parede. Apesar de aprisionada sob o seu corpo, vociferei ameaçadora:

— Eu não quero magoar-te! Mas juro que vou zangar-me...

— Erebus desejar bem Kelda — interrompeu-me irredutível. — Vir quarto já!

— Não! Solta-me imediatamente...

Uma cintilação acendeu-se no fundo do olhar negro e o ardor tempestuoso da sua fúria abrasou-me a carne. Debatí-me e contendi, determinada a fazer valer a minha vontade. Porém, contrariar o vigor do «Criador das Trevas» era quase impossível. Clamei frustrada quando, mais uma vez, me sujeitou sem dificuldade. Escutei o apelo débil do meu pai, apesar de não entender o que dizia... Contudo, recordar que a sua vida dependia de mim deu-me novo alento para ripostar. Em contraste, a voz do Rei da Lua como que sacudiu a consciência de Erebus, levando-o a diminuir a intensidade do aperto que me roubava o fôlego... E essa breve indecisão foi quanto bastou para dar-me o ensejo de reagir. Se não podia impor-me pela força, haveria de suplantá-lo com a veemência da minha magia!

Num ímpeto, mergulhei no olhar abrasado e fustiguei-lhe a mente com a mais radiosa das energias. O meu propósito era romper as trevas da sua essência e alcançar a luz que habitava num lugar secreto do seu coração. No entanto, algo inesperado aconteceu: a fulgência deixou o meu primo tão estonteado que, por instantes, desfaleceu... E as suas recordações emergiram e ficaram à minha mercê! Num piscar de olhos, deparei com o rosto austero de Sigarr, a zunir sombriamente:

«Não a vi, mas sei que se encaminha para a cela do pai. Vai buscá-la, antes que Halvard descubra...»

— Chega, Kelda! — sobrepôs-se outra voz, rasgando a minha percepção. — Para!

Apesar de fraco, o meu pai conseguira arrastar-se até nós. E, com uma determinação férrea, apartava-me de Erebus, quebrando o elo místico que unia as nossas mentes.

A cisão abrupta foi como o golpe de um machado. Gritei de dor e tombei prostrada, lutando contra a vertigem que quase me roubava a consciência. Pelo canto do olho, constatei que o meu primo desmaiara... O que é que se passara pela cabeça do Rei da Lua para interferir desta maneira inoportuna e extremamente perigosa? Fiquei ainda mais atarantada ao vê-lo debruçar-se sobre o «Criador das Trevas», certificando-se de que se restabeleceria. Soprei o ar, agravada. Começava a acreditar que o meu pai estava mesmo fora de si, a viver um delírio imposto pelo cativo! Só então se virou para mim. E, perante a sua inquietação, não pude deixar de reclamar, contundida:

— Porque fizeste isso?

— Erebus só quer proteger-te! — altercou com pertinácia.

— O... O quê? — gaguejei. — Mas ele estava a atacar-te...

— Não — contraditou o Rei da Lua. — Erebus estava a repor as armelas de magia negra nos meus pulsos, para apagar os vestígios da tua presença aqui. — Como eu me quedei, paralisada de espanto, perfez num tom solene: — O teu primo tem bom coração... Sim, Kelda! Eu só estou vivo porque Erebus impediu Deimos de me matar.

— Isso não faz sentido... — arquejei, mais confusa do que nunca.

De repente, algo estranho aconteceu. Foi como se as centelhas da magia que eu usurpara a Erebus se agitassem, acendendo uma imagem na minha mente. Num piscar de olhos, achei-me na Ilha dos Sonhos, rodeada de fumo e de labaredas, ensopada em sangue e embriagada com o ardor da Arte Obscura. Cadáveres amontoavam-se na areia e eu buscava por vida nos homens que ainda subsistiam; sangue quente e energia vital para sublimar a minha essência. Sentia-me extasiada de poder... Então, um ronco fenomenal estrondeou na noite.

Pelos olhos do «Criador das Trevas», voltei a testemunhar o momento em que Deimos cobria o meu tio Bjorn com um vômito de

labaredas. Depois, arremessava os despojos carbonizados para longe e fixava a atenção no meu pai, que jazia inconsciente aos seus pés. E os meus lábios, que eram os de Erebus, clamavam:

— *Não!*

Deimos virava a cabeça para arrostá-lo, troando no seu vozeirão de pesadelo:

— *O que é que queres, Erebus? Este verme é meu troféu!*

— *Guardião Lua não troféu!* — sibilava o meu primo. — *Prisioneiro importante. Entregar mestre Sigarr.*

— *Não!* — contestava o demónio, enfurecido. — *Eu recuso-me a levá-lo...*

— *Erebus decidir!* — cortava o «Criador das Trevas», irredutível, interpondo-se entre o predador e a presa indefesa, antes de concluir em desafio: — *Deimos obedecer!* — E como o monstro soltava um ronco ameaçador, acrescentou: — *Deimos atacar Erebus? Vir! Mestre gostar Deimos contrariar profecia!*

Imersa nas recordações do meu primo, assombrei-me ao ver o rei do Povo do Fogo hesitar. Como *decisor*, Erebus tinha autoridade para determinar sem oposição. Por seu lado, como *protetor*, se Deimos investisse contra um dos companheiros comprometeria a solidez dos pilares sobre os quais assentava a profecia do Filho do Dragão. Tal seria motivo mais do que suficiente para que Sigarr lhe aplicasse um castigo exemplar... O que efetivamente acontecera, após descobrir as atrocidades que o pupilo andara a perpetrar sob as ordens de Ingimar.

— Kelda! Kelda! Estás a ouvir-me?

O focinho grotesco de Deimos estremeceu e desvaneceu-se na bruma. O meu pai sacudia-me, obrigando-me a regressar à realidade. Encarei-o com olhos arregalados, mal acreditando nas revelações que acabara de interiorizar. Fora mesmo Erebus quem salvara o Rei da Lua! Mas, se o fizera para agradar a Sigarr, porque é que o meu pai o defendia?

Nas minhas costas, um silvo penoso assinalava o despertar do «Criador das Trevas». Porém, a minha atenção manteve-se cativa do

meu pai, que urgia:

— Se o teu primo te veio buscar, é porque corres perigo! Tens de ir já com ele...

— Eu vou! — atalhei, decidida a pôr fim ao reinado de terror de Sigarr. — E tu vens comigo! Não admito que aquele feiticeiro maldito volte a torturar-te! Assim que Halvard souber...

— Não! — rebateu o Rei da Lua, num pânico evidente. — O teu irmão não pode sonhar que estivemos juntos!

— Mas que tolice...? — exacerbei-me. — Halvard não permitirá que continues preso...

De súbito, a expressão do meu pai acusou sobressalto e temor, calando-me a voz. Vi-o esboçar um gesto como se tencionasse impedir algo. Quis virar-me... Todavia, recebi uma pancada na nuca que me fez cuspir o ar. Escutei o meu próprio grito de dor, como se não me pertencesse... E a realidade tingiu-se de negro.

— Tinhas de prostrá-la? — resmungava um homem de voz límpida, no meio da neblina densa que me bloqueava os sentidos.

— Kelda resistir! Atacar Erebus! — alegava outro homem, numa voz aguda e estrídula.

— Pediste-lhe gentilmente que te acompanhasse? — insistiu o primeiro.

Silêncio... Um silvo impaciente. E novamente a voz límpida e zangada:

— Bem me parecia! Raios, criatura néscia! Se o objetivo fosse esmagar-lhe o crânio, eu próprio tê-lo-ia feito! Mandei-te buscá-la, porque confia em ti... Teria vindo de livre vontade se usasses a cabeça para convencê-la. — Tive a clara perceção de que se abeirava de mim, antes de concluir: — Vai acordar furiosa...

— Erebus remediar — sibilou o outro, como se aflito. — Explicar Kelda! Prima entender Erebus defender...

— Não percebes nada de mulheres, pois não? — contrapôs o companheiro, exasperado. — Uma mulher irada não tem ouvidos! E grita tão alto que tu próprio deixas de te ouvir! De qualquer modo,

dir-lhe-ias o quê, depois do que aconteceu? A verdade? Ela não está preparada para a verdade! Não... Devo ser eu a falar-lhe. Preciso do Edwin vivo para obter as Lágrimas.

— Kelda teimar contar Halvard!

— Já calculava... Maldição! Eu tinha tudo controlado! Porque é que esta fedelha impertinente foi meter o bedelho onde não é chamada? Ainda estou para ver como descobriu...

— Kelda magia poderosa — atalhou o homem da voz fina. — Ver longe.

— Sim... — mastigou o outro. — Sempre desconfiei de que ela fosse especial! E quaisquer dúvidas ficaram desfeitas no momento em que Celsus me ordenou que a protegesse. Ele tentou disfarçar, mas eu conheço-o bem! Os seus olhos denunciaram que tinha plena noção de que eu estava a mentir-lhe acerca da conversão de Kelda. Mesmo assim, deixou-a partir! Creio que esta é a sua forma de se assegurar de que Ingimar não conspirará novamente para matá-la... E que Kelda ficará com Halvard! Para Celsus, é importante que os gémeos estejam juntos.

— Porquê?

— Não sei... Mas, seja o que for, está relacionado com a profecia. — Fez uma pausa, como se a matutar. Depois, assumiu um tom gélido, quase brusco: — Chega de conversa! Vai-te embora! Não te quero aqui quando ela despertar.

Não houve protestos... E a nuvem que me sustinha inclinou-se abruptamente, vergada pelo peso de outro corpo. Tentei reagir e comecei a tomar consciência dos meus ossos doridos, dos músculos dormentes, da pele sensível... Fiz um esforço para abrir os olhos, mas tive um mero vislumbre de um céu dourado, pairando por cima da cabeça. Um calor morno envolveu-me a mão, enquanto o homem da voz límpida voltava a pronunciar-se, levemente enrouquecido:

— Que segredos escondes tu, filha da Montanha Sagrada?

Então, foi como se as tatuagens do Guardiã da Montanha me impregnassem de energia e devolvessem o ânimo, obrigando-me a enfrentar a crua realidade. Num único fôlego, constatei que estava

no meu quarto. A nuvem mais não era do que a cama; o céu dourado, a cortina que a cobria. A penumbra testemunhara a conversa de Sigarr e de Erebus, mas o meu primo já partira. O feiticeiro sentara-se ao meu lado, tomara a minha mão entre as suas... E o calor que eu sentira fora a carícia dos seus dedos sobre o desenho do dragão que perseguia a Lua, gravado na minha pele.

Gritei afrontada. Repeli-o e arrastei-me sobre o traseiro, na aflição de me afastar o mais possível. Bati com as costas contra a cabeceira da cama e quedei-me a fixá-lo, aterrada, confusa, indignada... Com mil ratazanas trucidadas, como é que este facínora ousara tocar-me? Agora observava-me, impassível, como se fosse dono do mundo e senhor da minha vontade!

Saltei da cama e desatei a correr através do quarto. Se a pancada que recebera na nuca me causara dano, já recuperara entretanto, pois os meus passos provaram-se seguros e ligeiros. Apelei à magia para abrir a porta, mas esta apenas estremeceu, fustigada por forças adversas. E, de repente, perdi o chão e vi-me suspensa nos braços de Sigarr.

— Solta-me, monstro! — bradei furiosa, fechando os punhos para esmurrá-lo. Porém, não tive tempo de atingi-lo, pois ele já rodara nos calcanhares e arremessava-me para cima da cama, como se eu fosse uma trouxa de roupa suja.

Mal tombei no colchão, voltei a pular e a precipitar-me rumo à porta. Esta escancarou-se... e cerrou-se com estrondo. O feiticeiro alcançou-me e arrojou-me contra a parede. Num ápice, imobilizara-me por completo. Quanto mais eu me debatia, pior! A cada movimento, tornava-se mais difícil respirar. No ardor da contenda, esquecera-me de que o mestre da Arte Obscura era um guerreiro exímio. O olhar azul devassou o meu, fazendo-me rugir de frustração. Nada intimidado, aproximou-se até o seu bafo abrasar-me a pele e mastigou, num tom inflamado:

— Aonde pensas que vais?

Era inútil estrebuchar. Devolvi-lhe o olhar e respinguei, sobranceira e destemida:

— Vou contar tudo a Halvard!

— Não, não vais! — contestou, minaz. — A não ser que queiras que o teu pai sofra!

— Estais a ameaçar-me?

— Não, fedelha intragável! Estou a prevenir-te! Se Halvard descobrir que tu sabes onde se encontra o vosso pai e que, ainda por cima, já lhe falaste, ficará possesso. Mantém o bico fechado e talvez eu arranje uma maneira de poderes visitá-lo de vez em quando. De outra forma, as consequências da ira do teu irmão pesarão sobre os teus ombros!

Quedei-me inerte nos seus braços, lívida de horror perante o que acabara de ouvir. E, só a custo, reuni ânimo para balbuciar:

— Estais a mentir... A tentar manipular-me para manter Halvard na ignorância!

— Se pensas assim, és demasiado estulta para mereceres o trabalho que dás! — refutou, ferino. — Faz o que quiseres, mas depois não te queixes de que não foste avisada!

Para minha surpresa, recuou e saiu do quarto, deixando-me a ofegar e a rosar, enquanto olhava para a porta que ficara aberta em declarado desafio.

Dei dois passos... Porém, vacilei e estaquei, com uma miríade de interrogações tormentosas a pulularem na mente, quais vermes a revolverem-se na carne podre. Tudo aquilo em que eu sempre acreditara acabara por ser posto em causa, no decorrer deste dia tremendo, com palavras e gestos que pareciam ter o firme propósito de me enlouquecer. Era como se todos os factos se combinassem para condenar Halvard! Até o Rei da Lua estremecera de horror ao falar do filho! Eu jamais esqueceria o medo no seu olhar quando suplicara: «*O teu irmão não pode sonhar que estivemos juntos!*»

Fechei a porta com um repelão e sentei-me pesadamente na cama, obrigando-me a inspirar fundo e a raciocinar. A primeira reação do meu pai fora estranha... As minhas tripas contorceram-se, ao concluir que o Rei da Lua começara por acreditar que eu o visitara a pedido de Halvard, com o objetivo de conquistar a sua

confiança e convencê-lo a trair o nosso povo. As suas suspeitas só se tinham mitigado com a chegada de Erebus... E como explicar as afirmações do meu primo: «*Kelda incauta! Halvard castigar...*»?

Que mil ratazanas me devorassem viva se eu divisava um sentido nessa loucura! Sabia que tinha de estar preparada para enfrentar a corrupção da essência do meu gémeo. Todavia, chegar ao cúmulo de imaginar que ele seria capaz de manter o próprio pai aprisionado e sob tortura? Não... Não! Devia haver outra justificação para os temores do Rei da Lua! Sigarr podia perfeitamente ter corrompido a sua razão... Mas, então, como explicar a atitude de Erebus? Essa era fácil! O «Criador das Trevas» faria tudo aquilo que o mestre lhe ordenasse... Ou não?

Deixei-me tombar nas almofadas, com um gemido angustiado. Como discernir entre a verdade e a mentira? E em quem podia eu confiar? Só Halvard tinha o poder de acabar com o meu tormento! No entanto, irromper pelo seu quarto a meio da noite estava fora de questão, quando a dúvida sobre a natureza da sua contribuição para esta história nefanda se adensava, atentando contra os anseios mais sinceros do meu coração.

Restava-me aguardar que amanhecesse... Então esclareceria tudo com o meu gémeo! Além disso, a possibilidade de Sigarr atacar o meu pai já não me apoquentava, pois ficara claro que planeava trocá-lo pelas Lágrimas do Sol e da Lua. Tambémurgia conversar com Erebus, para apurar o que realmente sucedera na Ilha dos Sonhos... No fim de contas, ele salvara o tio! Tê-lo-ia feito apenas para agradar a Sigarr? Ou iria a sua humanidade muito para além do que eu ousara expectar? E por falar em humanidade ou, neste caso, na falta dela, não podia descurar a ameaça que o senhor deste território representava! A orgia selvática que surpreendera no salão preparava-me para o pior. Um líder que promovia tais comportamentos só podia ser ainda mais vil do que os seus guerreiros.

— Íris... — gemi, certa de que ela me estava a observar. — Onde é que me vim meter?

Ainda faltava tanto para o dia nascer! Fechei os olhos e encostei o búzio mágico ao ouvido, na esperança de que a sua música me apaziguasse o espírito. E assim foi... Apesar de tudo, consegui adormecer. E o sonho trouxe-me o calor dos braços de Lysander, o conforto do seu sorriso e um breve fôlego de felicidade.

CAPÍTULO 7

— Kelda! Minha adorada Kelda... Não imaginas quantas vezes sonhei com este momento! Tu e eu, sentados à mesma mesa, partilhando ideias e traçando planos para o futuro... Em todos estes anos, não se passou um instante em que não estivesses presente no meu pensamento.

Um calafrio percorreu-me das raízes dos cabelos até às unhas dos pés, ao sustentar o olhar verde-floresta. Halvard sorria... Porém, este sorriso distinguia-se daquele com que me recebera. Era... excessivamente seguro; tão vitorioso, que se tornava sinistro! Com mil ratazanas eriçadas, porque é que o instinto me impunha tanta desconfiança e temor, quando o meu querido irmão apenas me convidava a desfrutar da sua companhia, durante a refeição da manhã?

No salão nobre do palácio, as magníficas iguarias dispostas sobre a mesa sobriariam na satisfação da corte de um rei. Contudo estávamos sós, se não contássemos com as escravas que nos serviam. Era óbvio que Halvard fazia questão de passar algum tempo comigo, sem ninguém por perto que pudesse ensombrar o meu ânimo. E eu sentia-me grata por isso! Depois do que acontecera nessa noite, angustiava-me pensar no que devia fazer ou dizer quando encarasse Erebus e Sigarr.

— Amo-te muito, Kelda — continuava Halvard com ardor. — Tu és parte de mim... A luz que persiste em brilhar no meu coração.

Antes de descer ao seu encontro, eu decidira não permitir que o amargor do Rei da Lua, os desvarios de Erebus e os aleives de Sigarr interferissem no meu julgamento. Não contestava que a danação de Halvard podia condenar a Terra. No entanto, também me parecia inquestionável que a sua salvação haveria de pôr fim ao pesadelo. Por isso, não estava disposta a desistir de chamá-lo à razão! Apelaria ao nosso elo; faria o possível e o impossível para que ele reconhecesse a hediondez do destino que o seu mestre lhe traçara.

Se fosse bem-sucedida, os Feiticeiros seriam obrigados a recuar, Sigarr sofreria o castigo devido e a ameaça do Filho do Dragão cessaria de aterrorizar os povos livres.

Fiz um esforço para superar o incómodo e correspondi ao seu sorriso, com as lágrimas a subirem-me aos olhos. O meu irmão merecia a oportunidade de me provar que não era um demónio com a alma arruinada, como os seus opositores teimavam.

— Tu também és parte de mim — volvi com sinceridade. — O dia em que nos separámos foi o pior da minha vida. Poder abraçar-te é um conforto... Uma felicidade sem limites!

— Sim... — murmurou contumaz, estendendo as mãos e enlaçando os nossos dedos. — Uma felicidade que jamais findará! Esperei tanto por ti... Quase enlouqueci de saudades! Mas o nosso tormento acabou. A partir de hoje, voltaremos a ser a essência de um só espírito, como no ventre da nossa mãe.

Posto isto, fez sinal às escravas. Algumas quedavam-se por trás de nós, agitando abanos feitos de plumas garridas, os quais proporcionavam uma deliciosa sensação de frescura, numa altura em que o sol hostil já invadia as portadas e massacrava a pele. Uma jovem bastante bonita trouxe um jarro de cristal e verteu o seu conteúdo na taça de ouro que estava à minha frente. Se a memória não me falhava, já a vira antes... Sim, era uma das raparigas que me aguardavam no quarto aquando da minha chegada. Fora ela quem tentara proteger-me dos espinheiros. Recordava bem o medo com que se referira ao «monstro»... O senhor do palácio devia ser mesmo abominável! Agora que pensava nele, surpreendia-me que ainda não tivesse mostrado as fuças. Não deveria, pelo menos, revelar alguma curiosidade acerca da irmã do futuro Filho do Dragão, uma vez que eu desfrutava da sua hospitalidade?

— Este néctar está para além do que é divino — anunciava Halvard, requisitando a minha atenção. — O segredo do seu fabrico perdeu-se há muito... As poucas vasilhas que restam estão protegidas com magia, reservadas para o deleite dos mais nobres lábios.

Agradei à jovem, mas ela manteve os olhos no chão. Era óbvio que o pavor reinava neste palácio. A orgia que eu testemunhara na noite anterior comprovava-o! Mal o ensejo surgisse, queixar-me-ia a Halvard sobre o comportamento inqualificável dos guerreiros. Enquanto eu morasse sob este teto, nenhuma escrava haveria de ser violada ou assassinada.

No instante em que a jovem se abeirou do meu gêmeo, verifiquei que os olhos verde-floresta adquiriam um brilho especial. Prendi o fôlego, estudando a sua reação. Nem podia admitir que ele fosse capaz de se comportar como os porcos que serviam Sigarr e o soberano do território! No entanto, era a atitude da escrava que suscitava maior estranheza. Tremia tanto que afligia! Só por pouco não derramou o precioso líquido por cima de Halvard. Ainda assim, ele não se manifestou. E a rapariga acabou por se afastar, deixando-me a cogitar. Sentir-se alvo da cobiça de um homem tão másculo e poderoso, que até podia interceder por ela diante do senhor do palácio, deveria ser motivo de júbilo, não de pavor!

Como o meu irmão continuava a fixá-la, extasiado, decidi provocá-lo:

— Essa jovem é muito formosa...

— Não digas tolices! — cortou num ímpeto carregado de desprezo, desviando o olhar. E rematou: — Não passa de uma escrava! — Depois, ao ver-me aturdida com a sua reação, forçou-se a restaurar o sorriso encantador, incitando: — Bebe, Kelda... Alguma vez provaste um néctar tão maravilhoso?

Levei a taça aos lábios, mais para lhe agradecer do que por vontade. Já bebera vinho, mas este era mesmo especial! Um trago bastava para aquecer o sangue... Se não tomasse cuidado, ficaria com a cabeça a andar à roda! No entanto, Halvard devia estar habituado aos efeitos da bebida. Emborcou-a e pediu mais. A escrava regressou, incapaz de disfarçar o nervosismo nos gestos e o pânico no olhar. Porém, desta feita, o meu irmão ignorou-a, tomado pelo entusiasmo de me contar sobre os territórios que já visitara e os prodígios com que se deparara.

Escutei-o com atenção, enquanto mastigava os pãezinhos achatados com sabor a ervas doces. Dezenas de reis tinham decidido apoiar a sua causa, cedendo homens e armas para o denominado «Exército do Dragão». Será que esses soberanos ainda respiravam livremente? Ou a sua vontade fora assimilada pelo poder obscuro de Sigarr? Mordi a língua... De nada me serviria exteriorizar a indignação e semear a discórdia! Se o meu gémeo se esforçava tanto para me impressionar, deixá-lo-ia acreditar que estava a ser bem-sucedido. Entrementes, podia ser que cometesse uma inconfidência que estorvasse os planos do seu mestre.

— A primeira vez que ouvi falar de ti nem acreditei! — confessava. — A minha Kelda, uma arma mortífera? Não! Nem pensar! Até que te vi combater...

— Tu viste-me combater? — interrompi sobressaltada.

— Sim — voltou descontraído, como se aludisse a um passeio numa praia solarenga. — Nos territórios pantanosos, na fronteira do Império de Bernard.

— Não é possível! — contestei perplexa. — Tu não lutaste nesse dia... Eu vi-te debandar! Deixaste os guerreiros para trás...

— Viste-me... «debandar»? — atalhou, acusando espanto e alguma rispidez. — E não estranhaste? Conheces-me, Kelda! Achas que sou homem de virar costas a um confronto?

— Não, não és — retorqui, ciente de que ferira o seu orgulho. — Por isso não entendi a razão...

— Fi-lo para te proteger.

— O quê?

— Eu podia ter vencido! Nem imaginas como fiquei satisfeito quando me informaram que Bernard acompanhava o seu exército! O meu objetivo era prostrá-lo a ele e ao bastardo da rainha Lyria de uma assentada. Porém, quando vi que tu também lá estavas... E percebi que, inevitavelmente, acabaríamos frente a frente...

As ideias ficaram suspensas. Todavia, não existiam dúvidas quanto à sua conclusão. Se o meu gémeo não tivesse recuado, um de nós estaria morto! Engoli em seco, percorrida por um calafrio.

Além de tudo, o ódio com que se referira ao príncipe da Gente Bela também era notório. Só faltara cuspir, como se incapaz de pronunciar o seu nome.

— Combati no centro da peleja — prosseguiu, desfrutando da quinta taça de néctar. — No entanto, ninguém me reconheceu! Ao contrário dos meus inimigos, que retiram prazer do alarde da sua mísera importância, prefiro misturar-me com os guerreiros... Se um homem ignorar de onde vem a maior ameaça, quando menos esperar estará a bater às portas do submundo!

— Estiveste perto de mim? — perguntei, arrasada com a revelação. E os seus lábios torceram-se num sorriso zombeteiro, antes de continuar:

— Vou refrescar-te a memória... Naquele dia, o imbecil do Bernard era um alvo tão fácil, aos pulos e aos guinchos como um rato a pedir para ser trucidado. Só tinha de vará-lo com a minha lança e a luta estaria ganha. Atirei-a com plena convicção... Então, alguém saltou sobre a minha presa e fez o impossível! Fiquei completamente estarrecido quando me deparei contigo... Paralisado! Desnortado! Abestalhado! — Soprou o ar, debruçou-se sobre a mesa e mergulhou no meu olhar, concluindo num tom dúbio, que misturava ira com orgulho, frustração e gracejo: — Pela primeira vez, Halvard, Filho do Dragão, deixou um campo de batalha com o rabo entre as pernas... Por tua causa, Kelda!

Gelei sobre o banco. A lança que carregava a morte certa do rei Bernard fora arremessada pelo meu irmão! Como poderia eu adivinhar tal coisa, quando investira para proteger o soberano do Império? Tal demonstrava a excelência de Halvard como guerreiro e mestre da Arte! Ele quedara-se praticamente debaixo do nariz de Lysander... do meu nariz! E nós só o lobrigáramos no instante em que se destacara da multidão.

Satisfeito com a impressão que causara, Halvard exclamou ternamente:

— É para que vejas o amor que te tenho! Preferi sacrificar os meus homens a arriscar-me a perder-te. E o facto de estares aqui

prova que tomei a decisão certa! O destino uniu-nos com um propósito... Aliás, nós nunca deveríamos ter sido separados! Se soubesses como sofri quando mestre Sigarr reconheceu ser incapaz de te salvar da opressão da nossa família!

— Opressão? — titubeei. E ele voltou com uma convicção avassaladora:

— Sim! Não é verdade que os Guardiões te escorraçaram da Montanha Sagrada, para se dedicarem ao aleivoso do Thorson? Que crescestes enclausurada na Ilha dos Penhascos, humilhada pela sobrançeria de Oriana? Que, muitas vezes, te fecharam numa cela, sem luz nem ar, como castigo por teimares em procurar-me?

— C... Como é que sabes...?

Halvard reassumiu a sua postura altiva, volvendo triunfante:

— Sou um homem bem informado, Kelda! Os meus olhos veem longe e nada escapa aos meus ouvidos.

Lérias! Só podia ter sido a língua traiçoeira de Korn a prestar-lhe tal serviço! No entanto, era evidente que pretendia fomentar o mistério, para se enaltecer. E a forma como conduziu o discurso tinha o claro intuito de determinar a solidez do nosso elo. Nem necessitei de esperar muito para comprovar o juízo que formulara, pois ele interpelou:

— Preciso de saber se posso contar com o teu apoio incondicional. Estás disposta a deitar o passado para trás das costas? A cortar definitivamente os laços que te ligam a falsos aliados, que apenas se servem de ti, sem se importarem com a dor que te causam? A esquecer todas as mentiras que te contaram sobre a profecia do Filho do Dragão e a construíres um futuro ao meu lado?

Halvard usava as palavras como peças num tabuleiro de jogo, na persecução do seu objetivo. Contudo, eu também sabia jogar! E que mil ratazanas me mordessem se não conseguisse dar-lhe a volta e colocá-lo no rumo certo antes de o dia terminar! Empinei o nariz e retruquei no mesmo tom:

— É verdade que, por vezes, me senti magoada com aqueles que deixei para trás... Eles acreditam que o teu destino é uma maldição e, só por isso, tentaram preservar-me de uma sorte idêntica. No entanto, como vês, a minha vontade prevaleceu e hoje estou ao teu lado! — Foi a minha vez de segurar-lhe as mãos, antes de enunciar solenemente: — Porém desengana-te se julgas que foram aqueles que encaras como émulos que mais se empenharam em manter-nos separados! Na luta que travei para chegar aqui, verifiquei que muitos dos teus aliados tiram proveitos escusos da tua confiança. Cientes de quão importante é para ti a concretização da profecia, não hesitam em manipular-te, convencendo-te a colocares o teu poder ao serviço de causas que nada têm a ver com a conquista do Conhecimento Absoluto.

O isco estava lançado! Restava-me expectar que Halvard o mordesse. Parecia atordoado... Afinal, eu acabara de asseverar que ele estava a ser enganado por aqueles que juravam proteger os seus interesses. Só necessitava de uma escusa para aprofundar a questão... E o meu gémeo deu-ma ao demandar:

— O que é que queres dizer com isso?

Mantive-me firme e declarei:

— Sei que és um homem justo e até aceito que as tuas aspirações possam ser legítimas... Contudo, também acho que o teu caminho para a vitória não tem obrigatoriamente de ser sangrento e destrutivo, como os teus aliados proclamam! Essa senda de dor e de morte em que Sigarr te colocou apenas serve os interesses dos Feiticeiros. Para o Mestre Supremo pouco importa quem concretiza a profecia, desde que aquele que o faça esteja sujeito às suas ordens. No fim, tu libertarás o poder das Lágrimas do Sol e da Lua... Mas será Celsus da Ilha Sagrada quem governará a Terra e os seus povos.

— Depositas grande firmeza em acusações extremamente graves... — começou a contestar, mas eu interrompi-o:

— Tenho a certeza do que digo, mano! Durante a minha estada na Ilha Sagrada, escutei conversas que denunciavam a intenção dos

Feiticeiros de te tornarem escravo da sua vontade. No entanto, a pior ameaça à tua glória partilha a tua mesa e combate ao teu lado. Aquele que foi designado pela profecia para te proteger não hesitará em pôr fim à tua vida...

— Referes-te a Deimos? — atalhou, sagaz. Tentava parecer desprendido, mas a sua voz soava ferina e encrespada. O meu esforço estava a dar frutos!

— Sim — confirmei com pertinácia. — Não te contaram que o feiticeiro Ingimar encomendou a minha morte ao rei do Povo do Fogo, contra a vontade do próprio Sigarr? Isso porque sabiam que, se eu chegasse até ti, haveria de te alertar para a sua perfídia!

O olhar de Halvard estreitou-se. Eu estava a arriscar muito... Mas a minha causa era nobre! Se convencesse o meu gémeo a retirar a confiança a Deimos, os pilares da profecia quebrar-se-iam, uma vez que o *executor* dependia do *protetor*. Além disso, também tinha de cuidar da minha segurança. O demónio fora afastado por algum tempo, mas regressaria... faminto por vingança!

Aguardei a reação do meu irmão, com o fôlego suspenso. Ele continuava a fixar-me como se tentasse ver através de mim. Comecei a reçar que estivesse a planear um assalto à minha mente para confirmar a fidelidade das minhas asseverações. Não obstante, a sua intenção era outra, muito mais subtil... e não menos perigosa!

— Eu sei o que se passou, Kelda — volveu, enfim. — E estou ciente de que nada agradaria mais a Ingimar do que ver a tua cabeça numa bandeja... ao lado da minha! Porém, o dia do seu julgamento há de chegar.

Quase saltei do banco quando desembainhou o punhal de Lobo Cinzento. Sem desviar os olhos dos meus, deitou a mão a um dos muitos frutos que repousavam nas travessas e começou a cortá-lo em pequenas fatias, antes de prosseguir:

— Também já conversei com Deimos. Lamento não ter estado aqui para evitar o vosso «desentendimento». No entanto, garanto-te que o incidente foi devidamente esclarecido e que a sua

«precipitação» não ficou impune. Sossega que não tornará a incomodar-te.

Desentendimento? Precipitação? Halvard só podia estar a tentar descontrolar-me! Além de desconsiderar a importância do meu confronto com o demónio, ainda exibia a arma do nosso avô diante do meu nariz, em acesa provocação. O sumo escorria-lhe pelos dedos, enquanto levava os pedaços de fruta aos lábios. Sempre fora um colecionador de troféus... E um dos maiores símbolos do poder da nossa família caíra nas suas garras, como por graça... aliás, desgraça divina! Rangi os dentes para refrear o ímpeto de lhe arrancar o punhal das mãos. Era isso que ele expectava: ver-me saltar sobre a mesa, a gritar como uma possessa, para tentar recuperar o meu tesouro. Eu lia-o no seu olhar!

— É por ti que receio, mano — contraditei, reprimindo a ira, convicta de que enfrentava um dos seus testes maliciosos.

— Não tens porquê! — revidou com falsa candura. — Deimos está consciente da sua, digamos, «posição». Jamais ousará levantar um dedo contra mim.

— Foi ele quem te deu esse punhal? — A pergunta escapou-me, antes que fosse capaz de segurá-la. Mordi a língua, furiosa comigo. E agora? Teria deitado tudo a perder?

Halvard ergueu as sobrancelhas, como se não tivesse passado os últimos instantes a alardear-se e até estranhasse a interrogação.

— Ah, o punhal do *jarl* Throst! — exclamou, após uma pausa que quase me pôs a arrancar os cabelos. Rodou o punho da arma entre os dedos e acariciou a lâmina, antes de acrescentar: — Constou-me que trazias esta preciosidade contigo... Como foi que lhe deitaste a mão?

Engoli em seco... E tornei a engolir! Obviamente, Halvard já não era o garoto cuja vontade eu dobrava com um sorriso. Ainda assim, a voz saiu-me quase indiferente ao revidar:

— Foi a tia Thora quem mo deu.

Desta feita, ele mostrou-se sinceramente admirado:

— Deveras? Curioso... Este punhal é uma herança de sangue e a rainha dos viquingues tem um filho varão. Porque não o ofereceu a Ulfvaldr?

— Não sei — ripostei com tranquilidade. — Aceitei-o sem questionar.

— Quere-lo de volta?

O quê? Halvard não podia estar a falar a sério... E não estava! Estendia-me o punhal com aparente singeleza, mas os seus olhos rutilavam, denunciando-lhe a intenção. Por momentos, foi como regressar à sala de Íris e quedar-me em frente do tabuleiro do Jogo da Antecipação: Movimento... Pulsação... Desastre! O punhal era um engodo fatal! O meu gémeo só esperava que eu esticasse a mão para recolher a sua e esconder o troféu. Depois, soltaria umas boas gargalhadas por conta da minha ingenuidade... E terminaria a indagar sobre a dedicação que eu apregoara no início da conversa. Se, efetivamente, eu desejava ficar ao seu lado, haveria de presenteá-lo com o punhal, pois sabia o quanto ele o cobiçava.

Com as vísceras a enodarem-se, concluí que o legado de Lobo Cinzento estava perdido. Mais valia deixar-me de lamúrias e tirar proveito da situação. Enchi o peito de ar e obsequiei-o:

— Fica com o punhal! De qualquer modo, pretendia entregar-to. Sempre achei que devias ser tu a guardá-lo.

Se existissem prémios para os melhores mentirosos, eu acabara de arrecadar o primeiro, pela minha convicção e candura. Desta feita, o meu gémeo franziu a testa e foi incapaz de disfarçar a perplexidade, ao rebater:

— E porquê?

— Ora, mano! Porque estás destinado a ser o Filho do Dragão, o maior guerreiro-feiticeiro que a Terra já conheceu! Como disseste, essa arma é uma preciosidade... E ninguém é mais merecedor da honra de empunhá-la do que tu.

O queixo de Halvard pendeu. Contudo, prestes se recompôs e acenou com a cabeça, em sinal de aprovação. O meu coração disparou a galope, ao vê-lo guardar o punhal, erguer-se e

aproximar-se. As flamas de um incêndio brutal devoravam as florestas no seu olhar, no momento em que se inclinou sobre mim. O sol que fustigava a sala arrancava reflexos de ouro e fogo à sua trança... Eu nunca me sentira tão consciente da herança da feiticeira Gwendalin no seu sangue; no nosso sangue! Prendi o fôlego quando cravou os olhos nos meus e mastigou:

— Sigarr e Erebus dizem que vieste até aqui para me ajudar... Em contrapartida, Deimos garante que o teu objetivo é destruir-me e impedir a concretização da profecia.

— E em quem é que tu acreditas? — inquiri, com prodigioso destemor.

O olhar de Halvard tornou-se ainda mais intenso ao retrucar:

— Acredito em mim. No juízo do que vejo, do que oiço e do que sinto. Posso escutar os meus conselheiros, mas sou, e sempre serei, senhor da minha vontade. — Fez uma pausa antes de expor: — É óbvio que estás aqui por minha causa... Contudo, não creio que o teu propósito seja ajudar-me, nem destruir-me. Pretendes, tão-somente, provar que estou errado! Achas que estou a perder-me e desejas salvar-me... porque me amas. E, como eu também te amo, quero-te ao meu lado, para te mostrar que és tu que estás enganada. Que a profecia do Filho do Dragão não é uma imprecação... É uma bênção!

A sua seriedade pôs-me a tremer. Halvard nem tentara perscrutar-me a mente e, no entanto, vira através de mim como se eu fosse um livro aberto. Não resisti quando me puxou para os seus braços. Estreitou-me com genuína afeição e as lágrimas subiram-me aos olhos ao ouvi-lo murmurar:

— Vês, Kelda? Para quê subterfúgios, quando a verdade é tão simples? — Deteve-se para me acariciar as faces, antes de rematar: — Sei que crescestes no meio de vozes que afiançam que sou um monstro, cuja ambição desmedida há de destruir o mundo... É esse homem que tens à tua frente?

— Não — volvi com franqueza. — O homem à minha frente é um líder, mas não é um monstro!

— Então, façamos um acordo. Acabaram-se as mentiras, as meias-palavras, o medo de declarar intenções... Vamos conversar quando tivermos de conversar e discutir quando tivermos de discutir, mas sejamos verdadeiros um para o outro! No fim, o amor que nos une há de revelar quem tem razão.

Halvard ajudou-me a subir para a garupa do seu cavalo: um possante garanhão castanho, com uma bela crina negra. Abracei-o pela cintura e tentei descontraí-lo, embora ardesse de frustração pela oportunidade que perdera. Quando, há pouco, ele me pedira absoluta sinceridade, devia tê-lo questionado acerca do nosso pai! Porém, ficara tão abismada com a evolução da conversa que fora incapaz de reagir. E o momento esvaíra-se.

Agora, restava-me esperar por um novo ensejo. O dia ainda mal chegara a meio, mas eu não me esquecia de que, enquanto nós folgávamos, o Rei da Lua sofria duras penas. Estava decidida a fazer tudo para que ele não fosse obrigado a passar outra noite nos calabouços. Porém, a prudência impunha-se! Ainda não estava totalmente convicta de que o meu irmão desconhecia a condição do nosso pai... E não desejava, de forma nenhuma, arriscar-me a piorar a situação.

Halvard incitou o cavalo a galopar e levou-me para lá dos portões do palácio. Atravessámos a cidade nova, a muralha e, por fim, a cidade antiga, até chegarmos ao porto. Pelo caminho, tornou-se óbvio o quanto as pessoas o respeitavam. Para além das reverências dos guerreiros que serviam a sua causa, os nativos também se prostravam à nossa passagem.

Na primeira vez que pisara o porto, sobressaltara-me ao constatar que o imenso terreno adjacente fora transformado num estaleiro. Hoje, Halvard fazia questão de me mostrar a frota que se encontrava em construção. Era impressionante! Centenas de navios de guerra iguais àqueles que tinham atacado a Ilha dos Sonhos, prontos a sulcarem as ondas dentro de dois ou três meses... Fiz contas de cabeça. Se a esse período juntasse o tempo de viagem até à

fronteira do Império, estaríamos no inverno e seria impossível navegar no mar do Norte. Caso o rei Ivarr não previsse esta ameaça, o rei Bernard teria de enfrentar o exército de Sigarr sem a ajuda dos Viquingues. E, mesmo com o apoio da Grande Ilha, não me parecia que fosse capaz de resistir, uma vez que Deimos destruíra grande parte da frota de Lorde Stefan McGraw.

A multidão quase me sufocava. Os escravos faziam os trabalhos pesados, sempre controlados pelos chicotes dos capatazes. Homens livres concentravam-se nas tarefas minuciosas, que exigiam estudo e ponderação. Guerreiros distribuía ordens e verificavam o seu cumprimento. Mulheres vestidas com túnicas manchadas de areia nas bainhas e encobertas com lenços que só revelavam os olhos ofereciam água aos sedentos. Petizes magros e sujos faziam recados a troco de um pedaço de pão. Os mais buliçosos corriam e empurravam os adultos, divertindo-se a provocar a sua ira.

A nossa visita causou tanta comoção que os trabalhos quase pararam. Halvard apresentou-me a alguns dos responsáveis pelas obras: indivíduos de aspeto sinistro, com olhos pequeninos e rasgados, muito irrequietos, que me dissecavam com uma aversão mal disfarçada. Pareciam não acreditar que a afamada Kelda da Montanha Sagrada se juntara ao irmão de livre vontade. Todavia, o alarido não incomodava o meu gémeo. Movia-se com uma altivez majestosa e, de novo, todos sem exceção se inclinavam diante dele, desde os escravos ao mais distinto dos guerreiros. E, a partir desse instante, todos sem exceção tinham ordens para se curvarem diante de mim, com igual respeito.

— Vem — comandou Halvard, puxando-me para cima do seu cavalo. — Ainda quero apresentar-te ao Exército do Dragão, antes de regressarmos para a refeição da noite.

Sentia-me subjugada pelo seu entusiasmo e bastante preocupada com o que vira. Uma questão em especial massacrava-me o espírito. No fundo, já alcançara a verdade... Porém, continuava sem querer acreditar! Assim que o garanhão começou a andar, dei voz à estranheza:

— Como foi que conquistaste a lealdade de tanta gente?

Ele riu abertamente e retrucou sem pensar, numa golfada de pura soberba:

— Sabes como o Homem se verga perante as manifestações místicas, assombrado pelo pavor da morte! Quem testemunha o meu poder jamais se atreve a contrariar-me!

Com mil ratazanas torcidas, Halvard passara o dia a convencer-me da retidão do seu carácter... Agora dava uma resposta destas? Franzi o sobrolho e fui incapaz de conter a língua:

— Então, não te seguem por devoção, mas por medo!

O meu gémeo resmungou algo impercetível, arreliado com o reparo. Depois, objetou num tom mais brando, como se recordado do desejo de ganhar a minha confiança:

— Estás enganada! Sei recompensar aqueles que me são fiéis. No dia em que vencermos a guerra, haverá terras e riquezas para dividir com os guerreiros mais valorosos... Inclusive, os escravos têm a promessa da liberdade.

— E tencionas cumprir...?

— É óbvio que sim! — atalhou, agastado perante a minha incredulidade. — Sou um homem de palavra!

Será que, no seu esforço para me impressionar, Halvard não se dava conta de que caía em contradição? O nosso duelo de vontades adivinhava-se implacável! Sem mais delongas, lancei a pergunta espinhosa:

— E o soberano deste território? O que pensa do facto de te teres instalado no seu palácio, ocupado as suas terras, recrutado os seus homens...?

A gargalhada ferina do meu gémeo fez-me sustar a respiração:

— Ora, Kelda! Eu sou o senhor deste território! E de todos os territórios para além deste! O solo, a água, as casas, as riquezas, as vidas... É tudo meu! Para meu governo e para meu desfrute!

Essa proclamação triunfal foi como um pontapé no meu estômago. Tudo se misturava na minha cabeça: o pavor das escravas, o asco com que o Rei da Lua se referira ao filho, a ternura

com que o meu irmão me abraçara, a sua assertividade conspurcada pela jactância... Seria Halvard, efetivamente, um monstro? Ou não passaria de uma vítima? Quantas máscaras encobririam a sua verdadeira cara? Ou será que ele era mesmo assim, capaz do melhor e do pior numa única batida de coração? Já em criança, não tinha pejo em beijar-me uma face ao mesmo tempo que me esbofeteava a outra, como se no seu âmago habitassem duas pessoas com personalidades opostas. Uma coisa era certa: eu estava a saltitar sobre gelo fino! E não podia deixar de temer por mim... e pelo meu pai.

— Não dizes nada? — indagou, espreitando por cima do ombro como se alarmado com o meu silêncio. — A minha ascensão não te apraz?

O que acontecera ao legítimo soberano desta terra? Abri a boca para interrogá-lo, mas tornei a fechá-la. Talvez, neste momento, a ignorância fosse uma bênção. Eu pressentia que não ia gostar do que Halvard tinha para contar. E não me podia arriscar a contrariá-lo quando a sorte do Rei da Lua dependia da sua boa vontade. Tinha de ter calma... Muita calma! Era impossível expectar que todas as feridas purulentas que cobriam a essência do meu gémeo sarassem num estalar de dedos. Por isso, inspirei fundo e ripostei:

— Desculpa, mano. Só estou muito cansada. A inércia imposta pela estada na Ilha Sagrada pôs-me o corpo mole... E este tem sido um dia carregado de emoções!

— Porque não disseste logo? — volveu, forçando o cavalo a mudar de rumo. — Tens razão... Precisas de tempo para te habituares à tua nova vida! Perdoa se estou a exigir demasiado de ti... Mas sinto-me para lá de radiante por te ter ao meu lado! Vamos voltar para casa, tomar um bom banho e encher a barriga. A visita ao acampamento pode esperar por amanhã.

Quando Halvard falara em banho, eu suspirara pela privacidade do meu quarto. Uma tina de água morna haveria de dissolver a tensão que me retesava os nervos. Além disso, o sossego permitir-

me-ia refletir sobre as incongruências nas ações e no discurso do meu gémeo... No entanto, ele tinha outra coisa em mente.

Chegados ao salão nobre, ordenou que as escravas preparassem o tanque alimentado pela cascata. Em menos de nada, estas regressavam trazendo cestos carregados com pétalas de flores e jarros contendo óleos perfumados, os quais rapidamente foram despejados dentro de água. Eu ainda tentava titubear uma desculpa para me escapulir, já ele se livrara da túnica e das sandálias e mergulhava de cabeça na parte mais funda do tanque. Frustrada, arrastei-me até ao lado oposto e descalcei-me. A pedra verde não era lisa ao ponto de fazer escorregar, nem tão rugosa que incomodasse ao toque. Devagar, molhei os pés e fui percorrida por um arrepio de satisfação. Exposta ao calor durante todo o dia, a água conservava uma temperatura agradável, simultaneamente tépida e refrescante.

— Não vens, Kelda?

Comecei a esboçar um gesto de escusa. Então, Halvard saltou do tanque, correu até mim, agarrou-me ao colo e lançou-me para dentro de água.

Caí desamparada no meio do tanque, guinchando em protesto. Atordoada, ainda tentava perceber onde ficava o fundo e a superfície, já os braços do meu irmão me resgatavam. Ajudou-me a suster, rindo sem controlo, deliciado com a travessura. Atiçada, cravei-lhe os dedos nos ombros, torci as ancas e enfiei uma perna entre as suas, num cambapé que o obrigou a perder o chão... E, por momentos, foi como regressar ao ribeiro da Montanha Sagrada, na inocência da infância. O reviver das nossas brincadeiras ateou a chama da rivalidade salutar que nos fazia vibrar com o prazer de estarmos juntos. Combatemos sem tréguas, a gargalhar como loucos, com água a entrar pelo nariz e pela boca. Eu tentava acertar-lhe com os punhos. Ele moía-me as costelas com cócegas.

— Rendes-te? — perguntou, prendendo-me os pulsos.

— Nunca! — gritei, sufocada pela água e pelo riso. Porém, ele já me imobilizara... E, como no passado, refreava a força para não me

magoar.

Ignorei o incômodo das vestes encharcadas e entreguei-me ao seu abraço, sentindo o corpo exausto e o espírito leve. Por instantes, conseguira esquecer os dilemas que me apoquentavam. Halvard tornara a ser o irmão carinhoso e divertido que tanta falta me fizera, enquanto eu crescia amargurada e descuidada pelos nossos pais. Mais uma vez, a esperança acendia-se no meu peito e a minha ira abatia-se sobre Sigarr. O nefando feiticeiro era a causa de todos os males... Mas eu haveria de derrotá-lo a ele e aos seus aliados com a mais pura das armas: o elo inquebrantável que me ligava ao meu gêmeo! Por mais voltas que a vida desse, jamais deixaria de amar Halvard... E, por mais voltas que a vida desse, jamais desistiria de salvá-lo!

— Desculpa se te sufoco com o meu entusiasmo... — murmurou com ternura. — Quero muito que te sintas em casa e sejas feliz! — Então, enfrentou o meu olhar e inquiriu: — Incomoda-te que eu tenha tomado posse deste território, não é verdade?

Era inútil negar, por isso limitei-me a ficar calada. Ele suspirou e continuou sobriamente:

— Não posso admitir que quaisquer constrangimentos ou dúvidas parem entre nós! Vou contar-te o que se passou... A história deste lugar é igual a tantas outras que conheces. Há mais de mil anos, um feiticeiro foi expulso da Ilha Sagrada por ter decidido explorar os encantos da Arte Obscura. Fixou-se aqui, deslumbrou os nativos com as suas habilidades místicas e foi adorado como um deus. Não tardou a anexar os reinos vizinhos e a prosperar. Quando morreu, era senhor de um vasto império. Os seus descendentes herdaram riquezas para além da imaginação e um poder que os colocava muito acima dos comuns mortais. Contudo, a magia essencial desses soberanos acabou por se depauperar ao longo das gerações, devido à mistura do sangue humano... E essa fraqueza crescente foi afetando igualmente a sua equidade.

Fez uma pausa para recuperar o fôlego e não escondeu o agrado por ter conquistado a minha atenção. Apesar das perguntas que me

picavam a língua, forcei-me a ficar quieta, pois não queria interferir no seu relato. Todavia, adversando as minhas expectativas, Halvard tinha pouco a acrescentar:

— Quando mestre Sigarr aqui chegou, deparou-se com um império moribundo e o povo a morrer à fome. Ao jurar lealdade ao Filho do Dragão, esta gente não só ganhou um líder justo como uma nova esperança! Todos me reconhecem pelo que sou: o seu salvador. Seguem-me, servem-me e veneram-me. E, um dia, hão de ser recompensados com uma existência livre de cuidados e plena de satisfação.

A isto chamava-se falar muito sem nada dizer! Halvard não perdera tempo a enaltecer-se, omitindo quaisquer relatos das batalhas que decerto travara para se impor. Porém, eu não estava disposta a deixá-lo escapar tão facilmente. Insisti em saber a sorte do homem que governava este solo, aquando da sua chegada... E a resposta que recebi não foi a que esperava:

— O herdeiro do rei-feiticeiro ficou bastante aliviado por se livrar do encargo que pesava sobre os seus ombros. Abdicou do trono e devotou-se a mim, sem nenhuma contestação. Hoje é general do Exército do Dragão.

De repente, pôs-se de pé como se para evitar mais perguntas. E começou a andar ao longo do tanque, rasgando a água enquanto exibia o tronco nu, qual pássaro vaidoso.

— Vês como a minha marca evoluiu? — ufanou-se, deixando claro que o assunto anterior estava encerrado. — Aposto que nunca viste desenhos tão magníficos!

Essa exclamação dissimulava a sua curiosidade de saber se o sinal de nascença, que ele partilhava com Thorson, se desenvolvera com idêntico primor na pele do rival. Contudo, eu não poderia elucidá-lo, mesmo que desejasse. Ao contrário de Halvard, Thorson não se orgulhava da sua herança de sangue e fazia questão de ocultá-la. Além disso, há anos que não nos víamos.

Halvard rodava sobre si próprio, para que nenhum pormenor da tatuagem que os deuses lhe tinham oferecido escapasse à minha

perceção: traços negros e grossos brotavam-lhe da carne, misturando-se com linhas finas e coloridas. Cobriam-lhe as costas, parte dos braços e do peito, acabando por desaparecer dentro das calças molhadas. No entanto, eu sabia que continuavam, revestindo-lhe todo o corpo. Em criança, costumava compará-los aos relevos das asas de uma borboleta. Hoje verificava representarem escamas, adornadas pelo fulgor da sua magia. Todavia, se alguma dúvida persistisse num espírito desatento, o meu gémeo tratara de dissipá-la, ao gravar a terrífica cabeça de um dragão sobre o peito, complementada com inscrições rúnicas bastante explícitas. Aquela que mais me chocava encontrava-se no seu braço direito. Dei por mim a lê-la em voz alta, com a garganta seca:

— Eu ascenderei e o Homem tombará...

— Um aviso, para que ninguém ouse contestar o meu destino! — regozijou-se. Depois, tornou a sentar-se ao meu lado, nas escadas de pedra do tanque. E, antes que eu adivinhasse a sua intenção, pegou-me nas mãos e começou a examinar as marcas do Guardião da Montanha, estampadas nos meus pulsos. Senti-me gelar, alarmada. Qual seria o seu propósito? Ainda assim, conservou-se afetuoso ao inquirir:

— E o teu destino, Kelda? Como foi que a tua magia despertou? E porque carregas em simultâneo o legado das Lágrimas do Sol e da Lua?

Isso gostava eu de saber! Nunca ninguém conseguira explicar-me o porquê de tamanho prodígio. Em tempos, o meu pai garantira que era a primeira vez que tal sucedia a um herdeiro da Ordem do Dragão. E a minha mãe opinara que a diferença das tatuagens se devia à minha capacidade de dominar energias antagónicas, uma vez que a Arte Luminosa e a Arte Obscura conviviam na minha essência. No entanto, essa explicação soava demasiado simples, mesmo forçada. Atendendo a que nada na minha vida estava livre de complicações, eu tinha o inquietante pressentimento de que, um dia, a verdade haveria de se declarar... E a revelação seria tudo menos agradável!

— A magia manifestou-se com a idade — repliquei, sacudindo os ombros. — E, se existe uma razão para a dissemelhança das marcas, ainda não descobri qual é.

Ele anuiu com a cabeça, ciente de que eu estava a ser sincera. Ainda assim, não se deu por satisfeito:

— E a tua excelência guerreira? É uma dádiva da fera da Montanha Sagrada? Lembras-te de como discutimos pela sua graça? Após a minha partida, acabaste por caçá-la e assimilaste o seu espírito?

Apeteceu-me corrigi-lo. Halvard distorcia os factos de acordo com a sua conveniência! Nós nunca disputáramos o poder da fera mística... Ele tudo fizera para obtê-lo, mas o prodigioso animal escolhera manifestar-se somente para mim. Era impressionante como, ao fim de tantos anos, o meu gémeo ainda remoía esse assunto! Deveria recordar, isso sim, que fora devido ao ataque insano de fúria que tivera nesse dia que o nosso pai o castigara, abrindo caminho para que Sigarr cravasse as peçonhentas garras na sua consciência.

— Não voltei a ver tal criatura — ripostei impaciente. — A minha destreza deve-se aos treinos de Lysander...

O urro furioso de Halvard cortou-me a voz. Sacudiu-me as mãos e ergueu-se com um salto, correndo para a borda do tanque e esmurrando-a com os punhos. Por instantes, quedou-se de costas viradas, a respirar aos arrancos... E eu também não me mexi, abismada com a agressividade desvairada da sua acometida. Então, resmungou roucamente, por entre fôlegos entrecortados:

— Não voltes a mencionar o nome desse infame, Kelda... Ouviste bem? Nunca mais quero ouvir esse som hediondo a sair dos teus lábios! Perco a razão só de pensar nos dias e noites que passaste ao seu lado. Saber que ele conquistou o teu amor; que te roubou de mim...

— O quê? — titubeei abismada. — Mas que tolice, Halvard! O Lysan... O príncipe do Povo da Terra não me roubou de ti! Tu és meu irmão...

— Toda a gente fala da vossa paixão! — atalhou com um berro acusador, encarando-me com o olhar incendiado por um rancor mortífero. — Negas que fostes amantes?

Quando a sua voz terminou de ribombar pelo salão, até o canto da cascata soava hostil. O ódio que o meu gémeo dedicava ao herdeiro da rainha Lyria era tão veemente que o punha a tremer e a espumar por entre os dentes. Pensei que seria capaz de me agredir, por ter tido a audácia de me apaixonar por um dos seus inimigos. Apesar de sobressaltada, decidi não me sujeitar. Se revelasse fraqueza, a minha vontade ficaria bastante debilitada! Ao invés, sustive-me com a cabeça erguida e o nariz empinado. E retruquei, ríspida e gélida:

— Se queres mesmo saber, o príncipe foi apenas meu mestre de armas... Porém, se tivéssemos sido amantes, tal não te diria respeito! Eu podia ter ficado na Ilha dos Penhascos, mas escolhi vir ao teu encontro, Halvard! Pensei que essa questão estava esclarecida...

— E está! — cortou, avançando para me abraçar com o mesmo ardor com que me repelira. — Não te zangues, Kelda... Tens de entender que o afeto que sinto por ti me consome a razão. Amo-te como nunca amei ninguém ou, algum dia, serei capaz de amar alguém! Nós estamos destinados a ficar juntos até ao fim dos tempos... É isso que tu também desejas, não é?

Mal podia acreditar no ciúme proceloso que se recusava a abandonar-lhe o olhar. As suas afirmações eram mais do que absurdas! Todavia, o meu gémeo ficava cego e surdo quando assumia uma obsessão. Se o adversasse neste momento de destempero, deitaria tudo a perder. Por isso, mais uma vez, obriguei-me a respirar fundo. Halvard era como um tronco seco de afetos... Tinha de ser dobrado lenta e cuidadosamente para não se partir! Arrepiei-me ao cogitar que este desespero por atenção se devia ao facto de ter crescido longe dos seus. Na realidade, não me custava nada mimá-lo e bajulá-lo, como ele incessantemente solicitava, desde que, no fim, isso o fizesse ficar ao meu lado, contra Sigarr!

— Sim, mano — aquiesci para tranquilizá-lo. — Quero que voltemos a ser uma família.

— Então, apaga de vez todas as dúvidas da minha mente e as angústias do meu coração!

O seu apelo deixou-me aturdida. Começava a assustar-me com a alienação que lhe escurecia o olhar... Fiquei ainda mais alarmada quando recuou e levou a mão à bainha das calças. Tive de me conter para não saltar para trás e assumir uma postura defensiva, ao vê-lo desembainhar o punhal do avô Throst. E os meus olhos arregalaram-se de horror quando exibiu a palma da mão direita e a lacerou, com um golpe rápido e seco.

— O sangue é um condutor de memórias, de conhecimentos e de emoções... — começou a justificar-se, numa voz transtornada pela comoção. — A fusão do nosso sangue será a garantia de que o amor que nos une superará quaisquer adversidades, vencerá desacordos e se elevará sobre tudo e sobre todos... Eu serei teu e tu serás minha. Para sempre, Kelda! Para sempre!

O meu coração falhou uma, duas batidas, enquanto eu me quedava a fixar o fio vermelho que escorria da mão do meu gêmeo e manchava a água do tanque. Um pacto de sangue era a maior prova de lealdade que podia existir aos olhos do Homem e das Entidades que regiam o universo. Era um compromisso... definitivo! A cicatriz que dele resultaria marcaria para sempre a minha carne e a minha essência. Não era algo que me dispusesse a fazer de ânimo leve... Nem mesmo por Halvard!

— Devota-te a mim, Kelda... — insistiu, ao ver-me vacilar. — E não tornarei a questionar-te sobre o que ficou para trás. O passado será definitivamente enterrado e poderemos começar a construir o futuro que ambiciono para nós.

O futuro que ele ambicionava! Com mil esqueletos de ratazanas, tomar-me-ia Halvard por tola? Era óbvio que pretendia avassalar-me! Ter-se-ia esquecido da conversa que tivéramos nessa manhã? Da garantia que me dera de que iria escutar e avaliar o meu lado da razão?

Estendeu-me a mão e senti-me como uma ovelha a ser conduzida para a matança, com as tábuas do curral a estreitarem-se cada vez mais. De novo, não tinha como objetar sem ferir fatalmente a possibilidade de uma reconciliação. Comecei a erguer o braço... Porém, ante o sorriso triunfante que se formava nos seus lábios, enchi-me de coragem e controverti:

— Isso é tolice, Halvard! Nós não necessitamos de juras de sangue para nos entendermos!

— Por favor, Kelda — insistiu com ardor. — É importante para mim... — De súbito, franziu o sobrolho como se melindrado. E interpelou, acerbo: — Porque hesitas? Não confias em mim? Duvidas da lisura das minhas intenções? Achas que pretendo subordinar-te? — As suas faces enrubesceram de fúria ao rematar: — Se quisesse transformar-te numa escrava às minhas ordens, ter-te-ia prostrado no primeiro instante e subvertido a tua mente, de modo a que fosses incapaz de dar um passo sem a minha orientação!

Contive o rompante de revidar que tal esforço seria inútil e só me convenceria da sua má índole. Talvez fosse melhor acabar com os rodeios e esclarecer definitivamente as questões que pendiam entre nós.

— Está bem — anuí, inspirando um fôlego de resolução. — Já que é tão importante para ti... Todavia, se tenho de te provar a minha lealdade, também me vejo no direito de te pedir uma demonstração de boa vontade, para que acredite que estás realmente disposto a esquecer o passado e a iniciar uma vida nova na minha companhia.

— Tudo o que desejares... — começou num tom apaziguador, como se, mais uma vez, me fosse oferecer o mundo. No entanto, interrompi-o para enunciar com firmeza:

— O nosso pai está cativo neste palácio. Solta-o e deixa-o regressar a casa...

Num ímpeto, a mão de Halvard cerrou-se no meu braço. E os olhos verdes incandesceram ao arrostar-me:

— Como foi que descobriste...?

A sua fúria confrontava-se com o meu horror:

— Tu sabias...?

— E tu? — rugiu acusador. — Passaste o dia ao meu lado, a mastigar esse assunto sem nada dizeres? Estavas à espera de uma oportunidade para negociares a libertação desse traidor? É assim que queres que confie na tua lealdade?

— E é assim que queres que eu confie nas tuas boas intenções? — retruquei no mesmo tom. — Parece que estamos conversados!

Contorci-me com tanta veemência que consegui livrar-me do seu aperto. Rápida como um raio, saltei para fora do tanque e comecei a atravessar o salão, com as roupas coladas ao corpo, deixando um rasto de água atrás de mim. O que ia fazer agora? Fechar-me no quarto? Carpir de indignação? Combater o Exército do Dragão sozinha?

— Kelda! Espera!

Parte de mim suspirou de alívio, ante a urgência na sua voz. Halvard corria no meu encalço... Talvez o jogo ainda não estivesse perdido! Deteve-se à minha frente, impedindo-me de subir as escadas. E pousou-me as mãos sobre os ombros, fixando-me numa súplica:

— Ao menos escuta-me...

— Tu pactuaste com essa atrocidade? — rosnei, aproveitando a inesperada vantagem para me impor. Talvez Halvard estivesse tão ansioso por me agradar que cedesse!

— O Rei da Lua é prisioneiro de mestre Sigarr — retorquiu, como se engasgado no próprio ar. — Não há nada que eu possa fazer!

— Deixa-te de manhas! — alterquei, inflexível. — Tu és o Filho do Dragão! Sigarr pode ser teu mestre... Mas, no momento da decisão, é a tua vontade que prevalece. Estou enganada?

Ele preparava-se para contestar. Porém, tomou consciência de que, ao fazê-lo, estaria a minimizar a sua autoridade. Esboçou um gesto de impaciência antes de tornar a encarar-me, arrazoando como se num desabafo:

— O que é que queres que te diga? Que a condição do Rei da Lua me aflige? Não, não me aflige! Nem sequer me incomoda! Ele

preteriu-me, humilhou-me... Espezinhou o meu orgulho e o meu coração. Desejas a verdade? Jamais irei perdoá-lo! Essa é a verdade!

Fiquei petrificada ante a crueza da sua sinceridade. Mais uma vez, divisava para além do homem sôfrego por vingança e deparava com um filho incompreendido, agravado, profundamente ferido. Soprou o ar e obrigou-se a recuperar a compostura, anunciando com desapego:

— Mestre Sigarr tenciona trocar o Rei da Lua pelos cristais do Dragão do Conhecimento. Esse acordo pode poupar muitas vidas... Não é o que tu mais almejas, Kelda? Evitar que se derrame sangue em vão?

— Nem ouses tentar convencer-me de que isso é correto — mastiguei, agastada.

— Estiveste com o Rei da Lua? — rebateu subitamente, apanhando-me desprevenida.

«O teu irmão não pode sonhar que estivemos juntos!»

Eu continuava sem lorigar qualquer coerência no rogo do meu pai. De qualquer modo, era demasiado tarde para mentir sobre a minha visita aos calabouços.

— Sim — confessei, encrespada. — Têm-no subjogado com correntes de magia negra...

— Para que não tente fugir, nem apele à Arte para divulgar a nossa posição — completou, como se tal justificasse a barbaridade. Depois, perante o rubor que me incendiava as faces, sacudiu os ombros e reafirmou:

— Já disse que estou disposto a tudo para que te sintas bem ao meu lado... E, se a tua felicidade depende da libertação do Rei da Lua, prometo que falarei com mestre Sigarr para aferir dessa possibilidade. A seu tempo, havemos de pensar noutra maneira de convencer os nossos inimigos a entregar-nos as Lágrimas.

O meu coração bateu mais forte. Após tantos desacertos, tê-lo-ia persuadido a desviar-se do rumo que o seu mestre lhe traçara?

— Prometes mesmo? — insisti, incrédula.

— Dou-te a minha palavra! — asseverou, tão enfático que acreditei na solidez da sua intenção.

— E se Sigarr não ceder? — instei, ansiosa.

— Mestre Sigarr sabe o quão importante és para mim — volveu muito sério. — Não se recusará a atender o meu pedido. Fez uma pausa e exibiu a mão, onde a ferida na palma ainda sangrava. Depois suplicou: — Por favor, Kelda... Confia em mim!

Engoli em seco, encurralada. Se virasse as costas a Halvard, a situação do Rei da Lua decerto pioraria e eu ficaria numa posição extremamente periclitante. Por outro lado, se Sigarr contrariasse o pupilo, a confiança que o meu irmão depositava no mestre começaria a desmoronar-se.

O meu gémeo tornara a desembainhar o punhal de Lobo Cinzento e aguardava... Aguardava... Ceder-lhe a minha confiança era como saltar às cegas para um abismo, sem nenhuma garantia de encontrar um nicho onde me agarrar. Não era uma boa opção... Mas era a opção possível! Se o fizesse de bom grado, talvez os ventos da sorte soprassem a meu favor.

Enchi o peito de ar e estendi-lhe a mão. Halvard sorriu... E não perdeu tempo!

CAPÍTULO 8

«Nesta guerra, a precipitação será a tua maior inimiga.»

As palavras de Pequena martelavam-me a consciência, enquanto deslizava para dentro da tina de água morna. Por mais que tentasse convencer-me do contrário, uma voz grazinava no fundo da minha mente que o pacto de sangue firmado com o meu irmão fora o maior erro que já cometera na vida.

Recostei-me na almofada que a escrava colocava sob a minha cabeça e permiti-me fechar os olhos, tentando esquecer o transtorno que o ferimento na palma da mão me estava a causar. Já sofrera muitos cortes de lâminas nas batalhas que travara; porém, nem os mais profundos me tinham incomodado tanto como este mísero arranhão!

Sustive o fôlego, ao recordar o instante em que Halvard me lacerara a carne. Do golpe rápido resultara uma sensação fria. Os nossos olhos não se tinham apartado... E a sua expressão tornara-se ávida, quase feroz, ao fechar a mão sobre a minha. Seria de esperar que a fusão dos nossos sangues gerasse algum calor. Porém, a impressão algida aumentara até adormentar-me o braço, como se uma entidade perversa se divertisse a enterrar agulhas de gelo na ferida. A minha vontade fora empurrá-lo para longe... Contudo, se desistisse de chamá-lo à razão, quem o impediria de concretizar a maldição, sem pôr fim à sua vida? Eu era a última esperança que restava ao meu gémeo! Por isso, suportara o tormento e correspondera aos votos de devoção e lealdade, que nos prendiam definitivamente... Pelo meu pai! Pelo meu povo! Pela liberdade da Terra!

Selado o ajuste, o meu irmão estreitara-me com força e declarara arreouado:

— Sonhei tanto com este momento, Kelda... Já nada nos pode separar!

O seu ardor parecia-me excessivo. Todavia, reclamar de quê? Já não tinha como voltar atrás... Felizmente, Halvard não me obrigara a partilhar do seu «êxtase». Aliás, nem sequer protestara quando lhe anunciei que me sentia cansada e necessitava de repousar um pouco.

Regressar ao quarto fora um refolego... E mais aliviada ficara quando o meu gêmeo mandara avisar que alguns assuntos urgentes requeriam a sua atenção; um contratempo que o impedia de desfrutar da minha companhia ao jantar. Eu só esperava que um desses assuntos fosse o cumprimento da promessa que me fizera! Com um pouco de sorte, a manhã testemunharia o embarque do Rei da Lua para o Norte, livre do jugo de Sigarr.

Levei a mão à testa e surpreendi-me febril. Estaria a ficar doente? Tinha a sensação de que escorregara por um lamaçal e acabara atolada até ao nariz na podridão das intrigas que se urdiam em favor da profecia do Filho do Dragão. Repetia sem cessar que apenas cedera uma batalha, para, mais tarde, vencer a guerra... No entanto, a angústia esmagava-me o peito. Tinha o pressentimento de que falhara uma decisão crucial e perdera irremediavelmente o controlo da minha vida! Um dia junto de Halvard e tornara-se difícil destringer o preto do branco, o bem do mal, a verdade da mentira... Agora estava cativa de um juramento que nos unia para além da morte! E, por mais que desejasse reagir, sentia-me afundar numa densa escuridão...

— *Não te entregues, querida* — sussurrou uma voz doce ao meu ouvido, cortando as amarras do desespero que me estrangulava. — *Nós vamos cuidar de ti...*

— Avó? — clamei, quase saltando para fora da tina. Atordoada, deparei com a tranquilidade ostentosa do quarto e o rosto apavorado da escrava que me servia. Libertei o ar, mal contendo as lágrimas de frustração. Estava tão exausta que devia ter adormecido e sonhado com o conforto da presença de Pequena.

A rapariga continuava a fitar-me, tremendo como se receasse uma repreensão. Há pouco, quando eu pedira que me preparassem

um banho, um séquito de escravas seguira a tina. Eu só ansiava por me refazer das tribulações impostas pelo dia e depressa as dispensara, exceto esta: a jovem que despertara a atenção de Halvard, na refeição da manhã. Porque lhe solicitara que ficasse? Não sabia... Mas o seu olhar inspirava-me confiança! Talvez, no fim, apenas desejasse a companhia de alguém seguramente inofensivo e alheio à confusão da minha existência.

— Desculpa se te assustei — apelei na sua língua, num tom leve e afável. — Não fizeste nada de errado... Como é mesmo o teu nome?

Ela piscou os olhos negros, como se a minha gentileza a desconcertasse. Pareceu procurar a voz, antes de responder num sussurro sumido:

— Atiya, senhora.

— Atiya — repeti com um sorriso. — Um belo nome para uma menina bonita!

Esperei que retribuísse o sorriso. Porém, limitou-se a baixar o rosto com a respiração presa. Porque estaria ela tão nervosa? Eu mal contive um suspiro de satisfação quando começou a massajar-me o pescoço e os ombros, com dedos hábeis e carinhosos. Quase conseguia fazer-me esquecer o ardor na mão! Voltei a questioná-la com brandura, para não intimidá-la:

— Já vives neste palácio há muito tempo, Atiya?

— Há algum — volveu, num murmúrio hesitante. — Mas só agora comecei a servir.

Tal comprovava a sua tenra idade... E explicava o olhar embasbacado de Halvard, como se estivesse a vê-la pela primeira vez. Já terminara de friccionar-me o braço direito e segurava-me na mão. De repente, deparou-se com o golpe feito pelo punhal de Lobo Cinzento e exclamou horrorizada:

— A senhora está magoada!

Tentei tranquilizá-la, garantindo-lhe que a incisão resultara de um pacto e não de uma agressão. Atiya não se encontrava entre as escravas que haviam assistido à minha conversa com Halvard e parecia ter grande dificuldade em entender as justificações que eu

lhe apresentava. Insistia em chamar uma curandeira para suturar-me e não se cansava de repetir:

— Se o ferimento não for bem tratado, a senhora ficará com uma cicatriz muito feia!

— Não é necessário, Atiya — assegurei, desejando que ela parasse de sacudir-me, pois o golpe doía cada vez mais. — Eu saro bem! Além disso, esta marca tem um propósito... O sangue derramado é um testemunho de amor.

Essas palavras não a acalmaram. Pelo contrário, a sua inquietação efervescia. Os olhos negros e sinceros enchiam-se de lágrimas e os lábios tremiam-lhe, como se desejasse dizer algo e não fosse capaz. Por vergonha? Ou por temor?

Rememorei o desabafo das escravas sobre o horror que o senhor do palácio lhes inspirava... Agora que sabia ser Halvard quem governava esta terra, a confusão fustigava-me. Devia haver algum equívoco! Ou, então, aterrorizava-as o facto de o meu gémeo se ter apossado do território e dos seus destinos... Afinal, um homem tão poderoso, com habilidades místicas, intimidava qualquer mente simples! No entanto, Halvard afiançara-me que planeava recompensar aqueles que o serviam... E, depois da cobiça que eu surpreendera no seu olhar ao fixar Atiya, era possível que a bela jovem não continuasse a ser escrava por muito tempo! Talvez fosse precisamente isso que faltava ao meu gémeo: uma paixão para abrasá-lo e afastá-lo da obsessão pela concretização da profecia.

— Escuta... — tornei a apelar. — Não te preocupes! Eu estou bem...

— Não, não está! — contestou Atiya, como se o seu fôlego se tivesse libertado de rompante; a voz quase infantil ecoando pelo quarto, estridente de pânico: — A senhora é boa. Tem alma e coração... Fugi! Fugi enquanto podeis! Ou o monstro há de matar-vos...

E desatou a correr porta fora, deixando-me paralisada de assombro.

Algo estava errado... Com mil ratazanas pestilentas, algo estava muito, muito errado!

Mal consegui sair da tina de água e atirar-me para cima da cama. Tinha o sangue a ferver, a testa cobria-se de gotas de suor e o corpo desfalecia... O desconforto na palma da mão era insuportável, como se milhares de larvas se alimentassem da minha carne. No entanto, o corte parecia sarar impecavelmente!

— Pensa, Kelda — murmurei apoquentada. — Qual será a causa disto?

Num instante, o calor quase me consumia... No seguinte, tremia de frio como se estivesse nua à mercê de uma nevasca. Enrolei-me na colcha com os dentes a tiritarem. Devia ter permitido que Atiya chamasse uma curandeira, pois a minha magia revelava-se totalmente ineficaz para combater esta estranha maleita. Tentei gritar por ajuda, mas a garganta só emitiu um gemido rouco... E, de repente, a realidade pintava-se de negro, a cama sumia-se e eu tombava num abismo sem fundo.

— *Avó!* — clamei. No meio da aflição, apercebi-me de que era a voz da minha essência que estrondeava. Estaria a morrer? Continuava a cair desamparada...

— *Avó...* — pranteei. — *Ajuda-me!*

— *Estamos aqui...*

De súbito, duas mãos fenomenais capturaram-me os pulsos e resgataram-me. Dei por mim nos braços de Lobo Cinzento, a chorar compulsivamente contra o seu peito. Pequena debruçava-se sobre nós e a luz branca que espargia sustentava-nos, como se flutuássemos numa nuvem, a salvo das trevas que só por pouco não me tinham engolido.

— *O que é que me está a acontecer?* — arquejei.

— *Não há tempo para explicações!* — replicou a minha avó.

— *Esperemos que não seja tarde!* — acrescentou o meu avô.

Terrificada, vi a feiticeira Catelyn tomar a minha mão direita entre as suas e, sem quaisquer cortesias, usar as unhas como lâminas para fender a cicatriz que Halvard me impusera. A dor foi atroz, mas

eu estava tão atarantada que nem me queixei. Aguardei que o sangue jorrasse... Porém, o que saiu da ferida aberta foi um vurmo preto como a sombra da morte.

— *Mas... O que é isto?* — gaguejei.

Sem hesitar, a minha avó baixou os lábios sobre o golpe e sugou o pus com toda a veemência, como se cuidasse da mordida de uma serpente... E, assim que começou a libertar-me da peçonha, fez-se luz na minha consciência: não fora a incisão da lâmina do punhal que me causara tamanhos tormentos... Fora o sangue de Halvard!

Sempre que a avó Catelyn chupava o veneno, eu era percorrida por uma convulsão. Se não fosse o apoio do avô Throst, provavelmente não teria aguentado. Vi-a cuspir vezes sem conta e só orava pelo fim do meu suplício. Quando Pequena se deu por satisfeita, suspirei de alívio e acolhi a sua energia curativa com sofreguidão. Todavia, o pesadelo estava longe de terminar! O meu coração falhou ao ouvi-la declarar, ostentando uma expressão grave e pesarosa:

— *É tudo o que eu posso fazer por ti, querida... O sortilégio que Halvard te impôs serviu-se do sangue para desbravar caminho até à tua mente. Ainda fui a tempo de evitar a subversão da tua vontade, mas as marcas deixadas pela magia negra são irreversíveis. Necessitarás de muita determinação para impedir que as sementes do mal plantadas na tua essência germinem.*

«*Depois deste pacto, o nosso amor há de superar todas as adversidades...*», enunciara Halvard. Grandessíssimo facínora! Distraíra-me com falinhas mansas, enquanto conspirava para me avassalar! Sigarr devia tê-lo advertido para a solidez da minha mente. Por isso, nem se dera ao trabalho de tentar devassá-la. Ao invés, insistira no molesto pacto, para me enxertar no corpo, através do sangue, um malefício que prontamente atacara a energia que me animava, desbravando caminho para o controlo da minha razão. No fim, a cicatriz estava a sarar na perfeição porque não era a carne que se corrompia... Era a essência! Eu resistira ao ataque do Mestre Supremo da Ilha Sagrada, mas, sem a ajuda dos meus avós, teria

sido incapaz de contrariar a acometida do meu gêmeo... a perfídia do Filho do Dragão!

— *Porquê?* — soluzei contristada. — *Nós firmámos um acordo! Que necessidade tinha Halvard de profanar a minha essência?*

— *O teu irmão não admite que ninguém o desvie do seu objetivo, querida. Ele não deseja os teus conselhos e, muito menos, os teus apelos à sua consciência! Quer que o veneres como se fosse um deus e lhe obedecas sem um fôlego de contestação.*

As palavras da minha avó deixaram-me agoniada, pois não tinha como refutá-las. Engoli em seco e entaramelei:

— *Terei de ser ainda mais persistente e ficar atenta aos seus ardis, se pretendo salvá-lo...*

— *Tu tens é de abrir os olhos!* — ribombou o avô Throst, num tom que me obrigou a encará-lo. Apesar do carinho com que me abraçava, os olhos azuis relampejavam de fúria.

— *Não te zangues, meu amor...* — suplicou-lhe Pequena. Porém, Lobo Cinzento retrucou:

— *No que se refere ao irmão, a ingenuidade de Kelda é intolerável! Se continuar a condescender, acabará morta ou escrava da maldição.* — Arrostou-me e firmou: — *Se insistires em defender Halvard, ele irá destruir-te... Irá destruir tudo e todos!*

Soltei-me dos seus braços e exprobrei, indignada:

— *Pensei que me compreendias! Que apoiavas a minha luta para libertar Halvard do domínio do feiticeiro...*

— *Há muito que Halvard se livrou da influência de Sigarr, Kelda!* — rebateu o meu avô com o mesmo ardor. — *O teu irmão é senhor da sua consciência e delicia-se com cada vida que destrói.*

— *É verdade, querida* — apoiou a minha avó. — *Se te permitires enredar novamente na sua teia, acabarás prostrada por um sofrimento atroz, para além de tudo o que possas imaginar... Para além do que és capaz de suportar!*

Apertei a cabeça entre as mãos, certa de que ia explodir. Já não percebia nada! Mesmo nada! As lágrimas escorriam-me pelo rosto, ao contraditar, inconformada:

— *Halvard pode ter tentado impor-me a sua vontade... Mas seria incapaz de me fazer mal!*

A feiticeira Catelyn respirou fundo e respondeu:

— *Se tens de ver para crer, que a tua essência testemunhe aquilo que os olhos não podem enxergar...*

Dito isso, estendeu a mão delicada e tocou-me na testa. De imediato, a luminosidade que me alentava desvaneceu-se. Dei por mim no quarto do palácio dourado, mas longe do corpo que me pertencia. Sobressaltada, inferi que era a minha essência que se quedava junto à janela, a observar a quietude pesada, até sinistra, do aposento. Na cama jazia Kelda da Montanha Sagrada, enrolada à colcha, alvoroçada como se prisioneira de um pesadelo. As lágrimas quentes que escorriam pelas minhas faces tombavam igualmente pelas suas... Não era à toa que se dizia que, durante uma Visão, todos os danos infligidos à essência se repercutiam na carne.

Eu não entendera qual o propósito da minha avó. E estava ansiosa por despertar e esclarecer tudo com Halvard! Dei um passo em direção à cama... Nesse instante, a porta abriu-se e uma sombra gigantesca preencheu a bruma. A malignidade que espargia era tão intensa que pôs o ar a estremejar. Acreditei tratar-se de Sigarr... Todavia, quando o mestre da Arte Obscura se abeirou da cama e a tênue luz noturna que entrava pela portada o alcançou, o choque da revelação fez-me cambalear. Era o meu irmão quem me procurava!

Halvard deteve-se a observar-me. A sua expressão era de puro deleite, como um artista que contempla a obra terminada, orgulhoso do seu empenho e expectante quanto ao futuro. Decidi confrontá-lo. O que raio é que ele achava que estava a fazer? Então estaquei, furiosa comigo. Não aprendera nada com o que acabara de sofrer? Jamais permitiria que a precipitação tornasse a prostrar-me, frágil e desprotegida, em lençóis de desespero!

Com um nó na garganta, vi o meu gémeo inclinar-se sobre mim e acariciar-me a fronte. De seguida, deslizou os dedos pelas minhas faces, secando as lágrimas, antes de arfar extasiado:

— Vejo que lutaste bastante... Contudo, a tua resistência estava condenada ao fracasso, meu amor! Todos estes anos de espera valeram a pena... És finalmente minha!

Num ímpeto de pura loucura, tomou o meu rosto entre as mãos e beijou-me a testa, os olhos, os lábios... Depois afastou-se com brusquidão, respirando aos borbotões. Cravou os dedos na própria túnica, como se tivesse vontade de rasgá-la, soltando roncões animais enquanto cambaleava pelo quarto. E, aparentemente, esse desvario ajudou-o a recuperar o controlo. Susteve-se firme, ajeitou as vestes e recuou em direção à porta, murmurando roucamente:

— Dorme bem, doce Kelda! Mal acordes, verás o mundo com outros olhos. Sentirás o prazer de partilhar da minha vida, do meu poder, da minha glória... E, quando a nossa união for plena, a fusão das nossas magias concretizará proezas inimagináveis. Teremos o mundo inteiro ajoelhado aos nossos pés!

* * *

— Não! — gritei a plenos pulmões, barafustando para afastar Halvard, enquanto me sentava na cama. Enojada, levei as mãos ao rosto e esfreguei-o com veemência, como se limpasse o fel dos seus beijos.

— Não! Não! Não...

De repente detive-me, lutando para respirar. O quarto estava mergulhado num silêncio pacífico. Nem sinal do meu gémeo... Teria sido um pesadelo?

Precisava desesperadamente de luz! Com um único pensamento, acendi todas as velas do aposento, enquanto me concentrava no golpe que me marcava a palma da mão direita. Estava quase sarado! Apesar de a cicatriz ser nítida, para que o pacto de sangue jamais fosse esquecido, dentro de um ou dois dias resultaria numa linha fina e perfeita, dada a excelência da lâmina do punhal e a mestria do corte de Halvard. Não me doía... Será que a imaginação me pregara uma partida de mau gosto?

Levantei-me devagar. Sentia-me bem... No entanto, a minha mente estava confusa, como se os últimos acontecimentos fizessem parte de uma realidade distante e distinta. Recordava-me dos votos que partilhara com o meu gémeo... Depois, tudo se anuviava! Subira ao quarto... Tomara banho... A jovem escrava chamava-se Atiya! Sim, disso eu tinha a certeza! O que fora mesmo que ela dissera?

«Fugi ou o monstro há de matar-vos!»

Os meus avós... Eu estivera com os meus avós! Lobo Cinzento acalentara-me, enquanto Pequena curava a minha essência... Ou não? Com mil ratazanas atrofiadas, só havia uma forma de descobrir se as terríficas lembranças que me assombravam eram reais. E não podia esperar pela manhã! Ia imediatamente ao encontro de Halvard.

Vesti-me e calcei-me num piscar de olhos. A caminho da porta, lancei um olhar ao espelho para me certificar de que estava composta... Porém, o reflexo que recebi obrigou-me a parar. As minhas faces estavam sujas de sangue! Como é que tal era possível?

Corri para o espelho, com o fôlego estrangulado. O sangue estava seco... Eu não tinha nenhuma ferida no rosto. O nariz não purgara. O corte na mão continuava fechado... O sangue não era meu!

— Halvard... — titubeei horripilada.

A minha essência testemunhara a sua visita furtiva. Ele apertara-me as faces... O sangue estava nas suas mãos! Porém, também não era seu...

«O teu irmão não pode sonhar que estivemos juntos!», suplicara o Rei da Lua.

«Não vais contar nada, a não ser que queiras que o teu pai sofra!», admoestara Sigarr.

«Kelda incauta! Halvard castigar!», declarara Erebus.

«O teu irmão irá destruir-te! Irá destruir tudo e todos!», augurara Lobo Cinzento.

E, pelos vistos, os meus avós tinham boas razões para se zangarem, perante a minha recusa em encarar a verdade! Ainda assim, eu continuava a resistir:

— Não... Halvard não seria tão perverso...

O desespero fez-me acometer para a porta, com os olhos postos nas mãos para confirmar que a magia que me tornava invisível se manifestava. O confronto com o meu gémeo teria de esperar! Para já, urgia ver o meu pai e assegurar-me de que nenhum mal lhe ocorrera. Eu só podia estar enganada; embrulhada numa trama de desconfianças e mal-entendidos...

Talvez por estar tão concentrada nas vibrações da energia, apercebi-me do latejar da Arte Obscura no instante em que os meus dedos iam tocar na madeira. Saltei para trás com uma interjeição de espanto... Depois, o pânico assolou-me. A porta fora enfeitiçada! Alguém tecera uma teia de magia do lado de fora. E, no momento em que um dos seus fios se rompesse, trompas de alarme ecoariam na cabeça do autor da insídia. Sigarr...? Como eu desejava que tivesse sido o feiticeiro quem lançara o sortilégio, para garantir que os incidentes da noite anterior não se repetiriam! Todavia, já não podia fechar os olhos à verdade. Halvard fora a última pessoa a sair do quarto! E esta barbaridade fortalecia ainda mais a suspeita que me dilacerava o coração.

Recuei, afogueada... Aquele feitiço era de uma sensibilidade extrema. Tentar desmanchá-lo seria o mesmo que quebrá-lo. Logo, sair pela porta estava fora de questão. Halvard deitar-me-ia a mão, antes de eu chegar ao fim do corredor... E nem me atrevia a imaginar como acabaria a nossa discussão! Não. Antes de confrontá-lo, tinha de atender ao meu pai. O tempo esvaía-se... Mas como livrar-me do cativo?

Os meus olhos viraram-se para a janela... Sim, brilhante ideia! Porque não pular para o meio dos espinheiros e acabar desfeita em pedaços? A não ser que lhes saltasse por cima... Seria fácil, se não possuíssem a capacidade de projetar os ramos para capturar as presas. Olhei em volta... E se lançasse a cama pela varanda? Enquanto os arbustos se distraíam a fazer serradura, eu escaparia impune. Contudo, o alarido atrairia os guardas. E os guardas

alertariam Halvard... Raios, só podia contar com a minha destreza! Se falhasse... Não ia falhar!

Afastei os reposteiros para que não me atrapalhassem, carreguei a mesa para a varanda e desfiz a cama. Com um desvelo silencioso, arrastei o colchão e pousei-o em cima da mesa, de modo a formar uma rampa sobre o parapeito. O jardim continuava adormecido... Porém, essa calma era traiçoeira! No instante em que um fio do meu cabelo atravessasse a fronteira definida pela magia dos espinheiros, os seus braços acutilantes estariam por toda a parte.

Por fim, encostei-me à parede com a ladeira improvisada à minha frente. Enchi o peito... E corri com toda a garra, através do quarto e por cima do colchão. Não pensar! Não pensar! Os pés deixaram o parapeito e o corpo mergulhou na escuridão da noite. De imediato, os ramos assassinos distenderam-se ao meu encontro, rasgando o ar como tentáculos carregados de espigões, que se contorciam esfomeados por carne e sangue. Apelei à ajuda do vento e enrolei-me, preparando a queda com uma prece entalada na garganta. Não pensar! Não pensar! Ia conseguir... A chicotada na anca cortou-me o impulso e desviou-me do objetivo. De súbito, o chão estava à minha frente. E era impossível aterrar de pé!

Esmaguei-me no solo e rebolei à toa, até chocar contra um canteiro de pedra. Engoli um grito e quedei-me sem respirar, tensa como uma tábua... Aos poucos, parei de ouvir o arranhar dos braços espinhosos. Revirei os olhos e constatei que tinham recuado. Só um ramo mais longo e fino persistia, esgaravatando o solo na obsessão de me alcançar. Inspirei fundo, ciente da loucura do meu cometimento. E obriguei-me a suster, embora as pernas bamboleassem.

A queda fora brutal! Só a minha herança mística me impedira de partir o pescoço. O ramo que me atingira rasgara as calças e lacerara a carne. O golpe era profundo e o sangue escorria-me pela perna. Todavia, estava tão exaltada que nem sentia dor! Apelei à Arte para cauterizar a ferida, pois não seria sensato deixar um rasto de sangue para trás. Rangi os dentes e pensei em Lysander,

enquanto o calor dos dedos cumpria a penosa missão. O que diria o meu mestre se me estivesse a ver? Que eu não parava de acumular asneiras sobre asneiras...

Quando terminei, o tentáculo delgado continuava a contorcer-se à minha frente, como se incapaz de desistir. Passei as costas da mão sobre a boca, para limpar a terra que se colara aos lábios. Depois, cuspi-lhe para cima e rosnei:

— Toma, aberração! Isto é tudo o que terás de mim!

Apelei à invisibilidade e fundi-me com a bruma.

Não tive dificuldade em iludir os guardas que palmilhavam os corredores do palácio. Deparei com o salão dos guerreiros vazio e imerso em silêncio. A porta do dormitório estava fechada e, tal como na noite passada, dois homens vigiavam a entrada para os calabouços. Desta vez, limitei-me a soprar o ar para usurpar-lhes os sentidos.

Atravessei o labirinto fervilhante de dor, loucura e morte, angustiada até ao âmago. E mal contive um grito quando verifiquei que a pedra que bloqueava a entrada da cela secreta fora deslocada. Irrompi pelo buraco e vi o meu pai tombado debaixo de outro homem. Caí sobre o atacante, agarrei-o pelas vestes, arremessei-o contra a parede... E as minhas entranhas incendiaram-se de ódio ao confrontar-me com Sigarr.

— Por todas as pragas do submundo... — praguejou assarapantado. — Kelda?

Lembrei-me que ele não me enxergava e fiz questão de me revelar, flamejando magia com uma intensidade assoladora. Decidida a não perder a vantagem que a surpresa me concedia, trespassei-lhe o olhar e fustiguei-lhe a essência com uma energia tão pura e radiosa como a do Sol. O feiticeiro soltou um berro de agonia e estrebuchou, mas eu imobilizava-o com firmeza. Mergulhei nas trevas da sua aura, rasguei caminho com fogo... E a sua mente ficou exposta. O que é que este maldito fizera ao meu pai?

Assimilei as suas recordações... E, por instantes, vi-me na pele de Sigarr, correndo através do labirinto com o coração acelerado. A cela de Edwin estava aberta e, no seu interior, uma sombra movia-se tão rápido que os olhos mal conseguiam divisá-la. O prisioneiro sucumbia sob a força desse ser colossal. Socos. Pontapés. Golpes de punhal... O sangue esguichava para as paredes, escorria pelo chão... O sangue do meu pai!

— *Para, desassisado!* — bradava o feiticeiro, escudando a vítima.
— *Precisamos dele vivo!*

— *Não!* — rugia o agressor, com voz alterada pela execração da essência. — *Eu vou recuperar as Lágrimas sozinho! E destruirei tudo o que surgir no meu caminho.*

— *Pensa bem! O que dirá a tua irmã quando souber...?*

— *A vontade de Kelda pertence-me! Há de gargalhar e cuspir na carcaça deste infame!*

— *O que foi que tu fizeste à tua irmã, Halvard?*

O alarme de Sigarr aliava-se ao meu choque. As nossas memórias confundiam-se... E, na cruel realidade que eu enfrentava, o mestre da Arte Obscura batalhava para se libertar da minha influência. Todavia, ainda escutei a derradeira afirmação do meu gémeo:

— *Se te apraz, dispõe da tua energia para sará-lo... Mas eu voltarei para ver este verme a arrastar-se aos meus pés!*

— Chega! — fremiu Sigarr; a voz de trovão ribombou dentro e fora da minha cabeça. Tentei impor-me, mas descobri que não era fácil adversar uma resolução de centenas de anos. A sua essência repeliu-me e as nossas mentes apartaram-se. Gritei de raiva e de dor, lutando para mantê-lo subjugado. Porém, a sua ordem quebrou a minha determinação:

— *Quieto, Erebus! Concentra-te no que estás a fazer...*

O «Criador das Trevas» encontrava-se na cela!? O espanto foi a minha ruína. Em menos de nada, fiquei esmagada entre a rocha e a robustez de Sigarr, estrangulada pelo vigor dos seus dedos. Contudo, estava tão aturdida que nem protestei. Na cegueira do ódio, nem tomara consciência de que não era apenas o feiticeiro que se

debruçava sobre o corpo agonizante do meu pai. Erebus quedava-se ao seu lado e impregnava-o com energia curativa... O que significava que Sigarr também devia estar a acudir-lhe, antes de eu intervir!

— Como te atreves a atacar-me, fedelha desvairada? — bramiu, sufocando-me com a sua ira.

— Favor, mestre... Não magoar prima!

A súplica de Erebus fez-me soltar um gemido. Cravei os dedos nas garras do feiticeiro, aflita para respirar. Em resposta, ele apertou-me ainda mais a garganta, mastigando assanhado:

— Devia dar-te uma lição... — Varou-me com o olhar gélido e, já com o conhecimento da disputa que ele tivera com Halvard, inferi que tentava perceber se eu estava, ou não, possuída pela vontade do meu gémeo. Aliviou um pouco a pressão do aperto, antes de rosar junto do meu nariz: — Queres que o teu pai morra?

Neguei com a cabeça e Sigarr soltou-me com um repelão. De imediato, fixou a atenção no Rei da Lua. Ajoelhei-me ao seu lado, enfim convencida de que, neste momento, ele não representava uma ameaça. Pelo contrário! Abismada, vi que não hesitava em fundir a sua magia com a de Erebus, para socorrer o enfermo... E como o meu pai precisava de ajuda!

Terrificada, constatei a extrema gravidade dos ferimentos do Rei da Lua. O seu rosto estava irreconhecível, como se a roda de uma carroça lhe tivesse passado por cima. Tinha o nariz partido e os olhos tão inchados que era incapaz de abri-los. Os lábios rasgados não cessavam de verter sangue... E o corpo fora sovado e dilacerado, ao ponto de ficar quase desfeito. As suas vestes estavam em farrapos; o peito e o ventre transformados numa massa disforme. Era impossível contar quantos golpes sofrera, incapaz de um gesto de defesa. E cortes de punhal... O punhal de Lobo Cinzento... O punhal que eu entregara a Halvard!

— A culpa é minha — solucei, flagelada pela lembrança dos inúmeros avisos que recebera. — A culpa é toda minha!

A exiguidade da cela obrigava a que nos comprimíssemos uns contra os outros. Senti Sigarr estremecer e não pude deixar de fitá-

lo. Prendi o fôlego, estupefacta, ao ver o olhar azul preso em mim... desprovido de frieza ou maldade! Havia até um calor... uma luz a cintilar nas profundezas celestes, como se o feiticeiro tivesse despido a carapaça de mestre da Arte Obscura e se revelasse como eu jamais imaginara vê-lo!

«*Sigarr já foi um homem generoso...*», assegurara-me Íris. E era esse homem que engolia em seco e me estendia a mão, solicitando a minha contribuição para a corrente de magia que tentava salvar o meu pai de uma morte certa. Em simultâneo, Erebus enunciava:

— Ajuda prima preciosa. Rei Lua recusar energia. Não desejar viver!

O meu pai preferia morrer, a permitir que o inimigo obtivesse vantagem à sua custa. Tal não me surpreendia. Para mais, quando o seu próprio filho acabara de torturá-lo, sem pejo nem compaixão! Com mil ratazanas desentranhadas, eu não podia pensar nisso agora... Sem mais delongas, entreguei a mão ao feiticeiro e baixei as defesas, deixando a magia fluir livremente através do elo que se gerava.

O meu primo tinha razão. O Rei da Lua apelava ao derradeiro alento subsistente na sua essência para combater a energia curativa. Todavia, assim que sentiu a minha presença, o seu corpo convulsionou sob as nossas mãos, todas as barreiras ruíram e a excelsa magia de Erebus pôde cumprir a sua função.

A batalha que travámos foi longa, impiedosa e extenuante. A morte já cravara as garras no espírito do meu pai e não estava disposta a renunciar à presa. Foi Sigarr quem a enfrentou... Exício contra exício. Gelo contra gelo. E a rainha do submundo acabou por recuar, com um silvo furibundo! Quão pérfidas eram as Entidades que regiam os nossos destinos para determinarem que o Rei da Lua seria salvo pelo seu maior inimigo?

A agonia do meu pai foi-se atenuando, enquanto as suas entranhas, os seus músculos e os seus ossos se restabeleciam. Após um longo vômito de sangue, via-o a respirar sem dificuldade e as

lágrimas de alívio escorriam-me pelas faces. Os lábios de Erebus estavam rasgados num sorriso e eu só conseguia murmurar:

— Obrigada, primo... Obrigada...

Sigarr desfalecera. A minha mão doía, aprisionada dentro da sua, mas ainda não reunira forças para me libertar. Há pouco, fora a minha luz que o guiara de volta à realidade, após o seu duelo contra as trevas. À revelia da vontade, as minhas tatuagens tinham-se incendiado e a herança do Guardiã da Montanha como que se estendera ao encontro do feiticeiro, num jorro de flamas que acabara por envolver-lhe os pulsos. Na sua carne, as marcas do dragão que perseguia a Lua despertaram para a vida, fulgurando com um ânimo ardente. E, por instantes, ficámos suspensos no tempo, unidos por essa magia exclusiva e ancestral que fazia o nosso sangue borbulhar como lava.

Teria sido tão fácil quebrar essa estranha e incómoda ligação e deixá-lo para trás! De uma assentada, salvaria o meu pai e condenaria o algoz da nossa família a vaguear através da podridão do submundo, por toda a eternidade! E livre da influência do feiticeiro, talvez o meu irmão recuperasse o discernimento... Não! Eu não voltaria a cair no mesmo erro! Lobo Cinzento fora claro quando enunciara que Halvard pensava pela sua cabeça... Tanto que desprezara as ordens do mestre e atacara o pai! Por mais que me custasse admiti-lo, eu precisava de Sigarr. Só ele podia elucidar-me sobre a gravidade da loucura do meu gémeo.

Prendi o fôlego quando os olhos azuis se abriram, cristalinos, húmidos... quase vulneráveis! Em consciência, sabia que também tinha de lhe agradecer. Porém, o rancor não mo permitia. Afinal, Sigarr era o principal responsável por esta atrocidade.

Ao deparar com a minha expressão acusadora, o feiticeiro desviou o rosto e soltou-me a mão. Não tive tempo para remoer, pois o meu pai mexeu-se e apelou, num sussurro dolente:

— Kelda... Filha...

Afaguei-lhe as faces e respondi, ansiosa:

— Sim, papá! Estou aqui...

— Minha querida... — gemeu com dificuldade. — Tens de ir... antes que ele volte...

— Não! — objetei, resoluta. — Não tornarei a deixar-te!

O Rei da Lua tossiu sangue. Aflita, supliquei que se acalmasse e concentrasse em recuperar as forças. Então, ele ripostou:

— Escuta bem, filha... Só voltei por tua causa! Para te pedir que te salves... Por favor, foge! Suplico-te! Pelo nosso povo...

E desmaiou. Por momentos, fiquei tão desesperada que comecei a gritar e a sacudi-lo, temendo que estivesse morto. Sigarr puxou-me para trás e resmungou:

— Controla-te, criatura néscia! Queres agravar a sua condição? — E afrontou-me com o rosto desfigurado pela ira, como se o homem sensível que eu vira despertar mais não fosse do que um delírio da minha mente. — Começo a pensar que foi um erro trazer-te para aqui... Ao invés de aquietares o teu irmão, só estás a acirrar-lhe ainda mais os ímpetos! — Capturou-me a mão direita e exibiu a cicatriz do pacto de sangue diante do meu nariz, enquanto fremia: — Sabes o que isto significa? Halvard acredita que, a partir de hoje, irás obedecer-lhe cegamente! Sequer imaginas o que fará quando descobrir que falhou na tua conversão?

Estrebuchei para me libertar, retrucando no mesmo tom incendiado:

— É isso que vou descobrir agora!

— Prima, não! — afligiu-se Erebus.

— Fedelha estulta! — urrou Sigarr, aumentando ainda mais o aperto no meu pulso. Puxou-me contra o peito e forçou-me a encará-lo. — Isto não é uma brincadeira! Vais ter de me ouvir...

— Largai-me!

— E fazer exatamente o que eu disser...

— Estou a avisar-vos!

— Se tens amor à vida...

As suas ordens culminaram num berro de dor, no instante em que me torci e lancei o pé contra o seu ventre, com o ímpeto de um aríete. O golpe foi tão inesperado e violento que o ar lhe escapou

num sopro de agonia. Tentou equilibrar-se, mas acabou por tombar no chão... E eu fiquei livre para ajustar contas com o meu caríssimo irmão.

CAPÍTULO 9

Precipitei-me através do labirinto, ignorando os silvos de Erebus e os apelos furibundos de Sigarr, cada vez mais distantes. Estava tão transtornada que nem me lembrei da necessidade de me ocultar. Irrompi pela porta dos calabouços e deparei com os guardas, acabados de despertar do feitiço. Aquele que se encontrava mais próximo soltou uma exclamação de pasmo e acometeu, tentando prender-me entre os braços. Rangi os dentes, cega de ódio. Julgar-me-ia uma das escravas que viviam aterrorizadas com os seus abusos, sem terem como se defender?

As manábulas grosseiras do guerreiro fecharam-se no ar. Baixei-me e cabeceei-lhe o estômago, fazendo-o bufar e cambalear atordoado. E a lâmina da sua espada cintilou sob a luz dos archotes... mas na minha mão! Prostrei-o com um pontapé e investi contra o outro ignóbil, que desembainhava a arma e se preparava para clamar o alarme. Ao invés de um berro, cuspiu um jorro de sangue quando a lâmina lhe atravessou a garganta. Nesse instante, um assobio alcançou-me os ouvidos. Rápida como o pensamento, recuperei a espada e esquivei-me, rodando o corpo. O punhal arremessado às minhas costas acabou por se cravar no peito do guarda que tombava. E a primeira besta tornou a tropeçar nos próprios pés, enquanto a cabeça se separava do tronco.

O silêncio regressou ao corredor. Fixei os cadáveres, com as faces a arder e a respiração descompassada. A porta do dormitório continuava fechada, mas não por muito tempo. Logo, outros guardas surgiram, cornetas troariam na noite... E eu não podia abrir caminho até ao meu irmão à força de armas! Enchi o peito de ar e certifiquei-me de que voltava a ficar encoberta pelo véu da invisibilidade, antes de recomeçar a correr.

Qual seria o quarto de Halvard? Mal alcancei a zona reservada do palácio, apelei à Arte para buscá-lo. Percorri alguns corredores, mas não foi difícil identificar o pulsar da sua energia. Resguardava-se por

de trás de uma porta de ouro maciço, de onde sobressaía o relevo da flor lacrimosa, que eu calculava ser o símbolo da família que, outrora, governara este reino. Apesar de sufocados pela robustez das paredes, os meus ouvidos sensíveis aperceberam-se dos gemidos que ecoavam no interior... O meu gémeo não estava sozinho! Rodeava-se de escravas... E tal constatação ainda me deixou mais indignada. Halvard entregava-se à luxúria depois de espancar o pai!? Eu ia pôr fim ao pesadelo em que este dia se transformara, de uma vez por todas!

— Halvard! — fremi, revelando-me, enquanto recorria à magia para empurrar a porta à minha frente. Ele estava tão seguro da sua invulnerabilidade que nem se dera ao trabalho de trancá-la. A minha investida foi de tal forma impetuosa que só me detive a meio do quarto... E o meu coração parou de bater ao confrontar-me com um cenário demasiado nefando para ser real.

O quarto não possuía uma única janela que permitisse a entrada de um raio de luz sadia. Estava forrado com pedra negra, desde o chão até ao teto. Placas de ouro emergiam das paredes, como grandes escudos polidos, cintilando à luz de incontáveis velas decadentes, suspensas em castiçais dourados... Tudo o resto passou-me despercebido, à exceção da cabeceira da cama, também forjada a ouro. Fora inquestionavelmente talhada para o desfrute do meu gémeo, pois representava um gigantesco dragão... E personificava toda a malignidade aberrante que, até este momento, eu me recusara a enxergar!

A horrenda criatura parecia ganhar vida sob a fulguração bruxuleante das velas: a cabeça roçava o teto; as asas estendiam-se de um lado ao outro do quarto; os olhos chamejavam, quais bolas de fogo; a bocarra ensombrava o leito, repleta de presas de marfim que se entrecruzavam, afiadas como punhais... E, nesse emaranhado de dentes terríficos, pendurada pelos pulsos com correntes de magia, encontrava-se uma mulher... Uma menina... Um despojo humano completamente nu, com os ossos finos das costelas abertos de par em par!

— Kelda... — A voz de Halvard arranhou-me os ouvidos, profunda e distorcida, como se vinda de muito longe. Mal o escutei... Os meus olhos estavam cativos da jovem que balançava sobre a cama; presos à visão da cavidade vazia onde, há pouco, batera um coração. A sua pele vestira-se de sangue... O sangue que ensopava o leito do meu irmão! Os cabelos negros e compridos encobriam-lhe parte das feições, mas o pouco que se revelava testemunhava um suplício impossível de descrever. Contudo, mesmo desfigurada, não pude deixar de reconhecer a escrava que me suplicara que fugisse, receosa pela minha vida.

— Atiya... — gemi ainda incrédula, por entre sopros de horror. — Não...

Isto não podia ser verdade! Halvard não seria capaz! Os seus olhos até tinham faiscado de desejo ao fixarem a jovem... Sim! Desejo do seu sangue. Da sua essência... A ânsia de satisfazer as necessidades mais torpes de um mestre da Arte Obscura! Por isso inspirava tanto pavor às escravas... Decerto não era a primeira vez que esta perversidade ocorria.

«Fugi ou monstro há de matar-vos!»

E o monstro caminhava para mim, de braços estendidos, depois de enrolar uma toalha à cintura. Só então me apercebi da tina de água ao lado da cama... E das três escravas que se quedavam por detrás dela, igualmente nuas e cobertas de sangue. Tremiam sem controlo... E eu compreendia muito bem o seu choque, pois também o sentia. Elas receavam que o senhor do território não as deixasse sair vivas do seu quarto... Eu temia que o meu irmão se aproximasse demasiado, pois, nesse instante, a minha única vontade era matá-lo!

— Kelda... — repetiu Halvard com uma serenidade terna, que fazia prova de uma crueldade insuperável ou de uma loucura sem limites. — O que fazes aqui, querida? Devias estar a dormir!

Estava limpo e perfumado pelos óleos do banho... A postura de um príncipe; a essência de um demónio! Enchi o peito de ar e repliquei, estrangulada pelas lágrimas:

— Sim... Devia estar a dormir sob o efeito da tua peçonha! E, quando despertasse, aguardaria as tuas ordens, submissa e sorridente, como uma boneca à mercê dos teus caprichos.

Ele estacou bruscamente. O nó da sua garganta subiu e desceu, enquanto a expressão esfriava, ante a certeza irrefutável de que o seu ardil fora vão. Eu não estava sob o seu domínio... Jamais estaria! Sacudi a cabeça, incapaz de esconder a raiva e o asco que me assolavam ao continuar:

— Confiei em ti, Halvard! Achei que, apesar das nossas divergências, seria possível estabelecermos um equilíbrio...

— Eu posso explicar, Kelda — interrompeu, ensaiando outro passo.

Ergui o braço, num aviso para que ficasse onde estava, enquanto os meus olhos se viravam para o cadáver de Atiya. E desafiei, azeda:

— Sim... Estou ansiosa por ouvir as tuas justificações!

O seu olhar estreitou-se, mas não acusou a menor compunção. Ao invés, abriu um sorriso mordaz e volveu como se gracejasse:

— Não estás arrelviada por causa de uma simples escrava, pois não?

— Uma escrava, é verdade... — mastiguei, tragando golfadas de fel. — Que tolice a minha! Vê lá que imaginei estar a olhar para uma jovem brutalmente assassinada por um mestre da Arte Obscura! Talvez deva pedir-te desculpa pela confusão?

— Kelda... Vamos conversar!

— Só por curiosidade, o que fizeste ao seu coração depois de lhe beberes o sangue?

A tensão apossou-se de Halvard e o sorriso morreu-lhe nos lábios. Enfim concluía que, por mais que argumentasse, nenhuma das suas lérias me comoveria. Decidiu abrir o jogo, replicando entredentes com uma rispidez minaz:

— Comi-o! Não te ensinaram que esse é o maior deleite de um mestre da Arte Obscura?

Apesar de tudo, a sua crueza ainda me abismou. O pior era saber que ele falava a sério! Engoli em seco e fixei as escravas que se

ocultavam por detrás da tina. As coisas iam ficar feias... E eu não desejava ver mais sangue derramado! Clamei para despertar a sua atenção, ordenando na língua nativa:

— Saí daqui. Rápido!

Elas desataram a chorar, mas não se mexeram até Halvard estrondear como um trovão:

— Não ouviram a vossa senhora? Desapareçam!

Enquanto as raparigas debandavam, soltando guinchos de terror, perscrutei o quarto com um olhar rápido, em busca das roupas do meu irmão. Estavam impecavelmente dobradas sobre um banco almofadado, junto à asa direita do dragão... E, como era esperado, as suas armas repousavam ao lado.

— Acredita que tudo o que fiz foi para teu bem, Kelda — enunciou subitamente, obrigando-me a encará-lo. — Aqueles que te treinaram deturparam a tua consciência... Viraram-te contra mim! Terias de percorrer um longo trilho até admitires a soberania do Filho do Dragão. Eu só quis poupar-te ao incómodo da caminhada!

Dois passos e saltava sobre mim, aprisionando-me nos seus braços. Não resisti. Tentar debelar a sua força era tolice e apelar à magia para me libertar também não serviria de muito. Estava ciente da minha desvantagem. A batalha que travara contra o seu sortilégio enfraquecera-me e a energia que cedera ao Rei da Lua acabara por me exaurir. Em contraste, Halvard avigorara-se com a vida que consumira. O esforço que ele fazia para soffrear os seus impulsos nefários era tão extremo que se engasgava a respirar. Segurou-me o queixo e varou-me com um olhar inflamado, enquanto prosseguia:

— A magia que eu te ofereci não tinha o propósito de subjugar a tua mente, mas de te revelar a verdade. É inútil lutares contra o destino! Nós fomos gerados no mesmo ventre, para que jamais nos separássemos. E eu sei que tu me amas como eu te amo...

— Amor? — atalhei, mais gélida do que um glaciário, sacudindo a cabeça na direção do corpo estropiado de Atiya. — Tu lá sabes o que isso é! Só sabes infligir dor... Conquistar e destruir!

Fiquei estupefacta ao ver a sua postura amenizar-se, como se as minhas palavras lhe causassem moossa. Num ápice, despia a pele de fera voraz e voltava a ser o irmão encantador, meigo e atencioso. Continuou a abraçar-me e ripostou num tom singelo:

— Eu não sabia que tu tinhas estima por aquela escrava...

— Se soubesses, terias morto uma das outras? — desdenhei, sem me deixar enredar na sua trama de fingimentos. Ele não desistiu e volveu:

— Eu necessitava de energia, Kelda... Estava atormentado pela dor da privação! Sabes como a Arte Obscura é insaciável e implacável quando reclama sustento! Sim... Tu sabes! Já te sentiste tentada, não sentiste? Por isso, tens de me compreender... — Fez uma pausa para acariciar-me as faces, antes de asseverar numa voz carregada de ternura: — Juro que não queria matar a rapariga! Porém, não consegui conter-me! É por isso que preciso que estejas sempre ao meu lado. A energia da tua aura mantém-me são, equilibrado, permanentemente fortalecido...

Quando éramos crianças, os nossos pais costumavam dizer que a minha energia tinha o poder de sanar os desvarios de Halvard; de sufocar a agressividade que latejava na sua essência e o impelia a fazer coisas horríveis. Há pouco, Sigarr insinuara o mesmo... Tive de cerrar os dentes para impedi-los de bater, quando ele me beijou a testa e rematou, com uma sinceridade assombrosa:

— Perdoa se me precipitei na ânsia de te abrir os olhos... As minhas intenções eram as melhores! Mas juro que não voltará a acontecer. Serei paciente. Respeitarei o teu tempo, atenderei às tuas dúvidas e farei tudo para que te sintas satisfeita. Se tens mesmo de percorrer o caminho para a verdade com os teus próprios pés, que assim seja.

A minha passividade enchia-o de confiança. Aliviou o aperto dos braços e deu-me espaço para respirar. Voltou a sorrir e ousou um derradeiro assalto à conquista do meu coração:

— Vais ficar feliz por saber que já falei com mestre Sigarr sobre a possibilidade de libertar o Rei da Lua. De início, ele nem me quis

ouvir... No entanto, o meu poder de persuasão é excelente! Mestre Sigarr acabou por garantir que irá pensar noutra forma de recuperar as Lágrimas. Tenho a certeza absoluta de que, dentro de poucos dias, o... «nosso pai» poderá regressar a casa.

Tanto quisera impressionar-me que acabara por tropeçar nas palavras. Como lhe custara horrores dizer «nosso pai»! E como me custava horrores ter de escutá-lo sem lhe cuspir para a cara! Um homem com a beleza de um deus e um sorriso de criança... com o cadáver de uma jovem a oscilar por cima do ombro, a nequícia a latejar por detrás do olhar inocente e uma golfada de mentiras a tombar-lhe dos lábios.

— Quem és tu, afinal? — arrotei-o com uma frieza impávida, sem sequer piscar. — Um louco que vive numa realidade distorcida, incapaz de distinguir o que é certo do que é errado? Ou um monstro com exata noção do que faz, que não hesita em manipular, mentir e matar para alcançar os seus objetivos?

Halvard ficou-se com a respiração suspensa e, por instantes, não reagiu. Teria realmente acreditado que eu ia cair na sua conversa? Se assim fosse, a sua cabeça devia estar num turbilhão, em busca da resposta certa para a minha afronta. Prodigiosamente, manteve a calma e limitou-se a rebater, na voz mais neutra que conseguiu forjar:

— Julguei que ficarias feliz com esta nova.

— Ficaria... — revidei. — Se fosse verdade.

— É verdade! — firmou com plena convicção, franzindo o sobrolho como se a minha suspeição o magoasse. — Eu seria incapaz de te mentir, Kelda! Até posso chamar mestre Sigarr, para que ele confirme...

— Chega, Halvard! — bradei numa explosão de raiva, libertando-me com um safanão. — Eu estive com o nosso pai! Vi o que tu lhe fizeste...

— Ah! — exclamou, como se finalmente vislumbrasse uma razão válida para a minha ira. E a sua atitude voltou a mudar... Teria mil peles para trocar diante dos meus olhos arregalados? Encheu o peito

de ar e esboçou um gesto de reconciliação, colocando um sorriso largo no rosto, enquanto expunha com uma leveza incrível: — Estava aqui a cogitar como é que eu te tinha deixado no quarto, tão linda e perfumada, e tu surgias à minha frente toda suada, coberta de pó e sangue... O que foi, Kelda? Não me digas que ficaste tão perturbada com o pequeno desacerto que tive com o Rei da Lua que nem tomaste consciência do teu aspeto lastimável?

— Pequeno desacerto...? — dei por mim a ofegar, para lá de estupefacta.

— Sim — asseverou. E continuou, com uma lhanza de arrepiar: — Eu descí aos calabouços para anunciar ao Rei da Lua que nós estávamos a diligenciar a sua libertação. Fui de coração aberto, disposto a fazer as pazes... Contudo, ele recebeu-me com ofensas e agressões. Mal o livreí das correntes, caiu-me em cima como um touro! Ainda tentei acalmá-lo, mas foi inútil. Não tive outra opção senão defender-me... E, infelizmente, as coisas acabaram por se descontrolar. — Suspirou como se contristado, antes de concluir: — Lamento, Kelda! Admito que perdi a razão e fui longe de mais... No entanto, pedi a Erebus que remediasse o mal que fiz. Talvez ainda não saibas, mas a energia curativa do nosso primo é excepcional. Após a sua intervenção, o Rei da Lua ficará plenamente restabelecido.

Com mil ratazanas desenhadas, não conseguia acreditar nos meus ouvidos! Halvard estava completamente alienado e queria deixar-me igualmente doida! Era a única explicação para esta insânia! Por mais atrocidades que cometesse, ele encontrava sempre forma de se justificar; de despir a culpa e lançá-la para cima das suas vítimas. E cada embustice era mais cabeluda e danosa do que a anterior! Eu até podia confrontá-lo e exigir que aclarasse como é que o nosso pai lhe caíra em cima como um touro se as correntes de magia negra mal lhe concediam alento para respirar... Mas não valia a pena! Simplesmente, já nada valia a pena!

— Erebus estava com o Rei da Lua quando o visitaste, não estava? — insistiu, ante o meu silêncio profundo, como se tal

comprovasse a história que inventara. — E, provavelmente, mestre Sigarr também...

Porque arrastava os cúmplices para esta confusão? Era óbvio que tentava puxar-me pela língua, para descobrir se algum deles denunciara a sua perfídia. Como continuei sem responder, achou que o seu segredo estava seguro. Mais confiante, atreveu-se a estender-me a mão. Ao ver-me recuar, cerrou os punhos. E tornou a mudar de pele, desgostoso e irritado com a minha resistência, elevando-se na sua arrogância, enquanto contendia asperamente:

— Não me orgulho do que fiz, Kelda. Mas esta sucessão de incidentes deploráveis podia ter sido evitada! Se estivesses comigo, eu não teria discutido com o Rei da Lua e a escrava ainda estaria viva... Tu também és responsável pelo que aconteceu!

A acusação fez-me assoprar com amargor. Embora retorcida, talvez essa fosse a única gota de verdade no mar de mentiras onde Halvard tentava afogar-me! De facto, se eu estivesse ao seu lado, jamais teria admitido tais desumanidades... Porém, já não queria estar ao seu lado! A minha paciência esgotara-se!

Sem mais considerações, comecei a dirigir-me à porta. Mal o Sol despontasse, o Rei da Lua haveria de embarcar rumo à Ilha dos Penhascos, nem que eu tivesse de reduzir este antro a cinzas! E, assim que o meu pai se encontrasse em segurança, seria tempo de arrasar com a profecia do Filho do Dragão... Ou morrer a tentar.

— Aonde vais? — rugiu o meu irmão, surpreendido por me ver virar as costas. Num piscar de olhos, barrou-me o caminho e assumiu uma posse intimidadora. Sem outra opção, inspirei um fôlego de coragem, empinei o nariz e retruquei:

— Vou deitar-me. Pode ser que o sono me traga a tranquilidade que preciso para terminar esta conversa... De momento, não sou capaz! Deixa-me, Halvard... Manda limpar este quarto e pondera bem no que fizeste! Se realmente desejas que eu fique aqui, muita coisa terá de mudar.

Achei que estava a ser convincente... Todavia, ele fixou-me com estranheza e não tardou a aprisionar-me pelos ombros, sacudindo-

me e rosnando exaltado:

— Estás a mentir! Queres distrair-me... Eu baixo a guarda e tu foges com o Rei da Lua! É isso, não é?

Como é que ele via através de mim, se não conseguia ler os meus pensamentos? Só havia uma explicação... Halvard conhecia-me bem de mais! Eu era tão óbvia como o meu gémeo era imprevisível. Se não superasse essa fragilidade, estaria perdida!

— E se for isso? — enfrentei-o, assanhada. — O que é que vais fazer para me impedir? Vais pendurar-me naquela monstruosidade e arrancar-me o coração?

— Não me afrontes, Kelda! — bradou, esmagando-me contra o peito. — Jamais admitirei que me abandones!

Perdi a cabeça. Gritei e estrebuchei... Porém, Halvard imobilizava-me com tanta veemência que quase me partia os ossos. Furibunda, ergui o joelho e apliquei-lhe o golpe que, desde os primórdios, forçava o mais colossal dos homens a prostrar-se diante da mais frágil das mulheres. Desprevenido, ele uivou de dor e vergou-se instintivamente... Tal bastou para que eu dobrasse o corpo, soltasse um braço e arremessasse o cotovelo contra o seu crânio.

A pancada na têmpora foi seca, tão brutal que o obrigou a cambalear. Eu estava livre... No entanto, Halvard quedava-se em frente da porta e já me encarava, com fogo líquido a derramar-se do olhar. Os seus punhos agitavam-se. Grunhia e espumava... Ia acometer! E eu não estava disposta a confirmar se o seu propósito era amansar-me pelo medo ou se corria o risco de acabar como o meu pai... Ou como Atiya!

Rodei nos calcanhares e desatei a correr através do quarto, com os berros do meu gémeo a estourarem-me os ouvidos. Saltei sobre a tina de água e alcancei o banco onde repousavam as suas roupas. Estiquei a mão para a pilha de armas... E ele caiu sobre mim, prostrando-me no chão.

Rebolámos sobre a pedra negra, estrebuchando como gatos-bravos. Por fim, Halvard sujeitou-me sob o seu peso, fremindo raivoso:

— Eu vou ensinar-te...

A voz faltou-lhe e os seus olhos esbugalharam-se ao sentir a picada do punhal de Lobo Cinzento na garganta. Engoliu a ameaça e ofegou, com as faces incendiadas pelo tumulto das emoções que o assolavam. Estávamos tensos, suspensos nas batidas descompassadas dos nossos corações. Os seus lábios tremeram e previ nova ameaça... Sem hesitar, pressionei a ponta da lâmina e controverti:

— Ainda achas que tens alguma coisa para me ensinar?

A pele cedeu e o sangue fluiu do golpe, correu-lhe pelo peito e manchou-me a túnica. Halvard soltou um ronco estrangulado e ficou-se a fitar-me. Correspondi ao desafio, ciente de que este era um duelo de vontades que eu tinha de vencer. As chamas das velas fundiam-se com as cores das tatuagens que adornavam o peito musculado, animando a terrífica criatura que governava a sua essência. A trança de ouro e fogo acariciava-me a face... E as flamas da ira abandonavam o verde-floresta do seu olhar, deixando-o límpido, tão cristalino que espelhava a palidez mortal do meu rosto. Como era possível que tivéssemos chegado a este impasse?

Mais uma vez, senti-me transparente quando ele murmurou:

— Tu não vais magoar-me, Kelda... Não podes! Sou parte de ti! Não existe amor mais perfeito e puro do que aquele que une dois seres nascidos de uma única semente...

— Cala-te! — ripostei com firmeza, embora lutasse contra as lágrimas. — E levanta-te... Devagar... Isso! Agora, afasta-te...

Já estávamos de joelhos e Halvard continuava a obedecer-me. A sua respiração serenara e, aparentemente, estava a ter um momento de lucidez, pois a sua voz soou pesarosa ao suplicar:

— Não te zangues comigo, Kelda! Desculpa...

— Afasta-te, Halvard! — repeti determinada, recordando que não era a primeira vez que ele me ludibriava para obter vantagem. — Não volto a avisar...

A ponta do punhal estava cravada na sua carne. Porém, ele não recuava um palmo! Engoli em seco, ao ver os seus olhos ficarem

molhados. Humedeceu os lábios e enunciou com ardor:

— Se queres abandonar-me, terás de me matar... Porque só morto te deixarei partir!

— Tu estás louco! — exclamei, horrorizada.

— Sim, talvez... — aquiesceu, gravemente. — Por mais que tente, não consigo refrear o meu lado negro. O fervor da essência toma conta de mim e, quando me apercebo, o mal está feito. — Piscou os olhos e duas lágrimas grossas rolaram-lhe pelo rosto. Como eu hesitava, trémula de comoção, acariciou-me a face e prosseguiu, numa súplica fervente: — Sozinho não sou capaz de combater esta maldição! Preciso da tua ajuda... Da tua compreensão... Do teu amor... — Exibiu a cicatriz do nosso pacto e apelou, angustiado: — Sei que nunca paraste de acreditar na salvação da minha alma... Não desistas agora! Por favor, Kelda... Não desistas de mim!

Um monstro e um menino encarcerados dentro da consciência do mesmo homem... E esse homem era o meu irmão gémeo! As suas palavras atingiam-me como chicotadas, pois expressavam tudo aquilo que eu pensara no início deste dia execrando... Mas como confiar nele, depois de tanta vileza, sordidez e mentira? Ainda assim, o seu olhar continha inocência e uma imensa ternura... Não eram os olhos o espelho da alma? No fim, só uma coisa era garantida: se eu o abandonasse, estaria a condená-lo à danação.

Comecei a soluçar, à beira do pranto. Halvard atraiu-me para um abraço apertado... E o punhal de Lobo Cinzento escapou-me dos dedos e rolou sobre a pedra negra.

— Minha amada... Minha vida... — murmurava, enquanto me aflagava a nuca. Beijou-me os cabelos e a testa, antes de rogar: — Por favor, não me deixes! Preciso tanto de ti...

Engoli um gemido de dor, com a mente em chamas e o coração a sangrar. A minha condescendência para com Halvard quase originara uma catástrofe. O que me garantia que, desta vez, seria diferente? Não havia garantias... Apenas a esperança de que o meu irmão tivesse tanto medo de me perder que se dispusesse a mudar.

— Eu ficarei — respondi cautelosa. — Mas tens de me prometer, e a sério, que estas selvajarias não se tornarão a repetir!

Ele afastou-se o suficiente para me encarar e voltou candidamente:

— Prometo. Contigo ao meu lado, a tentação jamais me vencerá.

— E vais libertar o nosso pai — exige, resoluta. — Logo que ele se restabeleça, tomarás providências para que seja conduzido a um porto seguro.

Halvard piscou os olhos. E tombou num silêncio abrupto, como se o seu cérebro tivesse ficado paralisado. O meu coração comprimiu-se e as entranhas enodaram-se, adivinhando que, mais uma vez, o monstro subjugava o homem. Essa suspeita atroz confirmou-se quando o olhar do meu gémeo se aprofundou e assumiu um novo brilho, cortante, edace... Arrepiei-me por inteiro ao ouvi-lo contestar:

— Lamento, mas não posso satisfazer esse pedido.

Bufei e retrocedi, sacudindo a cabeça e reclamando, exasperada:

— Não é um pedido, Halvard! É uma condição...

— Ainda não percebeste, Kelda? — atalhou, gélido e fero. — Ninguém impõe condições ao Filho do Dragão!

Então, abriu um sorriso... E assumiu um esgar vitorioso, carregado de maldade, que me encheu de raiva e frustração. Fizera figura de tola! Toda a sua contrição e humildade não tinham passado de truques para se livrar da ameaça do punhal e reassumir o domínio da situação.

— Tu enganaste-me! — gaguejei transtornada. — Estiveste a zombar de mim...

A gargalhada de Halvard ecoou, como se a minha cabeça estivesse repleta de cantos ociosos:

— Querias o quê? Pôr-me a ronronar no teu colo? Ora, Kelda! Devas conhecer-me melhor do que isso! Eu consigo sempre o que quero... E quero-te ao meu lado! — Inclinou-se ligeiramente e baixou a voz, para me intimidar: — Já fui demasiado paciente... Chega de brincadeiras! A partir de agora vais cumprir o voto que

fizeste. Obedecerás às minhas ordens, como uma boa menina, e não tornarás...

A minha mão estalou-lhe na cara. O seu rosto desviou-se com o impacto. O corpo ficou tenso. O peito começou a oscilar ao sabor da respiração desordenada... E, antes que eu recuperasse da revolta que a sua réplica me causara, Halvard devolveu-me a bofetada.

Cambaleei, atordoada. De repente, foi como se uma manada de cavalos me espezinhasse. O meu irmão agarrou-me e empurrou-me contra a parede. Depois, tornou a prender-me e arrojou-me no chão. Caiu sobre mim, paralisando-me por completo. O meu reflexo de defesa foi buscar o punhal de Lobo Cinzento e apelar à magia para atraí-lo à minha mão. Porém, Halvard adivinhou-me a intenção e intercetou a arma. Depois, berrou qual demente e fechou o punho, projetando-o contra o meu rosto como se de um martelo se tratasse.

Fechei os olhos, aguardando a dor do embate. Contudo, esta tardou. Uma gota de água tombou na minha face e escorregou até aos lábios. Senti o seu calor, o sabor a sal... E entreabri os olhos quase a medo. A mão fechada parara encostada ao meu nariz... O braço de Halvard tremia e esse movimento convulsivo espalhava-se por todo o seu corpo. A trança rubra e dourada roçava-me a fronte como uma serpente. Gotas de suor escorriam-lhe da testa... e lágrimas dos olhos! Eu já não tinha dúvidas... O meu gémeo estava doido! Completamente alucinado!

Ao deparar-se com o meu olhar, Halvard soltou um brado de fúria, desfez o punho e fechou os dedos em torno do meu pescoço. E a sua expressão era de puro desvario ao fragorar enquanto me sacudia:

— Tu pertences-me... E farás tudo o que eu mandar! Tudo! Partilharás das minhas convicções e caminharás ao meu lado, sem olhar para trás. Torna a desobedecer-me... Torna a ameaçar-me e o Rei da Lua é um homem morto! Percebes? Uma palavra de agravo, um olhar torcido, e juro que despedaço o teu pai! Parto-lhe os ossos um a um, à tua frente. Arranco-lhe as tripas. Bebo-lhe o sangue.

Desfaço-lhe o coração à dentada... Estás a ouvir-me, Kelda? Já sabes do que sou capaz... A bem ou a mal, tu serás só minha!

CAPÍTULO 10

«Hás de acabar sozinha e devorada pelo mal, como o teu irmão!»

Durante um tempo infindo, as palavras de Oriana ressoaram-me na mente, repercutindo-se sem cessar como uma maldição. O dia sobrepôs-se à noite. A noite venceu o dia. E, mais uma vez, dia e noite, noite e dia... E a voz estrídula da Sacerdotisa dos Penhascos, incendiada por um rancor descomedido:

«O que foi que tu me fizeste, Kelda? Amava-te como se fosses minha irmã... Maldita! Para sempre maldita! Onde estás que não consigo encontrar-te? Um dia terás de regressar... E hei de fazer-te pagar com lágrimas e sangue pelo sofrimento que me impuseste!»

Tontura. Confusão. Dor. Vertigem. Desamparo... E a excruciante recordação das últimas declarações do meu gémeo:

«Se tentares fugir, hei de seguir-te até ao fim do mundo, caçar-te e matar-te. E não penses que a morte te libertará do meu amor! No momento em que exalares o último suspiro, assimilarei a tua essência e viverás dentro de mim por toda a eternidade...»

Halvard berrara. Halvard estrangulara-me. Halvard arrancara-me os cabelos e esmagara o meu crânio contra o chão, sucessivas vezes, com toda a veemência da sua sanha... Então, outra voz ribombara através da névoa ensanguentada que me usurpava os sentidos:

«Para imediatamente, seu néscio! Para!»

Sigarr? Sigarr... Quantas vezes teria eu de suportar a humilhação de ser salva pelo feiticeiro? A ínfima parte da minha mente que teimava em manter-se consciente sentira o vigor dos seus braços no instante em que me resgatara. E escutara as batidas desabaladas de um coração que julgara ser feito de pedra a misturarem-se com os seus gritos inflamados de ira:

«Quantas vezes me disseste que o teu maior desejo era teres a tua irmã ao teu lado? Eu engoli muitas afrontas de Ingimar e

daquele Conselho de imprestáveis para trazê-la até aqui... E tu quase a mataste!»

O quarto que agora era meu. O cuidado das escravas que me banhavam e vestiam. O aconchego do colchão. A frescura de lençóis lavados... E a presença constante de Erebus. O conforto da sua energia curativa. O calor de um silvo agoniado de ansiedade:

«Viver, prima... Favor, viver!»

Regressei à vida — se a odiosa existência que me aguardava podia ser chamada de vida! — durante a noite, bem aconchegada entre as cobertas da cama. De imediato, um ressonô profundo apossou-se da minha atenção. Suspirei de alívio ao verificar que era Erebus quem dormia a sono solto, com o corpo alto e magro todo torcido no apoio de um cadeirão. Mais uma vez, o meu primo enfrentava trabalhos e fadigas para me ajudar.

Sentei-me na cama com cuidado, para não despertá-lo. Sentia o corpo restabelecido e a magia refeita. Fixei a palma da mão direita, com o coração apertado... O golpe do pacto de sangue estava completamente sarado. Porém, a cicatriz jamais desapareceria, para me lembrar, até ao fim dos meus dias, que a minha vontade estava cativa das determinações de um tirano, de um monstro abominável... do Filho do Dragão.

Pensar no meu irmão pôs-me a arder de raiva. No entanto, chorar, bradar, insurgir-me, não resolveria nada. E fugir estava fora de questão! Se o ousasse, Halvard mataria o «meu» pai. Depois acometeria contra mim, para me usurpar a essência. Após tudo o que vira, eu não duvidava da seriedade das suas ameaças! E gelava só de cogitar nas consequências de tamanha imprecação. Não temia a morte... Mas era inconcebível imaginar que a minha energia persistiria, prisioneira de um desvairado, que se regalaria a fazer uso da minha magia para concretizar os seus desígnios mais perversos.

Apertei as mãos contra o peito, assolada pela angústia. Como pudera cair nesta armadilha? Não fora por falta de aviso daqueles que me queriam bem! Aliás, até Erebus e o próprio Sigarr me tinham dado a entender quão vil Halvard podia ser! E eu recusara-me a

acreditar no que estava à frente dos meus olhos, no que me entrava pelos ouvidos, no que me feria a pele... Eu, que nunca confiava em ninguém, ignorara as evidências e engolira as mentiras do meu gêmeo, uma após outra, expectando que, a qualquer momento, ele seria bafejado por uma brisa divina que lhe restituiria a razão. Além de cega e surda fora desassisada! Estulta, para lá de qualquer perdão!

No meio da confusão que me pululava na mente, só uma certeza emergia: sem a intervenção de Sigarr, tanto eu como o meu pai estaríamos mortos! Os motivos por detrás da «generosidade» do feiticeiro pareciam óbvios. Porém, o instinto garantia-me que a concretização da profecia não era o único interesse que o movia. Havia algo mais... Algo que se revelara no olhar azul-celeste, após termos fundido as nossas magias para reabilitar o Rei da Lua. Uma razão que o «homem» denunciara e o «feiticeiro» se apressara a ocultar, antes que eu a alcançasse.

Erebus continuava a dormir tranquilamente. Acordá-lo para interrogá-lo seria inútil. Por mais afeto que me dedicasse, o «Criador das Trevas» estava preso à lealdade que devia aos seus aliados. Não obteria nada dele, além de silêncios e evasivas. Se queria respostas, devia buscá-las junto da mente que engendrara toda esta hediondez. Sigarr não me mentiria... Não tinha porque fazê-lo!

Decidida, escorreguei silenciosamente para o chão. A camisa de noite que trajava era bastante decente, por isso não necessitava de passar por Erebus para alcançar o roupão. Avancei para a porta, pé ante pé, sem sequer me calçar para não me arriscar a despertá-lo. Não havia feitiços dissimulados na madeira, nem guardas no corredor. Deslizei para fora do quarto... Então, escutei o apelo do meu primo nas minhas costas. E desatei a correr sem olhar para trás.

Lancei a essência em busca de Sigarr e não tardei a achá-lo. Pelo caminho, cruzei-me com alguns guerreiros que estacaram à minha passagem, como se eu fosse uma assombração. O avanço que

ganhara a Erebus tornava-se cada vez mais curto... Mas tinha de chegar, pois estava convicta de que ele jamais permitiria que eu confrontasse o seu mestre.

A porta do quarto escancarou-se à minha frente. Nem me ocorreu que, ao invadir a privacidade de Sigarr, poderia muito bem deparar com um cenário grotesco, como sucedera com Halvard. Porém, mal os meus pés assentavam no interior do aposento, já a magia do feiticeiro circulava pelo ar, acendendo pequenas luzes para iluminar o meu rosto corado, o olhar brilhante de ansiedade e o corpo trémulo devido ao esforço da corrida. Não eram velas, nem candeias. Eram... pontos de luz que oscilavam em meu redor, qual aglomeração de pirilampos.

Erebus não tardou a surgir. Agarrou-me pelos ombros, mas algo fê-lo recuar... Uma brisa, que me agitou os cabelos e obrigou-o a sustentar a respiração. Inclinou-se em reverência e silvou humildemente:

— Perdão, mestre!

Fixei-o de soslaio, num pedido de desculpa mudo. E o olhar negro aprofundou-se, enquanto a garganta emitia um rugido gutural. Não estava nada satisfeito! Devia interrogar-se por que ainda perdia tempo a cuidar de mim.

— Está tudo bem, Erebus! — A voz de Sigarr rasgou a penumbra, sem vestígio de crispção. — Eu atenderei Kelda. Podes ir.

Quase saltei quando a porta bateu nas minhas costas. Soava a algo... definitivo! Tentei desfazer o nó que se formava na garganta, enquanto reunia coragem para examinar o covil da fera. O leito do feiticeiro mantinha-se envolto em trevas... Contudo, em meu redor, as faíscas de luz espargiam, revelando um cenário que a minha imaginação jamais seria capaz de conceber como pertença de um mestre da Arte Obscura.

O chão do quarto estava forrado com um tapete cor de nuvem, cujo pelo engolia os meus pés descalços e afagava os tornozelos. Por toda a parte, estendiam-se mantas garridas de seda, peles e plumas, misturadas com almofadas que se amontoavam sobre

almofadas, de todas as formas e tamanhos. As paredes estavam cobertas de estantes, cujas prateleiras continham mais livros do que eu alguma vez vira. Com os livros conviviam potes de barro e pequenas caixas de madeira, ferro e cobre, ouro e prata. Apenas as arcas que guardavam os seus haveres cintilavam sob o esplendor de pedras preciosas. Era óbvio que o mestre da Arte Obscura valorizava mais o conforto do que a ostentação. E isso era uma surpresa!

Todavia, o maior dos meus pasmos foi olhar para cima... e ver o céu! O teto do quarto era transparente! Através dele, podia testemunhar-se a caminhada celeste da Lua e das estrelas. Ofeguei, deslumbrada com tamanho prodígio. Como devia ser maravilhoso estar aqui deitada, num dia de tempestade, a observar a fúria dos relâmpagos, enquanto a chuva se espalhava como um rio...

— Vieste à procura de respostas, Kelda?

A interrogação trouxe-me de volta à realidade. Virei a cabeça ao seu encontro... E, apesar de a zona de dormir estar mergulhada na bruma, a minha capacidade de divisar através da cerração pregou-me uma partida cruel. Sigarr acabara de afastar as mantas e sustinha-se... tal como viera ao mundo!

Rapidamente, engoli um grito e baixei a cabeça, com o coração a galope. Entreabri os lábios para libertar a respiração que ficara presa nos pulmões, enquanto uma vaga de fogo me rebentava nas faces. Não me faltava mais nada! Piscava os olhos e tentava concentrar-me no pelo do tapete, mas a imagem de uma cascata de cabelos dourados sobre pele branca, a terminar pouco acima de um traseiro musculado, parecia ter ficado gravada na minha mente como a queimadura de um ferro. Rangi os dentes, assolada pela vontade de fugir... Porém, Sigarr já se aproximava.

Ouvi o roçar de um roupão e suspirei de alívio ao divisar a flutuação da seda negra. Achei que era seguro encará-lo. Contudo, mal fixei o olhar azul-celeste, as minhas pernas bambolearam perante o fulgor que o incendiava. Quase me engasguei quando começou a andar à minha volta, como um predador a estudar a

presa. Ia jurar que os seus dedos me tinham acariciado os cabelos... Então, afastou-se num ímpeto e declarou, seco e gélido:

— Precisas de um banho, rapariga!

Desconcertada, vi-o dirigir-se a uma das paredes. Bateu palmas e as estantes deslizaram sobre si próprias, revelando uma lareira que parecia ter sido retirada de um conto de fadas. Era feita de cristal! E quando os toros de madeira que repousavam no seu interior começaram a arder, sem se consumir, as labaredas entrecruzaram-se, originando reflexos que se multiplicavam debaixo do meu olhar extasiado.

— Vais ficar aí especada?

Ele já se acomodara sobre um monte de almofadas, que se moldavam ao seu corpo como se estivesse num cadeirão. Só a custo reuni coragem para me aproximar e sentar-me ao seu lado. Estava tensa como uma lança. No entanto, assim que me recostei, as plumas envolveram-me num conforto tão sublime que foi difícil conter um gemido de contentamento. O lume que estralejava na lareira podia ser místico, mas espargia um calor sereno e aprazível. E era quase impossível desviar os olhos da explosão de cores que os cristais refletiam.

— É agradável, não é?

A pergunta do feiticeiro deixou-me atónita. Com mil ratazanas embasbacadas, o que é que ele pretendia com isto? Arrostei-o, incapaz de responder. Quedava-se de olhos cerrados, como se apreciasse a energia que vibrava no ar. No entanto, apercebera-se do meu enlevo. Sacudi a cabeça, obrigando-me a concentrar nas razões que me tinham trazido aqui... Não pretendia, de maneira nenhuma, dar-me ao desfrute de socializar com o mestre da Arte Obscura! Ele era o responsável pela minha desgraça... Pela desgraça do meu irmão!

— Sigarr... — apelei, desejosa de acabar com este constrangimento para decidir que rumo dar à minha vida. Contudo, estava tão nervosa que a voz saiu-me como um guincho. Corei ainda mais... E ele sorriu, enquanto sussurrava:

— Chiu! Estiveste três dias a vaguear pelas brumas do submundo... Descontra-te um pouco!

Três dias? Afundei-me nas almofadas, assustada com a revelação. O que teria acontecido em três dias? Entretanto, Sigarr esticava o braço na direção de uma prateleira e uma caixa de madeira voava para a sua mão. Mal a tampa se abriu, o perfume das ervas que continha invadiu-me o nariz, fazendo-me suspirar sem querer. Cheiravam divinamente! Era um odor que eu não reconhecia, provavelmente dádiva de uma planta nativa. O feiticeiro colheu um pouco com as pontas dos dedos e soprou-as para a lareira. Depois, recorreu novamente à Arte para repor a caixa no lugar e tornou a encostar-se, como se pretendesse passar o resto da noite a apreciar o ambiente que criara. contei até cinco... E indaguei, carcomida pela ansiedade:

— Halvard...?

Sigarr interrompeu-me com um gesto. Os seus olhos continuavam fechados, o corpo relaxado... Preparava-me para exigir uma resposta quando replicou num tom solene, como se ciente da minha angústia:

— Não te inquietes. O teu irmão está bem... E bastante repeso do que te fez! Enviei-o numa missão... Nada de importante! Apenas quis afastá-lo daqui por alguns dias, para que arrefecesse a cabeça. Além disso, era crucial que ouvisses o que tenho para te dizer, antes de voltares a vê-lo.

— E o meu pai? — titubeei, incapaz de sofrear a aflição. — Halvard tornou a molestá-lo?

O feiticeiro acabou por me encarar, ripostando com firmeza:

— Não te apoquentes. Edwin foi conduzido a um lugar onde ficará a salvo das... «flutuações de humor» do teu irmão.

— O meu pai já não está no palácio? — interpelei assustada.

— Não. Coloquei-o sob a guarda de alguém em quem confio...

— Quero vê-lo! — exigi, pondo-me de pé com um salto. — Agora!

— Não — objetou ele, com uma placidez que me deixou ainda mais irritada.

— O quê? — contendi. — Ides levar-me imediatamente ao meu pai ou...

— Recordas-te das últimas palavras de Halvard? — cortou com ardor. — Se queres preservar a vida do teu pai, e a tua também, aconselho-te a que as leves muito a sério!

Estaquei como se fulminada, respirando aos borbotões. A expressão de Sigarr era de uma gravidade extrema, sem vestígios da frialdade e do desdém que sempre ostentava. Quase me atrevia a garantir que este era o mesmo homem que eu surpreendera aquando da partilha de energia para salvar o Rei da Lua. O seu olhar aprofundou-se ao asseverar:

— Se insistires em desafiar o teu irmão, ele matará o vosso pai... E eu nada poderei fazer para impedi-lo! A minha capacidade de refrear Halvard está a chegar ao limite.

— Vós sois o seu mestre... — protestei estrangulada. E ele rebateu, sem hesitar:

— O Filho do Dragão precisa de um *decisor* e de um *protetor*. Não precisa de um mestre! Sabes do que estou a falar, não sabes, Kelda? Treinei Halvard tão bem que ele tem perfeita noção do que deve fazer para concretizar a profecia. Na verdade, já só necessita de mim para negociar com a Ilha Sagrada. Ainda me obedece porque me dedica algum respeito... Contudo, pressinto que não será por muito tempo! E menos tempo será se eu continuar a desfeiteá-lo, para atender às tuas tontarias! Estou a ser claro? — Inclinou a cabeça, antes de concluir: — Isto é uma guerra de vontades... E nós os dois temos muito a perder se contrariarmos Halvard! Por isso, acalma-te e para de te comportar como uma criança!

— Não vou desistir de salvar o meu pai... — mastiguei, dividida entre a agonia e a revolta.

Num rompante, Sigarr estava de pé, bradando furioso:

— Tu és surda ou ignara, fedelha insolente? Estou a falar para as paredes? Edwin não precisa que o salves! Precisa que fiques quieta, para que o teu irmão o deixe viver! O que foi que eu te disse? Não

contes a Halvard que estiveste com o vosso pai... E o que foi que tu fizeste? E com que conseqüências? Diz-me, Kelda!

Fechei os punhos, lutando contra as lágrimas, incapaz de responder tal o nó que se atara na minha garganta. Os olhos do feiticeiro tinham escurecido e a sua respiração abrasava-me o rosto. Não me inspirava medo... No entanto, senti-me imensamente aliviada quando retrogradou. E dei por mim a murmurar, como se ele merecesse uma justificação:

— Pensei que Halvard não sabia...

— Pensaste mal! — atalhou, forçando-se a represar a ira. — Agora que conheces a essência do teu irmão, és capaz de me dar ouvidos?

Detestei-me por não controlar os nervos. Mesmo assim, insurgime:

— Como é que posso ter a certeza de que o meu pai está vivo...?

— Eu já disse que está! — impôs-se, agreste. — Vais confiar em mim e continuamos a nossa conversa... Ou desaparece da minha vista! Enfrenta Halvard quando ele regressar, mas fica ciente de que não voltarei a interceder por ti, nem permitirei que Erebus o faça. Como é que vai ser, Kelda?

Confiar em Sigarr... Jamais! Todavia, neste momento, escutar o que ele tinha para dizer assomava-se como um mal menor. Depois, teria tempo de ponderar o que fazer para encontrar o meu pai e, com cuidado, preparar um plano para fugirmos desta terra maldita.

Ciente da pressão do olhar celeste, assoprei o ar e regressei ao aconchego das almofadas.

Estaria Sigarr a testar a minha paciência? E o que mais podia eu fazer, além de esperar que me obsequiasse com a sua atenção? Ainda assim, se a minha vida não pendesse no gume de uma adaga, até seria capaz de esquecer as provações que sofrera e apreciar as maravilhas que me rodeavam. Por cima de mim, a imensidão do céu estrelado; em meu redor, um conforto de extasiar; à minha frente, um espetáculo de luz e cor numa lareira de cristal... E a sedução de

um calor mágico, que me lambia os dedos dos pés e invadia a camisa de noite, tornando a minha respiração pesada e enrubescendo-me as faces. Como se tudo isso não bastasse, o perfume das ervas que o feiticeiro atirara para o fogo embriagava-me os sentidos, liquefazia-me a vontade.

Dei por mim a fechar os olhos... E abri-os em sobressalto. Será que perdera o tino, para me render tão facilmente às arteirices do mestre da Arte Obscura? O que diriam os meus pais se me estivessem a ver? O que diria Lysander? Nem me atrevia a imaginar! Fixei Sigarr e gelei até ao osso ao deparar com o seu sorriso. Apercebera-se da minha languidez... Que vergonha!

Sentei-me direita e obriguei-me a recuperar a compostura. O feiticeiro não me encarou, concentrado na sua tarefa. Pousara um tabuleiro sobre o colo, com duas caixas de madeira ao lado. A maior continha folhas; a mais pequena, ervas de fumar. Sem pressa, como se a tarefa lhe concedesse especial prazer, dispôs algumas ervas sobre uma folha, enrolou-a com mestria e levou-a aos lábios. Tocou com um dedo na extremidade oposta do rolo e, logo, um fumo aromático libertava-se, envolvendo-lhe o rosto e abrilhantando-lhe ainda mais o olhar. Só então se virou, estendendo a mão para me oferecer o rolo.

— Não, obrigada — recusei, sacudindo a cabeça com veemência.
— Não gosto disso!

O seu sorriso alargou-se ainda mais ao rebater numa clara provocação:

— Aposto que nunca experimentaste!

E tinha razão! Porém, não me apetecia admiti-lo, como se isso pudesse, de alguma forma, diminuir-me aos seus olhos.

Sigarr continuava com a mão estendida. Já não sorria... E o rubor que me consumia as faces alastrava-se para o pescoço e para o peito. Com mil ratazanas acabrunhadas, o que é que se passava comigo? Será que Halvard me desfizera os miolos quando me esmagara a cabeça contra o chão?

Fixei as ervas que se consumiam lentamente. O cheiro que libertavam era tão tentador! Rangi os dentes ao sentir um formigueiro no ventre... Uma curiosidade torpe; quase uma ânsia! Num ímpeto, arranquei-lhe o rolo da mão. Puxei o ar... E senti-me asfixiar, com a boca, o nariz, os pulmões, o estômago, tudo cheio de fumo! Desatei a tossir sem controlo... E, num ápice, Sigarr estava ajoelhado à minha frente, ordenando com uma firmeza suave:

— Calma, Kelda! Assimila... Agora respira. Assim... Isso...

Pisquei os olhos para clarear a visão e as lágrimas escorreram-me pelas faces. Prestes, os dedos do feiticeiro secaram-me a pele, deslizando numa carícia. Todavia, antes que o pânico me assolasse, já se afastara. Por entre os arquejos do sufoco que ainda me afligia, pareceu-me ouvi-lo ciciar:

— És mesmo única...

Encarei-o, azoinada. E, ante a questão no meu olhar, disse algo ainda mais espantoso:

— Aranwen adorava essas ervas! Era capaz de passar a noite a apreciá-las.

A comparação foi como uma bordoadada na cabeça. Seria por isso que o mestre da Arte Obscura estava tão esquisito? Criara todo este ambiente de harmonia, quase de sedução, para fruir da ilusão de que desfrutava da companhia da minha antepassada? Era só o que me faltava! Franzi a testa e contestei, indignada:

— Eu não sou Aranwen!

Sigarr começou por estranhar a minha rispidez. Depois, mordeu o riso e volveu:

— Pois não! Definitivamente, não és!

— Isso quer dizer o quê? — assanhei-me, certa de que ele estava a insultar-me.

Não respondeu. Dirigiu-se a uma das prateleiras, agarrou numa caixa de prata e entregou-me com uma expressão trocista. Confusa, abri a tampa e constatei que estava cheia de pedras amarelas e pegajosas. Para que queria eu aquilo?

— São para comer — esclareceu, ao ver-me franzir o nariz. — Chamo-lhes «rebuçados». Prova! Vais gostar de certeza... Todos os fedelhos gostam!

A provocação quase me fez afastar a caixa com um repelão. Todavia, ele voltou a insistir numa voz apaziguadora:

— Vá lá, miúda obstinada! Achas que te quero envenenar? Não trinques... Deixa-o derreter-se na boca.

A pedra rebuçado colou-se aos dentes. Era doce... Tão doce! Mel misturado com fruta... Que delícia! Nunca saboreara nada assim! Entrementes, o feiticeiro tornara a sentar-se e enrolava ervas noutra folha. Mirou-me pelo canto do olho e replicou com singeleza:

— Não te disse que ias gostar? Come quantos quiseres.

— Sigarr... — titubeei, afastando a caixa. Por mais que as pedras doces me agradassem, viera ao seu quarto para obter explicações. E, até agora, ele nada fizera além de me distrair! Nós não éramos dois conhecidos a aprofundar uma amizade... Éramos inimigos mortais! As suas gentilezas confundiam-me, embaraçavam-me... A situação estava a tornar-se insustentável! Fiquei boquiaberta quando suplicou num sussurro, quase num gemido:

— Por favor, Kelda, espera um pouco! Não imaginas há quanto tempo não me permito esquecer...

E mais não disse, deixando-me a tremer de inquietação, enquanto o observava. Levou o rolo aos lábios e desfruiu do fumo. A sua cabeça tombou para trás e o amarelo rico dos cabelos escorregou sobre a seda negra do roupão, espalhando-se sobre o vermelho-púrpura das almofadas... Luz e trevas. Morte e vida. Sigarr era tudo isso! E eu não conseguia desviar o olhar! O sabor do fumo das ervas não me agradara... Porém, misturado com o perfume que provinha da lareira e o odor do corpo masculino era, simplesmente, inebriante! Enfieei mais um rebuçado na boca... E outro, até não conseguir mexer a língua. Quase me engasguei quando, finalmente, ele decidiu quebrar o silêncio, expondo numa voz profunda e cava:

— Sei que me achas a mais vil das criaturas... E talvez tenhas razão! Contudo, peço-te que me escutes, antes de me julgares. A

situação que enfrentamos é demasiado grave para rodeios, por isso não te vou maçar com falsas contrições ou meias-palavras. — Soprou o fumo e continuou: — Primeiro, deve ficar claro por que te trouxe até aqui... Antes de eu ordenar o ataque à Ilha dos Sonhos, a *Observadora* Íris, tua acérrima defensora, resolveu importunar-me com um apelo à consciência. Tentou convencer-me a desistir de concretizar a profecia, não só para poupar vidas, mas porque, segundo ela, o poder que habita a essência do teu irmão estava a enlouquecê-lo. Esse desequilíbrio haveria de se agravar... E, no momento em que se apoderasse do Conhecimento Absoluto, Halvard perderia a percepção da realidade e da sua própria natureza. Como Filho do Dragão, necessitaria de se alimentar de uma energia tão colossal que acabaria por destruir a Terra, a Ilha Sagrada... e o universo que se estende para além de nós.

Fez uma pausa para recuperar o fôlego. A sua mão tremia ao levar o rolo aos lábios. Quis interpelá-lo, mas tinha tantas pedras na boca que não fui capaz... E ele já prosseguia:

— Nesse dia, limitei-me a virar as costas a Íris. Porém, parecia que as suas palavras me envenenavam o espírito... Era inegável que, já há algum tempo, Halvard se revelava instável, cada vez mais violento e obsessivo, ao ponto de fazer coisas impensáveis, tais como desobedecer-me ou insurgir-se contra Erebus, o seu braço direito, o seu irmão... Por isso, decidi invocar uma Visão do meu futuro para, através dela, avaliar se existia fundamento no alerta da *Observadora*.

— E o que foi que a Visão vos revelou? — indaguei ansiosa, quase cuspendo as pedras.

Sigarr não respondeu logo. Continuou de olhos fechados, a inalar o fumo... com a mão a tremer cada vez mais! Afinal, estava a falar da destruição da Terra! E, segundo eu entendia, ele tinha perfeita noção de que era o principal responsável por essa calamidade... Mais intrigante ainda, o facto parecia incomodá-lo!

— Eu já tinha espreitado o meu futuro — confessou devagar, como se necessitasse de reunir alento a cada fôlego. — Há muitos

anos, uma Visão mostrou-me que seria incapaz de concretizar a profecia do Filho do Dragão, porque a lâmina de um guerreiro-lobo haveria de me prostrar. Na altura, tratei de assegurar-me de que tal não sucederia...

— Tentando assassinar o meu avô Throst! — completei acusadora, pois conhecia bem essa história. O facínora acenou com a cabeça e torceu um sorriso... No entanto, percebi-o carregado de amargor, como se o passado o enchesse de melancolia.

— Throst era o único homem capaz de me superar — confirmou num tom estranho, quase pesaroso. — Acreditei que o seu desaparecimento pusera fim às sombras que pairavam sobre mim. Todavia, após a conversa com Íris, descobri que o meu futuro se alterara, mas não como eu almejava. A profecia do Filho do Dragão há de realizar-se...

— Vós morrereis na mesma! — interrompi estrangulada, alcançando a razão do seu desconforto.

— Só que o meu algoz não será um guerreiro-lobo.

— Halvard?

— Sim, Halvard.

Sigarr terminara o rolo de ervas e virara-se para me encarar. Parecia impressionado com a rapidez do meu raciocínio. Quedei-me, estupefacta, presa ao olhar azul-celeste... E não me contive de exclamar:

— Vós estais a treinar o homem que vos há de matar!

— Efetivamente.

Há poucos dias, tamanha ironia do destino haveria de me prostrar no chão, a rir às gargalhadas. Mas tudo mudara entretanto: a forma como eu encarava a vida, as minhas expectativas em relação a Halvard... Engoli em seco e desviei o olhar, sem saber o que pensar. E questioneei, a ofegar devido ao choque:

— Devo concluir que planeais matar o meu irmão, antes que ele vos mate?

O riso do feiticeiro soou seco e nervoso. Reuni coragem para fitá-lo e verifiquei que se esforçava por formar outro rolo. Porém, tremia

tanto que a folha rasgou-se e as ervas espalharam-se pelo tabuleiro. Praguejou e arremessou tudo pelo ar, fazendo-me contrair de susto. Depois, deixou a cabeça tombar sobre o peito e apertou-a entre as mãos.

Fiquei a observá-lo, dilacerada por uma miríade de emoções contraditórias, que me punham completamente tonta. Jamais me imaginara nesta situação... Por fim, Sigarr prendeu o olhar nas labaredas da lareira e resmungou, como se falasse para dentro de si próprio:

— Eu devia mesmo matá-lo... Mas não consigo! Criei aquele rapaz como se fosse meu filho... E a chegada de Edwin só piorou tudo! Descobri que, afinal, tenho uma consciência...

Encarou-me de repente, com uma expressão que eu nunca imaginara ver no seu rosto: a expressão de alguém com um coração no peito e luz na essência. Sacudiu a cabeça e praguejou, quase ameaçador:

— Se eu tivesse cortado a garganta ao teu pai, mal lhe pus a vista em cima, teria evitado muitos dissabores. Ao invés, dei por mim a relembrar o passado, a protegê-lo de Halvard, a arranjar mil pretextos para provar a sua importância para a causa da profecia, a fim de mantê-lo vivo... Agora, tenho mais um problema! Tu, Kelda! O que é que eu faço contigo?

Levantou-se com um salto e marchou até à lareira. Esmagou os punhos contra o cristal e fremiu de raiva. Depois, ficou-se, a arquejar, tentando a todo o custo reprimir a comoção. O seu desabafo não era, de todo, digno de um frio e impiedoso servo da magia negra... E o homem à minha frente não era o monstro que eu crescera a odiar!

Passei a mão pela testa, sentindo-me a arder em febre. Desde que pisara este palácio, tudo o que tomava como certo acabara por se revelar duvidoso ou falso. Estava tão confusa que nem conseguia raciocinar. E se, tal como Halvard, o feiticeiro estivesse a manipular-me?

Sustive-me devagar, testando a resistência das pernas. Sigarr ciciava algo impercetível, como se se repreendesse por ter exposto sentimentos que nunca partilhara com ninguém. Viver com o peso da Visão da própria morte devia ser terrível! E quando essa morte seria fatalmente imposta por alguém que se amava... Constatei que ele tremia, como se assolado por uma tempestade. E não resisti a avançar ao seu encontro, enunciando com a voz entrecortada:

— Íris tem razão, Sigarr. Renúnciai à profecia! Se a imprecisão não se concretizar, Halvard não se tornará o ser abominável que a Visão revelou. A Terra será salva... E vós também!

O murmúrio do feiticeiro transformou-se num ronco. Desatou às gargalhadas, não com vontade, mas com uma agrura que me gelou o sangue.

— É tão simples, não é? — escarneceu. — Como foi que não pensei nisso? Impedir a realização da profecia... — Num ímpeto, quebrou a distância que nos separava e ensombrou-me com a sua autoridade, vociferando: — Mais fácil seria deter o curso destruidor de uma avalanche! Será que não entendes, fedelha impertinente? O rumo de Halvard está traçado... Nada pode parar o Filho do Dragão!

Suportei a veemência do seu desabafo e tartamudeei, estrangulada:

— Então, não há esperança para a Terra?

O feiticeiro fechou os olhos. E o seu rosto adejou sobre o meu... Senti o toque da sua magia; uma brisa quente que arrepiava a pele. Prendi a respiração, vendo os seus lábios descerem, mas incapaz de me afastar. No derradeiro instante, ele pulou para trás, com um urro que misturava ira e frustração. Levei as mãos ao peito, como se para impedir o coração de rasgá-lo. O que é que me estava a acontecer? Parecia prisioneira de um encantamento perverso! Não deveria ter sido eu a repelir Sigarr? A berrar-lhe de indignação? A esbofeteá-lo pela ousadia de quase me beijar? Com mil ratazanas esbaforidas, porque continuava pregada ao chão, ao invés de fugir a sete pés do antro do mestre da Arte Obscura?

A respiração alvoroçada de Sigarr denunciava que também ele estava amofinado. Fixava os desenhos do Dragão da Lua tatuados nos seus pulsos, inflamados como brandões. Depois, escondeu-os dentro das mangas do roupão, como se não desejasse que eu os visse. O silêncio que se erguera entre nós tornava-se constrangedor, quando, enfim, se manifestou:

— Custa-me admiti-lo, mas a *Observadora* metediça tem razão. Tu podes salvar-nos a todos!

— Eu? — contrapuz, arregalando os olhos. — Não...

— Escuta bem, Kelda — atalhou, hesitante em fitar-me como se temeroso do meu olhar. — Existe qualquer coisa na tua aura... Um poder de atração quase irresistível! Halvard sempre me disse que as vossas essências se complementavam. Agora, percebo porquê! Tu tens o dom de apaziguar o fogo que o consome. Ao teu lado, ele sente-se tranquilo...

— Tranquilo? Ele agrediu-me... Quase me matou!

— Porque o afrontaste! Não podes contrariá-lo! Tens de apoiar as suas decisões, cumprir as suas ordens... Assim, restabelecerás a sua confiança. E, no instante em que a profecia se concretizar, estarás ao seu lado para refrear-lhe os ímpetos e chamá-lo à razão.

— Não... — refutei horrorizada.

— Não tens escolha! — firmou, sombrio. — Assim como eu também não tenho! Achas que me agrada depender de uma... de ti? Mas estou disposto a fazê-lo! — Mais uma vez aproximou-se, estacando, contudo, a uma distância segura. — Podemos ser muito úteis um ao outro, Kelda.

— O que é que vós estais a propor? — questioneei perplexa. — Que nos tornemos aliados? Que eu me submeto às selvajarias de Halvard para, no fim, garantir a salvação da vossa pele? O que ganharei com isso?

— Preservarás a Terra! E talvez consigas poupar muitos daqueles que amas ao imiscuíres-te nas determinações do Filho do Dragão. Até lá, farei o que estiver ao meu alcance para facilitar a tua... caminhada. Sei que a condição do teu pai te angustia, mas tens a

minha palavra de que Halvard não tornará a torturá-lo. Assim, com o espírito mais leve, poderás concentrar-te em agradar ao teu irmão. Conquista-o com a tua ternura, Kelda... E depressa ganharás o poder de participar nas suas decisões.

Eu não acreditava na reviravolta que a minha vida sofrera! Seguiria Sigarr para subverter os seus planos e, agora, firmávamos pactos? O meu maior inimigo rogava a minha ajuda? Dei por mim a recordar o vaticínio de Lobo Cinzento e a pensar que este servia a teoria do feiticeiro como uma luva: «*Nada irá deter Halvard enquanto ele não testemunhar o horror que se encontra no fim do trilho que escolheu...*»

— Pedis o impossível! — contraditei, sufocada. — Halvard não tornará a confiar em mim...

— Confiará se acreditar que eu quebrei as barreiras da tua mente — firmou Sigarr com pertinácia. — Antes de ele partir, garanti-lhe que iria aproveitar a tua prostração para fazê-lo... Quando regressar, cabe-te a ti provar-lhe que fui bem-sucedido.

Passei a mão pela testa e soprei o ar, antes de mastigar, irascível:

— Pensastes em tudo!

— É esse o meu dever — rebateu no mesmo tom.

Engoli em seco e, não obstante a periculosidade da situação, dei por mim a retrucar:

— Sabeis o que penso acerca de vós! Se achais que posso influenciar o meu irmão, quem vos garante que, no momento crucial, irei impedi-lo de vos matar?

A expressão de Sigarr desanuviou-se. Percebera que eu estava a desafiá-lo. Sorriu... E o sorriso iluminou-lhe o rosto! Num ápice, abeirava-se de mim... E eu não podia afastar-me, pois tal seria uma admissão de fraqueza. Cessei de respirar quando mergulhou no meu olhar e sussurrou, minaz:

— Tu és uma boa menina, Kelda. Jamais faltarás à tua palavra!

— Não estarei a faltar à minha palavra se for eu própria a matar-vos!

Mal terminei, horrorizei-me com a minha audácia. Por que raio não conseguia segurar a língua? Cada repto só alimentava a chama que ardia no olhar celeste. A respiração do feiticeiro escaldava-me o rosto... E os nossos narizes quase se roçavam quando volveu roucamente:

— Talvez, um destes dias, eu te dê um ensejo para fazê-lo...

E os seus lábios caíram sobre os meus, enquanto os braços se erguiam para me envolver. Bradei em pânico e saltei para trás, recuando aos tropeções sobre as almofadas, até esmagar as costas contra a porta do quarto. Levei as mãos aos lábios para conter um novo grito, a tremer tanto que as pernas se vergavam. Para que fora acirá-lo? Teria perdido o juízo?

Sigarr ficou onde estava, com os punhos cerrados e uma expressão quase enlouquecida, a arquejar, impotente para disfarçar o desejo que o assolava. Por fim, desviou o rosto e rosnou com uma urgência implacável:

— Sai daqui, Kelda! Para teu próprio bem... Sai!

Pela primeira vez, apressei-me a obedecer-lhe.

Durante todo o dia, congeminei numa solução para o meu problema. Porém, acabava sempre no ponto de partida. Não tinha outra saída senão engolir o orgulho e fingir que me sujeitava a Halvard. Precisava de tempo... Tempo para descobrir onde Sigarr escondera o meu pai. Tempo para reconquistar a confiança do meu gémeo. Tempo para arrasar com os meus inimigos.

Halvard julgava-se mais inteligente e poderoso do que eu... Pois haveria de comer na minha mão! Graças ao meu gémeo, eu aprendera quão fina era a linha que separava o amor do ódio. Fechava os olhos e só via o seu rosto alucinado; a sua boca a espumar de raiva, enquanto troava ameaças e esmagava o meu crânio contra a pedra do chão, uma e outra e outra vez... Haveria de pagar caro por cada gota de sangue que eu vertera! Teceria a teia da minha vingança com mil cuidados, muita tranquilidade e extrema gentileza, para que o Filho do Dragão nem sequer sonhasse que eu

não me encontrava sob o seu domínio... E, quando ele estivesse tão entrelaçado que lhe fosse impossível escapar, seria a sua vez de provar a minha peçonha!

Para isso, era necessário superar com distinção uma prova árdua: o nosso reencontro. Sigarr garantira-me que trataria de tudo; que eu só teria de agir como se fosse a mais extremosa irmã do mundo. No entanto, não me sentia segura! O feiticeiro já admitira que o pupilo não lhe dedicava o apreço e a obediência de outrora. Se alguma suspeita persistisse no espírito de Halvard, depressa ver-me-ia enrolada na voragem da sua loucura.

A noite já caíra quando me avisaram que o senhor voltara ao palácio e pedia a minha comparência no salão. Foi como reviver o dia da minha chegada: eu, no topo da escadaria, a olhar para Halvard e Sigarr, que conversavam junto ao tanque de pedra verde. Os olhos do feiticeiro a fixarem-me... E o meu gémeo a abrir os braços para me receber.

Respirar fundo. Esvaziar a mente... Que mil ratazanas me trucidassem se eu não fosse capaz de fazer isto!

— Kelda! Minha doce Kelda... — declarava a besta, enquanto me fazia rodopiar nos seus braços. — Estás tão linda! Como te sentes?

Sorrir com os lábios. Sorrir com os olhos. Sorrir com os gestos. Um dia, Halvard... Um dia!

— Nunca me senti tão bem, mano! — exclamei, sorrindo com a voz. — Tive tantas saudades tuas! Mestre Sigarr cuidou de mim. Respondeu às minhas perguntas. Sanou as minhas dúvidas... Mas eu só queria que tu regressasses, para te dizer como estou feliz ao teu lado! Promete que nunca mais nos iremos separar...

— Prometo, querida — respondeu, estreitando-me com ardor. De soslaio, vi o olhar perplexo que dirigia ao feiticeiro. Estava impressionado! A confirmar-se o meu entusiasmo, Sigarr podia gabar-se de me ter domado. Um triunfo magistral, atendendo ao facto de Celsus da Ilha Sagrada e o próprio Halvard terem falhado tal incumbência! O respeito do pupilo pelo mestre consolidava-se.

Melhor assim! Por enquanto, eu precisava de manter Sigarr por perto.

Erebus entrou no salão e estacou como se chocado. Sigarr dissera-lhe que, na noite anterior, eu saíra do seu quarto disposta a dedicar-me de corpo e alma à concretização da profecia. Porém, era óbvio que o «Criador das Trevas» não acreditara na minha conversão. Agora assombrava-se! Seria mesmo possível que Kelda da Montanha Sagrada se tivesse tornado uma serva devota do Filho do Dragão? Querido primo... No fundo do meu coração, sabia que jamais seria capaz de enganar Erebus.

CAPÍTULO 11

— Olha em redor, Kelda. Tudo o que se estende diante dos nossos olhos é meu... E teu, pois tu serás a minha companheira até ao fim dos tempos.

A tarde ia avançada e as sombras começavam a estender-se sobre o deserto. Os nossos cavalos resfolegaram, sedentos e exauridos pelo esforço de nos conduzirem sob o sol escaldante, através de montanhas e vales de areia, até nos quedarmos no topo desta gigantesca duna. Halvard pouco se importaria se os belos animais tombassem... Da mesma forma que não queria saber do império que conquistara, nem tão-pouco dos milhares de vidas que se sustinham no fio cortante das suas deliberações. Nas semanas que passara ao seu lado, eu concluía que o meu gémeo apenas almejava ter a Terra a seus pés para se divertir a espezinhá-la.

Soltei uma exclamação fascinada, alimentando a sua vaidade, ao mesmo tempo que o extasiava com o meu carinho e a minha gratidão. Todavia, por dentro, estrebuchava de raiva. Além de uma aliada, a magia inata que protegia a minha mente das intrusões tornara-se uma verdadeira bênção. Halvard ficaria cego de ódio se suspeitasse que os meus agrados mais não eram do que artimanhas para mantê-lo refreado.

Doía-me pensar que eu era a única culpada pelo meu infortúnio. Tivera nas mãos o ensejo de pôr fim a esta hediondez quando a vida do meu gémeo pendera na lâmina do punhal de Lobo Cinzento... E vacilara! Fraquejara ignominiosamente, por conta da ilusão de que era minha obrigação salvá-lo. Hoje, sabia que Halvard se encontrava para além de qualquer redenção. Nada haveria de deter o seu galope para o abismo. O irmão que eu sonhara resgatar perecera no dia em que fora raptado... Era o Filho do Dragão quem me estreitava contra o peito, soberbo na exibição das suas conquistas.

A lembrança da noite em que ele quase me prostrara impunha-me que suportasse este encargo. Halvard deixara bem claro que, se

tivesse de me matar, assimilaria a minha essência e usaria a minha magia para destruir tudo o que eu prezava. E a combinação dos nossos poderes torná-lo-ia invencível, mesmo antes de concretizar a profecia! Para evitar tamanha calamidade, eu firmara um acordo com Sigarr e enveredara por um trilha sem retorno. Agora, restava-me engolir a revolta de cada vez que tinha de seguir o meu gêmeo e pactuar com as suas atrocidades, refém das suas ordens. Estava perdida, condenada... Aqueles que amava jamais relevariam a traição que se assomava aos seus olhos, mesmo que eu tivesse oportunidade de me justificar. No fim, Lysander haveria de cuspir para o solo ao recordar-se de mim!

Infeliz? Sim... Arrependida? Não! O meu sacrifício haveria de conceder a Viquingues e Aliados o tempo de que necessitavam para organizarem as suas defesas e planearem uma resistência mais sólida. Além disso, desde que chafurdava na satisfação de me ter ao seu dispor, Halvard não tornara a matar um inocente... E, principalmente, não voltara a aproximar-se do Rei da Lua! Disso eu tinha a certeza, porque nunca o perdia de vista.

Sigarr persistia em afiançar que o meu pai estava bem. Continuava sem revelar o local onde o aprisionara, mas, por alguma insana razão, eu confiava que ele cumpria a sua parte do ajuste. Tal como eu, o feiticeiro tinha muito a perder com a loucura do pupilo.

Depois do que acontecera no seu quarto, Sigarr fazia questão de manter um distanciamento gélido. E eu agradecia-lhe por isso! Diante de Halvard, chamava-lhe «mestre» e tratava-o com deferência. Porém, quando estávamos seguros de que ninguém nos escutava, as escassas palavras que trocávamos resumiam-se aos interesses que camuflavam o nosso pacto. Se eu me horrorizara perante o seu ardor, o celerado também não devia ter ficado satisfeito com a exposição da sua vulnerabilidade. Agora, agia como se eu não passasse de uma pirralha incómoda, que ele era obrigado a suportar devido às circunstâncias. Todavia, não se poupava a esforços para assegurar Halvard da minha conversão, garantindo-lhe que eu superava com distinção todos os testes a que me sujeitava.

De facto, pareciam não subsistir suspeições na mente do meu gémeo. Pusera um cavalo à minha disposição, oferecera-me trajes de guerreira e até já permitia que eu empunhasse armas. Ao presentear-me com uma espada, provara que não receava ver-me acometida pela tentação de cortar-lhe o pescoço. E, não obstante a ira, o meu desempenho estava a ser exemplar! Até ao momento, sempre atendera a Halvard com um sorriso nos lábios. Contudo, sem dúvida que o desafio mais difícil que eu tivera de enfrentar fora anuir ao seu pedido, ou melhor, à sua exigência de partilharmos o mesmo quarto.

A primeira noite no seu aposento fora um suplício. Eu tivera de apelar a todo o controlo e a toda a coragem para entrar na cama ensombrada pelo dragão dourado. Coisas grotescas, inomináveis, excruciam-me a mente. Halvard nunca me chamava «irmã», insistia no dislate de que eu estava destinada a ser sua companheira e, agora, pedia-me que dormisse na sua cama?! Seria louco ao ponto de...? E se ousasse...? O que faria eu se ele tentasse...? No entanto, o meu gémeo não se apercebera do meu incómodo ou fingira não enxergá-lo. Desde logo assumira uma postura carinhosa e brincalhona. Se não o conhecesse, até acreditaria que, efetivamente, a minha essência possuía o dom de aplacar o seu instinto destrutivo.

A partir daí, Halvard dispensara as atenções das escravas. Mandara colocar um anteparo no quarto, respeitoso da minha privacidade, e aguardava pacientemente que eu me deitasse. Mal subia para a cama, aninhava a cabeça no meu peito e entregava-se ao sonho. Quem o visse, tão tranquilo e inocente quanto um bebé, jamais acreditaria tratar-se de um guerreiro-feiticeiro marcado por uma maldição. Inclusive, os nossos pais diriam que a nossa cumplicidade era ainda maior do que aquela que partilháramos na infância, quando, a meio da noite, o meu irmão se esgueirava para a minha cama, arremessava a boneca da tia Freya pelo ar e tomava o seu lugar.

De início, eu tivera de recorrer à música do búzio mágico para pacificar o espírito e conseguir adormecer. Era impossível ignorar que aquele quarto presenciara rituais abomináveis... Que o leito que me acolhia fora um altar de luxúria e sacrifício, lágrimas e suor, sémen e sangue. Porém, acabara por prescindir da ajuda da concha, com medo de que Halvard reparasse nela e me roubasse. O búzio era a minha derradeira recordação de uma existência sã e pura; o último dos meus tesouros.

— Ainda achas que sou um monstro, Kelda? — interpelou subitamente, trazendo-me de volta à realidade. As trevas gélidas da noite do deserto cobriam-nos, mas o seu olhar expectante fulgurava como um sol. Rasguei o sorriso de adoração que tanto o comprazia, para que se convencesse de que estava tão deslumbrada com o poder que me oferecia que até já esquecera o que ficara para trás.

— Não, mano. Tu és um grande conquistador... E um valoroso líder! Sinto-me imensamente grata por me teres perdoado. É uma honra desfrutar do teu afeto e partilhar das tuas vitórias.

Halvard soltou uma exclamação deliciada e beijou-me a testa. A sua vaidade favorecia-me: eu tivera forçosamente de sucumbir aos seus encantos porque ele era irresistível! Procurou-me a mão e uniu as cicatrizes que testemunhavam o nosso pacto, antes de volver:

— Eu também estou muito feliz! Enfim, tudo se conjuga... Nada me pode deter! Conquistarei o trono da Terra e reinarei sobre todos os povos... E tu reinarás comigo, Kelda.

— Sim, Halvard...

— E irás amar-me para sempre, tanto quanto eu te amo?

— Sim... Vou amar-te para sempre.

A voz saiu-me embargada de emoção. Afinal, entre tantos fingimentos e mentiras, essa era a única verdade que prevalecia. Por mais incrível e insano que pudesse parecer, o meu coração ferido teimava em estrebuchar contra a razão. Halvard provara ser um demónio... Mas não deixava de ser meu irmão.

* * *

Mal o meu gémeo se convenceu de que recuperara o controlo sobre tudo o que acontecia debaixo do véu obscuro da sua autoridade, retomou o hábito de rumar aos campos de treino, logo pela manhã, a fim de observar o empenho das tropas. Há muito que por ali se debatia a minha conversão à causa do Filho do Dragão, por isso fui recebida com relativo entusiasmo pelos homens que respeitavam o meu nome. Quem não me conhecia demonstrava uma animosidade suspeitosa e mantinha-se à distância. Ainda assim, aqueles que pior reagiram à minha presença foram os guerreiros nativos.

— Não permitas que a sua frieza te arrelie, Kelda — enunciara Halvard. — De início, ficarão melindrados, mas acabarão por te respeitar quando provares a tua destreza no campo de batalha.

Pouco me importava o que aquela gente pensava. Incomodava-me muito mais que o meu irmão sequer devaneasse que me veria a lutar contra o meu povo! Esse era outro assunto que eu teria de discutir com Sigarr...

Halvard ainda não terminara e demandava atenção:

— Nesta terra, as mulheres são educadas para se dedicarem de corpo e alma à satisfação dos homens da sua casa...

Enfim compreendi por que as nativas eram tão esquivas e assustadiças. Até para pisarem a rua tinham de obter autorização dos pais ou dos maridos! Podiam trabalhar, desde que estes consentissem... Porém, aquelas que ousassem mostrar um fio de cabelo por entre as vestes cerradas, ou que caíssem na tentação de abrir a boca para expressar uma opinião, eram severamente castigadas. Achei tudo aquilo grotesco! Ainda bem que a loucura de Halvard não o compelira a sujeitar-me a tais regras... pois, nem que Sigarr surgisse iluminado por uma Entidade divina, haveria argumentos que me convencessem a pactuar com tamanho desconchavo!

— Os guerreiros nativos estão convictos de que a tua presença no acampamento atrai o azar — concluía o meu gémeo, com um sorriso que provava a sua plena desconsideração pelas crenças do território

que ocupara. — Contudo, se alguém te faltar ao respeito, quer seja por gestos ou por palavras, avisa-me imediatamente. Hei de esfolá-lo vivo no centro do terreiro, para que sirva de exemplo aos demais!

Aquiesci, cogitando se o cumprimento dessa promessa não provocaria um tumulto entre os homens. Uma ideia a ponderar... Para já, restava-me orar para que a superstição dos nativos estivesse correta. Seria perfeito se as mais funestas energias do universo se concentrassem sobre a minha cabeça, para que o Exército do Dragão conhecesse uma derrota esmagadora!

Cavalar através do campo de treino era uma excelente forma de espiar o inimigo, ao mesmo tempo que me abstraía da angústia que me esmagava o peito. Ao longe, dir-se-ia estarmos perante um caótico cenário de batalha, tantos os guerreiros e a ferocidade com que se batiam. No entanto, a proximidade impunha a consciência de uma organização assustadoramente eficaz. E de uma força insuperável! Os generais mantinham os subordinados concentrados em duelos que decorriam mesmo sob o sol escaldante. Ainda assim, todos sem exceção prostravam-se em reverência ao primeiro vislumbre do senhor do território.

Dia após dia, fui percebendo por que as ordens do meu irmão eram prontamente atendidas. Ele não se apiedava de ninguém! Por diversas vezes, vi-o desafiar os seus generais e quase desfazê-los... Todavia, se a prestação dos adversários os provasse dignos da sua mercê, entregava-os aos cuidados de Erebus para que sarassem. Assim se justificava o facto de o Filho do Dragão não inspirar apenas o temor mas também o respeito dos guerreiros. Para esses homens rudes e ignorantes, Halvard era como um deus com poder de decisão sobre a vida e a morte. Logo, se o servissem com devoção, seriam recompensados com uma perpetuidade de prazeres e riquezas.

Nessa manhã, Halvard parecia conduzir o seu cavalo com um propósito. Nada disse, mas reparei que se dirigia a um grupo de guerreiros que se agitava em delírio. Para lá da multidão, alguém prestava provas num círculo de combate. Deviam ser figuras

importantes, tamanha a comoção que se gerara! O sobrolho do meu gémeo estava franzido. Desmontou mudo e nem sequer fez sinal para que eu o seguisse. De qualquer modo, não precisava, pois a minha curiosidade flamejava.

Grande parte dos envolvidos eram nativos do território... Não obstante já se terem habituado a ver-me ao lado de Halvard, continuavam a fixar-me com animosidade. Mal me aproximei, afastaram-se como se eu fosse o rosto da própria peste. Não me importei, pois assim enxergava melhor os guerreiros que se batiam. E o meu queixo quase tombou na areia ao deparar com Sigarr.

Demorei um fôlego a reconhecê-lo. O mestre da Arte Obscura, sempre coberto de sedas, brilhantes e bordados, apresentava-se em tronco nu, com calças sebentas e pés descalços. Os longos cabelos dourados estavam atados numa trança, mas pequenos fios colavam-se ao rosto suado e encardido. Aliás, todo o seu corpo estava imundo de tanto tombar na areia. O adversário devia estar a dar-lhe muito trabalho! Porém, ao invés de contrariado pela aparente humilhação que sofria, o azul-celeste do seu olhar resplandecia de satisfação, as faces ruborizavam-se, os lábios sorriam... Sigarr estava a divertir-se!

O guerreiro que o enfrentava era extraordinariamente forte. Numa das suas acometidas, consegui divisar-lhe as feições. A cor da pele e os traços marcantes identificavam-no como um filho deste território. Era tão robusto como as próprias montanhas e o facto de não ser alto tornava a sua musculatura ainda mais descomunal. Tinha um crânio pontiagudo que não revelava vestígios de ter conhecido cabelos. Olhos pequenos e cruéis encavalitavam-se sobre um nariz afilado e um bigode delgado e comprido acentuava-lhe ainda mais a linha ferina dos lábios. Cicatrizes horrendas vincavam-lhe as faces, formando padrões impossíveis de resultarem de um confronto. Tatuagens, sem dúvida! O seu colete e as suas calças estavam surrentos. No entanto, parecia ter comido menos pó do que o feiticeiro.

Espantei-me ainda mais ao inferir que se tratava de uma disputa amigável. Os dois lutavam com as mãos nuas e, apesar da desvantagem, o mestre da Arte Obscura parecia não se dispor a recorrer à magia. Desviou-se de um soco e a multidão soltou um brado extasiado, ante a sua rapidez. Porém, o movimento fê-lo ficar de frente para mim... E o seu assombro ao encarar-me foi tão grande que se esqueceu do adversário. Os olhos azuis ainda se arregalavam quando foi colhido por um murro demolidor, que o arrancou do chão e o projetou para o lado oposto do círculo de combate.

O guerreiro gargalhou. Todavia, o seu riso extinguiu-se perante a causa da distração de Sigarr. Senti-me gelar quando os olhos negros caíram sobre mim, como se o instinto me alertasse para um perigo que a razão era incapaz de apreender. E a sua expressão assumiu um esgar de desprezo, mesmo de repugnância. Eu até adivinhava o que ele estava a pensar: a presença de uma mulher num campo de treino era intolerável... A não ser que estivesse a limpar os dejetos dos homens ou a aguardar a vez de ser violada! Então, o seu olhar terrificante fixou-se em Halvard... E o desdém transformou-se em ódio!

— Mazin... — estrondeou o feiticeiro nas suas costas. — Cumprimenta o teu senhor.

O colosso ficou hirto como se trespassado por uma lança. Em nosso redor, os berros de entusiasmo da multidão esmoreciam, até nos quedarmos no meio de um silêncio arrepiante. Pelos vistos, existia aqui um enigma por desvendar... Tive quase a certeza de que o homem ia atacar Halvard! Porém, embora fosse essa a vontade que os olhos negros denunciavam, acabou por inclinar-se numa vénia. A sua respiração fazia-se em sopros estrangulados, como se a sujeição lhe destroçasse o orgulho. Obviamente, no que a este guerreiro concernia, mestre e pupilo não partilhavam da mesma opinião.

O meu irmão dispensou as cortesias com um gesto sobranceiro. De imediato, Sigarr ordenou, como se para evitar um confronto:

— Podes ir treinar os teus homens, Mazin... — E acrescentou, cedendo um leve sorriso: — Foi uma boa luta!

O homem reverenciou-o, mas, desta feita, com sincera dedicação. Halvard esperou que ele se afastasse para controverter, desgostoso:

— Se desejavas exercitar-te, mestre, podias ter solicitado a minha companhia. Não devias desperdiçar assim o teu talento...

Falava como se Mazin fosse um homem fraco, sem a mínima destreza. Aquele guerreiro tirava-o do sério! Ciúmes? Halvard ressentia-se da atenção que o mestre dispensara ao nativo?

Sigarr levou a mão ao lábio e limpou o fio de sangue que lhe escorria pelo queixo. A perfeição leitosa da sua pele estava arruinada, repleta de mossas e arranhões. Por momentos, deixara de ser o feiticeiro etéreo e gélido que tanta repulsa me causava. Parecia mesmo um guerreiro... Parecia um homem!

— Sabes que não treino há muito, Halvard — justificou-se, gesticulando para dispersar a multidão. — Até recuperar a forma, não quero aborrecer-te com as minhas falhas.

— Falhas? — escarneceu o pupilo. — O mestre dos mestres está enferrujado?

A provocação fez Sigarr sorrir, antes de ripostar:

— Sossega. Não demorarei a tomar-lhe o jeito.

Ia despedir-se, mas Halvard deteve-o:

— Porque não treinas com Kelda? Há muito que ela também não se exercita.

O feiticeiro quase tropeçou. Tentou disfarçar o sobressalto, objetando:

— Não me parece boa ideia...

— Pelo contrário — dei por mim a contraditar. — É uma ótima ideia! — E desembainhei a espada, rematando: — Será uma honra aprender o que o mestre dos mestres tem para me ensinar.

Esta era uma excelente oportunidade de ver Sigarr em ação; de assimilar a sua técnica, os seus truques e as suas manhas, ao mesmo tempo que desvendava as suas fraquezas. E não tencionava perdê-la!

O olhar celeste estreitou-se e, por instantes, achei que recusaria o desafio. Ainda retrucou:

— Tu queres bater-te comigo, Kelda? Agora?

Sacudi os ombros e repliquei:

— Estamos dentro de um círculo de combate, não estamos... mestre?

Ele assoprou o ar, despeitado, e estendeu o braço. Prontamente, um dos guardas que o acompanhavam arremessou-lhe a sua espada. Halvard ria, entusiasmado com o que previa ser um momento de diversão.

— Até à sujeição... — trincou o feiticeiro, com um olhar álgido. — E sem recurso à magia.

— Porque é que eu não posso usar a magia? — protestei, franzindo o sobrolho com estranheza.

— Porque sou eu que dito as regras! — firmou o mestre da Arte Obscura. E atacou.

Ergui a espada para deter o ímpeto do feiticeiro. A violência do embate quase me arrancou os pés do chão. Esperava que ele me desse tempo para respirar, mas já investia contra as minhas pernas. Defendi-me com eficácia e voltei a afastá-lo do pescoço... Sigarr não estava com rodeios! Melhor assim, porque eu também não estava para brincadeiras!

As nossas armas cruzaram-se ao nível da cabeça, das costelas, das ancas, das coxas, da garganta... Sustive a espada na horizontal, sobre o crânio, e a lâmina de Sigarr acertou-lhe no centro, arrancando-lhe faíscas que quase me ofuscaram. Gritei com a fúria acesa; toda a frustração contida nas últimas semanas estalejava-me na mente, incendiava-me o peito, explodia-me no ventre. E ele respondeu com dobrado ardor, obrigando-me a arrastar os pés e a recuar sobre a areia, sem me dar a menor possibilidade de contra-atacar.

Eu estava a ser empurrada até ao limite do círculo... Se assentasse um pé fora da linha desenhada a preto sobre a areia, a

derrota seria imediata! Nesse ínfimo lapso de tempo, imaginei ser essa a intenção do meu émulo: vencer-me sem ter de molhar a testa. Enchi o peito de ar, bloqueei a sua espada e torci as nossas lâminas. Surpreendido, Sigarr praguejou e apressou-se a corrigir a postura. Porém, esse breve desequilíbrio permitiu-me superar a sua força, rodar o tronco... E, de repente, eram os pés do feiticeiro que pisavam a linha negra.

O olhar celeste trespassou o meu, num aviso. Sustentei-o com arrojo, os dentes cerrados e o suor a escorrer pelas faces em chamas. Não transpirava de cansaço... Transpirava de raiva! Algures, no calor da contenda, esquecera o acordo selado com Sigarr. A única imagem que me preenchia a mente era a do algoz da minha família, finalmente à mercê da minha vingança. O que aconteceria se eu o matasse? Depois de todo o mal que o feiticeiro nos fizera, vencê-lo num duelo seria uma fraca recompensa... Bradei assanhada, decidida a tirar proveito da vantagem. Ergui uma perna e arremessei o pé, qual aríete, pronta a esmagar o seu baixo-ventre. Todavia, foi a sua vez de se esquivar... E, antes que a minha mente assimilasse o malogro da acometida, já o seu pé se enredava na perna que suportava o meu peso, roubando-me o chão.

De repente, o mundo virou-se ao contrário. Despenhei-me contra a areia e a espada seguiu-me, mas um pontapé arrebatou-me dos dedos. Vi-a voar para longe, enquanto o rugido do mestre da Arte Obscura me feria os ouvidos, incendiado de desprezo:

— Vós, guerreiras, sois todas iguais! Reclamais ser grandes lutadoras mas, no fim, recorreis sempre ao mesmo golpe! Tamanha falta de imaginação é imperdoável...

Escutei o assobio da lâmina, antes de o Sol transformar o ferro num raio ardente, disposto a dilacerar-me o peito. Rebolei no solo, uma e outra vez, com a arma do feiticeiro a rasgar a areia no meu encalço. A minha espada estava ao alcance... Deitei-lhe a mão, gritando triunfante, e pus-me de pé com um salto, ciente de que Sigarr se encontrava colado a mim. Inclinar-se para agarrar-me a túnica, mas, mais uma vez, falhara a investida. Usei o impulso das

pernas para me lançar pelo ar, sobre o seu corpo. As minhas costas esmagaram-se contra as suas, oferecendo apoio para os meus pés rodopiarem sobre o seu tronco. E aterrei no lado oposto, pronta a atacar.

Sigarr virara-se para me arrostar, com o cenho franzido de assombro ante a minha rapidez. Com que então, falta de imaginação? Eu ia mostrar-lhe quem era Kelda da Montanha Sagrada! O braço com que ele empunhava a arma ainda seguia o movimento do corpo e o seu peito estava exposto. Num ápice apreendeu a minha intenção e quis esquivar-se, pulando para trás. Todavia, a minha espada já cortava o ar... E a lâmina sedenta rasgou a carne e bebeu sangue. Com mil ratazanas extasiadas, este era um dos momentos mais gloriosos da minha existência!

Por entre o arroubo que me sublimava os sentidos, apercebi-me da exclamação perplexa de Halvard... E dos urros de uma multidão exaltada. Cambaleei de pasmo ao constatar que dezenas de guerreiros tinham acorrido para assistir ao duelo, acotovelando-se do lado de fora do círculo. Sigarr não soltara um gemido, mas fixava-me com olhos ígneos. A sua mão cobria o ventre e o sangue jorrava-lhe por entre os dedos, encharcando as calças e pingando para a areia. Ainda assim, o golpe não era tão fundo que lhe revelasse as tripas... O pensamento foi como um pote de água gelada, arremessada às minhas ventas. Eu não podia matar Sigarr!

Então, o feiticeiro moveu os lábios, para que eu o compreendesse sem que a sua voz atingisse os ouvidos de Halvard:

«Isso foi um erro, criatura néscia!»

Investiu com toda a garra. E eu repeli-o como pude, tomada de surpresa. Desta feita, foi ele quem bloqueou as espadas. Tentei contrariar a sua força e concentrei-me demasiado nas armas. Desacerto fatal! Sigarr farejou uma brecha na minha defesa e projetou o braço contra o meu rosto, num bofetão que me fez recuar vários passos, antes de me estatelar com o traseiro no solo.

Levei a mão aos lábios, sentindo o sangue inundar-me a boca. A carne sensível ficara desfeita... Pelo menos, não perdera nenhum

dente! Defrontei-o, tentando superar a dor que me punha a cabeça a latejar. E Sigarr voltou a esboçar palavras mudas:

«Para de resistir, fedelha estulta! Não te quero magoar!»

Mal me refizera da vertigem, já arremetia contra mim. Mesmo sentada, atalhei a veemência da sua espada. Dobrei as pernas e finquei-lhe os pés na barriga, para projetá-lo para longe. Depois, sustive-me... Mas foi impossível recuperar o fôlego! A lâmina do feiticeiro exigia desforra.

Batemo-nos com uma exaltação brutal, como se as nossas vidas pendessem do resultado da contenda. Os berros entusiasmados dos guerreiros ribombavam-me dentro da cabeça. E ia jurar que escutava a respiração ofegosa de Halvard, ardente de excitação! A sua essência extraía alimento do cansaço, do medo, da dor...

— Rende-te, Kelda... — rosnou Sigarr, prendendo-me junto ao seu corpo.

Afastei-o com um empurrão, rugindo:

— Nunca!

«Não me deixas escolha.»

De repente, estava por toda a parte, tão rápido que era quase impossível enxergá-lo. Contrariei os sucessivos ataques com extrema dificuldade... Como é que, num piscar de olhos, a sua perícia guerreira superava largamente a minha? Então, vi as chamas no seu olhar... O feiticeiro socorria-se do seu poder! Violava as regras que ele próprio estabelecera!

— Seu embusteiro... — comecei. Porém, não tive tempo de cuspir a acusação. Uma nova bofetada fez-me cambalear. Um pontapé na coxa prostrou-me na areia. A espada voltou a escapar-me e rolou para lá da linha negra... Nenhum guerreiro me devolveria, por isso estiquei a mão, decidida a resgatá-la com magia. Contudo, Sigarr saltou sobre as minhas costas e prendeu-me entre as suas pernas, como se tencionasse partir-me pelo meio. Sem cerimónias, agarrou-me num punhado de cabelos e puxou-me a cabeça para trás, expondo a garganta... E eu senti na pele a mordida cortante do ferro.

— Acabou! — resmoneou junto do meu ouvido. — Não faças nenhuma tolice!

— Não seríeis capaz... — mastiguei a custo, com profundo vilipêndio.

— De te ferir? — completou, acerbo. — Ou de te matar? Tenho de te recordar que foste tu quem iniciou as hostilidades?

— Muito bem, Kelda! — exclamou Halvard, sobrepondo-se aos berros da multidão e pondo fim à querela. — Estou orgulhoso de ti! Providenciaste-nos um bom espetáculo!

Num ápice, Sigarr soltava-me e recuava. As botas do meu gêmeo surgiram diante do meu nariz e a sua mão esticou-se para me ajudar a suster. A minha vontade foi dar-lhe um safanão. Porém, a razão sobrepôs-se ao ardor da ira, enquanto o sangue descia e a cabeça arrefecia. Halvard puxou-me contra o peito e estreitou-me possessivamente. Os seus olhos cintilavam e o sorriso roçava-lhe as orelhas ao requestar:

— Mestre, tens de concordar que Kelda lutou bem!

— Provou algum valor... — detraiu o feiticeiro.

O seu despreço reacendeu a minha ira. Rangi os dentes para não lhe cuspir nas fuças. E moí, exasperada:

— Só me vencestes porque quebrastes as regras...

— Regras? — atalhou o infame, fulminando-me com o olhar. — Quando empunhas uma arma, num círculo de combate ou num campo de batalha, o teu único objetivo deve ser suplantar o inimigo. Espero que esta derrota te sirva de lição... Nunca te sujeites às regras dos teus adversários, pois, a qualquer momento, elas podem mudar.

— Jamais mudariam se o adversário fosse um homem de honra! — porfiei... E, de imediato, senti o corpo de Halvard empedernir-se. Engoli em seco, gelando de dentro para fora. Esquecera-me completamente da necessidade de simular uma submissão absoluta! Um descuido tão grosseiro podia ter deitado por terra semanas de sacrifício...

— De que te serviria a honra se estivesses morta? — controverteu Sigarr, mordaz. — É bom que abras os olhos se queres vencer os combates que tens pela frente!

A sua premência fez-me despertar. Apesar de eu quase o ter esventrado, o feiticeiro insistia em proteger-me. Inclusive, ignorava a minha afronta na tentativa de afastar Halvard da verdade. Aflita, agarrei-me à oportunidade que ele me oferecia como a uma tábua de salvação:

— Eu aprendi a lição, mestre! O código de honra do inimigo torna-o fraco... Por isso, o Filho do Dragão há de reinar!

Ao ouvir estas palavras, a rigidez do meu gémeo atenuou-se. Sacudiu-me entre os seus braços e retrucou com uma gargalhada:

— Vês, mestre? Kelda é uma boa aluna!

— Talvez... — resmungou Sigarr, impaciente e recriminador. — Mas tem muito que aprender...

— E será que o mestre dos mestres me pode ensinar?

Halvard ficou-se, pasmado. O feiticeiro franziu o sobrolho. E eu engoli em seco, mal acreditando que tal pedido saltara dos meus lábios.

Ser treinada por Sigarr... Estava a arriscar muito. Talvez demasiado! Porém, a ideia surgira na minha mente, qual raio, e o instinto abraçara-a sem hesitação. Agora, a cada batida de coração, parecia-me mais brilhante! A orientação do feiticeiro deixar-me-ia livre da sombra opressora do meu irmão durante parte do dia... Além disso, o mestre da Arte Obscura ensinara a Halvard e a Erebus tudo o que eles sabiam. Se me desvendasse os mesmos segredos, tornar-me-ia não só mais forte como ficaria apta a defender-me, se o meu gémeo voltasse a ser acometido por um ataque de loucura e resolvesse atentar contra a minha vida.

Fixei Sigarr com um olhar reconciliador, numa súplica para que anuísse. Porém, ele devolveu-me um olhar contundido e zangado. O corte no seu ventre não parava de sangrar. Devia doer-lhe bastante... Não iria perdoar facilmente a minha desfeita! E deixou-o claro ao contestar com uma rispidez azeda:

— O meu tempo é demasiado precioso para desperdiçá-lo com uma fedelha inepta!

Dito isso, virou costas e afastou-se. Fiquei a vê-lo misturar-se com os guerreiros, sentindo um nó na garganta. O feiticeiro estava a castigar-me! Eu quebrara o nosso acordo... E recebia o troco! Fui percorrida por um calafrio quando Halvard objetou, demandando a minha atenção:

— Não te deixes melindrar pela acerbidade de mestre Sigarr. Ele estava habituado a ter-me constantemente ao seu lado, por isso ressentia-se do tempo que passo contigo...

O meu irmão achava que Sigarr reagira assim por ciúmes, devido à nossa proximidade? E porque é que tal me surpreendia? Afinal, o Filho do Dragão estava convencido de que o mundo girava à sua volta! Prendi o fôlego quando continuou:

— E não te arrelies com a sua recusa em adestrar-te. Se necessitas de praticar, treinarás comigo. Eu suprirei as falhas da preparação que recebeste! Quando fores chamada a combater, quero que estejas apta a derrubar o mais forte dos nossos inimigos.

Tentei sorrir, ciente de que devia agradecer-lhe. Porém, fui incapaz de levantar os olhos do chão. Como pudera ser tão estúpida? Deixara-me embriagar pela soberba e, no fim, tudo o que conseguira fora enterrar-me até ao pescoço no lodo pútrido da vassalagem ao Filho do Dragão. Porque não dera ouvidos a Sigarr? Agora, para além de ter ficado ainda mais presa a Halvard, teria de me humilhar diante do feiticeiro para regressar às suas boas graças. Com mil ratazanas extenuadas, este não estava a ser um bom dia!

Não me restava muito tempo. Halvard estava a terminar de se arranjar para jantar e eu tinha de falar com Sigarr, antes que ele descesse.

Felizmente, quando entrei no salão o feiticeiro já lá se encontrava, junto às enormes portadas, com os olhos fixos no jardim. Voltara a trajar a rigor, com uma túnica de seda amarela, bordada a verde e prata. Fez de conta que não dava por mim. Mesmo quando me

quedei ao seu lado, continuou a ignorar-me. O homem que eu vislumbrara nessa tarde, corado de satisfação, fora tragado pela crueza gélida do feiticeiro... E, por alguma estranha razão, incomodava-me pensar que a culpa era minha!

— Sigarr... — titubeei hesitante. — Peço desculpa...

Ele bufou e ripostou, implacável:

— A fedelha néscia teve um laivo de clarividência? Ou está apenas a obsequiar-me, para que eu não a entregue ao julgamento do Filho do Dragão? — Mirou-me de esguelha e mastigou, desdenhoso: — Era isso que eu devia fazer! Mas o que é que me passou pela cabeça para acreditar que podia contar com a ajuda de uma pirralha destrambelhada, convencida de que é a melhor criatura que os deuses puseram ao cimo da Terra? — De repente arrostou-me, rosnando com ardor: — Sabes quantas vezes já te salvei o couro, sua cavalgadura? E, na primeira oportunidade, agradeces-me com um coice!

Como era possível que Sigarr se sentisse tão magoado e ofendido? Estaria a sobrevalorizar o incidente, para forçar-me a rastejar em busca do seu perdão? Por mais que me custasse, não me restava outra opção senão fazer-lhe a vontade:

— Já pedi desculpa — enunciei humildemente. — Não tive intenção...

— Tiveste! — contestou, acusador. — Fizeste exatamente o que desejavas, sem te lembrares de que estavas a ser avaliada pelo teu irmão! Puseste as questões que nos dividem à frente do acordo que estabelecemos para o bem comum. Ao menos, tem a decência de admiti-lo!

Decência? Mas quem era Sigarr para se achar no direito de me dar lições de moral? Mais uma vez, engoli o orgulho e retorqui gravemente:

— Não tornará a acontecer...

— Pois não! — rebateu, gélido como um glaciar. — Estás por tua conta.

E virou-se como se disposto a abandonar o salão. Precipitei-me atrás dele, chamando o seu nome. Como não se deteve, agarrei-o por um braço. Então, vi-o vergar-se de dor e mal contive um grito ao verificar que a sua túnica se manchava de vermelho. O golpe continuava a sangrar? Mas... Como era possível?

— Sigarr... — ofeguei. — Porque não evocais o vosso poder para sarar?

— Isso é assunto meu! — retrucou com maus modos, tentando repelir-me.

Teimei em ampará-lo, certa de que ele tombaria de nariz no chão se eu o soltasse de imediato. A proximidade revelou-me o quanto estava febril... Isto não devia suceder a um feiticeiro! Será que Sigarr não podia socorrer-se da sua energia curativa por algum motivo? Se assim fosse, alguém tinha de ajudá-lo! Erebus... Raios, não era Erebus quem aqui estava! Era eu!

— Deixai-me ver...

— Não!

— Não me custa nada...

— Não, Kelda! Já disse que não!

Empurrou-me com tamanha convicção que conseguiu libertar-se. Cambaleei, assolada pela confusão, enquanto ele se apoiava numa das colunas para se suste de pé. Vi-o engolir a custo e fugir do meu olhar... Com mil ratazanas alouçadas, o que pretendia Sigarr afinal?

— Usastes magia para fazer batota, mas não podeis invocá-la para curar uma ferida? — fremi, exasperada. — Quereis definhar à minha frente para que eu me sinta culpada...?

— Como se te afligisses por mim! — resmoneou. Depois, mordeu o lábio, visivelmente arreliado com o desabafo. E eu estaquei, abestalhada. Sigarr só podia estar a delirar com a febre! Que lhe importava o meu cuidado? Não tive tempo para me recompor da surpresa, pois ele defrontou-me e exclamou, numa voz que denunciava esforço para não quebrar com a dor:

— Foste tu que me obrigaste a fazer batota, fedelha intragável! Fartei-me de chamar-te à razão... Mas estavas alucinada! Recorrer à

magia foi a única forma de te deter. Preferias que tivesse correspondido às tuas provocações e acabasse por te magoar?

Empinei o nariz e ripostei, sobranceira:

— Para isso, teríeis de me suplantar...

— Tu não me conheces, Kelda! — atalhou, minaz. — Nem te conheces a ti própria! Pensas que és imbatível... Porém, o teu descontrolo roçou o ridículo!

Encaminhou-se para a porta e, desta vez, eu estava demasiado trémula para detê-lo. De súbito, quedou-se. E virou-se devagar, com o braço a comprimir o ventre.

— Um último aviso, sua minhoca cega... — mastigou secamente. — Não foi à toa que determinei que lutássemos sem recorrer à magia. Halvard está ansioso por descobrir a real dimensão do teu poder e não olhará a meios para obter uma resposta. Por isso se ofereceu para te treinar... Torna a perder a cabeça, por conta das suas armadilhas, e não existirão argumentos que o desviem da verdade.

Dito isso, saiu e já não regressou ao salão. Apesar de furiosa, consegui recuperar a compostura antes de Halvard e Erebus chegarem. Durante o jantar, nenhum deles mencionou a ausência do mestre. E decidi que o melhor a fazer era apagar as chamas da fogueira que o feiticeiro acendera nas minhas entranhas. A ira não era boa conselheira! No dia seguinte, mais tranquila, voltaria a procurá-lo para esclarecer as questões que pendiam entre nós.

Porém, a manhã reservava-me um novo desassossego. Sigarr regressara à Ilha Sagrada, logo após a nossa altercação. E, segundo constava, pretendia ficar algum tempo por lá.

CAPÍTULO 12

Na cabana dos meus avós, protegida pela aura de uma floresta encantada, eu desfrutava finalmente de um pouco de paz. Pequena acabara de servir o seu chá de ervas doces e Lobo Cinzento elogiava-a, num tom pejado de ternura. Sorri ao vê-la corar de satisfação e fechei os olhos para apreciar o sabor divinal que nem a perfeição da Ilha Sagrada seria capaz de imitar. Sabia que estava a sonhar... E morria de medo de que algo perturbasse o meu sonho e me fizesse despertar.

A feiticeira Catelyn sentou-se ao meu lado e apertou-me a mão. Abri os olhos devagar, inspirando um fôlego de contentamento. Seria tão bom se eu nunca mais tivesse de enfrentar a realidade que me destroçava a alma! Às vezes, só desejava morrer... Porém, reprimia-me a certeza de que a morte me reservava suplícios ainda mais abomináveis, enclausurada nas trevas pútridas da essência de Halvard.

— Tens de reagir, Kelda — incentivou o avô Throst. — Não podes resignar-te!

— Lobo Cinzento tem razão — apoiou a avó Catelyn. — Enquanto vives este impasse, retira uma lição de cada dia. Os trilhos que percorres são tortuosos, mas não percas a esperança... Mantém-te fiel a ti própria e encontrarás o caminho correto.

Forcei um sorriso triste e ripostei, embalada pelo crepitar da lareira:

— Gostava de acreditar que tudo vai terminar bem... A sério que gostava!

Pequena afagou-me os dedos e replicou:

— Estamos cientes do teu desânimo, querida... Por isso, preparámos-te uma surpresa!

— Uma surpresa? — indaguei, mais receosa do que contente. Só esperava que nenhum sobressalto estragasse a harmonia deste sonho.

— Sim — insistiu a minha avó. — Diz-me, qual é o maior anseio do teu coração?

Eu nem precisava de ponderar para responder:

— Voltar a ver Lysander...

— Então, não o faças esperar! — ripostou ela com um grande sorriso, apontando para a porta.

— O quê? — ofeguei, com os olhos arregalados. O meu avô também sorria e imitava o gesto da amada. Como eu ainda hesitava, incrédula, firmou:

— Vai! Não percas tempo!

Corri para a porta... E descobri que a floresta cerrada se transformara numa clareira, rasgada por um pequeno ribeiro de águas calmas. Porém, o meu maior assombro foi divisar o homem sentado na margem, alto e robusto, vestido de negro, com um manto de cabelos onde a seda preta se misturava com a seda prata.

— Lys...? — titubeei, com as pernas a bambolearem de emoção. E, quando me convenci de que ele estava mesmo à minha frente, gritei: — Lysander!

O príncipe da Gente Bela susteve-se com um salto, abrindo os braços para me receber... E eu estreitei-o com quanta força tinha, para ter a certeza de que não se iria esfumar.

— Menina-feiticeira... — sussurrou. — Tive tanto medo de que não viesses!

— Meu amor — soluzei, arroubada pela felicidade. — Preciso tanto de ti...

— Não chores, Kelda — apaziguou-me. — Por mais terra e mar que nos separe, podemos ficar juntos, unidos pelos nossos sonhos.

— Nós estamos a partilhar um sonho? — questioneei, aturdida, buscando o olhar azul estrelado.

— Sim — confirmou, entusiasmado. — E, agora que descobri as leis que regem este encantamento, havemos de fazê-lo muitas vezes! Só tens de abrir a tua mente e deixar-me entrar.

Os nossos lábios fundiram-se, sôfregos de paixão. Por momentos, esqueci tudo e entreguei-me ao vigor dos seus braços, ao calor do

seu corpo, ao mel dos seus beijos. Então, o ribombar de um trovão fustigou-me a consciência... Lysander também ouviu e fixou o céu com estranheza. Nuvens negras como carvão cavalgavam na nossa direção, engolindo a claridade do dia.

— Temos de procurar um abrigo — urgiu, prendendo-me contra o peito para me proteger. — Vem aí uma tempestade.

O meu coração disparou a galope, o estômago contraiu-se e os dentes começaram a tinir, ao defrontar-me com o perigo que nos ameaçava.

— Não é uma tempestade — entaramelei. — É o Filho do Dragão!

Desatei aos gritos, incapaz de refrear o pavor que me consumia. E um raio incandescente desceu sobre mim, prostrando-me na escuridão.

Abri os olhos, horrorizada, com o fôlego preso na garganta. Enquanto lutava para respirar, deparei com as chamas trémulas das velas que iluminavam o maldito quarto onde era forçada a dormir. Sobre a minha cabeça sustinha-se a estátua dourada do abominável dragão... E Halvard sentava-se ao meu lado, na cama; puxava-me contra o peito e murmurava:

— Acalma-te, querida... Está tudo bem! Foi só um pesadelo!

Sim... Ou melhor, um sonho magnífico que a sua aparição convertera num pesadelo! Teria sido por mero acaso? Não! Ainda que tentasse disfarçá-lo, a voz do meu gémeo soara ríspida. De alguma forma, devia ter-se apercebido de uma alteração nas energias que me sustentavam e, vendo-me profundamente adormecida, completamente descontraída, tentara um novo assalto à minha mente. Porém, mais uma vez, falhara! E disso eu tinha a certeza! Se Halvard tivesse vislumbrado um fio do cabelo de Lysander, estaria a sangrar-me, não a embalar-me. No entanto, as sombras que projetara sobre a minha consciência provavam que algumas das minhas defesas tinham sido, efetivamente, derrubadas.

— O que foi que tu sonhaste que te assustou tanto? — indagou, alicerçando a minha suspeita de que estava muito desconfiado.

O que fazer quando a mentira era perigosa e a verdade impossível de expressar? Enchi o peito de ar e reuni coragem para me afundar no seu calor, replicando:

— Sonhava com fantasmas do passado... Com o mundo ao qual renunciei e que teima em assombrar-me, como uma maldição! Por favor, abraça-me com força... Não permitas que me levem para longe de ti!

Ele soltou um ronco quase selvagem e asseverou:

— Jamais, Kelda! O Sol há de apagar-se muito antes de isso acontecer!

O pior era que eu estava convicta de que assim seria!

Rever Lysander fora maravilhoso... Porém, não voltaria a fruir desse prazer. A partir de hoje, teria de me manter vigilante mesmo durante o sono. Por mais que me doesse, não podia tornar a abrir as portas da mente ao príncipe da Gente Bela... Ou corria o risco de acordar com o punhal de Lobo Cinzento enterrado na garganta.

A tarde exauria-se e a luz principiava a desvanecer-se no deserto. No salão nobre do palácio, as sombras moviam-se vagarosas sobre o chão, acariciando as paredes, ofuscando o brilho do ouro e apagando o esplendor das gemas. O som forte e borbulhante da cascata era a única coisa que alimentava a minha sanidade... Só queria que este infausto dia terminasse! Desde que Sigarr partira, há quase três semanas, nunca me sentira tão perto de atirar a máscara de submissão pelo ar e saltar sobre Halvard... Apetecia-me desfazê-lo! Com mil dejetos de ratazanas, por que raio me continha? Então, pela milésima vez, a voz da consciência ripostou com severidade:

«Porque não conseguirás prostrá-lo! Ele há de matar-te, assimilar a tua essência e tornar-se invencível...»

— Pelo bafo do dragão, o que é que se passa com Kelda? — rosnava o meu irmão para Erebus, julgando-me inanimada. — Olha para aquilo... Um simples toque e ficou estendida!

Um simples toque? A besta acabara de esmagar um escudo contra a minha cara! Eu mal podia respirar, com tanto sangue a

escorrer do nariz. Por mim chegava! Se me fingisse desmaiada, ele haveria de me deixar em paz.

— Eu já a vi combater como uma fera enfurecida — continuava, irritado. — Sei que é capaz de muito mais do que essas defesas frouxas e ataques ridículos! Algo está errado... Porque é que, de repente, ficou tão desajeitada? E a sua magia...? Ainda não nos mostrou nada de excepcional! Se o seu poder é assim tão miserável, como foi que suplantou Deimos?

— Mestre dominar mente Kelda — congeminou Erebus. — Talvez prejudicar destreza! Kelda nova diferente Kelda antiga.

— Custa-me a acreditar — mastigou Halvard, impaciente. — Ela provou estar em boa forma, cheia de garra, quando enfrentou mestre Sigarr. Agora, parece ficar mais lerda a cada dia!

«Grunhe o que quiseres, animal!», rugi em pensamento. «Por hoje, a minha tortura acabou!»

— Tenho de reabilitá-la! — rematava, com acérrima convicção. — Não posso admitir que perca o vigor, pois não conseguirei olhar por ela no campo de batalha. A partir de amanhã, duplicarei o tempo e o rigor do treino... Se estiver a armar-se em preguiçosa, hei de fazê-la suar sangue!

Não me faltava mais nada! Desde que forçara o meu duelo com Sigarr, o meu irmão tomara a peito a missão de me treinar. Porém, eu era incapaz de empunhar uma arma sem que o alerta do feiticeiro me causasse calafrios. Dentro do razoável, decidira reprimir-me para não desvendar demasiado as minhas capacidades. Achara que Halvard não me consideraria uma ameaça se o convencesse de que a minha reputação de guerreira feroz era exagerada. Com um pouco de sorte, talvez até me dispensasse de lutar no Exército do Dragão! A artimanha resultara durante alguns dias... Contudo, a paciência do meu gémeo estava a esgotar-se.

— Erebus treinar Halvard — ofereceu-se o «Criador das Trevas», tentando livrar-me da sua atenção. E resultou, pois o primo aquiesceu.

A implacabilidade de Halvard já poucos segredos me ocultava. Por isso, não me surpreendera ao constatar que ele se recusava terminantemente a usar armas de madeira quando se exercitava. Nem sequer admitia manejar uma espada que estivesse resguardada pela bainha, a fim de evitar sofrer ou infligir ferimentos graves. Com uma altivez arrogante, declarava que só os fracos necessitavam de se socorrer de tais subterfúgios para proteger a pele. E os fracos estavam condenados a morrer no campo de batalha.

Após o seu ataque, eu tombara toda torcida e os meus músculos começavam a doer. No entanto, continuei queda e muda, receosa de que ele voltasse a cair-me em cima, mal me visse o branco do olho. Ainda assim, apercebia-me do calor dos dois corpos que corriam através do salão, saltando sobre o tanque e as pedras da cascata. O ar preenchia-se com brados exaltados e a estridência das espadas e dos escudos. O combate estava a ser renhido... Porém, o seu desfecho era previsível. Embora Erebus fosse um guerreiro de excelsa perícia, Halvard era imbatível.

Não obstante os tormentos que eu já sofrera, as últimas semanas tinham sido profícuas. Lutar contra o meu irmão ensinara-me bastante acerca da sua técnica, robustez e agilidade. As informações que recolhera estavam guardadas na minha essência e «talvez» me viessem a ser úteis, na eventualidade de um confronto. Sim, apenas «talvez»! Apesar de eu não estar a fazer uso da maior parte das minhas habilidades, reconhecia que Halvard era muito mais forte... Aliás, depois de observá-los em ação, até Erebus se assomava mais capaz. Numa luta de vida ou de morte, superar-me-iam sem dificuldade! E o segredo da sua força ocultava-se sob o véu da magia negra.

No passado, a minha família enfrentara e vencera poderosos mestres da Arte Obscura. Eu duvidava ser capaz de fazê-lo! Sempre que Halvard e Erebus libertavam todo o seu ímpeto, na veemência do treino, via-os executar proezas que iam para além dos meus sonhos mais audazes. Todavia, não conseguia desvendar esses enigmas, como se, para interiorizá-los, me faltasse um degrau

imprescindível na escadaria do conhecimento. E tal não deveria suceder! Lysander adestrara-me para que eu dominasse a magia negra... Ou não?

Uma questão agigantava-se no topo da minha montanha de angústias, originando uma suspeita cruel. E se o meu mestre não me tivesse ensinado todas as regras e ardis da Arte maldita? Não... Ele não faria tal coisa! Porque correria o risco de me deixar em desvantagem perante o inimigo? Talvez as técnicas dos pupilos de Sigarr resultassem de sortilégios que Lysander desconhecia... Continuar atenta era a única coisa a fazer! Não podia expressar tais dúvidas sem denunciar tudo aquilo que tanto me esforçava por esconder.

De repente, Erebus guinchou... E continuou a assobiar em agonia, uma e outra vez; o som agudo rivalizando com o eco grave das gargalhadas vitoriosas de Halvard. Mesmo de olhos fechados, eu sabia o que estava a acontecer. Sempre que o primo falhava ou vacilava, o meu irmão excedia-se. E o confronto amigável depressa descambava para uma carnificina.

O facto de o «Criador das Trevas» ser muito resistente permitia que Halvard fosse «criativo» nos golpes que aplicava. A sua espada varava, rasgava, retalhava... Todavia, apesar de Erebus possuir uma prodigiosa capacidade de sarar, não significava que não sentisse dor! No início, eu pensara que o meu gémeo se esquecia disso, tomado pelo entusiasmo. Entretanto, desenganara-me! Halvard tornara-se uma máquina de guerra, construída para matar sem piedade. O sofrimento alheio pouco lhe importava, desde que, no fim dos exercícios, ficasse satisfeito com os progressos que alcançara.

Ao último silvo de Erebus seguiu-se o estrondo do seu corpo a tombar no tanque. Imaginei a água a tingir-se de sangue e tive vontade de correr em seu auxílio. Pressionei a língua contra o céu da boca e obriguei-me a ficar quieta. Sempre que acudia ao meu primo, ele mostrava-se ofendido, como se aceitar ajuda o inferiorizasse enquanto guerreiro. A amizade que florescera entre nós parecia definhar... Pensando bem, poucas tinham sido as palavras que

trocáramos desde a malfadada noite que mudara a minha existência. Sem dúvida, a forma como o «Criador das Trevas» me encarava não era igual! Os olhos negros raramente fixavam os meus e, quando o faziam, denunciavam emoções profundas, impossíveis de interpretar. Ressentimento? Pesar? Inveja por eu estar a roubar-lhe as atenções de Halvard? Ou receio pelo meu destino, ao julgar-me refém da vontade do Filho do Dragão?

— Halvard... — troou subitamente uma voz, perturbando as energias do salão e arrepiando-me os pelos da nuca. — O que é que tu estás a fazer, fedelho desmiolado?

O coração quase me saltou pela boca, tal o sobressalto. Sigarr voltara da Ilha Sagrada?

Era tempo de despertar. Sustive-me num braço, ciente de que o feiticeiro marchava para mim. Deteve-se abruptamente ao verificar-me bem. Entrementes, Halvard ripostava:

— Só estávamos a treinar...

— A treinar? — ribombou o mestre, desviando-se ao encontro de Erebus. — Já viste o estado em que deixaste o teu primo?

— Erebus bem, mestre — retrucava o «Criador das Trevas», tentando tranquilizá-lo.

— Não mintas, rapazote! — rugiu Sigarr, puxando-o para fora do tanque. — E que nem te passe pela cabeça justificar aquele néscio! Quantas vezes já disse que não quero sangue derramado na minha ausência, Halvard? Se algo correr mal...

— Ora, mestre... — atalhou o meu gémeo, como se dispensasse o sermão. — Está tudo bem!

Pus-me de pé, tentando controlar o nervosismo que a chegada do feiticeiro me causara. Sigarr estava mesmo zangado! A ira corava-lhe as faces e os olhos celestes soltavam faíscas. Porém, o «Criador das Trevas» acabou por reclamar toda a minha atenção. Halvard ultrapassara os limites! A gravidade das feridas do nosso primo era tal que mal se conseguia suster.

— Ajuda Erebus, Kelda — ordenou Sigarr. E corri a obedecer.

Por instantes, o meu olhar cruzou-se com o do feiticeiro... E percebi que o seu regresso não pressagiava nada de bom! A confirmação deu-se mal amparei o meu primo.

— Vai arranjar-te, Halvard — demandou o mestre da Arte Obscura. — E apressa-te! Somos aguardados na Ilha Sagrada.

Eu gelei. O meu irmão exultou.

— Vamos iniciar a ofensiva? — quase gritou, tal a excitação.

— Deixa-te de perguntas e mexe-te! — encrespou-se o feiticeiro.

Fiquei sem ar quando Halvard me prendeu a mão e tentou arrastar consigo:

— Vem, Kelda... Chegou o momento pelo qual tanto esperávamos!

— Não! — estrondeou Sigarr, interpondo-se entre nós. — A tua irmã não pode acompanhar-nos!

— Porquê? — O meu gémeo puxou-me para si, com um furor que me impôs a dolorosa recordação do seu rapto. — Nós somos inseparáveis! Se os Feiticeiros quiserem falar comigo, terão de recebê-la também!

O olhar do feiticeiro estreitou-se, ante a postura agressiva do pupilo. Nas últimas semanas, Halvard habituara-se a fazer valer a sua vontade, sem ninguém para estorvá-lo. Será que o mestre dos mestres ainda era capaz de domar o Filho do Dragão? Estremeci quando contrapôs, num tom pouco amistoso:

— Não sejas piegas, Halvard! Achas que podes ditar condições ao Mestre Supremo, antes de cumprires o teu destino?

— Eu não quero deixar Kelda sozinha — resmungou o meu irmão, nada convencido.

— Erebus olhará por ela — rematou o feiticeiro, para lá de impaciente. — Despacha-te!

Contrafeito, Halvard afrouxou o seu abraço. Beijou-me a face e murmurou, como se falasse para uma criança totalmente dependente da sua orientação:

— Lamento, querida, mas tem mesmo de ser! Prometo que não me demoro... — E voltou-se para Erebus, autoritário: — Não

descuides o treino de Kelda! Esta visita à Ilha Sagrada decerto marcará o início de uma nova era... E quero que ela esteja apta a enfrentá-la!

Julguei que Sigarr iria dar-me uma pista sobre o que estava a acontecer. Afinal, tínhamos um pacto... Não tínhamos? Porém, o feiticeiro abandonou o salão sem olhar para trás, seguido pelo pupilo.

Erebus resmoneou algo nas minhas costas e arrastou-se até às enormes portadas. No jardim, o vento agitava as folhas das árvores e o céu tingia-se de púrpura, rosa e cinza, à medida que os raios de sol feneciam. Acerquei-me devagar, certa de que ele ia reagir mal à interpelação. Já se concentrava em sarar; prendia o fôlego, enquanto reajustava os ossos e passava os dedos incandescentes de magia sobre os golpes profundos infligidos pelo punhal de Lobo Cinzento. A intensa pulsação das linhas negras e escarlates, que sobressaíam da pele alva, provava quão excruciante era a dor que o flagelava. Pousei-lhe a mão no ombro, determinada a oferecer-lhe a minha energia curativa. E, de imediato, ele repeliu-me com um silvo agravado:

— Fazer Kelda?

— Estou a ajudar-te...

— Não pedir ajuda!

— Eu sei, mas...

— Ir descansar. Deixar Erebus.

— Mestre Sigarr mandou...

— Mestre Sigarr partir! — estrondeou. — Erebus mandar Kelda quieta!

E, como eu persistia, soltou um guincho zangado e empurrou-me, quase correndo para fora do salão. Precipitei-me atrás dele e agarrei-lhe o braço, antes que alcançasse a porta, fremindo indignada:

— Importas-te de explicar porque não aceitas a minha ajuda, nem falas comigo...?

Gritei sem querer quando cravou os dedos pontiagudos nos meus ombros. Começou a sacudir-me como se fulminado por um súbito delírio. E o olhar negro capturou o meu, enquanto soltava assobios que feriam os ouvidos:

— Kelda louca? Querer afinal?

— C... Como? — gaguejei, demasiado aturdida para alcançar o seu propósito.

— Halvard descobrir Kelda mentir, Kelda morrer! — retumbou.

Esmagada contra a solidez da figura ossuda, apenas titubeei um protesto:

— Não sei do que é que estás a falar...

— Saber! — objetou sem hesitar; a veemência da constrição tornando-se quase insuportável. — Saber bem! Kelda não enganar Erebus!

Nem se apercebia de que me estava a magoar. Se eu fosse uma simples humana, já teria as costelas partidas e os pulmões perfurados. Todavia, o assombro impedia-me de reclamar. Era como se, durante semanas, o meu primo tivesse contido uma gigantesca comoção, a qual, agora, estourava, assolando-o por completo. Após um vômito de silvos ininteligíveis, acabou a fremir:

— Erebus avisar! Não poder proteger... Kelda surda?

O nosso elo não enfraquecera! Pelo contrário, Erebus apavorava-se ao imaginar o que Halvard me faria se descobrisse que a minha sujeição era falsa. Comovida, tomei-lhe o rosto entre as mãos e ripostei, com as lágrimas a saltarem dos olhos:

— Não, primo... Não sou surda! Só não tenho opção. Esta é a única maneira de contrariar as ameaças de Halvard! E de ganhar tempo para salvar o meu pai... Para salvar todos aqueles que me são queridos e a terra que amo.

De repente, Erebus tremeu e os seus olhos acusaram uma agitação intensa, como se o meu desabafo abalasse os pilares mais profundos da sua consciência. Então, o súbito calor que o seu corpo irradiava fez-me arrepiar. Dei por mim a ser percorrida por uma ânsia que me impelia em frente, numa ousadia que implicava um

risco fenomenal. Halvard estava para além de quaisquer argumentos... E Erebus? Como *decisor*, ele também podia influenciar perentoriamente o desenlace desta história! Se eu fosse bem-sucedida, obteria um aliado precioso e uma vitória colossal. No fim, o que tinha a perder? Enchi o peito de ar e enunciei, numa súplica:

— Tu podes ajudar-me, primo! Talvez não seja tarde para livrar Halvard da maldição...

Um repelão deixou-me sem voz, tonta de perplexidade. Erebus saltou para trás e sacudiu a cabeça, altercando num tom que se dividia entre a ira e o medo:

— Kelda teimosa! Desistir! Impossível parar profecia.

O primeiro passo estava dado... Não iria recuar agora!

— Isso não é verdade — firmei, voltando a acercar-me. — Basta querer... E tu tens essa perceção! Sabes o quanto a profecia é danosa...

— Não! Profecia trazer conhecimento, riqueza...

— A que custo, Erebus? Quantos povoados serão arrasados? Quantos inocentes terão de morrer para que Halvard possa reinar? — E como ele ofegava, com a língua presa, trespassei-lhe o olhar e lancei-me no abismo: — Lembras-te do que sucedeu na Ilha dos Sonhos? Eu sei que sofreste para cumprir as tuas ordens. Tanto que acabaste por salvar o meu pai!

— Não! — tornou em pânico, tentando afastar-me. — Kelda calar!

Porém, eu tinha-o bem preso. E estava disposta a ir ao fundo da questão, pois acabara de perceber que tocara numa chaga aberta na sua mente:

— A Ilha dos Sonhos era o berço da nossa família, Erebus. Teria sido a tua casa se Sigarr não te tivesse raptado! Dezenas de jovens morreram. Rapazes que partilhavam o nosso sangue... Os nossos primos!

— Calar! Parar!

— Muito mais sangue será derramado em nome de uma magia que não pode ser controlada! A energia libertada pelas Lágrimas destruirá não só o Homem mas toda a Terra... Devorará o próprio

Halvard! E tu não desejas essa fatalidade... Sei que amas o meu irmão tanto quanto eu. Se me ajudares, podemos voltar a ser uma família.

— Basta!

A explosão da sua magia apanhou-me desprevenida. Fui projetada contra uma coluna e fiquei tão atordoada que nem me mexi. Então, o «Criador das Trevas» irrompeu numa catadupa de sibilos ensurdecedores, gesticulando com um arrebatamento tempestuoso:

— Kelda olhar Erebus! Família querer Erebus? Não! Erebus monstro! Maldito! Mestre salvar... Mestre família! Halvard família! Erebus leal família...

Quis interrompê-lo, mas bramiu ainda mais alto, completamente transtornado:

— Calar! Kelda calar! Kelda mentir, enganar... Não gostar Erebus! Usar Erebus! Halvard matar Kelda... Erebus não querer saber! Não querer saber...

E, mesmo combalido devido aos ferimentos, desapareceu num piscar de olhos.

* * *

«Sopra o búzio dentro de água e eu escutarei o teu apelo...»

Afastei a concha mágica do ouvido, com um gemido frustrado. Nessa noite, até o meu búzio decidira contrariar-me! Ao invés de me apaziguar o espírito com o canto harmonioso do mar, impingia-me a voz da mulher que o encantara, numa solicitação chorosa que jamais receberia resposta. O seu amor estava condenado... Estávamos todos condenados! Raios! Para que é que eu fora confrontar Erebus? Achara que, apelando aos laços de sangue, que pareciam significar tanto para ele, conseguiria despertar-lhe a consciência... Obviamente ajuizara-o mal! Muito mal!

Não receava que o meu primo me denunciasse. No entanto, imaginava que estivesse furioso! Acusara-me de manipulá-lo e, no fundo, tinha razão. Porém, fora por uma boa causa! Ainda assim, eu

devia admitir que me precipitara na abordagem... Erebus mal recuperara do ataque do Filho do Dragão e já era sufocado com o meu ardor! Eu apostara num jogo perigoso e acabara por perder tudo... Se ao menos soubesse onde encontrar o meu pai! Com Halvard e Sigarr na Ilha Sagrada, esta era a noite ideal para tentar uma fuga. Contudo, mais uma vez, via-me paralisada pelas circunstâncias. Restava-me o consolo de repousar no aconchego do meu antigo quarto, livre da nefanda sombra do dragão de ouro.

Sempre que seguia o meu irmão através deste maldito território, ponderava na localização do novo cárcere do Rei da Lua. Todavia, nunca me deparara com um sítio minimamente adequado para albergar um prisioneiro de tão grande importância. Sigarr dissera que ele estava à guarda de alguém da sua confiança... Onde, senão no palácio? No campo de treino? Numa das casas da cidade? Não me parecia que algum guerreiro ou cidadão corresse o risco de afrontar Halvard, mesmo que para agradar ao feiticeiro.

Imersa na minha consumição, quase gritei de susto quando o silêncio foi quebrado por duas pancadas na porta. Pressenti a energia de Erebus no corredor e saltei da cama, com o coração em debandada... O apelo repetiu-se! Com mil ratazanas abocanhadas, o que é que ele queria?

Não me apetecia discutir... Mas o meu primo preparava-se para partir e não podia deixá-lo ir assim!

— Erebus, espera! — bradei. E corri a recebê-lo.

O «Criador das Trevas» era um homem atemorizador, não só devido ao seu aspeto, mas também pela energia que irradiava. No entanto, quando me encarou, o desalento no seu olhar fê-lo parecer um menino perdido e assustado. A necessidade de carinho que o martirizava engasgava-o num fôlego descompassado. O seu peito subia e descia... Subia e descia... Se eu não o conhecesse, julgá-lo-ia na iminência de sufocar! No alvor do crânio, os veios pretos e escarlates ameaçavam rebentar, num efeito perturbador que se aliava à pulsação dos buracos por onde respirava.

— Prima... — gemeu. — Perdoar Erebus?

Estaria a ouvir bem? Sem pensar duas vezes, lancei-me ao seu pescoço e enlacei-o, repousando a cabeça no seu peito. A concussão tomou conta de mim ao ripostar:

— Não há nada a perdoar... Gosto tanto de ti! Por favor, acredita...

— Erebus acreditar.

A porta fechou-se atrás de nós, antes que algum guarda testemunhasse o inimaginável. O «Criador das Trevas» tremia e soluçava, com o rosto mergulhado nos meus cabelos. Quando finalmente nos encarámos, vislumbrei o brilho das minhas lágrimas nos seus olhos. A estranheza de vê-lo chorar misturava-se com uma espécie de encanto. Talvez o seu aspeto fosse mais humano se possuísse sobrancelhas e pestanas... Porém, isso pouco me importava! O nosso convívio e o conhecimento da sua essência tornavam-no apazível ao meu olhar, mesmo belo, na complexidade da sua diferença. Era quase insano como a nossa amizade se consolidara!

Sentámo-nos à beira da cama e os dedos afilados deslizaram-me pelas faces, secando-me as lágrimas. Depois, desviou o rosto e gemeu compungido:

— Erebus ter medo... Medo por Kelda! Halvard Filho Dragão... Não recuar nada!

Sacudi a cabeça, entaramelando pasmada:

— Isso... Isso quer dizer que me vais ajudar?

A sua resposta foi verdadeiramente espantosa:

— Halvard muito forte... Poder dominar razão! Erebus *decisor*. Mas Halvard não ouvir!

— Eu sei — suspirei pesarosa. — Por isso não posso desistir de lutar para quebrar a maldição que o condena... Que nos condena a todos!

O meu primo vacilou, confuso. Crescera com a noção de que a profecia do Filho do Dragão era algo prodigioso. Custava-lhe a crer que, de um momento para o outro, isso tivesse mudado. Eu devia entender que a distinção que ele fazia entre o bem e o mal estava

adulterada pelos ensinamentos que recebera do seu mestre e pela influência da Arte Obscura. Na verdade, Erebus não se inquietava com a malignidade da predição... Antes, angustiava-se com a minha sorte. E provou-o ao replicar, tocando com o dedo esguio na minha testa:

— Kelda esconder pensar... — Depois, apontou para o coração. — Esconder sentir... — E terminou, exibindo as tatuagens do Guardiã da Montanha marcadas nos meus pulsos: — Esconder magia! Kelda revelar poder grande, Halvard matar Kelda.

O aviso do meu primo fortalecia o alerta de Sigarr. Era óbvio que Halvard considerava a Arte Luminosa uma ameaça. Logo, ver-me evocá-la na sua plenitude haveria de deixá-lo bastante alarmado. Para não falar das suspeitas que tal levantaria acerca da minha liberdade de pensamento! Eu tinha de continuar a reprimir a verdadeira essência da minha magia, ainda que isso me colocasse em desvantagem. Se pudesse suplantar o Filho do Dragão no domínio da Arte Obscura, sentir-me-ia muito mais segura... Porém, este não era o momento para atender a esse problema.

— Obrigada, Erebus — agradei, apreciando o seu cuidado. — És um bom amigo. E um bom homem!

— Não... — contestou, recuando. — Não ser bom homem.

— Porque dizes isso? — indaguei aturdida.

— Erebus matar! — volveu, sombrio e dolorido. Levou a mão ao peito e exibiu o colar de despojos humanos que carregava ao pescoço, antes de concluir: — Erebus desejar... Erebus destruir.

Engoli em seco, tal a crueza da sua sinceridade. O assunto era extremamente delicado, por isso escolhi as palavras ao contrapor:

— Eu percebo. Sei que é difícil resistir ao apelo da magia negra... Mas não é impossível! E tu podes aprender a fazê-lo.

— Não... Tarde!

— Nunca é tarde, primo — contraditei. — Se a obscuridade te dominasse, seguirias cegamente a missão que te foi confiada. Não terias consciência das tuas fraquezas. Não estarias aqui comigo a

questionar... Não me terias salvo e, muito menos, poupado o meu pai! Ainda não te disse o quanto te sou grata por isso.

Então, ele surpreendeu-me ao exclamar, com um sorriso jovial que me aqueceu o coração:

— Rei Lua tio Erebus!

— Sim... — murmurei comovida. — E a vossa história é muito parecida! Sigarr também o raptou, torturou e obrigou a fazer coisas horríveis, para transformá-lo num mestre da Arte Obscura...

— Não, prima! — A mão de Erebus repousou sobre a minha e o seu olhar revelou afeto quando objetou: — Mestre aprender. Mestre mudar... Educar Erebus diferente Rei Lua. Amar Erebus... E amar Halvard. Verdade! Kelda acreditar!

Franzi o sobrolho ao recordar as declarações de Sigarr: «*Eu devia matar o teu irmão, mas não consigo... Criei-o como um filho.*»

Será que, enquanto instruía Erebus e Halvard, os via crescer e evoluir, o gelo derreteria no peito do mestre da Arte Obscura? Teria sido isso que ele quisera dizer quando afirmara que a chegada do meu pai despertara a sua consciência? Poderia ter decidido preservar o Rei da Lua para se redimir do mal que lhe fizera? Não! Eu não devia sequer admitir que essa ideia germinasse na minha mente! Porque, no momento em que deixasse de encarar Sigarr como um monstro, a base onde assentava todas as minhas convicções seria reduzida a pó. Contudo... E se as motivações do feiticeiro fossem menos egoístas do que eu julgava? Só havia uma pessoa capaz de responder a essa pergunta...

— Kelda? — apelou o meu primo, arrastando-me de volta à realidade. — Descansar agora.

Susteve-se e afagou-me as mãos, num derradeiro aconchego antes de sair. Apertei-lhe os dedos para detê-lo e fixei o olhar negro, ciente de que estava novamente a extravasar para lá do razoável, mas incapaz de me conter:

— Erebus... Sabes onde está o meu pai?

Uma leve vacilação bastou para confirmar a verdade. No entanto, ele replicou:

— Não.

— Não mintas! — supliquei, reprovadora. — Por favor, primo... Eu tenho de lhe falar!

Nova hesitação... E o discurso mudou:

— Não. Mestre proibir. Muito perigoso.

— Eu sei. Mas tenta entender! Receio não ter outra oportunidade de vê-lo.

A gravidade definitiva da minha voz fê-lo engolir em seco. Sacudiu a cabeça em negação e achei que ia virar-me as costas. Cerrei os dentes para não gritar de raiva... E fui recompensada quando, no derradeiro instante, ele me estendeu a mão e mastigou:

— Mestre matar Erebus!

Saltei ao seu encontro, com o coração a espinotear de alegria.

— Sigarr não tem de saber... Será um segredo só nosso!

CAPÍTULO 13

Segui Erebus com os dentes a bater, tal a ânsia que me queimava por dentro. Saímos do palácio a cavalo e atravessámos a cidade nova. Depois, galopámos ao longo da muralha de pedra, até as casas ficarem para trás. O vento gélido da noite formava remoinhos de areia, os quais se elevavam à nossa frente, fustigando-nos como se ordenassem:

«Para trás! Estais a profanar terreno sagrado!»

Não me agradava embrenhar-me na escuridão do deserto, mas fazia o que fosse preciso para encontrar o meu pai. Confiava no meu primo, por isso não estava assustada. Erebus continuava ao longo da muralha, como se se guiasse por ela. E o enorme paredão que dividia as cidades e impunha respeito foi diminuindo de altura à medida que avançávamos. Por fim, concluí que não era a muralha que se tornava mais pequena, mas o deserto que reclamava território. Durante centenas, talvez milhares de anos, o vento fora depositando areia em redor da pedra, longe da influência do Homem. Inclusive, havia locais onde a muralha fora engolida e a referência desaparecia sob os cascos dos cavalos. Ainda assim, o «Criador das Trevas» não hesitava.

O nosso destino parecia ser a duna que se elevava adiante. Quando a alcançámos, o meu queixo pendeu de assombro ao verificar que não estávamos perante uma colina de areia, mas de uma construção de pedra que as forças do deserto também tinham acabado por tragar. No entanto, apenas a sua superfície estava oculta. Debaixo dos nossos pés, uma laje destacava-se, terminando em degraus que se afundavam no solo.

— Desmontar — mandou Erebus. E nem me passou pela cabeça contrariá-lo.

Olhei por cima do ombro. Estávamos tão longe da cidade que as luzes dos archotes que iluminavam as ruas se fundiam com as estrelas. Em nosso redor, montanhas e mais montanhas de areia

sobrepunham-se, em contornos pouco precisos. Mesmo apelando à capacidade de enxergar na noite, sentia dificuldade em rasgar as trevas. Os meus pelos eriçavam-se... E não devido ao frio! O desconforto que me tolhia era instintivo; gelava os ossos e arrepiava a essência. Observei a laje com atenção e reparei que estava repleta de desenhos. A areia disfarçava alguns, mas o símbolo da flor lacrimosa ressaltava à minha percepção como se incandescente.

— Kelda... — apelou Erebus num sussurro, como se temesse que alguém nos escutasse. Ou será que receava despertar um espírito maligno? Descia os degraus e já quase desaparecera de vista. Apressei-me a segui-lo, com o coração em debandada e a respiração a falhar. Só esperava que nada espantasse os cavalos! Se eles fugissem, teríamos de regressar a pé... E esse pensamento era quase tão assustador como o mistério que se desvendava ao meu olhar.

Comecei a descer, sentindo o cheiro do óleo escondido nos nichos da pedra, à espera de fogo para iluminar a bruma. Uma chama, ainda que mísera, seria reconfortante na cerração que me sufocava. Porém, era óbvio que Erebus não aprovaria a iniciativa, com medo de que alguma consciência se apercebesse da nossa transgressão. De repente, deparei com um pequeno átrio... Pela lógica, se a areia tragara a muralha, mais depressa deveria ter sepultado este lugar! Porém, tudo se sustinha incólume, como se mãos devotas continuassem a atender à sua conservação.

À nossa frente, erguia-se uma parede de pedra com a flor lacrimosa em amplo relevo. Seria um altar? De ambos os lados, éramos ensombrados por estátuas de ouro que pareciam fixar-nos: cabeças de serpente sobre corpos de feras aladas. Com alguma imaginação confundir-se-iam com dragões. Decerto, Halvard sentiria-se em casa quando aqui chegara! Lembrei-me da história que me contara. Provavelmente este lugar fora construído para proveito do feiticeiro que reinara no território, após ser expulso da Ilha Sagrada. Por isso, encontrar representações de dragões não era algo excepcional. Talvez o monstro dourado que vigiava o meu sono até já

reinasse no quarto que o meu irmão ocupara, antes da sua chegada! Quis interrogar Erebus... Contudo, a sua urgência era óbvia:

— Apressar! Mestre poder regressar!

Fitei-o com estranheza. Para onde queria ele que eu fosse? Então, dirigiu-se à parede que se erguia entre as estátuas e pressionou a lágrima que a flor de pedra chorava. Um som cavo como um trovão ressoou-me aos ouvidos e o chão estremeceu. Engoli em seco, sentindo-me uma tola. Afinal, a parede mais não era do que uma porta que se afundava aos nossos pés, revelando uma passagem. Preparava-me para descarregar uma saraivada de questões, mas Erebus calou-me com um gesto firme, silvando tão baixo que mal o consegui entender:

— Túmulo reis nativos. Kelda fechar boca, andar rápido.
E desapareceu nas entranhas da terra.

Bem que eu poderia ter revirado o palácio e a cidade do avesso, à procura do meu pai, que jamais o encontraria! Como iria adivinhar que as montanhas de areia ocultavam um túmulo tão colossal? E, no fim, até era óbvio, se ponderasse na importância que este império devia ter tido aquando do reinado do feiticeiro proscrito. Como Halvard acalentava uma aversão profunda pelos antigos soberanos do território, este lugar não faria parte das suas escolhas para um passeio. Logo, ao esconder o Rei da Lua aqui, Sigarr desencorajara as «visitas» do pupilo... Assim como se convencera de que colocara o meu pai fora do meu alcance.

Lysander já me falara desses túmulos: autênticas cidades subterrâneas, onde os reis guardavam as riquezas que acumulavam em vida, acreditando vir a desfrutar delas após a morte. Nunca tivéramos oportunidade de visitar um, mas o príncipe Galinn fizera-o e trouxera muitas histórias para contar ao Povo da Terra. A cada passo na escuridão, recordava aquilo que o meu mestre dissera acerca das armadilhas letais, engendradas com perícia para aniquilar os intrusos. Se existiam aqui, Sigarr devia tê-las desarmado. Porém,

sentir-me-ia muito mais confortada se pudéssemos caminhar sob a bênção de uma chama.

— Erebus — murmurei. — Posso acender uma luz? Estamos debaixo do solo. Ninguém verá...

— Chiu! — assobiou, implacável. — Kelda perturbar espíritos. Não calar, sair!

Trinquei a língua e afilei o olhar. O meu sentido de orientação sempre me servira na perfeição. Bastava-me percorrer um trilho para voltar a fazê-lo de olhos vendados. Porém, desta feita, a intuição garantia-me que andávamos para trás, rumo à cidade, o que não fazia sentido. A não ser... A muralha! Sim, nós estávamos dentro da muralha! A gigantesca barreira de pedra era oca e formava uma passagem que garantia acesso a vários corredores. E, por sua vez, estes deviam conduzir às diversas câmaras do túmulo, tal qual um formigueiro! Em nosso redor, as paredes estavam repletas de desenhos feitos com tintas luminescentes, que cintilavam mesmo na bruma. Provavelmente relatavam a história do território ou, pelo menos, os factos que o soberano considerara dignos de serem rememorados. Contudo, Erebus não me dava tempo para examiná-los. Quase corria... Para onde nos dirigíamos?

Um após outro, arcos ornados com símbolos nativos revelavam caminhos divergentes, além de rampas e escadarias íngremes, que mergulhavam ainda mais nas trevas. Na sua maior parte, o chão estava coberto por uma camada de pó espessa e sem mácula, o que provava que, talvez há séculos, ninguém assentava ali um pé. Imaginei os magníficos tesouros que os compartimentos secretos deviam conter e não resisti a indagar:

— Sabes o que existe lá em baixo?

— Mortos. Silêncio!

Mortos? Erebus queria que eu acreditasse que aqueles corredores conduziam a meras tumbas? Nem pensei no que estava a fazer. A curiosidade berrava tão alto que ensurdecia a razão! Quando dei por mim, já corria através de uma das rampas, na expectativa de vislumbrar algo prodigioso.

Lysander contara-me que, certa vez, o seu tio Galinn achara uma câmara subterrânea que continha um exército de soldados feitos de barro, armados até aos dentes com magníficas armas, tão perfeitos que pareciam ganhar vida debaixo do olhar. Noutra ocasião, encontrara um barco de ouro maciço, no coração de um monumento funerário escondido no meio de uma floresta, carregado com arcas repletas de pedras preciosas e artefactos feitos de osso e madeiras nobres. Que surpresas me reservaria essa sala? Mantive-me alerta a quaisquer oscilações de energia que pudessem indiciar a existência de armadilhas. Todavia, nada senti que esfriasse o meu entusiasmo.

Julguei que teria muito que correr, mas o corredor prestes terminou numa divisão comprida e estreita, talhada em pedra. A parede do fundo ostentava o desenho da flor lacrimosa, cuidadosamente esculpido. À direita e à esquerda do símbolo de soberania, alvéolos simétricos saltavam à vista: dois em altura, cinco em comprimento, cada um preenchido com um corpo cuidadosamente envolto em ligaduras. Erebus não mentira... Somente neste espaço estavam vinte cadáveres mumificados.

No meu treino, Lysander descrevera-me o processo de embalsamamento, que resultava na conservação do indivíduo após a morte. Essa técnica fora inicialmente usada por um mestre da Arte Obscura, que a ensinara aos seus descendentes. O objetivo era garantir que a essência teria um corpo para o qual regressar, se se conseguisse livrar das garras da rainha do submundo. Todavia, o sortilégio de ressuscitação era difícil, uma vez que requeria a intervenção de um servo devoto que também possuísse o controlo da Arte, capaz de executar com eficácia os devidos rituais.

Ainda assim, ao longo dos séculos, muitos feiticeiros renegados tinham tentado a façanha. Inclusive, a teimosia de ludibriar a morte estendera-se a homens e a mulheres de sangue misto. No entanto, segundo as narrativas do príncipe Galinn, de entre os poucos que haviam superado o desafio, alguns tinham falhado em se refazer por completo e acabado chacinados pelos terrificados seguidores. E não havia relato de que os vitoriosos subsistissem muito tempo... A

rainha do submundo era extremamente rancorosa, obstinada e implacável para aqueles que a enganavam.

Embora conhecesse a história das múmias, estas eram as primeiras que eu via... E nem me atrevia a cogitar quantas mais existiriam nas câmaras adjacentes. O que teria acontecido aqui? Será que o rei-feiticeiro ordenara que toda a sua corte fosse conduzida até este túmulo, após a morte, na esperança de ressuscitá-los quando achasse conveniente? Se desejasse que os seus espíritos repousassem em paz, teria simplesmente seguido os ritos usuais...

— Kelda, teimosa! Impossível! — fremiu uma voz aguda nas minhas costas. Prontamente, Erebus fechou a mão no meu braço e arrastou-me através da rampa, de volta à passagem principal. Tentava controlar-se, mas estava tão furioso que silvava como uma serpente.

— Desculpa! — supliquei. — Não resisti à curiosidade...

— Voltar palácio! — zuniu, com as faces a rutilarem tal o calor que espargiam.

— Não! — roguei, aflita. — Juro que farei tudo o que quiseres! Nem sequer respiro se mo demandares! Por favor, primo... Leva-me ao meu pai!

Ele estacou e o seu olhar ajeitou sobre o corredor seguinte. Foi um movimento subtil, mas suficientemente esclarecedor para eu depreender quão próximo nos encontrávamos do objetivo. Se não me tivesse distraído a ruminar sobre os enigmas deste lugar, teria chegado a essa conclusão sozinha. Afinal, de todos os desvios pelos quais passáramos, aquela rampa era a única em que a camada de pó estava profanada com marcas de pés.

O meu primeiro impulso foi desatar a correr, gritando a plenos pulmões pelo Rei da Lua. Porém, a razão obrigou-me a ficar imóvel. Acabara de prometer que me sujeitaria às regras de Erebus. Um suspiro em contrário e estragaria tudo. Os olhos negros fixavam-me através da escuridão, queimando-me qual ferro em brasa.

Aguardava que a minha impaciência me levasse a quebrar a palavra dada! Mantive-me firme... E fui recompensada.

Não sabia o que esperar... Iríamos entrar noutra câmara cheia de corpos embalsamados? Não! A rampa conduziu-nos a um espaço amplo que, em tempos, devia ter albergado um tesouro grandioso. As paredes estavam em ruínas, como se o seu revestimento tivesse sido brutalmente arrancado. Despojos cobriam o chão: arcas de madeira esventradas, tapeçarias rasgadas, estátuas de pedra partidas, cacos de barro espalhados... Adivinhei que os saqueadores tinham roubado tudo o que lhes aprazia, de entre joias e objetos preciosos, divertindo-se a destruir o resto. E também não era difícil adivinhar quem fora o autor da profanação! De certeza que algumas das riquezas que alimentavam a gula ambiciosa do meu gêmeo provinham das salas deste túmulo.

Onde estava o meu pai? Por mais que apurasse a visão através da bruma, não o via em parte nenhuma. Comecei a tremer de ansiedade. Só não vomitei todas as perguntas que me azedavam a boca porque Erebus se movia com determinação. Atravessou o compartimento, rumo à parede que menos estragos sofrera. Estava coberta de pinturas, mas, para não variar, foi a representação da flor lacrimosa que recebeu a atenção dos seus dedos. Pressionou-a. E um estalido ecoou no vazio sinistro da sala.

Fiquei a observar, pasmada, enquanto uma pedra deslizava ao nível dos seus olhos, para revelar um conjunto de símbolos, inscritos em pequenos quadrados. Tentei aproximar-me, mas o meu primo deteve-me com um gesto brusco. Acatei e fiquei a vê-lo empurrar os quadrados com as pontas dos dedos, organizando os desenhos segundo um determinado padrão. Demorou pouco mais do que um fôlego, ao que se seguiu novo estalido... E a flor lacrimosa salientou-se da parede, como se alguém a projetasse para fora da pintura. Sem hesitar, o «Criador das Trevas» fechou a mão sobre essa espécie de puxador e rodou-o: duas vezes para a direita, uma para a esquerda, outra para a direita e três para a esquerda. Por fim,

empurrou a flor para a pintura. E, de imediato, a parede estremeceu e começou a ser engolida pelo chão, como sucedera à entrada do túmulo, revelando degraus que se afundavam ainda mais no solo.

Pela primeira vez desde que aqui entrara, um rasgo de luz agraciou-me os olhos. Pisquei-os, surpreendida, e apressei-me a seguir Erebus, com o coração aquecido pela certeza de que estava prestes a ver o meu pai.

Apesar de profundamente enterrada na terra, a sala possuía um sistema de ventilação que percorria o teto, mantinha o ar sadio e agitava as chamas das lamparinas. Era pequena, possivelmente construída para guardar algo muito especial. As flores lacrimosas desenhadas a tinta dourada nas paredes, de modo a formarem um emaranhado indivisível desde o chão até ao teto, assim o indicavam. E a ideia ganhava força diante da laje de um altar, no topo de cinco degraus. Em tempos, ali deveria ter repousado a estátua de um deus, o sarcófago de um rei ou uma arca com os mais valiosos tesouros do império... Porém, agora estava repleto de mantas de lã, pois o ambiente era bastante frio. E, sobre esse leito improvisado, o Rei da Lua lutava contra a influência das correntes de magia negra, esforçando-se por abrir os olhos, ciente da presença de alguém.

— Pai! — gritei arroubada, correndo para abraçá-lo. Erebus quedou-se a meio das escadas e não me deteve. Uma descarga de alívio percorreu-me, enquanto estreitava o Rei da Lua e o libertava das armelas. Não obstante a fraqueza, parecia-me bem, completamente refeito das marcas impostas pela violência de Halvard. Sigarr cumprira a sua promessa... E, atendendo às circunstâncias, tal era de abismar!

Voltei a apelar, acariciando-lhe o rosto para despertá-lo do torpor. A fraca luz da câmara foi suficiente para distinguir o reflexo das minhas lágrimas de alegria no verde-floresta do seu olhar.

— Kel...? Kelda...? — titubeou incrédulo, como se se achasse imerso num sonho.

— Sim, papá — soluzei, assolada pela comoção. — Estou aqui... Finalmente encontrei-te!

Cobri-lhe a testa de beijos e entreguei-lhe a minha energia curativa. Não conseguia parar de chorar, enquanto ria de satisfação. Porém, o seu gemido arrastou-me para a crua realidade:

— Halvard...?

Estremecia, como se pronunciar o nome do filho bastasse para enchê-lo de horror. E eu já não podia censurá-lo! Fixei Erebus... Continuava sem se mexer, observando-nos com uma expressão velada. Só agora eu tomava consciência do muito que ele arriscava para fazer-me este agrado! Se o Filho do Dragão desconfiasse... Suspirei e voltei a atenção para o meu pai, querendo sossegá-lo:

— Não receies. Sigarr e Halvard estão na Ilha Sagrada. Foi Erebus quem me trouxe...

— O que é que... ainda estás... a fazer aqui? — interrompeu-me, tentando sentar-se. Já respirava melhor, mas as tonturas subjugavam-no. Recordei todas as questões que tinha de lhe colocar e urgi:

— Por favor, aciqueta-te! Muito aconteceu desde que conversámos...

— Não te mandei fugir? — atalhou. Perante o meu aturdimento, cravou-me os dedos nos ombros e sacudiu-me, insistindo severamente: — Porque não fugiste, Kelda? Porquê?

Estava tão frustrado e zangado que qualquer pretensão de acalmá-lo seria vã. Por isso, decidi enfrentá-lo e rebater com firmeza, para clarificar a minha posição:

— Não podia deixar-te para trás! Halvard haveria de te matar...

— Eu já estou morto! — vociferou, gelando-me até ao âmago.

— Não fales assim... — objetei, indignada. Contudo, ele tornou a cortar com dureza:

— Como é possível que não entendas? Se o teu irmão não me matar, eu arranjurei maneira de pôr fim à vida! Jamais admitirei que se sirvam de mim para roubar as Lágrimas!

— Pai, por favor... — tentei argumentar. Todavia, ele ignorou-me e prosseguiu:

— Tu, sim, tinhas de te salvar! E agora? O que vai ser de ti? O que vai ser do nosso povo, Kelda? Como foste capaz de trair a tua gente...?

— Eu não traí ninguém! — gritei para me fazer ouvir, afrontada.

— Não? — contendeu o Rei da Lua, inflexível. — E como é que ainda vives? Halvard conhece o teu valor... Não te manteria ao seu lado se ameaçasses a concretização da profecia!

Engoli em seco e empinei o nariz com dignidade, antes de retrucar:

— Tenho conseguido enganá-lo, fazendo-o acreditar que é senhor da minha vontade. E, se queres saber, Sigarr tem-me ajudado a manter o embuste, pois percebeu que o poder de Halvard está a consumir-lhe a razão...

— Sigarr só quer salvar a pele! — contestou o meu pai, totalmente lúcido. — Há muito que se reconheceu incapaz de refrear o monstro que criou! Está a manipular-te...

— Mesmo que assim seja — persisti com igual ardor. — Eu estou a ganhar tempo! Hei de descobrir uma maneira de travar Halvard sem ter de matá-lo. — E concluí, cuspiendo a acusação que, há muito, me queimava a garganta: — Pode ter sido fácil, para a mãe e para ti, arrancá-lo do vosso coração... Porém, não obstante as suas falhas, eu não esqueço que Halvard é meu irmão! Enquanto respirar, não irei abandoná-lo!

— Então, explica-me, Kelda — fremiu o Rei da Lua, inflamado ante a minha rispidez. — O que farás para sustentar essa farsa quando Halvard te exigir uma verdadeira prova de lealdade? Afianças que não irás abandoná-lo... Então, «enquanto respirares» dar-lhe-ás vantagem no campo de batalha? Lutarás ao seu lado e sujarás as mãos com o sangue do nosso povo? Acabarás por ajudá-lo a concretizar a profecia, à custa das vidas de Thorson e Lysander? Por todas as pragas do submundo, responde!

Tentei... Mas não consegui! Estava tão petrificada que nem fui capaz de reagir quando o meu primo interveio. A tremer, vi-o invocar a magia negra para prender novamente o Rei da Lua. Quis detê-lo,

mas o meu pai virou o rosto como se não suportasse olhar para mim. Levei as mãos aos lábios, mal contendo um soluço de desespero... De súbito, uma voz de trovão ribombou na câmara:

— Como ousais entrar aqui?

Virei-me com o fôlego preso, a tempo de ver um vulto gigantesco saltar das escadas e tombar sobre mim. Pulei para trás e uma lâmina curva rasgou o ar diante do meu nariz. Levei a mão à cintura, em busca da espada. Todavia, antes que conseguisse desembainhá-la já o atacante caía de joelhos, a gemer de dor, com as mãos a apertarem a cabeça.

Olhei por cima do ombro e deparei com um braço estendido. Erebus recorria à Arte para deter o ímpeto do agressor... E estava a derreter-lhe os miolos! O homem contorcia-se no chão, urrando como se possesso. Era um nativo, não tão alto como inicialmente parecera, mas robusto como um urso. Usava trajes de guerreiro, tinha o crânio rapado, cicatrizes no rosto e um bigode longo e fino... Eu já o vira antes! Mas onde?

O «Criador das Trevas» recolheu o braço e o homem parou de estrebuchar. Mal refez o fôlego, susteve-se com esforço. Arrostando Erebus e troou furibundo, com o ódio a incandescer no olhar:

— Esta profanação é uma ofensa imperdoável!

O meu primo manteve a postura altiva e gélida ao replicar:

— Mazin acalmar...

Mazin? Sim! O guerreiro que eu vira defrontar Sigarr num duelo amigável... O guerreiro que irritava Halvard para além da razão! Seria o guardião do túmulo do rei-feiticeiro? Resolvi avançar, enunciando apaziguadora:

— Peço desculpa pelo transtorno...

O olhar negro acutilante atingiu-me como uma bofetada e calou-me a voz. Engoli em seco, lembrando-me que, segundo as suas tradições, as mulheres estavam proibidas de interpelar os homens. Porém, eu não era uma nativa... E, mesmo que fosse, jamais me sujeitaria a tamanho dislate! Devolvi-lhe o esgar e tentei completar:

— Vim ver o meu pai...

Desta feita, foi Erebus quem me interrompeu:

— Kelda irmã...

Prontamente silenciado pelo rosnado de Mazin:

— Eu sei quem ela é! Assim como tu sabes que só anuí em albergar o prisioneiro porque mestre Sigarr me garantiu que o sono dos meus antepassados não voltaria a ser perturbado. Quando ele chegar, exigirei uma reparação...

— Desafiar Erebus? — fremiu o «Criador das Trevas». E passou por mim, qual rajada de vento.

Depois de tudo o que eu ouvira, era óbvio que uma contenda com Mazin haveria de irritar Sigarr ainda mais. Tentei segurar o meu primo, mas não fui capaz... Então, o impensável aconteceu! O nativo levantou os braços e chocou-os diante do peito, soltando um berro ensurdecedor. E foi como se uma onda de energia se libertasse do seu corpo, colhendo Erebus na acometida e projetando-o contra a parede.

Também eu fui apanhada pelo fenómeno e perdi o chão. Consegui cair de pé e lancei-me sobre o «Criador das Trevas», que tornava a investir, assobiando raivoso. Intercetei o seu ataque e acabámos por tombar a poucos passos de Mazin. O guerreiro estava pronto para se defender. Empunhava uma espada curva... e o seu corpo rutilava sob a influência da Arte Obscura! Se eu não refreasse a sanha de Erebus, este conflito terminaria num banho de sangue.

— Por favor, primo — supliquei. — Não arranjes problemas por minha causa.

— É tarde para tais medidas, senhora — retumbou o nativo, atraindo o meu olhar.

Não me encontrava perante um simples guardião de túmulos! Este homem só podia ser um descendente do rei-feiticeiro... A magia ainda ardia com veemência no seu sangue! Não seria o suficiente para ofuscar Erebus, mas eu não podia admitir que os dois lutassem. Decerto Sigarr referira-se a Mazin quando dissera que o meu pai estava sob a proteção de alguém da sua confiança. E por nada neste mundo eu me arriscaria a causar ainda mais danos ao Rei da Lua!

— Rogo a vossa compreensão, senhor — implorei humildemente, prendendo Erebus com firmeza. — Eu precisava de saber se o meu pai estava bem...

De repente, o apelo fraco do Rei da Lua tornou-se alvo de todas as atenções:

— Kelda... — arquejou com extrema dificuldade. — Vai-te embora... E não tornes aqui!

Quedei-me nos braços de Erebus, empedernida. O quê? O meu pai expulsava-me...? Não desejava voltar a ver-me?

Agora era o meu primo quem me agarrava. Começou a erguer-se, arrastando-me consigo. No entanto, a algidez do Rei da Lua deixara-me tão chocada que eu esquecia a prudência e debatia-me para me soltar, tentando alcançá-lo, enquanto entaramelava, aflita:

— O que é que estás a dizer? Pai! Pai...

Porém, mais uma vez, ele desviou o rosto como se me enjeitasse. E a minha agonia foi agravada pelo bramido irado de Mazin:

— Saí imediatamente! Ou não tornareis a ver a luz do dia!

Erebus rosnou... E eu cerrei os dentes, derrotada e ferida. A ordem de Mazin impedia-me de esclarecer o mal-entendido que me separava do meu pai. No entanto, não podia insurgir-me quando a vida do Rei da Lua estava nas suas mãos. Deitei um último olhar ao altar, por entre a cortina de lágrimas que me toldava a visão, antes de incentivar o meu primo a subir as escadas:

— Vem... Por favor!

Orei para que o incidente estivesse sanado. Todavia, ao passarmos por Mazin, este afrontou Erebus, vomitando rancor:

— Eu firmei um acordo com mestre Sigarr... Contudo, os seus pupilos cospem no respeito e na honra! Torna a insultar-me, Erebus, e ficarás estendido aos meus pés como Halvard.

— Mazin querer, Erebus pronto! — sibilou o «Criador das Trevas».

Tive de arrastá-lo para fora da câmara, antes que a troca de provocações originasse um estrago irreparável.

Nem uma palavra sobre o que acontecera, fora a condição de Erebus. E eu acatara. Já exigira demasiado dele! A mais leve insistência só serviria para enfurecê-lo e afugentá-lo. Se queria continuar a contar com a sua ajuda, devia conceder-lhe tempo para se refazer das emoções dessa noite. Até lá, teria de suportar as dúvidas que me atormentavam... e a agonia que o repúdio do meu pai me causava.

Por mais anos que vivesse, jamais esqueceria a frieza do Rei da Lua. Não era justo! Procurara-o com o coração cheio de amor... Não merecia ser recebida com irascibilidade e desconfiança! Certa ou errada, estava a fazer o melhor que sabia e podia, por vezes à custa de um pedaço da alma. Se ele não aprovava os meus esforços, que me desse, pelo menos, a compreensão e o carinho que me devia enquanto pai!

Agora que a indignação começava a sobrepor-se à dor, a revolta envenenava-me o sangue. Já devia ter aprendido que era mais fácil rachar um penedo com a cabeça do que argumentar perante os meus pais a favor de Halvard! E desde quando é que eles se davam ao trabalho de escutar as minhas opiniões? Os Guardiães estavam convictos de que eram donos da verdade! Com mil ratazanas vexas, o que me fizera expectar que desta vez seria diferente? Não pensar... Não pensar! Necessitava de aparentar uma tranquilidade que não sentia, pois só assim convenceria o meu irmão de que nada de anormal sucedera na sua ausência.

O rasto candente que o trilho mágico deixara ao desvanecer-se ainda perturbava as cores mórbidas do céu. O dia mal nascera e o meu gémeo já voltara da Ilha Sagrada! Só por pouco não me apanhara em transgressão! Sigarr não o acompanhara e afligia-me o pressentimento de que tal era um mau augúrio. Enquanto cavalgara atrás de Erebus, no regresso ao palácio, cogitara numa maneira de questionar o feiticeiro sobre a história deste território, Mazin e a sua relação com Halvard. Porém, mais uma vez, os meus planos haviam sido gorados.

O meu irmão dissera que o herdeiro do rei-feiticeiro era um general do Exército do Dragão... Tudo levava a crer tratar-se de Mazin! De outro modo, como explicar a magia acesa no seu sangue? E a sua exaltação perante a profanação do templo? Uma coisa não suscitava dúvidas: o seu desprezo por Halvard era tão intenso quanto recíproco! Além disso, o nativo reclamara algo assombroso, que Erebus não refutara: uma vitória sobre o meu gémeo! Como é que tal era possível? Mesmo que Mazin se assumisse como mestre da Arte Obscura, o seu poder jamais rivalizaria com o de Halvard! Alguma coisa excepcional devia ter ocorrido... E eu não podia interrogar o meu irmão sobre o assunto, Erebus recusava-se a falar e Sigarr continuava enterrado no covil dos Seres Superiores.

Terminei de me arranjar, certificando-me de que eliminara todos os vestígios da aventura que vivera. Halvard tinha de acreditar que eu acabara de acordar, estava fresca como a brisa matinal e radiante por vê-lo. Senti um calafrio ao recordar a exprobração do meu pai. E a pergunta que, há muito, tentava afastar do meu pensamento colava-se à pele como brasas crepitantes: o que faria se o meu irmão anunciasse que chegara o momento da ofensiva? Não podia combater ao seu lado! Enlouquecia de angústia só de me imaginar de espada em punho, diante da minha gente! Não... As forças que regiam o meu destino não me pregariam uma partida tão vil! Até esse dia chegar, algo aconteceria que mudaria o rumo desta história perversa. Não lutara tanto, não sofrera tanto, para acabar derrotada pela vontade do Filho do Dragão!

Dirigi-me ao salão num passo firme. Tal como esperava, Halvard já lá estava com Erebus. O meu primo tivera o mesmo cuidado que eu. Ninguém diria que passara a noite a galopar pelo deserto e a explorar túmulos. Rasguei um sorriso e corri para os braços que o meu irmão abria. Como de costume, fez-me rodopiar no ar e amassou-me contra o peito, exclamando arrebatado:

— Pelos bigodes do dragão, como é bom estar em casa!

Esforcei-me por parecer descontraída ao gracejar:

— Queres que acredite que não te divertiste na Ilha Sagrada, rodeado por belas feiticeiras ansiosas pela atenção do poderoso Filho do Dragão?

Halvard deitou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada antes de replicar com ardor:

— Minha querida Kelda, nem a mais formosa das deusas me faria esquecer a agonia de estar apartado de ti, quanto mais aquelas bonecas de cristal tosco! Além disso, a minha visita à Ilha Sagrada não foi minimamente aprazível.

Erebus mantinha a habitual frugalidade na postura. No entanto, eu já intuía o seu abalo. Restava-me descobrir se essa inquietação se devia ao que sucedera ou ao que ainda estava para vir. Aguentei o sorriso e inquiri:

— Afinal, o que é que o Conselho te queria?

O meu irmão respondeu com relativo desprendimento, como se o ocorrido não merecesse nota:

— Aqueles ineptos acham que eu posso perder tempo com tolices... Imagina que desejavam saber de ti!

— De mim? — repeti, quase denunciando o sobressalto que me enodava as entranhas.

— Sim — prosseguiu, desdenhoso. — Há muito que o nosso prezado parente Ingimar tenta desacreditar mestre Sigarr diante dos restantes Feiticeiros. Quando lhe propôs que treinasse o Filho do Dragão, julgou que eu seria educado como um ser amorfo, desprovido de vontade, que prontamente obedeceria às suas ordens... Enfim percebeu que terá de engolir a soberba, reverenciar-me e prestar-me vassalagem. E isso deixa-o possesso! Agora, quer convencer o Conselho de que mestre Sigarr conspira contra a Ilha Sagrada, porque acobertou no seu seio uma mulher que tudo fará para impedir a concretização da profecia.

Erebus soltou um sibilo, como se não pudesse deixar de rir perante uma ideia tão ridícula. Fiquei grata, pois a sua atitude ajudou-me a manter o pânico afastado da voz, ao retrucar com ingenuidade:

— Mas foram eles que me entregaram ao cuidado de mestre Sigarr!

— De facto! — ripostou Halvard. — Todavia, Ingimar nunca confiou na eficácia do sortilégio que Celsus te lançou. E nós sabemos que ele tem razão... Mestre Sigarr ludibriou o Conselho para te salvar, convicto de que seria capaz de te libertar do peso das mentiras que os teus antigos mestres te impuseram desde o berço. E estava correto! Tu acabaste por reconhecer a verdade e estás ao meu lado de livre vontade... Isso é tudo o que me importa!

Será que Halvard acreditava nos aleives que cuspia ou, simplesmente, divertia-se a ver-me saltitar, suspensa nos cordéis da sua perversidade? Erebus sustinha o fôlego... E eu continuava a bailar ao som das cantigas do Filho do Dragão.

— Celsus já deve estar tão farto de aturar Ingimar que me convocou para testemunhar a tua submissão diante do Conselho — prosseguiu, enlaçando-me possessivamente. — Nem imaginas quantas perguntas me fizeram! Devem considerar-te uma ameaça monumental!

— E o que foi que tu lhes dissestes? — inquiri, rezando para que ele não se apercebesse do tremor que me percorria.

— Ora, Kelda! Que tu és a mais adorável e leal serva do Filho do Dragão! Quem é que aqueles miseráveis julgam ser para me interrogarem? O que se passa no nosso seio só a nós diz respeito! — Fixou Erebus e acrescentou: — Acreditas que Ingimar teve a ousadia de insinuar que Kelda aproveitaria a minha ausência para fugir?

Erebus gargalhou. Eu gargalhei... E Halvard acabou a rir connosco. Quase me engasguei quando o meu primo enunciou:

— Ingimar imbecil! Kelda feliz junto Halvard...

— Sim — concordou o meu gémeo. — Porém, juro-te que senti um calafrio quando o infame falou... — Ainda assim, sorria quando me encarou. E a sua voz soou terna ao justificar: — É para que vejas o medo que tenho de te perder! Vim logo a correr para casa...

— Mestre Sigarr regressar? — indagou Erebus, tentando granjear a sua atenção para que eu pudesse respirar. Foi bem-sucedido, pois

Halvard acabou por me soltar. Começou a marchar pelo salão, gesticulando, impaciente, enquanto mastigava sem esconder a contrariedade:

— O mestre não sabe quanto tempo ainda ficará na Ilha Sagrada. Diz que tem assuntos a tratar com a *Observadora*... Assuntos, pois sim! Aposto que foi dar outro par de cambalhotas nos lençóis da emproada! Juro-vos que não compreendo o que ele vê naquela mulher! Segundo me constou, mal tem saído da sua casa...

— Mestre namorar? — admirou-se o «Criador das Trevas». — Halvard dever ficar feliz!

— E ficaria se a criatura estivesse à sua altura! — ripostou o meu gémeo. — Tu não a conheces, primo. É uma delambida! Se lhe sopreres para a cara, desfaz-se em pó...

A custo, disfarcei a comoção que a nova me causara. Felizmente Halvard não fazia a menor ideia do que Íris era capaz! Decerto que os assuntos que a uniam a Sigarr não possuíam natureza amorosa... A *Observadora* queria acautelar a minha segurança. E o facínora pretendia garantir que, quando este pesadelo terminasse, haveria de conservar o coração a bater dentro do peito. A sua associação não me surpreendia. Só ardia de curiosidade para descobrir o que os dois andavam a engendrar.

Entrementes, Halvard anunciava:

— Não dormi, por isso vou repousar um pouco...

— Eu acompanho-te — ofereci-me, ainda que contrafeita. Depois do que acontecera, devia esforçar-me por lhe agradar. Não podia permitir que a peçonha de Ingimar se enraizasse no seu espírito! Fiquei sem ar quando objetou:

— Agradeço o teu cuidado, querida, mas prefiro que vás treinar com Erebus. O grande dia aproxima-se...

— Feiticeiros consentir ataque? — interferiu o «Criador das Trevas», dando-me tempo para recuperar da vertigem que quase me roubara o chão, tamanho o susto que acabara de sofrer.

Halvard pousou-lhe a mão sobre o ombro e afagou-o amigavelmente, enquanto ripostava:

— Controla a ansiedade, primo... Em breve, estarás a nadar no sangue daqueles que te desprezaram! Desta vez, mestre Sigarr não falhará em obter o apoio do Conselho.

Eu estava tão aflita que dei graças pela sua pressa em subir ao quarto. Mal me vi sozinha com Erebus, levei as mãos às faces e soltei um gemido pungente. O olhar negro aprofundou-se e a sua voz soou fria ao resmonear:

— Kelda queimar fogo! Fazer agora?

A questão era confusa, mas eu sabia que ele expressava a mesma dúvida com que o meu pai me confrontara. E não tinha resposta para lhe dar! Destroçava-me o pressentimento de que nenhum dos tormentos que já experimentara se comparava com aqueles que estavam para vir. Porém, podia prostrar-me no chão, arrancar os cabelos e prantear até rasgar a garganta que não resolveria nada. Tinha de manter a cabeça erguida... Se não perdesse a esperança, decerto um milagre ocorreria! Esperar por um milagre era tudo o que me restava!

— Não ouviste Halvard? — retruquei, estrangulada. — Vamos treinar... Se virar as costas à tempestade, serei esmagada por ela.

CAPÍTULO 14

Dias de treino exaustivo. Noites de sono atribulado. A semana arrastou-se numa agonia capaz de estracilhar a mais sólida das mentes. Nenhuma certeza... Uma miríade de questões a demandar respostas que não chegavam. O suor debaixo do Sol. As lágrimas a coberto da Lua. E a exigência crescente de Halvard, a par do silêncio constrangido de Erebus e dos gritos presos na minha garganta. Pela primeira vez, desejei ter obedecido ao meu pai e fugido sem olhar para trás... Todavia, era tarde para lamentos! As presas do Filho do Dragão estavam cravadas no meu pescoço e as suas garras dilaceravam-me a alma. Ele mandava, eu obedecia. Não fora o conforto da música do búzio mágico, já teria enlouquecido.

Sigarr continuava sem dar notícias e o meu irmão enfurecia-se. Praguejava contra Íris, convicto de que ela se socorria dos seus dotes femininos para distrair o mestre da Arte Obscura. Contudo, por mais que Halvard maldissesse, eu não acreditava que a minha amiga se tivesse sujeitado à luxúria do proscrito. O que quer que fosse que a *Observadora* estava a urdir era para meu benefício!

— O Conselho tenta ganhar tempo... — ruminava Halvard, enquanto conduzia o seu garanhão num passo apressado, através do campo de treinos. — Perceberam que jamais irão avassalar-me e congeminam numa maneira de obter vantagem. Por isso fizeram tantas perguntas sobre ti... Achavam que podiam usar-te contra mim.

Obriguei o meu cavalo a acompanhá-lo, arriscando-me a contrapor:

— Mestre Sigarr não pactuaria com tamanha aleivosia!

— Eu também julgava que não... — ripostou como se remoesse algo. E acabou por confessar: — No entanto, achei-o esquisito! Sigarr sempre me tratou como um filho... Agora mal me encara! Parece que está a esconder alguma coisa... As suas palavras também não guardam o calor de outrora. Se não soubesse que ele

passou a vida a lutar para concretizar a profecia, diria que o seu entusiasmo esmoreceu.

Engoli em seco, perturbada. Este era o ponto de viragem em que as forças que regiam os nossos destinos se alinhavam para alicerçarem o trilho que conduziria à efetivação da Visão de Sigarr. O pupilo perdia a confiança no mestre para, mais tarde, tirar-lhe a vida... Porém, eu não podia explicar a Halvard que o feiticeiro evitava o seu olhar porque sabia que, um dia, ele seria o seu algoz! Ao constatar que aguardava um comentário, acabei por volver:

— Mestre Sigarr deve estar cansado... Tu conhece-lo melhor do que eu, mas sempre ouvi dizer que ele é um homem de ação. Ter de negociar para obter os favores daqueles que o repudiaram no passado deve consumi-lo por dentro! Sê mais paciente...

— Eu sou paciente! — resmungou Halvard, detendo inesperadamente o garanhão e saltando para a areia. — Só não entendo a razão de uma ausência tão prolongada... Sigarr sabe que preciso dele aqui, para que olhe pelo exército enquanto eu atendo ao teu treino! Por que raio não larga as saias daquela caca mole?

Lá andava Íris enrolada na sua peçonha! Tanta crispação seria despeito ou ciúme? Provavelmente as duas coisas. O meu irmão enfurecia-se por não ter Sigarr à mercê dos seus caprichos... E o facto de, cada vez menos, se referir ao feiticeiro como «mestre», começava a inquietar-me! Parei o meu cavalo e controverti:

— Tu próprio asseveraste que mestre Sigarr não devia regressar enquanto não obtivesse o apoio do Conselho... A sua presença na Ilha Sagrada é uma forma de pressão.

Halvard ajudou-me a desmontar, retrucando com a testa vincada por uma ruga:

— Talvez tenhas razão...

— Então, não sejas tão duro com o mestre — revidei, desejosa de apaziguar-lhe o ânimo. — Se ele permanece na Ilha Sagrada é porque, de alguma forma, isso serve os teus interesses.

O meu gémeo mastigou algo impercetível, antes de rebater:

— Vou aguardar mais uns dias... No entanto, se Sigarr regressar com a notícia de que a Ilha Sagrada pretende continuar a protelar a ofensiva, mobilizarei o exército e atacarei sem a sua aprovação! Afinal, para que é que eu preciso dos Feiticeiros? O meu poder místico e a minha destreza guerreira são mais do que suficientes para esmagar o inimigo! — Pousou as mãos sobre os meus ombros e abriu um sorriso, enunciando: — Fazes-me bem, Kelda! Ajudas-me a ver com mais clareza... Agora, quero que me mostres se a tua perícia está tão afinada quanto a tua sabedoria.

Fui percorrida por um calafrio. As suas palavras não vaticinavam nada de bom.

— Não estou a entender... — comecei a titubear. E ele retorquiu diligente:

— Alguns guerreiros continuam a olhar-te de lado; a duvidar das tuas capacidades... Isso tem de acabar! Hoje vais combater para conquistar o respeito dos homens.

Halvard conduziu-me ao mesmo local onde eu defrontara Sigarr. E, evidentemente, fê-lo com um propósito! Era aqui que se concentravam os guerreiros que treinavam sob as ordens de Mazin... O meu irmão não ia perder a oportunidade de provocar aquele que tanta dificuldade tinha em vergar-se diante do Filho do Dragão! Está claro que, se eu questionasse o seu passo, haveria de argumentar que eram os nativos que mais ciciavam contra mim, devido ao facto de eu ser mulher. Logo, nem me dei a esse trabalho.

Como no outro dia, um grupo de guerreiros reunia-se em torno de um círculo de combate, gesticulando e berrando exaltados com o duelo que decorria. Dois homens rasgavam caminho por entre os demais, recolhendo apostas. Os adversários deviam possuir habilidades excepcionais, pois moedas de prata e até pequenas joias iam passando de mão em mão. Enfim aperceberam-se da nossa chegada e acotovelaram-se para abrir caminho, inclinando-se em reverência. Halvard manteve-me debaixo da sua asa, como se receasse que um deles me espetasse um punhal nas costelas. Pura

ironia! O homem que me protegia era o único que, efetivamente, me inspirava temor.

Ao alcançarmos a linha negra compreendi o porquê de tanta comoção. Era o próprio Mazin quem lutava contra outro guerreiro igualmente possante. Tinham dispensado o uso de armas, mas não necessitavam delas para infligir danos graves. Dava gosto vê-los! Os murros sucediam-se, tão rápidos que os olhos mal acompanhavam o movimento dos braços e a solidez dos punhos. Os pés pulavam como se a areia estivesse em brasa, à medida que os troncos rodavam para a esquerda e para a direita. Inclínavam-se para a frente, na defensiva; para trás, evitando outra punhada. O sobrolho de Mazin estava rasgado, mas o seu émulo tinha os lábios desfeitos e sangrava abundantemente. As suas pernas começavam a vacilar... Ainda tentou desequilibrar Mazin, mas este suportou bem a pancada e revidou, apanhando-o desprevenido com um soco nas têmporas. O homem estatelou-se no chão... E aí ficou, sem sentidos.

A multidão bradou em delírio, aplaudindo o vencedor. Mazin recebeu palmadas nas costas e agradeceu, sorrindo... até ao momento em que se deparou com Halvard. Então, os seus lábios cerraram-se e desapareceram. Inclusive, parecia que o bigode se eriçava, tamanha a ira que o assolava. O seu peito oscilava ao sabor da respiração descompassada... E não era o cansaço do duelo que o fazia resfolegar!

Halvard estava tão próximo que senti a tensão apoderar-se do seu corpo. A reverência de Mazin tardava... Mesmo o guerreiro derrotado já recuperara a consciência e saudava-nos com uma vénia. Por fim, como se o gesto lhe amputasse o orgulho, o colosso acabou por baixar a cabeça e morder entredentes:

— Senhor...

Só então Halvard enunciou, num tom álgido:

— Kelda, este é o general Mazin, responsável por esta área do acampamento. E estes são os homens que marcham sob as suas ordens, ao serviço do Filho do Dragão.

Nem uma palavra a relacionar Mazin e o rei-feiticeiro... Estaria enganada? Uma coisa era inquestionável: se o olhar do nativo matasse, Halvard e eu estaríamos a estrebuchar na areia.

— Kelda deseja lutar — continuou Halvard, sem desviar os olhos do émulo. — Algum destes homens é digno de enfrentar uma guerreira de tão grande valor?

Aqui e além disfarçaram-se gargalhadas. A maior parte dos nativos achava que os relatos que enalteciam a minha destreza não passavam de invenções para afugentar as ameaças. Era natural! Poucos guerreiros se tinham batido comigo e vivido para se gabarem do feito.

Mais arguto, Mazin não se revelava minimamente agradado com a situação. Já adivinhara que a intenção de Halvard era provocá-lo, incendiar ânimos e criar confusão. Se a presença de uma mulher no acampamento era uma ignomínia, eu imaginava o que não seria ter uma mulher como desafiadora num duelo! Ainda assim, o general engoliu a afronta e ripostou:

— Qualquer um dos meus guerreiros está preparado para derrubar um exército!

— Espero que assim seja... — volveu o meu gémeo. E o seu olhar trespassou-me com uma fereza implacável, como se dissesse: «Não te atrevas a desapontar-me!» Em voz alta ordenou, ríspido e impaciente: — Dita as regras, Kelda.

Ardia de vontade de humilhar Mazin... E servia-se de mim para fazê-lo! Talvez se desse por satisfeito, se tudo acabasse rápido! Para isso, eu precisava da ajuda da minha espada. De mãos nuas, jamais superaria a força destes homens. Limpei a voz e determinei:

— Lutaremos com armas. A vitória pertencerá ao guerreiro que obrigar o adversário a sair do círculo ou a admitir a derrota no seu interior.

Vi o meu irmão ranger os dentes como se esperasse muito mais. Todavia, após uma curta hesitação, acabou por aquiescer, gritando para que todos o escutassem:

— Concordo. Que o combate comece.

* * *

Entrei na linha negra que delimitava o círculo, com o fôlego suspenso. A voz de trovão de Halvard apresentava-me como «a melhor guerreira que caminha sobre a Terra, à qual poucos homens se podem igualar e muitos menos conseguem superar». Não estava aqui para puxar o lustro à vaidade, mas dei por mim a franzir a testa, enquanto os nativos desviavam o rosto e torciam os lábios, ciciando injúrias cabeludas. Melhor assim! Depois disto, não teria o menor pejo em fazê-los engolir a bazófia.

A nova de um duelo com a irmã do Filho do Dragão espalhava-se como fogo sobre palha seca. Para além dos guerreiros que já se encontravam à minha volta, muitos curiosos abandonavam o seu treino e aproximavam-se. Achei que Mazin acabaria por virar as costas, mas enganei-me. Quedou-se no lado oposto, fixando-nos sem piscar.

Halvard concluíra o discurso. Olhei em redor, esperando que alguém aceitasse o desafio e entrasse no círculo. Porém, inesperadamente, o silêncio instalara-se entre os homens. Chegado o momento da verdade, engoliam os insultos e baixavam o rosto, receosos de serem chamados a enfrentar «a mulher». Medir forças comigo era uma ofensa à sua virilidade! Ao ver o olhar do meu gémeo chamejar, exclamei com uma estridência carregada de despeito:

— Será que devo procurar um bravo noutra lugar? Parece que aqui só existem ratos!

O rugido de Mazin foi o primeiro a arranhar-me a perção, quando o opróbrio caiu sobre os seus ombros. Os guerreiros também não se conformavam com o ultraje, elevando as vozes inflamadas. Findo o repto, eu fitava um homem sem nenhuma razão especial. Todavia, este sentiu-se diretamente provocado, pois soltou um ronco selvático e pulou para o interior da linha negra. Era um gigante, com pernas que se assemelhavam a troncos de árvore e braços tão musculosos que pendiam afastados do corpo. De

imediatamente, o ânimo da multidão incendiou-se... E, nas minhas costas, Mazin traçou a estratégia para a vitória:

— Dá-lhe um bofetão, põe-na a lamber o pó e acaba com isto.

Refreei o ímpeto de arrostá-lo, pois não me podia distrair. Estes homens possuíam o dobro do meu peso. Se falhasse um passo, facilmente me lançariam para fora do círculo e, aí, eu seria mesmo obrigada a tragar os agravos... Para não falar que Halvard ficaria iracundo se me visse perder sem justificação! Acima de tudo, tinha de me lembrar que o recurso à magia estava fora de questão. Até ao momento, conseguira evitar que o meu gêmeo se apercebesse da real extensão do meu poder. Não iria entregar-lhe essa informação por conta de um punhado de cavalgaduras!

Sorri para o meu émulo... Ele bufou. O meu riso acentuou-se. O guerreiro roncou e saltou no lugar, convicto de que a sua robustez bastaria para me intimidar. Eu contava pelo menos três armas à sua cintura, mas o desprezo pelas minhas capacidades era tão óbvio que nem se dava ao incómodo de puxar por uma. Não me mexi e ele acabou por investir, com os braços abertos e as manípulas prontas para me capturar. Torci-me e esquivei-me, quase sem levantar os pés do solo. O homem estacou no lado oposto, desequilibrado pelo impulso... E, quando se virou para me encarar, a sua expressão deformava-se de assombro. Como pudera falhar a acometida?

Desembainhei a espada, sem pressa. À minha frente, o imbecil desatava a fremir e a bater no peito com os punhos cerrados, exibindo uma bocarra repleta de dentes podres. Esbocei uma careta incrédula... Afinal, o que pretendia? Prostrar-me com o seu bafo? Não fazia ideia de quem estava a enfrentar? Ou o sol estorricara-lhe os miolos? Com mil excrementos de ratazanas, não é que continuava a berrar e a saltar como um demente!? A assistência delirava, multiplicando-se a cada fôlego. As gargalhadas fundiam-se com os palavrões. Queriam ver-me afocinhada na areia, a prantear por clemência. As apostas estavam firmadas. Seria já no próximo assalto... Enfim, o meu adversário quedou-se, ofegante. E desatou a

rir ao constatar que eu me apoiava na espada, aguardando que concluísse a exibição.

— É pesada, não é? — escarneceu na sua língua, para divertir os companheiros. — Foi forjada para um homem de barba rija... Não para uma fedelha que mal largou os cueiros!

Mais gargalhadas... Eu estava de costas para Halvard, mas sentia o ardor crescente da sua ira. O guerreiro tornava a sacudir os braços e a pular junto à linha negra, pedindo um coro de apoio. Os companheiros fizeram-lhe a vontade, urrando e batendo com os pés. Cocei o nariz... Bocejei, na expectativa de que ele empunhasse a sua espada. Qual não foi o meu espanto quando arremeteu com os braços estendidos, teimando em me agarrar... Isto tinha de acabar!

Rápida como um raio, voltei a desviar-me. Rodei sobre mim própria e girei a espada com uma precisão letal. A lâmina rasgou-lhe as costelas, ao mesmo tempo que a minha anca lhe intercetava a perna e roubava o apoio do chão. O homem caiu sobre o ventre, tão esticado como um bacalhau seco. Sem delonga, cravei-lhe a bota na ferida e a ponta da arma na nuca, para impedi-lo de se levantar. O seu berro de dor estrondeou sobre as exclamações de espanto que se multiplicavam em torno do círculo. Ainda tentou resistir, mas, quando sentiu a lâmina enterrar-se na base do crânio, prontamente estendeu o braço com dois dedos da mão erguidos, numa súplica por misericórdia... A vitória era minha. Comecei a recuar, mas o rugido de Halvard deteve-me:

— Mata-o!

Pisquei os olhos, aturdida. À minha frente, o rosto de Mazin empedernia-se. Fixei o meu irmão, replicando como se não acreditasse no que ouvira:

— O guerreiro rendeu-se...

— Isso não é um guerreiro — atalhou Halvard, rubro de fúria. — É um inútil que transformou um duelo numa paspalhice! Não merece a água que bebe... E não beberá nem mais uma gota à minha custa!

— Como eu ainda hesitava, fremiu: — Porque esperas? Mata-o!

Engoli em seco e fitei o homem prostrado aos meus pés. O seu braço pendera e os dedos enterravam-se na areia. Apercebi-me de que tremia... O que podia eu fazer? O que Halvard ordenava não era um castigo... Era uma execução! Porém, contrariá-lo seria o mesmo que gritar-lhe nas fuças: «Tu não tens nenhum poder sobre mim!» E, de qualquer modo, o guerreiro tombaria! Que os deuses se apiedassem da sua alma, mas fora ele mesmo quem ditara a sua sina ao troçar da vontade do Filho do Dragão.

Sem querer, os meus olhos ergueram-se para Mazin e tive a nítida impressão de que ele acenava com a cabeça. Sob a minha espada, o guerreiro começava a grunhir como um porco enraivecido. Antes que cuspiasse um palavrão, enchi o peito de ar e cravei-lhe a lâmina na nuca. O seu corpo convulsou... E o silêncio caiu sobre o acampamento, tão abrupto e profundo que era possível escutar o sopro do vento.

— Porque esperais? — ribombou o senhor do território. — Levai-o e lançai-o ao rio. Tamanho inepto não merece honras fúnebres!

Enquanto os guerreiros lhe obedeciam, eu embainhei a espada e tencionei sair do círculo. Queria regressar a casa, mergulhar numa tina de água fria e apagar da mente o que acabara de suceder. Já matara muitos homens, mas nenhum desta forma desonrosa... Tinha o estômago às voltas! Sempre que achava que as atrocidades de Halvard haviam atingido o auge, eis que ele encontrava uma forma de se exceder... E, evidentemente, ainda não estava satisfeito!

— Aonde vais? — resmoneou, impedindo-me de cruzar a linha negra.

— Não entendo... — titubeei, ciente de que a minha única escusa era fingir-me baralhada. — Fiz o que me pediste! Lutei...

— Chamas àquilo luta? — rosnou junto à minha face, de modo a que mais ninguém ouvisse. — Mal aqueceste os músculos, Kelda! Corta esses ignóbeis em pedaços, espalha as suas tripas pela areia, bebe-lhes o sangue, redu-los a cinzas com a tua magia... Faz o que te apetecer! Mas, quando terminares, que nenhum espírito questione o teu valor.

Mordi a língua até o sangue inundar a boca, enquanto sustentava o ardor do seu olhar. Tinha de me acalmar ou deitaria tudo a perder! Rodei nos calcanhares, tentando não pensar. Uma suspeita cruel trucidava-me... Halvard preparara-me uma armadilha e eu caíra dentro dela como uma ratazana cega!

No centro do círculo, desembainhei a espada e girei sobre mim própria, apontando-a aos homens enquanto desafiava:

— Existe entre vós alguém capaz de lutar? Ou só sabeis guinchar e saracotear como rameiras...?

O ronco furibundo de um nativo calou a provocação. Entrou no círculo com a espada em punho e quase me desequilibrou com o seu ímpeto. A sua altura e robustez, aliadas a uma perícia aguçada, obrigaram-me a apelar a toda a destreza para repelir as suas acometidas. A multidão incendiava-se de entusiasmo. Bradavam: «Emir! Emir!» E apostavam contra mim! Percebi que enfrentava um guerreiro bastante respeitado. Mais uma defesa e passaria ao ataque.

Agachei-me e a espada assobiou-me por cima da cabeça... Emir não estava a brincar! Ainda bem, pois era crucial que Halvard ficasse satisfeito com a nossa exibição. As espadas cruzavam-se com tamanha violência que os meus pés resvalavam na areia. Porém, há muito que aprendera a tirar proveito da colossalidade dos meus adversários. Um homem pujante raramente superava a minha agilidade. E este não seria exceção!

Investiu com demasiada força e a sua arma rasgou o vazio. Rolei na areia e ergui-me com um salto, nas suas costas. Um pontapé bem aplicado nos músculos da perna que o sustentava e o guerreiro tombava no chão, com um ganido arrepiante. Tentou levantar-se, mas a minha bota já se esmagava contra o seu maxilar. Sovei-o com quanta força tinha, socorrendo-me dos pés e dos punhos, para provar que era perfeitamente capaz de suplantar um homem com o dobro do meu tamanho. Ainda assim, Emir tentou contrariar-me com a espada. No entanto, estava tão atordoado que não tive dificuldade

em arrancar-lha da mão. Uivou de fúria... Mas engoliu a voz ao sentir a minha lâmina na garganta.

Sem dúvida, fora um combate aguerrido... Um ótimo combate! Aliviada, agarrei num punhado de cabelos do meu émulo e obriguei-o a prostrar-se de joelhos, diante de Halvard, rosnando:

— Implora a mercê do teu senhor.

Soltei-o e aguardei o gesto de rendição. Todavia, o nativo prendeu os olhos no chão e não se mexeu. O orgulho podia ser mais fatal do que veneno! Senti o coração contrair-se, com um mau pressentimento. E não era a única, pois Mazin clamava nas minhas costas:

— Emir lutou com bravura. Merece viver...

— Corta-lhe a cabeça!

A ordem de Halvard roubou-me o fôlego, tal a frieza com que foi proferida. Encarei o meu irmão e vi o fulgor ardente da Arte Obscura a chispar por detrás do verde-floresta. Nada o faria mudar de ideias... E o apelo de Mazin só servira para acirrar ainda mais a sua perversidade. Calei a mente, fechei o coração e obedeci.

Pela segunda vez, um silêncio horripilante tomou conta da multidão. Até os coletores de apostas estacaram, quais estátuas, enquanto o tronco do guerreiro decapitado ruía na areia, estrebuchando e expelindo sangue aos borbotões. Ironia do destino, a cabeça rebolou até aos pés de Mazin. Baixei a espada e enfrentei o olhar de Halvard, vazia por dentro, frígida por fora. E os lábios do meu gémeo disfarçaram um sorriso cruel, anunciando que esta atrocidade estava longe de terminar.

O sangue do guerreiro espalhava-se, num jorro demasiado abundante para a areia absorver. Não era uma visão para espíritos fracos! Os homens enfim reagiam, expressando o seu pasmo numa confusão de gestos e palavras atabalhoadas. O cadáver ainda estava a ser removido e já Halvard estrondeava:

— Mais ninguém quer combater? Tendes a coragem mais curta do que a língua?

O alvoroço reacendeu-se. Apesar de se indignarem, nenhum guerreiro ousava afrontar o Filho do Dragão. Sob a sua soberania, tinham aprendido que existiam destinos muito piores do que a morte. Desta feita, quem avançou foi um homem magro, mas musculado, com aspeto determinado. As suas faces morenas incandesciam de ódio ao reptar por detrás da espada:

— Preparai-vos para gritar por clemência, senhora!

Mais um gabarola parco de inteligência! A sua bazófia arrancou gargalhadas aos companheiros. Esta gente devia padecer de memória curta! Não teriam ainda percebido que todos aqueles que entrassem no círculo para me enfrentar estavam condenados à morte? Ou movia-os a pretensão de me vencer? Empinei o nariz e ripostei, instigadora:

— A minha garganta está afinada, senhor... Sereis competente para me obrigar a usá-la?

Um lenho na vaidade e o apumado macho arremetia tempestuosamente. Revelou-se ágil, hábil e concentrado no objetivo. Apreciei a perícia com que cruzava a espada. Era, sem dúvida, um adversário temível, capaz de quebrar a minha defesa à menor distração. Os nativos estavam tão confiantes na sua vitória que clamavam exaltados:

— Dá cabo dela!

— Fá-la ganir!

— Arranca-lhe a língua!

— Fura-lhe os olhos...

O guerreiro riu jocosamente, acirrado pelas incitações. Investiu com dobrado ímpeto e, no derradeiro choque das nossas armas, prendeu a minha lâmina e arrostou-me. Exibiu os dentes com um rugido feroz e, convicto da sua superioridade, cuspiu-me para a cara.

Senti a sua saliva como lava a deslizar pela pele, enquanto o sangue me afluía às faces. O sebento tentou desfazer o bloqueio das armas, mas não admiti que se afastasse... E, de repente, o véu do ódio cobriu-me a razão e o ar explodiu-me dentro dos pulmões.

Porque estava com tantas medidas? Se o Filho do Dragão queria verme a matar, eu mataria! Afinal, cada homem que tombasse dentro deste círculo seria menos um inimigo que o meu povo teria de enfrentar no campo de batalha.

Num ápice, torci o braço e a espada voou da mão do guerreiro. Ainda os seus olhos se arregalavam de pasmo e já a minha perna se erguia e distendia para pontapeá-lo no estômago. O impacto fê-lo cair sobre o traseiro e deslizar na areia. O meu grito enraivecido estrondeou no ar, sufocando a vozaria da assistência, enquanto a minha lâmina refletia os raios de sol... E esse esplendor foi a última visão do meu émulo.

No ardor do momento, tomei consciência do tremor da multidão; do gorgolejar assombrado de gargantas que, ainda agora, vomitavam obscenidades; do fedor que empestava o ar, numa mistura de suor e excitação; das centenas de corpos que se empurravam e acotovelavam, na ânsia de testemunharem o impensável. Finalmente o Exército do Dragão obsequiava-me com a sua atenção! Vozes berravam o meu nome para os coletores de apostas, atribuindo-me a vitória no próximo duelo. E Halvard sorria, deleitado... triunfante! Enfim, a guerreira que o impressionara ao salvar o rei Bernard do Império estava à sua frente, disposta a espalhar sangue e tripas pela areia como ele ordenara.

Um burburinho nas minhas costas fez-me saltar em alerta. Girei com a espada em riste e trespassei o guerreiro que cruzava a linha negra para me desafiar. Outro seguiu-se. E outro. E ainda outro... De repente, o círculo transformara-se num campo de batalha; o duelo, numa carnificina. Os homens atacavam como loucos, enraivecidos pelo meu furor, dominados pela obsessão de me prostrar. Porém, eu não estava disposta a sujeitar-me. Sim, o orgulho era um veneno alucinante! O suor escorria-me pelas faces e colava-me a roupa ao corpo. Os olhos ardiam, fustigados por nuvens de pó. Os cadáveres estropiados amontoavam-se aos meus pés. A areia deixara de absorver os fluidos dos despojos. A minha lâmina estava coberta de

sangue, pedaços de pele e de carne, fios de cabelo, pastas de lama...

— Basta! — A voz de Halvard chegou até mim, como se vinda de longe. De muito, muito longe... Rodopiei uma última vez e caí de joelhos, no centro do círculo, enterrando a espada no solo. A vontade do Filho do Dragão fora cumprida. Com este ardil, o meu irmão fizera-me perder o controlo e revelar a destreza que, durante semanas, eu tanto penara para esconder. E, como se isso não bastasse, ainda desfrutara do prazer de humilhar Mazin, obrigando-o a assistir impotente à chacina dos seus homens.

Lentamente, fui recuperando a audição. O ânimo da multidão alterara-se. Ao invés de insultos, gritavam-se ovações e batiam-se palmas. Só quando ergui a mão para afastar os cabelos que se grudavam ao rosto é que reparei que tremia. Tentei engolir para refrescar a garganta, mas não fui capaz. A língua pendia-me dentro da boca, seca como um farrapo... Estava sedenta! O esforço exaurira-me e o sol ressequira-me até aos ossos. Comecei a levantar-me e vi tudo a andar à roda. Com mil ratazanas ébrias, agora que o ardor da contenda se extinguiu e o fogo da raiva fora reduzido a cinzas, o meu alento esvaía-se como o sangue dos infelizes que jaziam aos meus pés.

Tentei dar um passo, cambaleei e tive de me apoiar na espada para não me estatelar no chão. Nesse instante, dois braços fortes suportaram o meu peso... E a voz de Halvard tornou a ribombar, desta feita num louvor arrebatado que inflamou os homens:

— Com Kelda da Montanha Sagrada ao meu lado, o Filho do Dragão será invencível! Todos os reinos da terra tombarão aos meus pés... E para vós, meus guerreiros, sobrarão riquezas para além da mais fértil imaginação!

Enquanto a multidão jubilava, susteve-me contra o peito e ofereceu-me a água do seu cantil. Aguardou que eu acabasse de beber para me murmurar ao ouvido:

— Muito bem, Kelda! O teu desempenho foi excepcional... E nem recorreste à magia! Julgas que não reparei? Mas terás de fazê-lo

agora... Tenho uma missão para ti.

A água concedeu-me um alívio indescritível, levando alento e frescura a todos os cantos do meu ser, varrendo o cansaço, aclarando a mente. Uma pitada de magia e estaria plenamente restabelecida... Todavia, as palavras de Halvard já me faziam prender a respiração, causando-me calafrios como um mau presságio.

— Uma missão? — repeti, tentando não denunciar o desejo quase irrefreável de lhe torcer o pescoço. E ele decretou com uma fereza que não admitia réplica:

— Quero que desafies Mazin... E que o mates sem hesitações!

CAPÍTULO 15

O general Mazin observava a remoção dos cadáveres, com o cenho franzido e os punhos cerrados. Os ombros largos tremiam, tal a perturbação que o assolava. Eu não duvidava de que cada uma daquelas mortes era um punhal cravado no seu peito. O olhar negro relampejou de raiva, ao encarar o Filho do Dragão... Prendi o fôlego quando Halvard elevou a voz acima do alarido dos guerreiros e ordenou:

— Mazin... Aproxima-te!

O general demonstrou um desagrado extremo. Os lábios finos desapareceram sob a linha do bigode, enquanto os músculos se retesavam em alerta, como se adivinhasse o que estava prestes a acontecer. E não demorou para que a multidão também se inquietasse! No instante em que Mazin se quedou à nossa frente, altivo e desafiador, Halvard trovejou:

— Kelda lançou uma acusação grave sobre a tua cabeça... Uma delação que eu não posso postergar!

O olhar rapace do general trespassou-me, como se almejasse arrancar-me as entranhas pela boca. Esforcei-me por sustentar a postura quando rosnou ameaçador:

— E que queixa tendes contra mim, senhora?

Boa pergunta! Com mil ratazanas embusteiras, que ofensa é que eu podia apontar-lhe? Senti-me à deriva no cerne de uma tempestade. Dava voltas à cabeça, mas não entendia por que razão Halvard me encomendara a morte de Mazin. Ele nunca virava costas às contendidas, para mais numa questão de honra! Se era verdade que o general o defrontara e vencera, devia desejar a desforra pelas suas próprias mãos... A não ser que estivesse com medo! Não... Mazin podia ter tido sorte uma vez, mas, não obstante ser um guerreiro de excelência, em condições normais jamais ensombraria a primazia do Filho do Dragão.

Como eu não tinha nada para responder, Halvard falou por mim:

— Kelda acusa-te de espalhares histórias indecorosas a seu respeito. Garante que, diante dos guerreiros, questionas a sua nobreza, a sua lealdade... e a sua virtude!

A perplexidade de Mazin pululava inocência. Até podia pensar tudo aquilo... No entanto, apregoá-lo era algo bem diferente! Negou com a cabeça e asseverou:

— Juro-vos que estais enganada, senhora. Jamais vos difamei...

— Isso é o que vamos ver! — atalhou o meu gémeo, com um gesto implacável. — O círculo de combate decidirá quem fala verdade. Se fores inocente, nada tens a temer!

Então, o general arrostou o seu senhor. E foi como se, subitamente, a incómoda capa de subserviência lhe escorregasse dos ombros:

— Vá lá, Halvard... Estes homens são testemunhas da questão que nos divide. Se queres a minha pele, vem buscá-la! Não te escondas por detrás de uma mulher.

O silêncio que se seguiu foi sepulcral. Mazin não só desconsiderava o Filho do Dragão como o contradizia, desafiava, injuriava... Chamava-lhe covarde diante do seu exército, sem a menor sombra de temor!

Os dedos de Halvard quase me partiam as costelas quando me resmungou ao ouvido:

— Acaba com ele depressa! — E o seu tom propalava o que ficara por dizer: «Ou sofrerás as consequências de me contrariar!»

Enchi o peito de ar e dei um passo, enquanto exibia a espada e porfiava:

— Pagarás caro pela ousadia, insolente! Vou ensinar-te a respeitar o senhor desta terra...

— Eu sou o senhor desta terra! — rugiu Mazin. E, para meu assombro, rasgou o colete que lhe cobria o peito e exibiu uma marca de nascença, castanha ensanguentada, tão singular e perfeita que não deixava margem para dúvidas. Esse era o desenho que eu vira nas paredes do túmulo subterrâneo e que se encontrava espalhado

pelos quatro cantos do palácio... A flor que se fendia para deixar escapar uma lágrima!

Detive-me em cima da linha negra, com o coração em debandada. Não obstante estar a assistir à confirmação das minhas suspeitas, sentia-me chocada. Mazin não era tão-somente um descendente do rei-feiticeiro que herdara a sua magia... Era o seu legítimo sucessor! A marca que carregava concedia-lhe o direito de se sentar no trono deste território. E, possivelmente, fora isso que acontecera antes da invasão do Filho do Dragão.

Os guerreiros nativos não se agitavam, não vociferavam... apenas tremiam, como se atingidos por uma chuva de espigões de gelo que os paralisava até aos ossos. Era manifesto que o medo os ligava ao Filho do Dragão, mas continuavam leais a Mazin. A história que Halvard me impingira, sobre como a sua chegada salvara esta terra e o rei vigente se sujeitara pacificamente ao seu domínio, não devia conter um pingo de verdade! E que outra coisa seria de esperar?

Esta revelação levantava questões fenomenais. Se Mazin recuperasse a soberania da Terra das Montanhas de Areia, o meu irmão perderia o apoio de milhares de guerreiros! Para não falar da aterradora frota de guerra em construção, que jamais seria lançada ao mar para navegar contra o meu povo. Mas como podia eu recusar-me a combater, prisioneira que estava da vontade de Halvard?

No centro do círculo, o general começou a estalar as mãos e a bater com os pés na areia. Ao contrário do meu primeiro adversário, a sua iniciativa nada tinha de ridículo. Os homens imitaram-no de imediato, numa cadência certa e sólida. Mal os batuques ecoavam como música, as vozes grossas elevaram-se, incendiando o sangue, arrepiando os espíritos. Percebi tratar-se de uma espécie de dança; um ritual de preparação para a batalha. Mazin sabia que a nossa luta seria decisiva! E que não era apenas o nosso destino que estava em causa, mas a alma desta terra e o futuro da sua gente.

Quando o ritmo atingiu o auge, o herdeiro do rei-feiticeiro empunhou duas espadas, com frieza e convicção. Enfim, eu

enfrentava um adversário à minha altura! Porém, tal não me oferecia a menor satisfação. Já chegara à conclusão de que Mazin era um homem de coragem... Um homem de honra... E eu tinha de matá-lo! Com mil ratazanas encurraladas, era melhor esquecer tudo e concentrar-me ou o próximo sangue derramado neste círculo seria o meu!

A multidão gritava em coro, batucava com as mãos e com os pés... O efeito era intimidante! Esmagador! Decerto Mazin já perdera a conta aos homens que se tinham borrado de medo, confrontados com a sua imponência e a ferocidade dos seus seguidores. Todavia, eu travara demasiadas batalhas, testemunhara demasiados horrores, para me deixar impressionar. Devia abstrair-me de tudo o que acontecia no exterior do círculo... Isso, se desejava viver! Não imaginava o que se passava na mente do meu émulo. No entanto, o facto de estar a ser desafiado por uma «mulher», que acabara de massacrar alguns dos seus melhores guerreiros e possuía o sangue do seu maior inimigo, não pesava a meu favor. Para confirmá-lo, bastava ver o ódio que lhe abrasava o olhar, retumbava na voz e instigava cada gesto.

Tornara-se impossível enxergar através dos corpos que se amontoavam em redor do círculo. Dir-se-ia que todo o acampamento acorria para testemunhar este maldito confronto! A irmã do Filho do Dragão contra o legítimo senhor da terra... Será que, quando decidira usar-me para sujar as mãos em seu lugar, Halvard se lembrara de que Mazin podia, efetivamente, matar-me? Se sim, sequer hesitara? Inspirei fundo e assumi a iniciativa do ataque.

Apesar de encorpado para a altura, Mazin movia-se com grande agilidade. A espada que empunhava na mão direita era larga e curva, extremamente perigosa. Se eu descuidasse a guarda ficaria exposta a uma estocada fatal... Desviou-se e acometeu, numa sucessão de golpes rápidos e vorazes que me roubaram o ar, pondo à prova toda a minha destreza. Parecia disposto a resolver o duelo

num só fôlego. Urrou de raiva ao verificar que a adversária contrariava eficazmente as suas investidas. Ainda assim, a robustez concedia-lhe vantagem! No derradeiro assalto, obrigou-me a segurar a espada com as duas mãos para me escudar. E o choque das armas foi tão brutal que me roubou o chão.

Fui projetada para trás, mas apelei à energia do embate para me impulsionar novamente. O salto arrojado fez-me voar sobre a cabeça calva. Aterrei com firmeza, no instante em que Mazin se virava para me encarar. Vi o seu sobrolho franzido de espanto... Porém, antes que se refizesse, já eu lançava uma bota contra o seu maxilar.

O impacto da sola rija bastaria para derrubar a maioria dos guerreiros... Contudo, o general apenas cambaleou. Aproveitei para tentar outra arremetida. As espadas longas libertaram faíscas no ardor da oposição. Pelo canto do olho, vi a lâmina curva reclamar o meu peito e verguei-me para trás, a tempo de evitá-la. Mazin estava atento... Pulou sobre mim e, desta feita, foi a sua bota que se cravou nas minhas costelas, impondo-me uma queda aparatosa.

Rebolei na lama fétida, incapaz de me suster. O meu braço torceu-se e acabei por perder a espada. O silvo das armas inimigas atingiu-me a perção... Mazin precipitava-se para um golpe decisivo! Fui confrontada com o brilho da espada curva. Ouvi-a arranhar a areia. A espada longa também caía sobre mim... Contrariei o atrito e tive um vislumbre do azul do céu. Parei de respirar... E a lâmina afilada enterrou-se no solo, a dois dedos da minha testa. A superfície polida refletiu um rosto que mal reconheci, afogueado, coberto de sangue e de imundice... Arqueei os quadris e ergui-me com um salto. Fechei o punho e rodei o tronco, concentrando toda a energia no antebraço. O cotovelo esmagou-se contra a garganta do general, fazendo-o retroceder o suficiente para que o meu pé lhe arrombasse o peito. Cuspiu o ar, em desequilíbrio... Ainda assim, não caiu! Com mil ratazanas esfoladas, de que matéria fora forjado este colosso?

Recorri ao alento que me restava para usar as pernas. Um pontapé atingiu Mazin no estômago. Outro na frente. Outro nas

costelas. Vacilou... Mas acabou por se aguentar! Se ao menos eu recuperasse a espada... Rangi os dentes e repeti o assalto, reunindo ainda mais potência para a colisão. A bota acertou-lhe no nariz, deixando-o momentaneamente cego. O seu braço esquerdo rasgou o vazio; a espada longa reclamou a minha carne. Lancei-me para o chão, sentindo-a rasar o crânio. Porém, ainda o assobio do aço se fundia com o seu ronco de frustração e já eu me levantara e aprisionava-lhe o pulso. Depois, contorci-me e arrastei-o comigo na queda, testando a resistência do seu braço contra a solidez da minha anca. A surpresa impediu-o de reagir... E, finalmente, o som de ossos quebrados soou como música para os meus ouvidos.

A dor obrigou o general a soltar a espada. Ciente de que seria incapaz de lhe deitar a mão, antes que ele a resgatasse, arrojé-a para lá da linha negra com um pontapé. A desigualdade estava reduzida! Detive-me um instante, tentando restaurar o fôlego. Mazin tombara de joelhos e apertava o pulso contra o peito, enquanto tossia e arfava, sufocado pela violentíssima pancada que recebera na garganta. Fora um tremendo azar não ter conseguido esmagá-la! Contudo, o meu último golpe também causara estragos... O seu nariz estava desfeito, assim como os lábios. O sangue escorria-lhe em fio pelo queixo e acabou por cuspir um dente. Depois, começou a suster-se... E eu enchi o peito de ar e corri para a minha arma.

O berro do general eriçou-me os cabelos. Empunhei a espada, mesmo a tempo de deter a terrível lâmina curva. Os seus golpes multiplicaram-se, implacáveis, brutais. Mais uma vez, a minha perícia mal chegava para me defender! Não obstante ter um pulso partido e a cara destrocada, Mazin assegurava a vantagem. A violência das suas investidas seria suficiente para me prostrar, não fora a minha agilidade. Contudo, o calor que atormentava a terra principiava a cozer-me; a usurpar-me o ânimo. A túnica colava-se ao tronco, à medida que o suor me alagava a pele. Os olhos ardiam, irritados pela mistura de sal e areia. Os pulmões comprimiam-se em agonia... Não tardaria a perder os sentidos, se não pusesse cobro a esta

insânia! Mas como superar o meu émulo, se ele nem sequer me dava uma oportunidade para ripostar?

Mazin descobrira quão eficazes podiam ser os meus pés, por isso certificava-se de que eu não os levantaria sem sofrer uma queda. As nossas espadas chocavam-se sobre as cabeças, à direita e à esquerda, diante do peito e do ventre. O olhar negro do general soltava farpas incendiadas de ódio, enquanto atacava qual fera ferida, a rugir e a espumar, esfomeada por morte. Num campo de batalha, eu poderia recorrer às técnicas de combate do Povo da Terra para vencê-lo. Os saltos e piruetas que Lysander me ensinara desafiavam as leis da Natureza e deixavam os inimigos empedernidos de terror, crentes de que se encontravam perante alguém capaz de voar. Todavia, no espaço abafado deste círculo, o tamanho de Mazin sobrepujava-me.

Todos os meus ossos e músculos garantiam-me que jamais venceria este confronto sem a ajuda da magia. Até agora, evitara-a... Mas que opção me restava? Halvard bem me avisara que teria de invocá-la! Na verdade, devia tê-lo planeado desde o início, para me obrigar a expor a minha destreza, uma vez que fora incapaz de fazê-lo em privado! Ratazana aleivosa... Tinha-me à sua mercê! Se eu não me socorresse da Arte para sujeitar Mazin, como me fora ordenado, arriscava-me a tombar às mãos do general e a ver a minha essência devorada pelo Filho do Dragão.

O dilema saiu-me caro. A espada do colosso capturou a minha, num rodopio fatal. Tentei desesperadamente segurar o punho que se escapulia dos dedos... Falhei! De repente, as minhas defesas estavam escancaradas, o corpo em desequilíbrio, a visão turva, o raciocínio paralisado... E Mazin era demasiado experiente para não aproveitar o ensejo! Mal me viu cambalear, carregou e esmagou o crânio contra a minha frente, qual machado de guerra.

Fiquei cega, surda, sem ar... Caí desamparada, com a cabeça a estalar e o sangue a inundar-me a boca. Pisquei os olhos, tentando superar o aturdimento. Ainda assim, nada distingui, além de uma névoa lúgubre que se salpicava de pontos brilhantes. O pânico

devorou-me... Eu não podia desmaiar! No auge da aflição, os meus ouvidos capturaram um sibilo... O assobio de uma lâmina! E o instinto de sobrevivência prevaleceu.

Rolei e rebolei, gritando para acirrar a determinação. Não podia resignar-me! Jamais iria desistir! De novo, escutei o som da espada de Mazin a arranhar a areia... Seguido de uma saraivada de pragas obscenas. Eu continuava inteira! Porém, não por muito tempo se demorasse a reagir. Pensei em Lysander... E dei por mim de pé. Ainda não recuperara a visão, mas as centelhas de luz que faiscavam na bruma da minha consciência principiavam a agrupar-se, a fundir-se, até traçarem linhas que depressa se transformavam em formas sólidas, as quais saltavam, esbracejavam e fremiavam, exigindo sangue... O meu sangue!

O vômito tomou-me de surpresa. A tontura vergou-me as pernas... Será que a marrada de Mazin tivera consequências mais graves do que aquelas que a minha condição humana podia suportar? A dor regressou, tão feroz que destroçava. Senti a cabeça inchar como se prestes a explodir. O meu crânio era um pedregulho descomunal, encavalitado numa vara frágil... A gargalhada vitoriosa do general ainda me feriu os ouvidos. Contudo, uma segunda golfada de fel drenou o escasso alento que conseguira reunir. As luzes dissiparam-se... E o tormento extinguiu-se.

Escutei as batidas do meu coração... Tão débeis! Duas. Três... E as batidas de outro coração, sobrepondo-se num ritmo desencontrado. Quatro... Seis... Abri os olhos, consciente do peso de um corpo estranho. Julguei que ia encontrar Halvard a sarar-me... Mas era Mazin quem me fixava, com os olhos a chamejarem de raiva.

Eu desfalecera por um instante. Porém, fora quanto bastara para recuperar a visão e o discernimento. Não obstante ser impossível enxergar para além da gigantescidade do general, ouvia perfeitamente os berros inflamados da multidão. Sentia o calor da areia sob as costas e o ardor do Sol que ainda governava o céu. Distinguia o sabor do

sangue, do fel e do suor a queimarem-me a língua... Se a magia principiara a restabelecer-me, decerto devolvera-me o vigor. Tentei empurrar Mazin, mas descobri-me incapaz de mexer um músculo. Para além de me paralisar o tronco e as pernas, o colosso também prendia os meus pulsos sobre a cabeça, com tal eficácia que eu nada podia fazer, além de encará-lo.

— Ainda bem que acordaste — rugiu entredentes. — Quero que testemunhes a excelência do poder que te vai destruir!

Susteve-se e arrastou-me consigo. Torceu-me como se eu fosse um trapo. Obrigou-me a ficar de joelhos e colou o peito às minhas costas. A força do seu braço magoado chegava para me imobilizar, enquanto me exibia à multidão extasiada. Reparei que Halvard se quedava a poucos passos, com as faces rubras e a respiração ofegosa. A minha derrota enfurecia-o para além da razão! Os seus lábios moveram-se sem emitirem um som, mas eu percebi-o perfeitamente:

«Usa a magia... Mata-o! Mata-o já!»

Mais uma vez, tentei escapar ao aperto de Mazin... Em vão. Evocar a Arte... Não evocar a Arte... O olhar de Halvard despia-se de clemência. Percebera que eu teimava em desobedecer-lhe... Com mil pragas de ratazanas, o meu gémeo não jurara amar-me acima de todas as coisas? Porque não dava este maldito duelo por terminado?

O que pretendia Mazin? Quebrar-me o pescoço? Degolar-me? Falara num poder destruidor... Aludiria à Arte Obscura? Sim! Era isso! Pressenti quando a acendeu no seu sangue, qual neblina gélida a colar-se à minha pele. E preparei-me para me defender. Não queria matá-lo! Porém, se tivesse de escolher entre a sua vida e a minha...

De súbito, fez-me retesar, ao agarrar-me no braço direito e erguê-lo à altura dos olhos.

— Vês este golpe? — indagou.

Referia-se a um arranhão minúsculo, no interior do pulso. Contorci-me para afastá-lo, mas acabei por estacar, perplexa, quando baixou a boca e moldou os lábios em torno do corte.

Começou a sugá-lo com um ardor quase lascivo. Depois, ficou inerte... E, não fora a pressão que exercia para me manter cativa, julgá-lo-ia petrificado pela interferência de uma Entidade divina.

O meu pulso estava coberto de baba! Teria Mazin enlouquecido? Halvard cerrara os punhos, mas não mexia um dedo para me libertar. Entrementes, a multidão tornara a mergulhar num silêncio profundo. Ninguém se manifestava... Ninguém! Porque é que todos os olhares se fixavam na minha mão, como se aguardassem...?

De súbito, os meus sentidos troaram em alarme. O riso ferino de Mazin irritou-me os ouvidos, mas ignorei-o. Acabara de ser assaltada por uma sensação estranha, como se o meu pulso estivesse a ser picado por uma formiga... Não! Por todas as guerreiras de um formigueiro, concentradas em dilacerar-me a pele e consumir-me a carne!

Nesse instante, o silêncio dos homens assumiu um significado infausto. Eles sabiam que a atitude de Mazin não dimanara de uma inopinada demência! O ardor causado pela sua saliva era agora insuportável... Puro ácido! Não podia ser... Ia jurar que o corte crescia e se aprofundava a cada fôlego... Até surgir uma gota de sangue! E outra...

Encarei Halvard com uma premência interrogativa. Que praga era esta? As faces do meu gémeo estavam invulgarmente pálidas, mas quedava-se inflexível... Voltei a examinar o pulso e mal contive um gemido ao verificar que o golpe se abria e o sangue escorria a fio. A multidão voltava a exaltar-se... Os nativos reiniciavam a sua dança de guerra! A tatuagem de Mazin queimava-me as costas, qual ferro em brasa... Uma flor a verter uma lágrima, pois sim! Antes carne a corromper-se e a derramar sangue! Isto era feitiçaria da mais vil e letal... Eu fora estulta como um verme ao acreditar que o herdeiro de um feiticeiro renegado haveria de combater com honra!

O meu sangue já empoçava a areia. Eu não podia continuar a hesitar! A minha magia manifestou-se como a explosão de uma estrela, arremessando Mazin para longe. Os guerreiros retrocederam, cobrindo os olhos e bradando de pavor. Sem

delongas, concentrei-me no braço. Quanto mais me afligia, mais forte o coração batia e mais sangue jorrava do corte. A linha quase impercetível transformara-se numa incisão com dedo e meio de comprimento, cavada até ao osso... E, mesmo sob a influência da energia curativa, o golpe não fechava! Eu tinha de me aplicar mais... Mais! Mais!

Em pânico, verifiquei que nenhum dos meus conhecimentos surtia efeito. Debaixo do meu nariz, a carne lacerava-se como se rasgada por uma lâmina invisível. A dor era excruciante! Contudo, não podia prestar-lhe atenção... Respirar fundo. Raciocinar. Esta atrocidade resultava de um sortilégio aplicado com o auxílio da magia maldita, do qual eu nunca ouvira falar. Porém, como mestre da Arte Obscura, Halvard devia saber o que fazer para estancar o sangramento. E ia sarar-me! Tinha de me sarar!

Corri para o meu irmão e os seus braços abriram-se para me amparar. Comecei a apelar, mas ele interrompeu-me, com um sussurro profundo e exasperado:

— Kelda! Kelda! Não te disse que necessitarias da ajuda da magia? E tu teimaste em não evocá-la, até ser tarde de mais! Permitiste que aquele infeto te suplantasse... Tens ideia de como me humilhaste?

Humilhá-lo? Eu estava a esvair-me em sangue e Halvard preocupava-se com as feridas da sua vaidade?

— Porque não consigo sarar? — indaguei severamente, prendendo-lhe o olhar. Temi que não me respondesse... Contudo, acabou por esclarecer, tão acre e invejoso que me deixou abismada:

— Mazin é detentor de um dom formidável! Uma gota da sua saliva é quanto basta para transformar um simples arranhão na ruína dos seus inimigos. E o mais extraordinário é o facto de essa habilidade ser um legado de origem; parte do seu ser. Só ele possui capacidade de desencadear o processo... E só alguém que domine a Arte Obscura conseguirá revertê-lo.

— Então, tu podes curar-me — suspirei aliviada.

— Posso! Depois de o matares!

— O quê?

— E se ainda for possível... Estás a desperdiçar muito tempo!

— Halvard! — exclamei indignada. E ele retrucou, implacável:

— Eu não admito que ninguém me conteste, Kelda! Mata-o... Ou morrerás!

Afastei-me com um repelão, ultrajada, enojada... A minha vontade era cuspir-lhe para a cara e acabar com tudo de uma vez! No entanto, ao fazê-lo, estaria a entregar-lhe a minha essência de mão beijada. Sentia-me cada vez mais fraca, prestes a perder os sentidos. Consumia golfadas de magia para conter o sangue, mas era inútil. E sem sangue não havia vida! Que opção me restava, além de baixar os ombros e obedecer?

De repente, uma luz rasgou a névoa que me toldava o discernimento. Halvard dissera que a maldição de Mazin não resultava de sortilégios, mas da própria energia que o animava... Logo, era uma aptidão que se manifestava na essência, tal como o meu poder de absorver informação. Com mil ratazanas podres, eu possuía a chave para a minha cura! Seria precisamente a capacidade de me apossar do conhecimento alheio que haveria de me salvar... E o Filho do Dragão que se danasse!

Cambaleei em busca de Mazin. Os guerreiros tardavam em recuperar dos estragos causados pela vaga de energia que os lançara por terra. Ganidos de dor ecoavam, aqui e além. Rostos lívidos fixavam-me com olhos pávidos... Seria a minha destreza mística que os horrorizava? Ou o facto de eu continuar de pé e disposta a lutar, não obstante todo o sangue que perdera?

Mazin acabara de se suste e sacudia a cabeça, atordoado. Fora ele quem recebera o maior impacto. Todavia, não denunciava o mínimo temor perante a minha magia! Estava convicto da sua vitória e a recusa de Halvard em ajudar-me só lhe acirrara a arrogância. No fim, sabia que não tinha nada a perder. E deixou-o bem claro ao arrostar-me com um sorriso mordaz:

— O que foi, mulher? Ainda não estás satisfeita?

Avancei, tão célere quanto a vertigem permitia, enquanto mastigava:

— Não, seu abjeto... Quero mais! Quero tudo o que tu tens para me oferecer!

E saltei com os olhos presos na mais terrível das armas: a sua boca.

Mazin foi incapaz de prever o meu intento. E, antes que ele esboçasse um gesto de defesa, já eu unira os nossos lábios. Nem me permiti pensar no asco causado pelo contacto. Soltei todas as amarras da Arte Obscura e deixei-a desfrutar plenamente desse fôlego de liberdade.

A violência do meu assalto fez-nos tombar na areia. Mazin ainda estrebuchou, asfixiado, tentando rastejar para longe... Porém, depois de tanto tempo a refrear o poder que pulsava no meu sangue, este fluía como a lava de um vulcão iracundo. Nos confins mais recônditos da minha essência, a energia maldita abandonava a sua caverna secreta e partia à caça de sustento, fundindo-se com a luz vibrante, até ser impossível dizer qual das duas imperava. A cintilação que o meu corpo espargia manteve os aterrorizados guerreiros à distância. Eu já não era Kelda da Montanha Sagrada... Nem sequer Kelda nascida na Terra! Era a encarnação de uma deusa. Filha do Sol e da Lua. Senhora do universo... E tinha fome!

Mazin estava prostrado, com os meus braços e pernas fechados em volta do seu tronco, num abraço fatal. Os seus lábios rasgavam-se sob o meu ímpeto e já não opunha resistência. Eu absorvera a totalidade da sua magia. Agora assimilava-lhe a essência, fazendo-o convulsionar. Não era a primeira vez que consumia vida... Contudo, hoje fazia-o com prazer, pelo alívio do meu martírio.

Partícula a partícula, chispa a chispa, sorvi a energia do herdeiro do rei-feiticeiro até ser impossível destrinçá-la da minha. Eu era Mazin... Mazin era nada! E, de repente, lá estava o «saber» enraizado na minha mente, tão explícito como se fizesse parte de mim desde a concepção. No dia em que devorara a essência de Korn

e aprendera como subjugar os *Sentinelas* da Ilha dos Penhascos, eu recuara apavorada com a descoberta desse dom. Neste momento, tinha plena noção do novo e fabuloso poder que latejava no meu âmago. E não hesitei em explorá-lo, até deslindar todos os seus segredos.

Sem precisar de desejá-lo em consciência, a natureza da magia que me carcomia o braço alterou-se. Foi o consolidar de uma interiorização, de um reconhecimento — o fim não podia extinguir a origem, pois prontamente cessaria de ser. A energia destruidora tornou-se reparadora e o ardor que me destroçava a razão assumiu-se como um calor igualmente doloroso, mas benéfico. O meu sangue detinha o seu galope desenfreado para o abismo. A carne reconstruía-se. A pele fechava-se. A regeneração completava-se.

Aos poucos, despertei para o tumulto no exterior do círculo. A nova deflagração da minha magia fazia os homens clamarem apavorados. Empurravam-se e espezinhavam-se na ânsia de fugir. Só Halvard não se mexia... De repente, a sua obsessão pela morte de Mazin parecia ter perdido a importância! Observar a dimensão do meu poder deixara-o estonteado, verdadeiramente assombrado... E isso não era nada bom! Todavia, a ínfima parte de mim que ainda se inquietava depressa foi silenciada. Sarado o corpo, a energia obscura principiava a embriagar-me o espírito. Todas as partículas do meu ser efervesciam, deleitadas por um prazer avassalador, que crescia a cada fôlego usurpado à minha presa. E o melhor estava para vir! O maior êxtase eclodiria no derradeiro suspiro de Mazin. A sua morte seria a minha libertação... Eu sabia-o! E desejava-o. Sim! A razão não me reprimiria! Ia desfrutar dessa satisfação.

Escutei o meu berro de ansiedade a repercutir-se dentro da mente. A minha magia alcançava o seu troféu... E envolvia-o. A sensação era sublime! Mazin prostrava-se inconsciente sob o meu corpo. O seu coração exausto e derrotado bateria só mais uma vez...

Uma ínfima parte da minha percepção alertou-me para os cavaleiros que se aproximavam. Para o estalar do chicote que afastava os guerreiros. Para o pujante cavalo que saltava por cima

da linha negra do círculo de combate... E para o homem que se precipitava sobre mim, qual raio. Contudo, nada me interessava além do júbilo da vitória! Só tinha de consumir a última centelha de energia de Mazin, para libertar a feiticeira aprisionada nos confins da minha consciência humana.

De súbito, dois braços vigorosos arrebataram-me ao general moribundo. Aturdida, senti que o elo místico se quebrava e a vida de Mazin escapava às garras da minha essência, antes que a assimilação se concluísse. Num ápice, o prazer foi substituído pela frustração da perda... E uma dor brutal, que devassava o espírito e dilacerava a carne, obrigou-me a uivar e a debater-me como um cão raivoso. Tinha de recuperar a minha presa ou enlouqueceria! Ninguém me impediria de concretizar o meu desejo mais veemente... Ninguém!

Sob a influência da magia que me avassalava a vontade, enxerguei a realidade por detrás de uma cortina rubra: cabeças, troncos, braços e pernas agitando-se num turbilhão em meu redor, qual praga de larvas esfomeadas. As minhas costas esmagaram-se contra a areia, mas teimei em estrebuchar e fremir, apelando ao poder que me ardia no sangue para repelir o insolente que ousara arruinar o meu momento de glória. Todavia, abismei-me ao constatar que o infame rompia a onda aniquiladora de energia obscura, subjugando-me com determinação... E uma voz irada, que me inspirava os sentimentos mais contraditórios, ribombou-me na mente:

«Queres derrotar o mestre dos mestres no seu próprio jogo, criatura néscia?»

E a sua resolução estrangulou a minha, usurpando-me a consciência.

CAPÍTULO 16

Recordo a força dos seus braços. O calor do seu peito. O troar aflitivo do seu coração junto ao meu rosto, como se ele próprio fosse incapaz de entender porque quebrava as regras rígidas que impusera a si próprio ao longo de centenas de anos... O cavalo galopara até ao palácio, sem que nada detivesse o mestre da Arte Obscura. Depois, levou-me ao colo para um quarto... O seu quarto!

Cativa de uma dormência morna, vislumbrei o azul mortiço do céu de fim de tarde, através do teto transparente, enquanto me afundava no conforto de um colchão de plumas. Os braços de Sigarr ainda me rodeavam, como se relutassem em deixar-me... Porém, não tardou a cobrir-me com uma manta de seda, sem se importar com a imundice que eu carregava no corpo, enquanto ordenava numa voz que soou trémula e ofegante:

— Cuida dela, Erebus. Vigora-lhe o corpo e limpa-lhe a essência. Não permitas que a sua luz se extinga ou estaremos todos perdidos.

— Mestre... — entaramelou o «Criador das Trevas», de parte incerta. — Halvard?

— Deixa-o comigo.

O meu primo sentou-se ao meu lado. Deu-me uma mão e repousou a outra sobre a minha testa. Os seus dedos finos e gélidos começaram a aquecer, oferecendo-me uma sensação fortificante, apaziguadora... Se não estivesse tão escudada sob a influência da sua energia curativa, teria saltado de pavor quando a porta se abriu com estrondo e Halvard irrompeu pelo quarto, bramindo de raiva:

— Eu trato de Kelda! Afastem-se...

— Não! — rugiu Sigarr. — Afasta-te tu!

Não conseguia vê-los, mas as imagens surgiram-me na mente, como se o elo que Erebus estabelecera comigo me permitisse divisar através dos seus olhos. A figura alta e severa do feiticeiro bloqueara o avanço do pupilo, prossequindo com uma firmeza minaz:

— Enquanto não arrefeceres o ânimo, não permitirei que te aproximes da tua irmã!

Halvard reagiu com violência, como se disposto a conculcar o mestre para chegar até mim:

— Não me podes impedir...

— Posso! Posso e vou impedir! Quase mataste Kelda com os teus desvarios... Perdeste o tino, Halvard?

O meu gémeo estacou, ante a determinação férrea do feiticeiro. Ao constatar que este não se desviava, arrostou-o e objetou, num tom perigosamente baixo e contundente:

— Não admito que me fales assim... Eu sou o Filho do Dragão!

Os lábios de Sigarr torceram-se num esgar de desprezo, sustentando o repto e mordendo:

— Tu és «nada», rapazote! E «nada» serás, enquanto o teu destino não se cumprir. Até lá, deves-me obediência... E eu começo a ficar farto de tanta imprudência e desfaçatez! Não posso desviar os olhos de ti, sem que faças asneiras? É assim que esperas consolidar o afeto da tua irmã? A mente de Kelda pode estar orientada para te seguir, mas a sua inteligência continua apurada. Não esquecerá as tribulações que a obrigaste a suportar, por conta da tua obsessão.

Seguiu-se um silêncio quase hostil, cortado pela respiração dos antagonistas que ressoava como o estridor de uma tempestade. Halvard nunca gostara de ser contrariado! Porém, Sigarr estava decidido a impor-lhe respeito; a mostrar que ainda era ele quem mandava. A inquietação de Erebus chegava até mim, contagiando-me... E se o meu gémeo se insurgisse contra o mestre? Neste momento, a morte de Sigarr determinaria o meu fim. Eu fora longe de mais na contestação a Halvard! De certeza que ele não me deixaria escapar impune.

Como se em resposta aos meus pensamentos, Halvard engoliu a ira contra Sigarr e concentrou-se no meu desafio à sua autoridade, controvertendo com ardor:

— Eu não estou assim tão seguro quanto à submissão de Kelda... Ela contrariou-me! Isso jamais sucederia se a sua vontade me pertencesse!

— A tua irmã só quer o teu bem — contrapôs Sigarr, frio e seco. — Talvez tenha percebido que aquilo que lhe demandavas era uma estultice que só te traria dissabores. A sua intuição é aguçada... Não esperes que te obedeça cegamente se pressentir que as consequências das tuas ordens serão prejudiciais ao teu futuro!

A astúcia do feiticeiro abismou-me. Eu nunca me lembraria de tal coisa! Sigarr acabara de legitimar a minha desobediência, justificando-a como uma proteção à causa do Filho do Dragão. O meu gémeo hesitava, inseguro... E o mestre aproveitava para mudar de assunto, censurando:

— Desta vez, o teu ódio por Mazin foi longe de mais! Vê bem a confusão que armaste...

— Mazin deve morrer! — cortou Halvard, com o rancor a efervescer. — É demasiado perigoso...

— Mazin jurou lealdade ao Filho do Dragão. Quantas vezes terei de te lembrar que, sempre que o atacas sem motivo, estás a despertar a fúria dos nativos?

— Se ele desaparecer, os seus guerreiros hão de seguir-me com o dobro da devoção!

— Deveras? Ousas arriscar uma revolta na véspera de uma grande batalha?

— Isso não vai acontecer...

— Tu ainda não controlas o destino, Halvard! E a prova está aqui... — Sigarr apontou para mim, antes de prosseguir: — Sabes perfeitamente o quão terrível é o poder de Mazin. Como foste capaz de expor Kelda ao seu veneno? Nem sequer a alertaste para aquilo que teria de enfrentar, pois não?

Apercebi-me de que o meu gémeo engolia a custo, antes de retrucar:

— Ela venceu-o, não venceu?

— E se não tivesse vencido? — trovejou o feiticeiro, gesticulando com veemência.

— Eu teria interferido... — titubeou Halvard, acusando nervosismo. Pela primeira vez, parecia ponderar se errara. E a sua arrogância esmorecia. Contudo, depressa se refez e rebateu: — Mas não foi preciso! Kelda conseguiu prostrar Mazin e desfazer o seu sortilégio, sem necessitar de ajuda. Isso prova que as suas habilidades vão muito além daquilo que nós imaginávamos! Hoje descobri que o seu poder resulta de uma combinação de Arte Luminosa e Arte Obscura... E o resultado é fenomenal!

— Falas como se isso fosse mau... — redarguiu Sigarr, soando cauteloso aos meus ouvidos.

Felizmente, Halvard estava demasiado exaltado para notar a apreensão do mestre, apressando-se a recalcitrar com aspereza:

— E se ela nos estiver a enganar? Não posso correr o risco de vê-la insurgir-se contra mim no campo de batalha...

O meu coração pulou de susto. Erebus fitou-me, ciente desse sobressalto, mas nada disse. Entrementes, o feiticeiro já refutava, como se a desconfiança do pupilo o indignasse:

— Garanto-te que Kelda está do teu lado!

— E como podes ter tanta certeza? — adversou o meu irmão, franzindo o sobrolho.

Então, Sigarr replicou com uma firmeza de pasmar:

— A *Observadora* do Conselho vê e escuta tudo e não tem dúvidas a esse respeito. Fica tranquilo, Halvard... — Avançou para o pupilo e pousou-lhe as mãos sobre os ombros, antes de rematar: — Se, um dia, eu achar que a tua irmã representa uma ameaça para a nossa causa, serei o primeiro a afastá-la de ti.

A alusão a Íris surpreendeu o meu gémeo. Porém, tudo parecia conjugar-se. Soprou o ar com força, um pouco mais calmo... No entanto, alvitrou:

— Devias voltar a perscrutar-lhe a mente.

— Primeiro, Erebus tem de sará-la — revidou o feiticeiro, impedindo-o de se abeirar da cama. — Agora, esquece a tua irmã e

presta atenção... Trago boas novas da Ilha Sagrada. As opiniões do Conselho continuam divididas, mas Celsus deu-me a sua anuência.

Erebus retesou-se, ao mesmo tempo que Halvard tartamudeava, sôfrego de ansiedade:

— Isso quer dizer...?

— Que podemos avançar sem mais delongas — completou o mestre, começando a conduzi-lo para a porta. — Vem comigo... Temos muito trabalho pela frente.

— Mas... Kelda...? — gaguejou o meu gémeo.

O feiticeiro pôs fim à sua relutância, resmungando impaciente:

— O que tem Kelda? Não me digas que queres ficar sentado a olhar para ela enquanto eu resolvo tudo sozinho?

A reprimenda surtiu efeito. Logo, a porta fechava-se atrás dos dois... E eu encarava Erebus, com a angústia a extravasar do olhar. Todavia, antes que pudesse falar, o meu primo ordenou:

— Kelda quieta! Ficar forte. Pensar depois.

Apesar de tudo, tinha de admitir que esse era um bom conselho.

Seria um pesadelo? Ou uma Visão? Dei por mim a correr desembestada através de uma floresta tenebrosa. Chovia torrencialmente e os meus pés afundavam-se em camadas de lama e folhas decadentes para, de seguida, tropeçarem nas raízes altas que brotavam do solo, quais armadilhas. Os ramos intrincados das árvores rasgavam-me as roupas e arrancavam-me os cabelos. Ainda assim, eu corria, corria... E um lobo de pelo cinzento corria ao meu lado.

Sob a fulguração dos relâmpagos, julguei tratar-se da representação mística do *jarl* Throst. Contudo, apesar da sua cor, do seu poder e da sua majestade, aquela criatura não era o meu avô... Mas era alguém chegado ao meu coração! Alguém que me transmitia confiança e alento para não parar, mesmo com os pulmões em chamas e as pernas a vergarem-se de dor.

De repente, a floresta terminou num enorme precipício. O lobo soltou um uivo e dirigiu-se à ponte que conduzia à segurança do

lado oposto. Ao aproximar-me, constatei que esta oscilava sobre um abismo de trevas, fustigada pelas rajadas de vento que ameaçavam desfazê-la a todo o instante. Porém, se o lobo era capaz de transpô-la, eu também seria!

— Kelda, para! Não podes atravessar!

O apelo fez-me vacilar... Virei-me e deparei com o feiticeiro Sigarr, imponente e autoritário. As suas vestes fulguravam na bruma e os cabelos de ouro esvoaçavam ao vento, como um estandarte de guerra a desafiar a veemência do aguaceiro. Esticou a mão para capturar-me... Todavia, esquivei-me e segui os chamamentos do lobo. Tinha de alcançar o outro lado do desfiladeiro. Só assim recuperaria a vida que perdera... E o meu amor.

Corri através da ponte, fugindo do horror que me destroçava o corpo e o espírito. De súbito, as tábuas começaram a ruir à minha frente. Estaquei, em pânico... Demasiado tarde!

Caí... Caí... Gritei e caí... Lá em baixo, um rio de lava aguardava-me, ansioso por me devorar. Eu estava prestes a mergulhar na corrente de chamas quando uma águia gigante e majestosa surgiu do nada e me recolheu entre as suas asas.

O meu brado transformou-se num soluço de alívio, num suspiro de comoção. Acariciei as penas pretas e prata da minha salvadora e agarrei-me ao seu pescoço com firmeza. Por baixo de nós, o rio de lava cedera lugar a um mar ardente, sem fim, perturbado por vagas colossais que se rasgavam para cuspir golfadas de labaredas. Rochas incandescentes tombavam de um céu de tormenta, encoberto por densas cortinas de fumo. Eu tremia de medo, mas a essência mística do príncipe da Gente Bela fazia tudo para me preservar. No entanto, já não havia terra onde pousar! As cinzas sufocavam-nos, abafando-nos qual mortalha. A resistência do meu mestre era inglória... Eu sabia que íamos morrer, antes de a sua voz ecoar na minha mente como o gemido de uma alma penada:

«Perdoa-me, menina-feiticeira! Não te posso salvar...»

Então, um ronco sobrepôs-se ao estridor da tempestade. Terrificada, vi um monstro descomunal elevar-se à nossa frente,

couraçado com uma malignidade sem limites. Lysander tentou desviar-se... Porém, o dragão acometeu com a bocarra escancarada. E, mais rápidas do que o pensamento, as suas presas amarelas, afiadas como espadas, tragaram a cabeça da águia, fechando-se sobre o seu pescoço e sacudindo-a com uma violência brutal.

Fui arremessada para o céu, à mercê da tirania do vento. Lá em baixo, o dragão continuava a arrojá-la de um lado para o outro... De um lado para o outro... Até a carne se rasgar e o osso ceder. O corpo estropiado da minha protetora alada foi engolido pelas ondas de lava; a sua cabeça devorada pelo monstro. A águia estava morta. Lysander perecera.

Bradei com o coração a definhar no peito. As lágrimas alagaram-me o rosto, corroendo-me até ao âmago. A dor era tão extrema que nem reparei que o dragão se lançava ao meu encontro, impedindo a minha queda. Aprisionou-me na garra áspera e susteve-me diante do focinho. Tudo nele era abominável! Os olhos rubros e salientes distinguiram-no dos seres da sua raça, revelados nos desenhos de «O Que Tudo Vê». Também não se assemelhava ao Guardiã da Montanha, tatuado nos meus pulsos. Dir-se-ia que a mais genuína essência do mal o aprimorara até aos limites do terror. Embora translúcidas, as enormes asas adivinhavam-se indestrutíveis... Porém, foram as escamas que me chamaram a atenção, pois latejavam animadas por vida. No interior de cada uma estrebuchavam milhares de braços, pernas e cabeças humanas, clamando por piedade sem cessar. Quantas vítimas este monstro fizera? Quantos espíritos assimilara para se avigorar?

Senti-me desfalecer... Contudo, o urro do dragão ressoou-me na mente, despertando-me para a hedionda existência a que o destino me condenava:

«O Homem tombou e eu ascendi! Minha amada Kelda... É tempo de assumires o lugar que te pertence, ao meu lado, por toda a eternidade.»

Libertei-me da agonia do sonho, apenas para regressar à atroz realidade. Diante dos meus olhos, a Lua reinava num céu de perfeito azul-escuro, repleto de estrelas cintilantes. Teria adormecido ao relento? Não... Levei a mão à testa, engolindo um gemido enquanto a memória se restabelecia. Com mil ratazanas arrepiadas, eu estava no quarto de Sigarr, deitada na sua cama! Ao fundo, a lareira acesa libertava uma luz fraca, mas reconfortante. O ar estava impregnado com o cheiro benéfico de ervas...

— Boa noite, Kelda.

Sentei-me na cama, sobressaltada, quando a voz do mestre da Arte Obscura ecoou na penumbra. Estava um pouco afastado, mergulhado nas sombras, recostado num monte de almofadas que abraçavam o seu corpo. Calmamente, levava a mão aos lábios e puxava o fumo a um rolo de ervas de fumar, sem desviar os olhos de mim. Livrara-se das vestes de feiticeiro, encharcadas com o meu sangue, e trajava como um guerreiro. Também prendera os cabelos com uma fita de couro, o que tornava o seu rosto mais masculino...

Desviei o olhar, sem saber o que fazer. Continuava com as mesmas roupas imundas e a pele repleta de lama e sangue, envolta em cobertas bordadas a ouro completamente arruinadas. Fixei o braço direito, esperando encontrar uma cicatriz horrenda, mas tudo o que restara do malefício de Mazin era uma má recordação. Aliás, parecia que todos os vestígios desse dia terrífico tinham sido apagados da minha carne, ou pela minha magia ou pela intervenção de Erebus. Tentei levantar-me para não me sentir tão vulnerável... Contudo, mal pus os pés fora da cama, o chão inclinou-se em direção ao teto. Cambaleei e voltei a sentar-me, antes que caísse. E, no seu berço de almofadas, o feiticeiro enunciou gravemente:

— Tu soltaste as rédeas de um poder que vive dentro de ti, mas sobre o qual possuis pouco controlo. Erebus teve de consumir grande parte da tua energia para impedir que a magia negra se expandisse e devorasse a luz da tua essência. Por isso, é natural que te sintas fraca...

— Halvard? — atalhei, inquieta. E fiquei estarecida com o tremor da minha voz. Sigarr também se apercebeu do meu nervosismo e ripostou, apaziguador:

— Halvard e Erebus estão no acampamento, reunidos com os generais. Só regressarão amanhã. Até lá, hás de recuperar... — Hesitou brevemente, antes de acrescentar: — Temos de conversar, Kelda. Muita coisa mudou e é crucial que te prepares para enfrentar a nova realidade.

Enchi o peito, cerrei os olhos e engoli em seco, desejando sumir-me no ar... Acabara de sonhar com a morte de Lysander e a destruição da Terra às mãos do meu gémeo! A última coisa que me apetecia era estar perto do feiticeiro responsável por esses horrores. Sigarr expressava-se como se fôssemos aliados na missão de salvar a sua pele, ao mesmo tempo que conspirávamos nas costas do homem que ele treinara para satisfazer a sua ambição. Isso fazia algum sentido?

Não obstante, uma voz no fundo da minha mente repreendia a minha intransigência. Sem a interferência do feiticeiro, provavelmente a minha essência teria ficado arruinada ou prisioneira das malhas da magia negra. Mais uma vez, Sigarr afrontara a coerência e salvara-me a vida... «Obrigada!» — uma palavra tão simples, mas que eu era incapaz de pronunciar diante dele! Mantive o rosto virado para o chão... Se Sigarr queria falar, que falasse! Depois de tudo o que acontecera, eu estava condenada de uma forma ou de outra.

— Eu avisei-te da importância de iludires Halvard acerca da tua magia — começou, ante o meu silêncio profundo. — Ao defrontares Mazin, colocaste-te numa posição delicada. O seu poder é excepcional... e tu suplantaste-o! Tens noção da dúvida terrível que despertaste no teu irmão?

Vendo-me queda e muda, apagou o rolo de ervas, ergueu-se e dirigiu-se à cama. Senti o colchão vergar-se sob o seu peso, mais perto do que seria tolerável. Ainda assim, permaneci imóvel como se

já nada importasse... como se o meu espírito se tivesse extinguido e nada sobrasse de mim, além de uma carcaça vazia.

— Fiz-te uma pergunta, Kelda... — insistiu com espantosa brandura. — Não tens nada a dizer?

Comecei a tremer incontrolavelmente. Não queria estar com Sigarr! Não queria ouvir Sigarr! Só desejava desaparecer... Maldito dia em que tomara o lugar de Oriana no navio de Deimos! Maldito dia em que concordara com Íris e acompanhara o mestre da Arte Obscura! Maldito dia em que ignorara a súplica do meu pai e não fugira! Maldito dia em que tivera a vida de Halvard suspensa na lâmina do punhal de Lobo Cinzento e não o matara! Maldito dia em que nascera... Afinal, porque nascera? Para sofrer? Só para sofrer...

— Kelda... Toma. Bebe. Vais sentir-te melhor.

O apelo de Sigarr pôs fim à minha consumição. O que sucedera entretanto passara-me despercebido. De súbito, o feiticeiro estava à minha frente, segurando uma taça de cristal que continha um líquido avermelhado. Quis recusar, mas ele ajoelhou-se e tentou dar-me a bebida à boca, murmurando com ardor:

— Não sejas teimosa! Estás a piorar as coisas!

A situação tornou-se tão ridícula e constrangedora que fiz-lhe a vontade só para que me deixasse respirar. De imediato, reconheci a bebida. Era o mesmo néctar forte e adocicado que Halvard me servira em tempos, asseverando tratar-se de algo muito especial. Os seus efeitos eram quase imediatos: um calor no sangue, uma leveza na cabeça, um relaxamento nos músculos... Quando dei por mim, já tartamudeava:

— Eu tentei ocultar o meu poder... Mas Halvard ordenou-me que matasse Mazin! Agora, reclama que eu lhe desobedeci...

Perdi as palavras e Sigarr voltou a encher-me a taça, controvertendo:

— Halvard está... assustado! Não entendes a excecionalidade do teu feito?

— Não! — retruquei. — Já não percebo nada!

— Então, não sabes quem é Mazin?

— O legítimo soberano desta terra? — ripostei, fazendo o néctar desaparecer num só trago e estendendo a taça ao feiticeiro. Enquanto ele a enchia, resumi o pouco que descobrira acerca do território. E rematei: — Halvard só me conta o que lhe convém! Entre gabarolices e mentiras, pouca informação tem préstimo.

Taça vazia. Sigarr foi buscar uma para si e serviu-nos. Depois acomodou-se no seu ninho de almofadas, bebericando e fixando-me intensamente. Qual seria a sua intenção? Embriagar-me? Estava mais do que disposta a fazer-lhe a vontade! O jarro ficara aos meus pés... E eu não queria ver o fundo da minha taça.

Estava tão absorvida a desfrutar do néctar que me surpreendi com a voz do feiticeiro:

— O que disseste não se afasta muito da verdade. O jovem Mazin governava este território quando aqui cheguei. Estava... perdido! O pai morrera demasiado cedo, antes de lhe transmitir os conhecimentos de que ele necessitava para ser um guerreiro, quanto mais um bom rei e mestre da Arte Obscura, como os seus antepassados. O território empobrecia. O povo rebelava-se. Os conflitos eram constantes... Eu ofereci-lhe um acordo: a minha ajuda em troca da sua lealdade ao Filho do Dragão. Mazin aceitou e não tardou a ganhar o respeito do povo. Fez-se homem, tornou-se um grande guerreiro e aprendeu a usar a magia.

Levou a taça aos lábios, terminou e solicitou-me que a enchesse. Nem me passou pela cabeça contrariá-lo, tão curiosa que estava para saber o resto da história. Peguei no jarro e fui até ele. Servi-o, servi-me... Sem sequer pensar, sentei-me ao seu lado, aguardando que continuasse. Perante o meu olhar sôfrego, o feiticeiro disfarçou um sorriso e obsequiou-me:

— Depois de Halvard completar o treino, eu trouxe-o até aqui para que recebesse os votos de lealdade de Mazin e do seu povo. Porém, ter Mazin como aliado não foi suficiente para o teu irmão! Halvard encantou-se de tal forma pelo território que decidiu reclamá-lo para si.

— Mazin aceitou abdicar do trono e deixar o palácio? — interrompi, incrédula. E mordi a língua, perante o seu sorriso triunfante, ao constatar que conquistara a minha atenção.

— Digamos que não foi uma transição totalmente pacífica — esclareceu. — Mas Mazin acabou por ceder quando Halvard lhe garantiu a regência do território após a concretização da profecia. Além disso, eu fiz-lhe uma proposta irrecusável...

— Que proposta? — indaguei, ofegante de ansiedade.

— O poder necessário para trazer o rei-feiticeiro e a sua corte de volta à vida perdeu-se, devido à mistura de sangue humano nas sucessivas descendências... Eu prometi a Mazin que ressuscitaria os seus antepassados se ele acatasse a vontade de Halvard e continuasse a servi-lo com devoção.

Franzi a testa e não me coibi de retrucar:

— Isso não passa de um embuste! Mesmo que tamanha abominação fosse exequível, o que eu duvido, vós jamais vos arriscaríeis a concretizá-la. A primeira coisa que o rei-feiticeiro faria, mal regressasse do submundo, seria desafiar Halvard para recuperar tudo o que perdera.

— Muito bem, Kelda — elogiou Sigarr, sem o mínimo pudor. E acrescentou, trocista: — O teu raciocínio foi irrepreensível! Felizmente para a causa do Filho do Dragão, Mazin não possui tamanha argúcia...

— Ele confia em vós! — rebati, acusadora.

— Coisa que tu jamais farás, não é verdade? — devolveu. E a sua voz denunciou um amargor que me fez franzir o sobrolho. Foi a sua vez de sorver a taça de um trago... Depois, sacudiu os ombros e declarou: — Em minha defesa, naquele momento, achei mais importante iludir Mazin e mantê-lo vivo do que ser obrigado a matá-lo por imposição do teu irmão.

«Em minha defesa»? O feiticeiro estava a justificar-se!? Quedei-me, demasiado estupefacta para reagir. Entrementes, ele deitou a mão ao jarro e verificou que estava vazio. Levantou-se e dirigiu-se às estantes, fazendo-as deslizar para revelar os compartimentos

secretos onde guardava os seus tesouros, sem se importar com o facto de eu estar a observá-lo. Existiam pelo menos mais três jarros... E um deles acompanhou-o de volta ao ninho de almofadas, assim como a caixa de prata que continha as pedras doces. A minha taça estava cheia, pois eu ficara tão entusiasmada com a história que me esquecera de beber. No entanto, fui incapaz de rejeitar um rebuçado. Podia passar o resto da vida a roer essas pequenas maravilhas que não me enjoaria!

Senti as faces enrubescerem ao verificar-me sob o olhar atento de Sigarr. Por alguma razão, ele parecia retirar satisfação de cada um dos meus fôlegos... Então, ao ver-me franzir o sobrolho com estranheza, virou o rosto e emborcou o néctar pela garganta abaixo. Depois resmungou entredentes, como se num desabafo:

— Por todas as pragas do submundo, estou mesmo a ficar mole! Maldita sejas, Íris... A culpa disto é toda tua!

Recostou-se e fechou os olhos. E eu pisquei os meus, assarapantada. Porque é que Sigarr mencionava Íris com tanta críspação? Será que, no fim, as suspeitas de Halvard se confirmavam? Teria a *Observadora* conquistado o coração do proscrito? Não tive tempo para mais cogitações, pois o feiticeiro recuperou a compostura e resmoneou:

— De volta ao que interessa... Por algum tempo, acreditei que o teu irmão estava satisfeito com o acordo firmado. Enganei-me! No campo de batalha, os guerreiros nativos ouviam o seu soberano antes de acatarem as ordens do Filho do Dragão. E isso era algo que Halvard não podia tolerar! Sem me consultar, desafiou Mazin para um duelo «amigável». Esperava vencê-lo com facilidade e desconsiderá-lo perante os demais... E estava prestes a fazê-lo, quando Mazin evocou a sua herança mística para se defender, tal como sucedeu contigo.

Abri e fechei a boca, para lá de assombrada. A narrativa de Sigarr justificava muita coisa... E mais havia por divulgar! Naquele dia, Halvard vira um simples golpe originar uma ferida cruenta. Não obstante o seu excecional domínio da Arte Obscura, Sigarr tivera de

intervir para salvá-lo. E a frustração corroera o meu gêmeo, ao ser forçado a admitir que, ao invés de impor uma humilhação, acabara humilhado. Furioso, ordenara que Mazin lhe ensinasse o sortilégio... Então, ao tomar consciência de que este não podia ser expresso em palavras, por fazer parte da natureza do rei deposto, decidira matá-lo para se apoderar do seu segredo.

— Eu opus-me terminantemente — concluiu Sigarr. — A execução de Mazin dividiria o exército e originaria graves sedições. Halvard acabou por dar-me razão... Ou assim quis fazer-me crer! Depois do que aconteceu contigo, devo reconhecer que fui bem enganado. Na verdade, o teu irmão nunca desistiu de matar Mazin. Vive obcecado com aquele poder...

— E quis servir-se de mim para conquistá-lo — completei amargamente.

— Quando eu regressasse da Ilha Sagrada, não poderia acusá-lo de faltar à sua palavra, pois terias sido tu a desafiar Mazin... E o general estaria morto de qualquer maneira! Se tombasse às tuas mãos, depressa Halvard correria a devorar-lhe a essência. Por outro lado, se te suplantasse haveria de te amaldiçoar e, então, o teu irmão aproveitaria a sua exaustão e avançaria para desferir o golpe fatal, sem correr riscos, alegando não ter tido outra opção para te salvar.

Sacudi a cabeça, horrorizada ante a perversidade do meu gêmeo. De novo, aceitei o néctar que Sigarr oferecia. E só a custo contive as lágrimas ao arquejar:

— Eu já estava condenada! Mesmo assim, ele negou-me ajuda...

— Não acredito que Halvard te deixasse definhar! Mesmo cobiçoso da tua essência, ama-te demasiado para desejar a tua morte. Apenas quis pressionar-te até ao limite, para perceber o porquê da tua relutância em evocar a magia... E o que descobriu deixou-o fora de si. Tu fizeste uma coisa impensável, Kelda! Contrariaste o malefício de decadência... Superaste um desafio que Halvard falhou.

— Estou em apuros! — gorgolejei, enfim ciente da gravidade da situação.

Sigarr suspirou, refutando circunspecto:

— Talvez não. Acho que o persuadei de que tudo o que fizeste foi a pensar no seu bem.

Enfiei outra pedra doce na boca, quase com sofreguidão, antes de volver:

— Ele vai perguntar porque é que eu não recorri de imediato à magia...

— E tu vais replicar que querias provar-lhe que és suficientemente forte para lutar ao seu lado, mesmo sem o auxílio da Arte! Que pretendias demonstrar-lhe que não terá de se preocupar contigo, no campo de batalha, pois a tua destreza guerreira é quanto basta para esmagar o inimigo... Porém, mais importante do que todas as desculpas que possas inventar, será a forma como irás reagir quando o teu irmão anunciar que chegou o momento de ergueres armas contra aqueles que, outrora, lutaste para proteger... Impõe-se que sejas convincente, para destruíres as dúvidas que o atormentam! Halvard teme que tu sejas mais poderosa do que ele... Convence-o de que isso é irrelevante, pois o que importa é que a tua perícia e a tua magia estão ao seu serviço.

O feiticeiro pousou a sua taça ao lado da minha. O segundo jarro estava vazio, mas o néctar cumprira a sua função. Não me sentia embriagada... Sentia-me descontraída! Apesar do turbilhão que agitava a minha vida, o medo desvanecera-se. A segurança que Sigarr transmitia era um alívio! Se ele pensara em tudo, decerto também já congeminara na escusa que eu daria para não acompanhar o Exército do Dragão. Devia ser algo bastante consistente, pois só assim o meu gémeo me libertaria dessa imposição. Enchi o peito de ar e inquiri:

— O que é que eu tenho de dizer a Halvard para convencê-lo de que não posso lutar?

— Mas tu vais lutar, Kelda! Tens de lutar!

O choque foi tão grande que engoli o reбуçado. Desatei a tossir, completamente engasgada.

— C...? Como? — foi tudo o que consegui titubear.

Sigarr afilou o olhar e anunciou, contumaz:

— Dentro de dois, no máximo três dias, o Filho do Dragão iniciará a ofensiva ao Império. E tu estarás ao seu lado, como a mais fiel entre os seus servidores.

A serenidade oferecida pelo néctar extinguiu-se num ápice. O doce da pedra amargava-me a boca. O coração quase me rasgava o peito. A respiração falhava. A testa enchia-se de suores frios... E a voz do meu pai trovejava-me na mente, mais lancinante do que nunca:

«Quando Halvard te exigir uma prova de lealdade, sujarás as mãos com o sangue do nosso povo?»

Pus-me de pé com um salto, assolada por uma onda de angústia que me punha os dentes a bater. Arrostei Sigarr e apontei-lhe um dedo, objetando minaz:

— Tendes de arranjar uma maneira de Halvard me liberar...

— Impossível, Kelda — atalhou irreduzível. — A tua cumplicidade e colaboração são essenciais para restaurar a sua confiança.

— Eu não vou lutar contra a minha gente! — fremi, desesperada.

— Não tens escolha! — rugiu o feiticeiro, deixando cair a máscara de placidez. Depois ergueu-se e prendeu-me pelos ombros, obrigando-me a encará-lo. — De outro modo, Halvard perceberá que tudo não passou de um logro e, cego pela raiva, será mesmo capaz de te matar...

— Pois prefiro morrer! — berrei exaltada, afastando-o com um safanão. E precipitei-me para fora do quarto, ouvindo-o praguejar e vociferar:

— Kelda... Kelda! Sua desassisada... Espera!

Os apelos de Sigarr continuaram a ecoar nas minhas costas, enquanto eu corria sem saber para onde. Ele vinha atrás de mim! E haveria de se impor, se me recusasse a cumprir o seu intento. O mestre da Arte Obscura era assim: o ramo inofensivo de uma árvore,

que se revela um predador voraz quando o pequeno inseto se aproxima! Durante todo este tempo, almejava conquistar-me com a sua mansidão. Porém, nunca desviara os olhos do objetivo! E eu chegara a acreditar que, apesar de estar a servir os seus interesses, o facínora também haveria de me assistir, por amor a Halvard, por amor à Terra... Estúpida! Mil vezes estúpida!

— Kelda! Escuta-me!

Não! Eu já o conhecia! Sigarr falaria devagar, resoluto, prometendo uma solução que jamais se concretizaria... Vil embusteiro! Eu não era Mazin, para acreditar nas suas mentiras!

Não podia permitir que ele me agarrasse. A minha magia estava demasiado fraca para lhe fazer frente... Uma espada! Necessitava de uma espada! Afinal, os meus próprios lábios tinham gritado a cura para todos os meus males: eu tinha de me matar! Esta podia ser a minha última oportunidade de salvar a alma da danação. Halvard não estava por perto para assimilar a minha essência. E Sigarr jamais se atreveria a fazê-lo, temeroso da reação do pupilo.

Dezenas de guerreiros percorriam incessantemente estes corredores, armados até aos dentes... Porém, agora que eu tanto precisava, não encontrava um que me servisse! O feiticeiro ganhava terreno... O meu quarto! Teriam levado a minha espada para lá? A porta estava a poucos passos. Recorri à magia para abri-la e fechá-la atrás de mim. Nada em cima da cama. Nada em cima da mesa. Nada na arca...

— Kelda! — Dois murros fortes fizeram a porta estremecer. — Abre, fedelha teimosa! Eu posso ajudar-te...

Urrei de raiva e pontapeei a arca. Como é que havia de pôr fim à minha miserável vida? Sigarr não tardaria a quebrar o sortilégio que trancava a porta. Se eu partisse a mesa obteria uma estaca para trespassar o coração... Não havia tempo! A porta rangia... Ia ceder! Eu tinha de continuar a fugir do feiticeiro. Mas não podia saltar pela varanda, por causa dos espinheiros... Os espinheiros! Queria forma mais eficaz de libertar o meu corpo desta existência? E de preservar

a minha essência de todos os predadores? Eu merecia mesmo morrer por ser tão lerda!

Abri as portadas à minha frente, no instante em que a porta se escancarava. Corri para a varanda, com os gritos de Sigarr a estrondearem-me aos ouvidos. Mal passei pelos reposteiros, os ramos dos espinheiros surgiram do outro lado, agitando-se freneticamente na sua ânsia por sangue. Não senti medo, acirrada pela determinação. Seria tudo tão rápido que a dor nem me roçaria a percepção. O meu povo recordar-me-ia como uma mártir, não como uma traidora. Os meus pais não se envergonhariam de pronunciar o meu nome. Lysander não me odiaria... Preparei o salto, pisei o parapeito e lancei-me no ar.

Senti-me pairar no vazio e vi as hastes assassinas tombarem sobre mim... Porém, inesperadamente, foi como se o ar solidificasse à minha volta e me puxasse para trás. Sem saber como, fiquei prisioneira de Sigarr, estrangulada de horror. O feiticeiro torceu-se e arrastou-me consigo para a varanda. Esmaguei-me contra o chão, com o seu corpo por cima do meu e os ramos dos espinheiros a chicotearem à nossa volta. A fúria do arbusto amaldiçoado era tão veemente que rompia a proteção mística do quarto. Quedei-me sem respirar, terrificada, enquanto os braços lenhosos, cobertos de espigões afilados como adagas, fustigavam as costas de Sigarr, lutando para me alcançar.

O olhar celeste do feiticeiro arregalou-se, enquanto o seu sangue espirrava para as pedras, pingava sobre as minhas faces... Começou a gritar. E, por entre o suplício dos seus berros, distingi a fórmula de um sortilégio. Esse caos durou dois ou três fôlegos, mas pareceu arrastar-se por uma eternidade. De repente, os ramos começaram a tombar no chão, quebrados e ressequidos, despojados de vida. O poder obscuro, que outrora os alimentara, acabara de reduzi-los a cinzas.

A quietude noturna voltou a reinar, apenas cortada pelo som do vento e pelo ruído da nossa respiração descompassada. Colado a mim, Sigarr tremia da cabeça aos pés, enterrava o rosto no meu

pescoço e cerrava os dentes para não uivar de dor. Ofeguei, igualmente trémula, sem saber o que dizer. Ele quase morrera para me salvar! Porquê? Por medo de Halvard?

Estávamos tão próximos que senti a sua magia reacender-se, desta feita como uma brisa morna. Começava a sarar... E, num ímpeto quase irracional, entreguei-lhe a minha energia curativa, para lhe apaziguar o sofrimento e acelerar a recuperação. De imediato, o seu corpo ficou tenso, como se a minha iniciativa o abismasse. Lentamente, susteve-se o suficiente para me encarar e envolveu-me as faces com as mãos. Eu quis protestar, mas o azul do seu olhar roubou-me a voz: límpido, quente, deslumbrante... Não havia um pingo de corrupção nessa superfície cristalina de céu e de mar. Antes, uma necessidade premente de contacto, de carinho... de paixão! Como é que Sigarr conseguia mentir tão bem com os olhos? E se... E se não estivesse a mentir?

Parte da minha mente bradava, em pânico: este é o celerado que aterroriza a tua família... Todavia, outra parte sussurrava: este é um homem perdido, em busca de redenção. E os sussurros sobrepunham-se aos brados, enquanto os dedos longos deslizavam pela minha pele, numa carícia desejosa. Já não era a dor que fazia o seu corpo estremecer encostado ao meu! O nó na sua garganta subiu e desceu, enquanto o olhar se fixava nos meus lábios. Com mil ratazanas...

— Está tudo bem aí em cima?

Quase gritei de susto. Ficara tão abestalhada que nem me apercebera de que vários guardas tinham acorrido ao jardim, alertados pelo súbito tumulto. Agora, deparavam-se com os espinheiros mirrados nos canteiros como se cauterizados pelo fogo.

Sigarr soprou o ar, antes de elevar a voz para responder:

— Sou eu que aqui estou. Continuai o vosso trabalho.

Livre do tresvario que, por instantes, me paralisara, estrebuchei para me soltar e regresssei ao quarto. O feiticeiro seguiu-me, movendo-se com celeridade. Estava quase refeito. Pelos vistos, o

incidente fora mais aparatoso do que grave! Isso era um alívio... Ou não?

Eu mal conseguia levantar os olhos do chão. O meu rosto ardia, incendiado pela vergonha e pela confusão. Sem reparar no meu transtorno, ou simplesmente ignorando-o, Sigarr cravou-me os dedos no braço, increpando com ardor:

— O que foi que te passou pela cabeça? Tamanho despautério é indigno de alguém como tu!

Obriguei-me a arrostá-lo e vituperei, rouca de comoção:

— Chega de falsidades! Chega de mentiras! Tudo o que sai da vossa boca está envenenado pelo egoísmo e pela ambição!

— Endoideceste, Kelda? — controverteu no mesmo tom. — Estou a sangrar por tua causa e acusas-me de egoísmo? Quando foi que eu te menti? — De repente, puxou-me contra o peito e mergulhou no meu olhar, firmando num arquejo: — Eu nunca te menti! Sabias que terias de fazer sacrifícios para salvares o teu irmão.

— Alegai o que quiserdes — rebati exprobrada. — Mas morrerei antes de derramar o sangue da minha gente!

— Tu não podes morrer... — rosnou, num arquejo estrangulado.

— Isso sou eu que decido! — contendi, empurrando-o com quanta força tinha.

Incapaz de raciocinar, quis sair novamente para a varanda. Precisava de me libertar da sombra do feiticeiro! Já podia saltar para o jardim... Então, a portada fechou-se na minha cara. Incrédula, vi uma enorme barra de magia trancá-la, ao mesmo tempo que Sigarr fremia:

— Não vais começar outra vez...

Calei-o com um rugido e rodei nos calcanhares, decidida a alcançar a porta nem que tivesse de lhe passar por cima. Porém, uma segunda trave de energia surgiu do nada, cortando-me a fuga. Estava encurralada... E furibunda!

Acometi contra o mestre da Arte Obscura, berrando pragas e tentando trucidá-lo com a minha magia... Qual magia? Após duas evocações vãs, três socos e quatro pontapés, estava tão exausta

que mal me sustinha nas pernas. Sigarr limitou-se a amparar os golpes e a proteger os olhos das minhas unhas. Por fim, deixei o corpo pender nos seus braços, derrotada, com a cabeça a balançar precariamente no fio que separava a razão da loucura. O feiticeiro não podia estar a amimar-me junto ao peito! A sussurrar-me palavras de conforto... Até onde seria capaz de estender o seu fingimento, para contrariar a Visão da sua morte às mãos do Filho do Dragão?

— Eu posso ajudar-te — murmurou. — Mas tens de colaborar comigo... Halvard precisa de ti!

— Já disse que não irei combater o meu povo!

— Não terás de matar ninguém! Pelo contrário, salvarás muitos guerreiros!

— O quê? — Afastei-o e recuei, com o sobrolho franzido. — Estais a zombar de mim?

Sigarr respirou fundo e esboçou um gesto impaciente, antes de retrucar:

— Se não te tivesses comportado como uma doida, já saberias que tenho a solução para o teu dilema de consciência! És capaz de ficar quieta e escutar-me até ao fim? O nosso tempo começa a esgotar-se...

Bufei exasperada. Talvez isto fosse um pesadelo! Tudo o que sucedera nesta noite parecia irreal, simultaneamente ridículo e grosseiro. Bastava olhar para nós, a discutir ajustes, quando nos moviam objetivos completamente opostos. Acabei por sacudir a cabeça e os ombros, fazendo-lhe sinal para que se explicasse. E o feiticeiro enunciou:

— Tu vais receber as ordens do teu irmão com entusiasmo, acompanhá-lo com determinação e lutar ao seu lado... com esta arma.

Dito isso, desembainhou a espada que trazia à cintura. Fê-la girar para exibi-la e acabou por estender-ma. Fui incapaz de mexer um dedo... Sigarr enlouquecera! Se a situação não fosse tão grotesca, seria até digna de uma gargalhada. O mestre dos mestres, sempre

austero, gélido e pomposo, quedava-se diante de mim, desgrenhado, esfarrapado e coberto de sangue, com os olhos a brilhar de excitação, enquanto me impingia uma história tão disparatada que nem o mais tolo dos tolos haveria de a engolir:

— Esta espada pode parecer vulgar, mas a sua lâmina foi encantada. O coração é o seu ponto de referência. Os golpes aplicados diretamente ou acima serão tão mortais como os de qualquer outra arma... Porém, se o golpe for aplicado no abdómen, um verdadeiro milagre concretizar-se-á. A vida ficará meramente suspensa, desde a ilusória morte até ao nascer do Sol. O efeito é desagradável, mas eficaz! Na prática, se respeitares as condições da magia, esta espada garante-te que todos os homens que prostrares acabarão por se erguer incólumes. Toma! Considera-a... um adiantamento pelos serviços que ainda há de prestar-me.

Acabei por envolver o punho da espada com as mãos trémulas. Sim, era vulgar... Até semelhante àquela que Halvard me oferecera. Torci um esgar sarcástico e ripostei:

— Então, isto é uma espada mágica?

Ele continuou, qual criador orgulhoso de um engenho construído para prestar um serviço inestimável à humanidade:

— O feitiço resulta de uma mistura complexa de Arte Obscura e Arte Luminosa. Confesso que não posso reclamar inteiramente as honras desse prodígio... — E sorriu como se troçasse de si próprio: — A luz exigida ia muito para além daquilo que a minha essência é capaz de prover. Por isso, tive de pedir ajuda à tua protetora. A *Observadora* Íris mostrou-se bastante solícita! Graças a ela, há de tornar-te uma aliada preciosa para Halvard e, em simultâneo, uma heroína aos olhos da tua gente... — Deteve-se abruptamente e franziu o sobrolho, enfim consciente da minha expressão agastada. — O que foi? Porque me olhas assim? — E irritou-se: — Não acreditaste numa palavra do que eu disse, pois não, Kelda?

— E como quereis que eu acredite em tamanho dilate? — contendi, igualmente inflamada.

Ele torceu os olhos e bramiu de fúria, antes de altercar:

— Não acredito que vais obrigar-me a provar-te que estou a falar a sério!

Empinei o nariz e desafiei, certa de que o apanhara na rede das suas próprias insídias:

— E como faríeis tal coisa?

— Trespasa-me — ordenou com o fôlego preso.

— O quê? — titubeei estonteada.

— Além de néscia, és surda? — porfiou. — Despacha-te, antes que me arrependa!

Tudo aconteceu numa vertigem. De repente, Sigarr deitava a mão à espada, encostava a ponta ao ventre e lançava-se contra mim, varando-se a si próprio. Fiquei petrificada, com os dedos apertados em torno do punho... E a expressão do feiticeiro deformou-se num esgar de dor, enquanto se apoiava nos meus ombros e arfava:

— Sua tonta obstinada... Nunca uma mulher me tinha feito sangrar tanto!

Abri a boca, mas apenas consegui emitir pequenos arquejos de aflição. O peito de Sigarr estava encostado ao meu, o que significava que... Incapaz de completar o pensamento, deslizei uma mão até às suas costas e senti a dureza da lâmina. Soltei um gemido e comecei a tremer sem controlo. Isto não estava a acontecer! Tãmanha loucura não podia ser real!

— Sigarr... — vagi, horrorizada. Então, ele envolveu o meu rosto entre as mãos e mergulhou no meu olhar, sorrindo ao declarar:

— Isto pode ser uma ilusão, mas parece mesmo definitivo! Jamais imaginei que acabaria por saborear o meu próprio veneno... Dói como a cornada de um demónio!

— Sigarr... — tornei, incapaz de terminar. E o feiticeiro riu ainda mais alto, apertando os dedos em torno das minhas faces e controvertendo, como se num gracejo:

— Então, Kelda? Não me digas que estás preocupada comigo? Afinal, tenho a certeza de que acabei de realizar o mais ardente dos teus sonhos!

— Sois completamente louco! — exclamei, sentindo as lágrimas subirem-me aos olhos.

— Nisso estamos de acordo! — revidou.

Percebi que as suas pernas bamboleavam. Ajudei-o a sentar-se no chão, amparando-o contra o peito. Ele tentava manter-se sorridente, mas o tormento principiava a consumi-lo. Deixou a cabeça tombar no meu ombro e murmurou, numa voz que enfraquecia a cada instante:

— Em breve o meu coração irá parar e tudo te levará a pensar que morri. Não te assustes... E, principalmente, não lances um alarme! Ninguém pode saber disto...

— Vou mandar chamar Erebus — interrompi, resoluta. — Talvez ele chegue a tempo...

— Kelda! — apelou, sacudindo-me para me obrigar a encará-lo. — Presta atenção! Eu não vou morrer... Verás que o meu corpo não arrefece... E logo a ferida começará a sarar...

Fez uma pausa para recuperar o fôlego e foi incapaz de conter a tosse. Tentei dar-lhe a minha energia curativa, mas o choque fundia-se com a fraqueza e tudo falhava... Tudo falhava... Uma espada mágica! Então, porque é que o sangue lhe jorrava dos lábios? Sigarr estava a morrer nos meus braços e nada me convenceria do contrário!

— Liberta-me da espada — suplicou a custo. — Maldição! Devia ter pensado numa forma... de isto doer menos...

Sacudi a cabeça em negação e as lágrimas cegaram-me. Se eu o livrasse da lâmina, ele esvair-se-ia num estalar de dedos...

— Não... — arfei. E repeti, incapaz de conter os soluços: — Não! Não!

Os olhos do feiticeiro já se cerravam, mas a minha angústia fê-lo reagir. Tornou a prender-me o olhar, enquanto erguia a mão para acariciar-me o rosto e limpar-me as lágrimas... E, de novo, sorria! E, de novo, gracejava:

— Estás a chorar... por mim? Só por isso... valeu a pena!

— Sigarr...

— Faz... o que te peço... Só assim... a magia... se concretizará...

— Não! — objetei apavorada, sentindo-o desfalecer.

— Por uma vez... confia em mim... Hei de despertar... com o Sol...

A sua mão conduziu a minha até ao punho da arma. Acenou com a cabeça... E acabei por anuir. Enchi o peito de ar, desenterrei a espada e arrojéi-a para longe.

De imediato, o feiticeiro convulsou. Num ímpeto arrebatado, que eu jamais seria capaz de prever, içou-se e comprimiu os lábios contra os meus, com uma edacidade desesperada. Quedei-me inerte, sufocada, com o coração a espinotear e o calor do seu derradeiro fôlego a arrepiar-me por inteiro. Sigarr estava a beijar-me! A morrer e a beijar-me! E o seu beijo sabia a sangue, a lágrimas, à doçura do néctar que partilháramos... Terminou bruscamente, com um gemido:

— Kelda...

Aterrada, vi a sua cabeça pender para trás e os olhos revirarem-se nas cavidades, até o azul desaparecer. Os seus dentes rangeram sob a violência da agonia... E o feiticeiro Sigarr, mestre da Arte Obscura, exalou o último suspiro.

* * *

Não me conseguia mexer. As lágrimas escorriam-me pelas faces, sem que os olhos sequer piscassem. Inspirava e expirava, rápida e avidamente. O sabor do sangue colara-se ao céu da boca. O coração martelava-me o peito. As entranhas contorciam-se com tal veemência que os seus assobios chegavam-me aos ouvidos. O tempo passava... E eu continuava prostrada sobre o tapete que forrava o chão do quarto, com um corpo nos braços: o cadáver do feiticeiro que assombrara a minha família durante cinco gerações.

Quantas vezes desejara acabar com Sigarr? Um sonho que se tornara um tremendo pesadelo! E agora? Enquanto não me restabelecesse, seria impossível desfazer o sortilégio que trancava a porta e a janela. Halvard e Erebus só regressariam ao palácio pela manhã... E o que aconteceria então? Eles jamais acreditariam que o

feiticeiro se suicidara! Mas, afinal, que loucura transtornara Sigarr para pôr fim à vida desta maneira ridícula, tão perto de alcançar o seu objetivo? Era ilógico! Perverso! E porque é que as minhas lágrimas não cessavam de verter? E os soluços me sacudiam, incontrolláveis? Com mil ratazanas desvairadas, porque é que eu não parava de embalar num afago aquele que fora o meu maior inimigo?

Dei por mim a verificar vezes sem conta se o feiticeiro respirava. Se o seu coração batia... Nada! E o que esperava, afinal? Espadas mágicas que suspendiam a vida... O tempo que Sigarr passara na Ilha Sagrada devia ter-lhe dado a volta ao miolo! Talvez, um dia, Íris pudesse contar-me o porquê de tamanho desvario... Não! Eu jamais viveria para resolver este mistério, pois não podia admitir que Halvard me pusesse as mãos em cima.

A espada responsável por esta confusão estava a poucos passos... Era a solução para os meus problemas! Quando o meu gêmeo chegasse, encontrar-me-ia tombada ao lado do seu mestre. No entanto, a minha essência seria livre para continuar a combater a profecia, ainda que no outro mundo. Tentei afastar o corpo de Sigarr para concluir a minha resolução. Porém, vacilei e caí, ficando totalmente subjugada pelo seu peso. Dir-se-ia que, mesmo depois de morto, o feiticeiro teimava em contrariar-me!

O tempo corria ou arrastava-se? Deixei-me ficar de olhos fechados, paralisada por uma dormência mórbida. Pensei no meu pai, encarcerado no túmulo sob a muralha. Na minha mãe... Será que a Rainha do Sol ainda desfrutava da proteção da Ilha dos Penhascos? E Oriana, como estaria? Recordei o pesadelo que não cessava de me angustiar, em que a Sacerdotisa exprobrava com tanto rancor: «*Um dia, hás de pagar com lágrimas e sangue pelo sofrimento que me impuseste!*»

Qual sofrimento? Pelo menos, ela estava em casa! Como eu desejava voltar à minha... Afinal, onde era a minha casa? Na Montanha Sagrada? Não! Esse era o lar dos meus pais, não o meu. A bem da verdade, não tinha um lugar para onde regressar... Mas

seria feliz em qualquer parte do mundo se pudesse deitar a cabeça no peito do homem que amava!

Comecei a contar as batidas do meu coração: Lysander, Lysander, Lysander...

«*Jamais desistirei de ti, menina-feiticeira!*»

E de novo: Lysander, Lysander...

Abri os olhos, sobressaltada por um ruído. E mal engoli um grito ao deparar com a espada de Sigarr a pairar sobre o chão como se suspensa numa mão invisível, com o punho a irradiar uma luz candente. O fenómeno durou um mero instante... Todavia, o suficiente para despertar a minha consciência. Quando a arma se despenhou sobre a pedra, já a minha voz se erguia, num apelo trémulo e ansioso:

— Íris? Íris, estás a ouvir-me?

Não obtive resposta. No entanto, tinha a certeza de que a *Observadora* se quedava com os olhos postos em mim. Reconhecera o fulgor da sua essência... Talvez Sigarr não estivesse tão louco quanto eu julgara!

Fixei a atenção no feiticeiro... Continuava quente! Aliás, fervia como se ardesse em febre! Com mil ratazanas estorricadas, era óbvio que algo de anormal se passava! Segundo as leis da natureza, há muito que o seu corpo deveria ter esfriado, começado a adquirir rigidez... O que é que ele reclamara? Que o calor não o abandonaria, sinal de que a magia se concretizara. E que a sua ferida principiaria a sarar...

As minhas forças pareciam refeitas. Consegui deitar Sigarr sobre o tapete e ajoelhei-me ao seu lado, sem dificuldade. Decidida, afastei-lhe a túnica e expus-lhe a barriga. O sangue que a ferida derramara era bem real; tingira o tecido e secara sobre a pele. Porém, a carne mantinha-se macia... viva! Debrucei-me para examinar o golpe e quase me engasguei. Eu podia jurar, por tudo o que era sagrado, que estava a cicatrizar!

— Não... Não é possível... — balbuciei perplexa.

«*Hei de despertar com o Sol...*»

Podia Sigarr estar, efetivamente, sob a influência de um sortilégio? Ainda faltava bastante para o dia nascer. Restava-me engolir a ansiedade, enquanto aguardava por um prodígio. Se essa insânia se comprovasse, a espada que jazia aos meus pés era capaz de fazer milagres! Salvaria muitas vidas... Salvaria a minha alma!

Fui buscar uma almofada e ajeitei-a debaixo da cabeça do feiticeiro. Depois, limpei-lhe a ferida, cobri-o com uma manta e sentei-me ao seu lado. De vez em quando, destapava-o para contemplar o corte. Parte da minha mente massacrava-me: como é que eu podia ser tão estulta ao ponto de ficar parada, à espera que um cadáver ressuscitasse, quando devia estar a tomar providências para escapar a Halvard? Contudo, a outra parte começava a alimentar uma chama de esperança, à medida que o tempo passava.

Debaixo do meu olhar estupefacto, a pele de Sigarr restaurava-se por completo. Agora, a única marca que estragava a perfeição nívea do seu ventre era aquela que a minha espada lhe impusera, no decurso do nosso duelo no campo de treinos do Exército do Dragão. O feiticeiro poderia perfeitamente tê-la feito desaparecer sob a influência da magia, mas escolhera mantê-la! Porquê? Para que jamais se esquecesse de que eu quebrara as suas defesas e conseguira feri-lo? Sacudi os ombros, decidindo que isso pouco importava. Tinha de reunir coragem para tocar-lhe e acabar com as dúvidas, de uma vez por todas.

Sentir a carne quente debaixo dos dedos fez-me suster o fôlego, como se o meu gesto implicasse uma ousadia monumental. Depois, desprezei os melindres e apelei à magia, para tentar compreender o fenómeno que enfrentava. O que senti fez-me recolher a mão com uma exclamação abismada. Quase a medo, voltei a pousá-la no sítio em que a espada penetrara, para confirmar a estranha impressão que me acometera. Era incontestável! Sigarr não respirava, o seu coração não batia... Porém, o seu corpo regenerava-se!

Pensei em sacudi-lo para tentar despertá-lo ou em oferecer-lhe energia curativa para acelerar o processo... Contudo, acabei por nada fazer, com receio de que a mais insignificante das iniciativas

prejudicasse irremediavelmente o desfecho do sortilégio. No meu espírito, a chama da esperança transformara-se numa fogueira. Já entendia porque Sigarr passara tanto tempo na Ilha Sagrada, ao lado de Íris! A minha amiga continuava determinada em salvar a Terra e os seus povos... E o feiticeiro renegado arriscava tudo, para que a profecia do Filho do Dragão não o condenasse à morte.

Abri os olhos, alvoroçada. Deixara-me dormir... Como pudera deixar-me dormir!?

Olhei para o lado, com o coração a açoitar a garganta. Sigarr não se mexera... Examinei-o e verifiquei que nada se alterara. Continuava a não ter fôlego nem pulsação, mas a carne mantinha-se quente e viva. Faltaria muito para o Sol nascer? Um arrepio percorreu-me ao tomar consciência de que acordara no momento crucial. A luz já vencia a obscuridade... E agora?

Nada... O Sol surgia. E nada. O Sol estendia os seus raios... E nada! O Sol subia... E ainda nada! Absolutamente nada! Estava prestes a gritar de desespero quando algo esquisito me fez ficar hirta, em alerta. Era como se a pele de Sigarr exalasse um perfume fresco, que me compelia a inspirar fundo, deleitada. Quase por instinto, fitei a janela e desfiz a tranca de magia sem dificuldade. As portadas abriram-se de par em par. Um raio de luz invadiu o quarto, inundou o chão e brincou com os cabelos do feiticeiro, fazendo-os cintilar como ouro... Então, o morto estremeceu.

Só a custo contive um grito, fulminada pelo assombro. Arrojei-me para trás, dividida entre o encanto e o terror, no instante em que os braços de Sigarr rasgaram o ar. As suas mãos fecharam-se no vazio, como se pretendessem capturar a vida e jamais libertá-la. Depois, levantou a cabeça e o tronco seguiu esse impulso, enquanto os olhos se arregalavam e os lábios soltavam um urro estridente. Não havia dúvidas! O mestre da Arte Obscura livrara-se das sombras do submundo!

Arrastei o traseiro pelo chão, tentando alcançar uma distância segura, incapaz de digerir a estranheza da situação. Senti o punho

da espada sob os dedos e não hesitei em fechá-los. Durante o meu treino, Lysander confrontara-me com muitas abominações... O que sucedera aqui podia ser igualmente terrível! Eu já vira almas penadas a apoderarem-se de cadáveres, para errarem pela Terra. E nada de humano persistia nessas criaturas! Mal despertavam, tornavam-se monstros violentos, esfomeados por carne e sedentos de sangue, sem um pingo de consciência ou memórias do passado. Os horrores do submundo podiam assumir inúmeras formas... Só me faltava que Sigarr emergisse das trevas como um ser ainda mais funesto!

Prendi o fôlego, incerta do que fazer. O feiticeiro continuava sentado, a tremer e a respirar aos soluços. Os seus dedos palpavam o ventre, como se também tivesse dificuldade em acreditar no desfecho desta loucura. Por fim, reuniu forças para me encarar... E, assim que me deparei com o azul-celeste do seu olhar, percebi que a magia completara a sua missão.

— Kelda... — arquejou.

Deixei a espada para trás e corri ao seu encontro, amparando-o nos braços. Ele estreitou-me com sofreguidão, como se necessitasse de absorver a minha energia para confirmar que estava vivo. E não fui capaz de afastá-lo, nem mesmo quando apertou o meu rosto entre as mãos e colocou as nossas testas.

— Eu vi-vos morrer... — dei por mim a gorgolejar, com as lágrimas a subirem aos olhos tal a confusão que me estracinhava os nervos.

Sigarr não respondeu de imediato. Percebi que lutava para recuperar a compostura e a segurança da voz. Mesmo assim, esta saiu-lhe rouca e tensa quando tentou gracejar:

— Lamento desapontar-te! Ainda não foi desta que te livraste de mim!

Então, fixou-me... E perdi o ar, presa ao seu olhar como uma traça deslumbrada pela chama de uma lanterna. O azul-celeste flamejava com um ardor que, nada tendo de inocente, também nada tinha de pernicioso ou nocivo. Era... humano... e apaixonado!

— Estás outra vez a chorar — murmurou, amparando as minhas lágrimas com as pontas dos dedos.

— Tive medo... — confessei, antes que conseguisse segurar a língua.

— Por mim? — revidou, levando-me a corar estupidamente. Depois, sorriu com brandura e acrescentou, como se para me desobrigar do incómodo da resposta: — Eu também tive medo, Kelda. Não tinha absoluta certeza de que a magia haveria de se concretizar... Mas Íris fez um excelente trabalho!

Eu devia afastar-me. Afinal, ele já provara que estava bem. E o que acabara de acontecer não mudava o passado! Sigarr era um monstro... Um facínora que, cada vez mais, ousava palpar terreno proibido à conquista da minha confiança, do meu afeto... De repente, lembrei-me da voracidade do seu beijo e foi como se uma onda gelada se abatesse sobre mim.

As sombras que me inundavam a mente não lhe passaram despercebidas. Ciente do meu constrangimento, desfez o nosso abraço e mastigou como se contundido:

— Tenho de ir... O tempo escasseia.

Declinou a minha ajuda e susteve-se sozinho, testando o vigor das pernas. Depois, dirigiu-se à espada e empunhou-a, como se a admirasse uma última vez. Por fim, arremessou-a para que eu a apanhasse. E a sua voz recuperara a habitual frieza sarcástica ao enunciar:

— Agora, a jovem Kelda da Montanha Sagrada tem nas mãos o poder de decidir se aqueles que morrem permanecem mortos ou regressam à vida... Vai ser interessante observar o que farás com tamanho encargo!

Engoli em seco e tartamudeei, estrangulada pela comoção:

— Quer dizer que, com esta espada, quantos mais homens eu trespassar no decurso de uma batalha...

— Mais estarás a salvar — concluiu o feiticeiro, gravemente. — Porém, não te esqueças de ser discreta! E assegura-te de que o

Exército do Dragão estará longe do cenário de combate ao nascer do Sol... O teu irmão não pode suspeitar de nada!

Desfez a tranca mística da porta e dispôs-se a abandonar o quarto. Todavia, eu não podia deixá-lo partir sem antes lhe exigir que solucionasse, pelo menos, uma das questões que me atormentavam.

— Sigarr... — Detive-o. E enchi o peito de ar para enfrentá-lo: — E o meu pai? Sei que ele está no túmulo do rei-feiticeiro! Depois do que aconteceu, Mazin pode querer vingar-se...

O mestre da Arte Obscura silenciou-me com um gesto firme. Não se revelou minimamente admirado com o meu conhecimento, prova de que Erebus ou o próprio Mazin já deviam ter denunciado a minha transgressão. Ante o meu desassossego, limitou-se a replicar com uma rispidez velada:

— Tenho tudo controlado, Kelda!

— Mas... — tornei a insistir. E ele voltou a talhar, impaciente:

— Nada de «mas»! Concentra-te no teu irmão; no que lhe dirás para eliminar a sua suspeição. Entretanto, darei ordens para que te preparem um banho e tragam roupas novas. Usa a magia para apagares as provas do que aqui se passou... — E acrescentou, assumindo-se como um mestre que duvida do saber adquirido pelo pupilo de um rival pouco competente: — És capaz de fazer isso, não és?

Sem mais, reverenciou-me com uma ênfase provocadora e desapareceu.

CAPÍTULO 17

Desde o dia em que reencontrara o meu irmão, eu aprendia, à custa da inocência do meu coração, que, para sobreviver entre as feras, necessitava de fazer muito mais do que vestir a pele de uma. Devia incorporar as suas vísceras, os seus ossos... a sua crueldade. Obviamente, não me tornara uma guerreira de excelência a distribuir mimos nos campos de batalha! Sempre que empunhava uma espada era tão implacável como o mais duro dos homens. Porém, até ao presente, batera-me pela honra e pela justiça... O que tinha pela frente era abominável!

Pensar que, a cada nascer do Sol, os guerreiros que eu trespassasse com a espada mágica haveriam de regressar à vida não tornaria mais fácil o ato de prostrá-los. Eu estaria a olhar nos olhos da minha gente e a derramar o seu sangue, a destruir os seus lares, a arrasar as suas terras, a trair todos os meus ideais... Até quando conseguiria sustentar a farsa da submissão? Não sabia! No entanto, a razão garantia-me que devia fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para agradar a Halvard ou ele não hesitaria em assimilar o meu poder e usá-lo para destruir o mundo.

Este jantar era só mais um sacrifício. A última coisa que me apetecia era estar ao lado do meu gémeo, a sorrir, enquanto o ouvia descrever como planeava esquartejar o rei Bernard quando lhe pusesse as mãos em cima. Aliás, estranhamente, esse infausto entusiasmo não parecia contagiar os seus pares. Sigarr mantinha-se silencioso, até sombrio... E Erebus quase se engasgava sempre que o primo solicitava a sua intervenção.

Halvard fizera questão de que desfrutássemos de um belo repasto «em família», por esta ser a última refeição que partilhávamos antes do início da campanha. Mais de uma centena de barcos de guerra estavam prontos para partir e, mal amanhecesse, milhares de mercenários navegariam rumo ao Império, com ordens para não deixarem pedra sobre pedra. Na noite anterior, o Sacerdote Sigarr

vestira-se a rigor e subira a um altar majestoso, para executar um ritual que haveria de proteger o Exército do Dragão do ferro e do fogo dos seus inimigos. A Terra das Montanhas de Areia observara, deslumbrada, a manifestação do poder do feiticeiro. Uma chuva de estrelas rasgara o céu e transformara as trevas em esplendor. Seguiria-se uma trovoada seca que arrepiara as mentes, enquanto as vozes dos homens se exaltavam, na afirmação do pacto que avassalaria os seus espíritos por toda a eternidade.

Prodigiosamente altiva e segura ao lado do meu gêmeo, eu voltara a testemunhar a convicção de generais e seus guerreiros de que o destino de Halvard era tornar-se um deus na Terra... E de que só aqueles que se encontravam sob a sua proteção haveriam de subsistir! Por lutarem contra os infames que se atreviam a desafiar o seu senhor, seriam largamente recompensados com terras, escravos e a eterna pujança da juventude. Nem imaginavam que, no fim da contenda, a destruição seria total... O Filho do Dragão não partilhava poder, só impunha vassalagem! E a morte aguardava aqueles que não se dispusessem a rastejar aos seus pés.

Mazin também lá estivera, decerto amansado pela língua falaciosa de Sigarr. Quando chegara a sua vez de jurar submissão a Halvard, o meu coração quase saltara do peito ao ouvi-lo cuspir as palavras. Havia um timbre de morte em cada uma delas... E o meu irmão já não era o único alvo do seu ódio! Por várias vezes, o rei deposto fixara-me como se desejasse reduzir os meus ossos a pó. Talvez a concussão do momento me tivesse pregado uma partida... Porém, ficara com a terrível impressão de que Mazin sabia que eu não sarara graças à influência da magia, mas porque me apoderara do seu segredo. E isso fazia-me temer ainda mais pela segurança do meu pai, não obstante as garantias que Sigarr me dera.

Estar subordinada às determinações do mestre da Arte Obscura estracinhava-me os nervos! Por mais que ele dissesse ou fizesse, nunca seria capaz de lhe entregar a minha confiança. Tal como o Rei da Lua asseverara, o feiticeiro só estava a tentar salvar a pele. Eu

não tinha dúvidas de que Sigarr depressa espezinharia o nosso acordo se os ventos do destino mudassem de direção.

Apesar de tudo, o meu temor de que Halvard me caísse em cima como um louco endemoninhado acabara por não se concretizar. Pelo contrário, o meu gémeo até se revelava atencioso e meigo. Mal tivéramos oportunidade de conversar, congratulava-se com a rapidez da minha recuperação. Depois, o seu semblante iluminara-se ante o meu entusiasmo, quando me anunciara que a guerra da profecia ia começar. Nem uma palavra sobre Mazin, a minha sedição ou o temor de que a minha magia superasse a sua. Nenhum olhar enviesado. Nenhuma ameaça... Sigarr devia ter sido mesmo persuasivo, pois dir-se-ia que o incidente no campo de treinos nunca ocorreria.

Ainda assim, eu já conhecia o suficiente da nova face do meu irmão para saber que esta bonança era uma ilusão. Na realidade, uma violenta tempestade de rancores e desconfianças latejava-lhe debaixo da pele. Porém, Halvard não voltaria a apanhar-me em falta! Jamais poderia passar-lhe pela cabeça que eu superara a maldição de Mazin porque interiorizara as leis que a regiam e a tornara minha. Agora, tal como ficava invisível ou repelia os *Sentinelas* da Ilha dos Penhascos, eu estava apta a transformar um arranhão na perdição dos meus inimigos. E, um dia, essa inesperada vantagem talvez me salvasse a vida.

O jantar prosseguia... Enquanto me perdia em considerações, Halvard continuava a bazofiar. A nova vítima da sua peçonha era Lysander. Vomitava barbaridades com os olhos presos em mim, esperando descortinar um sinal de emoção. Concentrei-me noutra questão que me moía o cérebro. A magia da espada preservara Sigarr, mas seria igualmente capaz de salvar um homem «comum»? E se o feiticeiro só tivesse ressuscitado graças à influência do seu sangue antigo? Uma vez no Império, como poderia eu ter a certeza de que a vida voltaria a abençoar os guerreiros do meu povo? Se ficasse para trás, a fim de confirmá-lo, Halvard descobriria...

Pisquei os olhos ao escutar o apelo do meu irmão. Um silêncio funéreo pairava em torno da mesa. Pelos vistos, não era a primeira

vez que ele solicitava a minha atenção.

— Desculpa — titubeei. — Pensava na nossa viagem... Detesto andar de barco!

Era verdade. Desde sempre, gelava com a ideia de estar em alto-mar dentro de uma casca de madeira, à mercê dos elementos, sem controlo sobre a minha sorte. Esse era, provavelmente, o único medo enraizado no meu espírito que eu tinha dificuldade em debelar. E o facto de já ter naufragado só agravava o meu desconforto.

Halvard não se mostrou incomodado com o meu alheamento. Abriu um sorriso de orelha a orelha e repetiu:

— Preparei-te uma surpresa para tornar esta noite memorável! Estás curiosa?

Curiosa? Desde que pisara este malfadado solo, «surpresa» tornara-se sinónimo de «desgraça»! Todos os meus sentidos troaram em alarme. Não obstante, sorri e ripostei:

— Sim, mano! Mostra-nos o que é!

De imediato, ele fez sinal aos escravos que nos serviam e estes saíram do salão. Erebus também se esforçou por obsequiá-lo, mostrando-se intrigado. O meu irmão não desfez o sorriso e o seu olhar saltou do primo para o mestre, parando em mim. O verde-floresta fulgurava com uma cintilação que eu aprendera a temer. Tratava-se, obviamente, de uma traquinice... E eu conhecia bem a natureza das brincadeiras de Halvard!

Os escravos regressaram, carregando uma bandeja de prata coberta por uma campânula. Os seus rostos morenos estavam cor de cinza, tal o horror que os assolava. O fedor inconfundível da morte sobrepôs-se ao cheiro da comida disposta sobre a mesa. Retesei-me no banco e fixei Sigarr, incapaz de disfarçar o pânico. O feiticeiro não reagiu, mas o seu maxilar enrijeceu-se. O sorriso também fenecera no rosto de Erebus e uma ruga profunda vincava-lhe a testa. Reparei que evitava o meu olhar... E uma suspeita terrível acendeu-se na minha mente, incendiando-me o sangue,

acelerando a respiração e comprimindo-me o coração dentro do peito... Não! Halvard não tivera coragem...

Mal os homens pousaram a bandeja sobre a mesa, o meu gêmeo fremiu, arrancando a máscara de alegria e afabilidade que ostentara até ao momento:

— Saí! Saí imediatamente!

Os escravos apressaram-se a obedecer. Assim que ficámos os quatro a sós, Halvard inchou de malignidade; a beleza máscula transfigurada em pura perversão. O seu olhar escureceu ao fitar-nos, como se plantasse uma mensagem em cada espírito. Cerrei os dentes e sustive a respiração. Começava a sentir-me tonta e nauseada, enquanto o Filho do Dragão me observava com um deleite que extravasava no riso ferino. Fechei os olhos sem querer...

— Olha para mim, Kelda! — vociferou, cuspidando rancor, enquanto se debruçava sobre a mesa e a esmurrava com os punhos, fazendo a comida saltar dos tabuleiros e os jarros derramarem a água e o vinho. — Olha para mim!

O silêncio era esmagador. Halvard estava transtornado... E se Sigarr ou Erebus se manifestassem em minha defesa, inflamariam ainda mais o seu ânimo. Fiz-lhe a vontade e deparei com dois abismos de chamas.

— Diz-me... — rugiu roucamente. — O que achas que tenho para te oferecer? — E, como eu me mantive calada, estrondeou: — Fala de uma vez!

Acreditei que ia desmaiar... Recordava o rosto sorridente do meu pai nos dias felizes da minha infância. E o seu pânico ao urgir: «*Foge! Salva-te! Eu já estou morto...*»

— Kelda! — berrou Halvard. E eu deixei escapar um soluço:

— Uma cabeça...

— Sim! — gritou triunfante. E recuou com uma gargalhada torpe, começando a cantarolar: — E a cabeça de quem será? De quem será? De quem será essa cabeça?

— Chega, Halvard! — exasperou-se Sigarr. E, num ímpeto, desvendou a hediondez.

Eu estava tão tolhida pelo choque que nem pisquei os olhos. Ao ver o que a campânula ocultava, as minhas forças esvaíram-se como orvalho a escorrer por uma folha. O alívio foi tão forte que nem me permitiu experimentar revolta ou asco. À minha frente, exposta na bandeja de prata, estava a cabeça decapitada do general Mazin.

— Mestre, mestre... — já mastigava Halvard, torvo e provocador. — Mas que impaciência! Não foi isso que me ensinaste! Treinaste-me para ser frio e implacável... O verdadeiro e único Filho do Dragão! — Tornou a elevar a voz, exaltado: — Pois o Filho do Dragão não admite desafios à sua autoridade! E muito menos traições! — Investiu para me fulminar com o olhar ígneo, concluindo minaz: — Gostaste da surpresa, Kelda? Preparei-ta com muito carinho... Quero que te recordes bem desta noite! Que guardes na memória o que acontece a quem ousa afrontar-me! Assim, nunca esquecerás como é bom estar do meu lado.

— Halvard! — estrondeou Sigarr. Porém, calou-se quando o pupilo o arrostou, controvertendo:

— Queres acrescentar algo, mestre? Uma recomendação para a tua... protegida?

As suas palavras eram veneno do mais puro. O feiticeiro alegara que o meu irmão estava a perder-lhe o respeito e a gravidade deste gesto provava-o! Com a respiração presa, vi Sigarr devolver-lhe o olhar; gelo contra fogo. Todavia, limitou-se a retrucar:

— Não... Não tenho nada a acrescentar.

— Foi o que pensei! — chacoteou Halvard. — Apreciem o banquete...

E abandonou o salão, qual rajada de vento. No mesmo fôlego, o mestre da Arte Obscura voltou-se para Erebus e ordenou com premência:

— Vai atrás dele. Guarda-o da sua fatuidade, antes que deite tudo a perder.

— Halvard ir... — começou o «Criador das Trevas».

— Eu sei o que ele pretende fazer — interrompeu o feiticeiro, secamente. — Mas não posso impedi-lo... Protege-o!

Rápido como uma flecha, o meu primo obedeceu. O que será que os inquietava? As coisas ainda podiam piorar?

Atordoada, esforcei-me por manter o olhar afastado da cabeça decapitada; da pele esfacelada, derramada sobre a bandeja; da boca escancarada num berro mudo, que prometia ecoar por toda a eternidade... Halvard até arrancara os olhos de Mazin! E, pelo aspeto dos buracos, fizera-o com os seus próprios dedos, num rompante de fúria. Assim, condenava o general a enfrentar às cegas os horrores do submundo.

A poeira do terror assentava e eu começava a tremer sem controlo. Por instantes, chegara a pensar... Tivera quase a certeza... Os soluços apanharam-me desprevenida. Os meus nervos estavam desfeitos! Levei as mãos ao rosto, tentando recompor-me. Porém, o pranto dominou-me com uma veemência avassaladora. Qual não foi o meu pasmo quando Sigarr se aproximou e amimou-me contra o peito, sussurrando palavras de conforto.

Quis afastá-lo, mas não tive forças. Sentia-me a enlouquecer... Entre um soluço e o outro, uma questão massacrou-me: será que ainda odiava Sigarr? Teria sido realmente ele o responsável pela transformação de Halvard? Ou a alma do meu irmão já estava condenada antes da sua intervenção? Afinal, mesmo sob a influência da Montanha Sagrada, o meu gémeo espancara-me, prostrara Thorson, pegara fogo a Oriana, rebelara-se contra os nossos pais...

— Tens de te acalmar, Kelda — sustentou o feiticeiro. — Isto é só o princípio!

— Julguei... — dei por mim a gemer. — Julguei que fosse o meu pai...

A mão firme deslizou pelas minhas costas, até afagar-me a nuca.

— Eu sei — replicou, numa voz que soou comovida.

— E agora? — indaguei, sobressaltada, buscando o seu olhar. — Halvard pode ter ido...

— Não te angusties — tranquilizou-me, adivinhando o meu temor. — O teu pai está seguro. Halvard não vai perder tempo a entrar no túmulo. Neste momento, importa-lhe confrontar os homens fortes de

Mazin, para se assegurar da sua lealdade antes do início da campanha.

— Haverá um banho de sangue — concluí, sem ar. — E vós não fazeis nada...?

— Se eu interferir, será pior! Ouviste-o desafiar a minha autoridade... Esta noite, tu não foste o principal alvo do teu irmão, Kelda! Halvard montou esta encenação para me provar que, não obstante tudo o que eu possa ditar, a última palavra pertence ao Filho do Dragão.

Pensando bem, Sigarr era capaz de ter razão! Fixei o mórbido troféu, enquanto ofegava:

— E o Filho do Dragão está mais forte, agora que se apossou do poder de Mazin...

— Isso era o que ele desejava! — resmoneou o feiticeiro. — Contudo, não teve esse prazer!

Franzi o sobrolho sem entender a insinuação. Todavia, perante a soberba no olhar azul, uma luz acendeu-se no meu espírito. Não havia sangue na bandeja! E isso significava...

— Mazin já estava morto quando Halvard o procurou! — exclamei afogueada. — Ele limitou-se a cortar-lhe a cabeça para vos afrontar... — Então, a verdade estalou-me na mente e fez-me entaramelar, horrorizada: — Fostes vós... Vós matastes Mazin!

Tentei afastar-me, mas Sigarr prendeu-me os braços e obrigou-me a encará-lo. Vi nos seus olhos a tentação de negar tudo. Porém, acabou por encher o peito e admitir:

— Mazin estava condenado, Kelda! Assim, pelo menos, a sua essência não caiu nas garras do teu irmão... Porque estás a reagir assim? Até foste tu quem me deu a ideia quando tentaste saltar para os espinheiros!

— Deixai-me... — reclamei exasperada. Todavia, ele aumentou o aperto e volveu:

— Não sejas tonta! Sabes perfeitamente que estou a fazer tudo o que posso para te proteger! Querias que o teu irmão usurpasse essa magia e a usasse contra ti? Zanga-te comigo se, um dia, eu trair o

nosso acordo... Mas não me lances esse olhar indignado porque matei um guerreiro que jurou massacrar o teu povo!

De repente, soltou-me. Quase caí, suplantada pelo espanto. Quem era este homem diante de mim? Não era o Sigarr que eu crescera a odiar, nem sequer o Sigarr que eu conhecera na Ilha Sagrada e me trouxera até aqui... Com mil ratazanas dementes, o que é que acontecera ao feiticeiro? Se não soubesse melhor, diria que ele estava... Que ele estava...

Confrontado com o meu assombro, Sigarr desviou o rosto. Apontou para a porta e convidou-me a avançar:

— Eu acompanho-te ao quarto...

— Não é preciso — refutei, estrangulada.

— Eu insisto, Kelda! — teimou irreduzível. — Vai ser uma noite longa... Quero ter a certeza de que estarás segura!

O que podia eu fazer, além de anuir? De outro modo, não me livraria dele!

Diante da porta do quarto outrora guardado pelos espinheiros, Sigarr voltou a interpelar-me:

— Promete-me que não sairás do palácio, sob nenhum pretexto.

— E porque haveria de sair? — ripostei, esforçando-me por soar convincente.

— Não me queiras enganar! — retrucou com severidade. — Só estás à espera de que eu vire costas para correres ao encontro do teu pai... Mas, se o fizeres, serei incapaz de protegê-lo! — Calou o meu protesto e prosseguiu, sombrio: — Os olhos do teu irmão estão mais abertos do que nunca! E presos em ti! Mesmo no outro lado do mundo, não escaparias ao seu faro... Estou a falar a sério, Kelda! Halvard está descontrolado e, enquanto não se acalmar, ninguém conseguirá detê-lo. Acredita que, neste momento, a última coisa que desejas é desafiá-lo!

A gravidade das suas palavras pôs-me a tremer. Quando o próprio mestre se apoquentava com as atrocidades que o pupilo podia cometer... Levei as mãos ao peito e inquiri, angustiada:

— E o que farei se Halvard decidir atacar o meu pai durante a viagem...?

— Edwin não viajará para o Império. É demasiado cedo para trocá-lo pelos cristais.

— Demasiado cedo? — exprobrei, revoltada. — Quer dizer que primeiro tencionais espalhar o terror para que o desespero force o meu povo a negociar?

A réplica do feiticeiro soou fria e implacável:

— Se os Viquingues e os Aliados reconhecessem a soberania de Halvard, ninguém teria de sofrer!

Baixei o rosto, lutando contra as lágrimas. Porque perdia tempo a discutir com Sigarr? Se nem a certeza de que ia morrer o demovera de concretizar a profecia, não seriam os meus argumentos que fariam a menor diferença! Acabei por interrogar, agoniada de preocupação:

— E quem cuidará do meu pai durante a nossa ausência?

— Cuidarei eu — respondeu. E, ao ver-me aturdida, acedeu a justificar: — É verdade, Kelda... Não irei convosco. Há assuntos que me prendem aqui.

— O quê? — gaguejei, sentindo-me gelar ao pensar que não podia contar com a sua ajuda para refrear os ímpetos de Halvard. — Mas...? Não...

A minha perturbação surpreendeu-o. Franziu o sobrolho e estreitou o olhar. Depois, destruiu a distância que nos separava, indagando numa voz que enrouquecia a cada palavra:

— O que foi? Devias ficar satisfeita por saber que a tua gente está a salvo do meu poder... — Fez uma pausa e acrescentou, como se num gracejo mordaz: — Ou será que vais sofrer com saudades minhas?

Pressionei as costas contra a porta e movi os dedos sobre a madeira, tentando afluivamente abri-la, enquanto recalcitrava:

— Vós sois execrável...

A voz falhou-me quando o seu rosto pairou sobre o meu. E o olhar azul encheu-se de luz ao sussurrar calidamente:

— E tu, fedelha intragável, és o meu maior pesadelo... — Hesitou, antes de questionar quase num gemido: — Acreditas que o coração de um homem pode mudar, Kelda?

Eu lutava para respirar, confusa e aterrada. «Isto» não me estava a acontecer! Eu não sabia lidar com «isto»... Eu não queria lidar com «isto»! Sigarr erguia a mão para acariciar-me o rosto... Enfim consegui abrir a porta e saltei para trás, antes que ele me tocasse, redarguindo num ímpeto atabalhoado:

— Pode... Se esse homem tiver coração!

A mão do feiticeiro estacou e pendeu inerte. As lanternas que nos iluminavam denunciaram o amargor do seu sorriso. A cintilação abandonou o olhar celeste deixando-o... perdido! No instante seguinte, Sigarr desaparecia na curva do corredor.

* * *

O mestre da Arte Obscura estava correto quando asseverara que a noite seria longa. Mesmo com o búzio mágico encostado ao ouvido, eu era incapaz de me abstrair dos gritos que ecoavam no exterior do palácio. Atormentada pela curiosidade, subi ao terraço para ter uma visão mais clara do que se estava a passar. E, apesar de me encontrar em solo inimigo, o que vi deixou-me sem fôlego.

O tumulto iniciara-se no campo de treinos e espalhara-se pela cidade. Clarões flamantes iluminavam as trevas, seguidos de jorros de labaredas, enquanto as casas eram engolidas pelo fogo da ira do Filho do Dragão. Imaginava até o alvoroço que conturbava os pensamentos do meu gémeo: vingança contra aqueles que o tinham desafiado e ódio contra aqueles que podiam ter o que ele fora incapaz de conquistar. Não correria riscos. Atacaria a família de Mazin, os seus amigos e todos aqueles que lhes dessem guarida, até que não existisse uma boca neste território que ousasse pronunciar o nome do seu antigo soberano.

Um cavaleiro deixou o palácio enquanto eu observava esse caos. Ao invés de mergulhar no inferno de chamas, Sigarr forçou o garanhão cinzento a cortar caminho até à muralha, para depois

seguir ao longo do trilho que haveria de conduzi-lo à entrada do túmulo subterrâneo. Ia certificar-se de que o meu pai estava em segurança... Ia garantir uma nova vitória, na luta que travava para conquistar a minha confiança!

Por mais que eu tentasse ignorar os avanços de Sigarr, as suas palavras peçadas de intenção, o ardor crescente que demonstrava sempre que estávamos juntos, a minha mente começava a pregar-me partidas. Poderia o feiticeiro estar encantado por mim? Ou o seu desvelo seria só mais um artifício, de entre a miríade de estratégias, manipulações e conspirações que regiam os seus passos?

Sem saber como, dei por mim diante da porta do covil do mestre da Arte Obscura, ansiosa por solucionar o enigma que podia mudar o rumo desta história: quem era, na realidade, Sigarr?

Prendi a respiração mal entrei. O quarto fora preparado para receber alguém! Mantas e almofadas estavam dispostas de forma acolhedora, a lareira acesa, um perfume delicioso a pairar no ar... e um livro aberto, à espera de olhos curiosos que desvendassem os seus segredos. Eu até poderia julgar que estava a imaginar coisas, não fora deparar com a caixa de pedras doces, ao lado do livro. Sigarr arranjava tudo isto para mim!? Estremeci, arrepiada... Era aterrador constatar que o feiticeiro previra que eu haveria de aproveitar a sua ausência para espiá-lo!

Saí desembestada do quarto e quase gritei de susto ao chocar contra um guerreiro. O homem praguejou e aprisionou-me por um braço, rosnando:

— Aonde pensas que vais, rapazote? Não podes andar aqui sem autorização...

A sua confusão era explicável, atendendo a que eu entrancara os cabelos e trajava como um soldado. Tentei libertar-me do aperto doloroso dos seus dedos, fremindo ameaçadora:

— Solta-me imediatamente!

Ouvir a voz de uma mulher fê-lo estacar. E eu também me detive a encará-lo, assaltada pela impressão de que o conhecia... Mas de

onde? A resposta chegou com a réplica do asinino, que voltava a sacudir-me com maus modos enquanto gargalhava:

— Eu sei quem tu és! Já tive o prazer de te dar uns bons bofetões! Pensei que o demónio te tinha assado... Se ele não te comeu, como-te eu!

Ah! A sorte podia ser, em simultâneo, tão vil e tão gratificante! Já me recordava do gabarola... Devia ter-se escondido em algum buraco, após o incidente no terraço, pois não fazia a menor ideia de que estava a falar com a irmã do Filho do Dragão! Tomava-me por uma escrava; carne para ser violada... E eu não ia perder tempo a desfazer o equívoco.

Arrastei o guerreiro para dentro do quarto de Sigarr. O imbecil embrenhara-se de tal forma na bazófia que tombara sem soltar um gemido, trespassado no ventre pela minha arma nova. Como paga pela estalada que me dera naquela noite, esclareceria agora a minha dúvida acerca da eficácia da magia da espada na salvação de alguém que não possuísse uma gota de sangue antigo.

Sem nenhum pejo, rasguei-lhe a túnica e expus o ferimento. Depois recuei, ciente de que a espera seria longa. Olhei em volta com uma súbita resolução. Se o destino quisera que eu regressasse ao antro do feiticeiro, mais valia desfrutar do que ele tinha para me oferecer.

Comecei a bisbilhotar na intimidade de Sigarr, sem saber o que expectar. Aparentemente não colecionava despojos das suas vítimas, nem objetos de tortura, nem testemunhos da sua iniquidade. A única coisa extraordinária com que me deparei estava guardada numa caixa almofadada. Tratava-se de uma pulseira, tecida com fios sedosos de cristal... Sim, fios sedosos de cristal! Tal prodígio resultava de uma magia que só podia ter origem na Ilha Sagrada. E, ao acariciar entre os dedos a macieza cintilante daquela maravilha, tomei consciência do seu significado. Era um símbolo de compromisso... Provavelmente, o presente que a feiticeira Aranwen oferecera ao noivo no dia em que lhe prometera o coração!

Guardei a caixa no esconderijo, com o coração acelerado. Era verdade que a linha que dividia o amor do ódio podia ser extremamente fina! Há muito que Aranwen morrera, mas Sigarr teimava em perseguir os seus descendentes, por ódio, ao mesmo tempo que guardava, com amor, a memória da felicidade que os dois tinham partilhado. Lembrei-me de Lysander e quase perdi a coragem. Todavia, obriguei-me a continuar a busca. Não podia permitir que as emoções me subjugassem... Se procurasse bem, haveria de descobrir algo que me ajudasse a combater a execranda profecia.

A minha investigação desvendou potes e caixas com vários tipos de terra, ervas, cascas, raízes e pétalas de flores, uma infinidade de penas de pássaros, garras e presas de animais... Mas nada de assumidamente maligno! Por fim, comecei a examinar os livros. Tal como «O Que Tudo Vê», Sigarr também se dedicava a descrever os feitiços que aprendia e a apontar os que criava. Isso era extraordinário! Remexi volume após volume, em busca de um que contasse a história da sua vida, mas nada encontrei. Toda a sua pesquisa estava relacionada com a energia mística: Arte Luminosa, Arte Obscura, a fusão das duas... Por fim, restava-me olhar para o livro aberto sobre o ninho de almofadas, embora todos os meus sentidos troassem em alerta, avisando que aquilo devia ser uma armadilha... Não! Sigarr já se sujeitara a muitas tribulações para me proteger. Não iria fazer-me mal na véspera da partida do Exército do Dragão para o Império!

Acomodei-me nas almofadas e fixei a atenção nas páginas abertas. Continham a descrição de sortilégios que poderiam tornar-se valiosos no campo de batalha. Quando dei por mim, já virava folha após folha, assimilando conhecimentos proibidos, enquanto devorava reбуçados.

A letra de Sigarr era graúda e desenhada, bastante agradável à vista, convidando a avançar com entusiasmo. E, quanto mais eu lia, mais uma pergunta se enterrava na minha mente, multiplicando raízes, qual erva daninha: porque é que Lysander não me ensinara

estas coisas? Eram tão simples... Letais, sim! Perniciosas, sem dúvida... Porém, não tinham necessariamente de ser evocadas para praticar o mal! Além disso, o príncipe deveria ter tido em consideração que estava a preparar-me para enfrentar mestres da Arte Obscura! Se, ao treinar com Halvard e Erebus, eu me apercebera de que a minha destreza era muito inferior à sua, agora, diante dos escritos de Sigarr, engolia golfadas de fel ao constatar que, no que à magia negra concernia, Lysander dera-me uma única gota a beber de um pote gigante, cheio até às bordas!

— Talvez ele ignore esta face da Arte — murmurei, tentando justificá-lo e apaziguar a indignação que me queimava as entranhas. E continuei a ler o que o livro tinha para me revelar:

«Estás a enganar-te a ti própria, Kelda? É óbvio que o herdeiro da rainha Lyria domina a face negra da Arte Obscura... A informação está no seu sangue e é parte fundamental do seu treino!»

Gritei e afastei o livro com um repelão, caindo sobre as almofadas. Não podia ser... Eu não acabara de ler a resposta ao meu desabafo nas linhas escritas por Sigarr! Tive de respirar fundo várias vezes, antes de reunir coragem para voltar a pegar no livro... E lá estava, letra a letra, até ao fim da página! Com as mãos a tremer, virei-a...

«O príncipe Lysander receava que não fosses capaz de te controlar a partir do momento em que começasses a evocar a magia negra. Por isso, decidiu não aprofundar demasiado os teus conhecimentos.»

— Isso não é verdade! — ofeguei horrorizada, perante folhas em branco que se enchiam de palavras, debaixo do meu olhar arregalado:

«Quantas vezes te menti, Kelda? Lysander não confia em ti... Eu confio!»

— Não...

«Sabes que sou capaz de tudo para te proteger...»

— Não...

«Sou capaz de tudo para te favorecer.»

— Não! Não!

«*Lysander não pode cuidar de ti. Eu posso!*»

— Não...

«*Lysander não pode fazer-te feliz. Eu posso!*»

— Não...

«*Lysander não pode, nem quer, dar-te o amor que tu mereces. Eu posso... E quero!*»

— Não! — E atirei o livro pelo ar, incapaz de ler o que adivinhava estar escrito a seguir. Pus-me de pé, pronta para sair do quarto... Porém, estaquei sem ar, com as pernas a bambolear. Sigarr estava à minha frente, em carne e osso! Como é que eu não o ouvira chegar? Rápido como uma flecha disparada ao meu coração, puxou-me contra o peito, concluindo com ardor:

— Eu vou dar-te o amor que tu tanto desejas!

E colou os lábios aos meus.

Pensei em debater-me... Contudo, era como se a minha vontade se estivesse a liquefazer! Senti os meus braços a rodearem-lhe o pescoço, os dedos a enterrarem-se nos cabelos de ouro fino... E a boca a abrir-se para receber toda a paixão do feiticeiro, enquanto o corpo se derretia à mercê de um calor tão abrasador quanto extasiante.

— Quero-te com loucura, Kelda... — arquejou, por entre beijos que transformavam o meu sangue em lava. — E sei que tu também me desejas!

— Sim — gemi, deleitada. — Sim...

Então, Sigarr pegou-me ao colo e carregou-me para a cama. Senti o colchão afundar-se sob os nossos corpos e a frescura das mantas na pele nua. Quando é que o feiticeiro me tirara a roupa? Não conseguia recordar-me... Algo estava errado! Algo estava tremendamente errado! E, no instante em que essa percepção me atingiu, uma voz acendeu-se no fundo da minha consciência: «*Acorda, Kelda... Acorda já!*»

Abri os olhos num ímpeto desesperado... E encontrei-me sentada no ninho de almofadas, com a caixa de rebuçados tombada ao meu

lado e o livro de magia negra sobre o colo. As chamas da lareira continuavam bem vivas, mas a sua luz principiava a ser ofuscada pela claridade que entrava pelo teto transparente. O dia estava prestes a nascer... E, a poucos passos, o guerreiro que eu varara com a espada mágica continuava tão inerte como um cadáver.

Levei as mãos aos lábios, tremendo compulsivamente, dividida entre o alívio e o horror. Sigarr não estava no quarto! Tudo não passara de um sonho... De um pesadelo ascoroso! Lancei os olhos sobre o livro e examinei folha após folha, apenas para confirmar que a imaginação me pregara uma partida vil. Por fim, tive um vislumbre do que devia ter sucedido.

— Grande cão, filho de uma aleivosa... — praguejei, sustendo-me, irada. — Andaste a brincar com a minha mente!

O facínora decerto estava a gargalhar à minha conta! Sabia que eu teria de abrir as portas da razão se queria assimilar os seus sortilégios... E arranjara uma forma de plantar aquela cena atroz na minha cabeça! Senti-me um peixe com um anzol cravado na guelra; uma ratazana com o pescoço esmagado pelo ferro de uma ratoeira; uma mulher violada na sua dignidade por um celerado sem escrúpulos... O que é que o feiticeiro esperara ganhar com tamanho despautério? O mais estranho é que esta grosseria não se encaixava, de todo, no seu perfil!

De súbito, a voz no fundo da minha mente voltou a manifestar-se, instigadora:

«Talvez Sigarr esteja inocente! Se calhar, não foste vítima de nenhuma manipulação. Apenas sonhaste! Permitiste-te dar vida a um desejo que não ousas confessar...»

— Argh! — brami, sacudindo a cabeça até esta quase saltar dos ombros. — Era só o que me faltava!

Irritada até ao âmago, ajoelhei-me ao lado do guerreiro, ciente de que o meu tempo estava a esgotar-se. Halvard não tardaria a convocar-me. Se me apanhassem aqui, como justificaria que passara a noite no quarto de Sigarr na companhia de um homem morto?

O receio de que o feiticeiro me tivesse enganado desvaneceu-se no instante em que toquei no corpo inerte. Apesar de, numa primeira avaliação, o guerreiro não ostentar sinais de vida, conservava-se quente e flexível, como se meramente desacordado. A ferida no seu ventre estava fechada, sob a ação de uma energia que sarava de dentro para fora. Com mil ratazanas pasmadas, a espada era mesmo detentora de uma magia excepcional!

Posto isto, restava-me arranjar coragem para cumprir as ordens do meu irmão. Não seria fácil... Todavia, o que Sigarr alegara era horripilante, mas irrefutável: quantos mais homens eu prostrasse, mais estaria a salvar. Só por isso haveria de me tornar a assassina mais feroz, determinada e implacável do Exército do Dragão!

Os primeiros raios de sol já se esgueiravam através do teto e roçavam a pele do guerreiro. Não obstante saber o que ia acontecer, assustei-me quando começou a estrebuchar. O seu coração voltava a bater; a boca escancarava-se como a de um recém-nascido que consome o primeiro fôlego... Ia despertar para a vida, com uma história extraordinária para contar. Uma história que eu não podia admitir que chegasse aos ouvidos do seu senhor! Ergui-me e, sem hesitar, enterrei-lhe a espada no peito. Agora, não existia magia na Terra capaz de o ressuscitar.

Para sobreviver entre as feras não basta vestir a pele de uma... E se, para vencer esta guerra, Kelda da Montanha Sagrada tinha de renunciar à consciência e incorporar um animal carniceiro e sanguinário, assim seria! Estava pronta para enfrentar o meu destino.

De volta ao meu quarto, acabara de tomar um derradeiro fôlego de resolução quando a trompa que convocava os guerreiros para o início da ofensiva ao Império do rei Bernard estrondeou. Prestes, Erebus batia à porta para me escoltar até ao navio. Antes que eu pudesse indagar sobre os incidentes dessa noite, os seus lábios sibilaram um aviso cortante:

— Silêncio! Falar nada! Nada!

A sua expressão denunciava um sofrimento profundo. Erebus acompanhara a investida de Halvard, mas não se orgulhava do que fora obrigado a fazer sob as suas ordens. Aliás, a forma como evitava o meu olhar revelava a vergonha que sentia, por ter de se expor ao meu juízo. Acatei as suas instruções e segui-o sem me manifestar. Porém, não obstante estar ciente de que o ataque de ódio do Filho do Dragão deixara a cidade bastante ferida, depressa descobri que a realidade se declarava mil vezes mais abominável do que me atrevera a imaginar.

O meu irmão não se limitara a caçar os guerreiros que, apesar de lhe terem jurado obediência, haviam continuado a servir o general Mazin. A sua vingança estendera-se às famílias desses homens, com uma inexorabilidade cega. Os anciões tinham sido arrancados das suas camas, arrastados para a rua e chacinados, após assistirem impotentes ao deflagrar dos incêndios que lhes consumiam as casas, com as mulheres e as crianças encarceradas no interior. Desse modo, não restava ninguém para protestar ou reclamar vingança... E, se essa vontade ainda persistisse num espírito mais afoito, a sorte da família real devia ser suficiente para forçar a dissuasão.

Os corpos espetados em estacas, à entrada do porto, garantiam que nenhuma consciência deste território esqueceria a supremacia do Filho do Dragão. Enquanto conduzia o meu cavalo até ao barco, atrás de Erebus, os meus olhos eram atraídos para aquela pravidade, o coração acelerava, os dentes rangiam... O meu gémeo degolara as mulheres de Mazin e empalara os seus filhos e sobrinhos, sem distinguir rapazes e raparigas. Ao passar pelos cadáveres, constatei que pelo menos três dos desafortunados jovens exibiam a marca da flor lacrimosa. Para conseguir usurpar-lhes a magia que tanto invejava, Halvard teria sido forçado a esperar vários anos, até que esta amadurecesse... Decerto não quisera correr riscos e preferira eliminá-la da face da Terra. Eu só esperava que ele se convencesse do seu sucesso, para minha segurança.

Sigarr passou por nós, também a cavalo. Senti o coração bater mais forte quando o nosso olhar se cruzou. Continuava sem

perceber se aquele sonho perverso fora obra sua. Se o feiticeiro desenvolvesse um interesse doentio por mim, haveria de tentar quebrar os laços que me uniam a Lysander, dilacerando a minha confiança para obrigar-me a questionar o afeto do príncipe... Mesmo assim, custava-me a acreditar que tal fosse verdade! Não obstante, a noite valera pelos sortilégios que aprendera. E Lysander teria muito que me explicar acerca das suas omissões quando nos reencontrássemos!

— Olha por ela — ordenou Sigarr a Erebus, interrompendo as minhas congeminações.

Ainda mais confusa, vi-o dirigir-se a um grupo de guerreiros, que reconheci como seus generais. Aparentemente, estes também não iriam embarcar. O feiticeiro dissera ter assuntos a tratar.. Quase de certeza ia observar a conclusão dos navios que ainda não estavam prontos para enfrentar o mar, assim como reunir homens para refrescar o Exército do Dragão, a meio da campanha. Além disso, devido à loucura do pupilo, agora também teria de apaziguar os ânimos dos nativos e devolver tranquilidade e alento à cidade destruída.

Enfim chegámos ao navio. Estava tão chocada que, mesmo que pudesse cuspir o meu horror na cara de Halvard, não conseguiria. O meu irmão gémeo aguardava-nos à proa, altivo e soberbo, com as malditas tatuagens a rutilarem sob a luz do Sol: «*Eu ascenderei e o Homem tombará!*» E o dragão parecia prestes a saltar do seu peito nu, fulminando-me com o olhar ígneo, enquanto rugia:

«*Eu sei o teu segredo... E vou denunciar-te! Hei de comer a tua carne, beber o teu sangue, assimilar o teu conhecimento e deleitar-me com a tua magia... Não perdes pela demora!*»

CAPÍTULO 18

— Em frente, guerreiros! — clamou Halvard, mal a areia arranhou a quilha do navio. — Não deixem ninguém de pé!

E saltou para a praia, correndo com o ímpeto de um relâmpago. Pulei atrás dele, com a sombra esguia de Erebus no meu encalço. Em menos de nada, éramos assimilados por uma onda procelosa de homens que berravam de exaltação, galgando as rochas rumo ao povoado que se erguia diante dos nossos olhos. Essa era uma recordação que eu jamais haveria de apagar da mente: o instante em que pisara a minha terra, de espada em punho para derramar o sangue da minha gente.

Sempre que combatia, Halvard trajava roupas simples que facilitavam os seus movimentos, além de uma armadura de couro, cujo principal propósito era ocultar as suas tatuagens. Nunca usava elmos. Dizia que estes o sufocavam. Se os guerreiros dos territórios atacados tentassem identificar o líder invasor pela opulência, jamais o reconheceriam. E o objetivo do meu irmão era exatamente passar despercebido, para atravessar com facilidade o palco da batalha e escolher as suas presas.

Já Erebus não conseguia dar um passo sem chamar a atenção. Colocar uma armadura era impensável, uma vez que a sua pele sensível não a suportaria. Por isso não dispensava as capas, aproveitando o ondular do tecido para desarmar os adversários. À luz do dia, a sua diferença tornava-o um alvo a abater. No entanto, isso não o incomodava. O «Criador das Trevas» fora concebido para matar. E fazia-o com o desembaraço de quem bebe um gole de água. O medo e a dor alimentavam as essências dos mestres da Arte Obscura... Não obstante, após a tomada cruenta de sucessivas posições no mapa de conquistas do Filho do Dragão, era junto do meu primo que eu buscava abrigo para sarar as feridas do meu coração.

Não há muito, Kelda da Montanha Sagrada fora um nome respeitado, aclamado com orgulho pela minha gente. Hoje era um nome maldito, cuspidado com profundo desprezo desde as fronteiras subsistentes do Império até às terras de gelo perpétuo, no País dos Viquingues. Tal como Erebus, eu evidenciava-me no campo de batalha. Apesar de trajar como os demais, as minhas formas generosas denunciavam-me como mulher. De imediato, era apontada como a «traidora», execrada e fustigada com uma chuva de metal... E superado o impacto da estranheza que a primeira matança me causara, empenhava-me de corpo e alma nos confrontos, com uma única ideia em mente: quantos mais homens prostrasse, mais haveriam de ressuscitar para a vida, ao nascer de um novo dia.

Halvard estava deleitado com o meu empenho. No primeiro assalto, não saíra do meu lado, desejoso de confirmar a minha lealdade. Quando me vira desembainhar a espada e arremeter contra os guerreiros do Império, esventrando-os com uma fereza implacável, calara as dúvidas do seu espírito. No fim do combate, tecera-me rasgados elogios diante dos seus generais. Por entre gargalhadas, declarara que eu parecia ter vontade de passar todos os inimigos pelo fio da minha lâmina, sem deixar escapar um para que os demais também se pudessem divertir. Perverso como só ele sabia ser, acabara por sugerir que contássemos as mortes que infligíamos. Assim, no rescaldo da batalha, verificaríamos qual de nós dois fora mais eficaz.

Falta de eficácia era algo de que o meu gémeo não se podia queixar, pois o Exército do Dragão arrasava tudo à sua passagem. A ofensiva iniciara-se numa zona rural e a resistência oferecida pelos vários povoados era quase irrisória. Halvard até escarnecia, declarando que estava a dar tempo ao inimigo para preparar a defesa das cidades. Inclusive ia mais longe, asseverando que sofreria uma tremenda decepção se atingíssemos o reduto do rei Bernard sem que Lorde Stefan e o rei Ivarr lá estivessem para lhe proporcionarem uma boa luta. Ao escutar tamanhos dislates, eu

orava para que o fragor revoltoso das minhas tripas não lhe chegasse os ouvidos. Estava a aguentar-me, ainda que à custa de enormes pedaços da minha sanidade.

Por vezes, a linha que dividia a ventura do azar era tão ténue que se tornava invisível aos olhos inflamados pelo ardor da conquista. Eu agradecia aos céus por assim ser... E agradecia a Sigarr! Sim! Uma das maldições que aprendera no seu livro permitira-me resolver um problema que, aparentemente, não teria solução: o que fazer quando me visse confrontada com mulheres e com crianças?

Se Halvard não estivesse constantemente ao meu lado, eu poderia recorrer à Arte Luminosa para avisar os inocentes da aproximação do inimigo. Só teria de encantar um bando de aves, que carregaria a mensagem... No entanto, mal o Filho do Dragão me visse a resplandecer, rodeada de passarinhos chilreantes, haveria de me cortar a garganta. Posto isso, como despertar as consciências do meu povo para o perigo que tinham de enfrentar, sem que o meu gémeo se apercebesse da minha interferência? A Arte Obscura providenciara-me a resposta: pragas.

A noite caía. Halvard fechava os olhos. A dissimulada Kelda enterrava os dedos na terra... E milhares de insetos começavam a mexer-se com um propósito. Alcançavam as aldeias muito antes de nós. Devoravam as colheitas. Invadiam as casas. Manchavam as cobertas brancas dos berços. Picavam a carne humana até o sangue jorrar... Se tal imprecação ocorresse no Norte, ao chegarmos, encontraríamos as crianças a matar a bicharada e as mulheres de armas em punho, ao lado dos homens. Não havia flagelo que fizesse fraquejar o espírito guerreiro de um viquingue! Porém, as gentes do Império eram bastante melindrosas. A sua cultura determinava que uma praga era um alerta divino para a aproximação de uma desgraça. Desta feita, a sua superstição jogava a seu e a meu favor! Eu calculara que, assim que as baratas principiassem a tombar dentro das malgas da sopa e os vermes transbordassem dos poços, as mulheres haveriam de debandar com os filhos debaixo das saias. E não me enganara!

A minha artimanha foi um sucesso. As pessoas associaram os factos e a palavra espalhou-se: as pragas eram um prenúncio de que o Exército do Dragão estava prestes a atacar. Mal um gafanhoto surgia no peitoril de uma janela, o senhor do povoado ordenava a evacuação das mulheres e das crianças e convocava os guerreiros para a batalha. Ainda que a resistência dos homens fosse vã, pelo menos os assassinos não tinham o gozo de derramar sangue inocente.

Halvard não podia adivinhá-lo, mas fora por essa razão que, ao invadir o primeiro povoado, só deparara com guerreiros. E o mesmo acontecera no segundo e no terceiro... Como os bosques abundavam, alvitrou que, provavelmente, as mulheres e as crianças tinham escapado a tempo. E não se dera ao trabalho de confirmar a suspeita, limitando-se a incendiar as casas, para que os sobreviventes não tivessem teto para onde regressar, nem alimento com que subsistir. A maior parte dos insetos acabava queimada ou espezinhada. Mas que importava ao Filho do Dragão um punhado de aranhas, moscas e centopeias? Enchia a barriga e seguia em frente... E eu suspirava de alívio! Assim, nós já estávamos longe quando as vítimas da minha espada despertavam para a vida.

Por mais que eu achasse que a brutalidade de Halvard já não tinha o poder de me espantar, acabava sempre abismada. Sob a sua liderança, os mortos ficavam para trás a apodrecer no solo. Eu esperara vê-lo agraciar os seus homens... Quanto tempo perderia a empilhar e a cremar os corpos, para dar descanso aos espíritos? Demasiado, na sua opinião. Ao exército, justificava-se: aqueles que tombavam ao seu serviço haveriam de ressuscitar no dia em que ele assimilasse o Conhecimento Absoluto. Por isso, quanto mais rápido esse objetivo fosse alcançado, mais depressa os nossos valorosos companheiros de batalha regressariam ao nosso convívio. A mim, dissera algo bem diferente: só os fracos tombavam... E os fracos não mereciam honras fúnebres!

Quarto povoado... A história repetia-se. Os guerreiros do Império batiam-se feroz e corajosamente, mas a sua resistência era inglória.

Continuávamos a não avistar mulheres nem crianças, apesar de haver roupas penduradas nos estendais, brinquedos espalhados pelas casas, animais soltos pelas ruas e muitos outros sinais de que a vida decorria normalmente por estas paragens, antes da nossa chegada. Então, Halvard começou a franzir o cenho... Os seus homens reclamavam por fêmeas, para apaziguarem o ardor que os consumia. Alguns já me miravam de soslaio... E eu sorria-lhes, incentivando-os à proeza. Como me fariam feliz se me saltassem para cima! Eles salivavam ao imaginar que se afundavam entre as minhas pernas... Eu salivava ao imaginar que teria um pretexto para cortar-lhes as cabeças.

Quinto povoado... Depois de arrasar a aldeia, o meu gêmeo enviou batedores à floresta, em busca de mulheres fugitivas. As discussões dentro do Exército do Dragão subiam de tom com a frustração dos homens. Os batedores regressaram de mãos vazias. Depois de relatarem o seu fracasso ao líder, pegaram-se à pancada. Halvard degolou-os sem um tremor de pulso. Nessa noite, muitos homens baixaram as calças e os berros de prazer misturaram-se com berros de dor. O meu irmão ignorou as violações. Erebus limitou-se a ranger os dentes. Eu tapei a cabeça com a sua capa. De manhã, alguns guerreiros estavam mortos... Menos mãos para erguer armas contra o meu povo!

Sexto povoado... Casas desertas com sinais de terem sido abandonadas à pressa. Enquanto os mercenários de Halvard se dedicavam à pilhagem, eu lançava um olhar atento em redor e concluía que já não havia necessidade de mandar mais pragas à nossa frente. Finalmente o rei Bernard, ou alguém ao seu serviço, começara a prever com exatidão o avanço do Exército do Dragão e ordenara a evacuação das aldeias, antes da nossa chegada.

Sétimo povoado... Uma aldeia em cinzas, arrasada pelos próprios habitantes antes da fuga. Nada para pilhar. Nada para comer. Uma desolação completa... que se repetiu no oitavo povoado. Se os guerreiros do Exército do Dragão já se impacientavam por não terem mulheres para estuprar, agora, forçados a marchar de barriga vazia,

quase se trucidavam. As rixas eram constantes e, para meu secreto regalo, o tempo também se tornara nosso adversário. A chuva não parava de cair e o ar esfriava a cada dia, à medida que avançávamos para norte. A maior parte destes homens provinha de terras quentes e o gelo noturno corroía-lhes os ossos. Não fora o medo que o meu irmão lhes inspirava, muitos teriam desertado.

Ao alcançarmos o nono povoado, deparámos com o mesmo cenário de destruição. Nada restara para desfrute dos invasores... Nem sequer um teto que nos protegesse do frio! Então, Halvard teve uma explosão de fúria. Entrou na floresta como se possuído por um demónio e apelou à magia para caçar alguns animais de grande porte. Nessa noite, o Exército do Dragão saciou a fome, enquanto o meu irmão regressava aos mapas. Ainda tinha várias povoações pela frente, antes de alcançar o seu objetivo: uma das maiores cidades fortificadas sob o domínio do rei Bernard. Era essencial conquistá-la, se queria alcançar o coração do Império... Todavia, não podia dar-se ao luxo de marchar durante duas ou três semanas através de aldeias arrasadas, onde nem sequer se atrevia a beber a água dos poços, com medo de que os aldeões a tivessem envenenado.

— Teremos de atravessar os Pântanos do Desespero — enunciou apontando para o mapa, com um olho posto em Erebus e o outro em mim. — Mas não me parece inexequível...

— Bruma cerrada. Ar venenoso. Areias movediças. Lamas ardentes... — replicou o seu *decisor*, cuja palavra eu já constataria ter pouco ou nenhum peso quando contrariava a vontade férrea do *executor*. — Caminho longo. Respirar difícil. Descansar impossível. Perder muitos homens...

— Valerá a pena! — cortou Halvard, determinado. — Os nossos inimigos estão a contar que continuemos nesta direção... Não tarda, começarão a preparar-nos armadilhas! Deixemos que se distraiam a queimar aldeias e façamos algo surpreendente.

— Sim! — intervim, ciente de que me bastaria dizer o que ele desejava ouvir para empurrá-lo para aquele tresvario: — Os nossos inimigos jamais te imaginarão capaz de tal coisa. Isso não é uma

loucura... É uma temeridade digna do mais corajoso dos líderes! Bernard há de tremer de medo e cair de joelhos quando souber que o Filho do Dragão se embrenhou nos Pântanos do Desespero e emergiu vitorioso.

— Está decidido! — urrou Halvard, inchado de entusiasmo. — No fim, acabaremos por ganhar tempo... E iremos apanhá-los completamente desprevenidos!

Desprevenidos? Não me parecia! A cidadela que o Filho do Dragão se propunha a conquistar estava protegida por um fosso de lama ardente, escavado junto a uma gigantesca muralha de pedra. O único acesso ao seu interior era feito através de uma ponte levadiça, guardada por dezenas de arqueiros. E Halvard queria marchar contra esse reduto, depois de impor aos seus guerreiros a travessia dos Pântanos do Desespero? Por alguma razão, o território recebera esse nome!

O meu gémeo afastou-se e começou a gritar ordens para os seus generais. Erebus fulminou-me com um olhar zangado... E eu empinei o nariz, triunfante. Se dependesse de mim, o Exército do Dragão estaria reduzido a metade quando saíssemos dos pântanos! Essa seria uma excelente oportunidade para explorar os novos sortilégios que aprendera no livro de Sigarr.

Tentar a sorte é perigoso... Há sempre um dia em que a ventura se esgota! E, aparentemente, chegara o meu momento de engolir o fel e amargar. Todas as imprecações que desejava impor aos meus companheiros de armas foram goradas quando Halvard finalmente se lembrou que a sua obrigação, enquanto líder, era zelar pela proteção daqueles que o seguiam.

— Quero que ilumines os passos dos guerreiros para que nenhum se perca — determinara, deixando-me a arder de frustração. — Erebus vai traçar um percurso seguro e eu tratarei de manter as ameaças afastadas. Não posso perder muitos homens. Quando chegar diante da cidadela, quero conquistá-la e não ficar a olhar

para ela, à espera de Sigarr. Os reforços que ele há de trazer serão necessários para arrasar com o covil de Bernard.

Assim se esvaíram as minhas expectativas de fazer o Exército do Dragão agonizar nos Pântanos do Desespero. O meu gêmeo estava atento a tudo o que pudesse causar dano aos guerreiros. Se eu mexesse um dedo para molestá-los, seria apanhada! Não tive, pois, outra opção, senão colocar a minha luz ao serviço dos odiosos, sob o olhar jocoso do «Criador das Trevas». Com mil ratazanas desgrenhadas, estava sempre a esquecer-me de que Erebus teimava em manter-se fiel a Halvard! Provavelmente, até fora ele quem sugerira ao primo que eu prestasse esta colaboração, para me impedir de armar quaisquer ciladas.

Demorámos seis dias a atravessar aquele maldito território; ainda assim, menos de metade do tempo que teríamos de gastar se nos cingíssemos ao plano original. O desempenho de Erebus foi crucial para o sucesso da empresa. Parecia um cão de caça bem treinado, a perscrutar os trilhos em busca de solo seguro para as patas das bestas. Tantas areias movediças ocultas por baixo de tapetes fofinhos de ervas inofensivas... E ninguém a cair dentro delas! Raios! Como eu desejava soltar o fogo da minha ira e reduzir estes selvagens a cinzas! Ao invés, tinha de me vergar pacientemente e acender pequenas chamas de orientação, as quais demarcavam os limites de segurança que não podiam ser transpostos.

— Certifica-te de que as flamas não se extinguem, Kelda — avisara Halvard, provando-me que não descuidava pormenores. E, com isso, aniquilou a minha derradeira esperança de pôr a cauda da coluna de guerreiros a chafurdar no lodo. Não havia desculpas para falhas.

Erebus fizera uma boa previsão do que teríamos de enfrentar. Uma cortina de névoa escura, densa e gélida envolvia-nos, como se estivéssemos a rasgar caminho pelo meio de uma nuvem carregada de chuva. Se não fosse o lume mágico, os homens seriam incapazes de enxergar um palmo diante do nariz. Os dias sucediam-se às noites, mas os raios de sol nem se davam ao incómodo de penetrar

através dessa mortalha. O ar era pesado, irrespirável até para mim! Muitos dos desgraçados que me seguiam deviam sentir que se estavam a afogar em solo firme, tanta a humidade que tinham de suportar. Como se isso não bastasse, as lamas fétidas libertavam gases venenosos, que entorpeciam o corpo e adormeciam as mentes. Ao terceiro dia, alguns guerreiros caíam como moscas...

— Cria uma brisa fresca, Kelda! — ordenou prontamente Halvard, destruindo o sorriso que já se formava nos meus lábios. — Quero todos os homens de pé! Que os mais fortes ofereçam apoio aos mais fracos. Ninguém fica para trás.

Mal contive um sopro de desprezo. Que desígnio tão nobre, saído de uma boca que, ainda há dias, cuspiam que os mais fracos só tinham direito a uma morte desonrosa! Cada vez mais, Halvard fazia-me lembrar um daqueles animais capazes de mudar a cor da pele de acordo com o ambiente e de modo a melhor servir os seus propósitos.

Ao entrar nos pântanos, eu orara para que as cavernas mais nefandas do submundo tivessem saídas para aquele lugar. Esperara ver surgir almas penadas, monstros gigantescos, horrores tão abomináveis que nem o meu irmão fosse capaz de fazer-lhes frente. Sustinha o fôlego sempre que as superfícies dos charcos estremeciam, almejando que uma serpente com sete cabeças saltasse da água. Quando o nevoeiro se deslocava, cruzava os dedos e suplicava em silêncio pela aparição de uma fera descomunal, capaz de pôr os homens em pânico, a debandar à toa. Pelo menos, uma das árvores decrepitas que definhavam em nosso redor podia ganhar vida e projetar os ramos como chicotes, para ceifar umas vidas... Porém, quanto mais suspirava pela morte, mais ela gargalhava na minha cara. Se existia uma ameaça por estas paragens, quer possuísse origem mística ou resultasse de uma aberração da natureza, estava a ressonar profundamente! O Filho do Dragão dispusera-se a perscrutar as trevas e a combater quaisquer fenómenos que ameaçassem o seu exército, mas acabara por não ter nada que fazer. Se bem o conhecia, até apreciara o passeio!

— E chamam a isto «Pântanos do Desespero»? — desdenhou, quando a bruma ficou para trás. — «Pântanos do Tédio» seria mais apropriado! Não existe uma criatura aí dentro, viva ou morta... Ou, se existe, ficou bem escondida, a borrar-se de medo do Filho do Dragão!

Era noite cerrada quando acampámos na margem de um pequeno rio, demasiado distantes das consciências vigilantes da cidadela. Os guerreiros correram para a água e beberam com avidez. Depois, a maioria desmaiou de exaustão. Até eu me sentia a desfalecer, após seis dias de marcha, praticamente sem comer nem dormir, apenas com água fétida para aliviar o ardor da garganta. Gota a gota, ou melhor, chama a chama, brisa a brisa, as exigências de Halvard para mitigar o desconforto dos homens, e mantê-los no trilho certo, haviam enfraquecido substancialmente os meus recursos místicos. Não tinha como avisar o meu povo da nossa aproximação... Contudo, mesmo que pudesse fazê-lo, dificilmente o ousaria, pois o meu irmão estava fresco e desperto, como se as provações vividas nos pântanos não lhe tivessem causado moosa.

— Descansa, Kelda... E tu também, primo! — dispôs com firmeza. — Quero-vos refeitos para o assalto. Eu ficarei de guarda.

Nem me passou pela cabeça contradizê-lo. Aninhei-me junto de Erebus, cobri-me com a sua capa e mergulhei no esquecimento.

De início, julguei que ia ter um sonho maravilhoso que me reabilitaria o espírito. Estava na praia da Ilha dos Penhascos, a brincar com Oriana. Éramos novamente crianças, inocentes, despreocupadas, felizes... A boneca que a tia Freya me oferecera saltitava alegremente de mão em mão. Então, Oriana levantou-se e começou a cantar e a rodopiar na areia, sacudindo a saia alva do vestido. De imediato, as andorinhas-do-mar rodearam-na, pipilando uma melodia que se fundia com a perfeição do seu cântico. E eu quedei-me a escutá-la, enlevada, enquanto embalava a boneca contra o peito.

De repente, senti uma dor aguda na mão, como se tivesse recebido um corte. Abismada, verifiquei que, ao invés da boneca, os meus dedos seguravam o punhal do avô Throst. A lâmina ferira-me e o sangue escorria abundantemente sobre o vestido, tingindo o branco de vermelho...

Porque é que Oriana parara de cantar? O grito estridente de um pássaro fez-me erguer a cabeça. E o meu coração sofreu um baque, ao constatar que as andorinhas se tinham transformado em corvos. Por baixo deles, Oriana ajoelhava-se na areia, com um longo vestido preto a ondular ao vento. Agarrava um seixo enorme e esmagava-o contra a cabeça da minha boneca, uma e outra e ainda outra vez, enquanto fremia com um ódio arrasador:

— Vais pagar! Vais verter lágrimas e sangue por todo o mal que me fizeste... Morre! Morre, miserável!

Lancei-me sobre ela, tentando fazê-la parar. Quis arrancar-lhe o seixo da mão... mas não existia nenhum seixo, apenas o punhal de Lobo Cinzento!

— O que foi que tu fizeste, Kelda?

O brado de Lysander fez-me pular de susto. Ele surgira como se por encanto e sustinha-se diante de mim, com uma expressão horrorizada. Tentei defender-me, apontando para Oriana:

— Eu não fiz nada! Foi ela...

Perdi a voz, apavorada. Oriana desaparecera! Eu estava sozinha com o príncipe da Gente Bela, com o punhal do meu avô a pingar sangue sobre a areia... Só que o sangue não era meu, mas da minha boneca! Baixei o rosto, pensando que ia encontrar o presente da tia Freya completamente desfeito... Porém, não era a boneca que estava prostrada aos meus pés! Era o meu primo Thorson! Morto... Morto! E Lysander voltava a clamar, como um trovão que pressagiava o fim do mundo:

— O que foi que tu fizeste, Kelda? Foste devorada pelo mal como o teu irmão!

Quis acordar... Quis desesperadamente acordar! E acordei.

Abri os olhos e descobri-me aninhada nos braços de Erebus. O meu primo guardava o meu sono e tentava confortar-me, ciente de que eu não estava bem. Os dedos longos secavam as lágrimas silenciosas que os meus olhos vertiam, numa carícia meiga e pura, que me aqueceu o coração. Suspirei e agarrei-lhe a mão, beijando-a com igual ternura. Gostava de Erebus... Gostava mesmo! Era incapaz de precisar o momento em que esse sentimento desabrochava no meu coração; em que começara a interessar-me pelo que ele pensava e sentia, a interrogar-me sobre o que ele desejava. Ao contrário do que sucedia com Halvard, não temia confiar-lhe a minha vida... E estava disposta a defender a sua! Por isso, afastei-me. Se o meu irmão nos visse assim, seria capaz de magoá-lo só por despeito e ciúme.

— Kelda comer — impôs com firmeza. — Halvard querer avançar noite.

Fitei o céu repleto de nuvens negras, tomando consciência de que o dia se extinguia. Eu dormira assim tanto? A minha magia estava restaurada, mas a fome nem me permitia raciocinar.

— Halvard pescar — prosseguiu Erebus. — Peixe bom. Kelda gostar.

Só agora eu reparava nos guerreiros que se amontoavam na margem do rio. Havia fogueiras acesas no acampamento e peixes a assar sobre as brasas... Muitos peixes! O meu irmão estava à pesca? Para todo o exército?

Levantei-me e abri caminho através da multidão, até deparar com Halvard. Ele ajoelhara-se na margem e mergulhara as mãos dentro de água... Era tudo o que precisava fazer! O seu corpo rutilava sob o brilho perverso da Arte Obscura, os olhos rolavam nas cavidades, os lábios mexiam-se sem emitir um som... E os peixes surgiam à superfície, a sufocar. Os homens só tinham de lhes deitar a mão e regalar-se com o repasto oferecido pelo seu senhor... Que ninguém ousasse insinuar que o Filho do Dragão não era um líder generoso!

Para os guerreiros, isto era um milagre; a demonstração do poder de um deus que cuidava dos seus servos! Para mim, era uma

aberração... Porém, guardaria os escrúpulos para outra ocasião. A fome apertava. E peixe era peixe, capturado com redes ou com magia negra!

Enfrentámos um novo dia de marcha, mas o Exército do Dragão provou-se refeito e motivado para a matança e pilhagem anunciadas. Ainda assim, a luz já se finava quando nos aproximámos da cidadela. Mesmo à distância, percebi que as suas barreiras de defesa haviam sido fortificadas. O fosso fora ampliado e vários arqueiros aguardavam nas ameias da gigantesca muralha, preparados para nos repelir. Não obstante o empenho de Halvard, o Império estava longe de ter sido apanhado desprevenido!

— Como entrar? — questionou Erebus, sob o olhar igualmente interrogativo dos generais.

Sim... Como é que o Filho do Dragão esperava avançar de imediato, à conquista de um dos mais inexpugnáveis redutos do Império? De onde nos encontrávamos, víamos a muralha desaparecer dentro da floresta e quase roçar as estrelas. Nós não tínhamos máquinas de guerra para lançar projecteis, nem escadas para encostar à infundável parede de pedra... E mesmo que as tivéssemos seriam inúteis, pois o fosso escavado rente à muralha era bastante largo e fundo. Além disso, devia estar cheio de lama ardente, que haveria de ser incendiada ao primeiro sinal de ameaça. Nadar através dele era um convite a morrer assado ou trespassado por uma lança. Apenas o local onde a ponte levadiça se movimentava conservava o tamanho original, uns trinta passos em corrida... No entanto, mesmo que a ponte descesse por artes do destino, ainda seria necessário derrubar um portão excepcionalmente robusto, mistura de madeira e ferro. E, que eu soubesse, Halvard não escondia um aríete debaixo da jactanciosa língua!

O meu irmão já gargalhava, ripostando com uma sobranceria alienada:

— Estes imbecis acham que uma simples muralha pode deter o Filho do Dragão? A cidadela será minha antes do nascer do Sol!

— Terreno exposto — insistiu Erebus. — Morrer muitos homens. E fosso lama fogo...

— Eu sei — atalhou Halvard rispivamente, como se o alerta do seu *decisor* o impacientasse. — Por isso vamos atacar a coberto da noite. A atenção dos guardas está concentrada no exército, o que nos permitirá chegar suficientemente perto do fosso para executar o meu plano.

— Nos permitirá? — dei por mim a interromper, com o coração em debandada.

— Sim — prosseguiu o líder. — O nosso esforço combinado é quanto basta para romper as defesas desses ineptos. Os guerreiros só avançarão quando a cidadela estiver exposta.

De seguida, descreveu o seu intento. E enquanto os generais se entreolhavam, arrebatados com o arrojo e a coragem do Filho do Dragão, Erebus franzia o sobrolho e eu dividia-me entre o pasmo e o horror. Com mil ratazanas mutiladas, desta feita é que a loucura de Halvard extravasara por completo! O seu plano nem sequer era uma temeridade... Era um delírio! Uma história fantástica para crianças, transformada numa façanha para adultos sem siso!

* * *

Os guerreiros ficaram para trás, acendendo fogueiras para convencer a cidadela de que o Exército do Dragão montava acampamento. Na realidade, apenas aguardavam a ordem que os levaria a acometer.

Comecei a avançar através da imensa clareira, em direção ao fosso, entre Halvard e Erebus. No fim, o plano do meu irmão resumia-se a opor três guerreiros-feiticeiros contra um dos exércitos mais bem treinados da Terra, encoberto pela segurança do seu reduto... O que é que podia falhar?

A realização de uma proeza declaradamente impossível fazia Halvard arder de excitação. Já Erebus parecia assustado... A razão era simples: não temia por si; receava por mim. Além disso, já me

conhecia o suficiente para imaginar que eu cogitava numa maneira de comprometer a missão. E não se enganava!

Até ao momento, o desígnio do Filho do Dragão estava a resultar às mil maravilhas. A noite encobria-nos com um manto gélido de névoa e a nossa capacidade de divisar nas trevas permitia-nos progredir rápido, silenciosos e invisíveis como a morte. Os guardas da muralha deviam estar atentos às colunas de guerreiros que supostamente acampavam no limiar da floresta, como Halvard previra. Mesmo que os seus olhos passassem por nós jamais nos enxergariam. Metade do caminho estava conquistado... Eu tinha de fazer alguma coisa! E depressa!

Usar um truque de magia para nos denunciar assomar-se-ia como uma insídia. O meu gémeo tinha de acreditar que o assalto fora comprometido por um acidente infeliz. E porque não socorrer-me da mais velha desculpa do mundo? Sim! A fragilidade feminina haveria de me servir como uma luva, para sanar esta insânia.

Não perdi tempo a hesitar. Do nada, troquei os pés e estatelei-me no chão, soltando um guincho de aflição que ecoou na noite como uma corneta desafinada. Halvard e Erebus estacaram, petrificados. Teria eu caído numa armadilha? O meu primo foi o primeiro a reagir, lançando-se ao meu encontro a tremer de inquietação. Apressei-me a justificar, num sussurro abafado para não levantar suspeitas:

— Desculpem... Tropecei numa raiz.

Halvard olhou para trás em busca da dita. Erebus não se deu a esse trabalho. Sabia que eu estava a mentir. Rosnou baixinho e estendeu-me a mão. E tornei a choramingar, um pouco mais alto:

— Perdoa-me, mano...

— Silêncio — sibilou Erebus.

Mas era tarde. Flechas incendiadas rasgavam o céu e iluminavam a noite, traíndo a nossa presença. Depois disto, o Filho do Dragão seria obrigado a recuar...

— Mulheres! — Ouvi-o resmungar com desdém. Contudo, não esperava que acrescentasse: — Não faz mal... De pé, Kelda. Graças a ti, vamos divertir-nos a sério!

Erebus forçou-me a suster com um esticão. O seu olhar continha uma mensagem enfurecida: eu não ajudara o meu povo, só piorara a nossa situação. Devolvi-lhe o esgar, em desafio. Tinha outra opinião. Uma trompa de alarme já ensurdecia a noite. As consciências da cidadela estavam despertas. Agora, os guerreiros haveriam de se preparar para o combate e os mais fracos teriam tempo de procurar abrigo.

— Em frente! — ordenou Halvard, ainda mais entusiasmado.

Desataram a correr e tive de segui-los. Por cima das nossas cabeças, uma nova chuva de setas flamejantes iluminava a clareira. O seu fulgor ainda persistia quando o assobio inconfundível do metal voltou a rasgar o ar. E, desta feita, nós éramos o alvo.

— Continuem! — rugiu Halvard, decidido a bufar na razão e a cuspir nas fuças ossudas da rainha do submundo. Devia achar-se imortal, devido à influência da profecia. Afinal, se estava destinado a tornar-se um deus, jamais seria derrubado.

No instante do impacto, Erebus lançou-se sobre mim e evocou um escudo de ar para nos proteger. A curta distância, o meu irmão fizera o mesmo e gargalhava exaltado:

— Digam as vossas últimas orações! O Filho do Dragão está a chegar!

— Kelda tonta! — resmoneou o meu primo, enquanto as setas arranhavam a proteção invisível, cravando-se no solo em nosso redor. — Morrer agora perder tudo!

Libertei-me com um repelão e corri atrás do meu gémeo. Mal sentia os pés tocarem o solo, tal a rapidez que me impunha. Erebus era ainda mais veloz, mas continuava a atrasar-se de propósito para não me deixar para trás. Raios! Só me faltava vê-lo tombar por minha causa!

— Olha por ti! — gritei irada. E ele sibilou em resposta:

— Erebus proteger Kelda!

— Eu não preciso... — comecei a volver, mas o brado de Halvard calou-me:

— Atenção!

De novo vi-me no chão, debaixo de um escudo mágico criado por Erebus. E, desta vez, a chuva de espigões mortais não cessava de cair. Os arqueiros conheciam a nossa posição e disparavam alternadamente, tentando impedir-nos de avançar mais um passo. Podíamos ficar assim até de manhã! Eles gastariam todas as setas; nós, toda a magia... Porém, essa hipótese não servia Halvard. Rastejou até nós, guardado pelo seu próprio escudo de energia, e dispôs:

— Temos de nos separar e correr até ao fosso... Sem parar! Vamos!

Era inútil protestar. Erebus arrastou-me atrás de si e fui forçada a corresponder à exigência do Filho do Dragão. Numa coisa o meu primo estava correto: se eu esmorecesse e tombasse nesta clareira, toda a minha luta teria sido vã. Por isso, apertei os punhos e acirrei a determinação. Era impossível seguir a trajetória das flechas com o olhar, mas podia guiar-me pelo som. Lysander ensinara-me...

Direita. Direita. Esquerda. Braço para trás. Cabeça para o lado. Uma cambalhota. Um salto. Esquerda. Esquerda. Respirar. Torcer o corpo. Direita. Salto. Um assobio demasiado perto. Direita. Direita. Braço para dentro. Desviar a perna. Reviravolta. Esquerda. Direita. Respirar. Um arranhão no ombro. Não parar. Não parar. Direita. Esquerda. Direita. Baixar a cabeça. Cambalhota. Salto. Um arranhão no braço. Respirar. Esquerda. Torcer... Queda. O negro afogueado do céu. O cinzento do aço. Estava encurralada! Magia. Escudo de ar. Lysander... Lys... O grito de Halvard. A mão de Erebus... Salto. Respirar. Esquerda. Curvar. Desviar o braço. Torcer o ombro... Direita. Direita. O fosso estendia-se à minha frente... Reviravolta. Respirar. Cambalhota. Força! Salto. Desviar. Força! Esquerda. Direita...

— Agora... — clamou o Filho do Dragão, anunciando que estava pronto.

Ouvi o estrondo do seu mergulho, mas ainda tive de rodopiar para evitar uma lança. Depois pulei no vazio, sobre a escuridão do fosso. Inspirei o cheiro das águas turvas e confirmei as minhas suspeitas.

Flechas incendiadas e archotes abrasados eram lançados ao longo da muralha. E o meu corpo começava a cair... Só se tivesse asas poderia alcançar a parede de pedra! Ouvi o silvo de Erebus, que saltara nas minhas costas. Ele era mais pesado; seria o primeiro a tombar na imundice. O fedor da lama ardente misturada na água absorvia-me toda a atenção. Teria Halvard destreza para concretizar aquilo a que se propusera?

Como se em resposta, o estridor de uma enxurrada ensurdeceu-me. Uma onda gigantesca formou-se no fosso, colheu-me e arrastou-me em direção ao céu. Rápido! Cada vez mais rápido! E, de repente, um clarão quase me cegou. Senti o ardor da explosão, no instante em que as chamas tocaram no pez. Evoquei a magia para me proteger, enquanto desembainhava a espada. A água continuava a subir, catapultando-me contra as ameias. Não sabia se devia sentir-me aliviada ou frustrada, ao ver a pedra ao alcance dos meus pés. Mais uma vez, a realidade transformava-se num pesadelo abominável, do qual era impossível libertar-me.

Aterrei na cara de um homem e trespassei outro por puro instinto, sem ter a certeza se lhe acertara no ventre. Não havia tempo para pensar! Erebus chiava de dor... Estendi-lhe a mão e puxei-o contra mim, arrancando-o às garras ardentes da água. Estava envolto em chamas, mas prestes recuperou o equilíbrio. Uma lança assobiou-me aos ouvidos, seguida de uma flecha... Depois outra e outra... Desviei-me por menos de uma unha. Os arqueiros estavam refeitos do assombro e disparavam contra os invasores.

— Ir! — ordenou o meu primo, livrando-se da capa que as labaredas consumiam. Tinha a pele chamuscada, mas as feridas não aparentavam gravidade.

À sua ordem, corri através da passagem estreita que se estendia ao longo da muralha, debaixo do fogo cruzado dos arqueiros. Não demorei a avistar o meu objetivo: a alavanca que fazia subir o colossal portão de madeira e ferro. Quem pensara na segurança da cidade imperial fora sábio e zeloso, ao colocá-la bastante afastada da alavanca que controlava a ponte levadiça. Assim, era

indispensável uma combinação de esforços para acionar os dois engenhos, o que permitia o estrito controlo das entradas e saídas do forte em tempos conturbados.

Empurrei alguns homens para o terreiro, convicta de que a queda não seria fatal. Vareei outros com a espada. Erebus já seguia na direção oposta, rumo à alavanca da ponte, saltando sobre as ameias e apelando à Arte para repelir as flechas que clamavam o seu nome. Os guardas tentavam desesperadamente deter o nosso progresso, mas eu não desejava infligir-lhes golpes que a magia fosse incapaz de remediar ao nascer do Sol. Para isso, enquanto anulava os seus ataques, escolhia o ângulo certo para lhes enterrar a lâmina nos ventres... Abrir caminho sem decepar cabeças e membros, ou perfurar corações, requeria tempo. E se tal iniciativa passara despercebida nos campos de batalha, agora, Erebus impacientava-se com a minha delonga em cumprir a tarefa que Halvard me atribuíra.

— Kelda... — guinchou, enquanto se livrava dos guardas que lutavam ferozmente para travá-lo. — Apressar!

Foi forçado a agachar-se para evitar novas flechas e, prontamente, recorreu à magia para fulminar os arqueiros que o importunavam. Eu prostrei mais um homem e tive de rebolar sobre a pedra para escapar à investida de uma lança. Os guerreiros do Império empenhavam-se para conter o nosso ímpeto. Porém, as manifestações míticas tinham plantado o terror nas suas mentes. As mãos tremiam ao esticar as cordas dos arcos e ao empunhar espadas e escudos... E a pontaria ressentia-se.

O último homem que tentava deter-me acabou por tombar, com o peito cravejado de setas. Lancei-me num salto arrojado, rumo ao vão de pedra onde os três guardas do portão me esperavam de armas em riste, mas com o pavor a transbordar do olhar. O gemido agudo e lancinante do engenho que fazia mover a ponte levadiça já assombrava a noite. Erebus cumprira a sua missão e continuava a bramir sobre o estridor de aflição dos guerreiros:

— Kelda... Rápido! Rápido!

Trespassei dois guardas no ventre. Contudo, o terceiro aproveitou um pequeno desequilíbrio para esmagar o seu escudo na minha frente. Fui arrojada contra a parede e defendi-me por puro instinto, num ímpeto que desviou a lâmina determinada a rasgar-me o coração. Todavia, ao fazê-lo, não pude evitar que a minha espada se cravasse na garganta do guerreiro. Um jorro de sangue quente banhou-me as faces e o homem tombou por cima de mim. Perdi o chão e caí desamparada na pedra. Os berros de Erebus continuavam a instigar-me. Porém, percebi-me gelada de horror... Como podia eu evitar mais mortes? Era impossível! Já não possuía o menor controlo sobre a situação, o desfecho desta batalha ou o rumo da minha vida.

O Exército do Dragão iniciara a arremetida contra o povoado. Os seus gritos e o batuque das botas no solo prendiam a atenção dos arqueiros. No entanto, as labaredas que abrasavam o fosso continuavam a iluminar a noite, do outro lado da muralha. Halvard garantira que as extinguiria antes de a ponte descer, para que não devorassem a madeira e impedissem os seus homens de atravessar. Só agora eu tomava consciência de que ele não nos seguira. devia estar a cobrir as nossas costas, travando o avanço dos guardas enquanto cumpríamos o seu plano. Teria sido atingido? Estaria ferido? E se estivesse morto?

Nesse instante de incerteza e agonia, constatei que Erebus evocava a magia e quebrava a alavanca que acabara de acionar, para que ninguém voltasse a erguer a ponte. Depois, desistiu de clamar e começou a abrir caminho ao meu encontro, pela força do ferro.

Os guardas viam-me prostrada e, decerto, julgavam-me morta, pois concentravam-se em deter o «Criador das Trevas». Acometiam de todos os lados como enxames de vespas... Erebus tornou a socorrer-se da magia para afastá-los. E eu obriguei-me a levantar, receando pela sua vida. Fechei as mãos sobre a alavanca... Todavia, o meu ânimo voltou a falhar. Se abrisse o portão, nada impediria o exército assassino de transpor a muralha, chacinar o meu povo e

reduzir a cidade a cinzas. Senti-me sufocar, enquanto o suor me cobria a testa e as entranhas se desfaziam em fel... Então, um ruído atoador sobrepôs-se a tudo o resto. E um enorme jorro de água tornou a elevar-se sobre as nossas cabeças.

Arregalei os olhos, com o coração a ameaçar saltar pela boca. Halvard sustinha-se no topo da colossal vaga, como se sentado num trono aquoso que se mantinha consistente graças à influência da magia. Rutilava, soberbo como um deus, coberto de flamas sem que estas o consumissem. Das suas mãos, escorriam gigantescas línguas de fogo, alimentadas por uma substância preta e espessa, que se apartava da água sob o olhar espavorido dos guerreiros... O meu gémeo atraía o pez para si! Em consequência, parecia que rios de lava lhe brotavam dos dedos e ondulavam, suspensos no ar, correndo em direções opostas com o mesmo propósito. E esse prodígio ardente não tardou a cobrir a muralha, revelando todo o terreiro e a centena de soldados que se reunira para conter a nossa invasão.

Se eu estava terrificada, o que dizer dos guerreiros do Império? Desde que a minha mãe enfrentara o feiticeiro Esteban, os domínios do rei Bernard não testemunhavam uma ameaça mística. A maioria destes homens crescera sob os preceitos da fé cristã, ignorantes ou incrédulos da existência de um poder que tão facilmente era capaz de salvar como de aniquilar. Decerto achavam que as histórias contadas pelos seus pais e avós, acerca da magia dos entes de sangue antigo, apenas serviam para deslumbrar as crianças. Agora, estacavam diante do Filho do Dragão, com as espadas a vacilar nas mãos trémulas... Até os arqueiros, que efetivamente podiam fazer algo para quebrar a sua concentração, estavam empedernidos de pavor. Se não reagissem, o meu gémeo nem necessitaria do apoio do exército para esmagá-los.

— Kelda... — ribombou a criatura grotesca em que Halvard se transformara, qual trovão que ensurdecia e gelava a vontade. — O portão...

Estava furioso. Não entendia porque a sua ordem ainda não fora cumprida. Cerrei os dentes para impedi-los de bater e empinei o nariz, disposta a enfrentá-lo. Enfim percebera o que ele tinha em mente e nem sob a ameaça de ficar eternamente escrava da sua hediondez podia admiti-lo... De repente, o gemido penoso das correntes que deslizavam nas minhas costas atingiu-me a percepção. Virei-me, perplexa... E deparei com Erebus a girar a alavanca que fazia subir o portão. Aproveitara o horror dos guerreiros para chegar até aqui e, adivinhando que eu ousaria recuar, tomara o meu lugar para me preservar da ira do Filho do Dragão.

— Não... — titubeei, num gemido rouco. Porém, o dano era fatal.

Sem perder tempo, Halvard ergueu os braços e arrastou os rios de lava por cima da muralha, estendendo-os sobre as nossas cabeças. Quando as suas mãos se uniram, o fogo cobriu todo o terreiro, ocultando a visão do céu qual gigantesco teto de flamas. Depois, limitou-se a sacudir os dedos... E a mortalha ardente precipitou-se ao encontro do solo.

Erebus chiou e saltou sobre mim, prostrando-me no chão. Senti o furor das labaredas, mas escapei incólume à sua ardência. Apesar da rapidez com que tudo acontecera, o meu primo conseguira envolver-nos numa bolsa de ar. Através dessa cortina mística, vi dezenas de homens a estrebucharem em agonia, devorados pelas chamas até a morte os vencer. E comecei a tremer convulsivamente, mordendo os lábios para abafar os brados que a garganta era incapaz de reter. Dei por mim com a boca cheia de sangue, enquanto Erebus me estreitava contra o peito, silvando alarmado:

— Kelda... Acalmar! Acalmar!

Os meus olhos encheram-se de lágrimas, que prontamente evaporaram devido ao calor que nos sufocava. Encarei-o, mas não tive alento para expressar a dor que me corroía a alma. No entanto, ele interiorizou-a e o seu aperto transformou-se num suave embalo.

— Prima fazer muito. Prima forte... Corajosa. Boa.

Quis replicar que já nada de bom subsistia em mim. E, se fosse realmente corajosa, há muito teria enfrentado Halvard! Quantas

atrocidades acabaria por perpetrar em nome de uma esperança conspurcada pelo sangue de milhares de inocentes? Contudo, o meu gemido compungido foi abafado pelos urros da horda de assassinos que atravessava a ponte, brandindo armas e exibindo as presas raivosas com a morte no olhar.

Fitei o terreiro, com a pele a arder e o sangue regelado. A desolação era horripilante! As flamas extinguíam-se, deixando um cheiro pestilento no ar e o solo coberto de cinzas. Por entre as pilhas de destroços, dezenas de homens jaziam carbonizados. Outros estavam tão queimados que não sobreviveriam às lesões. Alguns ainda se mexiam, soltando roncões de puro martírio. Os poucos companheiros que haviam escapado ao flagelo tentavam acudir-lhes... E foi para o meio desses bravos que o meu irmão saltou de espada em punho, desejoso de ceifar com o ferro as vidas que a magia poupava.

A candêncina maldita abandonara o corpo de Halvard, mas ainda lhe incendiava o olhar. Com um urro alucinado, começou a decepar cabeças e membros, a trespassar corações e a expor entranhas, sem receber oposição. Os guardas do Império estavam tolhidos pelo choque... E eu também! Respirava aos sopros e os meus ossos pareciam feitos de geleia. Todavia, na minha mente, a voz do instinto calava a voz da consumição. Tinha de reagir, antes que a atenção do Filho do Dragão se fixasse em mim.

— Recuar — alguém gritou do meio do caos. E os guerreiros fiéis ao rei Bernard, que ainda se sustinham, mergulharam desesperadamente na negridão da noite.

Para lá das chamas que feneciam e do fumo espesso que manchava a obscuridade, distingui a forma irregular de uma trincheira construída com pedras; talvez a derradeira linha de defesa do povoado... E casas! Muitas casas envoltas em trevas que não se apiedariam do meu povo. No instante em que o Exército do Dragão invadiu o terreiro, fui fulminada por um calafrio. Só esperava que o chefe da cidadela tivesse tido o discernimento de pôr os fracos e os

indefesos a salvo da calamidade que os seus guerreiros estavam prestes a enfrentar.

— Por favor... — murmurei em oração. — Que Lysander não esteja aqui!

E juntei-me a Halvard e a Erebus na acometida. Era inútil carpir sobre o que ficava para trás. Devia engolir a revolta e tentar salvar algumas vidas, por poucas que fossem. De outro modo, todos os sacrifícios que já fizera teriam sido vãos.

CAPÍTULO 19

Misturei-me com os guerreiros, sentindo o pulsar dos corpos suados e escaldantes de ira. Gritos ecoaram do outro lado da trincheira. Cabeças encobertas com elmos deram-se a conhecer e braços fortes arremessaram lanças contra a horda atacante. Uma trespassou o peito do homem que corria à minha frente. Tive de me desviar e saltar quando outra se cravou aos meus pés. Ainda outra destinava-se ao colosso que galopava ao meu lado, mas este protegeu-se com o escudo. Fechei a mente e libertei o instinto. A espada mágica tinha uma nova missão a cumprir.

Galguei a trincheira no turbilhão da onda assassina. Espigões aguçados aguardavam-nos, posicionados em riste para vararem os corpos na queda. Não tive dificuldade em repeli-los, ao contrário de muitos homens que ficaram para trás, cravados nas hastes. Por toda a parte, brados exaltados fundiam-se com berros de dor. Ferro encontrava ferro. Madeira chocava com aço. Aço dilacerava couro. E osso embatia contra osso, à medida que o Exército do Dragão se opunha às defesas do Império. Uma massa compacta de guerreiros resistia ao nosso ataque, protegendo-se por detrás de escudos altos ao mesmo tempo que ripostava com lanças, espadas e punhais, disposta a tudo para nos afastar das sombras das casas.

— Em frente! — clamou Halvard. — Esmaguem esses vermes!

O sangue dos soldados que eu já prostrara escorria pela espada, empapava o punho e colava-se à pele. Saltei para trás e a lâmina que tentava deter-me rasgou o ar como um raio, a dois dedos do meu nariz. Outra assobiou-me ao ouvido, obrigando-me a um desvio abrupto. Agachei-me e virei-me; o pulso conduziu a espada até ao ventre de um jovem guerreiro. Os seus olhos claros faiscaram de ódio e desalento, por estar a tombar tão cedo. Decerto desejava ter lutado mais, para ajudar a salvar o seu povo... O nosso povo! Libertei-o da lâmina com uma prece silenciosa: «*Perdoa-me por esta*

dor. Um dia, havemos de nos encontrar no mesmo lado da linha de combate.»

A bruma que encobria a cidadela depressa foi profanada pelos archotes dos invasores. Apesar de se baterem com bravura, os soldados do Império começavam a retroceder. À medida que penetrávamos no povoado, as ruas ficavam iluminadas pelo clarão das labaredas. Os selvagens que serviam o meu gémeo pegavam fogo a tudo o que lhes surgia pela frente, desde fardos de palha às roupas penduradas nos estendais. O som de objetos a quebrarem-se comprovava o assalto às casas. Tochas foram arremessadas para os telhados de colmo, originando colunas de fumo denso que rapidamente formaram golfadas de chamas. A noite vestia-se de fogo e alimentava-se de sangue... E eu continuava a lutar com toda a veemência, com uma única ideia: matar, matar, matar... matar para salvar.

O frenesim da batalha separou-me de Halvard e de Erebus. Palmilhei as ruas, mas era cada vez mais difícil vislumbrar um guerreiro do Império que respirasse. Os cadáveres espalhados pela calçada contavam a história da derradeira tentativa de defesa deste solo amado. O Exército do Dragão marchava à minha frente e já passara por aqui. As portas das habitações estavam arrombadas. Coisas arrastadas... Coisas partidas...

Dois mercenários do Sul surgiram de rompante, rindo como dementes, com os braços carregados de vestidos ostentosos. Para que queriam eles aquilo? Ter-se-iam deparado com as senhoras que os usavam? Não! O meu maior alento era continuar a não avistar mulheres nem crianças, perdidas no meio desta fatalidade, e expectar que tivessem tido tempo de fugir... O homem menos encorpado arremessou um archote para o interior da casa que pilhara. De imediato, ouviu-se um estrondo e acendeu-se um enorme clarão. Gargalhadas... A minha mão apertou o punho da espada. Gargalhadas e mais gargalhadas... Partilhei da sua animação, antes de livrá-los do peso vil das suas cabeças. Nem chiaram.

Comecei a correr, horrorizada pela tentação que me dilacerava. Eu não podia ceder! Se Halvard descobrisse... Três assassinos deixavam uma casa incendiada. Halvard não descobriria! Matei-os sem pestanejar... E entreguei-me à vontade do meu coração. As sombras auxiliavam-me na caça aos meus verdadeiros inimigos. O ataque apanhava-os de surpresa... Enfim, podia libertar o ódio que me queimava o sangue e enfraquecer o exército do meu gêmeo, sem ser trucidada pela sua ira. Mais dois guerreiros... Estes, eu contava com prazer: cinco, nove, quinze, vinte...

Tomei a iniciativa de entrar nas casas que estavam a ser pilhadas, com o júbilo da vingança no olhar. Cada mercenário que eu prostrava fazia-me exultar. O sangue esguichava, espalhava-se pelo chão... A minha única preocupação era não deixar testemunhas. Halvard encarava os homens que o serviam como estrume para adubar a sua ambição. Se se deparasse com os seus cadáveres, não perderia tempo a interrogar-se, pois julgá-los-ia chacinados pelos guerreiros do rei Bernard.

Os dois exércitos acabaram por se reorganizar e confrontaram-se na praça central, diante daquela que, pela sua imponência, imaginei ser a morada do senhor da cidadela. Ao invés de debandarem para a floresta, os soldados do Império pareciam dispostos a defender aquela casa até à última gota de sangue. A questão era: porquê?

Encoberta pelo segredo das trevas, eu já enviara mais de cem servos do Filho do Dragão para o submundo. Porém, fui forçada a interromper a minha arrebatada vindicta para, de novo, acompanhar o meu irmão. Enquanto observava a resolução dos guerreiros, fui devassada por uma suspeita cruel: e se as mulheres e as crianças não tivessem conseguido fugir? E se se encontrassem refugiadas naquela habitação imponente, orando ao seu Deus por proteção contra as bestas invasoras? Num piscar de olhos, o calor que me abrasava converteu-se em gelo. Com mil ratazanas raivosas, empunhar uma arma, ainda que mágica, contra inocentes era inadmissível!

A fome com que Halvard arrostava o inimigo provava que partilhávamos essa desconfiança. Mal me aproximei, chamou-me para o seu lado. Os guerreiros deram-me passagem, sem suspeitarem que o sangue dos seus companheiros pingava da minha espada. Apenas Erebus me fixou intensamente. Começava a ser difícil, quase impossível, escapar à sua intuição. Nem mesmo Lysander seria capaz de me decifrar tão bem!

— Hei de dizimar esses miseráveis até à última semente — cuspiu o meu gémeo, antes de erguer a espada e bramir: — Ataquem! Pela glória do Filho do Dragão...

Fiquei à deriva num caos de espadas e punhais, escudos e lanças. O fogo que consumia as casas circundantes iluminava a derradeira resistência da cidadela. Então, o ronco de uma corneta sufocou os gritos e o estridor irado do ferro... Um pedido de ajuda! Devia haver mais guerreiros do Império nas imediações! Avistei o homem que soprara o apelo. Trazia a corneta suspensa ao peito e voltava a levá-la aos lábios. O fragor repetiu-se... E, desta vez, obteve resposta, algures no interior da floresta.

— Calem-me esse filho da puta! — berrou Halvard. Todavia, os seus mercenários estavam embrenhados no combate e nenhum pareceu escutá-lo. Furioso, o meu irmão desenterrou um machado abandonado num cadáver e arremessou-o, sem sequer ganhar impulso. No instante seguinte, a lâmina da terrível arma cravava-se no rosto do homem, despedaçando a corneta... destroçando carne e ossos.

Trespassei o ventre de um homem. Agachei-me para evitar o escudo de outro. Passei uma rasteira a um terceiro e impus-lhe a queda. Mal este tocara o solo, já a espada mágica mergulhava na sua barriga. Um assobio atingiu-me a perção... Rodei sobre um calcanhar e a lança falhou o objetivo, acabando por se cravar nas costas de um general de Halvard. Perfeito! Assim não se desperdiçavam recursos.

Continuei a avançar contra a maré humana. Matar para salvar... Matar para salvar... Erebus desaparecera, mas o meu gémeo não me

perdia de vista. Talvez a minha hesitação junto da alavanca do portão o tivesse deixado apreensivo. Urgia impressioná-lo e desfazer quaisquer cismas. Depois de me ver torcer a espada nas entranhas de um soldado do Império, Halvard deu-se por satisfeito e exclamou, com o olhar incendiado pela candência maligna que lhe consumia a alma:

— Já sinto o sabor da vitória! Vem, Kelda...

Devia extasiar-se ao imaginar o prazer que sentiria ao irromper pela casa grande e deparar com as presas que, há muito, lhe escapavam por entre os dedos. Para um mestre da Arte Obscura não existia troféu mais glorioso do que o sangue de uma essência pura. O seu urro de antecipação confirmou a tenebrosidade das minhas cogitações, quando a porta se revelou, por entre os corpos suados de exaustão dos guerreiros que ainda a defendiam.

Sorvi o ar como uma lâmina e senti a esperança abandonar-me ao ver o Filho do Dragão envolto numa cintilação escarlate, a rasgar caminho por entre a confusão que eclodia à minha volta, sem parar de reboar na sua voz rouca e animalesca:

— Vem, Kelda! Vem...

A morada do senhor da terra ostentava robustez. Fora erigida em pedra, com portadas de ferro. O estandarte do Império esvoaçava orgulhosamente na sua torre. Da pequena janela altaneira devia avistar-se todo o povoado, desde as habitações dos soldados até às quintas mais solitárias e aos bosques cerrados, a norte. Entrementes, Halvard estacava diante da pesada porta de entrada... E fremia de raiva ao deparar com a sua solidez. Porém, logo as suas mãos incandesciam sob a evocação da magia. O derradeiro reduto da cidadela opunha-se à sua força, mas vergar-se-ia à imensurabilidade do seu poder.

Matar para salvar... Quem queria eu enganar? Virar o rosto não me ilibava das atrocidades! Percebi que não podia admitir nem mais um passo ao Filho do Dragão. Cada gota de sangue inocente que ele derramasse haveria de amaldiçoar a minha alma para todo o sempre. Só uma morte salvaria o meu povo! Por mais que me

custasse, devia pôr fim a esta loucura... Fazer «o que tinha de ser feito».

Apertei o punho da espada e libertei o ar com força. Jamais venceria Halvard num combate justo, mas ele estava de costas, completamente absorvido na sua perversão... De súbito, senti-me leve; livre de quaisquer cansaços ou martírios de consciência. Estava prestes a matar o meu irmão gémeo à traição... Porém, mesmo que o seu espírito me perseguisse por toda a eternidade, eu suportaria a tortura com um sorriso, pois saberia que o mundo subsistia em paz.

Arremeti com a espada em riste. A porta da casa grande já se abrasava sob o ardor da magia. Halvard preparava-se para fazer uma entrada triunfal, expectando deparar com rostos aterrorizados, gritos e lágrimas de desespero... Saltei, decidida e aguerrida, lançando a lâmina contra o seu pescoço. Então, no instante em que o destino se preparava para tomar um novo rumo, outra espada surgiu do nada e desviou-me do objetivo.

O impacto foi tão violento que me roubou o equilíbrio. Voei aparatosamente e esmaguei-me contra o chão. Ainda reparei que Halvard se virava, pálido de assombro... Depois, tive de rebolar na calçada para escapar à nova acometida do homem que me impedira de concretizar a mais pungente das minhas resoluções. Julguei tratar-se de Erebus ou de um mercenário do Sul. Todavia, pasmei ao deparar com um soldado do Império... Mas não um soldado qualquer! Pela maneira como trajava, este homem era um general! Com mil ratazanas assarapantadas, porque é que um inimigo de Halvard haveria de impedir a sua morte?

O guerreiro aparentava uma idade considerável, denunciada pelo alvor dos cabelos e pelas rugas marcadas no rosto austero. Contudo, a sua rapidez e destreza eram impressionantes! Mal conseguia esquivar-me da sua espada, de tão atordoada de espanto. A raiva que o assolava efervescia. Rugia pragas e havia lágrimas nos seus olhos, muco no seu nariz e espuma a jorrar-lhe da boca. Agora que o meu choque se atenuava, recordava-me de o ter visto na corte do rei Bernard. Possuía um apelido engraçado... Mão de Aço? Mão de

Chumbo? Não... Mão de Ferro! Eu estava a lutar contra um dos melhores amigos do meu avô Throst!

Ergui a espada para travar um golpe que haveria de me desfazer o crânio. E baixei-a rapidamente, pois a lâmina do general já reclamava as minhas entranhas. De cada vez que o repelia, os meus pés resvalavam na calçada. Percebi por que lhe chamavam *Mão de Ferro*. A sua força era excepcional! Palavras salientavam-se do seu vômito indignado: rei, família, traição, vergonha... De repente, tive uma revelação: *Mão de Ferro* não investira para salvar Halvard! Investira para matá-lo! Porém, por capricho da sorte, as nossas espadas tinham-se intercetado, anulando o ataque. Raios! Começava a acreditar que, efetivamente, existia uma Entidade divina que protegia o Filho do Dragão.

Sem dúvida, a morte do general resultaria num grande transtorno para o Império. Eu devia refrear-lhe o ímpeto, suplantá-lo e usar a espada mágica para o fim que esta fora forjada. No entanto, expor-lhe o ventre adivinhava-se impossível. *Mão de Ferro* acometia com tal ardor que o simples esforço de defesa roubava-me o fôlego e cobria-me a testa de suor. Ao menor descuido, matar-me-ia sem vacilar. E o seu ódio ressoou como um trovão quando as nossas espadas se bloquearam e os olhos se confrontaram:

— Ainda bem que Throst não pode testemunhar a tua traição! Estás a destruir tudo o que o teu avô construiu, sua aleivosa! Mas há de prestar-lhe contas...

De súbito, bramiu de dor. A sua força imensurável extinguiu-se permitindo-me desfazer o abraço fatal das nossas lâminas. Perplexa, vi-o cambalear, agonizante, com a ponta de uma espada a emergir do peito. Halvard atacara-o pelas costas e varara-lhe o coração... Antes que eu libertasse o fôlego, já *Mão de Ferro* tombava no chão. Quedei-me diante do meu gémeo, aguardando uma explosão de ódio... Ele jamais me perdoaria por ter atentado contra a sua vida! Contudo, tomou-me o rosto entre as mãos e beijou-me a testa, murmurando:

— Obrigado, Kelda! Eu nem me apercebi do perigo... E tu salvaste-me!

Abri a boca, sem saber o que dizer. Nesse instante, Erebus surgiu e relatou gravemente:

— Cidadela derrotada. Último guerreiro morto.

Halvard soltou um brado vitorioso. Estreitou-me contra o peito e fixou o olhar no enorme buraco onde, ainda há pouco, estivera a porta da casa grande, incitando com um entusiasmo cru:

— Não percamos mais tempo! Vamos reclamar o nosso prémio!

* * *

Isto não era um pesadelo... Era a travessia do inferno! A concretização de tudo o que eu almejava evitar!

Impotente, vi Halvard e Erebus invadirem a casa que, provavelmente, pertencera ao general *Mão de Ferro*. Muitos guerreiros apressaram-se a imitá-los, desejosos de se assenhorearem dos tesouros que esta tinha para oferecer. Porém, não era ouro e joias que o Filho do Dragão buscava, mas sangue puro para alimentar a sua essência. A razão ditava que as mulheres e as crianças da cidadela, assim como aquelas que tinham conseguido fugir das aldeias circundantes, só podiam encontrar-se abrigadas debaixo deste teto! Os seus gritos de martírio não tardariam a ecoar... E eu não queria ouvi-los! Não podia... Não suportaria! O melhor era não entrar... Cobarde! Mil vezes cobarde! E fraca... Odiosa. Abominável. Maldita! Maldita!

«Hás de acabar sozinha e devorada pelo mal, como o teu irmão!»

«O que foi que tu fizeste, Kelda?»

— Perdoa-me, Lys... — murmurei, extenuada. — Pequena... Lobo Cinzento... Perdoem-me...

Possuída por um torpor que me impedia de mexer, de respirar, até de raciocinar, fixei o cadáver tombado aos meus pés. As palavras de *Mão de Ferro* ainda me ressoavam aos ouvidos, qual espeto em brasa a revolver-me a alma:

«O teu avô morreria de desgosto ante a tua traição!»

As casas da cidadela continuavam a ser saqueadas e incendiadas. Nenhum soldado do Império se sustinha. O seu sangue conspurcava o alvor das ruas empedradas e escorria pelas valetas, espesso como lama. Mais bestas precipitavam-se no encalço do líder, de espada em punho, berrando de euforia. Sacudi a cabeça e cerrei os olhos, no limite da resistência. O que é que estava certo? O que é que estava errado?

Matar para salvar... Fora o que eu fizera! Contudo, teria salvado alguém? Era certo que os guerreiros que eu prostrava despertavam quando o Sol nascia. Porém, ao depararem-se com a destruição das suas aldeias, a ruína das suas casas e os corpos estropeados dos companheiros, não encarariam a sobrevivência como uma maldição? E hoje, o que aconteceria? A noite ia a meio, mas Halvard não parecia disposto a abandonar a cidadela. Dei por mim a apertar entre os dedos o fio que a minha avó Catelyn tecera, e a rogar, desesperada:

«Por favor, Pequena... Mostra-me o caminho! Estou cansada... Tão cansada...»

Um fio de água correu-me pelas faces. Estava a chorar... Halvard não podia apanhar-me a chorar! Tentei combater o desalento. Outra lágrima fluiu... E uma gota fria caiu-me sobre a testa, no nariz, nas mãos... Abri os olhos e encarei o céu coberto de nuvens. Começava a chover... Um raio rasgou o espesso manto negro que o vento empurrava sobre o povoado. O respetivo trovão não tardou a retumbar. De repente, já não eram pingos de água que tombavam sobre mim, mas uma verdadeira cascata, tão veemente que apagava os fogos e lavava as ruas... que limpava a minha pele e amenizava as dores da alma.

Comecei a respirar sem esforço; a debelar o horror que me subjugava. Os homens praguejavam dentro da casa. Mais uma vez, os estrondos de coisas a serem arrastadas, partidas... Mas nem um grito de mulher. Nem um soluço de criança... Teriam mesmo conseguido escapar ao jugo do Filho do Dragão? Era inútil ficar

parada, a remoer mágoas. Necessitava de averiguar o que se passava com os meus próprios olhos.

Entrei num salão sumptuoso e engoli em seco, perante os estragos perpetrados pelos mercenários de Halvard. As tochas acesas evidenciavam a beleza grosseiramente violada do espaço onde, decerto, o senhor da cidadela desfrutara de bons momentos na companhia dos seus convidados. Os tapetes que forravam o chão estavam a ser conspurcados por botas sebentas, as tapeçarias e os reposteiros rasgados sem contemplações, os castiçais derrubados, as mobílias arremessadas contra as paredes, as esculturas quebradas em pedaços... Tudo o que não podia ser pilhado era imediatamente destruído. Continuei em frente, obrigando-me a não pensar, com medo de voltar a perder o controlo. O meu irmão encontrava-se algures... Os seus uivos irados ecoavam através dos corredores:

— Procurem bem! Desfaçam tudo... As rameiras e os fedelhos têm de estar aqui!

Os guerreiros obedeciam, espalhando o caos ao som de gargalhadas alucinadas. Na cozinha, caldeirões e travessas voavam pelo ar, potes e malgas eram estilhaçados. Alguns selvagens mais expeditos enchiam as panças, os bolsos e as sacolas com o pão, a carne e os enchidos da despensa. Outros despejavam jarros de vinho pelas gargantas abaixo, mais rápido do que podiam engolir, ensopando os focinhos e as vestes. Nos quartos, as camas tinham sido reviradas e os colchões golpeados com punhais. Penas e palhas misturavam-se numa confusão ondulante, fustigadas pelo vento que entrava pelas portadas arrancadas dos gonzos.

Perdi a noção do tempo. Faltaria muito para amanhecer? A tempestade exaltava-se. Chovia torrencialmente... E o odor sempre delicioso da terra molhada era corrompido pelo fedor do suor e da morte. Parei diante de uma janela e um relâmpago devassou as trevas, oferecendo-me uma visão das ruas repletas de cadáveres. Se

não abandonássemos a cidadela, alguns desses homens ressuscitariam debaixo do nariz de Halvard.

— Prima?

O apelo de Erebus fez-me saltar de susto. Pousou-me a mão no ombro e ciciou com brandura, consciente da minha agonia:

— Vir... Vir embora.

Quando dei por mim, desabafava num sussurro rouco:

— Não aguento mais...

O seu tom não se alterou:

— Kelda forte! Halvard precisar Kelda. Kelda ajudar Halvard. Erebus ajudar Kelda...

— Erebus! — O brado do meu irmão sobressaltou-nos. Irrompia pelo quarto, qual furacão. E a sua raiva e frustração pululavam ao ordenar: — Quero que reduzam este antro a cinzas! Eu vou continuar as buscas nos estábulos e nos celeiros. As galdérias do Império têm de estar escondidas em algum lugar!

E partiu sem mais delongas. Erebus fixou-me intensamente, antes de soltar um silvo. O seu aviso fez os invasores debandarem como se perseguidos pelo estouro de uma manada possante. De seguida, invocou um sortilégio e abriu os braços, transformando o quarto num ninho de flamas. O fogo místico podia ser frio e escorrer pela nossa pele, sem sequer queimar... Ou manifestava-se como este, vigoroso ao ponto de arder através da chuva, da neve e até do gelo. Só um contrafeitiço conseguiria adversá-lo. No entanto, porque haveria eu de desafiar Halvard, se já nada existia para salvar nesta terra condenada pelos deuses?

Num ápice, as labaredas irrompiam pelas janelas e consumiam o telhado. Os seus assobios arrepiavam o mais intrépido dos espíritos. O calor tornava-se insuportável para alguém que não possuísse sangue antigo. Regressámos ao salão, com as chamas a espalharem-se por todos os aposentos, galopeando no nosso encalço. Ao ver-me olhar em redor, como se alheada da realidade, Erebus agarrou-me o braço e instou:

— Sair rápido!

O ardor das flamas não tardaria a escapar ao seu controlo. A única coisa a fazer era segui-lo. Porém, algo mantinha-me presa ao chão, incapaz de abandonar a casa à sua triste sina. Quando as labaredas começaram a lamber os reposteiros e a devorar as tapeçarias, o meu primo tentou arrastar-me para a porta.

— Espera! — debati-me.

— Esperar? Porquê?

Eu também não entendia porque resistia. Era como se um laço invisível me prendesse ao salão... Uma energia estranha, inexplicável, que fazia a minha pele eriçar-se e o coração martelar o peito.

— Erebus! — exasperei-me com a sua insistência e libertei-me com um safanão. Depois, desatei a correr como se pretendesse mergulhar no caos.

— Kelda louca? — fremiu o «Criador das Trevas», aterrado. E lançou-se no meu encalço.

As chamas alcançaram o teto e os barrotes de madeira que o sustentavam rangeram em agonia. As portadas traseiras já estavam bloqueadas. Agora, o fogo buscava alimento na mobília, nas colchas e nos estandartes, nos tapetes... E foi no enorme tapete que enfeitava o centro do salão que os meus olhos se cravaram. Nos dias de festa, o belíssimo candelabro de ferro, suspenso por cima deste, devia ter realçado com orgulho os majestosos símbolos do Império, bordados a azul-escuro e contornados a dourado, enquanto os dançarinos sorridentes saltitavam e rodopiavam sobre a sua imensidão vermelha. Esses tempos não voltariam! A glória do tapete extinguiu-se à medida que as centelhas se libertavam do flagelo e devoravam a lã...

— Kelda!

Erebus estava furioso. Obrigou-me a encará-lo, torcendo-me com tanta força que quase me deslocou o ombro. Abri a boca para protestar, ao mesmo tempo que ele se preparava para rugir. Todavia, um ruído distinguiu-se dos assobios das línguas de fogo e atingiu-

nos a percepção, fazendo-nos quedar em sentido. Reconheci a natureza desse estranho lamento... Era o choro de uma criança!

— Onde? — sibilou o meu primo, perplexo.

Isso queria eu saber! Aguardámos, mas nada mais se ouvia além do fragor ameaçador das labaredas. O teto e as paredes ardiam ferozmente. A estrutura não tardaria a ruir... De novo, fitei o tapete que as flamas hesitavam em consumir. E, num ímpeto arrebatado, evoquei a Arte e fi-lo voar, expondo o chão. As pedras já estavam manchadas de negro, mas a irregularidade de um bloco quadrado tornou-se óbvia. Possuía encaixes para os dedos. Contudo, Erebus não perdeu tempo e recorreu à magia para afastá-lo. De imediato, deparámo-nos com um buraco que podia ser um poço... ou um esconderijo. Escadas íngremes desapareciam no interior da terra. O meu primo desceu-as e apressei-me a segui-lo.

Penetrámos numa câmara escavada por mão humana. Traves robustas de madeira tinham sido dispostas com esmero, para que o solo não ruísse sob a ação dos fenómenos naturais. Numa situação de desespero, muitas pessoas poderiam ocultar-se aqui, por alguns dias, sem que ninguém à superfície suspeitasse. Todavia, nesse instante, o fumo negro do incêndio invadia o compartimento e impedia a renovação do ar.

À minha frente, nuvens densas sobrepunham-se em camadas letais. Afilei o olhar... E lobriguei uma multidão formada por mulheres, crianças e anciões amontoados ao fundo, contra as paredes! Eram mais de uma centena, mas muitos estavam desmaiados... Talvez até já estivessem mortos! E os que resistiam não tardariam a sofrer idêntico destino. A câmara tornara-se um forno gigante e, mesmo para mim, a ardência era insuportável. Aquela gente estava condenada! Quem não tombasse envenenado pelo fumo, acabaria assado quando as chamas alcançassem o forro de madeira. Ninguém se apercebera da nossa chegada... Ou já estavam demasiado fracos para reagir.

— Chamar Halvard — zuniu Erebus, abruptamente.

— Não! — refutei, cortando-lhe a passagem.

— Kelda...
— Ele vai matá-los!
— Erebus ter obrigação...
— Está aí alguém? — indagou a voz débil de uma mulher. —
Piedade, senhores! Piedade...

Emergiu das cortinas de fumo com um braço estendido. No outro, segurava um bebé; talvez o petiz que nós ouvíamos gritar. Os seus olhos arregalavam-se na escuridão, sem nada enxergarem. Enquanto eu me detinha, tolhida pela surpresa, abeirou-se o suficiente para tocar em Erebus. Ele chiou contrariado e quis afastar-se, mas acabou por chocar contra mim. Temi que repelisse a jovem com violência... Felizmente, ela não tentou agarrá-lo. Mal sentiu nos dedos o tecido da sua túnica, prostrou-se aos seus pés e carpiu desesperada:

— Clemência, senhor... Suplico-lhe! Faça o que quiser de mim, mas poupe o meu menino! Por favor... Não mate o meu filho...

Caiu num pranto compulsivo e os seus rogos tornaram-se ininteligíveis. Então, de súbito, a câmara ganhou vida. Despertos pelas vozes, aqueles que ainda guardavam alento cambaleavam e arrastavam-se ao nosso encontro. Cega pelas lágrimas, sufocada e com a pele a arder, apertei o braço do meu primo e implorei:

— Por favor, Erebus... Não os entregues a Halvard!

Gemidos. Choros. Súplicas... O «Criador das Trevas» comprimiu os ouvidos entre as mãos, com os dentes a ranger. Não obstante a proteção da magia, a sua pele sensível principiava a ficar rubra. Os veios pretos e escarlates latejavam como se fossem rebentar. Quase me empurrou, tentando evitar o contacto com as pessoas, enquanto fremia:

— Qualquer maneira morrer aqui...

— Não! — retruquei determinada. — Nós podemos acudir-lhes...

— Erebus não trair Halvard! — sustou, conseguindo passar por mim e alcançar as escadas.

De repente, foi como se o mundo estivesse a acabar! Um enorme estrondo ecoou sobre as nossas cabeças e toda a câmara

estremeceu. Perdi o fôlego, certa de que o teto não iria aguentar. Lá em cima, parte da estrutura da casa acabara de ruir sob a fúria das chamas. À nossa frente, as mulheres lançavam-se para o chão, escudando as crianças sob os seus corpos. Os brados de pânico foram abafados pelo ribombar de um caos que parecia não ter fim. Quando me apercebi, estava nos braços de Erebus, estreitando-o com a veemência do pavor. Nesse instante em que o tempo se sustinha na incerteza do nosso destino, encontrei o seu olhar profundo, carregado de emoção. E dei por mim a pensar como, na aflição, se busca abrigo num porto seguro. A minha atitude comprovava a confiança que depositava no meu primo e o muito que o estimava... Ao contrário de Halvard, a sua essência não ansiava por trevas, mas por luz. Por isso, haveria de atender o meu pedido:

— Disseste que me ajudarias, primo... Ajuda-me a salvá-los!

Como se por milagre, a câmara resistia. No entanto, os sobreviventes pareciam ter perdido a esperança. As mulheres prostradas já não suplicavam, limitando-se a gemer baixinho. Só uma menina conservava ânimo para andar. Escapou dos braços da idosa que tentara protegê-la e vacilou às cegas até nos alcançar. Não tinha mais de três anos e era linda como uma fada, com longos cabelos louros e olhos azuis inundados de lágrimas. Assombrada, via estender os bracinhos magros a Erebus como se pedisse colo, enquanto choramingava:

— Qué i pa caza... Leva mim pa caza...

O «Criador das Trevas» ficou tenso. Soltou um silvo de arrepiar e livrou-se do meu abraço, para fugir da criança. Depois, galgou as escadas e desapareceu.

Hesitei, transtornada. Deixar esta gente para trás era inadmissível... Contudo, também não podia permitir que Erebus os denunciasse a Halvard! Num ímpeto, precipitei-me atrás do meu primo, decidida a detê-lo. Qual não foi o meu espanto quando irrompi através do inferno em que o salão se transformara e o vi, sustendo-se num equilíbrio precário. As chamas tinham adquirido

vontade própria e só o recurso à magia as coíbam de devorar o corpo esguio e trémulo.

— Erebus... — titubeei aflita, ciente do seu esforço para debelar o fogo. Mesmo com o auxílio da Arte, dificilmente se enxergava para além das nuvens de fumo e cinza que consumiam o ar. Horrorizei-me ao inferir que, não importava o que eu fizesse, seria impossível salvar as pobres almas que definhavam no esconderijo. O abrigo transformara-se numa armadilha mortal.

— Descer, Kelda... — sibilou repentinamente Erebus, sacudindo-me a consciência.

— O quê...?

— Descer!

Apesar de o calor ser intolerável, o meu sangue gelou ante a urgência da sua voz. As labaredas tinham atingido o enorme candelabro e contorciam-se entre os ramos de ferro. As traves de madeira que apoiavam o teto gemiam, carpam... O salão ia desmoronar-se!

Mergulhei no esconderijo e apelei à magia com todo o ardor da alma. Este não haveria de ser o meu túmulo... Nem o túmulo destes corajosos filhos do Império, que já tanto tinham sofrido! Uma onda de energia espargiu do meu corpo e espalhou-se pelas paredes, pelo teto e pelo chão da câmara, resguardando todas as vidas no seu interior. Através do véu da concentração, escutei um estrondo crescente, descomunal, como a aproximação abrupta de uma avalanche... E senti a derrocada da pedra, da madeira e do ferro, como se estivesse a suportá-la sobre os ombros.

O choque foi tão violento que tombei de joelhos. Rangi os dentes e perseverei... Perseverei... Forças antagónicas e colossais digladiavam-se dentro e fora de mim. A energia extraída diretamente da minha essência enchia-me a visão com uma imensidão branca, atravessada por raios prateados, enquanto o meu corpo estremecia, como se a carne estivesse prestes a separar-se dos ossos e estes fossem estilhaçar-se em pó. O suor escorria-me pelas faces, as lágrimas pingavam dos olhos, o sangue jorrava do nariz e a garganta

comprimia-se como se esmagada. Parei de respirar. Deixei de ver e de ouvir... Apenas sentia a dor, excruciante, brutal. Não podia desmaiar... Não podia! Se me rendesse, a magia que conservava a câmara intacta extinguir-se-ia, permitindo o aluimento do solo. E todos morreríamos soterrados.

Pareceu-me uma eternidade, até a dor começar a desvanecer-se. Aos poucos, o relampejar cessou e a minha mente ficou preenchida com as batidas reconfortantes do coração. Outro coração fez coro com o meu... E muitos mais se uniram num palpar harmonioso, até originarem uma melodia de esperança que reconstruía o meu espírito. Acabara de provar que, mesmo sob as ordens de Halvard, ainda podia ajudar o meu povo.

Lentamente, a magia principiou a dispersar-se. O clarão que me cegava dissipou-se e as formas humanas definiram-se. A comoção roubara-lhes a consciência, mas estavam vivos! Agora, as partículas remanescentes de energia tombavam sobre eles, qual chuva renovadora, colando-se às suas frentes e fazendo-os cintilar na bruma. Nada se desperdiçaria. Quando acordassem, estariam sarados... E, com um pouco de sorte, o Exército do Dragão já teria partido.

Um novo estrondo sobressaltou-me, trazendo à lembrança o que ficara para trás. Erebus não descera... E se tivesse sido apanhado pela derrocada? Passada a euforia da vitória sobre a morte, o meu instinto troava em alerta. Algo terrível sucedera à superfície.

O enorme candelabro, que outrora enfeitara o centro do salão, despenhara-se sobre a entrada da câmara, bloqueando a passagem. Graças à minha flexibilidade, consegui içar-me e deslizar por entre os ferros. Estavam surpreendentemente frios, atendendo ao calor a que haviam sido sujeitos. Ao saltar para o exterior, apercebi-me de que o ar arrefecera drasticamente, como se a chuva se tivesse aliado a um vento gélido para contrariar o ímpeto do fogo. Da imponente casa restavam apenas algumas paredes arruinadas, quais esqueletos de pedra mutilada e vestida de cinza. Entrementes, a trovoad

afastara-se e era a voz do meu irmão que estrondeava, por entre as bâtegas do aguaceiro que castigava a terra:

— Levem os cavalos! Depois, matem tudo o que se mexer!

Comecei a andar aos tombos pelo meio dos destroços, sufocada por soluços de pura agonia. Era óbvio que, para cobrir a minha fuga, Erebus não tivera tempo de se pôr a salvo antes da derrocada do salão. E gastara tanta magia para alimentar o fogo, sob a veemência da chuva, que decerto ficara sem recursos para se proteger das pedras que desabavam sobre a sua cabeça.

— Primo... — carpi aterrada, ao pensar que podia tê-lo perdido para sempre. — Diz qualquer coisa! Erebus, por favor...

— Kelda...

O apelo soou tão fraco que mal me roçou a perceção. Todavia, foi quanto bastou para me lançar numa corrida desembestada, rumo a uma pilha de pedras, barrotes e ferros torcidos, gritando o seu nome. O esforço para impedir o aluimento da câmara deixara-me exaurida. Porém, achei dentro de mim um vigor que desconhecia, enquanto deitava as mãos aos destroços gigantescos e os arremessava para longe. E se o meu primo estivesse ferido para além de qualquer recuperação? Obriguei-me a limpar a mente. Era inútil sofrer por antecipação! Antes de mais, devia concentrar-me em libertá-lo daquela tumba.

Finalmente avistei a túnica de Erebus... E mal contive um grito ao deparar com o sangue que a cobria. A magia do «Criador das Trevas» não fora suficiente para preservá-lo da catástrofe. Tinha vários pedaços de madeira enterrados no tronco, quais estacas, e um ferro perfurara-lhe o ombro. Apressei-me a descobrir-lhe a cabeça, que só escapara ao esmagamento porque ficara protegida sob os braços. No direito, o osso espreitava através do tecido rasgado. A pele do meu primo estava cinzenta, os lábios pisados, os olhos mortiços... A energia que o prendia à vida devia ser mesmo miraculosa! Como era possível que ele ainda respirasse? Ao ver-me muda de horror, reuniu alento para controverter:

— Erebus bem... Kelda acreditar! Ajudar levantar...

Eu bem que gostaria, mas a sua perna direita também estava partida.

— Vou buscar auxílio — arquejei aflita. Porém, ele deteve-me com firmeza:

— Não! Halvard aqui não! Kelda acudir, Erebus conseguir.

Só então compreendi a sua determinação. Se Halvard viesse socorrê-lo, os inocentes escondidos na câmara estariam condenados. Erebus dispunha-se a sacrificar-se para salvá-los! Se o fazia por mim ou pela sua própria consciência, pouco interessava. O importante é que superara o apelo funesto do lado negro da sua essência.

As lágrimas de gratidão escorriam-me pelo rosto, enquanto o livrava do ferro. Tinha de conduzi-lo a um lugar seguro e mandar chamar Halvard. Erebus necessitava de cuidados imediatos e, neste momento, eu pouco podia fazer para lhe valer. Ao suster-se, tentou disfarçar a dor, mas não foi capaz. Apoiou-se no meu corpo para conseguir andar. No entanto, mal as ruínas da casa grande ficaram para trás, escorregou para o chão e perdeu os sentidos.

Carreguei Erebus, com a ajuda de dois guerreiros, até uma das casas do povoado que escapara incólume, enquanto um terceiro corria em busca de Halvard. Após deitar o meu primo numa cama, ordenei aos homens que montassem guarda no exterior. Não me contestaram.

Encontrei água fresca na cozinha, dentro de um caldeirão de ferro, e concentrei-me em limpar os ferimentos do «Criador das Trevas», em molhar-lhe os lábios e mantê-lo quente sob as mantas, a fim de estimular a sua prodigiosa capacidade de sarar. Não obstante, sabia que travava uma luta inglória contra o tempo... O Sol não tardaria a nascer. E com o seu *decisor* prostrado, Halvard não abandonaria a cidadela tão cedo. Os guerreiros do Império que eu varara com a espada mágica iam ressuscitar para serem novamente mortos. E o meu irmão perceberia que algo de anormal se passava!

Além disso, as mulheres e as crianças deviam estar a despertar. E a confusão nas suas mentes haveria de fazê-las sair do esconderijo...

— Kelda bem?

Erebus acabara de recuperar a consciência e fitava-me com uma expressão atormentada. Engoli a ansiedade e gracejei ternamente:

— Estás todo desfeito e preocupas-te comigo?

— Erebus gostar prima.

A sobriedade da sua réplica desconcertou-me. Mergulhei nos poços profundos do seu olhar e acariciei-lhe a face com a ponta dos dedos, enunciando com absoluta sinceridade:

— Tive muito medo de te perder... Lamento que estejas a sofrer por minha culpa.

Então, ele ergueu a mão trémula para segurar a minha. Julguei que ia afastar-me e pasmei quando a levou aos lábios e beijou suavemente, murmurando:

— Prima boa. Erebus aprender. Compreender luz. Gostar luz. Sofrer boa causa.

Quedei-me, assolada pela comoção. Recordava-me bem do dia em que o abraçara e ele me repelira, incapaz de suportar o toque, o carinho; demasiado amargurado para acreditar que alguém pudesse realmente apreciá-lo, sem se importar com a sua aparência. O beijo que acabara de me oferecer tinha um valor inestimável! E ouvi-lo confessar que começava a desfrutar da luz da sua essência era uma conquista extraordinária. Talvez, um dia, o nosso elo pudesse sarar a sua alma! Debrucei-me e beijei-o na face, antes de replicar sobriamente:

— Sei que te arrelia contrariar Halvard, mas acredita que estás a fazer o que é certo.

O meu primo tornou a surpreender-me, ao soltar uma gargalhada:

— Kelda beijar mais... Erebus fazer certo sempre!

O «Criador das Trevas» estava a rir e a brincar! Ri com ele, até que a dor acabou por vencê-lo, impondo-lhe um ataque de tosse... De repente, a voz do meu gémeo estrondeou:

— Pelo vômito do dragão, o que foi que te aconteceu, Erebus?

Ensombrou-nos com uma expressão onde a fúria superava largamente a preocupação. Abri a boca para reclamar, mas o meu primo antecipou-se, silvando com firmeza:

— Palácio ruir. Ficar preso.

— Preso? Estavas a dormir?

— Foi tudo muito rápido... — comecei a titubear, mas o «Criador das Trevas» interrompeu-me:

— Kelda cumprir. Erebus culpado.

— Como pudeste ser tão descuidado? — vociferou o Filho do Dragão, com as faces a arder. Só faltava deitar as mãos à túnica do enfermo, arrancá-lo da cama e arrojá-lo no chão.

— Halvard! — arrotei-o exprobrada. — Achas que Erebus se feriu de propósito?

A minha rispidez abalou-lhe um pouco a consciência. Respirou fundo várias vezes, antes de se debruçar sobre o primo e, enfim, usar o seu poder para fazer algo válido. Vi a expressão de Erebus amenizar-se, à medida que a dor o abandonava. E as lágrimas subiram-me aos olhos ao pensar como o «Criador das Trevas», com toda a sua fealdade, me parecia muito mais belo do que Halvard, a quem a natureza favorecera com uma perfeição máscula.

De repente, o olhar do meu irmão fulminou-me. Era óbvio que não retirava nenhuma satisfação do ato de curar.

— E tu? — mastigou asperamente. — Porque não estás a ajudá-lo?

— Kelda gastar magia libertar Erebus... — justificou o «Criador das Trevas», adivinhando que a pergunta me intimidaria. Depois acrescentou, ciente do transtorno de Halvard: — Obrigado, primo. Energia bastar. Erebus capaz sarar sozinho.

Era verdade que, uma vez apaziguada a dor, ele podia concentrar todos os seus recursos místicos na recuperação. No entanto, se alguém o auxiliasse, esta seria muito mais célere! O meu gémeo hesitou... Porém, acabou por se afastar, como se a invocação da magia benigna lhe provocasse um desconforto intolerável. Pelos

vistos preferia atrasar a campanha, enquanto aguardava que o primo se refizesse, do que continuar a curá-lo! Engoli uma interjeição de despeito ante tamanha prova de insensibilidade... Todavia, quando Halvard tornou a falar, percebi que os seus pensamentos e intenções eram ainda mais vis do que eu imaginara:

— O pedido de socorro das cornetas da cidadela obteve resposta. Fui informado de que um exército poderoso atravessa a floresta, a coberto da noite, para nos surpreender. A minha intenção é interceptá-lo...

— Queres travar outra batalha, num território que desconheces, sem dar descanso aos homens? — intervim, sacudida pela indignação. Para mim, se o Exército do Dragão fosse dizimado num só fôlego, melhor! Contudo, afligia-me por Erebus... E por, mais uma vez, ser obrigada a lutar no lado errado da contenda.

Halvard franziu o sobrolho, desgostado com a interrupção. No entanto, tomou-a como uma inquietação pelos seus guerreiros, pois ripostou autoritário:

— Os homens estão bem treinados. Hão de corresponder! Além disso, tenciono montar uma emboscada ao Império. Querem apanhar-nos de surpresa, mas seremos nós a surpreendê-los. — Sem admitir mais refertas, fixou o primo e indagou: — Quanto tempo demorarás a ficar de pé?

Li no rosto de Erebus que também ele estava incomodado com o rumo dos acontecimentos. Porém, parecia ter desistido de se impor como *decisor*. Mexeu-se, testando os ossos quebrados, antes de silvar:

— Três dias...

— De acordo. Virei buscar-te depois.

— Halvard... — entaramelei, sobressaltada. — Não estás a falar a sério! Erebus não pode ficar aqui sozinho...

— É óbvio que não! Deixarei homens a guardá-lo...

— Então, ficarei com ele...

A voz falhou-me quando as garras do meu irmão me aprisionaram a túnica e empuxaram contra o peito, quase me suspendendo no ar.

Varou-me com o olhar ígneo de raiva e fremiu:

— Tu vens comigo! O teu lugar é ao meu lado... — Depois soltou-me, como se ciente de que se estava a exceder, e anunciou com um entusiasmo mórbido: — Além disso, é o nosso prezado primo Will quem lidera os aleivosos. Não queremos perder esta oportunidade de mostrar aos nossos inimigos o amor que nos une, pois não, querida?

— Ir, Kelda — intrometeu-se Erebus. — Mestre Sigarr chegar breve. Cuidar Erebus.

Se a sua intenção era apaziguar o meu ânimo, falhou redondamente!

O que era pior? Saber que o feiticeiro estava prestes a reunir-se ao Exército do Dragão e a usar a sua magia abominável contra o meu povo? Ou pensar que, atrás dele, vinham centenas de navios e milhares de homens? Ou descobrir que Will marchava, nesse preciso instante, ao encontro de uma morte certa? Ou olhar pela janela e ver a manhã a despontar, quando as ruas estavam pejudadas de assassinos? Ou deixar Erebus para trás, completamente vulnerável?

— Vem, Kelda! — urgiu Halvard, bufando, impaciente. — Não posso perder mais tempo!

Coagiu-me a sair à sua frente. Fitei o meu primo, angustiada. Até hoje, ele fora o bordão que me ajudara a superar as provações. O que sucederia quando os guerreiros que eu prostrara regressassem à vida? Mal se deparassem com a destruição da cidadela, o «Criador das Trevas» tornar-se-ia o principal alvo da sua fúria vingativa. E não seriam os homens que Halvard deixaria para trás que haveriam de detê-los! Engoli em seco, suspensa no olhar negro. Jamais imaginara que, um dia, me sentiria tão dividida: de um lado, a lealdade ao meu povo; do outro, o afeto que devotava a Erebus. Queria avisá-lo... Mas como, se a respiração do meu gémeo me queimava o pescoço?

— Sol despertar — disse subitamente o «Criador das Trevas», com uma circunspeção que me cortou o fôlego. — Ir! Erebus ficar bem!

Ele sabia! Sim, ele sabia! Mas como? Será que Sigarr lhe contara? Ou Erebus descobrira sozinho, porque a genuinidade do laço que partilhávamos já não admitia segredos?

Não houve tempo para mais considerações, pois Halvard perdeu a paciência e arrastou-me consigo.

CAPÍTULO 20

A floresta era cerrada, lúgubre, repleta de armadilhas, precipícios e areias movediças. Além disso, a chuva não facilitava o progresso dos homens. Eu estava encharcada até aos ossos e tinha de lutar para desenterrar as botas da lama. O cansaço que me tolhia o corpo era agravado pelo pavor que me garroteava o espírito. Apoquentava-me o que deixava para trás e o que me esperava à frente. Uma grande desgraça estava prestes a concretizar-se. De um lado, Erebus; do outro, Will. O meu irmão no meio... E Sigarr prestes a chegar com reforços.

— Em frente — ciciava Halvard, acirrando os guerreiros. — Já sinto o fedor desses sarnentos!

Deslizei sobre um tronco moribundo e continuei no seu encalço, completamente tonta e enjoada. Após um grande dispêndio de magia, até o mais poderoso dos feiticeiros tinha de repousar... Gastara tanta energia a impedir o aluimento da câmara secreta que todo o meu ser clamava por descanso. Mais parecia que tinha a cabeça cheia de larvas gordas, que não paravam de me devorar os miolos! A cada passo, uma certeza queimava-me a essência: eu não devia estar aqui. Não queria continuar a lutar, sob nenhum pretexto! O ataque à cidadela esgotara a minha coragem para empunhar a espada mágica. E, como se isso não bastasse, o plano do meu gémeo para enfrentar Will era execrável.

O exército do Império marchara toda a noite para travar o nosso progresso. Pois nós iríamos aguardá-los com uma mão armada em cada árvore! Assim, quando a claridade inundasse a floresta, o príncipe herdeiro do rei Bernard e os seus soldados seriam apanhados pelas costas, totalmente desprevenidos. Tal como o Filho do Dragão declarara, ao apresentar a sua estratégia aos generais: *«Os caçadores hão de tornar-se presas dilaceradas pelas nossas garras!»*

Transpus mais uma árvore morta e tropecei ao assentar os pés no solo. Não tardaria a desmaiar. Seria esta a minha última batalha? Receberia o finamento como uma bênção, desde que Halvard não tivesse oportunidade de se apropriar da minha essência. Só me entristecia saber que o meu povo me recordaria como uma traidora. Talvez, um dia, a verdade fosse reposta pelo testemunho de uma das almas que eu conseguira salvar!

A um gesto do meu irmão, os guerreiros começaram a ocultar-se nas sombras dos troncos. O dia nascia, mas a bruma persistia como um valioso aliado do Filho do Dragão. A débil luz que as nuvens deixavam escapar era encoberta pelas copas cerradas. Quando a fadiga me impedia de distinguir cores, eu continuava a assimilar as imagens em tons de cinza, branco e preto. A minha visão ainda não falhara... Porém, tudo parecia oscilar em meu redor, como se cambaleasse no convés de um navio desgovernado. E a chuva não ajudava, tornando as formas ainda mais turvas.

Prendi o fôlego quando um guerreiro passou ao meu lado, silencioso e ágil. Era um batedor do Império... Prosseguiu, inconsciente da nossa presença, com a mão firme sobre a sua corneta, pronto a troar o alarme se um movimento anormal lhe alcançasse a percepção. De soslaio, vi Halvard esboçar um sorriso. Outro batedor surgiu... E outro... O braço do meu irmão ergueu-se. Dera ordens aos seus mercenários para prostrarem rapidamente todos os homens de Will, de modo a que nenhum alerta soasse. Eu já contava as costas de quatro. Não deviam ser muitos mais... Com mil ratazanas estracinhas, o que podia fazer para travar esta calamidade?

O aguaceiro impiedoso ajudava a disfarçar a nossa respiração, açoitando as folhas das árvores e flagelando a terra. O sorriso de Halvard já lhe roçava as orelhas. Ainda assim hesitava... Queria ter a certeza de que os guerreiros estavam prontos para desferir os golpes fatais, à sua ordem. A vontade de gritar quase me enlouquecia! E se criasse uma diversão? Um bando de pássaros refugiava-se da chuva, na árvore onde um dos mais prestigiados

generais do Exército do Dragão se ocultava. Todavia, para espantá-los sem despertar a sanha de Halvard, teria de recorrer à Arte. E não possuía alento para tal! Precisava de idear algo mais simples.

As picadas na cabeça tornavam-se insuportáveis. O braço de Halvard vacilava... Enchi o peito de ar e arrisquei tudo, buscando dentro de mim uma réstia de magia que me socorresse. Um fio de energia libertou-se, mergulhou no solo alagado e percorreu a distância que me separava do mercenário mais próximo. Ao alcançar a sua bota, as partículas místicas já se tinham combinado com a água, a água já se transformara em gelo... E a minha serpente glacial encontrou o caminho para o interior das calças do homem, trepando-lhe pela carne e consumindo-a com a sua algidez.

Então, num único fôlego, o guerreiro saiu do seu esconderijo, aos saltos e aos berros; Halvard baixou o braço e rugiu, frustrado; uma corneta troou através do estridor do aguaceiro... E o clamor dos dois exércitos arrepiou a floresta, reclamando morte.

— Sangue! — fremia o meu irmão, girando a espada com ferocidade. — Deem-me sangue!

Estava furibundo. O seu plano fora gorado e o controlo da situação escapava-lhe por entre os dedos. Os batedores do Império tombaram às mãos dos seus guerreiros, mas foi ele quem decapitou o homem que nos denunciara. O Filho do Dragão não admitia falhas.

Senti as pernas vergarem-se e orei para que o exército do Império chegasse, antes que Halvard lobrigasse a minha fraqueza... De repente, fui suplantada por uma vaga de soldados exaltados, que trajavam orgulhosamente as cores do rei Bernard. O choque das forças adversárias empurrou-me para a frente e arrojou-me para os lados. Rodopiei, desequilibrada; esfolei o rosto e as mãos contra a casca afiada de um tronco... e acabei por me estatelar no solo.

Tentei respirar, mas os pulmões contraíram-se de dor. A água escorria-me em cascata pelas faces... Seriam lágrimas, chuva ou lama? Os urros dos homens que se batiam sobre a minha cabeça soavam distantes, quase irreais. Apenas distingui os brados do meu irmão, incendiando os mercenários... Tinha de me levantar! Finquei

os pés no chão e apoiei as costas na árvore, usando o ânimo que me restava para desembainhar a espada. A maior honra de um guerreiro era tombar de arma na mão! Halvard estava distraído com o ardor da contenda. Se não se apercebesse da minha morte, em breve eu estaria nos braços de Pequena e de Lobo Cinzento. Eles haveriam de me perdoar... Eles haveriam de entender!

— Lysander... — gemi, pensando em como daria tudo para vê-lo uma última vez, ouvir a sua voz, sentir o seu calor.. Amava-o com todo o meu corpo e toda a minha alma. E seria esse sentimento que me acalentaria através da eternidade. A espada escorregou-me da mão... Não importava! Já não era uma guerreira. Era apenas uma mulher.

Pisquei os olhos febris. A floresta assumia-se como campo de batalha. Havia movimento por toda a parte, mas as formas desvaneciam-se. Os sons arrastavam-se. Os soldados do Império travavam o avanço do Exército do Dragão. E eu sustinha-me no meio do ferro e do fogo, das lanças e dos escudos, dos corpos ardentes de fúria, petrificada como uma estátua.

Enfim, um guerreiro devotou-me a sua atenção e acometeu de espada em riste. Deixei o abrigo do tronco, respirei fundo, ergui o rosto para acolher a chuva... e entreguei-me à escuridão.

O submundo era um lugar bastante diferente do que eu imaginara, alagado, com cheiro a terra, mofo e folhas podres. A bruma reinava, mas o silêncio confortava-me. Vagueei através dessa serenidade, sem quaisquer inquietações, até que um grito desfez o meu enlevo. Outro sucedeu-se... Com mil ratazanas sebosas, será que nem aqui me deixavam em paz?

Abri os olhos lentamente e deparei com um homem. Parecia ter parado no tempo, com uma dor excruciante vincada no rosto. O seu olhar fixava-me, esvaziado de vida. A boca escancarava-se num grito mudo, enquanto vertia sangue sobre as minhas faces. Gritei, tentando escapar a essa visão hedionda. Então, descobri-me presa e comecei a debater-me. Não tive de me esforçar muito para soltar-me

e suster-me... Afinal estava viva! Porém, um fôlego de consciência e já me apetecia mergulhar de novo no esquecimento.

O homem que eu acabara de afastar era o soldado do Império que decidira atacar-me no instante em que a exaustão me subjugara. Antes que me alcançasse, alguém lhe varara as costelas, atingindo-lhe o coração. A violência do seu ímpeto fizera-o tombar sobre mim... Entretanto, eu já devia ter desmaiado, pois não me lembrava de cair no chão. E, provavelmente, só sobrevivera à batalha porque o infeliz me servira de escudo.

Olhei em volta, tomada pela angústia. Estava rodeada de cadáveres que ofereciam o sangue ao solo da floresta. Um mercenário do Sul ficara pregado a uma árvore com uma lança. Um guerreiro do Império estava deitado de costas sobre um arbusto, com as tripas de fora. Uma cabeça aqui e outra acolá, perdidas dos respectivos troncos... Braços e pernas decepados... Morte! E mais morte! Morte por toda a parte! As baixas pareciam equilibrar-se, de ambos os lados do conflito. Dei por mim a apertar os braços em torno do peito, enregelada só de pensar que tinha de continuar a servir o Filho do Dragão. Por que raio é que eu não morrera também?

As minhas roupas colavam-se ao corpo, causando-me imenso desconforto. Não era a água, o suor e a lama que me incomodavam... Era o sangue dos homens que matara e daqueles que tentara salvar. O tempo em que me quedara, inanimada, devolvera-me o discernimento. Apesar de não estar plenamente restabelecida, sentia-me capaz de regressar ao combate. Os brados exaltados, que ecoavam a curta distância, provavam que a batalha prosseguia implacável. O meu olhar adestrado não teve dificuldade em distinguir as cores dos dois exércitos por entre a folhagem. Procurei a espada mágica, ciente de que Halvard não tardaria a dar pela minha falta. E eu estava tão perturbada que, se o arrostasse, ser-me-ia impossível sustentar a máscara de serva fiel.

Mal empunhei a espada, fui fustigada por outro calafrio. Tomara uma resolução antes de perder os sentidos. Não tornar a lutar! Não

tornar a matar! Seria este o meu ensejo para viver uma nova vida? Para mudar o meu destino? Parada no centro desse excruciante dilema, recordei o apelo do Rei da Lua:

«*Salva-te, Kelda! Pelo nosso povo...*»

Se o meu pai aqui estivesse, seria o primeiro a suplicar-me que fugisse! E eu não teria outra oportunidade como esta! Estava a pisar solo aliado e, pela primeira vez em muito tempo, longe dos olhos e das garras de Halvard...

Halvard! Se eu debandasse, o meu irmão tornar-se-ia escravo da maldição! O nosso elo seria irremediavelmente quebrado e... Qual elo? Porque é que insistia em enganar-me? Eu não exercia nenhuma influência sobre o meu gêmeo! Pelo contrário, era ele quem manipulava os cordéis da minha sorte. Para que tinham servido tantas artimanhas e tantos sacrifícios? Traíra as minhas convicções, magoara aqueles que amava, destruía, matara... E a sua ideia não se alterara! Pelo contrário, estava mais empenhado do que nunca nas suas ambições.

— Basta... — murmurei, ofegante, enquanto embainhava a espada. — Basta!

O Filho do Dragão sentar-se-ia no trono do mundo, se esse fosse realmente o seu destino... Mas sem a minha conivência!

Virei costas ao confronto e desatei a correr, rumo ao coração da floresta. Se deparasse com Halvard, não teria como me explicar. Ele concluiria, de imediato, que eu estava a desertar... Logo, cada passo que nos afastava era uma acha para a fogueira onde o meu irmão haveria de me assar viva se me apanhasse. A minha magia ainda estava fraca, por isso não podia contar com o seu auxílio. No entanto, a floresta haveria de me acobertar... Só tinha de pôr em prática o que Lysander me ensinara.

Comecei a sentir-me mais confiante à medida que me distanciava do clamor da batalha. Decidi não buscar Will, para sua própria segurança. Ao invés, devia descobrir um abrigo onde descansar, pois, decerto, seria forçada a apelar à invisibilidade quando Halvard começasse a palmilhar a floresta à minha procura. Se eu conseguira

escapar à percepção de Sigarr, haveria de iludi-lo também! E, mal o perigo se extinguisse, iria ao encontro do rei Bernard para me justificar. Com um pouco de sorte, talvez Lysander estivesse com ele e me apoiasse...

De súbito, o som de cavalos a galope impôs-se sobre o fragor da chuva. Estaquei em pânico. Vinham na minha direção! Dois, quatro... oito, pelo menos. Instintivamente, o meu olhar treinado escolheu uma árvore alta e robusta, com fortes ramificações secundárias e copa cerrada, que me permitiria trepar facilmente e observar os trilhos da floresta. Subi tão rápida e silenciosa quanto um esquilo e só espreitei depois de oculta entre os tufos de folhas.

Dois cavaleiros galopavam a toda a brida, por um trilho que conduzia a um desfiladeiro. A riqueza das suas vestes indiciava que não eram simples soldados. Um trazia a cabeça protegida por um elmo prateado, enfeitado com plumas coloridas, e os símbolos do Império bordados na capa. De imediato, pensei que devia ser o meu primo Will. O outro homem trajava com maior discrição, mas também possuía um porte nobre. Carregava sobre os ombros a pele cinzenta de um lobo ou de uma raposa... Seria um guerreiro do Norte? Seis mercenários de Halvard perseguiram-nos, montados nos cavalos roubados na cidadela. O cavaleiro da pele cinzenta gesticulava indicações ao cavaleiro do elmo... Na primeira bifurcação separaram-se. O homem que tomara a iniciativa continuou para a esquerda. O companheiro desviou-se na minha direção. E a sua mudança de rumo foi tão brusca que apenas dois facínoras tiveram destreza para segui-lo.

O meu coração começou a bater com mais força ao verificar que o cavaleiro do elmo se aproximava da árvore que me encobria. Agarrei-me ao tronco, lutando contra a vontade de interferir. Se fosse mesmo Will, a minha aparição colocá-lo-ia num perigo muito maior. Halvard já devia andar no meu encalço... Quando o meu primo se deparasse comigo, não se coibiria de gritar de indignação. Antes que eu conseguisse convencê-lo a escutar as minhas razões, já o Filho do Dragão estaria a chafurdar no nosso sangue.

Surpreendi-me quando o cavaleiro se deteve no trilho, por baixo do meu nariz. Virou o cavalo e desembainhou a espada. Os mercenários surgiram repentinamente e tiveram dificuldade em controlar as montadas. Um ainda praguejava quando o guerreiro do elmo o confrontou, carregando com destemor. O aleivoso atrapalhou-se com as rédeas e as armas... E acabou por receber uma estocada no peito e tombar do cavalo.

O segundo selvagem tentou derrubar o guerreiro do Império à traição. Porém, este demonstrou uma destreza excepcional e conseguiu equilibrar-se. As espadas soltaram faíscas ao cruzarem-se... O servo de Halvard era talentoso, mas a perícia com que o adversário dominava a montada acabou por favorecê-lo. Aproveitou a agitação do outro cavalo para se esquivar do ataque. Depois, corrigiu o ímpeto do braço e decapitou o inimigo sem vacilar.

Permaneci muda, respirando em pequenos sopros para não denunciar a minha presença, dez braços acima da sua cabeça. Julgando-se só, o guerreiro guardou a espada e elogiou o cavalo, com palavras serenas e palmadas amigáveis no pescoço. Finalmente, levou a mão ao elmo e removeu-o. Sacudiu os cabelos castanhos e ofereceu o rosto ao céu, para que a chuva lhe refrescasse as faces. Assim que divisei os traços jovens e perfeitos do seu rosto, reconheci Will. E quase soltei um gemido de ansiedade, desejosa de descer para abraçá-lo...

— Ora, ora! — exclamou inesperadamente uma voz inconfundível. — Se não é o meu prodigioso primo William, aspirante a rei do Império!

Paralisada de susto, vi Halvard surgir do meio das árvores, imponente como um deus. As camadas de fuligem, lama e sangue que lhe cobriam as vestes, manchavam a pele e a longa trança, ainda lhe conferiam um aspeto mais temível. Avançou sem pressa, como se desfrutasse do momento... Contudo, até um tonto adivinharia a sua intenção.

Fui devorada por um turbilhão de receios e dúvidas. Não podia consentir que Halvard matasse Will! No entanto, ao enfrentá-lo

antes de me refazer plenamente, estaria a oferecer-lhe a minha vida e o meu poder numa bandeja. Posto isto, como evitar a catástrofe que se anunciava?

— Halvard... — volvia Will, com profundo desprezo. — Esta pravidade só podia ser obra tua! Não tens consciência do mal que estás a fazer?

O meu gémeo deteve-se, ergueu uma sobrancelha e motejou:

— Não vais pregar-me um sermão e desatar a chorar, pois não?

— Seu degenerado...

Foi interrompido por uma gargalhada:

— Degenerado? As lérias dos padres e das freiras deram-te a volta ao miolo! Estás diante do teu maior inimigo e não te ocorre uma afronta mais... «viril»? Que tal «filho de uma aleivosa»? Teria um fundo de verdade... Ou, então, «monte de estrume»? Não... Isso é o que tu te vais tornar depois de eu te prostrar, esventrar e tragar a tua essência.

— Provoca-me à vontade! O teu despeito não me amolga. Não passas de um traidor, de um cobarde... De um miserável sem terra, sem casa e sem nome!

— Pelo peido do dragão, o excremento sabe que vai morrer e continua a reclamar como uma virgem ultrajada! — chacoteou Halvard, divertindo-se a protelar o desfecho da altercação. — Julgas-te superior a mim? Espera... Não me digas que te deixaram acreditar que, um dia, serias coroado rei? Rei William, o choramingas! Vou fazer-te guinchar como uma cabra velha...

— Não tenho medo de ti! — rugiu Will, desembainhando a espada.

— Isso só prova que és um tremendo imbecil!

Halvard limitou-se a erguer o braço e a cerrar o punho... E garras feitas de vento arrancaram Will da garupa do cavalo. A sua espada caiu para o meio dos arbustos e cobriu-se de lama, enquanto ele se sustinha, suspenso no ar, fustigado pela chuva, a espernear no vazio com os dedos no pescoço, lutando ingloriamente para se libertar da

mão invisível que o enforcava. Entretanto, o sorriso do meu irmão desvanecia-se e a sua voz engrossava, ao desdenhar:

— Ainda te pareço um miserável, digníssimo primo?

Baixou abruptamente o braço... E a energia funesta que aprisionava o príncipe do Império arrojou-o contra o solo. Com a respiração suspensa, vi Will tombar qual molho de trapos. Decerto quebrara-se ao meio! Não. Tentava levantar-se... Debalde! Vacilou e tornou a baquear com um urro de dor. Devia ter partido uma perna ou a anca...

— Quem diria? — escarneceu o meu gêmeo, fechando a mão no punhal do avô Throst. — Sua real insolência caiu do pedestal... E está a rastejar aos meus pés!

Na verdade, o príncipe tentava contornar os arbustos e recuperar a sua espada. Halvard impediu-o, pisando-lhe um braço e agarrando-o pelos cabelos, para lhe expor a garganta... Ia degolá-lo! O que fazer? O que fazer? O meu coração batia tão forte que quase rachava o peito. Não havia volta a dar! Se eu queria salvar Will, teria de me sacrificar.

Deixei-me tombar no vazio, com um brado aguerrido. A minha energia mística ainda mal pulsava, por isso tive de buscar apoio nos ramos mais baixos para controlar a queda. Ao mesmo tempo, puxei pela espada... Halvard detivera-se, perplexo. Will fixava-me com olhos assombrados. Cravei os pés no tronco principal e impulsionei o corpo na direção desejada, fremindo exaltada:

— Essa presa é minha!

Aterrei diante dos dois e espetei a espada no ventre de Will, sem sequer pestanejar. A sua boca escancarou-se, mas apenas arfou o meu nome, numa voz trémula, incrédula, magoada, traída... Aguardei o seu olhar sem realmente o ver. A minha mente estava preenchida pela lembrança do instante em que a Montanha Sagrada me entregara a pedra azul de Aranwen.

«*Uma decisora tem de decidir!*»

Mais uma vez, eu decidira... Ao invés de correr para a liberdade, tornara a colocar-me à mercê do Filho do Dragão, sem nenhuma

garantia de que o herdeiro do rei Bernard conseguiria sobreviver.

Os olhos de Will cerraram-se ao exalar aquele que, supostamente, seria o seu último suspiro. De súbito, Halvard obrigou-me a encará-lo. Preparei-me para enfrentar a sua sanha... Todavia, ele exibia um sorriso deslumbrante ao titubear espantosamente comovido:

— Perdi-te no meio da confusão e cheguei a pensar... a temer... — Sacudiu a cabeça como se afugentasse um mau pensamento, incapaz de completar a frase. — Estou tão orgulhoso de ti, Kelda! Impressionaste-me! Pela primeira vez, sinto que almejamos o mesmo; que somos um só... E que nada, nem ninguém, nos poderá separar!

Estreitou-me e beijou-me a testa, com uma ternura que me flagelou a alma. O seu êxtase era a minha agonia! Eu e o meu gémeo, unidos por toda a eternidade... Existiria destino mais aberrante e cruel? Ciente de que estava condenada, mal contive um soluço ao recordar as palavras de Pequena:

«A dor vergará o Homem e o sangue banhará a Terra, antes que a luz destrua as trevas que ofuscam o olhar do teu irmão! Assim que te tiver enredada nas suas manhas, há de refutar os teus argumentos e obrigar-te a servir a sua causa.»

A cada instante, sentia que o amor que nos unira na concepção, que nos juntara no ventre da nossa mãe, que me fizera viver e lutar com o propósito de salvá-lo, se apagava dentro do meu peito, deixando apenas ódio para amargar. Interiorizei as batidas do seu coração... E a negridão da sua essência! Essa bruma densa e viscosa envolvia-me, devorava-me... As ilusões estavam desfeitas. O sonho terminara. Já não guardava a menor esperança de libertá-lo da maldição.

A aproximação de um cavalo a galope arrefeceu o ardor de Halvard. Era um dos seus homens... E trazia novidades inquietantes:

— Vinde, senhor! Vinde! — urgiu. — Capturámos um vikingue!

Antes que eu pudesse reagir, já o meu gémeo subira para o cavalo de Will e ordenava:

— Fica a guardar o corpo, Kelda! Os guerreiros do Império tentarão resgatar o seu precioso príncipe para lhe oferecerem pompas fúnebres. Mata quem ousar aproximar-se! Eu hei de exhibir esse dejecto numa estaca quando entrar triunfante no reduto de Bernard. Quero ver a focinheira do rei no momento em que lhe devolver o primogénito cagarola coberto de moscas e consumido pelos vermes.

O meu irmão partira... Porém, sentia-me incapaz de me mexer. Se Halvard nascera com um traço de humanidade, este extinguiu-se há muito! As suas palavras e ações eram as de um monstro, com carvão dentro do peito e a alma impregnada de veneno.

O Exército do Dragão capturara um viquingue... Decerto o cavaleiro que acompanhava Will. Orei para que não fosse alguém das nossas relações. Um estranho seria simplesmente morto. Contudo, se Halvard reconhecesse o infeliz, haveria de torturá-lo até à loucura! Passei as mãos pela testa e inspirei com força, obrigando-me a raciocinar. O infortúnio do guerreiro da pele cinzenta oferecera-me o ensejo de ficar a sós com o meu primo. No fim de contas, talvez a sorte não me tivesse abandonado!

Embainhei a prodigiosa espada, antes de me ajoelhar ao lado de Will. E se a magia tivesse falhado precisamente agora? Segurei-lhe a mão, quase a medo, e suspirei de alívio ao confirmar que estava quente. Restava-me escondê-lo, para que despertasse em segurança... Mas onde? E como é que, sem o auxílio da Arte, eu conseguiria atravessar uma floresta onde decorria uma batalha implacável, carregando um homem com o dobro do meu peso, debaixo de chuva e com os pés atolados em lama? Nem sequer sabia que caminho seguir! Com mil ratazanas perdidas, porque é que nada me corria bem?

Puxei pelo meu primo e tentei erguer-me, ao mesmo tempo que me torcia, para que o corpo inerte deslizasse sobre as minhas costas. Se suportasse bem o seu peso, poderia afastar-me o suficiente para resguardá-lo da perversão de Halvard. Depois de

ocultá-lo, teria de voltar aqui... E o que diria ao meu gêmeo? Talvez que desfalecera e me vira sozinha ao recobrar os sentidos... A tentação de fugir com Will era avassaladora, mas inexequível. Se me tivesse cativa das suas manábulas, o meu irmão resignar-se-ia por não poder exhibir o cadáver do príncipe do Império diante do rei Bernard. No entanto, se eu sumisse, esquadriharia a floresta palmo a palmo até me encontrar... E Will estaria condenado! Por mais que me doesse, tinha de me conformar com a impossibilidade de escapar ao domínio do Filho do Dragão.

Empenhei-me com veemência. Porém, pouco avançara quando vacilei e caí. Teimei... E o resultado foi igual. À terceira tentativa, perdi por completo as forças e Will escapou-me das mãos doridas. Tombou no solo, todo torcido, e eu escorreguei para o seu lado, tão exausta que mal respirava. Afinal, parecia que não iríamos a lugar nenhum! Tinha de pensar noutra solução... E rápido! Se Halvard regressasse e se apercebesse do meu intento, o príncipe do Império não seria o único a apodrecer espetado numa estaca.

Quis levantar-me, mas o corpo recusou-se a obedecer. Não podia estar assim tão fraca! Mais parecia que uma vontade estranha me prendia à terra! Será que os meus nervos se tinham destroçado de vez? Comecei a soluçar, a gemer... E, de repente, estava a chorar sem controlo, com a testa mergulhada na água pútrida e os dedos enterrados na lama.

— Kelda...? — murmurou uma voz, como se vinda de outro mundo. Depois, o apelo repetiu-se com maior convicção. Retesei-me da cabeça aos pés... Só podia estar a delirar!

Duas mãos rodearam-me e sustiveram-me como se eu não tivesse peso. Senti o seu cheiro. Senti o seu calor. Senti o seu coração tão alvoroçado quanto o meu... Abri os olhos e deparei com um olhar azul-escuro, repleto de estrelas cintilantes. A ilusão não se desvanecia... Ainda assim, eu não conseguia acreditar!

— Lysander...?

— Minha Kelda!

Abracei-o com um ânimo crescente, como se a sua presença bastasse para me restabelecer. Só então percebi que ele me alimentava com energia curativa. Continuei a estreitá-lo; a esmagar os músculos das suas costas debaixo dos dedos, para me convencer de que estava realmente comigo.

— Meu amor... — murmurei sem pudor, sufocada pela comoção.

— Menina-feiticeira... Tive tanto medo... — As suas mãos envolveram-me o rosto, enquanto unia as nossas testas e terminava enrouquecido: — Julguei que te tinha perdido para sempre!

Os seus lábios esmagaram os meus, desesperados, exigentes, esfomeados. Entreguei-me sem reservas, possuída por uma loucura que devolvia energia ao meu sangue e luz à minha alma. Derreti-me nos seus braços, enlaçando-o pelo pescoço e enterrando os dedos na seda negra e prateada dos seus cabelos. Queria entrar dentro do príncipe da Gente Bela, fundir as nossas essências... Esquecia a dor e fulgurava de felicidade, extasiada pelo sabor doce dos seus beijos, enlevada pelo ímpeto selvagem da nossa paixão. Não importava o que acontecesse, jamais me tornaria a apartar de Lysander! Jamais!

Inevitavelmente, a realidade impôs-se, cravando as garras álgidas nas nossas consciências. As bocas separaram-se, arquejantes. Deitei a cabeça no seu peito e cedi novamente ao pranto. Todavia, chorava de alívio, convicta de que o pesadelo terminara. Já não estava sozinha!

Lysander amimou-me com ternura e roçou os lábios nos meus cabelos, sussurrando:

— Tens de ser forte, Kelda... Halvard conseguiu derrotar-nos. A vitória estava nas nossas mãos, até Sigarr chegar com reforços. As suas hostes são insuperáveis! Temos de recuar...

— Sigarr está aqui, na floresta? — O meu gemido angustiado espelhava a confusão que me ia na mente. Assim sendo, o feiticeiro já se encontrava às portas da cidadela quando eu deixara Erebus! E liderava um exército capaz de esmagar a resistência do Império... A espada mágica acabara de se tornar inútil! Por esta altura, todos os

homens que eu salvara deviam estar mortos... E as mulheres? E as crianças?

Alheio à minha consumição e percebendo-me aturdida, Lysander continuou:

— A ordem de retirada já soou. Eu só fiquei para trás para ver se resgatava alguém, antes de atravessar a ponte... — Respirou fundo e estreitou-me com força, concluindo: — E acabei por recuperar a luz do meu coração! Vem...

— Espera! — detive-o aflita, apontando para Will. — Temos de levá-lo connosco.

O príncipe franziu o sobrolho e puxou-me pela mão, refutando com firmeza:

— Sei que te custa deixar o teu primo à mercê dos carneiros, mas carregá-lo irá atrasar-nos demasiado... — E como eu resistia, estreitou-me mais uma vez e tentou acalmar-me: — Escuta, Kelda. Não temos muito tempo e eu preciso da tua colaboração! William era um jovem de grande valor e coragem... Haveria de desejar que te salvasses! Nós já não podemos fazer nada por ele. Contudo, garanto-te que quem o prostrou será castigado...

— Fui eu que o prostrei, Lys... — comecei, sem medir as palavras, confiando plenamente que ele me deixaria justificar. Porém, de súbito, parecia que um abismo se fendia entre nós. Num rompante, o herdeiro da rainha Lyria afastava-se como se eu tivesse peçonha... E as estrelas no seu olhar transformaram-se em relâmpagos ao arfar:

— Não pode ser... Tu mataste o teu primo?

— Ele não está morto!

— O quê?

Sem perder tempo, o meu mestre debruçou-se sobre Will e examinou a horrenda ferida no seu ventre. Depois concentrou-se no peito, no pescoço, nos pulsos, procurando sentir as batidas do seu coração... Enquanto isso, eu gesticulava como uma doida e asseverava:

— Will pode parecer morto, mas não está! Acredita...

Perdi a voz quando Lysander investiu contra mim, rugindo com o ímpeto de um tigre:

— Tu gabaste-te de matar o teu primo e ainda gozas comigo?

— Não! — volvi em pânico. — Deixa-me explicar...

— O que é que há para explicar? — troou junto do meu rosto, com uma fúria inexorável.

— Eu trespassei-o com uma espada mágica...

— Uma espada mágica?

— Toma — revelei a arma e estendi-lha. — Confirma o que te digo... Por favor!

Lysander arrebatou-me a espada e inspecionou-a com cuidado. Enquanto a sua magia percorria a lâmina, achei que conseguiria contar-lhe a história por detrás do prodígio, para ajudá-lo a entender. Só queria eliminar rapidamente a grotesca dúvida que se agigantava entre nós, para poder regressar aos seus braços. Engoli em seco e entamelei, rouca de agonia:

— Também me custou a crer que pudesse ser verdade... Mas Sigarr provou-o! Varou o seu próprio ventre... E tudo indicava que estava morto, exceto o facto de não arrefecer. Reparaste que Will permanece quente? Vai despertar ao nascer do Sol... E sarado! Juro! Essa arma tem o dom...

Perdi a voz quando o príncipe da Gente Bela atirou a espada para o chão. A sua expressão mudara. Estava pálido, sombrio... E tremia.

— O único dom que essa espada tem é o de confirmar uma traição que eu julgava impossível! — rosnou, derramando fogo pelos olhos. — Como foste capaz, Kelda? Aquela lâmina tresanda a morte... Ao sangue do teu povo! — Passou as mãos pela testa, sorvendo o ar a custo, antes de prosseguir: — Eu fui tão cego! Recusei-me a acreditar nos testemunhos... Convenci-me de que Halvard te obrigava a segui-lo! Que tu não pactuavas com os seus crimes...

— E não pactuo! — repliquei, aterrada com o rumo que a discussão tomara. — Tu não fazes ideia de como tem sido difícil...

Do quanto eu tenho sofrido! Mas sempre que uso essa espada estou a preservar uma vida...

— Sim! A tua!

— Lysander...

— Por isso me expulsaste dos teus sonhos...

— Não... — objetei, estendendo-lhe a mão em desespero. — Fi-lo para te proteger...

Ele repeliu-me com um safanão e fremiu, descontrolado:

— Não me toques... Nem te aproximes... E não digas mais nada! Não digas mais nada...

Ficámos em silêncio, a respirar aos borbotões. Levei as mãos às faces e surpreendi-me ao constatar que ardiam, apesar de me sentir gelada até ao âmago. As lágrimas despenhavam-se em cascata pelo meu rosto, mais grossas do que as bátegas do aguaceiro. A trovoadá voltava a despertar, ao longe... Isto não podia estar a acontecer! Isto não me estava a acontecer!

Lysander cruzara os braços sobre o peito e afundara a cabeça no meio deles. As suas vestes molhadas eram uma segunda pele; faziam-no parecer um enorme felino de pelo negro, elegante e vigoroso, belo e ameaçador. Como eu o amava! Não podia desistir... Porém, mal abri a boca, ele arrostou-me. E a sua voz soou profunda, cava, consumida por uma emoção que nada tinha de indulgente:

— Desiludiste-me, Kelda... Pior, traíste o teu sangue e a tua gente, para te devotares a um celerado. Ainda é o amor pelo teu irmão que te move? Não... Nenhuma consciência sã pode amar Halvard depois de presenciar as suas atrocidades! Deixaste-te tentar pela ambição, não foi? Pela promessa de reinares ao seu lado...

— Lysander! — carpi entre soluços, com o coração a sangrar. — Como podes dizer isso?

De novo, tentei alcançá-lo, de braços estendidos, suplicante. Estava disposta a arrastar-me aos seus pés para que me escutasse! Mal contive um grito quando me aprisionou os pulsos. As minhas esperanças destroçaram-se ante a sua expressão crispada, deformada por um rancor azedo que o colocava para além de

quaisquer argumentos. Até a luz e a cor se tinham apagado do seu olhar! Era como fixar dois buracos negros que me sugavam toda a energia, o alento, a vida... E, do centro desse universo de amargura, jorravam lágrimas em catadupa, ao mesmo tempo que ele me sacudia com veemência e praguejava, por entre os dentes cerrados de raiva:

— Maldita sejas! Consegues ser ainda mais vil do que o teu irmão! Halvard já nasceu marcado pelo destino, moldado para destruir. Tu foste treinada para servir a luz... E acabaste escrava da escuridão!

— Isso não é verdade — pranteei. — Porque te recusas a ouvir-me?

— Eu devia matar-te! — exclamou, fazendo os meus olhos dilatarem-se de horror, tal o furor da sua ira. — Devia matar-te agora, antes que causes mais estragos... Antes que arruines mais vidas!

— Então mata-me! — bradei, flagelada por uma dor atroz. — Afinal, já me condenaste sem me dares uma oportunidade de defesa! Sabes o que tenho penado desde o desventurado dia em que deixei a Ilha dos Penhascos? Quantas vezes quis arrancar o coração do peito e rasgar a alma? O quanto desejei morrer? — E afrontei-o, num desafio carregado de exacerbação: — Mata-me, Lysander! Mata-me! Acaba com o meu suplício...

— Não! — cortou com um berro feroz. E repeliu-me com tanta força que me arrojou no chão.

Fitámo-nos por um instante, a arquejar e a tremer compulsivamente. O seu rosto era uma máscara grosseira de decepção e revolta. E eu já não possuía ânimo para alterar. A pessoa que eu mais amava negava-me a sua confiança e amaldiçoava-me... Sim, eu queria morrer! Só a morte me libertaria deste flagelo. Então, o meu mestre respirou fundo e mastigou, num tom glacial e pejado de desprezo:

— Não te vou matar, Kelda... Depois do que fizeste, a morte seria uma reparação; um alívio para a tua consciência. Não! Tu tens de viver... E espero que a tua vida seja longa, para que pagues pelos

teus crimes. Hás de sofrer... Hás de ser assombrada pela culpa e atormentada pelo remorso, até ao fim dos teus dias!

As forças abandonaram-me. Prostrei-me no solo alagado, derrotada pela sua intransigência, pisada pela sua crueldade, esmagada pelo seu ódio. Como é que alguém que jurava amar-me podia desejar-me tanto mal? Se Lysander gostasse de mim, acederia a escutar-me e procuraria entender-me, mesmo que as nossas ideias divergissem. Eu só tentara fazer o melhor para o meu povo, por vezes à custa de grande sofrimento e humilhação! Teria errado assim tanto? Talvez... Mas nunca de má-fé! E muito menos de olho nas recompensas de Halvard! O príncipe do Povo da Terra não tinha o direito de me tratar assim. Alvitrar não custava nada... E condenar era ainda mais fácil!

Levantei a cabeça com renovada determinação. A minha agonia transformava-se em fúria e incendiava-me o sangue, concedendo-me alento para ripostar. As coisas não ficariam assim! A bem ou a mal, Lysander tinha de me ouvir... Então, o meu coração parou e a respiração engasgou-se ao encarar o trilho vazio. Pisquei os olhos, incrédula... Não! Não podia ser!

— Lysander! — apelei, sustendo-me com um salto. — Lysander, onde estás?

Um trovão ecoou em resposta. Comecei a correr em círculos como uma ratazana tonta, apenas para regressar ao ponto de partida e concluir o óbvio: o príncipe da Gente Bela virara-me as costas, abandonara-me... E levava Will consigo! Eu ficara tão atordoada que nem reparara que o meu primo também desaparecera.

E agora? E agora...? Obriguei-me a refrear o terror e a ponderar. Manter-me-ia fiel à minha decisão. Lysander não podia estar longe, para mais se carregava Will sobre os ombros. A energia curativa que me cedera pouco regenerara da minha magia, mas não necessitaria de recorrer à Arte para segui-lo. Só tinha de me concentrar... Ele falara numa ponte. E eu vira um desfiladeiro quando subira à árvore para me orientar. Essa era a direção a tomar... Ainda não estava derrotada! Conhecia o meu mestre melhor do que ninguém: a sua

velocidade e destreza, as resoluções que tomava diante dos obstáculos... Haveria de alcançá-lo!

Sem mais delonga, resgatei a espada mágica à lama e lancei-me em sua perseguição.

CAPÍTULO 21

A minha corrida desembestada pela floresta não durou muito. Em menos de nada, deparei com os reforços do Exército do Dragão a esquadriharem os trilhos, em busca de sobreviventes. Não podia perder tempo, por isso deixei o solo e recorri aos ensinamentos que recebera durante o treino com Lysander.

O Povo da Terra era capaz de mover-se através das copas das árvores, saltando de tronco em tronco com uma rapidez impressionante e sem que ninguém, lá em baixo, se apercebesse da sua presença. Não demorei a concluir que tomara a decisão certa. Assim avançava três vezes mais do que se pisasse terra firme. Só tinha de deslizar sobre as árvores, com os olhos no objetivo, ao invés de contornar obstáculos às cegas. Por vezes, a chuva fazia-me escorregar; mas também me ajudava, ocultando os ruídos. Sempre que um ramo se quebrava sob os meus pés, havia outro para me sustentar, sem que a sua queda despertasse suspeitas, pois a fúria da tempestade assumia todas as culpas.

Não admirava que o exército liderado por Will tivesse sido suplantado pelos mercenários ao serviço de Sigarr. O número de guerreiros que cruzavam a floresta era aterrador! E os restantes navios da frota hostil também já deviam ter ocupado grande parte das costas do Império, uma vez que todos os territórios que Halvard deixara para trás estavam conquistados.

Parei um instante para recuperar o fôlego. Na copa da árvore, fixei os olhos no desfiladeiro e calculei que já percorrera metade do caminho. Tinha a certeza de que ganhara vantagem sobre Lysander. O facto de transportar Will não lhe permitiria socorrer-se das árvores. Logo, mesmo conhecendo os atalhos e recorrendo à magia para enganar os inimigos, não superaria o meu progresso. Se eu continuasse assim, chegaria à tal ponte antes dele... E o príncipe casmurro seria obrigado a ouvir-me se quisesse atravessar.

Prossigui, resoluta. Estava toda arranhada, com as mãos e os joelhos a sangrar. O tempo que passara no Sul desabituará-me do rigor destas aventuras. Felizmente, os meus músculos possuíam boa memória. Há muito que as minhas tranças se tinham desfeito e não dava um salto sem que madeixas de cabelos fossem arrancadas pela raiz. A dor enchia-me os olhos de lágrimas, mas o sofrimento físico só me acirrava a obstinação, mantendo-me concentrada no meu propósito e ajudando-me a esquecer a agonia do coração. Essa, sim, era insuportável!

A coberto das árvores, comecei a ver alguns guerreiros do Império a debandarem na mesma direção que eu tomava. Os mercenários de Halvard perseguíam-nos, implacáveis. Aqui e além, avistavam-se cavalos; a maior parte sem cavaleiro. A liberdade e o ânimo que este exercício me concedia estavam a revelar-se um bálsamo para a minha magia. A exaustão que quase me prostrara dissipava-se, como se eu tivesse atingido um ponto em que o esforço atenuava o cansaço, ao invés de o aumentar, proporcionando maior vigor e desembaraço. A minha percepção aguçava-se. Enxergava melhor. Ouvia claramente. Distinguia o odor dos homens e dos animais que se moviam no solo, muito antes de os avistar. Aos poucos, recuperava a energia que fazia de mim uma filha da Montanha Sagrada.

Estava tão absorta no objetivo que perdi o pé ao reconhecer a voz do meu irmão. Engoli um grito, enquanto me despenhava sobre os ramos, tentando desesperadamente contrariar a queda. Um tronco mais robusto acabou por me deter, quase me quebrando ao meio. Fiquei a balançar, com o solo a oscilar por baixo dos olhos; braços e pernas pendidos, sem fôlego e com as costelas a arder. Não fora a minha resistência mística e as entranhas ter-me-iam saltado pela boca. O mais ridículo era perceber que me assustara em vão! Halvard ainda se encontrava bastante afastado... Eu voltava a distinguir a sua voz de entre as demais. Berrava iracundo... O prisioneiro escapara-lhe por entre os dedos.

Incapaz de decidir se me apetecia rir ou chorar, mordi os dentes para enganar a dor e icei-me para o tronco. Palpei as costelas... Partira pelo menos duas. Nada que me impedisse de continuar! Preparava-me para trepar em direção à copa quando o meu instinto troou em alerta. Um guerreiro aproximava-se a correr... Apercebi-me do cheiro do seu suor, do seu medo. E, por mais estranho que tal pudesse parecer, esse odor era-me familiar!

Quem quer que fosse passou por baixo de mim tão rápido que tudo o que distingui foi um rasto de pelo cinzento. O espanto subjuguou-me. Eu vira um homem ou um lobo gigante? O prisioneiro de Halvard... O cavaleiro viquingue que acompanhara Will era alguém que eu conhecia! Saltei sobre os ramos até recuperar o meu ponto de equilíbrio. Tinha de alcançar o guerreiro da pele de lobo. Porém, no momento em que ia precipitar-me no seu encalço, os sentidos avisaram-me para um novo perigo... Primeiro, o estrupido atoador de patas a galope e ramos despedaçados, como se um touro acometesse através do trilho, arrasando tudo à sua frente. Depois, um fedor que misturava podridão com vapores de lava. Enfim, o lobrigar momentâneo de algo indescritível, descomunal, demolidor; com uma cor berrante, afogueada... Um cavalo ou um boi com uma pele vermelha agarrada ao dorso? Não! Pior... Muito pior! Deimos!

Pensar paralisar-me-ia de terror. Por isso não pensei. Corri. Saltei. Voei de tronco em tronco, mais depressa do que alguma vez fora capaz no auge da minha pujança física. Impelia-me o medo, a aflição, a certeza de que o guerreiro-lobo ia ser desfeito antes de ter tempo de soltar um gemido. Avistei a pele rubra e o pelo cinzento. A distância que os separava diminuía a cada fôlego. Passei por Deimos... Fazer-lhe frente seria a mais disparatada das temeridades! Opções... Opções... Lá estava o viquingue. O que fazer, Kelda? O que fazer?

Lancei-me para o solo, deslizando por entre os ramos. Conhecia bem de mais a linguagem do corpo de Deimos. Preparava-se para

marrar contra o homem. Cair... Cair... Cair... Os meus pés tocaram o solo. As pernas impulsionaram-me para o lado. Os braços intercetaram o guerreiro-lobo na sua corrida... E um vento maligno gelou-me a essência.

Rebolei no solo alagado, com as costas do homem coladas ao meu peito e um estrondo ensurdecedor a ressoar-nos aos ouvidos. O guerreiro era muito mais alto e forte do que eu, mas a minha magia estava acesa e fazia o sangue arder, concedendo-me um vigor excepcional. Uma árvore deteve o nosso trambolhão desgovernado. Então, tapei-lhe a boca com a mão para que não gritasse, ao mesmo tempo que enrolava as pernas em torno do seu corpo, impedindo-o de se mexer. Ele bem tentava! Queria desesperadamente pôr-se de pé. Fugir... E o seu pânico era mais do que justificado! Deimos quedava-se a três passos, urrando e lutando furiosamente para desenterrar os cornos encravados num tronco centenário. Se eu não tivesse interferido, seria o guerreiro que estaria espetado nos seus chifres, completamente destroçado.

Inspirei fundo, assimilando uma miríade de questões num piscar de olhos. A energia fluía da minha essência para a essência do meu protegido... Nunca antes eu tentara essa proeza mística. Aliás, julgara-a impossível de concretizar! Agora, o pavor compelia-me a arriscar. Por cima dos seus ombros, via a minha pele ficar baça sob a ação do poder que me tornava invisível. E o verdadeiro prodígio era constatar que a sua pele adquiria o mesmo tom! Eu conseguira! O guerreiro também estava encoberto do olhar de Deimos... Ou assim eu esperava! De outra forma, éramos presas mortas.

Talvez nada disto tivesse sido exequível se o guerreiro não possuísse sangue misto. Reconhecera-o mal lhe caíra em cima, mas ainda me custava a crer... Agora, tinha de me esforçar por aquietá-lo; convencê-lo a acreditar no inacreditável!

— Ulfvaldr... — murmurei-lhe ao ouvido. — Magia. Quietos!

E mergulhei num silêncio profundo. O meu primo identificou-me pela voz e permiti que virasse um pouco a cabeça, para que confirmasse que não estava a delirar. Estremeceu de comoção e, de

imediatamente, deixou de estrebuchar. A mão que cobria a minha, lutando para arrancá-la dos seus lábios, parou de fazer força e afagou-me os dedos. Fechou os olhos e percebi que tentava serenar a respiração. Ainda assim, não o soltei... As nossas vidas sustinham-se por um fio e o mais pequeno deslize seria fatal.

Deimos libertou-se da árvore e cambaleou sob a violência do esticão. A terribilidade da sua figura estava perturbada por uma tira larga de tecido, atada em torno dos quadris. E eu adivinhava porquê! Abanou a cabeça, soltando um rugido que abafou o fragor da trovoadas e fez o solo tremer. Todos os músculos do príncipe viquingue retesaram-se. Abracei-o com convicção, para me assegurar de que não debandaria ao encontro da morte. Em simultâneo, domei o sobressalto do meu coração. Se perdesse o controlo da magia seria o fim.

A cauda segmentada de Deimos rasgou o ar como um chicote, decepou os arbustos e estalou no chão, espalhando ondas de lama ao seu redor. Os ombros vergaram-se e tornou a esticar o pescoço, roncando com uma fúria selvagem. Depois, voltou a brandir os cornos como armas, a dilacerar a chuva com as garras, a espezinhar o solo... Os seus olhos eram fogueiras e o nariz fumegava. Fogo líquido espumava por entre as suas presas... Eu sabia o que ia acontecer e estreitei Ulfvaldr, num alerta aflitivo. Pressionei a língua contra o céu da boca para não gritar. Nem o mais corajoso dos espíritos conseguiria ficar indiferente perante o vômito de labaredas daquele monstro.

O jorro ardente rasgou a bruma da floresta, incendiando árvores à nossa esquerda... à nossa direita... deixando-as a arder como piras gigantes, mesmo debaixo do aguaceiro. E, mais uma vez, o demónio bramiu de ódio. A presa desaparecera debaixo do seu nariz e ele era incapaz de lhe apanhar o rasto. Furibundo, cravou as garras no tronco mais próximo e rasgou a casca de alto a baixo. Se agitasse agora a cauda... Escutei o assobio e vi a sombra da morte. A mão do meu primo apertou a minha. Fechei os olhos... E a cauda estalou a

um palmo da minha testa. Novo berro de raiva... E, de repente, o silêncio.

Abri os olhos a tempo de ver Deimos desaparecer por entre as árvores que ainda ardiam. Lentamente, comecei a afrouxar o aperto que exercia sobre o meu primo... Escapáramos por um triz de ser assados vivos! Sobre as nossas cabeças, a madeira ostentava um corte tão profundo que era possível enterrar os dedos no seu interior.

Ainda mal refeito do susto, Ulfvaldr encarou-me e murmurou aturdido:

— Kelda? Mas... Como? De onde apareceste? E o que foi que fizeste para que o monstro não nos visse?

A última vez que estivéramos juntos fora antes do ataque de Deimos à Ilha dos Penhascos, quando Ulfvaldr visitara o Império para pedir a mão da princesa Beth em casamento. Já então, eu notara que ele perdera os traços de menino e se tornara um homem bastante atraente. Agora, achava-o ainda mais maduro, consciente das responsabilidades que pendiam sobre os seus ombros. Todavia, o encanto sedutor do olhar verde cristalino não se perdera! Não fora ter os cabelos encaracolados como os da sua mãe, a rainha Thora, e o meu primo seria um reflexo perfeito do pai, o rei Ivarr do povo viquingue. Respirei fundo e respondi com firmeza:

— Apenas recorri à magia... E tu ajudaste-me bastante! O poder do teu sangue é forte.

— Estás a ser gentil — replicou modestamente. — Mas é verdade que Thorson me ensinou algumas coisas... Já te contei que, por vezes, treinamos juntos.

— Sim... — Os meus olhos fixaram-se na belíssima pele que lhe ornava os ombros. — Só desconhecia que te tinhas tornado um guerreiro-lobo.

— Convidei-te para a minha prova de iniciação... Se me tivesses obsequiado com a tua presença, saberias que fui honrado com o espírito de um Lobo Cinzento.

A sua voz estava carregada de malícia. Eu sempre tentava esquecer que Ulfvaldr desenvolvera uma paixoneta por mim... E ignorar que, só por pouco, esta não se transformara numa obsessão doentia! Porém, as suas provocações eram de somenos importância, atendendo ao que acabara de revelar. Expressei a minha surpresa com sincero agrado:

— Um Lobo Cinzento? Um líder de alcateia? Como o avô Throst?

Por vezes, durante as provas de iniciação, os jovens com aspirações a guerreiro eram procurados por espíritos sagrados, que podiam assumir a forma de um animal. Da fusão das suas essências, resultava um elo inquebrantável, o qual abençoava o homem ao longo da vida. Todavia, um Lobo Cinzento era muito mais do que um espírito... Era um guardião de almas! Um líder entre os líderes! Eu estava realmente orgulhosa do meu primo. Isto provava que ele nascera para conduzir os destinos do nosso povo, com equidade e justiça.

— Sim — confirmou, sorrindo provavelmente ante o meu entusiasmo. — É uma responsabilidade tremenda... Mas faço tudo para merecê-la! Inclusive, só visto a pele do meu lobo em combate para que o seu espírito me proteja. E, hoje, a sua magia colocou-te no meu caminho... Estou abismado! Tinha a certeza absoluta de que ia morrer! — Fez uma pausa e franziu o sobrolho, aproximando o rosto do meu, antes de insistir: — Não me respondeste, Kelda... Como foi que me caíste em cima?

Libertei-me das suas mãos, esforçando-me por não soar brusca ao volver:

— Estava a tentar chegar à ponte... Tenho de falar com Lysander.

— Fugiste do teu irmão?

A pergunta apanhou-me desprevenida. Ergui-me abruptamente, aliviada por verificar que as minhas pernas não tremiam. Engoli em seco e, só então, reuni coragem para ripostar:

— Não propriamente. É complicado, Ulfvaldr...

— Tão complicado que não me possas contar? Não confias em mim?

Enfrentei o olhar cristalino e revidei, pertinaz:

— E tu? Confias em mim? Não achas que sou uma traidora, uma assassina...?

— Deixa-te de tolices, Kelda! — cortou gravemente, pousando uma mão firme sobre o meu ombro. — Acabaste de me salvar! E, mesmo que assim não fosse, sabes bem que sempre te escutei, sempre te admirei... — Forçou um sorriso leve e concluiu, como se decidido a gracejar para aliviar a tensão que crescera entre nós: — Sabes que sempre te estimei... Até mais do que estavas disposta a tolerar!

Não obstante as peripécias da nossa relação, Ulfvaldr nunca perdera o dom de me fazer rir. Recordei a arrelia que sentira quando ele me perseguira com a ideia fixa de me desposar e retribuí o sorriso. Esses tempos de inocência não mais voltariam... Suspirei e confrontei-o:

— Então, não acreditas nas histórias que te chegaram aos ouvidos?

— Histórias são histórias — retrucou sem hesitar. E acariciou-me a face, prossequindo circunspecto: — O que me importa é a franqueza que vejo no teu olhar. A tua comoção. A tua fragilidade... — Os seus dedos secaram as lágrimas rebeldes que os meus olhos vertiam. Mal contive um soluço quando declarou: — Tu és pura... E é na tua pureza que eu acredito. É certo que já ouvi muitas coisas... Porém, o que acabaste de fazer prova que o teu coração não mudou! Se lutas ao lado do teu irmão, alguma razão deves ter... Mas a Kelda por quem me apaixonei é a mesma que está à minha frente! E, um dia, quando a verdade sobrevir, aqueles que te acusam de traição acabarão por se inclinar diante de ti e suplicar o teu perdão.

Eu tremia como uma folha solta ao vento. Jamais esperara ouvir tais palavras... Sobretudo da boca de Ulfvaldr, que ainda devia estar ressentido com a minha rejeição! Como desejava que tivesse sido Lysander a confortar-me assim; a oferecer-me incondicionalmente a sua confiança...

— Lysander não acredita em mim — desabafei, amargurada. — Acha que matei Will.

— Will está morto? — alvoroçou-se Ulfvaldr.

— Não! — apressei-me a esclarecer. — A espada com que o trespassei é mágica. Mas Lysander não me deixou explicar... Eu não tive opção! Halvard ia degolá-lo...

Ulfvaldr escutava-me! Apesar de inicialmente se horrorizar, depois espantar e, finalmente, passar a mão pela testa, cheio de dúvidas, pelo menos permitia que me justificasse sem interrupções, sem acusações, sem explosões de fúria...

De repente, o som de uma corneta calou-me a voz. Era um último apelo! Sem hesitar, o príncipe viquingue agarrou-me a mão e urgiu:

— Temos de ir... Contas-me o resto quando estivermos em segurança.

— Eu... — titubeei confusa. — Eu não sei...

Num arrebatamento, atraiu-me contra o peito e capturou-me o olhar, objetando:

— Não vou argumentar contigo, Kelda! Vens, nem que tenha de te carregar ao colo!

Corremos através da floresta, fustigados pela chuva, de mãos dadas como crianças... E, no futuro, eu haveria de recordar esse momento como uma dádiva preciosa, um calor para o coração, um bálsamo para o espírito. Era óbvio que Ulfvaldr ainda me amava! Eu vira-o nos seus olhos, sentira-o no ardor da sua voz... E como desejava ser capaz de lhe corresponder! Ele era um homem bom, justo e sábio. A sua única falha fora apaixonar-se por mim! Eu era a sua fraqueza; o veneno viciador que lhe corria no sangue, corrompia a razão e coagia a fazer loucuras. Durante algum tempo, a nossa família acalentara o sonho de nos ver juntos, sentados no trono do reino viquingue... Tão simples! Tão perfeito! Porque é que eu tinha de ser tão complicada?

— Estamos perto — anunciou, quase sem fôlego. — Estás bem?

— Sim... — assegurei. Mal terminara de arfar, saímos do abrigo das árvores e o céu abriu-se sobre as nossas cabeças, cinzento e ameaçador. Um enorme fosso de rocha estendia-se à nossa frente, rasgando o solo para a direita e para a esquerda, até onde a vista conseguia alcançar sem que a floresta o engolisse. O estridor do aguaceiro ocultara o som do rio. Agora, eu distinguia perfeitamente o seu canto feroz, no fundo do precipício, alimentado por inúmeras cascatas que ruíam pelas acidentadas paredes de pedra. A veemência da chuva era tão avassaladora que arrastava para o abismo troncos, arbustos e uma imensidão de lama carregada de matéria morta.

— Vem — incentivou o meu primo, puxando-me pela mão.

A curta distância, uma ponte de madeira ligava as duas margens. As suas pranchas robustas, presas com cordas mais grossas do que o meu punho e entrançadas numa rede intrincada, conferiam-lhe um aspeto sólido e fiável... Mas não debaixo desta tempestade! Um vento selvagem aliava-se à chuva e fazia a enorme estrutura oscilar, qual cordel de saltar nas mãos de uma garota traquina. As tábuas gemiam e os cabos rangiam, esticados até ao limite. Ainda assim, alguns homens acabavam de transpor a ponte, reunindo-se a um pequeno grupo de companheiros. Sustive o fôlego, chocada, ao perceber que aqueles soldados eram tudo o que restava do exército do Império que fizera frente a Halvard. E o meu coração quase parou ao divisar um guerreiro alto e vigoroso, vestido de negro, prestes a completar a travessia com um corpo inanimado deitado sobre as costas.

— Kelda! — chamou Ulfvaldr. Como não me mexi, arrastou-me consigo até às árvores escolhidas para suportarem a ponte. A espessura dos troncos denunciava mais de uma centena de anos e as suas raízes deviam rasgar a terra até ao fundo do desfiladeiro. As cordas que as envolviam não apresentavam sinais de deterioração... Ainda assim, parecia incapaz de avançar, tolhida por uma inquietação irracional.

— Não receies — apelou o meu primo ao ver-me pregada à terra.
— A ponte é segura!

Porém, não era o medo que me fazia engolir em seco. Era uma sensação diferente... como se uma força invisível me puxasse para trás, impedindo-me de seguir aquele caminho. Tremia sem controlo, mas enchi o peito e aguicei a determinação. Estava demasiado perto da liberdade para permitir que uma fraqueza injustificada me subjugasse! Dei um passo... Então, uma dor aguda na palma da mão revelou-me a razão do meu inopinado desconforto.

Horrorizada, estaquei a olhar para a cicatriz do pacto que firmara com o meu irmão. Sem nenhum motivo, a carne fendera-se e sangrava em torrente... O sortilégio que Halvard me impusera! Aparentemente, a magia gerada no ritual manifestava-se como uma advertência se algo ameaçasse em definitivo a solidez do nosso elo. E isso significava que a mão do meu gémeo também devia ter começado a sangrar, alertando-o para a minha fuga.

«Devotaste-te a mim, Kelda... Já nada nos pode separar!»

Talvez Halvard até fosse capaz de usar essa energia para me localizar, onde quer que eu me escondesse! A confirmar-se tamanha barbaridade, podia estar a precipitar-se para aqui...

— Estás ferida? — indagou Ulfvaldr, preocupado. E inferiu: — É por isso que te sentes mal! Eu levo-te ao colo...

— Não! — gemi, afastando-o. — Eu sou capaz!

E avancei, resoluta. Preferia esvair-me em sangue do que ficar novamente à mercê da crueldade do Filho do Dragão!

Pisei as primeiras pranchas no instante em que Lysander chegava à outra margem. Ulfvaldr manteve-se ao meu lado e continuou a encorajar-me: em breve estaríamos a vestir roupas secas e a beber chá quente... De súbito, uma rajada de vento indomável torceu a ponte. Eu segurei-me sem dificuldade, mas o príncipe voou pelo ar como se projetado do dorso de um cavalo bravo. Só por pouco não tombou no abismo! No último momento, conseguiu agarrar-se à teia de cordas e içar-se para a segurança das tábuas. Porém, vê-lo enfrentar a morte fez-me gelar até ao âmago... E a minha mente

como que se expandiu, cegando-me para a realidade e lançando-me na voragem de uma recordação funesta.

Eu já empreendera esta corrida pela floresta na companhia de um lobo! Reconhecia este desfiladeiro, esta ponte... A minha vida desenrolava-se tal qual eu testemunhara num pesadelo atroz, que se assomava como uma Visão! E lembrava-me perfeitamente de como a imprecisão terminara... Agonia! Fogo! Morte! A vingança do Filho do Dragão a destruir a Terra!

Sacudi a cabeça e pisquei os olhos, forçando-me a reagir. Na outra margem, Lysander acabara de pousar Will em solo firme e regressava à ponte, alertado pelos gritos de aflição dos guerreiros, ante a queda quase fatal do príncipe viquingue. Entrementes, Ulfvaldr já recuperara o equilíbrio e virava-se para me dar a mão. Porém, gritei-lhe com firmeza:

— Vai! Estou mesmo atrás de ti...

E ele confiou. Desatou a correr com toda a garra, acreditando que eu o seguia. Arquejei sofregamente, tentando engolir o pavor. A minha mão continuava a sangrar e o corte ardia como se em chamas. Com mil ratazanas ressequidas, não podia desistir quando a salvação estava a um palmo do meu nariz! Uma Visão era uma possibilidade, não uma realidade incontornável. E eu ia contrariá-la! Havia de provar que era senhora do meu destino! Para isso, só tinha de atravessar esta maldita ponte.

Ulfvaldr tornara a deter-se, abismado com a minha inércia. Lysander corria ao nosso encontro... Se bem o conhecia, haveria de me fazer prisioneira. Todavia, quando Will recobrasse, seria obrigado a retratar-se! E eu estava disposta a perdoá-lo, porque o amava para além da razão. Depois, só teríamos de nos unir a Thorson e delinear uma estratégia para travar Halvard...

Inesperadamente, um apelo ecoou, cortando o meu raciocínio; sobrepondo-se ao estridor do vento e da trovoada, aos rugidos do rio e das quedas-d'água, ao clamor dos homens... ao ribombar do meu coração:

— Kelda, para! Não podes atravessar!

Essa voz... E essas palavras! Precisamente as mesmas palavras da Visão!

Cuspi o ar como se recebesse um pontapé na barriga. Depois, encarei o recém-chegado na esperança de que ele não fosse real... Mas era! Sigarr detinha-se no meio das árvores que sustentavam a ponte e estendia-me a mão, repetindo num tom trémulo, quase humilde e atormentado:

— Kelda... Tu prometeste...

— Vem, Kelda! — gritou Ulfvaldr, açoitando a minha consciência.
— Depressa!

Senti a cabeça a estalar e o coração a rasgar-se. O meu primo retrocedia para me buscar... Todavia, o príncipe da Gente Bela alcançou-o, agarrou-o pelos ombros e sacudiu-o. Não entendi o que disse, mas a discussão inflamou-se. E, de repente, tio e sobrinho pegavam-se à pancada, em cima de uma ponte que balançava violentamente sobre um precipício. Iam cair e morrer por minha culpa!

— Kelda... — insistia Ulfvaldr, desprezando os grunhidos de Lysander.

— Kelda... — rogava Sigarr, ensaiando um passo na minha direção.

A chuva lavou-me as lágrimas. Lancei um último olhar aos homens que se engalfinhavam como doidos... E rodei nos calcanhares, correndo para o feiticeiro. O que mais podia fazer, além de me submeter? Se Sigarr desejasse, bastar-lhe-ia estalar os dedos para fazer ruir a ponte e aniquilar, de uma assentada, o futuro rei da Gente Bela e o futuro rei do povo viquingue.

O mestre da Arte Obscura recebeu-me com a expressão de um condenado a quem foi concedido um indulto. E vi lágrimas nos seus olhos! Não gotas de chuva, nem um efeito da estranha luz que nos rodeava... Lágrimas genuínas! Sigarr chorava por mim? Ou chorava de alívio, porque eu não o abandonara para morrer às mãos da sua perversa criação? Descontrolado como nunca o vira, ergueu os braços para me estreitar e gemeu:

— Voltaste...

Afastei-o sem medidas e rosnei com ardor:

— Voltei! Mas, desta vez, sou eu quem dita as regras!

Pelo canto do olho, vi Lysander arrastar Ulfvaldr para a margem oposta. O sobrinho continuava a praguejar e a debater-se. O príncipe da Gente Bela apontava para mim, chamando-lhe a atenção para o que considerava ser uma nova traição. De seguida, desembainhou a espada... E percebi, de imediato, o que se dispunha a fazer. O dever acima de tudo era o seu lema! Pois eu também aprenderia a calar o coração e a agir exclusivamente sob a influência da razão. O meu amor estava perdido... Então, viveria para salvar o meu povo e limpar o meu nome.

— Regras? — já entaramelava Sigarr, alarmado. — O que é que queres dizer com isso?

O que queria eu dizer? Que não tencionava continuar a acompanhar Halvard. Que não existia vontade terrena ou divina que me obrigasse a lutar ao lado de Deimos. Que não voltaria a derramar nem mais uma gota do sangue que jurara defender, com espada mágica ou sem ela. Que ia, finalmente, honrar a missão que a Pedra do Tempo me confiara.

Desta feita, fui eu quem destruiu a distância que nos separava. Empinei o nariz até trespassar o olhar celeste... E esqueci todos os temores e melindres. Plenamente segura do que desejava, arrotei o feiticeiro de igual para igual e estabeleci, numa voz firme e despida de emoção:

— Vais levar-me para o Sul, Sigarr. E Erebus virá connosco. Quero treinar como Halvard treinou. Desvendar os segredos da magia negra... Aprender tudo o que tu tens para me ensinar!

— Queres tornar-te mestra da Arte Obscura? — titubeou, incrédulo. Depois, perspicaz, sacudiu a cabeça em negação e enunciou, com o sobrolho franzido: — Não... Tu queres é que eu te prepare para enfrentares o teu irmão! Esperas superar o seu poder e mudar-lhe o destino... É um esforço inútil!

— Veremos!

— É tarde para deter Halvard, Kelda...

— Farás o que eu quero, Sigarr! Ou esta pravidade termina aqui!

Ele rugiu, ante o meu denodo. Achei que ia perder a cabeça e ameaçar-me. Contudo, após um instante de reflexão, escolheu outro caminho:

— Mesmo que eu acesse... o teu irmão jamais consentiria que o deixasses!

— Convence-o!

— Sabes que tal é impossível...

Um estrondo ensurdecedor sufocou-lhe a voz. Apesar de estar de costas, adivinhei que Lysander acabara de cortar um dos cabos que suportavam a ponte. Virei-me a tempo de vê-lo afastar Ulfvaldr, brandir a espada e cortar o segundo... E a enorme estrutura de madeira precipitou-se no abismo, separando as duas margens, apartando-nos definitivamente. O estalar das tábuas que se partiam contra as rochas, antes de tombarem no rio, tomou conta da minha mente, como se fosse o meu próprio coração a despedaçar-se. Os nossos olhos encontraram-se... E, não obstante a distância que nos separava, fiz questão de que o príncipe da Gente Bela assimilasse a minha mensagem:

«Foste um bom mestre! Ensinaste-me a fazer o que tem de ser feito!»

Por detrás de Lysander, Ulfvaldr detinha-se, lívido, como se não acreditasse no que acabara de acontecer. Dois homens que diziam amar-me... Porém, como era diferente esse amor! O príncipe da Gente Bela fixava-me, hirto como uma estátua de pedra, inflexível na sua resolução. O príncipe viquingue tombava de joelhos no solo e, sem se importar com os guerreiros que o rodeavam, escondia a cabeça entre as mãos e bradava como se estivessem a arrancar-lhe a alma. Julgava-me perdida... Todavia, há muito que eu não me sentia tão confiante! Tornei a arrostar o feiticeiro e retruquei, inexorável:

— Não tens opção!

E, antes que ele pudesse deter-me, desembainhei a minha espada, rodei-a no pulso e cravei-a no ventre, com uma determinação implacável. A lâmina furou, deslizou, rasgou... A minha sorte estava selada.

— Kelda! — clamou Sigarr, dividido entre o choque e o horror. E eu desfaleci nos seus braços... Era estranho, mas só agora sentia dor: excruciante, como ele próprio descrevera.

O meu sofrimento não perdurou. De imediato, o feiticeiro começou a impregnar-me com energia curativa para me manter desperta. Ajoelhou-se no chão e puxou-me para o seu colo. Depois, tomou o meu rosto entre as mãos e obrigou-me a encará-lo, enquanto ofegava sem tentar disfarçar a aflição:

— O que é que faço agora?

Sustentei o olhar celeste, ardente de comoção, e não me coibi de desafiar:

— Não és o mestre das artimanhas? Desenleia-te!

— Isto não é uma brincadeira, Kelda! Deitaste tudo a perder...

— Não — titubeei. — Faz o que te disse... Senão, Halvard irá testemunhar o meu despertar. Descobrirá que andei a enganá-lo... E há de querer saber qual a origem da espada...

Não obstante a magia que o feiticeiro me cedia, a minha mente começava a encher-se de névoa. Mesmo assim, apercebi-me dos gritos que ecoavam do outro lado do precipício. Ulfvaldr uivava o meu nome com uma dor imensurável. De Lysander, nem um pio... Surpreendi-me quando os dedos de Sigarr deslizaram pela minha face, numa carícia arrebatada, ao mesmo tempo que murmurava:

— Sua desvairada impertinente... Como é que permiti que me enredasses assim?

Quase sorri, triunfante. Levei a mão à espada para tentar libertar-me, pois só assim a magia se concretizaria. Porém, ele pôs a mão sobre a minha e objetou:

— Tens de te aguentar... Halvard está a chegar.

Confirmei com a cabeça, demasiado atormentada para falar. Sigarr tinha razão. No instante em que removesse a espada, o meu

coração pararia de bater. E o meu irmão tinha de me encontrar viva para engolir este embuste.

— Fecha os olhos — ordenou. E não tardei a perceber porquê.

Halvard irrompia da floresta, berrando alucinado. Movia-o a raiva, convicto de que o sangue que escorria da cicatriz do nosso pacto era um testemunho de traição. Contudo, ao deparar-se com o meu corpo prostrado, o seu tom alterou-se:

— Kelda! Kelda... — gemeu, rouco de desespero, deixando-se cair ao nosso lado e apertando a minha mão. — Não pode ser! Não! Não!

— Tem calma, Halvard — atalhou Sigarr, antes que a aflição levasse o pupilo a cometer um desatino. — A tua irmã vai ficar bem!

— Bem? Esta ferida é mortal!

— Sei como sará-la... Alguma vez te deixei ficar mal?

— Não posso perdê-la...

— Não vais perdê-la! Kelda está sob o efeito da minha magia. Pula inconsciente para minimizar os danos. Erebus há de curá-la...

— Erebus está ferido! Não terá energia para ajudá-la!

— Já estive com o teu primo. Ele recuperou mais rápido do que seria de esperar. Confia em mim, Halvard! Vê como a tua irmã respira sem sobressaltos. E como o seu coração bate com força. Desde que a espada não seja removida, posso mantê-la viva por muito tempo. Só tenho de levá-la até Erebus...

— Então, eu acompanho-vos.

— Não! Tu vais é castigar quem a atacou, antes que o infame escape impune!

Fiquei tensa nos braços de Sigarr. O que é que ele estava a tramar? Isso não fazia parte do nosso acordo! Todavia, forcei-me a raciocinar e achei a resposta. A maneira que o feiticeiro engendrara de se livrar do Filho do Dragão fora atribuir-lhe uma missão que ele não podia rejeitar. Só assim todas estas mentiras se sustentariam. Para começar, Erebus não estava feito... Era impossível! E, de modo nenhum, Halvard podia testemunhar o momento em que a lâmina saíria do meu ventre.

— E quem foi o autor dessa hediondez? — rugiu o meu gêmeo, demasiado perturbado para enxergar o ardil. E o feiticeiro voltou prontamente:

— O seu antigo mestre, a quem Kelda renunciou por amor a ti. Lysander da Gente Bela não hesitou em prostrá-la quando ela se recusou a segui-lo. Felizmente, eu estava por perto e apercebi-me de tudo... Vai, Halvard! Não percas mais tempo!

O meu irmão esbravejou, acirrado pelas palavras do mestre. Depois, apertou-me a mão e voltou a fundir o nosso sangue, enquanto me beijava a testa e arquejava:

— Aguenta-te, querida! Hei de vingar-te! Perdoa-me... Pensei que ias abandonar-me e afinal... Afinal estavas a morrer! — Num ímpeto, ergueu-se e precipitou-se até à beira do desfiladeiro, fremindo com um ódio desmedido: — Lysander, seu bastardo! Achas que estás seguro nessa margem? Foge, cobarde! Corre com todas as tuas forças... Mas fica ciente de que eu vou apanhar-te! E irei arrancar-te o coração e beber o teu sangue! Isso, miserável... Foge! Foge!

Lysander já devia ter ordenado a retirada e convencido Ulfvaldr a embrenhar-se na floresta. Para eles, eu estava morta... Mas não por muito tempo! Assim que Will despertasse, haveriam de entender o que estava em causa... Ou talvez não! De qualquer modo, eu tinha outras coisas com que me apoquentar. Pelas leis da natureza, estava a finir-me... Será que a magia ia manifestar-se? Estremeci quando ouvi Halvard demandar:

— Sigarr... Na impossibilidade de salvá-la, assegura-te de que a sua essência não abandona o corpo antes do meu regresso. Se eu não puder reinar com Kelda ao meu lado, reinarei com a sua energia dentro de mim!

Com mil ratazanas moribundas, estava tudo dito! O Filho do Dragão não admitia perder... Pois eu também não!

Dei por mim a recordar-me da *Observadora* Íris... Exasperava-me pensar que tivera de percorrer este longo caminho para compreender as suas explicações veladas e os seus alertas explícitos. Porém, finalmente interiorizara as regras desta insídia e

estava preparada para assumir o meu destino... O Jogo da Antecipação ia começar! Será que eu deixaria de ser Kelda, filha da Montanha Sagrada, para me tornar Kelda, mestra da Arte Obscura? Pouco importava! Depois de todos os suplícios que sofrera, esta guerreira-feiticeira estava para além de quaisquer medos, pudores ou tormentos de consciência.

Movimento. pulsação. Magia de Luz... Magia de Trevas... Eu não recuaria perante nada! Faria «tudo o que tivesse de ser feito» para vencer esta guerra.

EPÍLOGO

O príncipe Lysander da Gente Bela inspirou o ar com força, tentando acalmar as batidas desabaladas do seu coração. O feiticeiro estava atrasado... Com certeza delongava-se de propósito, para agravar a sua agonia! Tinha de se controlar para não comprometer a posição que defendia. Obrigar-se a esquecer a dor que lhe destroçava o peito... No fim, só Kelda importava.

A ideia de estar a ser vítima de uma armadilha já lhe cruzara a mente. O mestre da Arte Obscura procurara-o numa Visão e ordenara-lhe que guardasse segredo sobre a combinação desse encontro. E ele acatara, contra toda a lógica, desprezando a prudência que uma situação tão delicada exigia, traindo as regras que sempre regulavam as suas decisões. Dispunha-se a tudo para obter a liberdade de Kelda! Inclusive, haveria de se entregar ao inimigo, se este aceitasse negociar uma troca. Morreria com um sorriso nos lábios se soubesse que o seu amor estava a salvo... Só queria olhar nos olhos verde-floresta e confirmar que ela o perdoava.

O tempo continuava a passar e nem sombra do feiticeiro. Lysander começou a recear o pior. Pelo menos, tivera tempo de diligenciar para que os seus protegidos navegassem para o Norte, onde ficariam escudados do inimigo até ao fim da primavera. A viagem seria dura, mas imprescindível, agora que o ímpeto assassino daquele que se intitulava «Filho do Dragão» ganhara um novo fôlego, com a conquista esmagadora do Império. Se bem o conhecia, Halvard não iria esperar que o inverno findasse para atacar a Grande Ilha — um alvo muito mais pequeno e frágil do que o poderio do famigerado rei Bernard, *o Valoroso*. Por isso, fora necessário colocar os herdeiros dos Aliados longe do seu alcance. Só eles teriam força para erguer as suas casas das cinzas e devolver a esperança ao povo quando a guerra terminasse.

O último navio suficientemente intrépido e robusto para desafiar os mares bravios e gelados que os separavam do País dos Viquingues partira da Ilha dos Penhascos há mais de uma semana. Só Ulfvaldr se recusara a embarcar, declarando que não era nenhum covarde para se esconder no castelo dos pais, enquanto os guerreiros da Aliança vertiam sangue pela sua causa. Lysander voltara a discutir com o sobrinho, tentando fazê-lo ver a importância da sua presença num navio carregado de mulheres e crianças. A vitória numa guerra não dependia exclusivamente das lutas travadas... Porém, o príncipe viquingue mostrara-se irredutível. Will e Beth podiam garantir a segurança e o bem-estar a bordo. Ele permaneceria na Ilha dos Penhascos e ajudaria os homens a concretizarem o plano que o seu tio-avô, Lorde Edwin McGraw, engendrara para combater o Exército do Dragão, uma vez que este tivera de partir para a Enseada da Fortaleza, a fim de ajudar o irmão, Lorde Stefan, a preparar a defesa do seu território.

Apesar de a teimosia do sobrinho o irritar, Lysander conseguia entendê-lo. Também ninguém seria capaz de afastá-lo do cenário de combate, por mais que argumentasse. Além disso, sabia que, para além da fúria e da honra guerreira, existia outra razão que forçava Ulfvaldr a permanecer na Ilha dos Penhascos: o seu amor por Kelda. O príncipe viquingue quase enlouquecera quando vira a prima tombar, do outro lado do desfiladeiro. Para além de suportar a sua própria dor, Lysander tivera de vigiar constantemente o sobrinho, com receio de que o desgosto o empurrasse para alguma imprudência. Porém, após o choque, Ulfvaldr reagira de uma forma estranha... A espada com que Kelda se trespassara era mágica — teimara mil vezes, com um olhar alucinado. Ela estava viva! Não podiam abandoná-la!

Lysander temera pela sanidade do sobrinho, até ao momento em que vira o príncipe William regressar dos mortos. A história que o herdeiro do Império tinha para contar, conjugada com as afirmações de Ulfvaldr e as confissões que Kelda lhe fizera, por entre lágrimas de aflição, tinha levado o príncipe do Povo da Terra a admitir que

cometera o maior e mais grotesco erro da sua vida. Todavia, era tarde para remediar o mal feito! Não confiara na mulher que amava, nem mesmo quando ela lhe suplicara que a escutasse... Ficara cego de horror, tão desiludido e desesperado que lhe virara as costas. Pelo contrário, Ulfvaldr nem questionara a prima, por mais inverosímeis que as suas palavras lhe pudessem ter soado. Dera-lhe a mão. Lutara para salvá-la... Lysander jamais esqueceria as acusações que o sobrinho lhe cuspira no rosto, terminando com azedume e desprezo:

«Tu não és digno do amor da Kelda... Não a mereces! O pior é que ela é incapaz de olhar para outro homem com a mesma paixão com que olha para ti. Para minha e sua desgraça, acredito que ainda te irá perdoar, se sobreviver a esta terrível provação.»

Ulfvaldr estava tão transtornado que nem quisera despedir-se da noiva. Fora Lysander quem acompanhara Beth ao navio. E, quando tentara justificar a indiferença do sobrinho, a princesa do Império replicara candidamente, com um sorriso triste:

«Por favor, príncipe Lysander, é escusado mentirdes para desculpar Ulfvaldr. Eu conheço o coração do meu noivo... Há muito, percebi que não me ama! Contudo, quero-lhe tanto bem que guardo a esperança de que, com o tempo, a estima que me dedica se converta, se não em amor, pelo menos num sentimento que me conforte nos dias árdus e nas noites frias. Sim, continuo determinada a casar-me e a criar os nossos filhos! Até estou disposta a limpar-lhe as lágrimas que possa verter pela mulher por quem suspira, pois sei que ela lhe tem grande amizade, mas jamais corresponderá ao seu desejo. Nós não escolhemos aqueles por quem nos apaixonamos... Que Deus vos acompanhe também, príncipe Lysander, na dura batalha que tendes pela frente. Quando voltardes a ver Kelda, dissei-lhe que lhe quero tanto como a uma irmã e que espero abraçá-la em breve. Sei que ela se arriscou muito para salvar Will e que teria feito o mesmo pelo nosso pai, se pudesse.»

As chuvas fortes que, há semanas, fustigavam a Grande Ilha tinham feito o lago transbordar e inundar as margens. A superfície aquosa, que nos dias de calmaria refletia o céu como um espelho, era agora uma tela desbotada de castanhos, cinzentos e negros, perturbada por fortes correntes que transportavam troncos moribundos, ramos partidos e mantos de folhas mortas. Os pescadores que daqui retiravam o sustento já tinham carregado os seus barcos para a aldeia. O vento soprava tão forte que vergava as copas das árvores. Os animais mantinham-se escondidos nas tocas, aguardando o fim da tormenta. Porém, Lysander quedava-se debaixo do aguaceiro, flagelado pelas recordações e angustiado de tanto esperar. Era estranho que o feiticeiro tivesse decidido marcar um encontro junto ao Lago Encantado, na Floresta Sagrada... O lugar onde tudo começara! O que raio estaria a tramar?

O herdeiro da rainha Lyria praguejou. Apanhou um seixo do chão e arremessou-o para dentro de água. Outro seguiu-se. E outro... Quando deu por si estava aos berros:

— Sigarr! Maldito! Aparece de uma vez...

Uma súbita oscilação na energia da tempestade cortou-lhe a voz. De repente, um clarão rasgou as nuvens densas e precipitou-se contra o solo, qual relâmpago. O príncipe saltou para trás e teve de proteger os olhos, tal a intensidade da fulguração. Quando a luz deixou de feri-lo, o mestre da Arte Obscura estava à sua frente, fixando-o com uma expressão jocosa, enquanto desafiava:

— Mas que alvoroço! Tamanho descontrolo é indigno de um príncipe dos seres da terra... Ah, é verdade! Esquecia-me que tu possuis sangue humano...

— Deixa-te de lírias! — atalhou o jovem, estrangulado de ansiedade. — Onde está Kelda?

— Kelda está morta para ti...

— Isso é mentira!

— Mentira?

— Eu sei que a sua espada é mágica — objetou Lysander, impaciente. — Kelda está viva...

Sigarr gargalhou e, perante a agonia do émulo, decidiu acirr -lo ainda mais:

— Sim... Eu só disse que ela está morta «para ti»! — E o seu tom tornou-se feroz ao acrescentar: —   bom que te acalmes, fedelho! Trago uma proposta irrecusável para os teus líderes... Vais escutar-me ou não?

O príncipe da Gente Bela engoliu em seco. Uma proposta? Não podia ser coisa boa! Porém, também ele percorrera uma longa distância para voltar à Ilha dos Penhascos de mãos vazias. Sempre atento aos gestos do feiticeiro, pronto a defender-se de um possível ataque, encheu o peito de ar e soltou um rosnido:

— Fala.

Sigarr desmanchou o sorriso e susteve-se altivo ao enunciar:

— Antes de te elucidar sobre o que pretendo,   necessário que entendas o que está em causa. Comecemos por uma li o de História... Para que a profecia do Filho do Dragão se realize, várias condi es devem verificar-se.   do conhecimento geral que o *executor* tem de se fazer acompanhar de um *decisor* e de um *protetor*, devidamente treinados na Arte, e ter na sua posse as Lágrimas do Sol e da Lua. Porém, poucos sabem que a magia só se manifestar  após o cumprimento de um ritual de sangue, celebrado num Altar do Mundo, durante uma «Noite Branca»...

— Uma Noite Branca? — repetiu Lysander, surpreendido. Na verdade, era a primeira vez que ouvia falar de tais condicionantes! No entanto, acreditava na palavra de Sigarr. Há mais de cem anos que ele estudava a maldi o do Guardião da Montanha. Além disso, a profecia nascera no antro dos Seres Superiores...

— Ignoras o que é uma Noite Branca? — escarneceu o feiticeiro, arrancando-o das suas cogita es. O príncipe estreitou o olhar, irritado, mas acedeu numa resposta:

—   o nome dado ao fen meno que ocorre quando a Lua nasce completa, na noite mais curta do ano. A energia mística libertada durante esse período   extraordinária... — Calou-se bruscamente e

empalideceu, acabando por entaramelar: — Isso vai suceder no próximo solstício de verão!

— Estás bem informado! Agora, raciocina comigo. Existem vários altares onde o ritual pode ser efetuado, mas um deles encontra-se à disposição de Halvard...

— A Ilha dos Sonhos! — exclamou o jovem, rouco de perturbação.

— Muito bem! Então, o que falta ao meu pupilo para se tornar o Filho do Dragão?

— As Lágrimas do Sol e da Lua.

— Precisamente.

— Vós jamais lhe deitareis as mãos!

— Controla-te e escuta-me até ao fim, rapazote! O Rei da Lua é nosso prisioneiro e Halvard pretende trocá-lo pelos cristais.

Lysander sentiu um nó na garganta. Então, as suas suspeitas confirmavam-se! O Rei da Lua estava vivo! A Rainha do Sol ia ficar radiante... Porém, ao tomar consciência do que estava em causa, a chama do entusiasmo do príncipe apagou-se. Apelou a toda a sua vontade para recuperar a compostura e voltou:

— Edwin preferirá morrer mil vezes, antes que isso aconteça!

— Talvez... — arguiu Sigarr monotonamente, desconsiderando o seu sobressalto. — Mas permitirá Edwina que o marido tão amado seja massacrado diante dos seus olhos, pelas mãos do próprio filho?

— Contrariou o protesto do príncipe, com um gesto enfadado. — Sim, sei que a Rainha do Sol está viva e que se esconde na Ilha dos Penhascos. Ocultaste-la bem, mas eu não ando a dormir!

Lysander cerrou os punhos, com um aperto no estômago. O que estava prestes a fazer era terrível, mas, de certeza absoluta, expressava a vontade do Rei da Lua. Além disso, fora treinado para manter a cabeça fria e enjeitar os sentimentos sempre que tivesse de firmar resoluções que pudessem comprometer o futuro dos povos livres. Por tal, obrigou-se a rebater, numa voz sóbria e álgida:

— Se a tua proposta consiste em trocar Edwin pelas Lágrimas do Sol e da Lua, podes rastejar para o buraco de onde saíste...

— Essa é a proposta que Halvard me mandou apresentar... — atalhou o feiticeiro, pertinaz. — Contudo, eu tenho outra que, decerto, há de ser de maior agrado para os teus líderes. — Fez uma pausa, como se apreciasse a expectativa que causava, antes de concluir: — Estou disposto a entregar-vos Halvard e a tomar todas as providências para pôr fim à guerra!

A declaração do mestre da Arte Obscura deixou o príncipe com os olhos arregalados e a boca escancarada de assombro.

— O... O quê? — gaguejou. E Sigarr condescendeu a obsequiá-lo com uma justificação:

— Durante muito tempo, vivi obcecado pela concretização da profecia. Todavia, as minhas prioridades alteraram-se! Já não ambiciono regressar à Ilha Sagrada e quero preservar a Terra da destruição que o Filho do Dragão acabaria por lhe impor. Sozinho não posso deter Halvard... Mas posso criar condições para que ele fique à mercê do Rei da Lua e da Rainha do Sol. A fusão das energias dos atuais Guardiães, resultante da magia extraída das Lágrimas, é a única força, em todo o universo, capaz de avassalar a mente do seu filho.

Lysander teve de arfar várias vezes, antes de titubear:

— Achas que vou acreditar...? Só podes estar a gozar com a minha cara!

— Halvard conhece bem as Lágrimas — continuou o feiticeiro, nada incomodado com a contestação. — Porém, existe um ritual de dissimulação capaz de transferir temporariamente a energia superficial dos cristais para outras pedras. Edwina há de confirmar-te isso... Digamos que esse é um dos segredos mais íntimos dos Guardiães, o qual tem por objetivo a proteção do seu legado. Estou certo de que ela encontrará na Ilha dos Penhascos, entre os tesouros da Sacerdotisa, uma gema que se assemelhe à Lágrima do Sol.

— Mesmo que tal seja verdade... — refletiu o jovem, incrédulo. — Edwina só poderia lançar o encantamento sobre a pedra que substituiria a Lágrima do Sol...

— É isso que estou a tentar explicar-te, criatura néscia! A Lágrima da Lua terá de acompanhar o cristal falso. Eu estarei ao lado de Halvard, no momento da troca, e tratarei de confirmar a autenticidade das duas gemas, se alguma dúvida o levar a hesitar. Superada essa dificuldade, Edwin será libertado e Edwina poderá ajudá-lo a restabelecer-se, sob a proteção da Ilha dos Penhascos. Nessa noite, Halvard há de festejar... E eu dar-lhe-ei um néctar especial, que o fará dormir o tempo suficiente para que os pais consigam dominá-lo.

— E Erebus e Deimos também estarão a ressonar quando os Guardiães chegarem? — redarguiu Lysander, mordaz. — Ou o *decisor* e o *protetor* ficarão a assistir, enquanto o *executor* é neutralizado?

O olhar de Sigarr estreitou-se ao retorquir friamente:

— Erebus fará o que eu determinar... Quanto a Deimos, ele e eu temos contas a ajustar! Mal Halvard feche os olhos, faço questão de cortar a garganta a esse traidor com as minhas próprias mãos! — Ante a expressão desconcertada do príncipe, esboçou um gesto de pura soberberia e aditou: — É óbvio que a minha solicitude deverá ser recompensada... Após tudo terminado, vós tereis de conceder um indulto a Erebus para que ele possa partir incólume e reconstruir a sua vida noutras paragens. Sob nenhum pretexto ireis persegui-lo e castigá-lo pelas vossas divergências. Essa é uma das minhas condições.

Lysander abanou a cabeça e forçou-se a superar a perplexidade, contendo sarcástico:

— Deixa-me adivinhar... A outra condição é ser-te permitido guardar a Lágrima da Lua!

— Um pequeno preço a pagar por tão grande colaboração — revidou o feiticeiro, como se agastado por não ver o seu empenho reconhecido. — Afinal, serei o único a arriscar a pele! Ou achas que será fácil sustentar este logro diante de Halvard, prostrá-lo inconsciente e degolar Deimos? Vós não correreis nenhum perigo! Se o plano falhar, continuareis a guardar a Lágrima do Sol. Sem ela,

Halvard não poderá concretizar a profecia... — E a sua arrogância duplicou ao elevar a voz para firmar: — Sim, quero a minha herança de sangue! Edwin roubou-ma e é mais do que justo que ma devolva, depois de tudo o que já fiz para conservá-lo vivo. Quaisquer dívidas de honra que possam existir entre nós deverão ficar saldadas no instante em que o libertar.

— Em conclusão — ainda ironizou o herdeiro de Lyria —, ficaremos livres de Halvard, Filho do Dragão, e teremos de começar a preocupar-nos com Sigarr, Guardião da Lágrima da Lua e mestre da Arte Obscura.

O feiticeiro bufou, despeitado, e porfiou:

— Se é isso que te inquieta, garanto-te que, resolvida esta confusão, aquilo que mais irei desejar é distância de todos vós!

Desta feita, Lysander vacilou. Franziu o sobrolho e exclamou, estupefacto:

— Estás mesmo a falar a sério!

— Demoraste assim tanto a percebê-lo? Deves muito à inteligência, rapazote!

— Mas... Porquê? O que foi que te fez mudar tão drasticamente de ideias?

— Não é da tua conta!

A réplica procelosa fez o jovem perder o fôlego. De súbito, a sua mente foi fustigada por uma suspeita terrível. Com o coração a acelerar no peito, arrostou o feiticeiro e exigiu, minaz:

— Se concordarmos com o teu plano, Kelda deverá regressar imediatamente a casa.

— Kelda não regressará a casa.

— O quê? — fremiu o príncipe, sentindo o sangue ferver e incendiar-lhe as faces.

— Cabe somente a ti, Lysander da Gente Bela, a satisfação da minha terceira e última condição. Sei que rejeitaste o afeto de Kelda... Se necessário, tornarás a fazê-lo com uma firmeza implacável.

— Não estou a entender...

— Estás! Se Kelda te procurar, ficas obrigado a extinguir quaisquer ilusões que ela possa ter a teu respeito. Quando se lembrar de ti, nada mais deve sentir, além de ódio.

— Mas... Porquê? — ofegou o príncipe, indignado. Então, fez-se luz na sua perceção e o asco revolveu-lhe as entranhas. — Tu deseja-la? Porque é parecida com Aranwen?

— Kelda não é parecida com Aranwen! — encrespou-se o mestre da Arte Obscura, como se ofendido pela observação. — Pelo menos aos meus olhos! Aranwen era uma cabra egoísta; Kelda é uma mulher sensível, prodigiosa, adorável... — Inspirou fundo e empertigou-se; o olhar azul-celeste cintilava perigosamente quando acrescentou em acesa provocação: — Contudo, se insistes em saber, fedelho estulto, sim... É verdade que a desejo! Quero-a ao meu lado, para sempre!

— Jamais a terás! — rugiu Lysander, afrontando-o sem temor. — Não admitirei que a uses para te vingares...

— Não digas tolices! — altercou Sigarr, com o ímpeto de um trovão. — Isto nada tem a ver com vingança! Tem a ver com paixão... Com respeito, admiração... E amor!

O príncipe teve de apelar a todo o seu controlo para não saltar sobre o feiticeiro e desfazê-lo em pedaços. Ao invés, susteve-se com dignidade e recalcitrou:

— Não podes mantê-la cativa...

— Kelda não é minha prisioneira — cortou o outro, com uma sobriedade de abismar. — É minha aprendiz... E, muito em breve, será minha consorte.

— Agora tenho a certeza de que estás louco! — resmoneou o jovem, como se enojado. — Kelda jamais olharia para ti! Tu és o monstro que destroçou a sua vida...

— Estás muito enganado — mordeu Sigarr, com um sorriso exaltado. — Kelda olha para mim, sim... E vê o homem que eu sou, não o homem que fui! Sabe que o meu coração mudou e conhece os perigos a que me tenho exposto para protegê-la. No fim, até devo agradecer-te, príncipe inepto! Se tivesses confiado nela e sido um

bom mestre, Kelda não teria tido de me pedir que completasse o seu treino! Se não a tivesses abandonado, ela não teria precisado que eu a salvasse... E, se não tivesses espezinhado o seu coração, ela jamais teria admitido que me aproximasse e lhe oferecesse consolo!

O herdeiro da rainha Lyria quedou-se, gelado até ao âmago, incapaz de responder. Por mais que tentasse reagir, as afirmações de Sigarr esmagavam-no, pois continham um fundo de verdade que não conseguia refutar. E o feiticeiro aproveitou a sua agonia para destruir a distância que os separava e trespassá-lo com um olhar carregado de ardorosa convicção, enquanto se vangloriava:

— Para Kelda, eu sou o homem que desistiu de todas as suas ambições; que mudou de pensamento e arriscou a vida só para lhe agradar, defender o seu povo e preservar a sua terra... Ao passo que tu és o homem que a enganou, usou e repudiou. É neste ponto que estamos, Lysander da Gente Bela! E assim iremos continuar, pois, se esboçares o mais leve gesto de reconciliação, o acordo que te propus ficará sem efeito.

— Kelda não se deixará iludir — controverteu o príncipe, angustiado. — Não se esquecerá de que, por tua causa, teve de lutar contra a sua gente...

— É verdade! — retrucou o feiticeiro, triunfante. — Ela lutou contra a sua gente... Mas usou uma espada mágica que eu próprio encantei para que as suas mãos não ficassem manchadas de sangue. Sim, fui eu quem lhe deu aquela arma excepcional, seu imbecil! Fui eu quem a livrou de Deimos. Fui eu quem a protegeu de Halvard. Fui eu quem a curou quando estava ferida. Fui eu quem lhe enxugou as lágrimas quando tu a condenaste...

De súbito, o herdeiro de Lyria gritou e acometeu, com o corpo carregado de energia, disposto a trucidar o execrando ser que desfazia o seu coração com um vômito de veneno. Todavia, o mestre da Arte Obscura previu o assalto e revidou, projetando uma onda de magia que arremessou o rival pelo ar. Lysander despenhou-se no lago, no meio do lodo... Quis levantar-se, mas as pernas não lhe obedeceram. Escorregou e caiu, mastigando um ódio que o cegava e

impedia de pensar. Nunca antes se sentira assim, tão desorientado, tão frustrado e impotente... Entrementes, a voz do feiticeiro rasgava-lhe os ouvidos e esboroava-lhe os miolos:

— Não sejas estúpido, rapazote! Este acordo será proveitoso para nós os dois! — Sorriu com radiosa soberba, antes de continuar: — Tu acabarás elevado aos olhos dos teus líderes como o herói que persuadiu o terrível feiticeiro Sigarr a abraçar o caminho da luz... E eu acabarei elevado aos olhos de Kelda como o homem que salvou o seu pai e pôs fim à profecia. Graças a mim, Halvard terá uma hipótese de reabilitação. Erebus, o primo que ela tanto estima, estará livre; Deimos morto... Depois disso, quem achas que Kelda irá seguir? Quem achas que Kelda irá amar? O homem que renunciou a poder, saber e riqueza, porque a adora... Ou o fedelho arrogante que a despreza devido à sua natureza humana?

— Não pactuarei com tamanha hediondez! — arquejou o príncipe, cuspiendo lama e fel. — Não haverá acordo nenhum!

— Então, sobre os teus ombros pesará a morte de milhares de inocentes, a ascensão do Filho do Dragão e a destruição da Terra! — rebateu Sigarr, prontamente. — Estás pronto para assumir a responsabilidade dessa catástrofe perante os teus líderes? O que lhes dirás? Que te dispuseste a sacrificar a vida do Rei da Lua para impedir Halvard de concretizar a profecia... mas que não admities que Kelda escolha o homem que, efetivamente, a faz feliz?

— Cala-te, maldito! Cala-te...

— Pondera bem, criatura néscia! Se quiseres reconsiderar a minha proposta, sabes como me convocar.

Lysander estava tão transtornado que nem se apercebeu da resplendência do trilho mágico, que levava o feiticeiro para longe... Tudo o que conseguia fazer era ranger os dentes e arranhar a margem alagada do Lago Encantado, até os seixos afiados lhe deceparem as unhas e rasgarem os dedos. Por fim, libertou um urro que assombrou a floresta, carregado de dor, de ira e de desespero. As lágrimas ruíram-lhe pelas faces, enquanto o corpo se contorcia na água pútrida, assolado por soluços convulsivos.

Quando as forças lhe faltaram, deixou-se afundar na lama, fixando o olhar exaurido no céu de tormenta. A recordação de um riso fresco preencheu-lhe a mente, trazendo consigo a imagem de Kelda no topo da Montanha da Magia, durante a Festa da Renovação, rodopiando nos seus braços à luz das fogueiras, corada de excitação, com os olhos a cintilarem de alegria. Como tudo poderia ter sido diferente... E ele era o único culpado pela miséria de ambos! Se não a tivesse afastado... Se não a tivesse desamparado... Se não tivesse destruído os seus sonhos e empurrado para os braços do feiticeiro maldito... Se... Se... Se...

O príncipe da Gente Bela não fora talhado para se resignar perante os infortúnios. Desde cedo, aprendera a desbravar novos trilhos, sempre que aqueles que percorria se cerravam à sua frente. Porém, desta vez, parecia estar perante um abismo sem possibilidade de retorno. Sigarr planeara o seu arдил até ao mais ínfimo detalhe! Que outra coisa podia Lysander fazer, além de admitir que fora derrotado pelo mestre da perversidade?

Deu por si a repetir, sem cessar, a promessa que fizera à mulher que amava:

— Tu nunca desististe de mim, Kelda... E eu jamais desistirei de ti! Jamais desistirei de ti...

Num ímpeto, ergueu as mãos ensanguentadas e esmurrou a cabeça, com um berro alucinado. Queria parar de pensar. Parar de lutar. Parar de sofrer... Desejou arrancar o coração do peito. Desejou morrer.